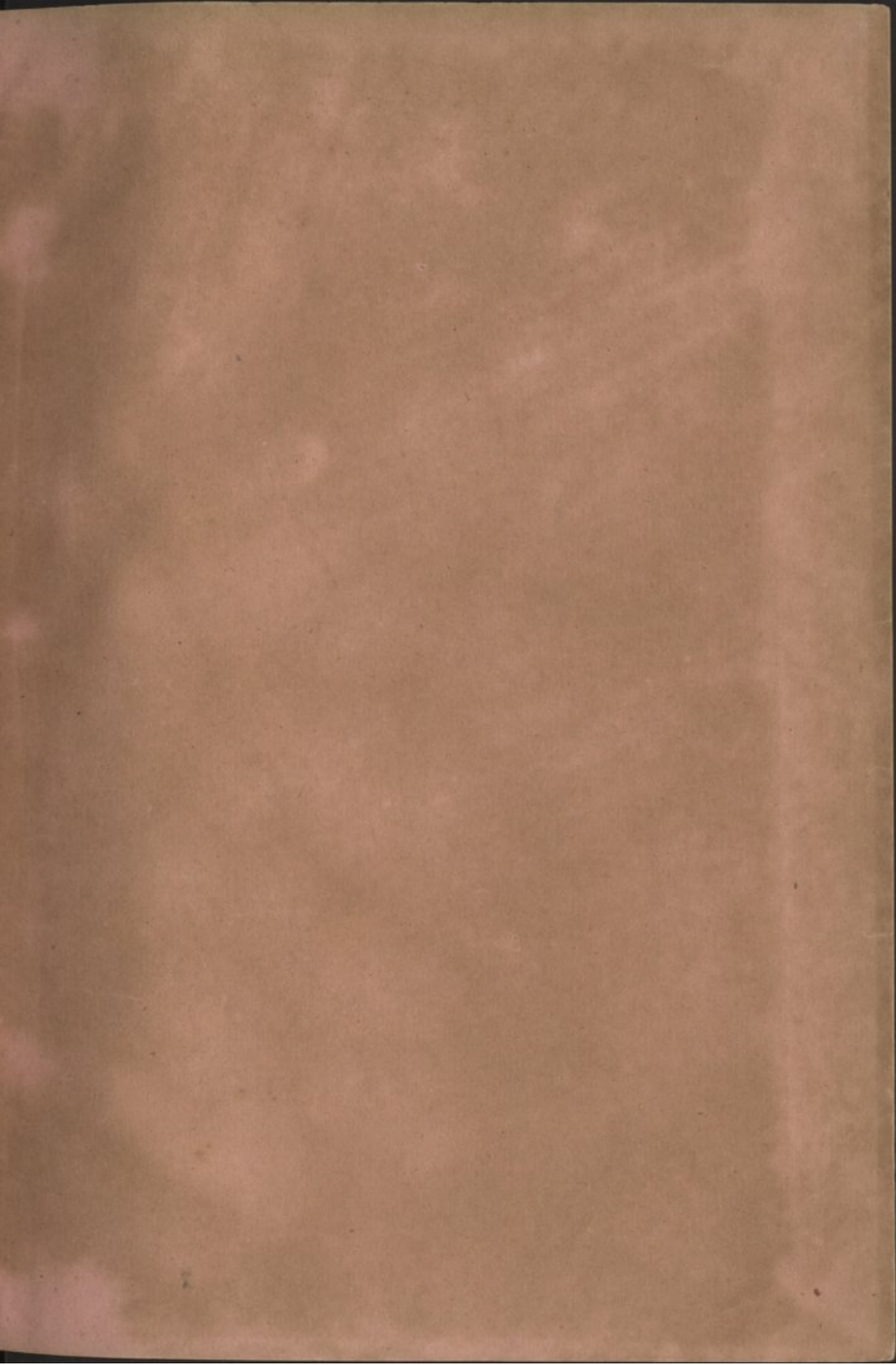
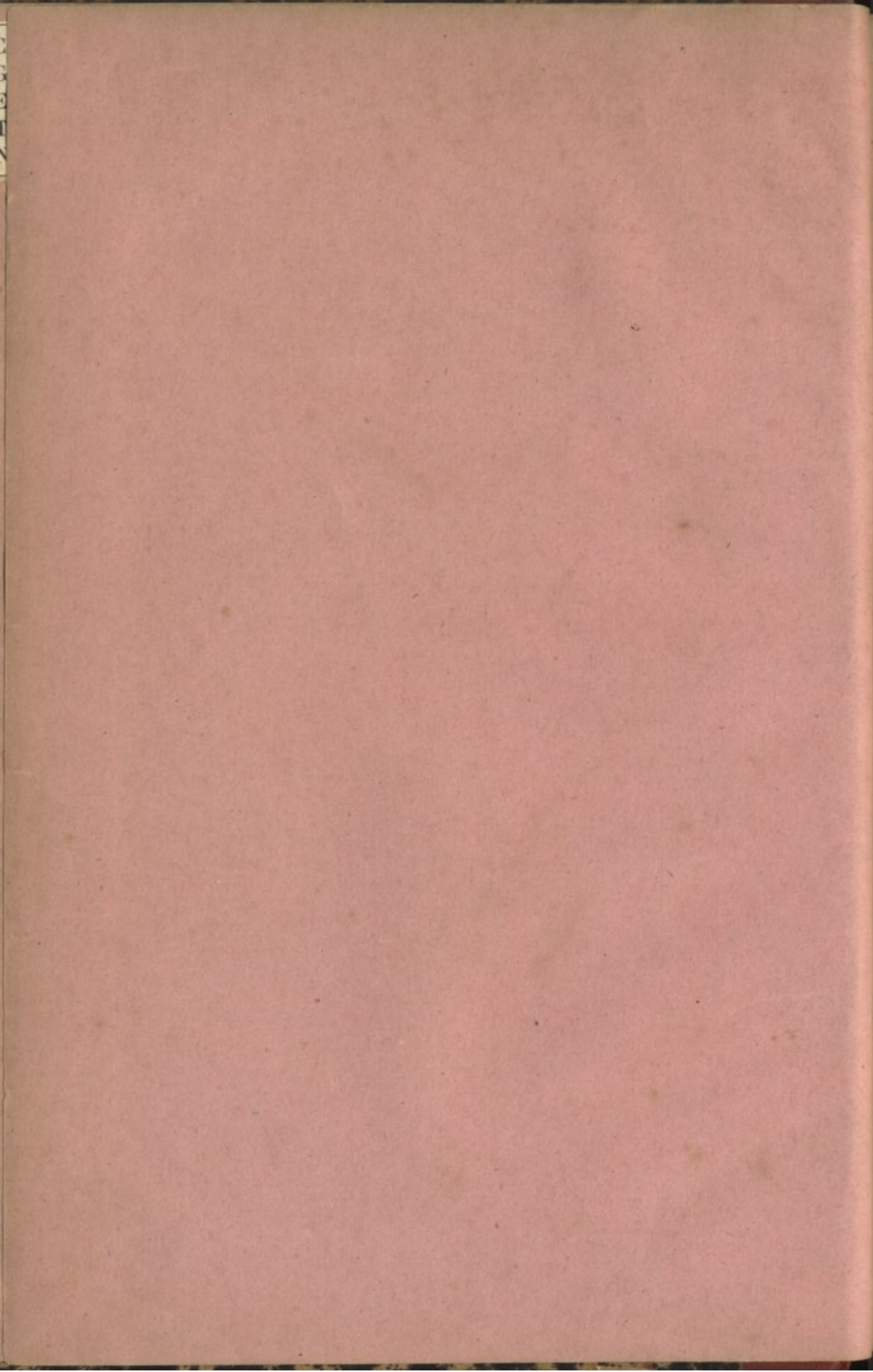


Casa
Gab.
Est.
Tab.
N.º

10
5
9







REVISTA CONTEMPORANEA

REVISTA

CONTEMPORANEA

Clasificación de las ciencias, filosóficas, matemáticas y físicas

Administración de la imprenta de la Universidad de Chile

VOLUMEN II

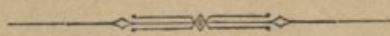


Imprenta de la Universidad de Chile

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

Questões religiosas, scientificas, philosophicas,
historicas e sociaes



Director

Administrador

FORTUNATO DE ALMEIDA

JOSÉ MARQUES RITO E CUNHA

BACHAREL FORMADO EM DIREITO

BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA

VOLUME II



COIMBRA
Imprensa Academica

1895 - 1896

CONTINENTAL

A FÉREÇA CATHOLICA E A ESERAVATURA

Está ainda a luz do pensamento de todos a sublime tri-
butação de respeito e amor, e de gratidão, e de admiração,
tanto a escravidão no comércio exterior. O Brasil que
fundou, nelas paragens do continente, de que se trata
o presente tratado, tal como verdadeiramente se trata de
particular de parte humana, e por isso por ser de parte
de parte a se suprimir de todo o mundo civilizado. Mas
a respeito de sua benemerita, não se trata de parte de
parte a se suprimir de todo o mundo civilizado. Mas
a respeito de sua benemerita, não se trata de parte de
parte a se suprimir de todo o mundo civilizado. Mas

A história do Brasil, a história de dezesseis séculos é a
história de uma grande e bela civilização, como se
verifica na história de todo o Brasil, para mostrar e levan-
tar a grandeza da história de dezesseis séculos.
A história do Brasil, a história de dezesseis séculos, que se
verifica na história de todo o Brasil, para mostrar e levan-
tar a grandeza da história de dezesseis séculos.
A história do Brasil, a história de dezesseis séculos, que se
verifica na história de todo o Brasil, para mostrar e levan-
tar a grandeza da história de dezesseis séculos.

Não é mais difícil saber, a história de dezesseis séculos, que se
verifica na história de todo o Brasil, para mostrar e levan-
tar a grandeza da história de dezesseis séculos.

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

QUESTÕES RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,
HISTORICAS E SOCIAES

DIRECTOR

Fortunato de Almeida

QUINTANNISTA DE DIREITO



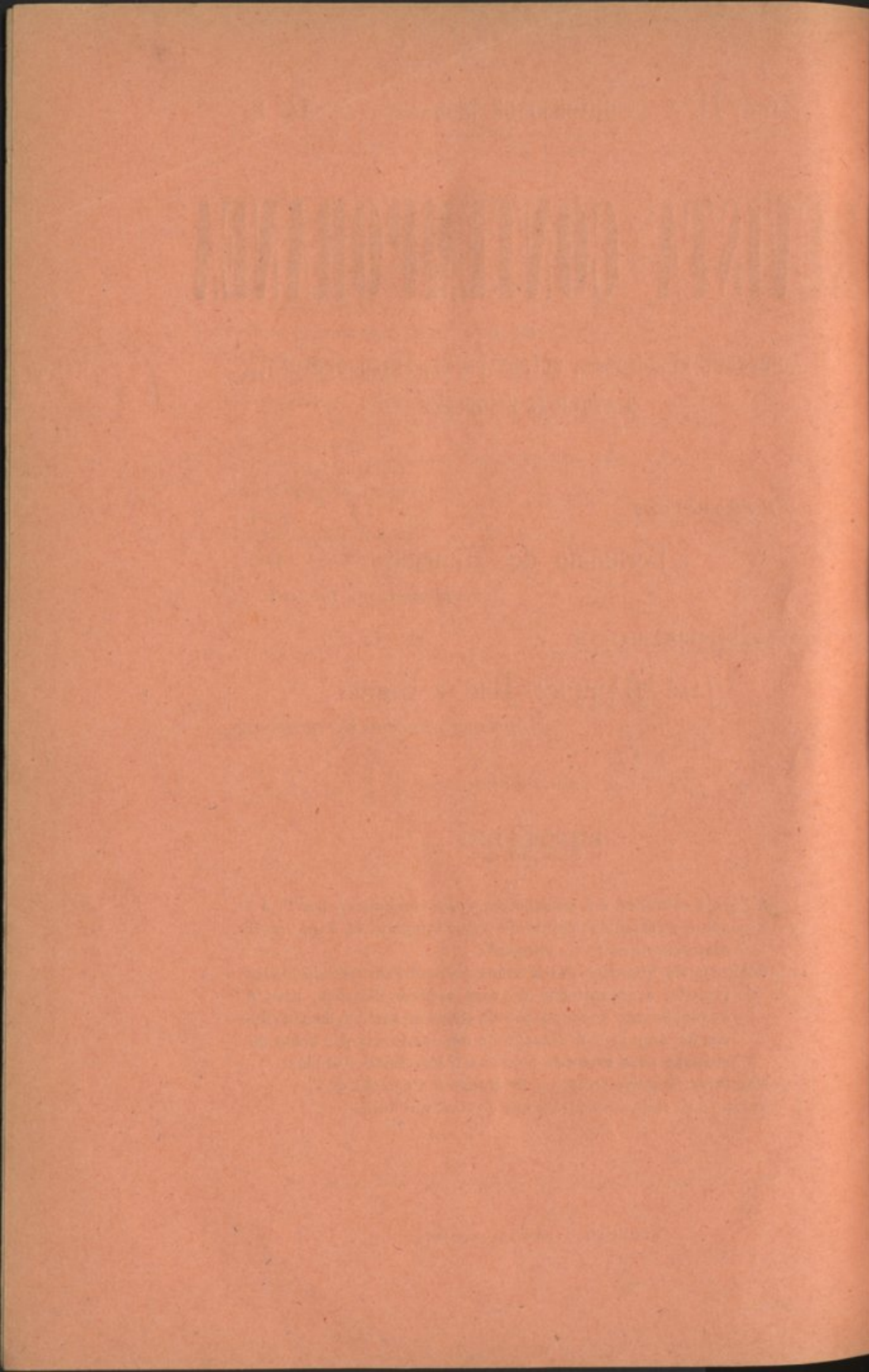
ADMINISTRADOR

José Marques Rito e Cunha

BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA

SUMMARIO

- I — A Igreja catholica e a escravatura (*para continuar*), por F. A.
- II — A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa (*para continuar*), por P. G., *advogado*.
- III — Relatorio do Superior das Missões do Real Padroado de Huilla relativo á organização de uma rede de Missões, para a evangelisação e occupação de todos os sertões da provincia de Angola e á dotação de um seminario por parte do governo para esse fim, pelo padre José Maria Antunes.
- IV — Memorias de outro tempo — Os frades e a agricultura.
- V — Varia — (Os acontecimentos de 30 de julho — Os catholicos italianos).



A EGREJA CATHOLICA E A ESCRAVATURA

I

Está ainda gravada na memoria de todos a sublime cruzada emprehendida pelo cardeal Lavigerie, contra o infame trafico da escravatura no continente africano. O illustre purpurado, fiel aos principios do christianismo, de que foi apóstolo indefesso, luctou como verdadeiro benemerito contra os traficantes de carne humana, e mereceu por isso ás benções da Egreja e os applausos de todo o mundo civilisado. Mas essa obra de alta benemerencia não é nova nos fastos da Egreja, e Lavigerie não fez mais do que continuar as tradições que datam das origens do christianismo.

A Biblia, a tradição, a historia de dezenove seculos e a acção ainda hoje exercida pela Egreja catholica, como representante da doutrina de Jesus Christo, para nobilitar e levantar a raça negra da degradação moral em que se encontra, — tudo demonstra plenamente que foi o Evangelho que levantou o primeiro brado contra a escravatura, que foi a Egreja que, em todos os tempos, luctou contra os preconceitos do paganismo e contra uma ambição desregrada, proclamando a fraternidade universal e defendendo os direitos de homens, que as leis reduziam á mesquinha condição de cousas, e a quem a sociedade negava todos os direitos.

Não é pois difficil provar, á face dos factos, que o christianismo condemnou a escravatura, que o Evangelho foi a

bandeira desfraldada a favor da liberdade e da dignidade humana, e que a Igreja, fiel depositaria da doutrina christã, pelejou sempre, desde os tempos apostolicos, pela liberdade dos escravos, fazendo por elles uma cruzada constante, heroica, em que se empregavam todos os esforços possiveis, em que se evidenciaram actos de dedicação que só a fé christã pode inspirar.

Estudemos, pois, o escravo, tal como elle existia no paganismo, e vejamos como a Igreja se propoz libertal-o, nobilital-o, quebrar-lhe os grilhões e apresental-o ao mundo como creatura racional de Deus, como membro legitimo da grande familia da humanidade.

Na Grecia, a escravatura era legitimada, e a maior parte dos philosophos pretendiam justifical-a com a desigualdade da natureza. « Entre os homens — diz Aristoteles, o philosopho grego que mais largamente se occupou d'esta questão — uns são livres por natureza, outros escravos... Assim a mulher e o escravo são distinctos pela propria natureza. » E n'outro logar diz: « O escravo é um utensilio animado, como um utensilio é um escravo inanimado ». « Jupiter, diz Plató, tirou aos escravos metade do espirito; esta verdade é-nos attestada por Homero, o mais sabio dos nossos poetas... ».

Assim fallavam, como diz Leão XIII ¹⁾, todos os que no meio do paganismo tinham a reputação de sabios, philosophos insignes, jurisconultos doutissimos, os quaes trataram de se persuadir a si mesmos e de persuadir aos outros, por um supremo ultraje ao senso commum, que a escravatura nada mais é do que a condição necessaria da natureza; e não se envergonharam de ensinar que a raça dos escravos era muito inferior em aptidões intellectuaes e em belleza physica á raça dos homens livres, e que era necessario, por isso, que os escravos, instrumentos desprovidos de razão e de sabedoria, estivessem em tudo sujeitos á vontade dos seus senhores.

É na sociedade romana que melhor podemos estudar a vida do escravo, pois elle constitue ahi um elemento numero-

¹⁾ Carta aos bispos do Brazil, em 5 de maio de 1888.

sissimo da população, e a sua condição era expressamente regulada pelas leis. O escravo não tinha direito algum: era comprado, vendido, trocado, julgado, perseguido, mutilado e até assassinado por um simples capricho do seu senhor; não podia adquirir, nem possuir, nem vender, nem doar, nem reclamar justiça perante os tribunaes, nem mesmo servir de testemunha. A lei considerava-o como cousa, *res*, e n'essa qualidade excluia-o de todos os direitos e de todas as prerogativas civis. « *Servile caput nullum jus habet* », dizia o Digesto. O unico juiz do escravo e das suas acções, como da sua vida, era o senhor; embora este fosse dotado dos mais ferozes instinctos. A lei do escravo era a vontade arbitraria do senhor.

O escravo figurava ao lado dos animaes domesticos entre as *res mancipii*. Depois de collocar os escravos n'esta situação, o legislador julgava conceder-lhes uma grande honra não os reduzindo ao nada: *Non tam viles quam nulli*. Seneca affirmou que havia homens que nasciam escravos.

Taes eram as revoltantes doutrinas do paganismo.

Qual foi o plano de acção adoptado pela Igreja para acabar com este rebaixamento da humanidade? Com que armas entrou ella n'esse grande combate contra usos inveterados do paganismo, e que tinham em favor da sua conservação o interesse de todos os poderosos?

De certo, e todos o sabem, não emprehendeu tão grandiosa obra prégando a revolta e a anarchia aos povos, nem insinuando lhes a falta de respeito aos superiores, nem derribando pela força os adversarios da doutrina evangelica. Pelo contrario, a Igreja catholica, por meio de seus apóstolos, prégadores da ordem e paz social, ensinou o respeito á auctoridade legitimamente constituida, excepto quando essa obediencia importava uma desobediencia a Deus: inspirava-se n'aquellas palavras de Jesus Christo — *Dae a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar* — e na maxima de S. Paulo — *Convem mais obedecer a Deus que aos homens*.

A Igreja não tentou a emancipação rapida, immediata, porque bem sabia que os remedios subitos não convem aos

males e injustiças sociaes que o tempo radicou profundamente: testemunha, o sangue derramado em França nos dias da Revolução. Por isso a Egreja não chamou em sua ajuda todos os Spartacos do mundo, para conseguir a emancipação dos escravos. Esperar que o influxo das suas doutrinas salutaes, o principio da egualdade e da fraternidade humana, pela primeira vez ensinado pelo seu divino Fundador, e a caridade animada pelo sentimento do amor divino produzissem os seus effeitos, — tal foi sempre o systema adoptado pela Egreja e a esperança que ella tinha de realizar-se a emancipação dos escravos. A Egreja — diz um grande publicista contemporaneo — consagrou-se á reforma das idéas antes de se consagrar á reforma dos costumes.

Depois, o triumpho do Christianismo e a influencia que obteve no animo dos governantes forneceu-lhe novos meios de trabalhar na realisação do seu ideal sublime; mas com taes meios não podiam contar os christãos dos primeiros tempos, cruelmente perseguidos pelos imperadores. A esses ficou só a esperança da acção das idéas christãs sobre os costumes pagãos, e do triumpho da verdade sobre o erro. Por isso, nos tres primeiros seculos da sua existencia, a Egreja trabalhou só na reforma das idéas, esperando o dia do seu triumpho para trabalhar na reforma das leis.

Veremos em artigos que hão de seguir-se como admiravelmente se desenvolve a acção do Christianismo na sympathica obra da rehabilitação dos escravos.

(Continúa).

F. A.



A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa

CAPITULO PRIMEIRO

Causa principal da queda do poder temporal

I

Ninguém ignora as origens do poder temporal dos Papas nem o papel brilhante que a França representou na formação d'essa grande e gloriosa instituição. Se não remontarmos até ás primeiras doações feitas ás egrejas de Roma, podemos dizer que Constantino, e com elle Pepino o Breve e Carlos Magno foram os verdadeiros fundadores d'esse poder, que se augmentou e constituiu definitivamente com o legado da condessa Mathilde, no seculo XII.

Procurar estabelecer que os Papas eram soberanos legitimos nos seus Estados, seria pueril; seria o mesmo que pretender demonstrar a evidencia, porque nenhuma potencia na terra pode apresentar titulos mais puros, mais authenticos, mais antigos. De Maistre escreveu o seguinte:

« Os Papas... exigiriam homenagens, imporiam taxas muito arbitrariamente, se quizerem; não tenho interesse algum em examinar aqui essas diferentes questões. Mas será sempre verdade que nunca procuraram nem aproveitaram a occasião de augmentar os seus Estados á custa da justiça, ao

passo que nenhuma outra Soberania temporal escapou a esse anathema, e agora mesmo, com toda a nossa philosophia, com a nossa civilização e os nossos bellos livros, não ha tal vez uma só potencia europêa que possa justificar todas as suas possessões perante Deus e perante a razão.»

Actualmente podemos julgar se o fim do seculo XIX, com as annexações politicas, veio ou não confirmar as palavras do grande escriptor catholico.

Investigar quantas vezes no curso da historia o dominio temporal foi arrebatado aos Papas pela ambição de visinhos avidos, por espirito de revolta, de vingança, de irreligião, e quantas vezes lhes foi restituído pelo arrependimento ou punição dos usurpadores, seria tratar materia de numerosos volumes, cheios de interesse para os sabios e de lições para os homens politicos. Não é tal o fim d'este rapido trabalho. Seja-me permittida n'este ponto uma recordação pessoal. Quem escreve estas linhas, achando-se em Roma em 1863, e conversando com Mgr. Level, superior de S. Luiz dos Francezes, a quem fôra apresentado por um illustre personagem, o sr. Sauzet, antigo ministro de Luiz Philippe, exprime-lhe todas as suas inquietações a respeito de Pio IX, que acabava de ser despojado das Marches e da Umbria. O illustre prelado respondeu: «Se ainda tirarem Roma ao Santo Padre, se o despojarem dos ultimos restos do seu poder, se o expulsarem de Roma, será a quinquagesima segunda vez que um Papa fica reduzido a tal extremidade. Mas creia que Pio IX, e todos nós pensamos como elle, creia que Pio IX lamenta sobretudo os seus perseguidores e deplora o mal que fazem ás almas; quanto á Igreja e ao Papado, esteja tranquillo, hão de persistir, e o poder temporal tambem, apesar das tempestades que de continuo se renovam.»

Na verdade o poder temporal dos Papas tem sido objecto de ataques quasi incessantes de que afinal sahiu sempre vencedor. Se investigarmos as razões por que assim o teem atacado, sob uma ou outra forma, e porque foi sempre defendido e restabelecido, encontraremos n'estas duas correntes

opostas que a historia nos revela uma prova da importancia capital que o mundo intelligente liga, ha seculos, á existencia d'esse poder.

Como soberanos temporaes os Papas figuraram sempre entre os mais pequenos soberanos da Europa; elles nunca contaram, note-se bem, nunca contaram tantos vassallos em Roma e em todos os Estados da Egreja reunidos como só os habitantes da cidade de Londres. As vinte e uma provincias dos Estados Romanos continham approximadamente dois milhões e meio de habitantes; e Londres tem quatro milhões. Ha ainda uma cousa que não deve esquecer-se: ignora-se geralmente que o Papá, como soberano temporal — não fallamos do poder espirital — nunca pode fazer sombra a quem quer que seja; que, neste seculo de batalhas, de annexões, de exercitos permanentes e innumeraveis, elle nunca pode pensar na menor conquista; como força material, com um exercito que não chegava a dez mil homens, era, como se costuma dizer, uma quantidade que se despreza.

N'estas condições, d'onde vem o furor violento, estranho, absolutamente excepcional contra a sua pessoa e contra o seu poder temporal?

Se quizermos avaliar com exactidão, devemos entrar em considerações geraes. Fallaremos com a maxima clareza, porque suppomos os nossos leitores muito acima das puerilidades do respeito humano e de certos preconceitos muito vulgares.

A Egreja catholica e o Papa, seu chefe visivel, teem muitas vezes, quasi sempre, por adversarios conscientes ou inconscientes, os homens que não são catholicos: os incredulos, os protestantes, os scismaticos, os judeus, os pagãos... Entre elles ha alguns que, ou por causa da sua educação, da religião ou da raça a que pertencem, teem uma grande fé nos seus preconceitos; certos chegaram a approvar em nossos dias, e até a sustentar, julgando proceder bem, as obras de Cavour, Mazzini, Garibaldi e outros que taes, por não conhecerem bem o fim real que esses personagens queriam attingir, nem os meios que empregavam. É uma tendencia

natural aos fieis christãos crer que o Papa e o seu poder temporal só podem ter por adversarios no mundo pessoas miseraveis. Mas isso é um erro proveniente de não se olhar por largo, e importa comprehender bem que, n'estes nossos tempos de confusão, em que se vive n'uma atmospheria impregnada de idéas falsas, em que o erro parece ter tanto direito como a verdade e muitas vezes excedel-a, pessoas de bem, principalmente nas religiões heterodoxas, poderam e podem ainda combater o Papado e sobre tudo o seu Principado civil, sem sequer pensarem no grande mal que fazem. Não disse o proprio Christo que viria um tempo em que os homens julgariam prestar gloria a Deus perseguindo os Apostolos e os seus successores? Accrescentemos finalmente que, entre os catholicos, ha uma multidão de ignorantes e homens imbuidos de preconceitos que, não comprehendendo a utilidade do poder temporal, se lhe mostram indifferentes, se não completamente hostís.

Pondo assim de parte os adversarios honestos, pois que os ha, homens a quem falta a luz e a quem devemos ministrar-a, é facil verificar que o Papado tem outros adversarios, e esses entram na cathogoria de que vamos fallar, fazem verdadeiramente parte do exercito do mal.

Se não quizermos contentar-nos de julgar as cousas segundo as apparencias, se não acceitarmos os erros mais ou menos graves que correm mundo e que a paixão, o respeito humano, a leviandade, a moda apresentam ao vulgar como verdades, se, n'uma palavra, quizermos chegar franca e corajosamente ao fundo das questões, havemos de verificar que a religião catholica tem inimigos encarniçados, de uma natureza especial, que é perseguida nos seus dogmas, como nos seus ministros e fieis, com um odio inexprimivel, que ora se emprega contra ella a força material, ora as objecções pseudo-cientificas, ora a seducção do ouro, ora a corrupção dos costumes e muitas vezes todos esses meios ao mesmo tempo. O arsenal dos inimigos do nome christão foi sempre fornecido em abundancia; tem armas para todos os tempos, para todas as edades, para todos os povos. Negar isto seria

mostrar que se ignora a historia das nações christãs vista do alto e no seu conjuncto, que nunca se reflectiu no grande combate que entre os bons e os maus se trava á nossa vista.

Os chefes intelligentes, os verdadeiros chefes no exercito do mal são bem pouco numerosos; muitos dos mais conhecidos são chefes puramente nominaes: estão lá como que por luxo, para darem credito á causa, para arrastarem as massas a um fim que nem elles proprios conhecem; n'uma palavra, muitos d'esses que se chamam chefes seguem uma direcção dada e conduzem ao mal sem o verem bem, sem o quererem nem o comprehenderem. Quanto aos verdadeiros chefes sabem muito bem o que querem, e querem o mal; vêem de muito longe o que os outros nem sequer suspeitam; teem uma arte prodigiosa para apresentar as questões á luz que pode agradar; sabem que com certas idéas e certas palavras desnorteiam muitas cabeças; que, excitando certas paixões, fazendo fitar certas chimeras, fallando de honras, de riquezas, de liberdade, enlouquecem as multidões, principalmente se lhes offerecem prazeres sensuaes e ouro que os facilita.

Esses homens que conhecem, por as terem experimentado, todas as fraquezas da humanidade, conhecem tambem a epocha em que vivem; comprehendem bem que já não estamos no tempo de Ario, de Phocio, de Lutheró... que não pode hoje pensar-se em fazer-se uma religião nova, nem uma heresia, nem um scisma, porque ninguem seguiria o novo caminho; assim o demonstram os factos, e os *Châtel*, os *Reinkhens*, os *Loyson* e outros ainda habitaram templos absolutamente desertos. Sabem muito bem tudo isso, e concluiriam sem hesitar, como esse inglez celebre e perfeitamente orthodoxo, que hoje — « Roma e a incredulidade são manifestamente os dois centros onde se precipitam em turbilhões, por um movimento mais ou menos acelerado, todas as outras formas do pensamento religioso. »

Mas se já não pode combater-se a Egreja catholica pelo scisma e pela heresia, como n'outros tempos, é possível fazê-lo, com mais probabilidades de exito, ja no terreno dos dogmas negando-os todos, desprezando-os, abalando as bases

de toda a religião, — e nós vemos como hoje vão longe as negações em philosophia e no dominio das sciencias naturaes; já no terreno dos factos, onde a Igreja é representada por homens de que o Papa é chefe; ha numerosos meios de seduzir esses homens, perseguil-os, fazer-lhes uma opposição pratica.

Arrastar o Chefe da Igreja catholica para o campo dos adversarios seria o golpe fatal, cuja monstruosa audacia não assustou certos sectarios. Mas isso é mais que difficil, parece-se com a tentação de Christo por Satanaz. Todavia fizeram-se n'este seculo algumas tentativas n'esse sentido e poderão repetir-se na occasião dos conclaves.

Tudo isto parece verdadeiramente um sonho. Afinal, porque havemos de admirar taes projectos em pessoas que não admittem a divindade da religião catholica? Não teem as sociedades secretas conseguido, umas vezes collocar no throno alguns dos seus sectarios, outras alistar no seu exercito soberanos, principes e ministros? Não está isto averiguado a respeito de Carlos Alberto, Victor Manuel, Guilherme da Prussia, Napoleão III e tantos outros?

Por que razão haviam de resistir eternamente os Papas e os cardeaes? Cremos todavia que a impiedade terá de perder por muito tempo a esperança de collocar na Sé de S. Pedro um Papa franc-maçãõ; os mais intelligentes nem mesmo tentarão jamais semelhante empreza.

Ora, se não pode ganhar-se inteiramente o Papa, chefe visivel e representante supremo da religião catholica, é possível ao menos combatê-lo sem treguas, directamente atacando o seu poder espirital e os actos que d'elle derivam, indirectamente atacando o seu poder temporal.

Este ultimo meio tem de particular o permittir que se atinja uma numerosa cathegoria de individuos que seriam inatacaveis no terreno dogmatico; protesta-se então um grande respeito pela pessoa sagrada do Soberano Pontifice e pelo seu poder espirital; e, sem aterrar os simples, chegar-se-ha, pela destruição do seu poder temporal, a limitar a sua liberdade de acção, a destruir a melhor garantia da sua independen-

dencia, a diminuir enfim a sua dignidade e o prestigio que, aos olhos do maior numero, se liga ao poder externo.

Eis a verdade como ella se manifesta, como sobresae do estudo attento da questão. Todas as outras causas da queda do poder temporal, por mais fundadas que pareçam, são secundarias ou derivam d'esta. Destruir o poder temporal, para diminuir, para destruir quanto possivel o poder espirital, isto é, o Papado e com elle a religião catholica, tal é o fim ultimo dos principaes adversarios do poder temporal dos Papas. Esse fim conserva-se occulto, e é negado energicamente por um certo numero de inimigos. Mas é uma cousa certa, ha muito confessada em documentos que não eram destinados ao publico, ou em conversações intimas; é uma verdade que já não é um segredo, e que não deixa duvida alguma aos espiritos esclarecidos, porque se manifesta com a clareza da evidencia, quando se sabe reflectir e quando se não está sob o imperio de preconceitos poderosos.

A este respeito devemos ouvir algumas confissões.

Já no seculo passado, Frederico da Prussia escrevia a Voltaire :

« Ha de pensar-se na facil conquista dos Estados do Papa, e então o *Pallio* será nosso e a scena ficará concluida. Não querendo nenhuma potencia da Europa reconhecer um Vigario de Christo sujeito a outro soberano, cada uma creará um patriarcha proprio. Pouco e pouco affastar-se-ha cada um da unidade da Igreja, e chegará a haver em cada Estado uma religião propria como ha uma lingua especial ».

Em nossos dias o famoso agitador Mazzini escrevia tambem no seu jornal :

« A abolição do poder temporal arrasta *necessariamente*, para aquelles que comprehendem o segredo da auctoridade papal, a emancipação do genero humano do poder espirital. »

É claro, pois, que era o poder espirital que esses homens queriam attingir pela destruição do poder temporal; esses não eram ingenuos, indecisos: sabiam o que queriam e declararam-n'ò.

(*Continúa*).

P. G., *advogado*.

RELATORIO

do Superior das Missões do Real Padroado de Huilla
relativo á organisação de uma rede de Missões para a evangelisação
e occupação de todos os sertões da provincia de Angola
e á dotação de um seminario por parte do governo para esse fim

Uma das necessidades mais imperiosas que actualmente se impõe ao paiz e que, a meu ver, muito deve chamar a esclarecida attenção do Ex.^{mo} Sr. Ministro da Marinha e Ultramar, é a occupação effectiva dos immensos territorios que se estendem a Leste da Provincia de Angola, desde o meridiano do Bihé até ao de Barotze, na extensão de 70 graus quadrados approximadamente ou de 4:400 leguas quadradas.

Perante as deliberações formuladas no Congresso de Berlim, Portugal não deixará de arcar com serias difficuldades para incorporar esses immensos territorios na Provincia de Angola, se não tiver n'essas vastissimas regiões centros de occupação, o que se poderia conseguir por meio de feitorias commerciaes, postos militares, colonias de emigração europêa, ou missões religiosas que civilisem o gentio e estabeleçam colonias christãs de africanos civilisados.

Ora os tres primeiros meios julgo-os irrealisaveis, ficando portanto o quarto como o mais actualmente exequivel, como o vou provar:

1.^o A occupação por meio de feitorias commerciaes não existe de facto, além do meridiano de Bihé, pois que, se bem que os gentios das regiões mais a leste façam com o littoral da

nossa provincia um commercio activo, como o demonstram as estatisticas aduaneiras das nossas praças da costa, duvido não obstante de que este facto possa servir de argumento indiscutivel para provar a nossa occupação real d'esses territorios, por não termos n'elles nenhuns postos permanentes commerciaes, e não ser possivel tão depressa estabelecê-los, attentas as difficuldades innumeradas por parte dos transportes, que só se podem effectuar ás costas de carregadores, e mil outros obstaculos de character diverso, taes como a insalubridade do clima, falta de meios de segurança, etc.

2.º A occupação militar seria um meio decisivo de fixarmos n'esse territorio o nosso dominio; mas quantos milhares de contos não absorveria semelhante tentativa? Construcções de fortes, armamentos e munições, numerosos soldados bem adextrados, officiaes para o commando, sustentação dos mesmos, expedições... etc. Para se effectuar semelhante empreza seria mister sobrecarregar de tal modo o orçamento da Provincia, que me parece ella absolutamente irrealisavel, sobretudo em face das circumstancias financeiras em que está collocada a nação. A estes motivos cumpre accrescentar que a occupação militar, sob o ponto de vista civilizador, não me parece que seria o meio mais proprio para nos inculcarmos no animo do selvagem e attrahil-o á communhão dos nossos interesses e da nossa vida.

3.º A occupação por meio de colonias de povoação com emigrantes europeus é um problema apenas estudado nos sitios mais salubres dos Plan'Altos da Provincia e muito discutivel, para não dizer insolúvel nos outros pontos; custaria ao Estado quantias fabulosas; teria uma progressão tão lenta que parece chimerico querermos n'um proximo provir lançar mão d'este meio, para occupação effectiva de 1.400 leguas quadradas n'um sertão apenas conhecido e explorado.

4.º Resta-me provar que só por meio de Missões Religiosas civilizadoras poderemos attingir a consecução do resultado que nos occupa; o que não quer dizer que reprovemos os outros meios acima citados; pensamos pelo contrario que d'elles nos devemos igualmente servir, cada vez que as circumstancias o reclamem.

Desde ha treze annos para cá teem-se fundado e desenvolvido em toda a região d'Angola, submettida á soberania da corôa portugueza, quinze missões, a saber: com centro na Huilla 4: a da Huilla, de Tyivinguiro, Jau e Kihita; com centro em Caconda 4: a de Caconda, Bihé, Cassinga e Cubango; com centro em Malange 2: a de Libollo e a de Malange; em Loanda uma; com centro em Landana 4: a de Landana, Cabinda, Luali e Lucula. Além d'estas fundaram-se as missões do Humbe, do Kuanhama, e de Santo Antonio do Sonho, abandonadas mais tarde por causa das revoltas dos gentios.

Ora, se exceptuarmos a Missão de Landana fundada em 1865, todos estes centros de verdadeira civilização christã são a obra de treze annos apenas.

Os resultados que estão produzindo não me incumbe a mim enaltecel-os. Teem-os visto pessoalmente os Excellentissimos Prelados Diocesanos, d'elles teem fallado em seus relatorios ao governo da Metropole, assim como os Excellentissimos Governadores da Provincia e os dos districtos. Teem-os posto em relevo cavalheiros muito distinctos e muito illustrados da nossa sociedade, que os teem visto de perto e examinado.

Ora, se no prazo apenas de treze annos conseguimos fundar quinze obras civilisadoras de tão grande alcance, e cujo resultado pratico se está patenteando pelo numero avultado de creanças de ambos os sexos, que as missões educam, e que actualmente se eleva a perto de mil e oitocentas, e pelas aldeias ou povoações christãs, que ao pé das mesmas missões se vão estabelecendo, e cujo numero se eleva a 8; se um tal resultado pratico se tem obtido n'um espaço tão limitado de treze annos, tendo-se principiado quasi sem pessoal, sem recursos do Estado, pois só em 1887 é que a Missão de Huilla principiou a ser subsidiada, e actualmente d'essas quinze missões só oito o estão sendo, o que se não poderá fazer com os elementos de capital, de experiencia e de pratica adquirida e de pessoal formado de que já actualmente se dispõe?

Eu calculo que havendo pessoal (que é a questão actualmente de maior urgencia) algum capital, que poderá provir de esmolas offerecidas pela christandade, dos subsidios que o Estado possa dar e sobretudo do producto do trabalho das proprias missões, que já muito produzem, sem o que não teriam progredido, calculo que, no espaço de dez annos ou mesmo em menos espaço de tempo, poderemos occupar, por meio de missões bem organisadas, todos os vastos territorios que se estendem a leste da provincia, no espaço pouco mais ou menos de 1.400 leguas quadradas.

Em razão da experiencia que tenho adquirido durante o espaço de treze annos de residencia no Continente negro, em continua relação com as tribus selvagens, cuja lingua fallo, julgo ser pratico e realisavel o seguinte plano de Missões, cuja execução, se bem que grandiosa e de um alcance incalculavel, tanto sob o ponto de vista religioso como sob o ponto de vista politico, não exigiria comtudo quantias muito avultadas nem sacrificios extraordinarios por parte do Estado. Em primeiro lugar tomo como principio que as Missões não se deviam fundar a mais de um grau de distancia, ou vinte leguas, umas das outras, afim de que umas possam servir como ponto de escala para as outras; traz como consequencia este principio, a facilidade dos transportes, a facilidade de reforçar o pessoal ou de substituil-o, em casos de doenças ou de mortes, e a de um prompto e efficaç soccorro em caso de ataque por parte dos indigenas.

Ora dispondo só actualmente de quatro centros de Missões já solidamente estabelecidas, cada qual com missões filiaes e aldeias christãs, eu estou convencido de que, havendo pessoal missionario habilitado, poderemos, como já disse, em menos de dez annos, occupar por meio de missões toda a parte leste da nossa provincia de Angola, occupação que me não parece praticamente possivel de qualquer outro modo.

Para o fim aqui mencionado basta que se possam fundar, irradiando de cada centro de missões já organizado, um certo numero de missões, avançando para leste, com a distancia approximada de um grau entre cada uma.

*

* *

Ora examinando o assumpto sob o ponto de vista pratico, eis o que me parece exequivel :

1.º A missão de Malange como missão central, fundaria no espaço de 10 annos quatro missões filiaes, n'uma extensão de 4 a 5 graus, até chegar ao rio Cassai, reputado como nossa fronteira a leste do paralelo de Malange.

2.º No mesmo espaço de tempo, a missão de Caconda, continuando do Bihé para leste, poderia attingir o rio Liba, que fórma o curso superior do Zambeze occidental, por meio de cinco missões, pois dista d'este rio a 5 graus.

3.ª A missão de Cassinga seria o ponto de partida de outra linha de 4 missões para alcançar o Zambeze occidental.

4.º Finalmente a missão da Huilla, por distar a sua missão filial mais central, mais de 8 graus da nossa fronteira que confina com o Barotze, teria que fundar 7 missões para alli chegar.

Para uma d'estas missões já tem pessoal preparado e tenciona fundal-a no decurso do anno proximo.

Formaria a realisação d'este projecto um total de 20 Missões havendo entre cada uma no rumo de oeste a leste a distancia de um grau e no rumo de norte a sul a distancia de 2 graus, em media. Para todo o plano se realisar no espaço de 10 annos, haveria que fundar, termo medio, duas Missões cada anno.

Das vinte Missões novas, seriam fundadas pelo Estado as que pertencessem aos centros de Malange e Bihé, mais duas da Missão de Huilla : a de Mulola dos Gambos já projectada, e a de Humbé : em tudo 11. Pelo desejo que varias vezes me foi manifestado pelos administradores da Companhia de Mossamedes, de terem em seu território um numero consideravel de Missões, parece-me que acceitariam com gosto custearem a fundação das outras nove Missões das quaes cinco pertencentes á Missão de Huilla e outras cinco á de Cassinga.

Calculo uma media de 4 contos de reis para a fundação e para o subsidio annual de cada missão, verba que tenderia antes

a diminuir do que augmentar uma vez que a Missão se desenvolvesse e creasse, pelo trabalho agrícola e industrial, recursos próprios.

Para attingir o fim que fica exposto, para não deixarmos tantos milhões d'almas sem a luz benefica do Evangelho e da civilização christã, e para não termos que soffrer a imposição das outras nações, que vão occupando todos os nossos territorios por meio de missões protestantes, das quaes existem actualmente em Angola 16, e que nos traçarão os nossos limites em conformidade com a nossa occupação effectiva e com a d'ellas, é de absoluta necessidade que desde já se tomem todas as medidas, para que se occupem, por meio de Missões, todos os vastissimos territorios até hoje desoccupados, e urge isto tanto mais que precisamos absolutamente d'elles para o desenvolvimento e estabilidade do nosso commercio, visto nos virem d'elles os productos mais rendosos da nossa provincia, taes como a borracha, o marfim e o gado bovino. É pois necessario que o Estado faça sacrificios para que definitivamente se adquira para a corôa portugueza todo esse vastissimo sertão, sem o qual ficaremos reduzidos a uma faixa de terreno no littoral, que nunca terá, sem o commercio interior, senão uma importancia muito secundaria.

É facto averiguado que por falta da occupação da Lunda o nosso commercio de marfim, que antigamente animava os mercados de Loanda, soffreu um golpe decisivo derivando-se para o alto Congo. O mesmo se está receiando que aconteça a Benguella com o commercio da borracha e assim succederá, attento o systema geralmente seguido pelos nossos commerciantes de ficarem nas praças do littoral, á espera que os selvagens lhes venham trazer a suas casas os productos do sertão.

É notorio que cada anno sahem dos nossos sertões da Huilla, Humbé e Ovampo milhares de bois, levados para o Transwaal, por commerciantes estrangeiros, que aproveitam a falta de concorrência, por parte dos commerciantes portuguezes.

Esta derivação do nosso commercio dará talvez como resultado ficarmos dentro em pouco com a nossa acção commercial atrophiada e ficarmos talvez, o que peor seria, sem os proprios sertões, d'onde o commercio nos vem, sobretudo quando se tratar

de delimitação dos mesmos e de fazer reconhecer como nossas as fronteiras até onde actualmente pretendemos que se estendam as fronteiras do nosso dominio.

Tudo isso se evitaria por meio da acção pacifica das Missões. As Missões attrahindo estes povos selvagens, pondo-os em contacto mais directo com o Europeu, dissipando a natural desconfiança do selvagem em face de individuos de uma raça superior, transformando-os por meio de uma educação perserverante não só agricola como tambem industrial, são o unico meio de os fazer passar rapidamente da selvageria e da barbaria aos primeiros degraus da civilisação e portanto de pôl-os em commu-nhão com os nossos interesses e de fazel-os partilhar os benefi-cios da nossa civilisação. Estou convencido de que o commercio havia de lucrar immenso com uma transformação d'esta ordem.

Assim é que as missões são chamadas a prestar um rele-vante serviço á humanidade e á nação, levando a esses pobres selvagens do Continente Negro a luz da fé e do Evangelho.

Não basta porém que queiramos Missões; é necessario que tomemos os meios adequados para as fundarmos e as desenvol-vermos: estes meios são a formação do pessoal.

Não havendo actualmente na Metropole clero de sobra para as necessidades espirituas das povoações do Continente, muito pequena é a percentagem do que pôde ir para as Colonias. Ainda que cada anno partissem para Angola dez sacerdotes seria ainda um numero insufficientissimo para missionar uma região doze vezes como Portugal, quanto mais não indo cada anno mais do que dois ou tres!

Forçoso pois será renunciarmos á Evangelisação e civilisa-ção de Angola, e muito mais á occupação effectiva do interior d'esta auspiciosa provincia, por meio de Missões, se não crearmos na metropole um estabelecimento especial para a formação de missionarios para esta provincia.

Até ao presente, tanto para a missão de Huilla como para os outros centros de missões, achamos sempre a melhor vontade e a mais generosa dedicacão em companheiros de differentes nacionalidades que nos quizeram coadjuvar, mas é-nos impossivel continuar a contar com outros pela razão de serem necessarios

nas Colonias de diferentes nações a que pertencem. Não pôde pois a Congregação do Espirito Santo continuar a fornecer missionarios estrangeiros ás nossas missões, e forçoso é que tomemos a iniciativa de os formar em Portugal.

Torna-se pois de inadiavel necessidade a formação de pessoal portuguez para as missões.

*
* * *

N'este intuito fundou a Congregação do Espirito Santo um collegio em Braga e outro no Porto para se adquirir por este meio o capital indispensavel para a formação e organização de um seminario apostolico, que apurasse missionarios para as missões de Angola.

Este seminario, annexo primeiro ao collegio de Braga e transferido actualmente para o convento da Formiga, perto do Porto, já deu alguns sacerdotes que actualmente trabalham nas nossas obras e missões e consta actualmente de 40 alumnos, dos quaes tres cursam theologia, nove philosophia e os restantes instrucção secundaria.

Este Instituto, fundado e organizado com professores competentes sahidos pela maior parte de entre os nossos professores do collegio de Braga, nada tem custado ao Estado e representa uma obra eminentemente patriotica e de um alcance incalculavel, para a extensão em Africa das nossas missões, e portanto da nossa influencia.

Esta obra porém lucha com difficuldades que a tornam deficiente, por não poder ter senão um numero diminuto de alumnos, sendo egualmente diminuto o capital de que dispõe para a formação dos mesmos. Para as necessidades da nossa colonia de Angola são-nos necessarios não só 50 alumnos, mas pelo menos 120, para termos por anno uma percentagem de 8 a 10 missionarios.

Forçoso nos é recorrer ao Estado e pedir-lhe que se digne,

em vista do immenso bem a que esta obra é destinada, subsidial-a para que possa educar um numero razoavel de seminaristas.

Para se conseguir este resultado não precisa o Estado de gastar quantias extraordinarias, como aconteceria se se tratasse de fundar e organizar um estabelecimento d'esta ordem. Bastaria para este fim um subsidio annual de 6 a 7 contos de reis, encarregando-se os iniciadores d'esta obra do resto da despeza, como se pratica com a Escola Agricola Colonial de Cintra, que tantos serviços está prestando ás nossas missões. Sem mesmo crear novas fontes de receita, poderá o governo achar no orçamento da provincia de Angola verbas de que se poderia lançar mão para esse fim. Bastar-me-ha apontar uma verba de 24 contos de reis para colonisação, da qual certamente se não emprega a metade, visto ser a colonisação actualmente no planalto, em escala muito diminuta.

Só me resta expôr mais uma razão em pró da medida que proponho para o desenvolvimento rapido das nossas missões de Angola, e é que se o governo deseja que os vastos territorios d'alem Cunéne sejam annexos ao Real Padroado, será forçoso que n'elles estabeleça missões e que para ella se fórme pessoal adequado. Não poderá haver argumento mais palpavel perante a Santa Sé do que provar-se que Portugal quer occupar-se seriamente da evangelisação das suas colonias e que não é com um fim meramente espectacularo que deseja estender o seu padroado em todos esses territorios. — Resumindo em breves phrases o que acabo de expôr, direi:

1.º Urge tomarmos posse em nome da fé e da patria, de todos os paizes a leste da provincia de Angola, na extensão de 1:400 leguas quadradas d'onde vêm as nossas maiores riquezas coloniaes.

2.º Basta para attingir este fim, formar quatro linhas de missões, extendendo-se de oeste a leste para alem das missões já fundadas; estas missões attingirão o meridiano de Barotze em menos de dez annos e formarão uma vasta rede abrangendo todo aquelle territorio; para o que bastam vinte missões.

3.º Para a realisação pratica d'este plano é preciso que o

Estado auxilie eficazmente a formação de missionarios que cooperem para esta obra tão grandiosa; para o que será necessario subsidiar com uma quantia de 6 a 7 contos de reis o Seminario Apostolico da Formiga, fundado para as missões de Angola, por iniciativa particular, e que já conta 40 alumnos, de modo que esse seminario possa ter 100 ou 120 alumnos e possa dar por anno 8 a 10 missionarios.

A consecução d'este plano terá como resultado a propagação da fé de Christo em toda a região ainda pagã de Angola e a occupação pacifica de todo o sertão, e provará á face da Christandade que Portugal sabe cumprir com a missão sublime que lhe impõe o culto e o nobre privilegio de padroeiro.

Lisboa, 1 de Dezembro de 1894.

P.^o JOSÉ MARIA ANTUNES.



MEMORIAS DE OUTRO TEMPO

OS FRADES E A AGRICULTURA

É assumpto forçado de certos publicistas fallar da *ociosidade* dos frades, da *inutilidade* das ordens religiosas e do depauperamento economico produzido pela accumulção, nos conventos, de homens que *apenas* se entregavam a contemplanções mysticas. Chegou até a affirmar-se que o espirito do christianismo é prejudicial ao operario, porque lhe faz perder o ardor de que carece na lucta do trabalho! ¹⁾.

Ora, que os factos demonstram exactamente o contrario, sabem-n'o todos os que conhecem a historia e as doutrinas do christianismo. Para se ver como era regalada a ociosidade dos frades, e quanto as doutrinas christãs são oppostas ao espirito do trabalho, vamos transcrever alguns trechos de um dos nossos mais eruditos escriptores, Fr. Fortunato de S. Boaventura, julgando com isso prestar dois serviços: primeiro reavivar algumas paginas historicas que andam esquecidas de muita gente; segundo desfazer preconceitos de que alguns se deixaram possuir a respeito da *ociosidade* dos frades.

Fallando dos serviços prestados á agricultura pela ordem de Cister, escreve o chronista citado, a pag. 27 da *Historia chronologica e critica da real abbadia de Alcobça*:

« Hum dos maiores serviços, que a Ordem de Cister apenas

¹⁾ Sr. Dr. Affonso Costa, dissertação inaugural, pag. 183.

instituída fez a toda a Europa, foi o melhoramento da Agricultura em todos os Reinos, e Estados, que lhe permittirão fundar Mosteiros. Para que ninguém cuide, que eu me deixo arrastar de huma cega paixão pelos meus, e que talvez, em menoscabo de outras Corporações Religiosas, me proponho dar á minha o que lhe não compete, darei por extenso as reflexões de hum Escripitor moderno a este proposito. Primeiramente devemos observar que os Monges, para que nenhum estrepito secular lhes perturbasse a piedade, e o socego proprio de seus Institutos, escolherão os logares mais desertos, e solitarios, onde, sequestrados de todo o tracto com os homens, vivessem só para Deus, e para as observancias regulares; nestes lugares todavia, que mais parecião destinados para lobos, do que para homens, erão obrigados a trabalhar em cousas uteis; pois de outro modo terião de morrer á fome; e os seus trabalhos muito bem se conciliavão com o seu primario intento, que era o exercicio das virtudes ¹⁾. Assim os primeiros Fundadores da Ordem de Cister fixarão o seu assento em hum lugar de horror, e vasta solidão: a saber, em hum valle profundo e sombrio ²⁾. Dizem que Clavaival fôra antigamente couro de ladrões, e que fôra chamado Valle de Absintio, por causa da amargura dos que cahião em poder dos ladrões ³⁾; os Cistercienses pois merecem os maiores louvores por terem restaurado, e observarem a regra de S. Bento...

« He pois claro para todos, que examinare a historia daquelles tempos que, longe de deverem ser reputados como pezo inutil os Monges deste jaez, antes deverão ser reputados benemeritos da Republica. Converterão elles espaçosos terrenos em a França, Alemanha, Suissa, Pomerania, e Prussia cheios de bosques, e pantanos, ou que mettião medo por constarem só de areas, e pedras, em paizes mui aménos, agradaveis, e abundantes pela fertilidade dos campos, e variedade dos fructos. Sendo isto verdade (como realmente he), importava que nunca mais nos

¹⁾ J. H. Regembogen *Commentatio de Bello Sacro*. Lugduni Batavorum 1819, pag. 347 et seq.

²⁾ Alteserra — *Ascet.* ed. Paris L. 9. C. 6. pag. 464 465.

³⁾ *Vej. Math. Paris Hist. mas.* pag. 49 ao anno 1128.

voltassemos nem contra os Monges, nem contra os Cruzados, que lhes doarão terras. Podêmos facilmente confirmar isto com algum exemplos. Fr. Agostinho Sartorio Historiador dos Cistercienses attesta que, por elles terem preferido lugares êrmos e fragosos para as suas fundações, os reduzirão a campos fertes à força de trabalho ¹). Gerardo de Claraval, escrevendo sobre o Mosteiro Claromarisco da Ordem de Cister, explica-se desta maneira = Nós registamos com os nossos olhos aquellas terras, e he certo que, situadas no fundo do mar, nunca tiverão cultura humana, excepto agora, em que os nossos irmãos forcejão contra o mar com grandes trabalhos, e despezas a fim de apparecer alguma terra enxuta ²). O Rei de França dêo ao Mosteiro Columbense humas terras situadas no districto de Chartrense com os bosques, aguas, e pastagens, e com todas as pessoas de ambos os sexos, para cultivar e reedificar, pois estavam quasi reduzidas a huma solidão ³). Ludgerio explica-se assim: de quanto aproveitirão nos êrmos, he boa testemunha o bosque chamado Bocauno, que era quasi todo inculto e deserto, e agora do Oriente para o Occidente, e do Septentrião para o Meio dia o enchêrão de Igrejas do Senhor e de Vergontas escolhidas de Monges ⁴). Nem faltão exemplos de terem pedido, e alcançado dos Principes os lugares desertos para arrancarem, e desarraigarem arvores e troncos, prepararem campos, abrirem vallas, fazerem marachões, e aqueductos para moinhos, e buscarem pedras, e barro para os edificios ⁵). Os Romanos Pontifices, para auxiliarem os esforços dos Cistercienses, determinarão que elles fossem isentos de pagarem dizimo daquellas terras, que agricultassem por suas proprias mãos, ou á sua custa ⁶).

«O mui douto Historiador da Suissa João Muller nos declara o muito que trabalharão estes, e outros Monges para a cultura dos valles, e montanhas da Suissa, e nos conta por exemplo,

¹) Cistercium bistertium, pag. 513 — Praga 1708.

²) Martene Thesaurus Tom. 1. pag. 599.

³) Martene et Durand. Collectio Tom. 1. pag. 652.

⁴) Apud Fischerum — geschichte des teutschen handels. T. 1. pag. 81.

⁵) Fischer ibid pag. 847.

⁶) Vej. Epist. de Alexandre III. em Martene Tom. 2. pag. 1009 e de Urbano III. em Pepiothes. tom. 5. parte 2. pag. 42.

que na Ochtandia muitas terras, por diligencias dos Monges forão tiradas aos lobos, e convertidas em ferteis campos, em que abunda toda a variedade de fructos, os mais uteis para a vida humana ¹⁾: da mesma sorte na Provincia de Neufchatel extensissimos valles, e lugares pantanosos principiãrão de ser cultivados por mão dos Premonstratenses ²⁾. Assim os Monges do Mosteiro de Hautecreste, que se diz, vivião de seu trabalho, se esmeraram na cultura das vinhas ³⁾; ali lemos tambem ⁴⁾ que acima de todos os mais forão os Cistercienses do Mosteiro de Bommont, quando cultivãrão com grande fructo as terras desertas dos Alpes tão bravas, que mui difficultosamente cedião á cultura. Sabemos outro tanto dos Monges estabelecidos na região da Frisia, pois era costume de todos estes Monges o cultivarem as suas terras, e granjas, e alodios por mãos de frades conversos, e de leigos ⁵⁾.

«Levaria desmesurado tempo contar o que fez a diligencia dos Monges em cada hum dos Reinos, e mais Estados da Europa. Com toda a razão se tem dicto da Allemanha, que parecia em muitos lugares outra Siberia deserta e medonha, e que os Monges chamados á observancia da Regra de S. Bento, isto he, ao trabalho de mãos, transformãrão os seus desertos extensos, e horriveis, e as suas terras de má qualidade, e infructiferas, em paizes agradaveis, e férteis ⁶⁾. Não se pode explicar a grandeza de seus trabalhos na Belgica, ora na abertura e direcção das vallas, e na construcção de estradas, que não ha cousa mais util para o commercio; ora em reprimir a violencia das ondas a poder de marachões, e pôr em sêcco vastas lagoas; ora finalmente em altear a planicie dos valles, em levantar moinhos, e fornos de cozer tijolo.

«Todos estes, e outros mais serviços, que as Corporações religiosas fizerão ao genero humano, se devem apreciar tanto mais, quanto excedião de ordinario as possibilidades dos parti-

¹⁾ Geschichte der Schweizerischer Eidgenossenschaft. Joh. von Muller — 1 theil. 1. Buch. C. 14 pag. 384 — Lipsiae 1806.

²⁾ Ibid. pag. 414.

³⁾ Ibid. pag. 35.

⁴⁾ Ibid. pag. 354.

⁵⁾ Mathaei. Anal. vet. Aevi. tom. 3. pag. 553.

⁶⁾ Fischer na Obra citada tom. 1. pag. 80.

culares, ou erão desprezados, e tidos todos em pouco, por quem os podia fazer sem embargo de nos mostrar a experiencia o quanto elles influem na felicidade pública. Bem ponderadas que sejão estas cousas, não se podem negar os merecimentos dos Monges; e tão longe está de nos devermos azedar contra os Cruzados, os quaes transferirão os seus Predios a titulo de doação, penhor, ou qualquer outro modo que fosse para uso dos Monges, que antes, sem obstar a isenção de tributos, sem obstar o poder do Clero, e o luxo, que acompanha as riquezas, nos devemos alegrar, porque deste modo a Agricultura, que he o fundamento da Sociedade, até ahi lastimosamente descabida, e desprezada começou então a ser tida por cousa de algum valôr. Se a Agricultura pois, que he o seu maior brazão, adoçou a ferocidade dos costumes, e influio nos homens sentimentos de humanidade, quanto devemos aos que de bom grado se quizerão encarregar della, preserva-la das injurias dos tempos, e ajuda-la com seu exemplo?

«Muitas calamidades nascêrão, como todos sabem, daquella isenção dos tributos, as quaes todavia não levaremos a mal, se ponderarmos que todos esses privilegios erão tão accommodados ao melhoramento da Agricultura, que por meio delles podia florecer aquella arte bemfazeja, e saudavel, que sem elles estaria ainda mui largo tempo destruida. A primeira condição, que se exigia para o dicto melhoramento, era que não fosse gravada do mais leve onus de tributos, ou encargos públicos, ou de invasões, que cheirassem a hostilidade, o que muitos eruditos de animo mui avesso ao Clero, e medindo aquelles tempos pelos nossos, me parece não terem attendido quanto devião. Quando huma cousa está inteiramente desfigurada, e perdida, que melhor partido se pode tomar, do que, não sendo possivel acudir a tudo por desgraça dos tempos, ajudar huma parte com grandes privilegios, para que assim pouco a pouco se restituia o todo ao seu antigo resplendor, e inteireza?

«Todas as vezes pois que lermos os Diplomas, em que se concedem Servos, e Predios aos Monges, e principalmente aos Cistercienses, que pelo seu cuidado da Agricultura são chamados *boni homines*, monumentos estes, que se encontram em seiscientos lugares nos Escriptos de Martene, Durand, D'Acheri, Pesio,

e Leibnitz; quantas vezes, torno a dizer, que nós lermos que se lhes davão homens, casas, terras, matas, prados, vinhas, pedreiras, agnas, moinhos, pousagens, pastagens, pasnagens, doens, e outras cousas semelhantes, e se diz não pagarão tributos, e encargos públicos, outras tantas nos devemos congratular, de que a Agricultura recebesse em tudo isto auxilio, engrandecimento, e proveito ¹⁾.

« Em conclusão, quem hade levar a mal que a Igreja concedesse benignamente á Agricultura aquelle arrimo necessario, que a Republica civil lhe negou cruelmente? Sei que os Monges depois de ricos já não trabalhão no campo, e costumão ser accusados de passar uma vida repousada e silenciosa; porem não succede o mesmo a muitos homens de todas as condições, que, chegando a enriquecer, passão fora do Mosteiro huma especie de vida Monastica, e que nem por isso devem ser expulsados da Sociedade?

« Assaz nos consta da Historia que os Mosteiros, assim adiantados em riquezas, e fortunas, a principio cercados de casas, celeiros, adegas, e outros edificios derão comêço primeiramente a Aldeias, e depois a Cidades ²⁾; já deixámos advertido, por testemunho de Orderico Vital, que os Abbades dos Mosteiros chamavão a si todos os artifices, Carpinteiros, Ferreiros, Escultores, Ourives, Pintores, Pedreiros, e outros, parte a fim de satisfazerem as necessidades dos Mosteiros, parte a fim de darem aos artifices hum asilo seguro contra as perseguições dos Baroens, e dos Nobres, que não só pelo seu continuo esforço de reduzirem tudo á mais pezada escravidão, mas tambem por afeitos á rapina, e ao latrocinio, tractavão de se apoderar violentamente dos fructos da industria alheia; assim, por exemplo, em a Chronica dos Bispos Mindinenses se lê do Mosteiro Lucense da Ordem de Cister, que todos os officiaes mechanicos ahí tinhão habitações distinctas; a saber, Alfaiates, Ferreiros, Fabricantes de pannos, e tambem se faz menção de huma grandiosa casa dos fabricantes de Cervêja ³⁾. Na propria Regra dos Conversos

¹⁾ Vej. Marten. Thesaur. 1. pag. 646 ou Leibnitz rerum Brunsv. Script. tom. 3. pag. 692.

²⁾ Alteserræ Asceticum L. 9. Cap. 6. Muratori Antiq. Ital. tom. 5. col. 400 dissert. 65. Fischer tom. 1. pag. 81.

³⁾ Leibnitz na Obra citada tom. 2. pag. 176.

da Ordem de Cister se faz menção dos irmãos Boieiros, Pastores de ovelhas, Sapateiros, Teceloens, Surradores, Forneiros, Lavandeiros de pannos, e Ferreiros ¹⁾).

« Acautelemo-nos todavia de julgar, que somente devemos agradecer aos Monges o terem guardado os monumentos das Sciencias em seus Mosteiros, e o terem dahi sahido pelo andar do tempo Colonias de homens sabios, que se derão ao estudo das Humanidades, e Filosofia, em consequencia do que as Sciencias conseguirão a final a honra, que lhes era devida, e dimanarão excellentes fructos para as Republicas Civil, e Ecclesiastica: não me parecem menos benemeritos de ambas, porque applicando-se á Agricultura, e ás Artes mechanicas forão causa de que os Povos sacudissem a barbaridade, e se fizessem mais humanos e tractaveis. Não ignoro que aquelles principios de Agricultura, e dos officios mechanicos forão apoucados, e que não se devem medir pelos nossos tempos; estou porem que se devem ter em alguma conta, se repararmos bem na má condição daquelles tempos. Consta-nos pois que os lugares Sagrados forão azilos benignos, a que as pessoas desgraçadas de ambos os sexos se acolhião, para attentarem de algum modo pela sua conservação; lamentem agora certos Escriptores, quanto lhe aprouver, que a opulencia do Clero subisse a hum ponto excessivo; lastimem as discordias domesticas, que procederão daquella mudança de cousas; temos para nós que todos estes males sobremaneira, e largamente encarecidos forão assaz compensados pelos bens, que temos referido. Se mais tempo durasse aquella antiga ordem de cousas toda a Europa, tornando-se preza dos Tyrannos, e theatro de guerras eternas, só nos mostraria a semelhança triste, e horrivel de um deserto da Tartaria.

« Até aqui hum Auctor que, nem era Cisterciense, nem apainado de Instituições Monasticas; mas que não se pejava de sahir pela verdade, e pela justiça. Examinemos agora, se os Cistercienses deste Reino degenerarão de seus Maiores, ou fielmente lhes seguirão as pisadas. »

¹⁾ Vem esta Regra no tom. 4. do Thes. de Martene pag. 1649, 1651 donde tirei alguns Capitulos, que vem na Prova N. VI.

V A R I A

Os acontecimentos de 30 de julho. — Aos nossos estimaveis collegas das *Novidades* pedimos licença para transcrever o seu artigo de 6 de setembro com a epigraphe — *Lição varia* :

« O resumo dos depoimentos, concernentes aos presos, que antehontem foram entregues ao juizo criminal por motivo das violências praticadas sobre o illustrado e benemerito sacerdote o sr. Senna Freitas, tem um ensinamento eloquente, e que não se limita ao simples facto da aggressão singularmente considerada ¹⁾. É um panno de amostra, que deve ser estudado e reflectido, tanto por aquelles, que de animo leve procuram excitar as massas, sem calcularem ao certo as consequencias da desejada desordem, como pelos tibios e indifferentistas, que assistem de braços cruzados a essa propaganda, sem nada fazerem para a contrariar, e sem se preocuparem com os eventuaes resultados d'ella.

« Em plena paz e tranquillidade, sem haver questões irritantes que legitimassem ou explicassem uma anormal sobreexcitação e desvairamento dos espiritos, bastou a repetição insidiosa de um boato, que era disparatado até o absurdo, para provocar n'uma capital, como Lisboa, scenas de verdadeira selvageria, que nos cobriram de vergonha, e que durante muitas horas seguidas nos tiveram no alarme e sobresalto de grandes conflictos sangrentos. A indole do povo, tantas vezes elogiada e exaltada como bondosa e pacifica, appareceu subitamente transformada na bestialidade e malvadez d'uns, na covardia e repugnante egoismo de outros, na irresolução e desnorreamento do maior numero. Anarchia brava.

¹⁾ Um dos sicarios, sapateiro de profissão, gatuno e meliante bem conhecido da policia, declarou perante a auctoridade que na occasião do tumulto levava consigo a faca do officio, e que sentia não se ter lembrado d'essa circumstancia, porque teria cortado o nariz ao sr. padre Senna Freitas! Outro gatuno de equal jaez lamentou-se de não lhe ter occorrido fazer busca aos bolsos do illustre sacerdote, para lhe tirar a carteira ou quaesquer valores que encontrasse! — (N. da R. da *Revista Contemporanea*).

« O furor da estupidez desvairada e da perversidade odienta carregou sobre os suppostos roubadores de creanças para fabrico de oleo humano, fazendo victimas ás cegas; victimas de acaso, de occasião, sem indicação e denuncia previas, os primeiros que appareciam, os que a fatalidade levára a sair de casa em certa hora e com determinado traje... E se isto assim foi, nos alaridos d'um boato disparatado, o que succederia nas expansões revolucionarias de um conflicto systematicamente preparado por uma propaganda, que assopra malquerenças e odios, que deprava e refunde as idéas, e acirra e incendeia as paixões?!... Só a perspectiva de tal evento é para dar pavores.

« Os factores do movimento ¹⁾ seriam absolutamente impotentes para o conterem dentro dos limites traçados pelas causas determinantes da sua preparação. Ponham ás soltas a plebe indisciplinada e anarchisada, e ella não acceitará cabeças, que a guiem, nem respeitará braços que a detenham. O vasto mar impetuoso recua diante d'uma branca riba de areias; mas o oceano das paixões revoltas galga por cima de todos os obstaculos e a sua furia só acalma, quando a si propria se consome, ou quando uma violencia maior a faz succumbir. Desencadeada a tormenta, não pensem, os que a érassem, que poderiam regel-a e dominal-a; e menos ainda imaginem os indifferentistas e os egoistas, que poderiam ficar tranquillamente, a ver de janella ou de passeio, o espectáculo agitado, embora interessante e para alguns divertido, das vindictas populares. N'essas occasiões, os resentimentos mais futeis, os despeitos mais recatados, as rivalidades mais disfarçadas põem a mascara de reivindicações politicas e de desaggravos patrioticos. E sobre essas instigações, que a todos, sem excepção, seriam ameaça, porque não ha pessoa, que não tenha um inimigo e um invejoso, acresceria a selvageria cega, que faz o mal só pelo mal, por instinctos de besta-fera, sem designar nem escolher victimas. Os que estivessem de alto a ver o espectáculo, rebuçados na sua neutralidade indifferentista, ou que passeiassem tranquilos, fiados na pureza das suas consciencias, seriam talvez os primeiros a quem succederia, como ao padre Senna Freitas, que foi sempre um varão inoffensivo e um sacerdote exemplar, o serem insultados, offendidos, espancados, repellidos das moradias onde pedissem agasalho, arrastados pelas escadas onde procurassem refugio, e victimados na rua pela turba feroz e ignara, desvairada de furor, de maldade, e de insanía...

* * *

¹⁾ Tambem as *Novidades* concordam, que o movimento foi premeditado e dirigido por homens que ficaram atraz da cortina, como refinadissimos cobardes. Para estes não haverá lei nem justiça? As auctoridades não poderiam encontrar, relativamente aos tumultos, materia de crime nas collecções de quatro jornaes jacobinos bem conhecidos em Lisboa? — (N. da R. da *Revista Contemporanea*).

A lição, com ser exemplificada em pequeno quadro, assume alto relevo pela qualidade da principal victima. Ponham os olhos n'ella, e reflectam no que seria amanhã, em Lisboa e em outras terras populosas, a plebe desenfreada, sem encontrar diante de si, a contel-a e reprimil-a, um governo de ordem, que na vespera tivesse sido derrubado per um movimento revolucionario !

Ha ainda outra ordem de factós, a que esta lição muito aproveita. Na organização das commissões de character politico revolucionario, a que em principio d'este anno se procedeu no paiz, appareceram bastantes membros do clero, e d'isso se fez alarde. O opportunismo ¹⁾, que Leão XIII tem recommendado em França, não por defeza do regimen, que ali vigora, mas só pela consideração suprema de respeito aos poderes constituídos, invertia-se aqui, por um sophisma grosseiro, e manifestamente opposto ás intenções do pontifice, apresentando-o como defeza d'aquelle regimen, e opposição e guerra aos poderes legaes. Com os acontecimentos de 30 de julho, ficou o clero conhecendo praticamente o que tinha a lucrar com essa orientação, e onde ella o conduzia.

A alliança do throno e do altar, se não pôde ter já o significado, que tinha nos seculos passados, nem por isso deixou de ser a formula, em que deve repousar a tranquillidade publica, a paz da igreja, e o respeito das consciencias. O radicalismo nunca erigiu templos, senão ao sacrilegio, nem deu honra e protecção ao culto divino e seus sacerdotes. É bom que estes o não esqueçam, embora não seja prudente nem justo, nem acertado, exaggerar as consequencias, que d'esse ensinamento historico se derivam, como com magua estamos vendo em alguns dos protestos publicados pelo clero contra os acontecimentos de 30 de julho ²⁾: Não vá o clero cair d'um extremo no extremo opposto. Nem republica, nem absolutismo. Não favoreça o radicalismo revolucionario, porque seria atraíçoar a sua missão e trabalhar pela propria ruina e desprestigio; mas não condemne violentamente nem injurie como peste a liberdade e os partidos liberaes, que são o apoio da legalidade existente. O throno é liberal; e a indispensavel alliança com o altar não pôde ter outra base, para que ella possa ser solida e reciprocamente proveitosa. O clero deve ser o primeiro e mais natural defensor dos principios conservadores, e dos principios de ordem, que

¹⁾ A palavra *opportunismo* não exprime tudo. O que o Papa quer é que os catholicos obedecam aos poderes constituídos e reconheçam a forma de governo existente lealmente e sem pensamento reservado. Este preceito não é só para a França, mas para Portugal e todos os paizes. — (N. da R. da *Revista Contemporanea*).

²⁾ Não conhecemos os exaggeros a que o collega se refere. Entretanto parece-nos que é justissimo reclamar as mais energicas e implacaveis providencias, para defender a vida e a liberdade dos cidadãos. A formula é esta: para os grandes males, grandes remedios. Se assim não fôr, cahiremos na anarchia. Procedem assim os governos democraticos da America e os liberaes da Republica franceza. — (N. da R. da *Revista Contemporanea*).

entre si são solidários. Ora a ordem, entre nós, é a monarchia constitucional.

Um grande espirito do Novo Mundo, Franklim, deu a norma, que deve reger as sociedades modernas : *God and liberty : Deus e liberdade* ¹.

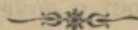
Os catholicos italianos. — O sr. Bonghi, deputado e antigo ministro italiano lamenta-se da influencia crescente dos catholicos na Italia pela forma que os nossos leitores vão ver.

N'uma chronica politica publicada n'uma revista parisiense, depois de se referir a alguns desastres economicos e politicos do governo do seu paiz, escreve :

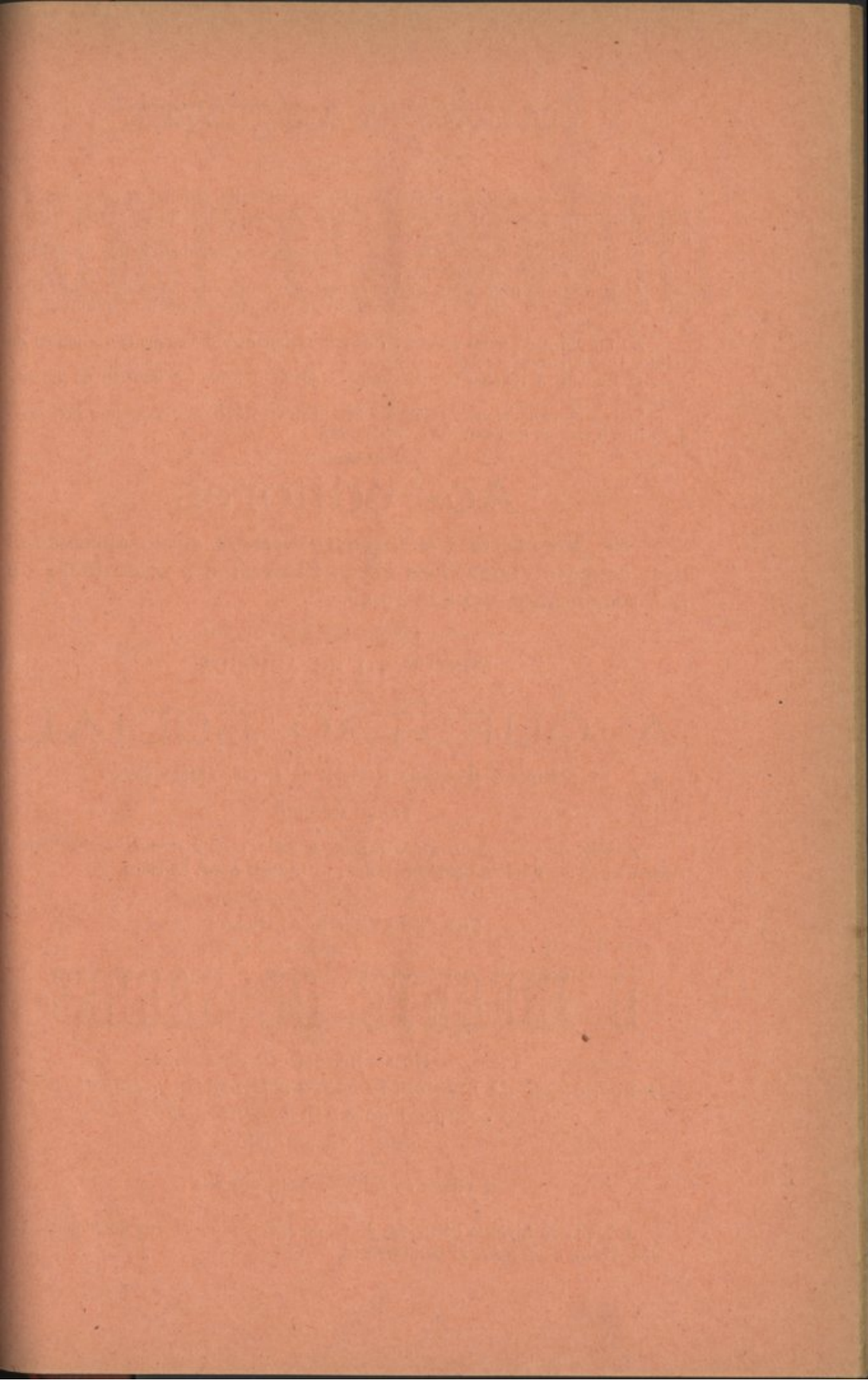
« Todas estas razões e muitas outras contribuem para augmentar a influencia do partido clerical. Este partido não vota, por ordem do Papa, nas eleições politicas ; mas vota nas eleições administrativas das communas e das provincias. Contam-se já alguns conselhos provinciaes e communaes, mesmo dos mais importantes, em que o partido clerical está em maioria, e muitos em que tem uma forte minoria. Mesmo em Roma, o que é peor, passou toda a lista clerical de 32 nomes ; o Papa, muito prudentemente, não quiz deixar apresentar numero maior. A maior parte dos liberaes só passaram depois dos clericos. »

Depois d'isto só ha a accrescentar que um grande numero de conselhos communaes, convidados para as festas de 20 de setembro, declararam que não tomariam parte n'ellas por as considerarem um ultrage á religião e ao Vigario de Jesus Christo. O congresso eucharistico de Milão, que acaba de celebrar-se com uma solemnidade majestosa e com a assistencia de muitos milhares de fieis, constitue uma outra manifestação grandiosa da vida catholica na Italia.

Não ha duvida, em presença d'estes factos, que o povo italiano tem uma grande confiança na obra revolucionaria e sacrilega de Victor Manuel e Garibaldi !



¹) Cá em Portugal a formula é outra : *Devil and liberty : Diabo e liberdade*. Os apostolos da nossa democracia querem liberdade para todas as comedias jacobinas e para todas as exhibições maçonicas, e, quando se trata de padres ou de religião, cacheirada que te parto. Evidentemente a nossa sociedade precisa de uma reforma bem funda. Entretanto é bom que o clero vá pensando no caso, e que dentro da legalidade e da ordem, vá reclamando as garantias que lhe são devidas. — (N. da R. da *Revista Contemporanea*).



Condições da assignatura

A *Revista Contemporanea* publicar-se-ha mensalmente, abrangendo cada numero 32 paginas in-8.º grande. O numero de paginas pode ser maior quando assim o exija o desenvolvimento de assumptos especiaes.

Cada numero da *Revista Contemporanea* tractará sempre de assumptos variados, como questões sociaes, scientificas, historicas, etc.

Apparecerá no primeiro dia de cada mez, e o preço da assignatura é de 1\$600 réis annuaes, que devem ser pagos respectivamente antes da publicação do numero 4 de cada anno.

No fim de cada anno receberão os srs. assignantes o frontespicio e indice do volume respectivo da *Revista*.

Continuam a receber-se assignaturas desde o primeiro numero da *Revista Contemporanea*.

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a José Marques Rito e Cunha, Collegio Novo. — Coimbra.

Aos editores

Na *Revista Contemporanea* serão apreciadas com desenvolvimento as obras litterarias e scientificas de que recebermos um exemplar.

FORTUNATO DE ALMEIDA

A QUESTÃO SOCIAL

Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Affonso Costa

PREÇO 200 REIS

Á venda em todas as livrarias. Remette-se pelo correio a quem enviar 220 reis á administração da *Revista Contemporanea*, — Collegio Novo, Coimbra.

FORTUNATO DE ALMEIDA

O INFANTE DE SAGRES

Obra premiada

*no concurso de memorias sobre o infante D. Henrique,
por occasião do quinto centenario
do seu nascimento*

1 volume de XLIII-371 pag., 600 reis

A venda na Livraria Portuense de Lopes & C.ª, editores, rua do Almada, 119
123, Porto, e em todas as livrarias.

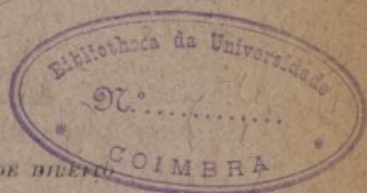
REVISTA CONTEMPORANEA

DE
QUESTÕES RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,
HISTORICAS E SOCIAES

DIRECTOR

Fortunato de Almeida

QUINTANISTA DE BIELECU



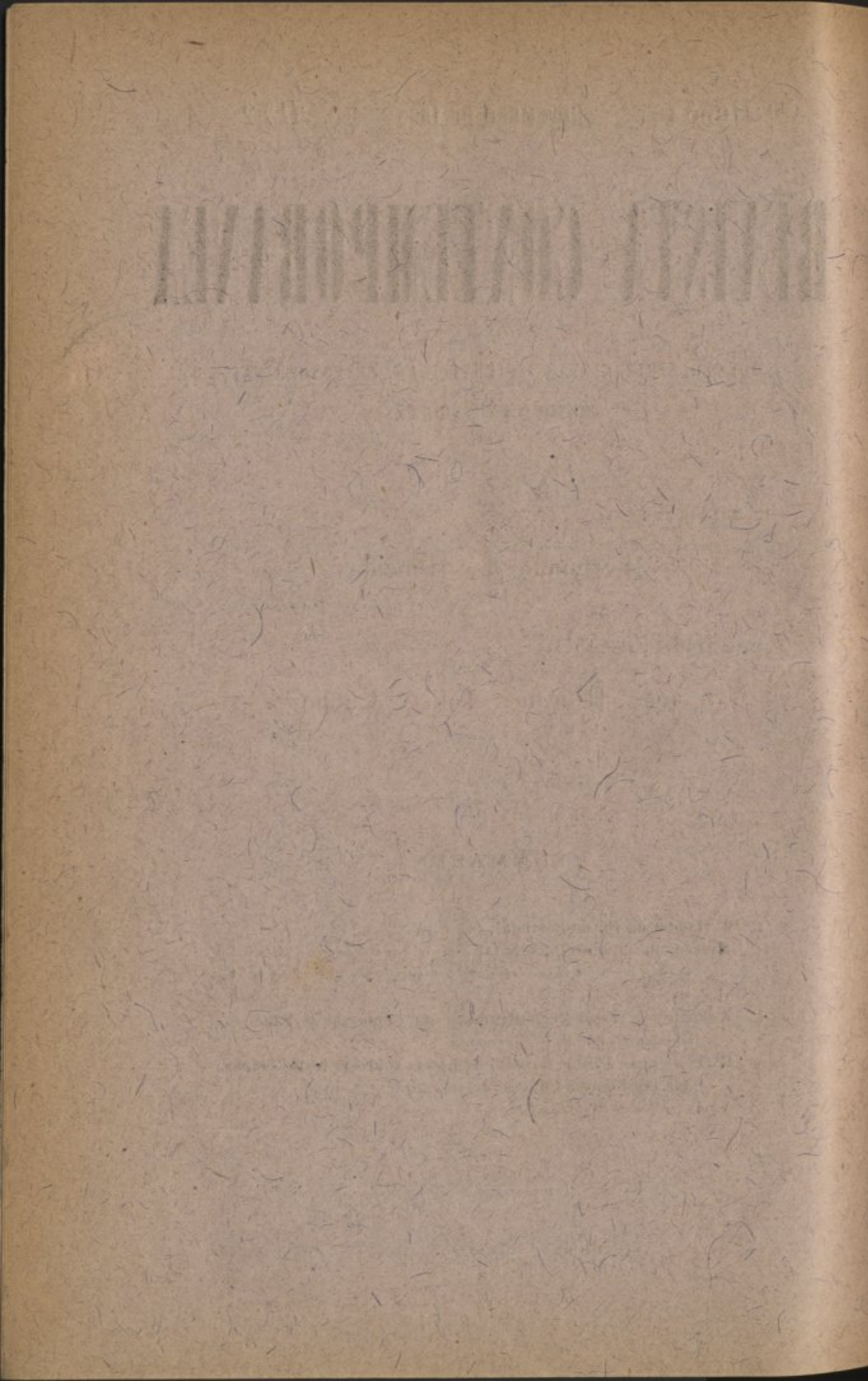
ADMINISTRADOR

José Marques Rilo e Cunha

BACHAEL FORMADO EM THEOLOGIA

SUMMARIO

- I — A viagem do rei de Portugal, por F. A.
 II — Missões do Cunene Occidental Exposição feita a S. Em. eia o Sr. Cardeal Ledokowski, Prefeito da Sagrada Congregação da Propaganda pelo Rev.ºo Padre José Maria Antunes, em outubro de 1894.
 III — A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa (continuação), por P. G., adrogado.
 IV — Carta de Leão XIII ao Cardeal Rampolla sobre as festas celebradas em Roma no dia 20 de setembro.
 V — Varia — (Causas do Socialismo — Serra da Estrella).



A VIAGEM DO REI DE PORTUGAL

A viagem de Sua Majestade o sr. D. Carlos pela Europa deu logar a um incidente, que, tendo muitos precedentes na historia dos ultimos vinte e cinco annos, poude ainda assim attrahir durante alguns dias a attenção de toda a Europa sobre o nosso paiz e o augusto Chefe do Estado. Tratava-se de uma questão que interessa a muitos milhões de homens de todas as nacionalidades, e que é uma das mais graves e melindrosas que prendem os espiritos da diplomacia e da alta politica internacional.

Logo que Sua Majestade el-rei sahiu de Portugal, annunciando-se a sua viagem á Italia, era de prever que surgiriam difficuldades quasi insuperaveis, desde que o rei Humberto insistisse em receber o monarcha portuguez só em Roma. Se D. Carlos fosse primeiro ao Quirinal, ser-lhe-ia vedada a entrada no Vaticano, e chegaríamos provavelmente a um conflicto grave com a Santa Sé; se fosse primeiro ao Vaticano, dar-se-ia a indisposição com o governo do rei Humberto. N'este caso a difficuldade era irresoluvel. Sua Majestade el rei, d'accordo com o governo, resolveu libertar-se do dilemma, desistindo da viagem á Italia. Era esta a unica solução.

A este respeito apparecem nos jornaes algumas apreciações verdadeiramente phantasticas; é curioso como certos jornalistas fazem diplomacia com a mesma facilidade com que se escreve um artigo sobre eleições.

Uns queriam que o governo portuguez tivesse antecipadamente previsto e resolvido todas as difficuldades, de forma que o monarcha não tivesse de demorar-se alguns dias em Paris esperando uma solução. N'este caso não era difficil prever; o que era difficil, impossivel mesmo em certas circumstancias, era evitar sem sahir dos limites das conveniencias diplomaticas. Declarar previamente ao governo italiano que o monarcha portuguez só visitaria o rei Humberto fóra de Roma, equivalia a pôr-lhe uma espada ao peito. Por outro lado, annunciando-se pelas vias diplomaticas uma visita d'el-rei ás côrtes da Europa, seria uma alta inconveniencia não annunciar a visita do monarcha á Italia, aonde o prendem, alem de tudo o mais, intimas relações de familia. Sem quereremos penetrar no plano adoptado pelo governo portuguez, afigura-se-nos que elle não era tão falto de viabilidade como certos jornaes o apregôam. Ao tempo em que deveria realisar-se a viagem do rei de Portugal á Italia, Humberto I estava em Monza, pouco distante da fronteira dos Alpes. Nada mais natural e mais simples que encontrarem-se ahi os dois soberanos, seguindo depois para Roma o monarcha portuguez, em condições que talvez não fosse difficil combinar. O facto, se se dêsse, tinha precedentes de maior força. Assim como Victor Manuel foi a Milão e a Veneza, para receber, em identicas circumstancias, os imperadores da Allemanha e da Austria, podia muito bem o rei Humberto conservar-se em Monzuza para receber a visita do nosso monarcha. Por outro lado, o governo portuguez devia suppor que o gabinete do Quirinal estaria disposto a facilitar o encontro dos dois soberanos sem levantar conflictos diplomaticos que se prendessem com a questão romana.

Falhou o plano? E que responsabilidade resulta d'ahi para o nosso governo? O gabinete italiano quiz fazer uma tentativa, que, a ter bom exito, produziria effeitos moraes de certa ordem: o seu plano era fazer com que um chefe d'estado catholico fosse a Roma, o que ainda não conseguiu depois de 1870, ao menos em condições favoraveis para o actual estado de cousas da Italia. Ora a tentativa, que aliás não re-

solvia um apice da questão romana, só podia ter como consequencia collocar-nos n'uma situação desagradavel perante a Santa Sé e perante as chancellarias da Europa. Quer dizer, para obsequiarmos o governo da Italia, iamos envolver-nos em difficuldades gravissimas, dando-nos ares de quem pretende resolver uma questão sobre a qual as potencias européas ainda não proferiram a ultima palavra.

Certos *diplomatas* de improviso pretendiam tambem que o rei de Portugal fosse a Roma, visitasse o monarcha italiano e depois fosse cumprimentar o Papa; se não fosse recebido no Vaticano, diziam, voltava-se embora. Nada mais simples para gente que vê... tão perto. Tinhamos assim conseguido um grave conflicto com a Santa Sé, que era realmente o que agora nos faltava para coroação d'esta serie de *felicidades* que temos gosado. E como um mal nunca vem só, era provavel que as chancellarias da Europa nos perguntassem quem nos confiou a missão de sermos os primeiros a reconhecer a occupação de Roma pelo exercito piemontez.

N'estas circumstancias, a prudencia só aconselhava um caminho, e foi esse que se tomou: o sr. D. Carlos não foi á Italia. Muitos soberanos que têm ido visitar a familia real italiana abstiveram-se sempre de ir a Roma, para não reconhecerem a cidade eterna por capital do novo reino, ou foram lá em circumstancias especiaes de forma a não surgirem conflictos. Assim, tem-se visto muitas vezes a familia real italiana sahir de Roma para ir a Turim, a Florença e a outras cidades receber a visita de principes estrangeiros. Entre os que se abstiveram da viagem a Roma podemos indicar os seguintes:

O imperador e a imperatriz do Brazil;—a rainha de Inglaterra;—o rei e a rainha de Wurtembesg;—a rainha da Servia;—o rei e a rainha de Saxonia;—o principe do Grão-Pará, D. Pedro d'Alcantara;—a princeza Beatriz, filha da rainha de Inglaterra, com seu esposo o principe Henrique de Battenberg;—o principe Alfredo, filho da rainha de Inglaterra, duque d'Edimburgo, com sua esposa a princeza

Maria Alexandrowna, irmã do imperador da Russia; — o principe de Leuctemberg, archiduque da Russia.

Em 1873, os imperadores da Allemanha e da Austria receberam a visita de Victor Manoel em Berlim e Vienna. Quando chegou depois o tempo de pagar a visita, nenhum d'elles quiz ir a Roma. O imperador Guilherme foi a Milão, e o da Austria a Veneza, não obstante a guerra que então havia entre a Allemanha e a Santa Sé.

Pouco dêpois foi á Italia o schah da Persia, e mesmo esse não quiz visitar Victor Manoel senão em Turim.

O rei Humberto foi a Vienna visitar o imperador da Austria; mas como Francisco José não quizesse pagar a visita em Roma, e não se chegasse a um accordo sobre a cidade italiana em que esse acto devia ter lugar, ainda hoje Humberto está á espera que se lhe restitua o seu cumprimento.

Pelo mesmo desaccordo não chegou a effectuar-se uma visita de Affonso XII á Italia, visita em que se fallou com muita insistencia.

Todos se recordam, finalmente, da triste figura que fez o Quirinal, quando em 1883 o principe imperial da Allemanha foi a Roma. O principe allemão viu o rei Humberto a esperal-o na estação, e não obstante mandou logo um ajudante de campo pedir uma audiencia a Sua Santidade. O principe deu assim a intender que a quem primeiro se dirigia em Roma era ao Papa. Depois foi para a embaixada allemã, e d'alli dirigiu se ao Vaticano.

Depois de todos estes factos, seria realmente extraordinario, alem de inconvenientissimo, que el-rei o sr. D. Carlos, chefe de uma nação essencialmente catholica, fosse amargar mais o coração do Santo Padre, já tão opprimido de vexames pelo governo revolucionario do Quirinal.

*
* *
*

Alguns jornaes estrangeiros, como *L'Indépendance belge*, discorrem largamente sobre as consequencias d'este incidente,

que veio mais uma vez pôr em relevo o conflicto entre o Vaticano e o Quirinal. O assumpto offerece larga margem a considerações phantasistas, mas é preciso, n'uma questão de semelhante gravidade, ligar mais attenção á realidade dos factos.

O que se deduz do incidente provocado pela viagem do rei de Portugal é, primeiro que tudo, a incompatibilidade dos dois poderes que se defrontam em Roma, e, em segundo lugar, a fragilidade do edificio architectado pelos revolucionarios italianos. É n'este sentido que abertamente se manifesta a opinião publica da Europa, mesmo quando tem por órgãos jornaes pouco affectos ao Papado. A posição do Quirinal é insustentavel, por motivos tanto de ordem interna como de ordem externa, e torna-se cada vez mais evidente a necessidade de reduzir a um estado normal o paiz do sul dos Alpes.

O Papa tem na Italia uma grande força, que ainda não quiz fazer pesar na balança politica, mas que pode, n'um momento dado, collocar o Quirinal em graves difficuldades. A razão d'essa força é o descontentamento dos povos italianos com o actual estado de cousas. Uma terrivel situação financeira, uma situação economica que attinge quasi o desespero, a pessima orientação politica a respeito das potencias europeas, um mal estar permanente accentuado na incerteza do dia de amanhã, — eis tudo o que os povos italianos têm lucrado com a unificação italiana, em vez dos engrandecimentos e prosperidades que lhes eram promettidas. A obra de 70 não produziu união, mas discordia profunda. Depois, o governo italiano, offendendo o Summo Pontifice com repetidos vexames e insultos, agrava a situação a ponto de a tornar intoleravel.

O mundo catholico não pode conservar-se indifferente ao que se passa em Roma, e manifesta-se da forma mais decidida. As potencias, por conseguinte, abrem os olhos, e espantam-se com as imprudencias do Quirinal. Os jornaes noticiaram que o presidente da Republica franceza e o imperador da Austria aconselharam a D. Carlos que não fosse a Roma, e esse conselho não envolve precisamente um apoio

ao *statu quo* actual. Ainda ha pouco se viu, por occasião das festas de 20 de setembro, que o corpo diplomatico acreditado em Roma, abstendo-se de illuminar e embandeirar, quiz dar um testemunho publico de que as potencias não applaudem o que se passa na capital do mundo catholico. O facto foi tanto mais notado e significativo quando é certo que revestiu o character de manifestação collectiva. Quando se falla no captiveiro do Vaticano, não se emprega uma metaphora: o Papa está realmente captivo, e é urgente restituir-lhe a liberdade. Um Papa captivo da Italia, sobre tudo quando ao Pontifice faltar a mais decidida independencia moral, é uma criação absurda e como tal rejeitada por todos. Em 1861, Guizot, refutando Cavour, desenvolvia esta proposição:

« Se ao menos a Igreja catholica fosse simplesmente uma Igreja italiana, se o catholicismo estivesse encerrado nos limites d'esse bello paiz,

Ch'Apennin parte e'l mar circonda, e l'Alpe;

d'esse paiz que Cavour emprehendeu conquistar todo para o Piemonte, teria havido algum motivo plausivel, alguma apparencia especiosa na sua linguagem; não teria tocado na ordem espirital senão onde estabelecia a unidade politica, e só a Igreja collocada sob a lei do novo Estado teria a soffrer. *Mas a Igreja catholica está em toda a parte, tanto fora como dentro da Italia, no antigo e no novo mundo; em toda a parte a abolição da soberania temporal do Papa mudaria a sua condição e feriria as suas liberdades...* Tomar, quanto á Igreja catholica, medidas que alteram em toda a parte a sua constituição e a sua situação, que abrangem os catholicos da França, da Allemanha, da Hespanha, da Inglaterra, da America, de todo o mundo como os da Italia, que preoccupam e inquietam os missionarios catholicos no meio das cidades da China e nas ilhas da Oceania como os sacerdotes e os fieis em Paris e em Madrid; tirar a todas essas Igrejas, a todas essas nações, a todas essas consciencias, perfeitamente estranhas ao reino italiano, a antiga soberania, as antigas garantias de independencia do chefe espirital da

sua religião, é, sem duvida alguma, um dos mais estranhos actos de usurpação que conhece a historia e que o espirito pode conceber... A Igreja catholica não tem papel algum nas idéas e nos actos que desordenam a sua organização e situação; não foi consultada nem escutada; soffre as vontades e os golpes dos conquistadores estranhos *que lhe põem a mão e a ferem, mesmo nos paizes onde não chegam as suas conquistas* » ¹).

É claro, portanto, que o facto que acaba de dar-se por forma nenhuma pode ser agradavel ao Quirinal, porque veio pôr novamente em relevo a sua pessima situação perante a Europa, evidenciou a dolorosa condição a que foi reduzido o Pontifice, e fez voltar as attencões da diplomacia para um negocio que carece de ser resolvido, e que não o pode ser de um modo favoravel á politica de Saboia.

Quer isto dizer que esteja proximo o restabelecimento do poder temporal do Summo Pontifice, como condição da sua liberdade e independencia? Por forma nenhuma. O futuro pertence a Deus. Esse restabelecimento pode estar proximo e pode ainda distar alguns annos. A historia da Igreja mostra-nos uma singularidade que não deve escapar ao pensador: as epochas de esplendor succedem-se rapidamente aos periodos de amargura, parecendo que Deus quer assim dar maior evidencia ao triumpho. Quem sabe se com o governo italiano e as suas imprudencias se estará verificando a philosophia da velha sentença — *Quos vult perdere Jupiter...* — ?

Evidentemente a posição do governo italiano é insustentavel, vendo frustradas todas as tentativas diplomaticas para se consolidar em Roma. Como e quando será resolvida a questão romana?...

*
* *
*

¹) *L'Église et la société chrétiennes en 1861*, por M. Guizot. Paris, 1861. Cap. XI. *L'Église catholique en Italie*, pag. 77 e seg.

Já depois de escripto o presente artigo, lemos na *Tarde* as seguintes informações de origem official, que confirmam alguma cousa do que atraz dizemos :

« A imprensa politica tem-se referido, com commentarios diversos, e nem sempre bem cabidos, á viagem de el-rei, especialmente na parte referente á Italia.

« Ao que nos consta, os factos passaram-se assim :

« Saindo el-rei do seu paiz, a visitar, pela primeira vez, depois que subiu ao throno, os chefes de alguns dos Estados que mais seguidas e importantes relações teem connosco, naturalmente indicada estava a sua ida á Italia ; mal parecia que, indo á Hespanha, á França, á Allemanha, á Inglaterra, nações, cujos interesses mais se defrontam com os nossos, não manifestasse sequer o desejo de, por essa occasião, abraçar o rei Humberto, seu tio, que tão benevola afeição lhe mostrara sempre.

« Por isso se annunciou a ida de el-rei á Italia, nem taes visitas se fazem sem que previamente se annunciem.

« Estava, então como hoje, o rei de Italia em Monza ; ali se propunha ir el-rei cumprimental-o, o que a intimidade do parentesco bem justificava e nenhuns attrictos de outra ordem suscitaria.

« Inspirando-se em considerações politicas, que não desejamos apreciar, entendeu o governo italiano dever aconselhar o rei Humberto a responder que só em Roma poderia receber o nosso monarcha.

« Recusar, sem que razões e circumstancias de facto viessem demonstrar a impossibilidade de ali se realizar a visita já annunciada, seria havido como acto de má vontade, pouco conforme com as intenções que haviam suggerido aquelle testemunho de amigavel deferencia : só factos determinados e positivos poderiam justificar o soberano portuguez de não ir ver seu tio, constituindo-lhe um impedimento absoluto, um verdadeiro caso de força maior.

« Foi precisamente o que succedeu. A noticia de que el-rei se dirigia a Roma, levou o Papa a, sem intimações nem ameaças, só com a expressão d'uma attribulada magua, dizer,

não pelo nuncio aqui, mas directamente pelo seu cardeal secretario, que consideraria a ida de el-rei a Roma como uma offensa pessoal, que não merecia a um paiz pelo qual, ainda nas circumstancias mais difficéis, mostrara tão viva e decidida sympathia.

« Perante isto não poderia o chefe d'uma nação catholica hesitar; entre uma simples visita de affeição e cumprimento, e uma offensa gratuita a quem tão cheio de benevolencia se mostrara sempre para comnosco, a consciencia e o bom senso traçavam naturalmente o caminho. As proprias relações de familia entre as duas côrtes, de Italia e Portugal, mais deviam facilitar a acceitação de explicações, franca e lealmente dadas.

« Entre os dois governos, a formula mais correcta, a que de nenhum modo poderia ferir susceptibilidades, era a d'um simples addiamento da viagem de el-rei a Italia, por motivos de occasião que nada tivessem com as questões debatidas entre o Quirinal e o Vaticano.

« Annunciar uma visita é um acto de boa vontade; se circumstancias ultteriores tolhem a sua realisação, prevenir, sob a fórmula mais amigavel, e sem referencias que possam despertar melindres, de que circumstancias de momento impedem que ella se realise quando se annunciára, é facto que nunca, entre nações como entre individuos, se pôde considerar um aggravado. »

F. A.



Missões do Cunéne Occidental

Exposição feita a S. Em.^{cia} o Sr. Cardeal Ledokowski,
Prefeito da Sagrada Congregação da Propaganda
pelo Rev.^{do} Padre José Maria Antunes em outubro de 1894

Eminencia

Tive já occasião de referir a V. Em.^{cia} nos relatorios de 1892 e de 1893, que acabam de decorrer para a missão do Cunéne tres annos d'uma crise extraordinaria, tal que de certo teria tolhido a acção dos missionarios, se a Providencia, que de continuo vela pelas suas obras, não tivera vindo em nosso auxilio d'um modo mui consolador; foi mormente na caridade de V. Em.^{cia} que achámos um auxilio efficacissimo para o proseguimento da obra que haviamos encetado; foi devido á valiosa cooperacção de V. Em.^{cia}, que podemos contar este anno nas nossas Missões quatro aldeias christãs, fructo de longos trabalhos e immensos esforços envidados por treze annos continuos.

Eis a applicação dada aos subsidios cujo total se eleva a 40:000 liras, postas generosamente por V. Em.^{cia} á nossa disposição:

Tomou-se cerca de metade d'essa somma, para o resgate de 200 escravos pouco mais ou menos, o que elevou o pessoal a mais de 500 creanças e adultos, educados christãmente na Missão.

Reservaram-se as restantes 20:000 liras para a manutença dos mesmos e para o desenvolvimento da Instituição de S. Bento de Tyvinguiro, que destino especialissimamente á formação da obra dos escravos resgatados com as esmolas da obra anti-esclavagista; terei logo occasião de chamar a attenção de V. Em.^{cia} a respeito d'esta Missão, e sujeitar ao alto criterio de V. Em.^{cia}

o plano que tenciono seguir para o seu pleno e perfeito desenvolvimento. No entretanto permitta-me V. Em.^{cia} que, fallando em primeiro logar da Missão Central de Huilla, me occupe em seguida das varias filiaes sob a sua dependencia.

I

Missão Central de Huilla

Nos orphanatos que tem para creanças de ambos os sexos, conta presentemente esta Missão 124 rapazes e 203 raparigas, o que dá um total de 327 creanças, na maioria resgatadas da escravidão.

Quasi sessenta d'estas creanças devem seu resgate ás esmolas com que a generosidade de V. Em.^{cia} houve por bem coadjuvar-nos.

O facto mais importante que desde ha um anno se deu n'esta Missão foi o estabelecimento da aldeia de S. José, formada por 6 familias educadas na Missão. Extendendo-se a oeste da mesma, confina esta aldeia com as nossas plantações; todas as casas são convenientemente construidas e estão alinhadas segundo um plano que se ha de continuar conforme o desenvolvimento da aldeia. Foi concedida a cada familia uma boa porção de terreno susceptivel de irrigação para as culturas indigenas; não escaceia o terreno felizmente, pois que, para o futuro alargamento d'esta obra, estamos de posse de quasi 2:000 hectares, pela maior parte aproveitavel para as culturas do paiz.

Graças ao subsidio concedido pelo governo, podemos este anno levantar duas construcções, para a boa installação das officinas de ferreiro, carpinteiro e marceneiro.

Edificou-se tambem uma capella no orphanato das irmãs; construcção simples mas elegante medindo 20 metros de comprimento por 7 de largura, que veio substituir a antiga capella que se tornára insufficiente.

Ha um mez, ao ausentar-me de Huilla, principiava-se na Missão a colheita do trigo. Tinham sido abundantes as chuvas; verdade é que os gafanhotos haviam apparecido no planalto de Huilla em maior quantidade que nunca; mas devido sem duvida ao voto feito ao Sagrado Coração de Jesus, ha tres annos, esses

terríveis devastadores, posto que tivessem assolado as plantações dos colonos de Humpata e do Lobango, em nada prejudicaram as nossas colheitas. Espera-se este anno uma colheita abundante, assim para a missão de Huilla como para as do Jau e de Tyivinguiro.

II

Missão de Tyivinguiro

Esta Missão, base das minhas esperanças pelo futuro das Missões do planalto, não teve até agora outros subsidios além do que V. Em.^{cia} se dignou conceder-nos. Conta ella 106 creanças resgatadas da escravidão mas creio que mais tarde poder-se-ha elevar o numero a 200.

Pensando seriamente em estabelecer no Tyivinguiro uma obra composta exclusivamente de creanças resgatadas da escravidão, que mais tarde possam constituir familias no paiz, entendi que a propriedade de 150 hectares já comprados era insufficiente; dei portanto novos passos afim de obter a aquisição de toda a propriedade de 200 hectares, que de facto hoje pertence por completo á Missão.

Mais tarde, ainda o governo da colonia concedeu gratuitamente em prol d'esta obra uma extensão de 500 hectares de terreno nos valles contiguos ao Tyivinguiro, de modo que possuímos hoje em dia um total de 700 hectares, em valles banhados por numerosos regatos.

Alimentamos a esperança de que no fim do anno corrente poderemos ter 30 a 40 hectares de terreno cultivado, o que com certeza representa uma grande somma de trabalho para o espaço relativamente curto de 3 annos.

Erigimos o anno passado uma capella provisoria podendo conter 150 pessoas; n'ella collocámos uma imagem de tamanho natural do nosso padroeiro o Patriarcha S. Bento, que é objecto da confiança, respeito e devoção dos nossos pretinhos. Apesar dos nossos poucos recursos podêmos além d'isso construir uma granja, um forno para o fabrico da cal, uma loja de ferreiro e outra de marceneiro.

Fundou se aqui egualmente uma aldeia de seis familias segundo um plano identico aos da do Jau e de Huilla; occupa ella

o declive d'uma collina que em honra da Gloriosa Irmã do Grande Patriarcha, chamamos Santa Escholastica. Esta aldeia, fronteira á collina da Missão e formando com ella um conjuncto em extremo pittoresco e agradabilissimo á vista, constitue as primicias do centro da população christã que pouco a pouco, n'este bello e poetico valle se irá agrupando em torno da Missão.

Para complemento d'esta obra é mister ainda um elemento que lhe será annexo desde que nol-o permittam os recursos: é um orphanato de meninas indigenas, dadas tambem á agricultu-sob a direcção das irmãs de S. José, á maneira do de Huilla, d'onde sahirá o pessoal necessario para esta instituição.

Por isso que desejamos estabelecer em solidos alicerces esta obra tão magnifica e tão esperançosa, ousamos implorar da generosidade de V. Em.^{cia} o subsidio necessario para levar a cabo este intento. Que bem immenso não ha-de produzir no meio das tribus selvagens de Batabata, Luala, Humpata e Vandombe, um povo christão, habitando um valle fertil e agrupado em aldeias junto aos Missionarios, em quem achará sempre o ensino preciso, o bom exemplo e desvelada protecção? Já todos os indigenas pagãos das circumvisinhanças frequentam a Missão, na qual depõem a maior confiança; já agora começam a offerecer seus filhinhos para n'ella serem educados, se bem que não decorreram ainda tres annos desde o nosso estabelecimento em Tyivinguiro!

Assim que estiver pois em nossas mãos a educação de toda a juventude do paiz, não poderemos por ventura preparar por meio d'uma nova geração, a futura conversão de todo este gentio?

III

Missão do Jau

Tem esta missão uma aldeia composta de 8 familias, fundada ha quatro annos; todas estas familias são para nós motivo de grande consolação, pois que as vemos possuidas de bons sentimentos e fervor religioso. Frequentam os sacramentos todos os mezes, e apesar da propensão por assim dizer irresistivel do negro para o vicio da embriaguez, nem um só caso d'este genero se deu ainda entre os nossos christãos. Não sómente trabalham

com actividade, mas até amam o trabalho; não ha em toda a aldeia do Jau uma só familia que não possua cerca de dois hectares de terreno perfeitamente cultivado.

É tambem no Jau que estabelecemos um asylo para creancinhas; são hoje quarenta os asylados, todos de idade inferior a sete annos. A par d'esta, ha ainda outra obra, um orphanato de creancas indigenas presentemente em numero de quinze. Tem, pois, esta Missão juntamente com a aldeia um pessoal christão de 80 pessoas.

IV

Missão de Kihita

No relatorio do anno passado exprimia eu a V. Em.^{cia} o ardentissimo desejo de vêr estabelecida uma Missão entre os bons selvagens de Kihita. Tinha-me animado muito a emprender essa fundação uma curta viagem de que tive a honra de apresentar a V. Em.^{cia} a relação circumstanciada. Achava este povo com tão boas disposições, que apezar da nossa situação precaria, julguei dever ir em soccorro de suas almas.

No principio d'este anno visitei segunda vez Kihita, e então me dicidi definitivamente a emprender tal fundação, tanto mais que o sr. Bispo d'Angola bem como o Governador Geral da Provincia, me incitaram muito á realisção d'este intento, dignando-se conceder-me um subsidio para os primeiros trabalhos de installação.

Escolheu-se cuidadosamente o local, um esplendido valle nas margens do Kakulovar, comprehendendo 1:000 hectares de excellente terreno, cedido pelo Governo assim para a fundação e futuro desenvolvimento da Missão, como tambem para mais tarde ali se estabelecer uma aldeia christã. Ao principiari o anno corrente dava-se começo ás construcções d'esta obra, que punhamos sob a protecção e salvaguarda do Archanjo S. Miguel.

As chuvas muito mais abundantes que de costume, obstaram muito ao bom andamento das construcções, causando muitos soffrimentos e privações para os missionarios; mas passadas que foram, a obra adiantou rapidamente, de modo que em setembro ultimo estava já terminada um casa para residencia dos missio-

narios, uma capella, um armazem, e uma casa de 30 metros de comprimento, destinada a abrigar as seis familias, primeiros moradores da aldeia a fundar já este anno.

Tão grande é já a confiança que esta Missão, situada no ponto mais central de todo o planalto de Huilla, inspira aos indigenas, que o rei da tribu quiz approximar-se de nós e transportar a còrte para junto da Missão, afim de viver sob a protecção e direcção dos missionarios.

V

Seminario Collegio de Huilla

Esta Instituição contribue mui poderosamente para a regeneração dos pobres pretos d'Africa, pois aqui se formam padres, catechistas, mestre-escolas, etc.

D'entre os alumnos, presentemente 80, na maioria pretos de raça, ha tres que cursam o terceiro anno de theologia, e uma duzia de latinistas; os restantes estudam ainda Instrucção Primaria.

O anno passado os habitantes das ilhas de S. Thomé e Principe affluiram em grande numero; varios alumnos d'estas ilhas vieram frequentar o nosso Seminario Collegio, quer para seguir o estado ecclesiastico, que para receber uma educação christã.

É ainda grata a estes bons pretos de S. Thomé a memoria dos religiosos de santo Agostinho, que outr'ora evangelisaram seus antepassados, e, apesar de reinarem na ilha costumes cuja perversidade, occasionada pelo estado de abandono religioso em que jaz desde quasi ha um seculo, excede todo o limite, querem todavia que seus filhos sejam educados christãmente, e á educação que se ministra nos Collegios de Lisboa, preferem a d'este Seminario Collegio.

VI

Porvir da Missão

As chuvas abundantes que tivemos este anno levam-nos a crêr que abre de novo uma epocha de prosperidade, após a terrivel fome que durante alguns annos tem grassado em todo o planalto de Huilla.

Graças ás benções de Dens e á inexgotavel caridade e grande generosidade de V. Em.^{cia} para comnosco, durante a lucta desastrosa que nos foi mister sustentar contra esse flagello, não tivemos de vêr tolhidas nossas obras já existentes, mas podémos até proseguir no seu desenvolvimento, e lançar as bases de duas outras missões, que as presentes circumstancias reclamavam imperiosamente: a do Tyivinguiro destinada a ser como que o celleiro das demais missões, e a de Kihita a cuja fundação eramos por assim dizer obrigados, attendendo ao ardente desejo d'este povo pelo estabelecimento dos missionarios em seu paiz, desejo que manifestaram já ha mais de quatro annos, e se accentuou sobretudo por occasião da minha primeira viagem a essa região em 1893.

É verdade que não penetrámos muito para o interior; mas será facil a V. Em.^{cia} o comprehender que uma tal tentativa teria sido mallograda, visto os nossos poucos recursos o os annos de crueis provações que acabam de decorrer.

Mas, se não esteve em nosso poder o internarmo'-nos muito, podémos não obstante consolidar as obras que já tinhamos, admittindo grande numero de creanças e começando tres aldeias christãs.

Com effeito, eis em resumo as obras já pertencentes á Missão, que apenas conta treze annos de existencia:

Em Huilla: 1 orphanato de rapazes em numero de 127.

1 orphanato de raparigas, cujo numero sobe a 200.

1 Seminario Collegio frequentado por 80 alumnos.

No Tyinvinguiro: uma granja agricola com 106 pessoas.

No Jau: 1 asylo contendo 40 creanças.

1 orphanato com 16 meninos.

4 aldeias christãs — numero de habitantes, 58. Total: 627.

Eleva-se a 43 o numero de Missionarios, assim repartidos: Padres, 16.

Irmãos auxiliares, 20.

Irmãs da missão, 9.

Além das Missões propriamente ditas, parochiamos nós as freguezias de Chibia, Humpata, Huilla e Capangombe, compostas na totalidade de perto de 2:000 christãos emigrados da ilha da

Madeira, e d'um milhar de pretos baptisados, que na maior parte desconhecem completamente os deveres religiosos.

É nos christãos educados nas nossas Missões que firmamos a esperança de poder um dia regenerar as tribus do planalto de Huilla, sitas áquem do Rio Cunêne que não tem menos de 700 mil a 800:000 habitantes.

Mais dez annos ainda e acalentamos a doce esperança de termos educado christãmente e consorciado um milhar de christãos, constituindo 15 a 20 aldeias, agrupadas em torno d'uma duzia de Missões, existindo já felizmente as quatro primeiras.

A fundarem-se estas doze Missões na mesma linha mediando apenas entre ellas uma distancia de dois a tres dias de marcha, isto é, 20 leguas, acaso não constituirão ellas centros de christandades, que se irão extendendo a uma distancia de 220 leguas para o interior?

Este plano é susceptivel de realisação, visto que dentro de doze annos podemos estabelecer as obras de que se compõem actualmente as nossas Missões, e que representam sem duvida um trabalho superior á fundação de uma duzia de Missões, que é tudo quanto é preciso para penetrar até ao Barotze, no coração mesmo da Africa.

Por essa razão, ousou chamar a attenção de V. Em.^{cia} para o bem que se póde realisar n'esta parte da Africa a nós confiada, e pedir-lhe que haja por bem auxiliar-nos tanto quanto possivel.

Terminada a exposiçào do nosso futuro plano para a evangelisação d'esta região, rogo a V. Em.^{cia} queira continuar a beneficiar nossos pobres escravos, afim de que por meio d'elles, possamos estender cada vez mais o dominio de Nossa Santa Fé e o Reino de Jesus Christo.

Digne-se V. Em.^{cia} aceitar a homenagem do mais profundo acatamento, com que sou e me assigno,

De V. Em.^{cia}

Servo o mais humilde e reconhecido

S.^o José Maria Antunes.

da Congregação do Espirito Santo e do Sagrado Coração de Maria
— Superior das Missões do Cunêne Occidental.

A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa

CAPITULO PRIMEIRO

Causa principal da queda do poder temporal

I

(Continuação de pag. 11)

Leia-se ainda o seguinte documento, que, além de encerrar as mais terminantes confissões, mostra a causa e o modo por que se procura atacar o Papado. É a instrução da Loja Suprema d'esses sectarios que se attribuiram por missão principal, não destruir os reinos pelas agitações e assassínatos á moda de Mazzini e dos seus *carbonari*, mas atrahir a si o clero, e, segundo elles diziam, fazer a educação moral da Igreja. Reproduzimos-a na integra apesar da sua extensão, porque não se affasta do nosso assumpto tanto como á primeira vista parece; tudo o que respeita á franco-maçonaria e ás sociedades secretas tem uma relação muito directa, não só com a questão religiosa, mas ainda com a questão especial do poder temporal. Tenha o leitor a paciência de ler tudo e pese bem os termos. Os adversarios que vamos ouvir não são homens vulgares; são altas intelligencias absolutamente pervertidas. Nos escriptos de que a policia

romana conseguiu apoderar-se encontram-se segredos que não devem ser inúteis para as pessoas honestas. Vejamos:

« Desde que nos achamos estabelecidos em corpo de acção e desde que a ordem começa a reinar na *Venda* mais remota como na mais approximada do centro, ha um pensamento que sempre preoccupou profundamente os homens que aspiram á regeneração universal: é o pensamento da libertação da Italia, que ha de produzir um dia a libertação do mundo inteiro, a Republica fraternal e a harmonia da humanidade.

« Este pensamento ainda não foi attingido pelos nossos irmão d'alem dos Alpes. Julgam elles que a Italia revolucionaria nada mais pode fazer que conspirar na sombra, vibrar algumas punhaladas em esbirros ou traidores e soffrer tranquillamente o jugo dos acontecimentos que alem dos montes se realisam relativamente á Italia, mas sem a Italia. Este erro já nos foi fatal por varias vezes. Não devemos combater-o com phrases, porque isso seria propagal-o; é preciso destruil-o com factos. Assim, entre os cuidados que especialmente agitam os espiritos mais vigorosos das nossas *Vendas*, ha um que nunca devemos esquecer.

« O Papado exerceu em todos os tempos uma acção decisiva nos negocios da Italia. Pelo braço, pela voz, pela penna, pelo coração dos seus innumeraveis bispos, sacerdotes, frades, religiosos e fieis de todas as latitudes, o Papado encontra dedicações sempre dispostas ao martyrio e ao enthusiasmo. Em toda a parte onde lhe apraz invocal-os, encontra amigos que morrem, outros que por elle se despojam de todos os bens. É uma alavanca immensa, cuja força foi apreciada só por alguns Papas, e ainda esses só usaram d'ella dentro de certos limites. Hoje não se trata de reconstituir para nós esse poder, cujo prestigio está momentaneamente enfraquecido; o nosso fim ultimo é o de Voltaire e da Revolução franceza, *o anniquilamento definitivo do catholicismo e até da idéa christã, que, conservando-se de pé sobre as runas de Roma, havia de perpetual-o mais tarde*. Mas, para attingir com mais certeza esse fim e evitar os revezes que adiam

indefinidamente ou compromettem attravez dos seculos o exito de uma boa causa, não devemos dar ouvidos aos jactanciosos francezes, nem aos nebulosos allemães, nem aos merencorios inglezes, que imaginam todos matar o catholicismo, ora com uma canção impura, ora com uma deducção illogica, ora com um grosseiro sarcasmo que passa de contrabando como os algodões da Gran Bretanha. O catholicismo tem mais vida que tudo isso. Tem achado mais implacaveis e mais terriveis adversarios, e muitas vezes dá-se ao perfido prazer de aspergir com agua benta o tumulto dos mais obstinados. Deixemos pois que os nossos irmãos d'esses paizes se entreguem aos estereis destemperos do seu zelo anti-catholico, deixemol-os rir das nossas madonas e da nossa devoção apparente. Com este passaporte podemos conspirar muito á nossa vontade e chegar pouco e pouco ao termo que nos propomos.

« Ora ha dezeseis seculos que o Papado está ligado á historia da Italia. A Italia não se pode mover nem respirar sem auctorisação do Pastor supremo. Com elle, tem os cem braços de Briareu; sem elle está condemnada a uma impotencia que causa dó. Só tem divisões a fomentar, odios a desenvolver-se, hostilidades a surgirem desde os Alpes ao extremo dos Apenninos. Não podemos querer semelhante estado de cousas; importa pois procurar um remedio para esta situação. O Papa, quem quer que seja, nunca entrará nas sociedades secretas; ás sociedades secretas pertence darem o primeiro passo para a Igreja a fim de os vencerem a ambos.

« O trabalho que vamos emprehender não é obra de um dia, nem de um mez, nem de um anno; pode durar alguns annos, talvez um seculo; mas nas nossas fileiras morre o soldado e continúa o combate.

« Nós não queremos ganhar os Papas para a nossa causa, fazer d'elles neophytos dos nossos principios, propagadores das nossas idéas. Isso seria um sonho ridiculo, e de qualquer forma que marchem os acontecimentos, embora alguns cardeaes ou prelados, por exemplo, tenham entrado de boa-

mente ou de surpresa n'uma parte dos nossos segredos, não ha motivo para desejar a sua elevação á cadeira de Pedro. Essa elevação havia de perder-nos. Só a ambição os podia ter levado á apostasia: depois a necessidade do poder forçava-os a sacrificar-nos. O que devemos pedir, o que devemos procurar e esperar, como os judeus esperam o Messias, é um Papa amoldado ás nossas necessidades. Alexandre VI, com todos os seus crimes particulares, não nos conviria, porque nunca errou nas materias religiosas. Pelo contrario, um Clemente XIV, seria o nosso homem. Borgia era um libertino, um verdadeiro sensualista do seculo XVIII. Apesar dos seus vicios foi anathematisado por todos os vicios da philosophia e da incredulidade, e deve esse anathema ao vigor com que defendeu a Igreja. Ganganelli entregou-se de pés e mãos atadas aos ministros dos Bourbons que lhe causavam medo, aos incredulos que celebravam a sua tolerancia, e Ganganelli tornou-se um grande Papa. Era pouco mais ou menos n'estas condições que nós queriamos um, se fosse possivel. Assim marchariamos com mais segurança ao assalto da Igreja que com os pamphletos dos nossos irmãos de França e da Inglaterra. Quereis saber a razão? É que assim, para quebrar a pedra em que Deus assentou a sua Igreja não precisavamos polvora nem braços. Temos o dedo minimo do successor de Pedro envolvido na conspiração, e, n'esta cruzada, esse dedo vale por todos os Urbanos II e por todos os S. Bernardos da christandade.

« Não duvidamos de que havemos de chegar a esse termo supremo dos nossos esforços, mas quando? mas como? A incognita ainda não se revela. Todavia, como nada deve affastar-nos do plano traçado, e pelo contrario tudo em nós deve tender para elle, como se já amanhã devesse o triumpho coroar a obra apenas esboçada, queremos n'esta instrução, que será secreta para os simples iniciados, apresentar aos directores da Loja Suprema conselhos que deverão inculcar á universalidade dos irmãos, em forma de circular ou de *memorandum*. Importa principalmente, por uma discreção cujos motivos são transparentes, nunca deixar presentir que

esses conselhos são ordens emanadas da Loja. Trata-se directamente do clero, e não se pode actualmente brincar com elle como com um d'esses reis ou principes insignificantes que se podem fazer desaparecer ao menor sopro.

« Pouco ha a fazer com os velhos cardeaes ou com os prelados cujo character é decidido. Convem deixal-os incorrigiveis, á escola de Consalvi, e empregar armas que tornem ridiculo ou inutil o poder nas suas mãos. Uma palavra habilmente inventada e artificiosamente espalhada em certas familias honestas escolhidas, para d'ahi passar aos cafés e dos cafés á rua, uma palavra pode ás vezes matar um homem. Se um prelado chega de Roma para exercer alguma funcção publica nas provincias, convem conhecer-lhe logo o character, os antecedentes, as qualidades, especialmente os defeitos. É um inimigo declarado? Um Albani, um Pallata, um Beroetti, um della Gerga, um Rivasola? Envolvei-o em todos os laços que poderdes lançar-lhe aos pés; creae-lhe uma d'essas reputações que assustam as creanças e as velhas; pintae-o cruel e sanguinario; contae algum facto de crueldade que possa facilmente gravar-se na memoria do povo. Quando os jornaes estrangeiros se fizerem echo d'essas narrativas que por seu turno hão de adornar e augmentar (de certo em homenagem á verdade), mostrae ou antes mandae mostrar por algum respeitavel imbecil essas folhas onde veem os nomes e os excessos forjados dos personagens. Como a França e a Inglaterra, a Italia ha de ter sempre pennas que sabem architectar mentiras uteis á boa causa. O povo não precisa de outras provas, quando ouvir o nome do seu juiz ou do seu delegado em um jornal cuja lingua muito embora não comprehenda. Está na infancia do liberalismo e acredita nos liberaes, como mais tarde ha de acreditar em nós sem saber-mos porquê.

« Esmagae o inimigo quem quer que elle seja, esmagae o poderoso á força de maledicencias ou calumnias, mas esmagae-o ao nascer. É á mocidade que nos devemos dirigir; é a ella que devemos seduzir e arrastar, sem que sequer o suspeite, para sob a bandeira das sociedades secretas. Para

avançar a passos medidos mas seguros n'este caminho perigoso, são absolutamente necessarias duas cousas. Deveis mostrar-vos simples como as pombas, mas sereis prudentes como a serpente. Os vossos paes, filhos e mulheres devem ignorar sempre o segredo que trazeis no seio; e se quizerdes confessar-vos muitas vezes, para melhor illudir a vigilancia inquisitorial, estaes de direito auctorisados a guardar o mais absoluto silencio a respeito d'estas cousas. Sabeis que a menor revelação, o mais pequeno indício que vos escape no tribunal da penitencia ou em qualquer outro logar, pode arrastar grandes calamidades, e o revelador voluntario ou involuntario assigna por essa forma a sua sentença de morte.

« Ora, para conseguirmos um Papa nas condições exigidas, trata-se primeiramente de preparar para esse Papa uma geração digna do reinado que sonhamos. Ponde de parte a velhice e a idade madura; dirigí-vos á mocidade, e, se fôr possível, á infancia. Nunca deveis ter para ella uma palavra de impiedade ou impureza: *Maxima debetur puero reverentia*. Não deveis esquecer estas palavras do poeta, porque nos servirão de salvaguarda contra licenças de que deveis abster-vos para interesse da causa. Para que ella fructifique no seio de cada familia, para conseguirdes um asylo no lar domestico, deveis apresentar-vos com todas as apparencias do homem grave e moral. Uma vez estabelecida a vossa reputação nos collegios, nos gymnasios, nas universidades e nos seminarios, desde que tiverdes captado a confiança dos professores e dos estudantes, fazei com que procurem as vossas conversas especialmente aquelles que se alistam na milicia clerical.

« Alimentae-lhes o espirito com o antigo esplendor da Roma papal. Existe sempre no fundo do coração de um italiano uma saudade pela Roma republicana. Confundí habilmente essas duas declarações. Excitae, incendiae essas naturezas tão cheias de incandescencia e de patriotico orgulho. Offerecei-lhes primeiro, mas sempre em segredo, livros inoffensivos, poesias esplendorosas de emphase nacional; depois trazei pouco e pouco os vossos discipulos ao ponto desejado.

Quando esse trabalho de todos os dias tiver espalhado as nossas idéas, como a luz, em toda a classe ecclesiastica, então podereis apreciar a sabedoria do conselho que vos apresentamos.

« Os acontecimentos, que a nosso vêr se precipitam, vão necessariamente provocar d'aqui a alguns mezes uma intervenção armada da Austria. Ha loucos que de boa fé lançam os outros no meio dos perigos, e esses loucos, n'uma hora dada, arrastam sempre os prudentes. Nada está maduro, nem os homens nem as cousas, e nada o estará ainda d'aqui a muito tempo; mas d'essas desgraças podereis tirar facilmente uma nova corda para fazer vibrar ao coração do clero novo. Será o odio ao estrangeiro. Fazei com que o allemão seja ridiculo e odioso antes mesmo da sua vinda. Á idéa de supremacia pontificia juntae sempre a recordação das guerras do sacerdocio e do imperio. Ressuscitae as paixões mal extinctas dos Guelfos e Gibelinos, e assim conseguireis facilmente uma reputação de bom catholico e de patriota puro.

« Essa reputação dará accesso ás nossas doutrinas no seio do clero novo, como no interior dos conventos. Dentro de poucos annos, o clero novo, pela força das cousas, terá invadido todas as funcções; ha de governar, administrar, julgar; formará o conselho do soberano, será chamado a escolher o Pontifice que ha de reinar, e esse Pontifice, como a maior parte dos seus contemporaneos, estará necessariamente mais ou menos imbuído dos principios italianos e humanitarios que vamos lançar na circulação. É um pequeno grão de mostarda que confiamos á terra, mas o sol das justicas ha de desenvolvê-lo até ao mais alto poder, e vereis um dia como esse grão ha de produzir uma abundante colheita.

« No caminho que traçamos aos nossos irmãos encontram-se grandes obstaculos a vencer, difficuldades de mais de uma especie a superar. De tudo se ha de triumphar pela experiencia e pela perspicacia; mas o fim é tão bello que convém desfraldar todas as velas ao vento para o conseguir. Quereis revolucionar a Italia: procurae o Papa cujo retrato açabamos de fazer. Quereis estabelecer o reinado dos eleitos

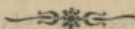
no throno da prostituida de Babylonia : é preciso que o clero marche sob a vossa bandeira, julgando marchar sob a bandeira dos Chefes apostolicos. Quereis fazer desaparecer o ultimo vestigio dos tyrannos e dos oppressores : lançae as vossas redes como *Simão Barjona* ; lançae-as ao fundo das sacristias, dos seminarios e dos conventos antes que ao fundo do mar, e, se não vos precipitardes, tereis uma pesca mais miraculosa que a d'elle. O pescador de peixes tornou-se pescador de homens ; contareis amigos em volta da cadeira apostolica. Tereis pescado uma revolução de tiara e pluvial, marchando com a cruz e a bandeira á frente, uma revolução que, um pouco excitada, bastará para incendiar o mundo inteiro.

« Portanto, cada acto da vossa vida deve tender para a descoberta d'essa pedra philosophal. Os alchimistas da idade media perderam o seu tempo e o ouro das suas victimas na investigação d'esse sonho. O sonho das sociedades secretas realisar-se-ha pela mais simples das razões : *é que assenta nas paixões do homem*. Não nos desanimemos, pois, com um revez nem com uma derrota ; preparemos as nossas armas no silencio das lojas ; levantemos todas as nossas baterias, lisongeemos as peores paixões como as mais generosas, e tudo nos leva a crer que esse plano ha de sortir muito maior effeito que todos os nossos calculos mais improvaveis ¹⁾. »

Esta circular encerra conselhos e declarações muito importantes, sob o ponto de vista do assumpto que tratamos. Assim o devem ter notado os leitores.

(Continúa).

P. G., advogado.



¹⁾ Traduzido em portuguez segndo a versão do italiano em francez por Crétineau-Joly na sua obra — *L'Eglise Romaine en face de la Révolution*, t. II, pag. 72.

CARTA DE LEÃO XIII

AO

CARDEAL RAMPOLLA

SOBRE AS FESTAS CELEBRADAS EM ROMA NO DIA 20 DE SETEMBRO

Senhor Cardeal:

As extraordinarias manifestações politicas, cujos ultimos echos mal acabam de extinguir-se nas ruas da cidade, levam-Nos a dirigir-vos sobre este assumpto algumas palavras, não tanto para exprimir as tristezas da nossa alma, como para assignalar a gravidade do facto e as intenções que o inspiraram.

Parecia-Nos, na verdade, que, em razão d'esse sentimento de humanidade e ao mesmo tempo de decoro, que subsiste mesmo nos espiritos excitados pela paixão, poderiamos esperar algumas considerações, ao menos pela Nossa velhice. Mas quizeram, pelo contrario, prescindir rudemente d'essa circumstancia até ao ponto de Nos quererem tornar o alvo immediato da apotheose da revolução italiana e da espoliação da Santa Sé, que é a sua ultima consequencia.

Habitado, pela graça de Deus, ao soffrimento e ao perdão, olvidamos a affronta feita á Nossa pessoa, tanto mais que, para suavisar a Nossa presente amargura, temos visto manifestar-se espontaneamente a piedade das nações catholicas, entre as quaes a Italia, que se assignalou por generosos protestos e preciosissimos testemunhos d'affeição.

Mas o que Nos commove e afflige é a solemnidade da offensa aos direitos da Sé apostolica e a manifesta intenção de perpetuar em vez de attenuar um conflicto, cujos desastrosos effeitos são incalculaveis.

A gravidade do acto, evidente por si mesma, é ainda posta em relevo pelas declarações dos seus promotores e d'aquelles que o têm enaltecido. Glorificando, como se viu, o acontecimento de 1870, propozeram-se primeiro que tudo assegurar os fructos da conquista e dar a entender á Italia e ao mundo inteiro que o Pontifice, emquanto d'elles depender, deve resignar-se d'ora ávante a um captiveiro sem esperança de liberdade.

E ainda isto não é tudo. Quizeram ainda dar um passo a mais para um ideal essencialmente anti-religioso. Com effeito, o fim supremo da occupação de Roma, não diremos no espirito de todos os que n'ella cooperaram, mas nas intenções dos sectarios que foram os seus primeiros promotores, não se conseguiu, pelo menos completamente, com a unificação politica.

Não: este acto de violencia, que na historia tem poucos exemplos, devia, nos decretos da seita, servir de meio e ser o preludio d'uma empreza mais tenebrosa. Se se deram as mãos para derrubarem as muralhas da cidade civil, foi para melhor destruirem a cidade sacerdotal; e para poderem atacar de perto o poder espirital dos Papas começaram por destruir a muralha terrestre.

Em summa, quando lograram impôr-se ao povo romano, a esse povo que até ao ultimo momento permaneceu fiel ao seu soberano, resistindo valorosamente a poderosas e incessantes sollicitações vindas de fóra, alimentavam o projecto de mudar os destinos da cidade privilegiada, de a transformar e de a fazer pagã, ao que, no seu calão, combinaram chamar a terceira Roma, d'onde irradiasse, como d'um centro, uma terceira civilização.

Effectivamente, nada teem omittido, ainda mais do que exteriormente parece, para realisar esse funesto designio. Ha já 25 annos que, olhando em volta de si, Roma vê senhores dos seus destinos os adversarios das instituições e das crenças christãs. Vê propagadas as mais perversas doutrinas; a pessoa e o ministerio do Vigario de Deus impunemente desprezados; o livre pensamento oppondo-se ao dogma catholico; a séde maçonica á Cadeira de S. Pedro. E é preci-

samente a este nefasto conjuncto de idéas e de factos que recentemente se pretendeu dar um simulacro de direito e de estabilidade, pondo-lhes o sello d'uma lei nova e celebrando-os com ruidosas manifestações, abertamente dirigidas pela seita inimiga de Deus. É este o triumpho da causa italiana, ou antes o advento da apostasia?

A justiça está tão segura do triumpho final como Roma da immutabilidade dos seus altos destinos. Mas, no entretanto, aquella é calcada aos pés, estes são contrariados pela conspiração de associações perversas e pela obra insensata dos que as favorecem.

E que proveito resulta d'aqui para a nação? A conquista de Roma foi preconizada, aos olhos dos povos italianos, como a aurora da salvação e penhor de futura prosperidade. Não investigaremos se os acontecimentos teem confirmado a promessa, no que respeita a bens materiaes. Mas o que é certo é que esta conquista, uma vez realisada, dividiu moralmente a Italia, em lugar de a unir.

É um facto que, durante este tempo, as ambições de todo o genero tornaram se cada vez mais audaciosas; a corrupção de costumes e consequente enfraquecimento da fé religiosa foram augmentando á sombra do direito publico; as prevaricações das leis humanas e divinas multiplicaram-se; viu-se crescer em numero e em força os partidos extremos e as turbas irrequietas, conjuradas para derrubar, até em seus fundamentos, a ordem civil e moral.

No meio d'estes males, sempre crescentes, vê-se, não apaziguar-se, mas tornar-se mais violenta a guerra a esta divina instituição, em que devia repousar a esperança do maior e mais seguro remedio. Falamos da guerra feita á Egreja, e particularmente ao seu Chefe visivel, ao qual foi arrebatado o seu poder civil é simultaneamente a autonomia, não menos conveniente á dignidade do Pontifice que necessaria á liberdade do ministerio apostolico.

E é debalde que se tem recorrido a expedientes legislativos. Nenhuma disposição juridica poderá jámais conferir a verdadeira independencia sem uma jurisdicção territorial. A situação que affirmam haver-Nos garantido não é a que

se Nos deve e a que necessitamos : não é uma independencia effectiva, mas apparente e ephemera, porque é subordinada ao capricho d'outrem. Esta especie de independencia pode ser tirada por aquelle que a deu : hontem decretou-a, amanhã pode supprimil-a. Não temos visto ultimamente pedir por uma parte, e quasi prometter por outra, de uma maneira ameaçadora, a derogação das chamadas garantias Pontificias ?

Mas, nem as ameaças, nem os sophismas, nem as inconvenientes accusações de ambição pessoal poderão fazer calar em Nós a voz do dever.

Qual é, qual deve ser a verdadeira garantia da independencia Pontificia, poude ver-se de ante-mão, a partir do momento em que o primeiro Cezar christão decidiu trasladar para Bisancio a séde do imperio. Desde aquelle tempo até ás edades mais proximas de nós, nunca nenhum d'aquelles que teem sido os arbitros dos negocios italianos fixou em Roma a sua séde. Assim nasceu e viveu o estado da Egreja, não por obra do fanatismo, mas por disposição da Providencia, reunindo em si os melhores titulos que podem tornar legitima a posse d'uma soberania, isto é, o amor e a gratidão dos povos, enriquecidos de beneficios, o direito das gentes, o assentimento espontaneo da sociedade civil e o suffragio dos seculos. Na mão dos Pontifices o sceptro não foi nunca um obstaculo para o baculo pastoral.

Empunhavam, effectivamente, o sceptro os Pontifices Nossos predecessores que tanto brilharam pela santidade da vida e excellencia do zelo. Foi a elles que muitas vezes se recorreu para terminar os mais arduos litigios, e foram elles que opposeram victoriosamente a sua inquebrantavel vontade aos caprichos exorbitantes dos poderosos ; que, em circumstancias perigosas, salvaram na Italia o thesouro da Fé, e que propagaram do Oriente ao Occidente a luz da civilisação christã e os beneficios da Redempção.

E se hoje, apesar das condições difficeis e duras, o Pontificado prosegue o seu caminho por entre o respeito das nações, que não se attribua á falta d'este soccorro humano, mas antes á assistencia da graça celeste, que não faltou nunca ao Soberano Pontifice. Poderia dizer-se que os maravilhosos

progressos da Igreja adolescente foram também obra das perseguições imperiaes?

Quizeramos que estas verdade fossem melhor comprehendidas pelo senso pratico dos italianos. Não falamos dos que estão extraviados pelas falsas doutrinas, ou ligados pelos laços da seita; mas d'aquelles que, estando livres d'essas peias e não querendo ser cegos adeptos d'essas doutrinas, teem o espirito obscurecido pela paixão politica. Oxalá que elles comprehendam quanto é pernicioso e insensato opporem-se aos verdadeiros designios da Providencia, e obstinarem-se n'um desaccordo que só aproveita aos manejos das facções audazes, e mais ainda aos inimigos do nome christão.

Foi para a nossa Peninsula um especial privilegio e uma grande felicidade o ter sido escolhida entre mil para guardar a séde Apostolica; e todas as paginas da sua historia testemunham a abundancia de bens e o augmento de gloria de que fôï sempre origem a solicitude immediata do Pontificado Romano. Ter-se ha porventura transformado o character d'este Pontificado ou enfraquecido a efficacia da sua acção? Mudam as coisas humanas; mas a virtude benefica do magisterio supremo da Igreja, porque vem do alto, permanece sempre a mesma.

Além d'isto, estabelecido para durar tanto como os seculos, elle segue com uma vigilancia cheia d'amor a marcha da humanidade, e não recusa, como falsamente pretendem os seus detractores, accommodar-se tanto quanto possivel ás necessidades razoaveis dos tempos.

Se os italianos nos prestassem docil attenção, se procurassem nas tradições dos antepassados e na consciencia dos seus verdadeiros interesses a coragem para sacudir o jugo maçónico, Nós abríriamos a alma ás mais doces esperanças relativamente a esta terra italiana, tão ternamente amada. Mas se o contrario acontecer, por doloroso que nos seja dizel-o, não podemos presagiar mais que novos perigos e novas ruinas.

Com a effusão d'um particular affecto vos concedemos, senhor Cardeal, a benção apostolica.

Do Vaticano, em 8 de outubro de 1895.

LEÃO XIII, PAPA.

V A R I A

Causas do socialismo. — Em um dos ultimos numeros da *Revue Politique et Parlementaire* publicou o sr. Edmond Viley, decano da faculdade de Direito de Caen, um notavel artigo acérca das *causas moraes e sociaes do socialismo contemporaneo*. Estudo profundo, consciencioso, reflectido, o artigo do illustre professor encerra observaões e conselhos salutareos, dignos de serem meditados por todos aquelles que em maior ou menor escala influem nos destinos da sociedade, ao mesmo tempo que expõe a questão com uma largueza de vistas verdadeiramente superior.

Ora, entre as causas da onda socialista que ameaça submergir a sociedade n'um abysmo de luctas interminaveis, enuméra o sr. Edmond Viley o enfraquecimento das creanças religiosas e das idéas moraes, que se reflecte em toda a engrenagem da sociedade contemporanea. Eis as observaões que a este respeito faz o distincto publicista :

« O enfraquecimento das creanças religiosas e das idéas moraes é provavelmente a causa mais activa do antagonismo social, porque obra em todas as classes da sociedade e em *todos os laços naturaes*.

« Montesquieu disse : « Causa admiravel ! A religião christã, que parece ter por unico objecto a felicidade da outra vida, faz a nossa felicidade ainda n'este mundo. » É que ella regula admiravelmente os deveres das classes sociaes a respeito umas das outras, e a ausencia da idéa religiosa só deixa em conflicto interesses e appetites !

« A religião prescreve : aos ricos e poderosos, a caridade, a proteçãõ, a affabilidade, o affecto ; aos pobres e humildes, a resignaçãõ, o respeito, a probidade ; ora, se estes sentimentos não reinarem nas differentes classes sociaes, a harmonia social é impossivel, o antagonismo e a lucta reduzem-se ao estado chronico, a sociedade marcha para a dissoluçãõ ! A todos a religião prega o dever, que é differente para cada um, mas igualmente imperioso, e a caridade, que é o oleo indispensavel para o funcionamento da machina social. O atheismo e o materialismo não têm outro movel a propôr senão o instincto ; e, se o homem se entregar sem freio

aos seus instinctos, a sociedade não será mais que um campo de batalha de selvagens.

« Não pode explicar-se a contradicção inaudita de homens que pretendem fundar a ordem social no altruismo e proscreever a religião, unica que pode inspiral-o ; porque, pretender que no homem, abandonado aos seus instinctos, o amor de outrem pode prevalecer sobre o egoismo, é dar muito pouco pelo methodo de observação !

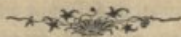
« O scepticismo, o atheismo, o materialismo, espalhados no povo, foram as causas mais activas da desagregação e da luta das classes.

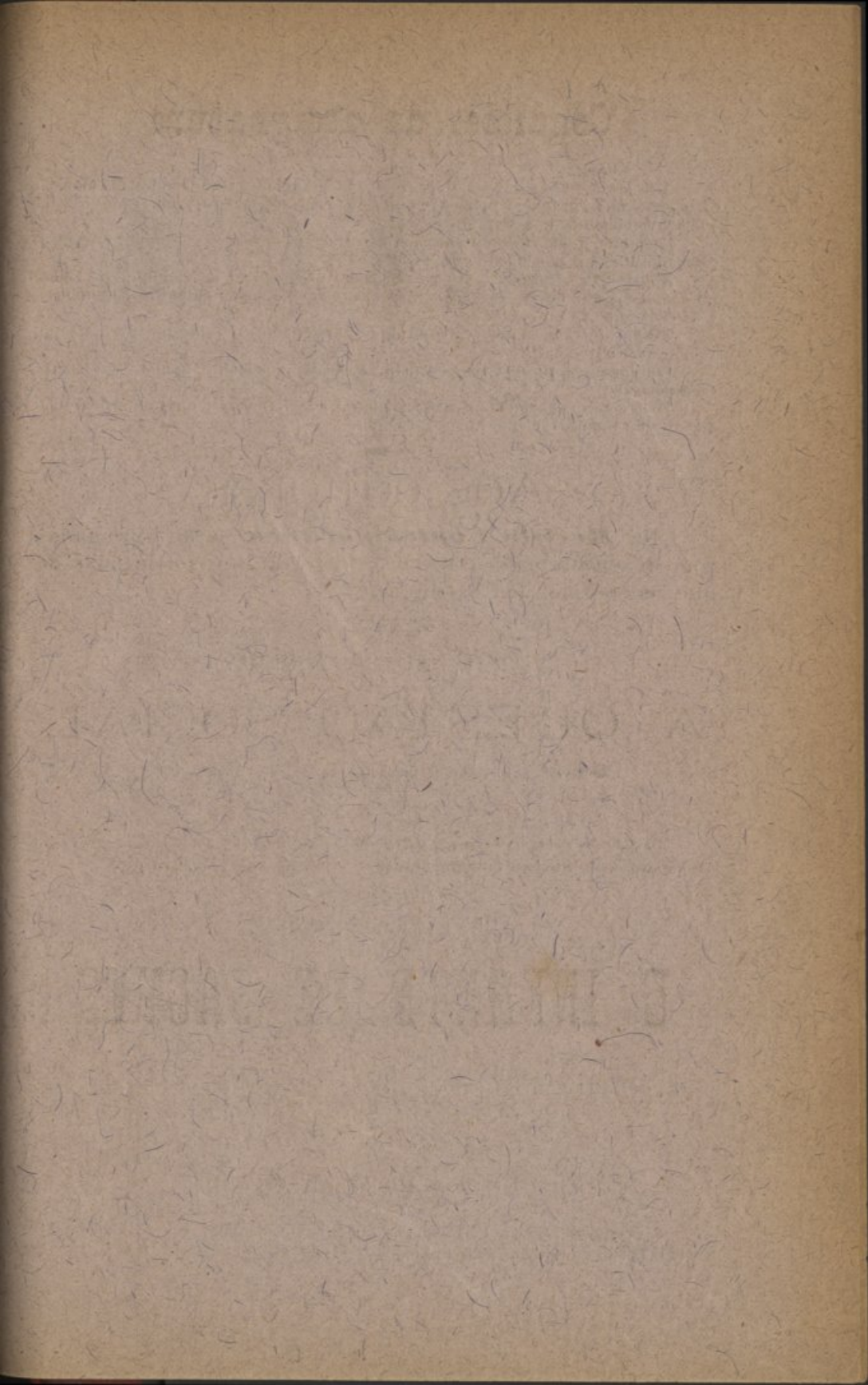
« Pode notar-se que a decadencia das crenças coincidiu entre nós com um mal estar cada vez mais intenso ; a relação dos phenomenos de certo pareceu muito evidente a um grande numero de jovens pensadores, para affirmarem corajosamente a necessidade do regresso ás crenças e ás idéas moraes.

« Foram as classes dirigentes que deram o exemplo da indifferença e do scepticismo ; fizeram mais, declararam guerra á idéa religiosa. Como ha pouco dizia M. J. Lemaitre, « houve sacristas e apóstolos do livre pensamento » ; houve-os demais, e é esse o maior erro dos tempos modernos, mesmo politicamente. As classes dirigentes recolhem hoje, com os fructos amargos do antagonismo social, aquillo que semearam ; a ellas pertence restaurar a idéa religiosa e moral ; infelizmente é mais facil esquecer a regra e a disciplina do que submitter-se a ellas. »

Com vista aos ferozes jacobinos de Portugal.

Serra da Estrella. — Com este titulo acaba de publicar uma interessante monographia o nosso amigo sr. Adelino de Abreu. N'ella se encontram importantes estudos topographicos, historicos, ethnographicos, hydrographicos, pre-historicos, geologicos, etc. Todos os que pretenderem conhecer a serra da Estrella, que hoje está despertando tanto interesse, devem ler o livro do sr. Adelino de Abreu, que com indefesso trabalho se entregou a um consciencioso estudo de investigação. O livro é adornado de bellas gravuras, e traz tambem um extracto da carta chorographica official para o estudo das altitudes. Um volume de 173 pag., 500 reis. Francisco França Amado, editor, Coimbra.





Condições da assignatura

A *Revista Contemporanea* publicar-se-ha mensalmente, abrangendo cada numero 32 paginas in-8.º grande. O numero de paginas pode ser maior quando assim o exija o desenvolvimento de assumptos especiaes.

Cada numero da *Revista Contemporanea* tractará sempre de assumptos variados, como questões sociaes, scientificas, historicas, etc.

Apparecerá no primeiro dia de cada mez, e o preço da assignatura é de 13600 réis annuaes, que devem ser pagos respectivamente antes da publicação do numero 4 de cada anno.

No fim de cada anno receberão os srs. assignantes o frontespicio e indice do volume respectivo da *Revista*.

Continuam a receber-se assignaturas desde o primeiro numero da *Revista Contemporanea*.

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a José Marques Rito e Cunha, Collegio Novo. — Coimbra.

Aos editores

Na *Revista Contemporanea* serão apreciadas com desenvolvimento as obras litterarias e scientificas de que recebermos um exemplar.

FORTUNATO DE ALMEIDA

A QUESTÃO SOCIAL

Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Affonso Costa

PREÇO 200 REIS

A venda em todas as livrarias. Remette-se pelo correio a quem enviar 220 réis á administração da *Revista Contemporanea*, — Collegio Novo, Coimbra.

FORTUNATO DE ALMEIDA

O INFANTE DE SAGRES

*Obra premiada
no concurso de memorias sobre o infante D. Henrique,
por occasião do quinto centenario
do seu nascimento*

1 volume de XLIII-371 pag., 600 réis

A venda na Livraria Portuense de Lopes & C.ª, editores, rua do Almada, 119
123, Porto, e em todas as livrarias.

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

QUESTÕES RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,
HISTORICAS E SOCIAES

DIRECTOR

Fortunato de Almeida

QUINTANISTA DE DIREITO

ADMINISTRADOR

José Marques Rilo e Cunha

BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA

SUMMARIO

- I — A escravatura em Africa.
- II — A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa (*continuação*), por P. G., *advogado*.
- III — Grandes heroes do trabalho, por Ph. de Grandlieu.
- IV — A igreja catholica e a escravatura (*continuação*), por F. A.
- V — As victorias da Africa.

REVERSE OF COVER

A ESCRAVATURA EM AFRICA

Uma das chagas (quantas ha! e quão medonhas!) mais fundas e inveteradas que assolam o Continente Negro é por certo a escravatura, consequencia terrivel da maldição de Chanaam: *Maledictus Chanaam, servus servorum erit fratribus suis* (*Gen. IX, 25*).

Não poderemos sobre este assumpto, dar aos nossos leitores mais claras e completas informações do que reproduzindo em parte a relação dirigida á Santa Sé por Monsenhor de Courmont, Vigario Apostolico do Zanguebar.

Póde a escravatura dizer-se de origem *local* ou *externa*.

A escravatura de origem local é propriamente a escravatura africana. Estadea-se esta em toda a sua hediondez nas tribus africanas que a exercem e exerciam embora não houvesse incitamento externo, ainda que fossem abandonadas a si e a seus usos selvaticos, em que representam tão nefando como monstruoso papel, a cubiça, a violencia e a superstição. São em numero de cinco as fontes principaes da escravatura local.

Escravatura de origem local

1.º ESCRAVATURA DE NASCENÇA. — Comprehende esta classe os filhos de paes escravos, que ficam em identica condição pertencendo ao proprietario dos paes. Os escravos d'esta categoria são muito menos numerosos, porque a immoralidade, os padecimentos physicos e o desamparo em que jazem os escravos, tornam rarissimos os nascimentos e mais raras ainda as sobrevivencias.

Bastantes vezes se tem observado que um paiz cuja popu-

lação d'escravos não fosse renovada d'um modo assiduo pelo trafico, chegaria em breve a despovoar-se completamente de classe servil.

2.º ESCRAVATURA POR CONDENNAÇÃO. -- É a que resulta dos processos por latrocínios, pendencias e rixas violentas, assassínio, adulterio ou simples prostituição ou feitiçaria, tão frequentes entre os negros cujas sentenças estatuem a escravidão dos delinquentes. Póde o delinquente ser pessoalmente condemnado á escravidão ou coagido por sentença a fornecer determinado numero de escravos, podendo comtudo no primeiro caso, libertar-se fazendo-se substituir por uma ou mais pessoas. Se porém fôr condemnado a multa pecuniaria que não possa satisfazer, entrega-se como escravo ao seu crêdor.

De mui perversa industria se vale por vezes o marido servindo-se de sua esposa ou esposas para provocar o adulterio: o delinquente é em breve denunciado pela seductora e condemnado a ser escravo do marido lesado. Póde a pessoa condemnada por crime de feitiçaria ao castigo de fogo ser libertada mediante certo numero de escravos; se o não fôr ha de soffrer com todos os seus escravos a pena do fogo, vindo seus filhos a ser escravos dos parentes d'aquelle a quem seus suppostos maleficios causaram a morte.

3.º ESCRAVATURA DOS PRISIONEIRO DE GUERRA. -- Na Africa é a guerra um flagello universal. Ha tribus inteiras que fazem guerra como por officio: arremessam-se de improviso em hordas numerosas sobre populações pacificas, apossam-se de seus rebanhos, derribam quanto se lhes oppõe e levam captivos mulheres, meninos e mancebos. Por mui injustos e culpados que sejam taes actos de extorsão, a guerra é sempre tida como legitima e os escravos de boa presa.

Os regulos d'uma mesma tribu guerream-se entre si: rivalidades pessoas provocam as rixas; ou a cubiça, a suspeita e os ciumes os armam uns contra os outros; cada um põe em pé de guerra a gente dos seus bairros, e eil-os em declarada hostilidade. O alvo principal d'estas luctas é aprisionar muitos contrarios que veem a ser outros tantos escravos, accrescimo de riqueza e pujança para o chefe victorioso.

4.º ESCRAVATURA DOS FRACOS. — Todos os desamparados que se acham na impossibilidade de defender-se contra um mais habil, mais audacioso ou mais forte veem cedo ou tarde a cahir na escravidão. As mais das vezes, quando o negro se sente isolado, fraco e sem força contra um oppressor, entrega-se a um chefe que, aproveitando o seu trabalho, o accete entre os seus e lhe dispense protecção; esta entrega, porém, é quasi sempre forçada. Pessoas que passem desacompanhadas e sem armas pelo territorio d'um chefe são apprehendidas e levadas a este, que pondera o que melhor lhe convem, ou ficar tranquillo possuidor d'essa gente, ou deixal-a ir, pois a captura lhe attrahiria algum ataque em que não levaria a melhor.

Dois homens por ventura vivem livres com eguaes direitos, mas um d'elles é mais ousado e astuto, este intimida o seu igual e fal-o cahir em alguma cilada de que não se possa livrar sem perder a liberdade; este caso é mais frequente ainda quando se trata d'um homem que tem auctoridade sobre uma mulher; tão depressa lhe desagrada, vende-a logo. Tal é tambem a sorte d'aquelles que como menores ou pupillos deviam achar protecção nos seus tutores, pois que os tios, a que tal cargo incumbe quasi sempre, aproveitam-se da sua situação para vender os tutelados.

Não é a cubiça o unico motor de actos de tão atroz selvageria; a ella conduzem tambem imperiosas necessidades, quaes se experimentam em epochas de carestia.

5.º ESCRAVATURA DOS INDIGENTES. — Não são raras as fomes no mysterioso Continente onde o negro cultiva apenas o indispensavel á sua parca subsistencia. Sobrevem casualmente uma secca, uma guerra que devasta as messes, que assola e derriba as habitações, lá ficam populações inteiras torturadas pela mais completa penuria. N'estes casos não acontece tão sómente dar-se uma creatura humana em troco d'alguns cestos de cereaes, mas vêem-se paes vender por modica quantidade de vidualhas o filho que se lhes finava em casa; e homens fortes e alentados não poucos vão ao longe buscar a subsistencia entregando-se a si mesmos como escravos a quem os quer sustentar.

Escravatura d'origem externa

Taes são as fontes d'onde procede a escravatura local. A par d'esta, existe a escravatura d'origem externa, incentivo de muito maiores cubiças e que provoca e perpetua processos de captura da mais abominavel e requintada crueldade.

È praticada pelas populações musulmanas que habitam a Arabia e a Persia, a costa e as ilhas orientaes da Africa. O musulmano proprietario tem escravos para agricultar os campos, conservar as plantações e as searas, cuidar da sua pessoa e morada. Além d'isso as suas mulheres vivem habitualmente rodeadas d'um grupo de raparigas negras, escravas do marido, e quando lhe apraz concubinas do mesmo. Quanto mais numerosas forem tanto mais abastado é o dono.

Debaixo do ponto de vista material a sorte do escravo dos musulmanos é quasi que analoga á do negro privado de liberdade por um dos seus congeneres africanos; será talvez o primeiro mais brando e polido sendo como é geralmente mais rico e habituado a viver n'um meio mais abundante e de maior bem-estar; mas que deficiencia nos costumes! O proprietario musulmano é essencialmente dissoluto e em extremo vicioso de modo que os maus exemplos fazem a breve trecho o escravo peor que o amo.

Encontrar-se-ha em um escravo de musulmano uma apparencia menos rude, maneiras mais delicadas, palavras e exterior mais attrahentes; contrastes na verdade frizantes relativamente á brutalidade primitiva, tomando certos europeus essa apparencia menos inculta por uma semi-civilisação, por um progresso moral attribuido por elles ao Islamismo; mas quantas torpezas se não occultam debaixo d'essa exterioridade especiosa.

Se é certo ser a moralidade o ponto fraco no preto em geral, cumpre reconhecer tambem que entre os escravos pertencentes aos arabes lavra uma corrupção muito maior e muito mais requintada.

A condição do homem nascido escravo ou de ha muito escravizado com residencia fixa, e ligado a um dono como sua pro-

priedade, constitui a escravatura domestica, que existe tanto para o chefe indigena como para o arabe proprietario, se bem que a existencia do escravo parece mais suave e vantajosa de baixo d'este do que d'aquelle. Comtudo, para alimentar a escravatura domestica dos mahometanos é que se torna preciso o trafico em grande escala.

Os mesmos arabes o reconhecem, pois que de dez escravos, seis ou morrem ou fogem, ficando quatro apenas cujos filhos não chegam a dar o contingente necessario. Eis a razão porque as tribus africanas têm de fornecer por meio de continuas remessas de mercadoria humana o pessoal preciso aos proprietarios musulmanos de varios ritos, classes e nacionalidades, vivendo este no continente, e habitando aquelle as longinquas plagas da peninsula arabica ou a mesma Persia.

● trafico

É este o logar de tratarmos do que se chama a escravatura negra ou trafico de escravo, palavra que significa simplesmente compra e venda de creaturas humanas. Não se limita porém a operação a este meio singello, outr'ora tolerado e acceito, de adquirir escravos; outros ha que o completam e afeiam espantosamente com o seu cortejo e atrocidade e horrores inauditos: é o rapto violento de creanças e mulheres; é a caça organizada e sangrenta ao homem; são as grandes razzias em que se aniquilam populações inteiras, trucidando os homens que offerecem resistencia e os velhos inuteis; as creanças, porém, e mulheres são levadas solidamente algemadas por caravanas armadas, verdadeiras alcateas humanas que conduzem essa mercancia humana aos emporios do trafico, ali embarcam-se ou antes amontoam-n'a toda nos porões immundos dos navios negreiros que demandam longes terras, ou no convez de pequenas pirogas que pela calada arribam ás ilhas visinhas, furtando-se á vigilancia dos cruzadores apostados em captural-as.

D'est'arte, tomado em seu conjuncto, o trafico dos negros se nos antolha qual lugubre drama de scenas dilacerantes de que nem de leve pôde fazer idéa quem as não presenciou; é o

cumulo inexcedível da barbaridade humana. Lá figuram desempenhando papeis diversos os arabes da costa mormente de Zanzibar, Mascate, Sheher, etc., uns compradores d'escravos, outros fornecedores d'estes, caçadores destemidos e experimentados nas razzias de presa humana, promotores de guerras nas tribus, verdadeiros capitães de salteadores que se deleitam no saque e carnizaria sendo mais crueis que os tigres e as pantheras, taes são os traficantes de carne humana e negreiros de officio, todos elles sectarios obstinados do Islam.

Examinemos porém agora em suas particularidades essas caçadas de gente: variados são os processos em prear escravos; ha-os de certo modo regulares e que o negreiro confessa de boamente; ha-os tambem (e constituem o maior numero) d'uma injustiça atroz; existem finalmente outros que são d'uma barba-rie horripilante e infernal.

Eis o primeiro modo de proceder, que é, verdade seja, o menos offensivo e menos atroz: um musulmano, mais consciencioso que os seus correligionarios, desejando possuir escravos, reserva de seus productos agricolas alguns alqueires de cereaes que troca na costa por sal; dirige-se então para uma terra farta em rebanhos onde compra algumas rezes que vae vender a alguma tribu onde são muito caras, por certa quantidade de fazenda. Em breve regressa de posse d'um homem, d'uma mulher ou d'um rapaz, que comprou em troca de pannos. D'anno para anno o trafico se vae simplificando ao passo que toma maior des- envolvimento, de geito que em pouco tempo fica sendo proprietario d'um bom numero de homens, mulheres e creanças. Outros ha que têm no sertão para comprar em nome d'elle certos amigos, que mui versados no officio, veem a ser mercê não da violencia mas d'uma multidão de processos de moralidade mais que duvidosa, mas palliados por uma apparente equidade, compradores e vendedores consummados. É em regra gente crivada de dividas, que, para escapar a seus crédores, foge para o sertão.

Outros casos ha em que as transacções commerciaes de compra d'escravos se mancham com patentes injustiças e actos de horrenda crueldade. Acontece effectivamente querer o arabe adquirir d'um lance escravos para commerciar. Organisa uma

caravana, fornece-a de objectos estimados no sertão: panno de linho e de côr, missanga de varias especies, arame, ferro, cobre, pederneiras, capsulas, polvora, espingardas, etc., entrega-a a um seu correigionario, a quem pertence, como maioral da caravana, como negreiro e commerciante, escolher a região e auferir de suas mercadorias o maior proveito possivel em homens, animaes e generos.

O chefe indigena, verdadeira creança fascinada pelo brilho das riquezas apresentadas diante d'elle entrega sem demora o marfim e os escravos que possui; feita esta operação, se por ventura o maioral da caravana tem ainda bello pano, brilhantes, braceletes polvora e armas, diz comsigo: Que bom ensejo para dar adereços ás mulheres e armar os guerreiros! Mas como ha de pagal-os? Um chefe da visinhança é velho inimigo rival cioso, que é facil emprenhender e vencer, de mais a mais tem escravos e rebanhos em abundancia; porque o não atacaria de improviso para despojal-o?

Ladino e muito arteiro no officio, lá está, sendo preciso, o traficante que se presta a coadjuval-o fornecendo-lhe armas e munições. Para logo, dito e feito: com ou sem declaração de guerra accommette o territorio visinho e volta depois d'uma razzia formal com que pagar novas compras, isto é, com animaes e escravos, arrebataados á força.

Ainda ha um modo mais simples de proceder para com as povoações singellas. O traficante apresenta-se de modo a não excitar a minima desconfiança. Compra a preços razoaveis tudo o que encontra no paiz: milho, sorgho, tabaco, pelles, pontas de bufalo e de rinhoceronte, etc., outras tantas mercadorias cujo transporte requer um bom numero de carregadores. Quão é difficil o andamento d'essa gente alliciada pelo engodo da ganancia. Partem sem a mais leve desconfiança do logro em que cabirañ; as marchas nem muito longas nem muito ao sol, o alimento bom e tratos excellentes os confirmam cada vez mais na bondade do traficante. Mas chegados que sejam ao logar convencionado, espera-os ali um reforço de iniciados que prendem os carregadores, amarram-os no caso de resistencia, e os levam como escravos.

Encontram-se ainda negreiros que operam sem mercadorias. Reunem-se em quadrilhas e dirigindo-se ás aldeias, misturam-se com os indigenas, mostrando-se affaveis e bondosos, insinuam-se em seus corações, tomam parte em suas festas de modo que não inspiram suspeitas: mas ai dos ingenuos que os escutam e seguem; infelizes as mulheres que ficaram sós nos campos e as creanças deixadas em casa ou occupadas na caça ou na pesca!

Esses sabujos com cara humana se arrojam sobre os isolados, amordaçam-os para lhes abafar os gritos, atam-os e levam-os ás costas em caso de necessidade, como um feixe de lenha. Ah! Quantas creanças captivadas d'esse modo dentro d'um sacco e levadas de corrida quasi suffocadas pela farinha com que lhes haviam enchido a bocca.

De outro processo se valem no littoral os capitães negreiros; atrahem ao navio os indigenas, as creanças sobretudo, que não cahem em si por verem de tão perto um formoso galeão; dá-se-lhes algum alimento, emquanto que os marinheiros levantando ferro, se fazem á vèla e abalam. A este processo chamam elles: a pesca dos escravos.

Em certas regiões não é sómente um maioral ou uma quadrilha de bandidos que se arremessam sobre os mais fracos para lhes açambarcar rebanhos e escravos; ha tribus inteiras cujo mister é a pilhagem e que se empenham unicamente em preparar d'antemão contingentes de mercancia humana com a mira nas vendas conhecidas e para o dia em que passar por suas terras o maioral d'alguma caravana.

As montarias de homens, feitas com esta combinação anticipada de transacções commerciaes, de artimanhas, de culposas incitações á guerra, de fraudes, roubos e traições dissimuladas, não se valem d'estas precauções quando o negreiro se sente forte e pôde recorrer á violencia em qualquer circumstancia. E o que estamos vendo no sertão com esses famigerados negreiros que dispõem de recursos pecuniarios consideraveis, havidos dos Indios de Zanzibar, que não requerem como rendimento de seus capitães escravos, mas sim marfim e outros generos commerciaes do sertão. Associam-se ao principio com o maior numero possivel de bandidos, negreiros como elles e musulmanos; estes con-

stituem o seu estado-maior. Não lhes escasseando nem armas nem munições, tratam de armar os proprios escravos, engrossam a quadrilha com todos os aventureiros que se lhes deparam, estabelecem até, sendo possível, o serviço militar gratuito e obrigatorio, e eil-os á frente d'um verdadeiro exercito ao qual não resistirão de certo os negros do sertão.

De mais a mais estando perfeitamente informados, sabem escolher a tribu, o logar e o dia em que a razzia dará mais proventos, e como operam de improviso e muitas vezes de noite, a assolação é geral e completa; roubam, queimam, matam os velhos e os que tentam resistir: enquanto que os moços, as mulheres, as creanças, os animaes, o marfim, constituem os despojos opimos. E haverá por ventura no meio d'essas atrocidades um só factio que justifique a aggressão e legitime as capturas?

Não ha para actos de tão atroz cannibalismo outro motor que não seja uma desenfreada cubiça. Para essas naturezas ferozes e embrutecidas pela luxuria e pelo sangue a clemencia é sentimento que não existe; substitue-a o interesse.

*
* *
*

Os negros reduzidos á escravidão podem sempre ser vendidos, caso sejam escravos domesticos; são porém destinados fatalmente a sel-o se forem escravos por trafico. Desde 1873 já a venda não se faz nos mercados publicos, mas effectua-se mais ou menos secretamente por meio de correctores chamado Dalali que recebem a incumbencia quer do arabe proprietario, quer do negreiro ou chatim. Estes correctores muitas vezes autorizados para venda d'escravos domesticos, são perseguidos pela auctoridade europêa na venda d'escravos de trafico.

As circumstancias em que se pôde achar o escravo domestico, no acto de passar de uma região para outra, são-lhe a miudo prejudiciaes á saúde e até mortiferas; mas quem tem mais que soffrer são os escravos provenientes do trafico. Com effeito, por quantas privações, fadigas e deshumanidades, não

têm que passar em viagens tão longas como penosas, effectuadas desde o ponto em que cahiram nas mãos d'um negreiro do sertão até que chegam finalmente á casa ou propriedade do arabe da costa ! Frequentes vezes se tem descripto a chegada á costa d'uma caravana de carregadores de marfim, enfiados, abatidos, succumbindo ao peso da carga; espectáculo a cuja vista se confrange de dôr o coração e se pavorisa o espirito. Esses carregadores são na realidade escravos negros, capturados e vendidos, ou simplesmente furtados pelo maioral da caravana. Outr' ora não era tão sómente vergando á carga que elles chegavam aos mercados; iam além d'isso algemados com ferros uns aos outros e eram acompanhados por guardas que os espancavam para lhes fazer acelerar o passo. Os contaminados por alguma molestia contagiosa eram arrastados para o matto como qualquer animal infecto e perigoso; aquelles que não podiam seguir eram cu abandonados ao desamparo vindo a succumbir pouco tempo depois á mingua e á fome ou presa das feras; ou então os mesmos guardas por mal entendido sentimento de compaixão os matavam para lhes abreviar os soffrimentos.

A que montam porém as torturas d'esses infelizes se as cotejarmos com as que terão de supportar, se por ventura o negreiro se dedica ao tráfico transmarino ?

Ha poucos dias ainda dizia-me o *commodoro* inglez da barra de Zanzibar ter capturado nas aguas do Mar Vermelho um navio carregado de escravos: abarrotados em dois compartimentos da pequena embarcação, forçados a conservar-se em pé afim de occupar menor espaço e por tal fórma apinhados que teriam de conservar por mezes inteiros a mesma posição comendo e dormindo assim e não se lhe deixando espaço sequer para as mais imperiosas necessidades da natureza, os escravos soffriam além d'isso horriveis tratos que para muitos haviam de ser mortaes.

De tão deshumano tratamento teria eu duvidado se apenas lesse a narração n'alguma publicação, mas lá estava a asseverar-me da veracidade d'elle a expressão indizivel de dôr e indignação que se revelava na frente d'esta testemunha ocular.

Nem raro é vêr nos navios um escravo que não dá esperanças de cura ser lançado ás ondas; o mesmo acontece em caso

de epidemia a todos os que estão infeccionados. Soffrerão ainda morte violenta quando temendo ser capturados por um cruzeiro, o chatim não vê outro meio de salvação para si do que atirar ao mar amarrados a enormes pesos para se submergiem os escravos cuja presença lhe acarretaria condemnação certa.

Quando se pensa na asserção de Mungo-Park que consumiu tantos annos de vida em Africa, affirmando serem escravos tres quartas partes da população do negro continente; quando se considera as numerosas e caudalosas correntes d'exportação de negros que o trafico terrestre e maritimo annualmente arrebatam ao solo africano, as causas tão frequentes de mortalidade victimando horripelmente essa gente exausta por privações e torturas inauditas, já não parecerá exaggerada a affirmação de Lord Viviam, na conferencia de Bruxellas, o qual avalia entre trezentas e quatrocentas mil as existencias humanas sacrificadas por tão infame trafico.

Tal é a escravatura, tal o trafico com seus incriveis horrores, estado na verdade deploravel de degradações e soffrimentos mal esboçados n'estas linhas.

Parece porém que o europeu que vae ter com essas populações escravizadas para lhes dar a liberdade deveria vel-as correr para si com enthusiasmo, saudando-o como seu libertador com os olhos arrazados de lagrimas de reconhecimento. Não é porém o que succede.

O negro empregado como criado d'um europeu está sujeito a um trabalho mais forçado e continuo que o que lhe cabe em caso do africano ou do arabe.

Não aprecia o augmento do salario, a melhoria do alimento, nem a maior nobreza de condição que frue: para elle, servir é ser escravo e mais o é onde mais trabalho ha.

Eis porque profere o seu amo habitual quer preto quer arabe.

Acontece, além d'isso, por desdita, não haverem os europeus usado muitas vezes para com elles senão de rigores e brutalidades. O negro, victima de tal procedimento imagina que será o mesmo de qualquer outro europeu e por isso teme-o mais. N'esta materia o arabe toma a cargo o completar-lhe a

educação; a ninguém pinta com mais negras côres do que o europeu; é um tyranno que não dá repouso nem treguas, que trata a gente como brutos, lhe bate e que até por qualquer desgosto ou capricho lhes tirará a vida. Depois d'isso qual o negro que abandonará de bom grado a casa do arabe para se entregar ao europeu?

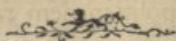
Este terror, este receio do europeu é suggerido mui principalmente aos escravos provenientes do trafico no intervallo que medeia entre a captura e a venda, dando-lhes nos logares de paragem em que se demoram algum tempo antes da ultima expedição, como antegosto do bem-estar que os aguarda em casa do musulmano, um tratamento bom e abundante.

Previnem-os comtudo de que a jornada será trabalhosa, mas isso, dizem elles, não passa d'istante penoso.

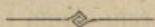
Fallando um d'estes dias com o governador das possessões allemãs no Zanguebar ouvi da bocca d'elle informações que são outros tantos factos a confirmar a veracidade do que acima fica dito: acabo de receber, me dizia elle, o relatório do residente de Tabora onde ha um bom numero d'escravos, reunidos em pequenas casas ou tembé onde recebem do arabe, que os chama seus carregadores, alimentos, roupas e até mulheres. Estão gordos e contentes, tanto assim que nenhum diz para recuperar a liberdade que foi roubado ou agarrado á força.

Eu mesmo n'estes ultimos tempos, dizia ainda o governador, informado de que uma caravana desembarcava em Lindi, onde me achava, quiz vêr todos os que a compunham e offereci por meio d'um interprete aos que eram escravos a sua libertação. Nem um só se aproveitou da offerta ou pareceu ficar um tanto commovido.

Forçoso é pois reconhecer que o proprio negro se faz cumplice do arabe escravagista, tornando por tal proceder a sua emancipação e abolição da escravatura cada vez mais difficilissima.



A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa



(Continuação de pag. 57)

Não faremos commentarios a um documento por si tão eloquente, e, sem examinarmos até que ponto conseguiu triumphar uma conspiração tão habilmente urdida, precisamos mostrar que os sectarios que escreviam taes cousas não eram simples theoreticos, mas tambem homens de acção, que trabalhavam no mal com audacia e furor. Para todos se convencem d'isso, basta algumas paginas de correspondencia, parte da qual foi apprehendida. Eis uma carta escripta por certo judeu envolvido na conspiração :

« Na impossibilidade em que se encontram os nossos irmãos e amigos de dizerem a sua ultima palavra, julgou-se bom e util propágar a luz por toda a parte e dar impulso a tudo o que aspira á agitação. É para este fim que não deixaremos-de vos recommendar que filieis toda a especie de pessoas em quaesquer congregações, sejam quaes forem, comtanto que n'ellas predomine o mysterio. A Italia está coberta de Confrarias religiosas de diversas côres. Não deveis receiar que alguns dos nossos se introduzam no meio d'esses rebanhos guiados por uma devoção estúpida; estudem elles com cuidado o pessoal d'essas confrarias, e verão que, pouco a pouco, não faltam lá colheitas a fazer. Sob o protexto mais futil, mas que não seja politico nem religioso, creae, por vós ou por intermedio de outros, associações que tenham por objecto o commercio, a industria, a musica, as bellas artes.

Reuní num ou noutro logar, mesmo nas sacristias ou nas capellas, as vossas tribus ainda ignorantes; collocae-as sob a direcção de um sacerdote virtuoso, bem conhecido, mas credulo e facil de enganar; infiltrae o veneno em corações escolhidos, infiltrae o a pequenas doses e como por acaso; depois, reflectindo, haveis de espantar-vos com o vosso triumpho.

« O essencial é isolar o homem de sua familia, fazer-lhe perder os costumes, aproveitando a disposição do seu caracter para evitar os cuidados de casa e procurar prazeres facéis e alegrias prohibidas. O homem gosta das longas palestras do café, da ociosidade dos espectaculos. Arrastae-o, empalmae-o, dae-lhe uma importancia qualquer, ensinae-lhe discretamente a aborrecer-se dos seus trabalhos quotidianos, e, por essa manobra, depois de o ter separado da mulher e dos filhos e de lhe ter mostrado quanto são penosos todos os deveres, inculcae-lhe o desejo de outro modo de vida. O homem nasceu rebelde: excita esse desejo de rebellião até ao incendio, mas de forma que o incendio não rebente: é apenas uma preparação para a grande obra que deveis começar. Quando tiverdes insinuado em alguns espiritos o desgosto da familia e da religião (quasi sempre vae um atrás do outro), deixae cahir algumas palavras que provoquem o desejo de filiação na Loja mais proxima. Esta vaidade do habitante das cidades e das aldeias em se enfeudar á franc-maçõneria tem alguma cousa de tão banal e tão universal, que continuamente me admiro da estupidez humana. Admiro que toda a gente não vá bater á porta de todos os Veneraveis e pedir a esses senhores a honra de collaborar como operarios escolhidos na reconstrucção do Templo de Salomão. O prestigio do desconhecido exerce tal poder nos homens, que todos se preparam com temor para as phantasmagoricas provas da iniciação e do banquete fraternal.

.....

« A alta Venda deseja que, sob qualquer pretexto, se introduza nas lojas maçõnicas o maior numero possivel de principes e ricos. Os principes de casa soberana, e que não têm a esperanza legitima de serem reis pela graça de Deus,

querem todos sê-lo pela graça de uma revolução. O duque de Orléans é franc-mação, o príncipe de Carignan também o foi. Não faltam alguns, na Italia e n'outras partes, que aspiram ás honras assaz modestas do avental symbolico. Outros são desherdados ou proscriptos. Lisonjeae todos esses ambiciosos de popularidade; arrebanhae-os para a maçonaria; a alta Loja verá depois o que d'elles poderá fazer de util á causa do progresso. Um príncipe que não tem reino a esperar é para nós uma boa fortuna. Ha muitos n'este caso: fazei-os mações... Servirão de engodo aos imbecis, aos intrigantes e aos necessitados. Esses pobres príncipes fazem o nosso jogo, julgando fazer apenas o seu proprio. São um reclamo esplendido, e ha sempre doidos dispostos a comprometter-se ao serviço de uma conspiração que parece ter por chefe um príncipe qualquer.

«Desde que um homem, especialmente um príncipe, comee a ser corrompido, ficae certo de que elle não pára no plano inclinado. N'esse caminho marcha-se rapidamente...

«Por occasião da minha ultima viagem a França, vi com profunda satisfação que os nossos jovens iniciados desenvolviam um ardor extremo na diffusão do carbonarismo; mas parece-me que elles precipitam um pouco o movimento. A meu ver, peccam por fazerem do seu odio religioso um odio politico. *A conspiração contra a sé de Roma não devia confundir-se com outros projectos.* Estamos expostos a ver germinar no seio das sociedades secretas ardentes ambições: essas ambições, uma vez senhoras do poder, é possível que nos abandonem. O caminho que seguimos não está ainda sufficientemente traçado para nos entregarmos a intrigantes ou tribunos. É preciso descatholicisar o mundo, e um ambicioso que consiga o seu fim não ha de auxiliar-nos. *A revolução na Igreja é a revolução em permanencia, é a destruição obrigada dos thronos e das dynastias.* Ora um ambicioso não pode querer essas cousas. Nós devemos chegar mais alto e mais longe; tratemos, pois, de nos poupar e fortificar. *Conspiremos só contra Roma;* para isso aproveitemos todos os incidentes e todas as eventualidades. Desconfiemos principalmente do zelo exaggerado. Um bom odio bem frio, bem

calculado, bem profundo, vale mais que todos os fogos de artificio e todas as declamações de tribuna. Em Paris não querem comprehender isto; mas em Londres vi homens que attingiam melhor o nosso plano e que a elle se associavam com mais fructo. Fizeram-me offertas consideraveis: teremos brevemente em Malta uma imprensa á nossa disposição. Poderemos pois impunemente, com segurança e sob a bandeira britannica, espalhar de um a outro extremo da Italia livros, folhetos, etc... que a Venda julgar conveniente pôr em circulação ¹⁾.»

Queira o leitor desculpar estas longas citações, em que sublinhámos certas passagens; eram uteis, porque trazem consigo a prova do que tínhamos avançado. Como se vê, os chefes das sociedades secretas não querem que se confunda a conspiração contra a sé romana com outros projectos; é esse o mais importante de todos, porque a revolução na Igreja é a revolução em permanencia, é a destruição dos thronos e das dynastias. Quanto á unidade italiana não acreditavam n'ella, e, no fundo, não trabalhavam por ella, ou, se o faziam, era como meio para melhor conseguir os seus fins.

«A independencia e a unidade da Italia, escrevia um dos sectarios em 1829, são chimeras, como a liberdade absoluta que alguns sonham em abstracções impraticaveis. Tudo isso é um fructo que ao homem nunca será dado colher; mas, com certeza mais chimera que realidade, produz todavia um certo effeito nas massas e na juventude effervescente. Sabemos bem o que valem esses dois principios; são vãos, e assim hão de permanecer sempre; todavia constituem um meio de agitação que não devemos desprezar ²⁾.»

Os homens que entre si trocavam estas correspondencias estavam envolvidos na diplomacia ou na alta finança, e alguns pertenciam á aristocracia. Quando Mazzini, bem digno d'elles, quiz fazer parte da sua junta superior, a principio foi rejeitado.

«Sabeis, escrevia o presidente, em 1836, a um dos seus confidentes, que Mazzini se julgou digno de cooperar com-

¹⁾ Traduzido em portuguez segundo a versão do italiano em francez por Crétineau-Joly na sua obra — *L'Eglise Romaine en face de la Révolution*, t. II, pag. 72.

²⁾ *Idem*, pag. 118.

nosco na obra mais grandiosa do nosso tempo. A Loja Suprema não o decidiu assim. Mazzini tem modos excessivos de um conspirador de melodrama, para se accommodar ao papel obscuro que nos resignamos a representar até ao dia do triumpho. Mazzini gosta de fallar de muitas cousas, especialmente de si proprio. Não cessa de escrever que destroe os thronos e os altares, que fecunda os povos, que é o propheta do humanitarismo, etc., etc., e tudo isso se reduz a algumas derrotas mesquinhas ou a assassinatos de tal forma vulgares, que eu despediria immediatamente um dos meus lacaios, se elle se atrevesse a desfazer-me de um dos meus inimigos por meios tão odiosos. Mazzini é um semi-deus para os doidos, perante os quaes procura fazer-se proclamar o pontífice da fraternidade, da qual será o deus italiano. Na esphera em que manobra, é simplesmente ridiculo esse pobre José; para ser uma féra completa faltar-lhe-hão sempre as garras » ¹⁾).

.....

Pelo contrario, esse *pobre José* devia triumphar, e quem assim fallava d'elle em tom de desprezo estava destinado a desaparecer da scena e a deixar a vida bem mysteriosamente. Mas não nos demoremos com estes pormenores. É absolutamente incontestavel que entre os sectarios que em nossos dias atacavam e finalmente chegaram a destruir o poder temporal, os chefes principaes eram movidos pelas paixões irreligiosas pelo desejo ardente de perseguir e destruir tanto quanto possivel o catholicismo. As idéas de progresso, de reformas, de unidade nacional, tantas vezes apresentadas, eram para elles inteiramente secundarias, destinadas apenas a illudir ingenuos, e com certeza ficaria espantado um dos seus sectarios se alguem lhe perguntasse a serio: — É por compaixão dos vassallos do Papa, para lhes dar mais liberdade, para os tornar mais felizes, que trabalhaes na destruição do poder temporal?

A conspiração perseverante contra o poder temporal

¹⁾ *L'Église romaine en face de la Revolution*, pag. 124.

excedeu em resultado os calculos mais improvaveis, conforme a expressão da Loja central do carbonarismo italiano; baseava-se nas peores paixões da humanidade. Os sectarios cosmopolitas minaram o terreno durante muito tempo, durante mais de quarenta annos, e logo em seguida se deu a explosão. Esse trabalho foi recentemente comparado ao do porto de Nova-York. «O leitor por certo já ouviu fallar nos enormes recifes que de um lado de Nova-York tornava tão difficil a entrada dos navios. Durante alguns annos os mais habéis engenheiros cavaram debaixo das ondas, no rochedo, extensas galerias, que depois foram cheias de grande quantidade de dynamite; convidaram-se os sabios de todo o continente a presenciar a explosão e observar os seus effeitos. No dia convencionado, a mão de uma creança faz pressão n'um botão metallico e produz a descarga. Os recifes desaparecem n'um momento. Assim Cavour, Garibaldi, Mazzini e os seus auxiliares tinham minado Roma e toda a Italia. Foi preciso tempo; mas de repente viu-se a destruição da ordem antiga... Os que estavam no proprio lugar do sinistro ficaram como que cegos pela poeira dos escombros e arrastados no desabamento geral.»

Para trabalharem utilmente na destruição do poder temporal, os sectarios não podiam fallar com franqueza senão aos iniciados. Em presença do publico era necessario encontrar alguns pretextos, alguns motivos mais ou menos verosimeis, e os pretextos nunca faltam quando se procuram; tratava-se apenas de escolher aquelles que melhor poderiam enganar os homens superficiaes, distrahidos ou muito occupados, toda essa massa de patriotas ingenuos, utopistas, entusiastas ou descontentes... Os dois pretextos de que mais se serviram e servem ainda hoje são: obrigação de constituir a unidade italiana, e a necessidade de remediar o mau governo dos Estados da Santa Sé. Uma palavra sobre cada um d'estes pontos.

(Continúa).

P. G., advogado.

Grandes heroes do trabalho



Como se sabe, a França acaba de tomar effectivo o seu protectorado em Madagascar, após uma campanha que terminou com a tomada da grande ilha africana. « A ilha ficará sob a dependencia directa do ministerio dos negocios estrangeiros, que terá em Tananarive um residente geral como em Tunis. O residente concentrará nas suas mãos todos os serviços e nomeará um corpo de notaveis, escolhidos entre os chefes das diversas tribus indigenas, com voto consultivo. O exercito de occupação na capital será de 1:500 praças, ao que parece. O resto do corpo expedicionario será repatriado. O primeiro ministro melgache será deportado. A questão do novo casamento da rainha, a qual será conservada no throno, não está ainda resolvida. Pelo tratado não se exige nenhuma indemnisação de guerra. As despesas de occupação são feitas pela França. Madagascar não póde contrahir emprestimos sem auctorisação do governo da republica. Este não assume nenhuma responsabilidade por compromissos, dividas ou concessões de Madagascar anteriores ao tratado. O governo da republica prestará porém o seu concurso para a conversão do emprestimo malgache de 1886.

« É claro que o periodo das maiores dificuldades para a França, em Madagascar, só vae começar agora. A victoria de Tananarive não é a conquista do animo dos indigenas. Por outro lado a utilisação da ilha, mesmo com as limitações do protectorado, trará muitas adversidades, despesas, sacrificios e amarguras » ¹.

¹) *Portugal em Africa*, n.º 23. pag. 1039.

A imprensa franceza está discutindo largamente o modo de colonisar a ilha, e entre os artigos a este respeito publicados destaca um de M. Grandlieu no *Figaro*. O illustre publicista pôz de parte os preconceitos, que sempre prejudicam a justiça, e considerou a questão apenas sob o criterio dos interesses da França. A conclusão a que chega é esta: a ilha de Madagascar, para n'ella se fazer uma colonisação util, de vantagens positivas, deve ser confiada aos religiosos trappistas, como o foi a Algeria, o *agro romano* e tantas outras regiões fecundadas pelo suor d'aquelles heroicos trabalhadores.

Os nossos leitores vão apreciar o interessantissimo artigo do sr. Grandlieu, tal como o encontramos traduzido na magnifica revista *Portugal em Africa*. É como segue:

« O camponio francez, pelos nossos costumes, pela nossa organização social e economica é menos propenso que qualquer outro á emigração. Preso ao solo natal sob um céu doce, no meio de ricas e abundantes culturas, não se inclina a correr aventuras e a trocar o seu trabalho tranquillo pelo acaso do ignoto longinquo. Que tentação, além d'isso, o arrastaria para margens inhospitas, empestadas de miasmas que acabam de devorar em alguns mezes dez mil dos nossos filhos e cuja natureza abrupta, impenetravel, insalubre, exigirá duros sacrificios e longos esforços?

.....

« Pois bem! vimos propôr o exemplo da Algeria, onde tudo definhava havia doze annos, onde os ensaios de colonisação tinham sido infructuosos, onde as brenhas e a inextinguivel palmeira anã haviam alquebrado todos os esforços, quando, em 1843, os trappistas foram chamados pelo proprio governo em auxilio da colonisação. É uma historia assaz curiosa e hoje de uma oportunidade rara.

« O sr. de Carcelle, então deputado pelo Orne, visinho de campo da Trappa de Soligni e testemunha dos admiraveis trabalhos realizados pelos monges, foi o primeiro a perguntar a si proprio se esses habeis agricultores não seriam, para a

França africana, colonos incomparáveis, e se a sua perseverante abnegação não triumpharia dos obstaculos que haviam, até essa epocha, mallogrado todas as tentativas.

« Acompanhado pelos seus amigos Aleixo de Tocqueville e Gustavo de Beaumont, foi passar alguns mezes na Algeria, afim de poder formar uma idéa mais exacta das coisas e, na volta dirigiu ao governo um relatorio onde preconisava o emprego dos trappistas colonisadores. As considerações que apresentava impressionaram vivamente o marechal Soult, presidente do conselho, o sr. Villemain, o sr. Guizot e todos os ministros. O velho duque de Dalmacia abraçou com enthusiasmo a idéa e solicitou os religiosos arroteadores que, a pedido seu, foram por sua vez examinar o terreno. A obra não era seductora, mas, não obstante, não hesitaram em consagrar-se-lhe e pozeram immediatamente quarenta padres á disposição do governo.

« O poder, então, ficou indeciso. N'essa epocha, como agora, o mundo official tinha medo de ser accusado de clericalismo; o proprio marechal temia os *aboyeurs* da camara, como lhes chamava, os Robiers d'esse tempo. — « O quê? exclamavam os sectarios da esquerda, chamar religiosos, favorecer frades!... » Mas, respondia o marechal, não são congreganistas que pretendo enviar á Algeria; são colonos da melhor especie, colonos que não falam e que operam, que comem pouco e trabalham muito. »

« Bugeand, então governador geral, associou-se ao projecto e, em julho de 1843, os trappistas poderam estabelecer-se emfim em Staouéli, 17 kilometros a oeste de Argel, n'uma vasta planicie que se estende desde as vertentes do Sahel até ao mar. Foram-lhes concedidos 1:020 hectares, com viveres para um anno e uma somma de 60:000 francos, reembolsaveis sobre os productos.

« O superior geral da Trappa dirigiu então ao governo a seguinte carta, singularmente eloquente na sua simplicidade: « Foi pelo trabalho, auxiliado pela oração e sustentado pela paciencia, que os monges de Cister arrotearam os desertos da França e apressaram a civilisação do nosso formoso paiz.

A historia, que exalta os prodigios por elles realisados, inspira-nos confiança de que viremos a ser, assim como elles, uteis á nossa patria, orando e trabalhando por ella.»

«O terreno concedido era arido, deseccado, coberto de brenhas inextricaveis e infestado por animaes perigosos. Era a habitação dos chacaes, das hyenas e das pantheras. O obstaculo principal que se oppunha a todas as tentativas de cultura era a terrivel palmeira anã, da qual, até então, nenhum esforço conseguiria desembaraçar aquelle solo refractario. — Os recémvindos lançaram mão á obra com ardor; a grade estorroadora, a enxada, o cylindro, o extirpadar, começaram a funcionar sem descanso. Foi um trabalho penoso; mais de um operario succumbiu na tarefa sob os rigores do sol ou da febre; mas por fim o pequeno exercito triumphou d'essa natureza rebelde e, alguns annos mais tarde, o trigo, a cevada, a vinha, os pomares de lorangeiras, os campos de louro-cerejo, melões enormes, couves gigantescas, ostentavam-se em substituição áservas selvagens, ao passo que os rebanhos enchiam os estabulos e que as officinas de toda a especie forneciam o indispensavel á colonia nascente.

«Todos os nossos generaes, Daumas, Changarnier, Randon, Lamoricière, Bosquet, Mac-Mahon, Vaillant, Pélessier, Saint Arnaud, foram admirar successivamente todas estas maravilhas, e levar o testemunho da sua cordeal sympathia áquelles que as realisavam.

«Em 1847, o duque de Aumale ia por seu turno contemplal-as e, ao fazer-lhe as honras da colonia, dizia-lhe o Padre Regis: «A espada fez a conquista; a espingarda e a enxada conservam-na; a cruz sómente a consolidará.»

«Oito annos mais tarde, em 1855, Napoleão III visitava Staouéli. O barão Dupin havia-lhe dito n'um relatorio: «Os vossos eem cenobitas crearam maravilhas. Não se trata já de realisar nas thebaidas o ascetismo das contemplações desoccupadas, mas de accrescentar á oração os milagres do trabalho.» O imperador quiz observar as cousas com os seus proprios olhos e grande foi o seu espanto, logo ás primeiras, ao saber que entre esses frades se encontravam muitos an-

tigos soldados, uns doze pelo menos da guarda imperial; e o general Fleury não ficou menos estupefacto ao reconhecer um dos seus antigos guias, do nome e da descendencia de Godofredo de Bulhão.

«No refeitorio o Padre Regis apresentou ao soberano as iguarias da communidade. Sabe-se que os trappistas apenas tomam uma refeição por dia, invariavelmente magra e sem vinho. N'esse dia constava de uma sopa de agua e sal com arroz e queijo.

«Monsenhor, disse Napoleão III com um sorriso malicioso ao arcebispo de Argel, que estava presente, já provou d'ella?

«A resposta do prelado, embora muda, foi das mais eloquentes. Limitou-se a levantar os olhos para uma sentença dependurada na parede da frente e que era assim concebida: «Saboreia as cousas do alto e não as da terra.»

«O antigo deserto de Staouéli, transformado feericamente, apresentava então bellas avenidas, viveiros verdejantes, 4:000 hectares de vinhedos, vastos jardins sabiamente irrigados, fructas e legumes de toda a especie, magnificos estabulos contendo 115 bois e vaccas, 400 carneiros merinos, 400 porcos, 50 cabras de Angora que dão a cachemira, cavallos, mulas, 200 colmeias, um exercito incomparavel de aves e de coelhos; em seguida uma serie de officinas organisadas e dirigidas pelos religiosos; forjas, officinas de carroceiro, de marceneiro, de correeiro, de sapateiro, de funileiro, local para a criação de bichos de seda, tanoaria, fabrica de distillação de alcooes e de essencias, casa de barrella, padaria, queijaria, pharmacia, cinco casas de lanranjeiras fornecendo mais de 200:000 laranjas ao commercio, armazens contendo 2:000 hectolitros de vinho branco e tinto, emfim moinhos triturando, sob a acção da torrente, quasi todo o pão de Sahel. E bastavam 120 padres, com os operarios por elles dirigidos, para levar a cabo um trabalho tão colossal.

«O imperador condecorou o Padre Regis e pôde-se dizer na verdade que foi uma cruz ganha n'um campo de batalha. Mais tarde o sr. Crémieux, tornado passageiramente

um dos governantes de França, visitou tambem Staouéli. Ao percorrer os jardins admirou uma bella cerejeira coberta de formosos fructos; estava encostada a ella uma escada. Convidaram-no a ir elle proprio colher as cerejas: não se fez rogar e subiu ousadamente a arvore. Como os religiosos se inquietavam por causa dos perigos que podia apresentar a descida: « Oh, disse alegremente o velho israelita, não temaes nada, estamos n'uma epoca em que se aprende a subir, mas em que se deve tambem saber descer.»

« Desde esse momento o mosteiro de Staouéli assemelhou-se a uma grande aldeia, animando e tornando-se o modelo de centenaes de outras aldeias fundadas depois pelo mesmo typo.

« Depois da Algeria, o *agro-romano*. Solicitados pelo Papa, para que renovassem no insalubre campo de Roma os milagres operados na Africa, os valentes trappistas obedeceram ao chamamento do Chefe da Egreja e, em 1868, emprehenderam o saneamento d'esses pantanos mephiticos e d'essas terras desoladas, das quaes a *Mal'aria*, de Hebert, nos deu uma tão pungente impressão. Os miasmas que d'ali emanavam haviam de ha muito afugentado para bem longe todos os seres humanos; era uma região maldita, da qual se desviava o proprio viajante. Não foi sem pagar crueis tributos a esta natureza mortifera que os monges realisaram os seus primeiros trabalhos; sucumbiram muitos, mas outros os substituiram intrepidamente e o deserto empestado não tardou em tomar um outro aspecto. Os aqueductos deram vasão para o Tibre ás aguas insalubres, o solo foi revolvido e dentro de dois annos plantações de vinha e sobretudo de eucalyptos transformaram aquelle mortifero campo n'um rico e verdejante oasis.

« Por isso, desde o dia immediato á invasão de Roma pelo exercito piemontez em 1870, os conquistadores quizeram apoderar-se immediatamente do dominio dos trappistas. Mas estes defenderam-se, oppondo os titulos de propriedade sagrada de que estavam munidos, e finalmente a nova Italia, que necessitava d'elles, respeitou a concessão que lhes fora

feita, dando-lhe sómente a fórma platónica de um arrendamento perpetuo. A proposito d'isto disse Pio IX aos laboriosos padres: «Elles teem muita razão em vos guardarem como collaboradores, servil-os-eis muito melhor do que os seus Garibaldi!...»

«Ora bem, porque é que, aproveitando a experiencia adquirida, não utilisaremos nós os trappistas em Madagascar? Porque não os convidaremos nós a renovarem ali os prodigios da Algeria e do campo romano?»

«Os conhecimentos, que nos forneceram os ultimos acontecimentos, ácerca da grande ilha africana, não são dos mais proprios a attrahirem para ali grande numero de colonos e parece duvidoso que aquelles mesmos que não teem aqui uma occupação tenham empenho em ir preparar lá o terreno. Pelo contrario, o monge arroteador, cujo officio é esse, parece indicado naturalmente para ir abrir o caminho. Que importa que o solo seja mortífero? Ha perto de oito seculos que os filhos de S. Bernardo pisam muitos outros semelhantes.

«Quem cava a terra, cava o seu tumulo» diz um proverbio hova. Muito embora! Mas o trappista, habituado a abrir diariamente o seu, não é creatura que recue deante d'essa imagem funebre e o nosso governo praticaria uma obra tão habil quão patriótica, encarregando-o de mostrar á Europa tndo o que se póde conseguir d'essa nova conquista, transportando para ali as machinas e os methodos aperfeiçoados da cultura franceza.

«Não tenhaes medo das vestes brancas! Affrontae os *aboyeurs* do parlamento. Concedei ousadamente a esses monges lavradores vinte mil, trinta mil hectares, tudo o que elles quizerem fecundar, e com o exemplo d'elles, tereis fundado em Madagascar a verdadeira colonisação.

«Não sei quem foi o explorador que disse: «Se a Inglaterra fosse catholica enviaria para toda a parte as congregações que bem depressa lhe submetteriam o mundo».

A EGREJA CATHOLICA E A ESCRAVATURA

(Continuação de pag. 4)

II

O primeiro passo do Christianismo na sua cruzada contra a escravatura foi desfazer o preconceito, que, como já vimos, existia nos homens ainda os mais illustres do paganismo, de que os escravos constituíam uma raça vil por natureza e que eram incapazes de se levantar á altura de homens verdadeiramente livres. Nada mais justo nem mais conducente a esse fim do que proclamar a egualdade e fraternidade de todos os homens, creados pelo mesmo Deus, incursos na mesma culpa original, redimidos pelo sangue do mesmo Salvador, destinados ao mesmo fim, isto é, os bons destinados a uma eternidade de bem e de gloria, os maus condemnados a uma eternidade de penas.

Tal foi o grande dogma christão da liberdade, da egualdade e da fraternidade humana, dogma proclamado por Jesus Christo e ensinado pelos apóstolos e pela Igreja na sequencia dos seculos. É debalde que os revolucionarios do seculo passado reivindicam para si a originalidade d'esse principio, porque elle se encontra assignalado nas paginas do Evangelho, e, no fundo, constitue uma das bases da doutrina christã, de que a Igreja catholica é fiel depositaria.

Em todos os seculos se observou a mesma doutrina dos Apóstolos na verdadeira Igreja de Deus, e segundo essa doutrina explica ainda hoje o Vigario de Jesus Christo a origem da escravatura, dizendo: « Do contagio do primeiro pec-

cado se derivam todos os males, e, sobre tudo, essa perversidade monstruosa, em virtude da qual homens houve que, esquecidos da fraternidade original e despresando os dictames da razão natural, não só não observaram entre si o mutuo amor e a mutua benevolencia, senão que tambem, arrastados pela ambição, começaram a ter os outros na conta de inferiores a si, e por isso a tratal-os como animaes nascidos para o jugo.

« D'este modo, não tendo em consideração alguma a identidade da natureza, a dignidade humana, a imagem divina impressa no homem, succedeu que, graças ás questões e guerras que ao depois se levantaram, os vencedores escravisassem os vencidos, e a multidão, ainda que da mesma raça, se dividisse gradualmente em individuos de duas cathogorias distinctas, a saber: os escravos vencidos, sujeitos ao dominio dos vencedores, seus senhores ¹⁾ ».

Em opposição aos erros do paganismo, S. Paulo, o grande apostolo que fez a admiração dos sabios do Areopago, ensinava em nome de Jesus Christo: « Todos vós sois filhos de Deus pela fé, que é em Jesus Christo. Porque todos os que fostes baptisados em Christo, revestistes-vos de Christo. Não ha judeu, nem grego: não ha servo, nem livre... Porque todos vós sois um em Jesus Christo ²⁾ ».

« Não ha differença de gentio e de judeu, de circumcisão e de prepucio, de barbaro e de scytha, de servo e de livre: mas Christo é tudo e em todos ³⁾ ». « Porque no mesmo espirito fomos baptisados todos nós, para sermos um mesmo corpo, ou sejamos judeus, ou gentios, ou servos, ou livres, e todos temos bebido em um mesmo espirito ⁴⁾ ».

Tal era a sublime doutrina do Christianismo contra a escravatura e contra os erros e preconceitos do mundo pagão.

As palavras de S. Paulo, que insistentemente proclamava a egualdade de todos os homens e por consequinte a liber-

¹⁾ Carta aos bispos do Brazil.

²⁾ Gal., III, 26-28.

³⁾ Coloss., II, 11.

⁴⁾ 1 Cor., XII, 13.

dade dos escravos, deviam produzir na sociedade essa profunda impressão que só é propria dos grandes pensamentos e dos sublimes principios destinados a operar uma mudança radical nas instituições sociaes. Desde então a humanidade começou a examinar com justiça a questão da escravatura, e o infeliz que até alli era vexado, opprimido e excluido de todos os direitos, devia sentir um raio de luz e esperança a illuminar-lhe a alma, devia abençoar do fundo do seu coração a palavra de Deus que o defendia e nobilitava.

Todos eram irmãos, todos tinham a mesma origem e o mesmo fim. Estabelecia-se a fraternidade em Jesus Christo, fraternidade de todos os homens e de todos os povos, todos filhos do mesmo Deus, membros de um mesmo corpo.

Mas ao mesmo tempo que S. Paulo ensinava esta sublime doutrina, desconhecida dos mais famosos sabios da antiguidade, definia e recommendava os direitos e obrigações de escravos e senhores, ao contrario da velha philosophia, que negava a uns todos os direitos e fazia os outros senhores despoticos dos primeiros.

« Sêde sujeitos em todo o temor não só aos bons e modestos, mas ainda aos discolos ¹⁾ ».

« Obedecei aos senhores carnaes com temor e tremor, na simplicidade do coração, como a Christo; não servindo só apparentemente, como para agradar aos homens, mas como servos em Christo, cumprindo com todo o coração a vontade de Deus, servindo com boa vontade, como ao Senhor, e não aos homens; sabendo de mais que cada um, servo ou livre, receberá de Deus a recompensa do bem que praticar ²⁾ ».

E a Timotheo escrevia: « Os que vivem sob o jugo da escravidão tenham os seus senhores como dignos de toda a honra; aquelles que teem por senhores fieis, não os despresem, porque são irmãos, mas sirvam-n'os ainda mais porque são fieis muito amados e participantes dos mesmos beneficios. Eis o que debes ensinar e exortar ³⁾ ».

¹⁾ I Petr., II, 18.

²⁾ Eph., VI, 5-8.

³⁾ I Tim., VI, 1-2.

E a Tito ordenava que ensinasse os servos a « serem submissos aos seus senhores, que lhes agradassem em tudo, que não os contradissem nem enganassem, mas que em tudo mostrassem boa fé, a fim de que a doutrina do nosso Salvador resplandecesse em todos ¹⁾ ».

Assim estabelecia S. Paulo admiravelmente a obediência e o respeito ao principio da auctoridade, baseando a dependencia dos escravos não na vontade arbitraria de simples homens, mas na consideração de que a auctoridade dos senhores representava o poder de Deus e fundava-se em principios superiores, visto que essa auctoridade devia ser interprete da razão e da justiça.

Ao passo que o apostolo ensinava os deveres dos escravos, recommendava tambem os deveres dos senhores: « E vós, senhores, procedei do mesmo modo para com elles; não os ameaceis sabendo que o vosso Senhor e o d'elles está nos céos e que deante d'Elle não ha acceitação de pessoas ²⁾ ».

N'outro lugar ³⁾, S. Paulo exhortava os senhores a considerar, que ao homem livre, porque *é servo do Senhor* não é permittido ostentar altivez e mandar com orgulho, do mesmo modo que ao servo não é permittido queixar-se da sua sorte, porque *é liberto do Senhor*. Os senhores eram assim levados a reconhecer nos servos a dignidade humana, a tratal-os caridosamente e a consideral-os eguaes a si pela fé em Jesus Christo.

Não omittiremos a recommendação que S. Paulo fazia a Philemon, quando lhe enviava Onesimo, escravo fugitivo. « Recebe-o como muito querido do meu coração... não como um escravo, mas como um irmão querido segundo a carne e segundo o Senhor; porque se alguma cousa te prejudicou ou é teu devedor, imputa isto a mim ⁴⁾ ».

O escravo fica obedecendo, mas essa obediência tem já um tanto de nobre. A obediência á força e pelo medo mo-

¹⁾ Tit., II, 9-10.

²⁾ Ephes., VI, 9.

³⁾ I Cor., VII, 22.

⁴⁾ Ad Phil., 12-18.

difica-se pelo sentimento do amor divino e transforma-se em obediencia de amor. O senhor não fica sendo o tyranno cruel dos tempos antigos : é apenas um depositario da auctoridade de Deus, que é o verdadeiro Senhor de todos os homens, eguaes perante Elle.

A Igreja salvaguardava assim os direitos do senhor e a liberdade do escravo.

Os animos iam-se dispondo, por meio de todas as doutrinas e instituições christãs, para acceitar mais tarde a egualdade da natureza humana e por esse principio dar a liberdade aos infelizes escravos.

Entre essas instituições figura a Meza eucharistica, onde todos, escravos e senhores, recebiam por egual, sem a menor distincção de condições, o sagrado Manjar de Jesus Christo. Alli a egualdade era perfeita.

É digno de considerar-se profundamente o admiravel contraste entre o procedimento dos apóstolos christãos e a norma seguida no paganismo. De um lado a caridade, o amor, a justiça, os principios da fraternidade humana e o levantamento moral de todos os homens ; do outro lado o odio, a crueldade, a tyrannia, a distincção de raças, a oppressão de uma classe desprotegida e o rebaixamento da dignidade.

Mas, dirá alguém, a Igreja não acabou de prompto com a escravatura.

É verdade, e teria commettido um erro se tal fizesse, alem de que ella não tinha o apoio, mas a perseguição, do poder civil, durante os tres primeiros seculos. Como em tudo, a Igreja procedeu com uma grande largueza de vistas : a extincção subita da escravatura teria produzido um grande disequilibrio economico e importaria graves desordens prejudiciaes á sociedade e á propria Igreja.

A acção lenta e pacifica do Christianismo era preferivel, como sendo mais prudente e não menos effcaz.

(*Continúa*).

F. A.

As victorias da Africa

Os nossos leitores já conhecem o telegramma seguinte, recebido no ministerio da marinha em 19 de novembro :

LOURENÇO MARQUES, 19, ás 10 h. e 50 m. da m. — Ministro da marinha — Lisboa. — Acaba de chegar do Limpopo vapor *Neves Ferreira*, que traz a jubilosa noticia de que as nossas forças, da columna de Inhambane, entraram no dia 11 em Majanzeze, destruindo e queimando o *kraal* do Gungunhana.

Esta noticia foi transmittida pelo commandante da lancha *Capello*, no Limpopo, em nota do coronel Galhardo, que informa que o Gungunhana fugiu. A columna regressava a Chicomo. As populações de ambas as margens do Limpopo pediram vassallagem. Os valentes commandantes das lanchas canhoneiras *Neves Ferreira* e *Capello*, que avassallaram já o regulo Chai-Chai, continuam vassallagens. Felicito sua majestade, o governo e o paiz por mais este brilhante feito.

(a) GOVERNADOR.

Esta noticia, tão gloriosa para os nossos soldados e para a nossa patria, despertou em todos os corações portuguezes um grande sentimento de enthusiasmo. Por todo o paiz se celebrou este famoso acontecimento, de tão importantes consequencias para a civilisação e para o nosso desenvolvimento colonial, agradecendo ao Deus das victorias aquelle triumpho das armas portuguezas e saudando o nosso exercito como continuador das nossas mais bellas tradições.

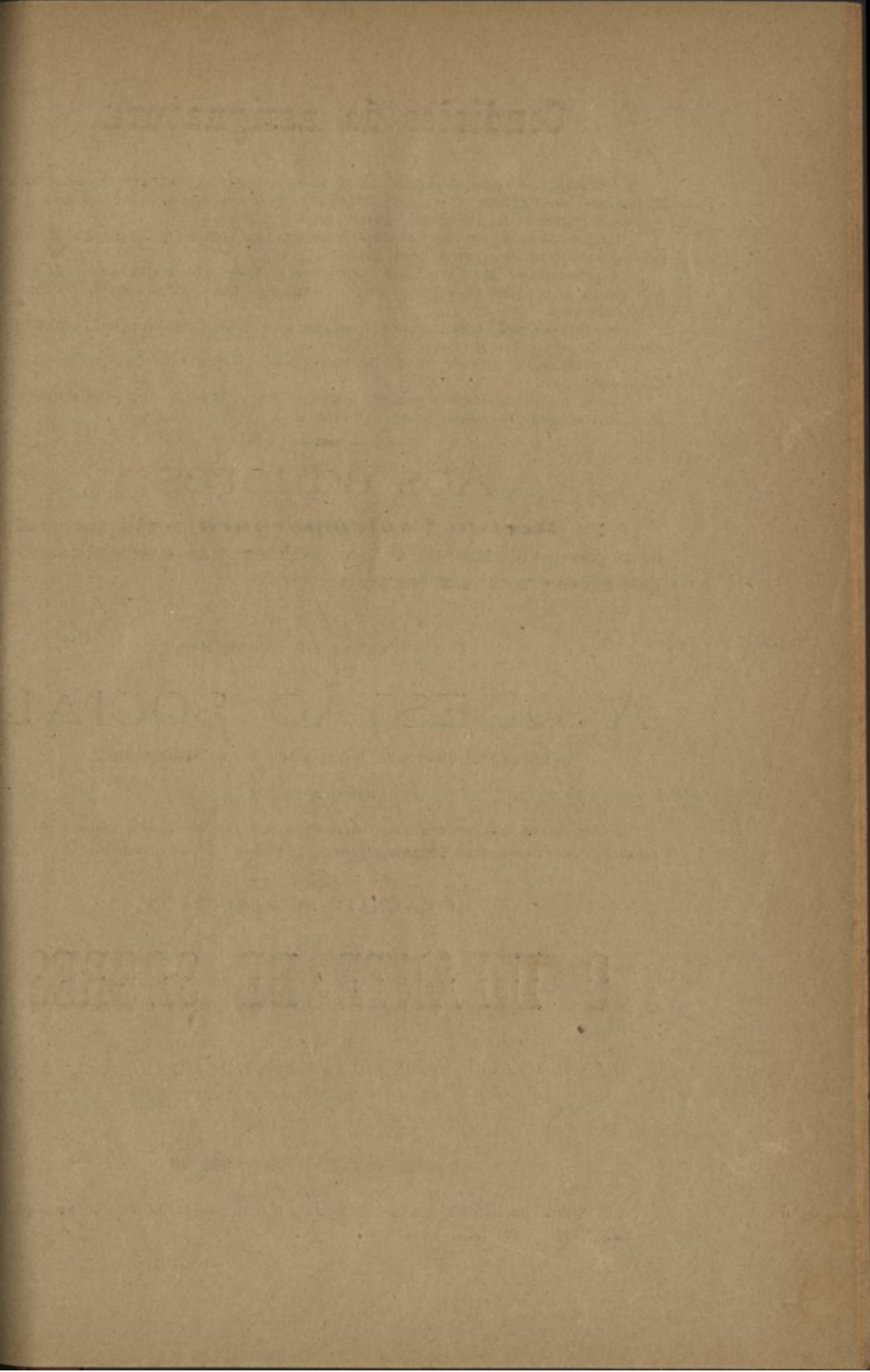
Reservando-nos para no proximo numero d'esta *Revista* darmos mais larga informação da campanha da Africa, apraz-nos por agora registrar a festa da Academia de Coimbra a proposito da ultima victoria. É uma das festas mais brilhantes a que temos assistido e que em extremo honra os estudantes da nossa Universidade. Depois das mais entusiasticas manifestações defronte do quartel de infantaria 23, onde foram recebidos pela officialidade com a banda regimental; depois d'essas manifestações a que adheriu com enthusiasmo a camara municipal e o povo de Coimbra, os

estudantes fizeram celebrar no dia 24 de novembro, na Real Capella da Universidade, um solemne *Te-Deum*, ao qual assistiu o venerando reitor, corpo docente da Universidade e do lyceu, officialidade de infantaria 23, camara municipal, governador civil e tudo o que em Coimbra ha de mais distincto. A guarda de honra era feita pelo regimento de infantaria 23, com a respectiva banda. A capella da Universidade achava-se admiravelmente ornamentada. Na vespera constára aos estudantes que se achava em Coimbra o ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. D. Antonio Barroso, actual bispo de Hymeria e prelado de Moçambique, que por muitos annos foi um heroico missionario da Africa portugueza e ainda hoje alli presta os mais assignalados serviços. Os estudantes foram convidal-o a discursar na occasião do *Te-Deum*. S. ex.^a escusou-se, allegando a falta de preparação para fallar perante o primeiro auditorio do paiz. Mas os estudantes insistiram, pediram como só os rapazes sabem pedir, até que o benemerito prelado accedeu.

O discurso de s. ex.^a rev.^{ma} foi um verdadeiro triumpho. Vibrante de enthusiasmo e de patriotismo, o illustre prelado expoz admiravelmente as questões africanas, elogiou o patriotismo dos estudantes e o heroismo dos soldados. « A minha pena — disse — é estar aqui tão longe d'aquelles bravos; porque queria partilhar com elles todos os perigos e todos os soffrimentos, amparar os feridos, abençoar os moribundos, e, se fosse preciso, morrer com elles envolvido na mesma bandeira gloriosa da patria. » O discurso electrizou os estudantes, como os impressionou aquella veneranda fronte prematuramente enrugada, e aquelles cabellos destingidos, não pelos annos, mas pelos heroicos trabalhos do missionario ardente.

A sahida a manifestação de que foi alvo o sr. bispo de Hymeria excedeu tudo o que d'ella podessemos dizer. As phreneticas salvas de palmas e os vivas mais calorosos repetiram-se continuamente. S. ex.^a rev.^{ma} atravessou o pateo da Universidade e a porta ferrea por sobre as capas negras que juncavam o solo. Subiu para o trem, mas como os estudantes continuassem a ovação, delicadamente se apeou e seguiu a pé no meio d'aquella massa enorme de rapazes que o aclamava phreneticamente. O benemerito prelado era effectivamente bem digno d'aquella imponente manifestação.

Á noite retirou-se s. ex.^a rev.^{ma} para Lisboa, no comboio das onze e meia da noite. A gare da estação encheu-se completamente de estudantes que foram fazer-lhe uma despedida affectuosissima e enthusiastica. Um dos membros da commissão promotora dos festejos entregou ao illustre prelado, em nome da Academia de Coimbra, e como lembrança, um pergaminho com magnificas illuminuras allusivas a cousas africanas, e uma quadra do sr. Sebastião de Carvalho, quintannista de Direito. A despedida foi ruidosa e enthusiastica. O venerando prelado agradeceu muito comovido, abraçando muitos estudantes.



Condições da assignatura

A *Revista Contemporanea* publicar-se-ha mensalmente, abrangendo cada numero 32 paginas in-8.º grande. O numero de paginas pode ser maior quando assim o exija o desenvolvimento de assumptos especiaes.

Cada numero da *Revista Contemporanea* tractará sempre de assumptos variados, como questões sociaes, scientificas, historicas, etc.

Apparecerá no primeiro dia de cada mez, e o preço da assignatura é de 12600 réis annuaes, que devem ser pagos respectivamente antes da publicação do numero 4 de cada anno.

No fim de cada anno receberão os srs. assignantes o frontespicio e indice do volume respectivo da *Revista*.

Continuam a receber-se assignaturas desde o primeiro numero da *Revista Contemporanea*.

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a José Marques Rito e Cunha, Collegio Novo. — Coimbra.

Aos editores

Na *Revista Contemporanea* serão apreciadas com desenvolvimento as obras litterarias e scientificas de que recebermos um exemplar.

FORTUNATO DE ALMEIDA

A QUESTÃO SOCIAL

Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Affonso Costa

PREÇO 200 REIS

Á venda em todas as livrarias. Remette-se pelo correio a quem enviar 220 reis á administração da *Revista Contemporanea*, — Collegio Novo, Coimbra.

FORTUNATO DE ALMEIDA

O INFANTE DE SAGRES

Obra premiada

*no concurso de memcrias sobre o infante D. Henrique,
por occasião do quinto centenario
do seu nascimento*

1 volume de XLIII-371 pag., 600 reis

A venda na Livraria Portuense de Lopes & C.ª, editores, rua do Almada, 119
— 123, Porto, e em todas as livrarias.

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

QUESTÕES RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,
HISTORICAS E SOCIAES

DIRECTOR

Fortunato de Almeida

QUINTANISTA DE DIREITO

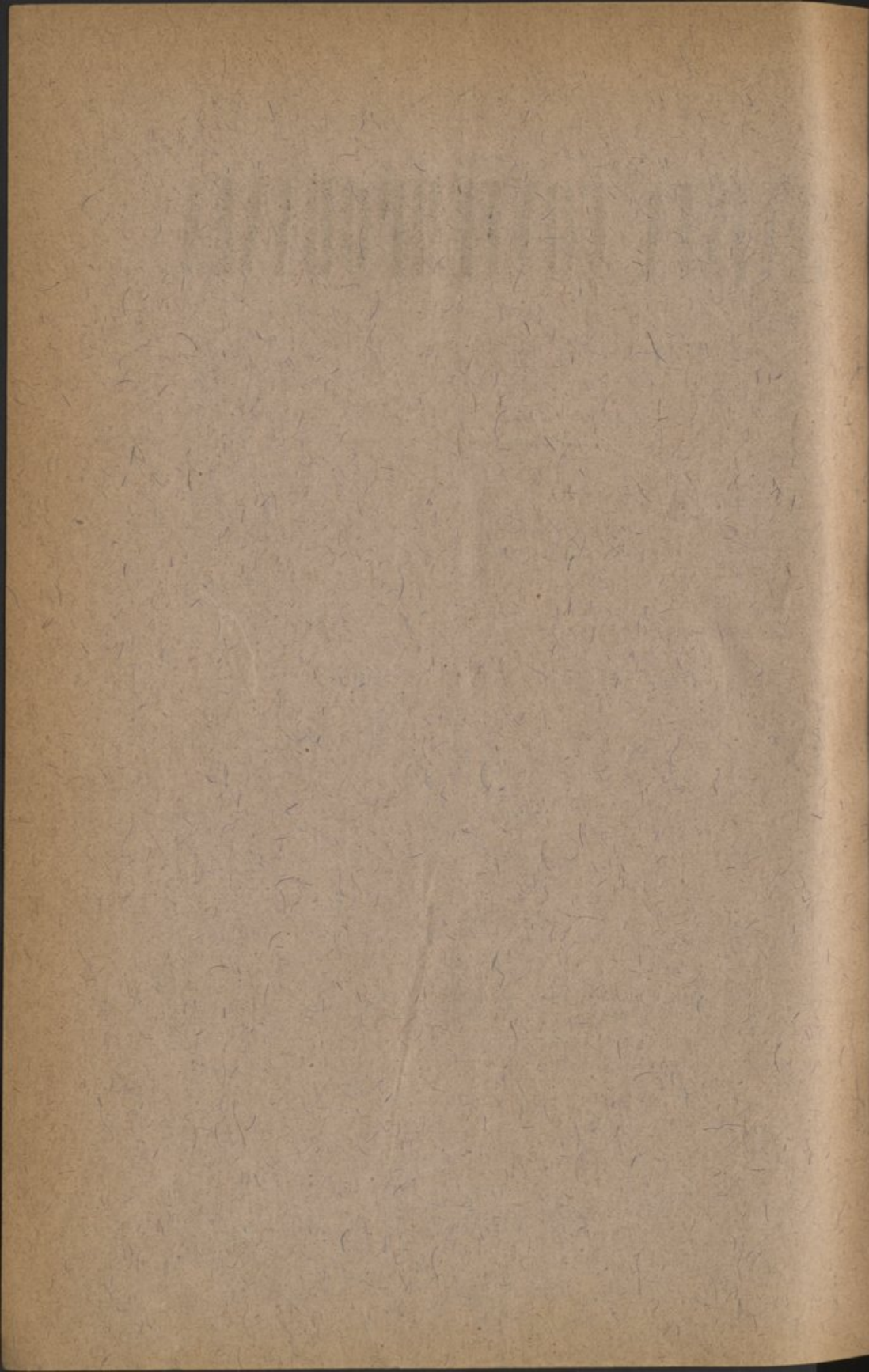
ADMINISTRADOR

José Marques Rito e Cunha

BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA

SUMMARIO

- I — A Igreja e a antiguidade classica, por D. V. B. D.
- II — A guerra de Africa, por Eduardo de Noronha.
- III — Cartas dos expedicionarios.
- IV — As origens dos Estados Pontificios.



A Igreja e a antiguidade classica ¹⁾

Um professor de Berlim, o dr. Paulo Nerrlich, publicou ultimamente uma obra intitulada — «*O dogma da antiguidade classica no seu desenvolvimento historico.*» ²⁾ Este livro não é o simples trabalho de um historiador que se contentasse de expor o papel das humanidades classicas atravez das vicissitudes dos tempos; é tambem a obra de um pedagogista que quer harmonisar a educação da mocidade com as suas crenças religiosas, julga os resultados adquiridos no decurso dos seculos por meio da formação classica e proclama a necessidade absoluta de uma reforma do ensino moderno. Este volume revela um estudo serio das evoluções da pedagogia e dos systemas de instrucção; contêm vistas cheias de justiça sobre diferentes phases do movimento intellectual.

Entretanto, ao lado de qualidades incontestaveis, esse trabalho tem um grande defeito, que obriga o leitor a pôr-se de prevenção contra as apreciações do auctor e muitas vezes a rejeitar as suas deducções e conclusões. É o character vago das opiniões philosophicas do auctor, é a sua incerteza a respeito do systema religioso que deva ser a base da educação, e uma idéa absolutamente falsa da religião estabelecida por Jesus Christo, e, por consequente, do catholicismo. O auctor é protestante: manifesta-se assim menos pela exposição das suas crenças que pelos seus preconceitos contra a Igreja ca-

¹⁾ Traduzido da *Revue Bénédictine* (Belgica).

²⁾ *Das Dogma vom Klassischen Alterthum in seiner geschichtlichen Entwicklung.* Leipzig, Hirschfeld, 1894.

tholica. Ao menos aparentemente, colloca-se no terreno do christianismo; revela essa theologia liberal que mina as bases do christianismo, mas, por outro lado, reconhece no christianismo um dualismo irreconciliavel. Para ser logico, diz elle, o christianismo deve evitar o mundo, declarar-se inimigo do Estado e transformar-se em monachismo. Na sua opinião existe um antagonismo entre o divino e o humano: ainda não foi descoberto o traço que une o symbolo christão á humanidade. Todavia esse traço deve existir; importa encontral-o e destruir por essa forma tal dualismo, que impede o desenvolvimento natural e consequente das faculdades do homem e prejudica a realisação das suas mais legitimas aspirações.

Parece que o nosso seculo não está destinado a assistir a essa descoberta: — já é um pouco tarde; — será talvez essa a obra de um genio do seculo XX. Uma vez achado esse laço, que na realidade é a religião do futuro, pode-se e deve-se assignar á ethica, baseada na metaphisica, o papel preponderante na educação das gerações novas. Uma vez dada esta base, todo o edificio da educação ha de levantar-se n'uma grande unidade e n'uma perfeita harmonia desde a escola primaria até á universidade.

O Estado moderno deixará de ter inimigos, porque o catholicismo, que o auctor considera como seu inimigo necessario e consequente, e a democracia social, para a qual a religião é apenas um negocio particular, deixarão de dominar o espirito e o coração das gerações novas.

Esta idéa geral do trabalho do Dr. Nerlich bastará para deixar entrever o seu fim e o seu ponto de vista historico; mais tarde nos referiremos ás suas inconsequencias. O auctor é um protestante sufficientemente bom para não dar ao seu christianismo a interpretação mais elastica, e está penetrado da idéa classica do Estado pagão assaz profundamente para comprehender que o Estado moderno, tal como elle o concebe, é o inimigo mais declarado da liberdade individual, dos direitos imprescriptiveis da consciencia, e o antagonista ou perseguidor da Igreja fundada por Jesus Christo.

Dividindo em tres estudos o exame das questões levanta-

das pelo sr. Nerrlich, teremos occasião de expor as suas vistas, de apreciar os resultados das suas investigações e tambem de rectificar as suas apreciações erroneas. Examinaremos successivamente a Egreja nas suas relações com a antiguidade classica, os resultados historicos do humanismo da Renascença, finalmente os principios e os resultados do moderno humanismo na Allemanha. Como se vê, estes tres pontos ligam-se muito de perto com uma questão vivamente agitada nos ultimos tempos. A nossa intenção é conservarmo'-nos absolutamente fora dos debates na questão prática do ensino classico: as lições da historia e os ensinamentos dos primeiros pastores da Egreja indicaram o caminho a seguir. Admittimos o ensino simultaneo da litteratura classica e da litteratura catholica nas nossas escolas. Todavia pareceu-nos util chamar a attenção para o que se passa no campo dos nossos adversarios, e fazer prevenção contra os perigos do exagerado engodo que offerecem os productos de Alem-Rheno. O espirito que anima a pedagogia allemã, os resultados a que presentemente conduz ¹⁾, são proprios a fazerem reflectir aquelles que quizessem implantal-a pura e simplesmente entre nós.

O defeito capital do trabalho do sr. Nerrlich é a falta de convicções positivas, tanto em religião como em philosophia. Embora o negue, está sob a influencia da theologia mais liberal, e não tem dos dogmas christãos a idéa clara e precisa que resalta da doutrina revelada, admittida e transmittida como tal atravez dos seculos. Encarando portanto o estabelecimento e o desenvolvimento do christianismo á luz das suas convicções incertas e fluctuantes, sempre provisórias, não comprehendeu o verdadeiro character dos seus dogmas, nem a marcha real do seu desenvolvimento historico.

¹⁾ Não é raro ouvir professores distinctissimos lastimarem o conhecimento imperfeito e insufficiente do latim que os alumnos levam ao sahirem dos lyceus. Não sabem escrever latim; os que o fallam podem contar-se muito bem — *rari nantes* *).

* O leitor pode carregar sem receio as tintas do quadro e applicar a Portugal. — (N. da R. da *Rev. Contemp.*).

Encontrando-lhe certos pontos de contacto com outras religiões anteriores, não reconheceu a existencia de um fundo de tradições e de verdades communs que têm a sua explicação n'uma revelação primitiva e no poder da razão humana. Deixando egualmente de estabelecer uma distincção essencial entre certas manifestações isoladas da vida christã, ou certos exaggeros de escriptores ecclesiasticos, e a doutrina e a organização da Egreja, Nerrlich converteu a excepção em regra, e em todo o desenvolvimento historico do catholicismo viu apenas uma inconsequencia perpetua, um constante desacordo com os seus principios. O facto é que a inconsequencia de dezenove seculos, por elle imaginada, desaparece desde que se reconheça a falsidade do principio que deduz de factos particulares e contingentes.

A falta de uma noção exacta do catholicismo é a causa do duplo erro exposto e defendido em cada pagina do seu livro pelo professor de Berlim, a saber, que o catholicismo suppõe a existencia de um dualismo, e, como consequencia d'esse principio, que uma religião que abstrae ou deve abstrahir do elemento terrestre, é e deve ser logicamente inimiga do Estado. Este duplo erro, que forma a base do systema do professor de Berlim, determina o ponto de vista sob o qual encara o christianismo nas suas relações com a antiguidade classica.

Mas, na sua opinião, existe uma opposição de contrarios absolutamente irreconciliaveis: para ser logico, o catholicismo deve rejeitar e combater por todos os modos a antiguidade classica, que creou o Estado tal como o auctor o concebe, e que tem por mira e ideal, não um fim eterno e celeste, mas um fim temporal e terrestre.

Este ponto de vista é falso: no christianismo não existe o dualismo como obstaculo invencivel entre Deus e o homem, tal como o admittem a gnose e o manicheismo; e a historia mostra que o Estado christão e catholico não só é possivel, mas foi e é ainda uma realidade. No momento em que alguns historiadores prussianos procuram demonstrar que o imperio allemão, com o rei da Prussia á frente, deve ser a expressão

historica do imperio protestante, em opposição ao santo imperio romano, que foi e podia ser ainda a expressão do Estado catholico, o auctor podia deixar de revelar uma inconsequencia manifesta de principios e de combater uma opinião que não pode deixar de acceitar.

Antes de mostrarmos a attitude tomada pela Igreja em presença da antiguidade classica, e para melhor se comprehenderem os motivos intimos do seu procedimento, parece-nos util resumir a sua doutrina ácerca do fim do homem e das suas relações com o Estado.

Toda a religião, que admite a existencia pessoal de Deus e a criação da materia, reconhece a existencia de um dualismo. Certamente, esse dualismo que estabelece entre Deus e o homem uma differença essencial e obsta invencivelmente á sua identificação, existe tambem para o christão que vê em Deus um ser absoluto e infinito e no homem um ser contingente e finito. Mas, pela fé da verdade que o proprio Deus revelou, o christão sabe que o homem deve procurar o seu fim ultimo, não em um afastamento absoluto e eterno de Deus, nem n'uma transformação completa e identificação substancial com Deus, mas n'uma união intima com Elle, n'esta vida pela graça, e depois na gloria da vida eterna, germinação da semente divina lançada em nossas almas pela graça. Este fim ultimo não é um fructo da natureza humana, mas um producto da graça. Ha aqui duas ordens distinctas que dominam e explicam toda a historia da humanidade. O protestantismo destroe a natureza, e o racionalismo nega a graça. Só o catholicismo harmonisa a fé com a razão, a liberdade com a graça e a natureza com o sobrenatural. A Encarnação do Filho de Deus é esse traço que liga a humanidade á divindade, e a sua obra prepetúa-se no seio da Igreja pela doutrina que Elle lhe confiou e pelos sacramentos de que fez canaes da sua graça. Ha mais: não são apenas as creaturas individuaes chamadas a realisar o plano divino na ordem sobrenatural pela graça e na gloria, mas essas differentes creaturas, ligadas entre si na unidade de um mesmo fim, constituem a Igreja. Esta é o reino em que o Filho de Deus

contrae com a creatura humana uma alliança, pela qual entra pessoalmente na classe das creaturas e com esta natureza se converte em seu chefe e mediador da graça. Tal é a natureza do dualismo no seio do christianismo.

A falsa idéa que a este respeito formou o sr. Nerrlich levou-o a confundir duas cousas perfeitamente distinctas na doutrina de Christo: os preceitos e os conselhos. Todo o homem é obrigado a praticar os preceitos de Jesus Christo; quanto aos conselhos, quanto á abnegação completa de si mesmo e á renuncia voluntaria aos bens d'este mundo e ás alegrias da natureza, de que o Salvador fez a condição necessaria da perfeição, não é dado a todos ouvir e sobretudo comprehender este appello. D'isto encontramos uma prova frisante no caso do mancebo do Evangelho que o Senhor convida á perfeição, e que se retira muito triste por não ter a coragem de seguir esse conselho. A vocação para a vida religiosa, ou, como diz Nerrlich, para o monachismo, que é o ideal da vida christã, tanto dos individuos como das sociedades, é uma excepção no seio da Igreja, mas uma excepção que entra no plano providencial e na harmonia do organismo da Igreja, porque se baseia na doutrina de Christo. É por estes principios que deve comprehender-se o alcance real de certas palavras de auctores ecclesiasticos, que porventura se dirigem apenas a uma classe particular de christãos ou que contem um exaggero manifesto.

O christianismo deve desenvolver-se no seio da sociedade civil. Essa sociedade, o poder temporal, ou o Estado que é o seu depositario, são queridos por Deus, admittidos e reconhecidos pela Igreja. N'este ponto é formal a doutrina de S. Paulo. Ao contrario de outras religiões que o precederam ou seguiram e que suppoem uma ordem politica ou social a cuja sorte estão encadeadas, o christianismo accomoda-se a todas as constituições politicas. Pela propria razão do seu fim e dos seus principios, adapta-se a todas as formas de governo e teme tão pouco a democracia como o poder absoluto. As circumstancias de tempos e de logares podem determinar ás vezes a preferencia de uma ou outra forma;

essa preferencia não é imposta pela natureza de suas doutrinas.

Muito naturalmente se apresenta aqui uma objecção : no decurso dos seculos apparecem homens que levantaram a voz contra o Estado e que prégarão um antagonismo radical entre a Igreja e o Estado. Appareceram, effectivamente, mas eram sectarios que abusavam dos textos evangelicos, e que transformavam em preceitos rigorosos simples conselhos de perfeição. Entre esses exaggerados, que indevidamente se consideram depositarios da tradição catholica, apparece em primeiro lugar Tertulliano. Um dos homens que melhor têm penetrado no intimo das questões de doutrina levantadas pela leitura dos Padres da Igreja, um dos que melhor perscrutaram os problemas da philosophia da historia, Mgr. Freppel, resumiu e caracterisou, com a clareza e justiça que o caracterisavam, a opinião de Tertulliano e a doutrina da Igreja ácerca das relações da Igreja e do Estado ainda pagão :

« A Igreja, diz o eminente escriptor, não podia seguir Tertulliano no caminho de severidade excessiva em que ia introduzir-se. Procurando destruir a idolatria até aos ultimos vestigios, estava muito longe de querer atacar as leis e as formas essenciaes da ordem social. Não vinha declarar a guerra nem á natureza nem á sociedade, mas aos vicios e erros que haviam alterado uma e outra. Pelo contrario, as theorias extremas do moralista africano attingiam, alem do polytheismo, tambem as condições sem as quaes a humanidade não poderia cumprir os seus destinos. Concebe tão pouco a possibilidade de um Estado christão, que as funções civis e os serviços militares lhe parecem incompatíveis com a prática do Evangelho ; pelo menos faz restricções que as tornariam quasi impossiveis. Á força de querer absorver as almas na contemplação das cousas celestes, despreza ou perde de vista as relações necessarias da vida terrestre. Desconhece a legitima posição que a riqueza e o poder occupam na economia da Providencia ; e porque vê a riqueza e o poder do lado da idolatria, esquece que a missão da Igreja é precisamente imprimir-lhes um caracter differente. Este pu-

ritanismo estricto e exaltado não podia convir a uma sociedade religiosa, que, longe de se limitar a um pequeno numero de ascetas, retrádos do mundo, devia estender a todos os povos a sua acção regeneradora e transformar pela sua influencia a propria ordem civil e politica. Confundindo a excepção com a regra, as doutrinas moraes de Tertulliano tendiam a fazer do mundo um convento e a reduzir a Egreja ás proporções de uma seita »¹⁾).

Como se vê, indevidamente deixa Tertulliano de estabelecer uma distincção essencial entre a ordem natural e a ordem sobrenatural, entre o fim proprio da Egreja e o do Estado, e não separa a idéa de Estado da forma pagã que no seu tempo revestia. O paganismo é o estado de decadencia da ordem sobrenatural; falta-lhe a graça, mas a natureza, embora viciada, subsiste com todos os seus direitos, e visa um fim proprio que deve atingir, tanto na ordem moral como na ordem material. Por outro lado, o Estado, como depositario do poder temporal, vem de Deus: é destinado a assegurar a felicidade temporal dos povos. A Egreja, que lhes deve procurar a felicidade eterna, reconhece-o, e, longe de o combater, comtanto que elle respeite os direitos de Deus e as leis de Jesus Christo, presta-lhe, em caso de necessidade, o seu mais generoso e mais fecundo concurso na obra commum da civilisação. A verdade d'esta asserção é attestada a todo o homem sincero pela historia do passado como pelo espectáculo dos acontecimentos contemporaneos.

Acabamos de mostrar que o dualismo não existe no catholicismo de uma forma tão radical, tão manichêa, como imagina o sr. Nerrlich, e por conseguinte que o catholicismo não é o inimigo nato, o inimigo necessario do Estado; vamos agora examinar nos seus principios e na realidade dos factos a attitude que pode tomar e que tomou em presença da antiguidade classica.

(Conclue).

D. V. B. D.

¹⁾ *Tertullien*, t. 1, pag. 265-266.

A GUERRA DE AFRICA

Em outubro de 1894, Lourenço Marques, a mais importante cidade portugueza da Africa oriental, estava bloqueada pelas tribus rebelladas dos regulos Mahazuli da Magaia, Matibejane das terras do Zixaxa e Mauday da Moamba.

A causa proxima da insurreição era o augmento do imposto de palhota. Os rebeldes, com uma audacia extraordinaria, não só assassinaram varios europeus e muitos indigenas em volta da cidade, mas ainda, no dia 14 d'aquelle mez, levaram a temeridade a atacarem os blockaus do lado do noroeste, ousadia que foi repellida energicamente pelos valerosos soldados europeus da policia e um punhado de marinhos da corveta *Rainha de Portugal*.

Durante quarenta e seis noites ninguem dormiu, guardando as barricadas, na expectativa d'um ataque nocturno. Esta prolongada época de sobresaltos e fadigas extenuára a população. O inimigo, reunido e disposto a saquear a cidade, contava um effectivo de quinze mil homens.

Os estrangeiros reclamavam protecção dos seus governos, as auctoridades portuguezas telegraphavam para a metropole requisitando reforços com urgencia. Em poucos dias, com uma rapidez que honra o governo e foi uma brilhante manifestação da energia do actual ministro da guerra, organisou-se a primeira expedição.

A 10 de novembro chegou a Lourenço Marques o vapor *Angola*, levando a seu bordo um contingente de 500 recrutas

africanos, e a 12 o paquete *Cazengo*, conduzindo o 2.º batalhão de caçadores n.º 2 e a 2.ª bateria de brigada de montanha.

Era tempo. Alguns dias mais e, ou teriamos que soffrer o vexame da intervenção de tropas estrangeiras para defenderem os seus nacionaes, ou os habitantes succumbiriam n'uma hecatombe terrível.

Dias depois de chegar a expedição foi reoccupado o commando militar de Anguane e ali deixada de guarnição a companhia do capitão Carvalho, que teve de sustentar alguns roteios contra os negros da visinhança.

Em 21 de janeiro de 1895 uma columna composta de 250 homens bateu todo o terreno até ás terras do Mahazuli, arrasou os trabalhos de fortificação que encontrou, queimou as povoações e destruiu os celeiros dos revoltosos.

No dia 2 de fevereiro teve logar a surpresa e combate de Marracuenne. A marcha feita nos dias anteriores comprovava evidentemente a resistencia e resignação do bravo soldado portuguez. A chuva, a falta absoluta de commodidades, a irregularidade da alimentação, a certeza d'um ataque em que o adversario era vinte vezes superior em numero, nada fizera trepidar aquellas almas de bronze.

A columna era commandada pelo major José Ribeiro; ás suas ordens estavam as companhias de caçadores, n.º 2, Macedo, Cabral e Barros, a da policia Aguiar, a bateria de montanha Machado com os tenentes Saccadura, Taveira e Castello Branco. Fazendo parte do estado maior havia o major C. Xavier, capitão E. Costa, tenentes A. de Ornellas e Couceiro, alferes Santos, R. Costa, Antonio Manuel, da secção de cavallaria, e José Francisco.

Na vespera distinguira-se pela fórma como desalojara o inimigo d'um mangal o alferes França; durante a confusão do primeiro momento, quando os negros azagaiavam tudo e todos, o tenente Rocha, pelo seu extraordinario sangue frio; pela maneira como conseguiram restabelecer a ordem entre os recrutas indigenas, os tenentes Bracklamy, Ghira, Pinho e Encarnação.

O que se passou n'aquelle combate é sufficientemente

conhecido para se repetir agora. Ha, porém, dois factos que nos parece dever mencionar :

Quando os negros, com uma impetuosidade formidavel, entraram no quadrado, quando romperam de todos os lados n'um crepitar incessante, o tenente do estado maior, Ayres de Ornellas, que dormia profundamente, fatigado das marchas e das rondas nocturnas, acorda, afivella o talim, tira o relógio e voltando-se para um camarada com a mais completa calma, diz-lhe : « Ora vamos lá vêr a que horas principiou a toirada ».

Outra. Terminado o tiroteio, manhã clara, disperso o inimigo, um soldado de caçadores lamenta-se, soltando profundos suspiros.

— Que tens? pergunta-lhe um official.

— Não vê, meu tenente, aquelles almas do diabo furaram-me a barretina com uma bala e tenho que entrar em descontos.

Alguns millimetros mais abaixo e não seria elle com certeza quem pagaria a barretina.

A marinha coadjuvára efficaçamente as operações de terra. O capitão de fragata Moraes e Sousa percorria o Incomati e batia-se valentemente; o 1.º tenente Marinho Cabral desenvolvia uma grande actividade no commando da flotilha; o 2.º tenente V. Sepulveda, depois de ter prestado excellente serviço nas barricadas, fez varias apprehensões de contrabando de guerra; R. Furtado, então commandante do *Neves Ferreira*, apoiava vigorosamente as operações de terra; o tenente Rocha, da *Bacamarte*, provava o que vale a coadjuvação d'um official destemido.

No arduo cumprimento de deveres que eram commettidos á marinha, temos a lamentar a perda do valioso e illustre 1.º tenente, Philippe de Carvalho, que, batendo-se a bordo d'uma canhoneira, perdeu a vida atravessado por uma bala inimiga.

Em dezembro partiu para Moçambique o conselheiro Antonio Ennes, nomeado commissario regio n'aquella provincia, investido de plenos e completos poderes.

Julgou-se necessaria uma segunda expedição europêa. N'essa conformidade, seguiram de Lisboa para Lourenço Marques e Inhambane o 2.º batalhão de caçadores n.º 3, o 2.º batalhão de infantaria n.º 2, a 2.ª companhia de artilheria n.º 4, a 2.ª do regimento de engenharia, o 1.º esquadrão de lanceiros n.º 1 e varios serviços complementares, perfazendo tudo, um effectivo de 2:400 soldados brancos, commandado superiormente pelo coronel Galhardo.

Estas forças foram divididas em duas columnas: a do sul e a do norte, uma operava em Lourenço Marques, a outra em Inhambane. A noticia da chegada da expedição determinou o regulo do Maputo a offerecer vassalagem e pagar tributo, apressou os sublevados a procurarem n'uma fuga rapida alentos para futura resistencia, fez apresentar á auctoridade as forças dos regulos da Moamba e da Matolla que offereciam um procedimento dubio.

A columna sul, batidas as duas margens do Incomati, resolveu apoiar a sua marcha sobre o inimigo, construindo blockaus e organisando postos militares. Assim se fortificou o do Marracuene, Incanhine, Manhiça, Sabie que protege a linha ferrea, o do Stocolo, Magudo, Chivane e Inhampura.

Defendido convenientemente o posto de Chinavane, foi intimado o chefe de guerra d'uma partida importante de rebeldes que acampava a leste do rio Incoluane, proximo do Magul, a que entregasse o regulo Mahazuli e o do Zixaxa dentro em tres dias, findos os quaes se romperiam hostilidades contra elles. Expirado o prazo, uma força de 250 homens, em que entrava uma companhia de infantaria 2, as secções de artilheria Motta e Miranda, 7 soldados de cavallaria e alguns auxiliares indigenas, tudo commandado pelo capitão de engenharia Freire de Andrade, atravessou o rio e foi procurar os negros ao seu acampamento.

Aquelle grupo de homens, que pareciam perdidos na extensa planicie do Magul, viram surgir d'um outeiro distante cerca de 6:500 homens que, seguindo a coberto d'um accidente do terreno, tentavam approximar-se do limitado quadrado e produzir em choque que lhes fosse fatal. «Era a

montanha a ter o parto não d'um rato mas de muitos » dizia o tenente Miranda quando preparava a metralhadora. « Se vierem esperae-os nas pontas das bayonetas, espetar-se-hão como croquetes em garfos », exclamava sereno o capitão Couceiro.

Depois de muitas irresoluções do lado do inimigo, em que os nossos ainda tiveram que representar o papel de provocadores, pronunciou-se um movimento offensivo. — Esperae que avancem, attenção aos toques, pontarias baixas ! gritaram os officiaes; e só quando as mangas chegaram a 150 metros do quadrado se ouviu a voz — fogo ! — Espessa nuvem de fumo envolve as quatro faces, as balas rapidas e sibilantes passam por cima das cabeças dos soldados, outras abrem um caminho sangrento, alguns homens caem, o chão tinge-se de vermelho, os cafres avançam sempre, as metralhadoras em gargalhadas estridulas marcam um caminho de cadaveres, as descargas succedem-se rapidamente, o fogo rapido tem por vezes vertigens de desespero. Duas vezes toca a — cessar fogo — era necessario limpar o horisonte cheio d'uma densa fumaceira, duas vezes os negros se aproveitam d'essa tregua momentanea para se aproximarem da força e pretenderem envolvel-a, duas vezes são repellidos, deixando o chão juncado de corpos, fugindo precipitadamente em differentes direcções, perseguidos durante alguns kilometros pelos auxiliares que acompanhavam a columna.

Dias depois uma nova investida das mangas accentuava-se entre o Magudo e o posto do Chinavane, tendo atravessado o lago Chuale, tentando forçar a passagem sobre o Incomati, acodem, porém, as guarnições dos fortes mais proximos, os mangas são atacadas com furia, os negros hesitam, recuam, desordenam-se e lançam-se na fuga n'uma carreira desordenada, sendo acossados de perto pela cavallaria, que os acutila até 6 horas do Limpopo.

A columna do norte, a de Inhambane, retardada na marcha por defficiencia de communicações e falta de transportes de toda a especie, seguiu d'aquella villa para Machiche, d'ali para o commando militar de Cumbana, avançou até ao lago

Poelella onde estua o rio Inharrime, proseguiu no caminho para oeste, levantou um posto fortificado em Mocumbi, outro em Guambá, acompanhou o percurso d'uma parte do regato Chicomo, aproveitando as boas aguas do seu affluente Danta, e ali estacionou durante alguns dias preparando-se para ir atacar Manjacaze.

Em 4 do corrente mez (novembro) iniciou-se o movimento n'esse sentido; a 5 encontrou na lagôa Coolera, que talvez seja a de Massecuâne ou Chlâchâne, uma força vátua, commandada por Godide, filho e successor do Gungunhana; travou-se combate, que durou 40 minutos, morrendo n'elle cinco dos nossos, ficando feridos 23 soldados e cabos, 9 auxiliares e 3 officiaes que são: o major Machado de caçadores 2, capitão Eduardo Costa de estado maior, o alferes Costa e Silva e um sargento.

O filho do regulo Binguana, outr'ora expulso das suas terras e assassinado pelas hordas do rei vátua, Spadhanhana, com cinco mil homens dos seus antigos subditos, precedeu e acompanhou a columna do coronel Galhardo.

As mangas do Gungunhana fugiram aterrorisadas diante do valor dos soldados portuguezes, a expedição, limpa a sua frente de inimigos, continuou a marcha para a frente entrando a 11 em Manjacaze, destruindo e queimando o kraal do até então poderoso potentado. Este, banido, proscripto, errante, homisiou-se n'uma floresta a tres dias de viagem da sua antiga povoação, esperando o menor signal de perigo para levantar arraiaes, e ir arrastar uma vida nomada pelo sertão onde ha pouco era soberano, até que seja feito prisioneiro, ou que uma bala ou azagaia escreva um epilogo sinistro na historia pouco épica do ultimo despota vátua.

N'esta segunda phase da campanha, como na primeira, tem conservado a marinha o seu papel proeminente. As canhoneiras *Sabre* e *Carabinda*, do commando dos tenentes Trajano da Rocha e J. Martins, vieram do rio Zambeze, onde estacionavam, até ao rio Incomati, onde estão actualmente, prestando o mais assigalado concurso ás forças de terra. Quem conhece os perigos da navegação do canal de Moçambique, pode bem admirar que fria coragem é necessario pos-

suir para arrostar n'uma lucta tão desigual e ingloria com aquelle mar e aquellas correntes tão traiçoeiras e poderosas.

Em Lourenço Marques foram armadas as duas canho-neiras construidas nas casas Yarron e postas logo em seguida a navegar.

A *Lacerda* está commandada pelo tenente F. Camillo Junior e a *Capello* por Alvaro de Soares Andréa. O vapor *Neves Ferreira*, hoje sob o commando do 1.º tenente Diogo de Sá, tem coadjuvado da mais proveitosa maneira toda a acção que tem sido necessario exercer contra as tribus re-voltadas.

Está presente na memoria de todos como o *Neves Fer-reira*, rebocando a *Capello* e outras lanchas, entrou a barra do Limpopo, barra difficilima pelos bancos que lhe obstruem o ingresso, pela ressaca da costa, pela furia impetuosa com que as ondas se quebram de encontro ás linguas de areia. Uma vez dentro do rio a flotilha seguiu pelas curvas sinuosas, bombardeando as margens, avassallando os regulos, disper-sando as mangas armadas que appareciam d'um e de outro lado das vertentes, levando o terror, a morte, o incendio, ás povoações que ficavam ao alcance da artilheria de bordo.

A rainha do Chai-Chai, parente ainda do Gungunhana e que governava sobre uma extensa zona de terreno, veiu pres-urosa pedir a paz, offerecendo-se para pagar tributo, accei-tando todas as condições de submissão que os briosos offi-ciaes Andréa e Sá lhe impunham....

Em Inhambane duas pequenas lanchas, a *Lisboa* e *Coim-bra*, foram armadas, uma para navegar no rio da Mutanda, outra com destino ao lago Poelella, rio Inharrime e ribeira Danta, percorrendo em 9 horas a distancia que vae desde o commando militar do Inharrime até ao acampamento portu-guez, na collina sobranceira áquella ribeira.

Eis a traços muito largos, porque nos escaceia o espaço, o que o exercito e a armada tem feito no sul da provincia de Moçambique, vinculando as tradições gloriosas de que nunca se affastaram, quer na Europa quer nas regiões mais longi-quas do nosso imperio colonial.

Nós, os portuguezes, continuamos a ser o que fomos — velhos e bravos. — Velhos porque vimos affirmando, ha seculos, n'este canto de terra debruçado sobre o mar, a individualidade da raça, a autonomia da evolução politica, o amor da liberdade, a riqueza classica da litteratura nacional; — bravos — porque com a ponta das espadas escrevemos com o sangue dos inimigos subjugados uma epopeia em cada paiz, um canto em cada batalha, um poema em cada mar; poema, cujas estrophes principiam com Viriato nas regiões alcantiladas e agrestes de Vizeu, são continuadas por Gama e Albuquerque nos climas enervantes do Oriente, vão-se perpetuando em Africa nos sertões pantanosos e selvaticos.

A missão civilisadora do povo portuguez não está cumprida. Quem pretende que este velho leão agonisa moribundo, mente á historia, atração os designios do futuro, insulta os homens de hontem, esbofeteia a geração de amanhã.

A marinha e o exercito continuam a sua tarefa. Herança immensa de que a responsabilidade lhes não peza, legado colossal que transforma cada camponez n'um soldado, cada soldado n'um heroe.

EDUARDO DE NORONHA.



CARTAS DOS EXPEDICIONARIOS



Para melhor conhecimento da campanha da Africa publicamos em seguida diversas cartas de officiaes expedicionarios. A primeira, escripta pelo valente official Paiva Couceiro e dirigida a seus paes, dá noticia do combate de Magul. Eil-a :

« Porto de Xinavane, 9 de setembro. Cá estou bom de saude. — Tivemos hontem combate : chama-se o combate de Magul, pois que se deu perto d'este logar. Os pretos hontem bateram-se com lealdade : atacaram-nos em planicie rasa e a sol descoberto ; tal era a confiança na sua força que elles tinham. — Nós eramos poucos; uns 160 d'este posto e uns 130 que eu trouxera de Magude, quer dizer, pouco mais ou menos 290 brancos, com 4 metralhadoras e mais 31 angolas. Commandava o Andrade. — Fomos atacados por 13 mangas, que, calculadas a 350 homens, dão para ahí 4:500 homens. — Do nosso lado houve 5 mortos (1 sargento e 4 soldados de infantaria 2) e uns 30 feridos. Do lado d'elles não os contei todos, mas estendidos no campo ficaram semeiados em bastante numero. Eu recebi uma leve arranhadella. debaixo do olho esquerdo, (foi uma bala de raspão) que felizmente me fez apenas um pequeno córte : depois inchou e enegreceu em roda, mas não tem a minima importancia. Este combate teve uma especialidade, e é que foi um pouco á antiga, com desafio e tudo. Como dissera na carta anterior vim de Magude aqui no principio do mez e no dia seguinte a esse (foi o 3 de setembro), passámos aqui a ponte do Incomati, com a guarnição d'este posto e mais 1:041 auxiliares. Passámos

tambem o Coluana (rio que d'aqui dista em obliquo uns 5 kilometros). Depois a columna, que funcionava de guarda costas dos auxiliares, ficou, e eu avancei com os 1:041 ditos auxiliares. Avançamos até para alem de Magul (2 horas de marcha), e chegados ahi defrontámo-nos com muitos pretos, esperando-nos sobre a pequena linha de alturas que se seguia á planicie sobre a qual havíamos marchado. Eu ia a cavallo, com um sargento e quatro lanceiros, e os auxiliares iam divididos em quatro mangas de 250 homens cada uma. As minhas mangas á vista do numeroso inimigo estacaram e por mais que eu berrei, correndo com o cavallo para diante, não avançavam. — Ora dá-se o caso que o chefe rebelde Zichacha, a quem nós atacavamos, está, por ordem do Gungunhana, proximo de Magul, em terras que pertencem á Cossine, paiz aonde existe o posto de Magude. Ora nós temos estado em relações amigaveis (pelo menos aparentemente) com o regulo e gente das circumvisinhanças do referido posto, e acontece que Pasman, irmão do regulo, tem ido lá varias vezes e eu tenho o tratado bem, por sympathisar com elle. Esse Pasman é chefe nas terras orientaes de Cossine, junto ao lago Chwale, onde está alojado o rebelde Zichacha. — Chegado ao momento critico a que atraz me refiro, e não avançando a minha gente, avancei eu chamando muito de rijo: « Pasman! Pasman! » por saber que estavamos perto da povoação d'elle e ser natural que elle estivesse com a sua gente defendendo o Zichacha. — Effectivamente fui feliz, pois Pasman estava e sahiu das fileiras com bandeira branca para me fallar a mim, que estava distanciado já da minha gente e só com os cinco lanceiros e o Silva que é o nosso interprete. — Pasman é um rapaz novo e de muito bonita apparencia. Vi-nha todo emplumado em guerra e só com quatro homens. — Chegámos á falla e eu disse: « Pasman eu sou teu amigo, pois tu já bebeste vinho no mesmo copo que eu (isto era verdade); ¹⁾ eu não quero fazer-te guerra, quero simplesmente

¹⁾ Isto parece talvez «historia» mas eu conto as cousas exactamente como aconteceram, supprimindo só alguns pormenores dispensaveis.

(Nota do auctor da carta).

agarrar Zichacha, porque Rei mandou que o agarrasse. Estou aqui com esta guerra que tu vês e lá atraz está meu irmão (é o Freire de Andrade) com os brancos: Se se entregar o Zichacha, vão-se embora as guerras e tudô acaba; se não m'ô entregas já vou lá atraz chamar meu irmão e juntos atacamos. — Depois de uma troca de palavras, Pasman disse: «Eu, só, não tenho poder para entregal-o, mas vou já mandar recado a Mojole (é um outro regalo adjacente e que pertence ao Gungunhana) e se elle concordar faz-se a entrega.» «Bem» disse eu «dou-te 3 dias: se ao fim de 3 dias o Zichacha não estiver entregue no posto de *Xinavane*, ao 4.^o dia os brancos passarão o rio Coluana e atacarão esta terra. Agora vou mandar retirar esta gente que veiu commigo e pedir a meu irmão que saia tambem com os brancos.» E assim foi. — Voltámos portanto aqui ao posto, tendo-se salvado a situação. Depois fui ao posto de *Magude* e trouxe para aqui o reforço de 130 homens. No dia 6 completaram os 3 dias. No dia 7 partimos, passando o Coluana e acampámos; esperavamos ser atacados de noite, mas não o fomos. No dia 8 (hontem) avançámos direito a Magul. — Eu fui com as cavallarias; chegados proximamente ao mesmo sitio vimos o mesmo *espectaculo*, quer dizer, a linha de alturas cheia de gente, mas mais do que na vez anterior. Avisei para traz, e o nosso quadrado veiu avançando; — chegado onde eu estava, avançou mais um pouco, e fez alto. — O quadrado era de 2 fileiras; diminuiu-se e passou a ser de 3 fileiras, com a 1.^a ajoelhada; as metralhadoras aos cantos. — O inimigo não se mechia; os angolas e uns 150 auxiliares (n'este dio só traziamos esse numero d'elles) avançaram uns 400^m e deram umas descargas de desafio, com o fim de fugirem em seguida, e o ataque ter lugar sobre nós. Em seguida ás descargas, a que elles não responderam, começaram a desfilar as mangas pelo nosso flanco esquerdo, descendo portanto para a planicie para nos envolver... Desfilaram assim 13 mangas. — Realizada essa operação mandaram atiradores para a frente e vieram-se approximando. — Approximados a uns 150 metros rompemos nós o fogo e começou o combate, o qual

pouco mais de meio hora durou, mas com fogo muito vivo. N'essas alturas já tínhamos duas metralhadoras encravadas e as armas esaldavam — mas felizmente o ataque, pelas baixas havidas, e por ter cahido o secretario grande do Zichacha, que era quem conduzia a gente da frente, fraquejou, e os homens retiraram-se rapidamente. Eis aqui, pouco mais ou menos, como foi o combate nas suas linhas geraes. — Em seguida a elle queimaram-se as povoações adjacentes, e voltámos para o posto, pois não tínhamos levado rancho, por não ter onde. — Tínhamos um só carro onde vieram alguns feridos sobre os corpos dos mortos. — Mataram-nos tambem 2 cavallos. — Fizeram fogo com armas boas (Martini e Sneider). — Chegámos aqui ao posto á 1 hora da noite um tanto cançados. — Os soldados soffreram bastante com a sêde, pois a agua do Chwale não presta, nem a dos charcos adjacentes; — bebeu-se, porque não havia outra e o sol era quente, mas era mesmo cinzenta. — Hoje vão os feridos para baixo n'um lanchão, a reboque da «Magaia» e enterram-se os mortos. — Aqui está tudo bem disposto, por se ter aguentado bem hontem. — Adeus por hoje, com um apertado abraço d'este filho muito amigo. — *Henrique.* »

O sr. alferes Mergulhão dirigiu á *Gazeta de Bragança* as seguintes noticias :

« Posto fortificado de Chicomo, 26-8-95. — Meu caro Perdigão. — Prometti dar-te noticias da expedição e tenho cumprido, não como desejava, mas como me tem sido possível. Na minha ultima, escripta a bordo do *Ambaca*, dizia-te que todos vinhamos bons sem novidade; hoje, infelizmente, já não digo o mesmo, porque, como deves saber, falleceram-nos 2 soldados de caçadores 3, devido certamente á grande accumulção de gente a bordo. Apesar de ter organizado um diário, começado em Lisboa no dia do nosso embarque, ser-me-hia impossivel contar-te agora tudo quanto se tem passado: gastava muito tempo e papel, coisa que por ahi abun-

da, mas que por cá não nos sobra. Limito-me á narração do que me ocorrer de mais importante. Quando chegámos a Lourenço Marques, como caçadores 3 fazia parte da columna de operações de Inhambane, tivemos logo ordem de seguir para alli, junctamente com a quarta companhia de infantaria 2, duas secções de canhões revolvers, quatro secções de peças de campanha, calibre 7, uma secção de peças Grouson, duas metralhadoras, o pessoal de engenharia correspondente, um esquadrão de lanceiros 1, serviços auxiliares de administração militar, etc., etc. Desembarcámos novamente em Inambane dia 4 de junho, sendo logo mimoseados com uns impertinentes aguaceiros, que não tardaram em produzir algumas febres. Passado um mez embarcamos, em lanchões, para Maxixa, fronteira ao norte de Cumbane, seguindo, pouco depois, para Inhambane, novo acampamento, onde chegámos no dia 21 de junho. De Maxixa a Cumbana são bons 40 kilometros, sempre por areia, tão solta, que custa a vencer, por os pés escorregarem para traz ao marchar! Apesar do que, temos feito marchas diárias de 30 e tantos kilometros, tendo ainda de cosinhar o rancho para esse dia e ração fria para o dia immediato! Em Cumbana juntou-se a columna de operações do Norte, e passado pouco mais de um mez, a 11 de julho, começou o desfilar da columna pela 4.^a companhia de infantaria 2, um pelotão de cavallaria 1 e uma secção de artilheria de campanha. D'aqui por deante, apesar de caminhar-mos em terras amigas, contámos sempre com algum alarme, nada se dando felizmente, porque os soldados adoeciam-nos de uma forma assustadora, sendo difficil transportal-os nas maxilas que tinhamos, por insufficientes. Emfim, no dia 27 de julho, marchava a 2.^a columna, denominada de Chicômo, em direcção a Ribeira d'Amba, onde se devia construir um posto fortificado. Esta columna compunha-se: da 2.^a companhia de caçadores 3, de que eu actualmente faço parte, por ter adoecido, á ultima hora, um official d'ella; um pelotão de lanceiros 1, uma secção de peças Grousson e os serviços auxiliares da administração e transportes que, diga-se de passagem, são difficilimos por serem feitos em carros *boers*,

já de si pesadissimos, puxados a dez juntas de bois, ordinariamente magros e sem força alguma! Mas tornando á marcha, porque do resto não me compete fallar, sahimos de Cum-bana no dia 27 e fomos pernoitar em terras de Janne n'uns barracões feitos de caniços e cobertos de capim; em 28 marchámos, depois de na vespera termos comido a unica refeição do dia em tampas de cantinas, em direcção ao segundo etape, Chiosane, distante approximadamente 35 kilometros de terras de Janne; dia 29 descanso; dia 30, seguimos para cabo Machambo, terras de Mabequene, onde acampámos; dia 31, ficámos em Cogune; e no dia 1 de agosto, descansámos. O curioso da marcha foi o encontrarmos todas as povoações desertas! A pretalhada fugia á nossa approximação, sendo difficil obter-se uma gallinha para comer. Em geral o preto tem medo á tropa e desapparece por arte, o que nada nos desgosta, porque já estamos fartos de vel-os!... No dia 2 partimos para Ribeira d'Amba, a 30 kilometros de Coguno, sempre debaixo de um sol ardentissimo, chegando lá apenas com 7 horas de marcha! Quando julgavamos terminada a marcha, recebemos ordem de partir para o Chicômo, ponto que se estava começando a fortificar nas margens do rio d'aquelle nome e a uns 30 kilometros d'Amba. Partimos no outro dia, 3 de agosto, para o Chicômo, onde chegámos depois de bastante trabalho, pois que todos iamos cançadissimos: é que oito dias de viagem sobre a areia não se passam de balde. N'esse dia bivacámos como podemos e assim passámos a noite. Soubemos então que tinha havido um grande incendio, onde se perdeu muito material de guerra e grande quantidade de generos alimenticios, o que atrapalhou sériamente os nossos superiores dirigentes, pela difficuldade de remediar de prompto a falta de viveres pelo afastamento dos depositos; afinal, telegrammas, carregadores em acção e um comboio de viveres, que já vinha a caminho de Chicômo, tudo remediou melhor do que se esperava, sendo as poucas faltas que se notaram devidas ao estado de guerra em que nos encontramos e em que as difficuldades se multiplicam. No incendio o mais que houve a lamentar foi a perda que

muitas praças e officiaes soffreram de quasi toda a sua roupa e dinheiro ; de resto, nunca a desgraça seja maior. O posto fortificado de Chicômo, d'onde te escrevo, compõe-se de um reducto quadrado tendo 60^m,0 por face. Aqui os reductos são construidos differentemente d'ahi por causa das terras serem muito soltas e esboroarem muito: circumscreve-se o campo por uma estacaria, tendo 1^m,30 de altura que marca o relevo da crista anterior do parapeito; a 1^m,0 de distancia colloca-se outra estacaria com 1^m,20 de altura que marca o relevo da crista exterior do parapeito; as terras tiradas d'um fosso são lançadas para dentro d'essas estacarias, revestidas, e assim fica o parapeito em toda a volta. Este reducto tem em dois angulos, na mesma diagonal, dois baluartes redondos guarnecidos com duas peças. Tem uma abertura do lado norte e outra do lado sul, sendo esta face a que fica voltada para as terras de Gaza, onde reside o Gungunhana, cuja residencia habitual, que fica a nove horas de marcha, se chama Manjacaze. O serviço de segurança é feito, de dia, collocando vedetas de cavallaria em volta do reducto a 100 metros; e de noite, ficando quatro officiaes de quarto, rendidos de duas em duas horas, e em armas uma esquadra por face, com respectiva artilheria nos salientes e armas carregadas para tiro de repetição. Todas as manhãs, pelas cinco horas se dá um tiro de peça, ao qual todos se levantam e pegam em armas até ao aclarar do dia. Até agora não se sabe se avançamos mais; o que para nós já não é pequena gloria, é termos chegado até aqui sem um tiro a valer! Com respeito ás negociações ultimamente entabuladas com o tal Gungunhana, nada te posso dizer de positivo por ser tudo boatos desencontrados; o que te posso garantir, apesar das suas fanfarronadas, é que já lhe não falta medo e talvez não seja difficil terminar tudo em paz. Oxalá, para bem de todos. Finalmente, soldados já lá vão 15 e estão bastantes muito mal. Dos officiaes de caçadores 3 só eu e o alferes Andrade e o major de batalhão é que ainda não tivemos febres; mas, felizmente, os que as tiveram, foi tão benigno o ataque, que nem vale a pena dar-lhe importancia. De que todos estamos mortos é de abra-

çarmos as nossas queridas familias, porque é grande a morosidade com que, por acaso, recebemos noticias do continente. Termino enviando-te um abraço e aos meus camaradas de caçadores 3 e uma saudade ao povo brigantino de quem temos tão indeleveis recordações. Adeus, dispõe sempre do teu dedicado amigo — *Mergulhão.*»

Registaremos ainda as cartas que seguem, tambem interessantes :

« Chicomo, setembro. — Um mez depois de voltarem de Manjacaze os que tinham sido enviados ao Gungunhana, ainda o sr. Ennes tratava de o chamar á obediencia. O Gungunhana mandava no entretanto atacar as nossas forças de Cosine, no dia 8 d'este mez. Conseguimos dar-lhe uma boa lição, mas ainda assim perdemos 5 homens e tivemos 23 feridos, entre elles o Couceiro. Em vista d'isto o sr. Ennes mandou aqui romper as negociações e entrar no territorio vattua, arrazando-se e destruindo-se o que se podesse. Apesar de estarem aqui as tropas desde 28 de julho, é-nos impossivel apprehender uma marcha sobre a Manjacaze, por falta de meios de transporte. Por isso só nos foi possivel ir no dia 15 a umas tres horas de caminho de Chicomo queimar umas 200 palhotas, matar uns 25 pretos e agarrar 40 bois e 63 cabras. Os pretos não offereceram resistencia, segundo é seu costume. O dia estava muito fresco e o ceu encoberto, de modo que as tropas nada soffreram: iam na melhor disposição, como sempre. O Costa foi chamado a Inhambane pelo sr. Ennes, segundo parece para tratar de occupação da foz do Chengane. Partirá d'aqui a 14 de madrugada. Ficou fazendo as vezes de chefe de estado maior o tenente Ornellas. O Almeida sahio d'aqui hontem. Temos ainda um mez de bom tempo. A 15 de outubro muda a monção e começam as chuvas. — Chega a haver 27° a 30° de differença diaria de temperatura entre, o toque de alvorada e a fresca do meio dia ás 3 horas. Ha tres dias para cá o ceo está mais enco-

berto, sendo a temperatura mais supportavel. — O acampamento consiste n'um reducto quadrado de 66 metros de lado, com parapeito, fosso de 3 metros de largo e rede de arame n'uma zona de 10 metros com 2 boccas de fogo em cada angulo. Estamos inexpugnaveis. Ao centro de cada face ha uma grande lanterna que projecta um facho luminoso a 150 metros. Comprou-as o tenente Ornellas no Natal. Custou cada uma 14 libras; foi favor especial da direcção dos caminhos de ferro, que as manda vir da America e que só tinha 6 em de deposito. — Estão-se armando umas barracas para hospital, vindo cá o Braga com os recursos da Cruz Vermelha. »

« Chicomo, setembro. — Está-se preparando tudo para seguir para a frente na proxima lua cheia que é a 3 de outubro e creio bem que até Manjacaze sempre iremos ao som de guerra. Não poderemos talvez ir mais adiante, mas como devemos ter no caminho pelo menos um combate com a melhor gente dos vatuas, alcançando nós victoria, com a ajuda de Deus, como recentemente, na Cossine, o poderio militar d'elles soffrerá bastante para perder a supremacia que só a nossa fraqueza tem consentido. É verdade que ainda a 20 aqui estiveram dois enviados do Gungunhana que vinham saber se ainda poderiam evitar a guerra com a entrega dos regulos ou dos refens pedidos. Respondeu-se-lhes que sim, de modo que ainda é possível que tudo se componha. O Gungunhana anda ainda vacillante entre a humilhação que para elle é a entrega de quem lhe foi pedir auxilio e protecção e o medo de ser vencido e perder de uma vez o seu poder. A acção do dia 8 deve-o ter feito pensar muito, pois foi bem gloriosa para nós que vencemos combatendo 1 contra 30. O que é a disciplina e o armamento! O Couceiro deve estar satisfeitissimo, pois um dos seus ideaes era ser ferido em combate — tanto mais que a ferida é muito leve e tem assim a flor sem espinhos. O tempo desde 15 até hoje tem estado de um calor suffocante. É o tempo da queima das palhas n'esta região e as numerosas fogueiras que dia e noite illumi-

nam o horisonte não contribuem pouco por certo para o aquecimento da atmospherá. É a primavera africana, secca, quente, fertilisada por torrentes de agua. »

« Chicomo, outubro. Chega-nos a noticia de que a Cossine se avassallou. É a consequencia do glorioso combate de 8. Nós aqui, apesar de não termos tido combate nenhum, tambem já tirámos resultado das razzias de 15 e 20. Os dois regulos Mhatumto e Banguja, vassallos do Gungunhana, e que governam as terras da margem do Inharrime até ao mar, já pediram aqui vassallagem. A falta de meios de transporté é que nos tem impedido de ir a Manjacaze. Á tarde chegou a gente de guerra do Speranhana, antigo chefe das terras, que vão desde o Chicomo até ao Bilene, e que o Gungunhana expulsou e bateu em 1889. Vieram reunir-se a nós e foi mais um espectáculo curioso o desfilár d'essa gente, bellos typos de landins, com seus cantos e dansas. — Não sei se já contei que estive uma vez na palhota do Gungunhana e nas das mulheres, fallando com a mulher grande, Sony, preta intelligente, que tomava muito a peito os interesses do paiz e desejava evitar a guerra. Apesar da sua grande influencia no espirito do Gungunhana, não conseguiu que elle entregasse os rebeldes, quando lhé foram pedidos. Ainda ha dias constou em Lourenço Marques que elle os mandára prender. Mas não o creio muito, apesar de ter mandado dizer tambem aqui, a 19, que os prendera já. Aqui tudo se póde esperar e nada prever. É ainda possivel que, vendo a sua gente fugir-lhe e pedir vassallagem, se resolva por fim, para não ficar sem cousa nenhuma. Os pretos não teem noção verdadeira do tempo e para elles tanto faz um dia como vinte. »

« Chicomo, 4 de outubro. — Nós estavamos aqui á espera de uns bois que teem tardado em vir e sem os quaes não podemos emprehender uma campanha que em 8 ou 10 dias decidiria de tudo e acabaria de vez com esse poder mais lendario do que real do Gungunhana. Já começa a desmornar-se. A Cossine avassallou-se depois do combate de 8

e os regulos Mhatumto e Banguga, os dois maiores d'aqui ao Chaichai, já fizeram tambem. Uma unica acção, creio bem, dididira os restantes, pelo menos d'aqui ao Save, a fazerem o mesmo. Força, temos á larga, pois só a superioridade que nos dá a posse de uma das melhores espingardas da Europa é incalculavel para quem não a viu ainda em acção. Tudo isto torna ainda mais aborrecida a nossa demora n'um acampamento onde qualquer conforto é um mytho e que já dura ha dois mezes e meio. »



As origens dos Estados Pontificios

Depois que a revolução triumphante, a instigações do chefe da maçonaria, celebrou o XXV anniversario da espoliação do dominio de S. Pedro, julgámos opportuno expôr aos nossos leitores, resumindo em poucas paginas os trabalhos recentes, publicados principalmente na Allemanha, a verdadeira origem dos Estados Pontificios. Esperamos contribuir assim para se pôr em evidencia o papel sublime que o Papado desempenhou nos dias nefastos das invasões dos barbaros, papel que se perpetuou atravez dos seculos, e demonstraremos a legitimidade das reivindicações do mundo catholico.

Desde o seculo IV que o rico patrimonio da Egreja Romana assegurava aos Soberanos Pontifices uma consideravel influencia politica na Italia. O Estado reconhecêra á Egreja o direito de possuir; o primeiro imperador christão encarregára-se de construir e dotar varias basilicas da cidade eterna.

As incessantes invasões das hordas barbaras, cuja onda assoladora passava e repassava pela peninsula, favoreciam as doações da aristocracia, da qual numerosos membros abraçavam a vida ecclesiastica ou procuravam a paz á sombra dos claustros, entregando as suas fortunas aos estabelecimentos religiosos. Os rendimentos eram applicados á sustentação das egrejas ou ao alivio dos pobres, das viuvras e dos orphãos ¹⁾.

¹⁾ Cf. Nos *Reg. Pontif. Rom.* (ed. Jaffé-Kaltenbrunner) as numerosas cartas de Gelasio, e principalmente de S. Gregorio Magno, relativas a este assumpto.

Seria um erro grosseiro que, d'esses numerosos dominios que a Igreja possuia não só na Italia e nas ilhas visinhas, mas na Dalmacia, na Africa e até no Oriente, concluíssemos para a soberania e para a independencia do Pontifice romano: este ficava sempre sujeito aos differentes senhores do paiz, assim como ao imperador de Constantinopla. Mas o character augusto do Papa e a sua situação politica asseguravam-lhe um poder moral, uma influencia preponderante que as suas riquezas lhe não davam. Qualquer outra auctoridade era offuscada pela do successor de Pedro, e não estava longe o tempo em que só o Pontifice exerceria um verdadeiro poder na cidade eterna. Manifesta se aqui de uma forma evidente a acção da Providencia. Diocleciano preparára o caminho fixando a sua residencia no Oriente, exemplo que foi seguido principalmente por occasião da divisão do imperio. « Parecia, diz um eminente escriptor, que abandonando a cidade eterna, a partir do seculo IV, para escolherem outras residencias, os imperadores queriam deixal-a como capital á Igreja » ¹⁾. Depois que elles partiram, ao lado do Senado, em que ainda figuravam nomes illustres, o Papa foi a maior auctoridade reconhecida na cidade imperial, e só elle pareceu digno de reinar sobre o povo soberano. De resto, quem mais que elle era digno de desempenhar tal missão? Certamente não o era o exarcha a quem o governo imperial confiava a direcção da Italia; para os povos esse funcionario era um estrangeiro, agente de um poder muitas vezes tyrannico para com os fracos, impotente e fraco em presença dos barbaros que invadiam a Italia. E que podia elle fazer quando, separado do resto da peninsula, se deixava encerrar em Ravenna? Durante esse tempo o Soberano Pontifice, presente em toda a parte, alliviava as miserias do povo italiano, ia, como S. Leão Magno, ao encontro dos invasores e forçava-os a respeitar a cidade eterna. Por um consentimento tacito, os imperadores, os exarchas, os povos, toda a gente concordou em consideral-o como protector e arbitro da Italia. Por isso não devemos

¹⁾ Kurth, *Les origines de la civil. mod.*, t. II.

admirar-nos de ver Cassiodoro, prefeito do pretorio, propôr a João II que partilhasse com elle o cuidado dos negocios civis ¹⁾).

Os Papas, comprehendendo a responsabilidade de semelhante poder, não o procuraram nem o desejaram; tanto quanto puderam, — e a historia assim o confirma, — conservaram o titulo e a attitude de vassallos de Bysancio, quando aliás eram ha muito os soberanos de Roma. Esta situação explica o odio dos ostrogodos, que, para mais facilmente se tornarem senhores da cidade de Roma, atacaram directamente o Papado.

Os proprios bispos se tornaram valiosos auxiliares do poder civil. A pragmatica sancção do imperador Justiniano (554) associava-os ao conde no governo da provincia, entregava-lhes exclusivamente a policia dos costumes, a vigilancia das obras publicas e das prisões; dava-lhes até o direito de verificação na administração dos funcionarios publicos e uma influencia consideravel na eleição d'estes.

É ahí que deve procurar-se o germen do poder temporal dos bispos em geral, e especialmente do bispo de Roma. Aquelle imperador comprehendera toda a importancia da união dos dois poderes, para assegurar a felicidade dos povos; nem elle nem os seus successores tiveram occasião de lamentar essa ingerencia da auctoridade ecclesiastica, tão temida hoje pelos nossos governos.

Desde o seculo VI revela-se esse magnifico futuro do papado no grande vulto de um pobre frade, arrancado da sua cellula do monte Celio para ser levado á cadeira de Pedro, e reveste um brilho extraordinario na pessoa de S. Gregorio Magno. Os seus fastos mostram que nada escapa á sua sollicitude; até nos negocios militares intervem com os seus conselhos, estabelece um chefe do exercito em Napoles e um governador em Nepi; elle proprio diz que não sabe se é pastor das almas ou senhor temporal ²⁾. De facto, é uma

¹⁾ Cassiodor., *Var.*, xi, 2 (ed. Mommsen) *Mon. Ger. Auct. ant.*, xii, 331.

²⁾ *Monum. Germ. Epp.* I, p. I, ed. Ewald, p. 35, I, 28 n. (Jaffé-Ewald, 1091).

e outra cousa. Sem duvida, as dignidades de que fôra revestido antes da sua entrada no claustro, não contribuíram pouco para dar ao papado tão notavel prestígio, quando tudo em volta desmoronava sob os golpes dos barbaros e as exacções dos officiaes bysantinos.

Cousa inaudita, e que não é raro encontrar na historia dos povos perseguidores, principalmente nos tempos modernos: Bysancio, que não tinha soldados para enviar a Roma, tinha a triste coragem de para lá enviar algozes. Quando os officiaes imperiaes appareciam junto dos muros de Roma, era para se apoderarem da pessoa do Soberano Pontifice e conduzirem-n'o ao exilio. Silverio e Vigilio, arrastados pelas provincias como vís malfeitores, tinham succumbido longe do seu rebanho; Martinho fôra morrer em Cherson, por ter a coragem de defender a fé contra um imperador hereje. Cansados de semelhantes horrores, os romanos levantaram-se e expulsaram os esbirros que vinham prender Sergio e João IV.

D'esta vez não foram mais longe. Entretanto deve notar-se que já n'esta época nenhuma auctoridade era tão respeitada como a do Papa, pelos povos directamente submettidos ao Pontifice romano; ora, mesmo n'esse momento, quando lhe era tão facil arrancar a Italia á dominação bysantina, o Papa considerava-se como vassallo do imperador. Era a affirmação do respeito ao poder legitimamente constituido, qualquer que seja a sua forma, a distincção entre o principio da auctoridade necessario a toda a sociedade, e os decretos iniquos e tyrannos de imperadores hereticos.

Não contentes de tyrannisar o povo, os imperadores tinham a mania de se ingerir nos negocios religiosos; pretendiam convocar os concilios e confirmar as suas decisões, prescreviam formulas de fé, taes como as leis de religião de Basílico, o Henotekon de Zenão, os tres capitulos de Justiniano, a ecktesis de Heraclio. Os decretos iconoclastas de Leão Isaurõ excederam todos os limites. O povo, exasperado e ferido nos seus mais caros sentimentos, perde a paciencia e o Tuscium levanta-se tendo á sua frente um tal Tiberio Petasio. Gregorio II dá então o exemplo de uma magnani-

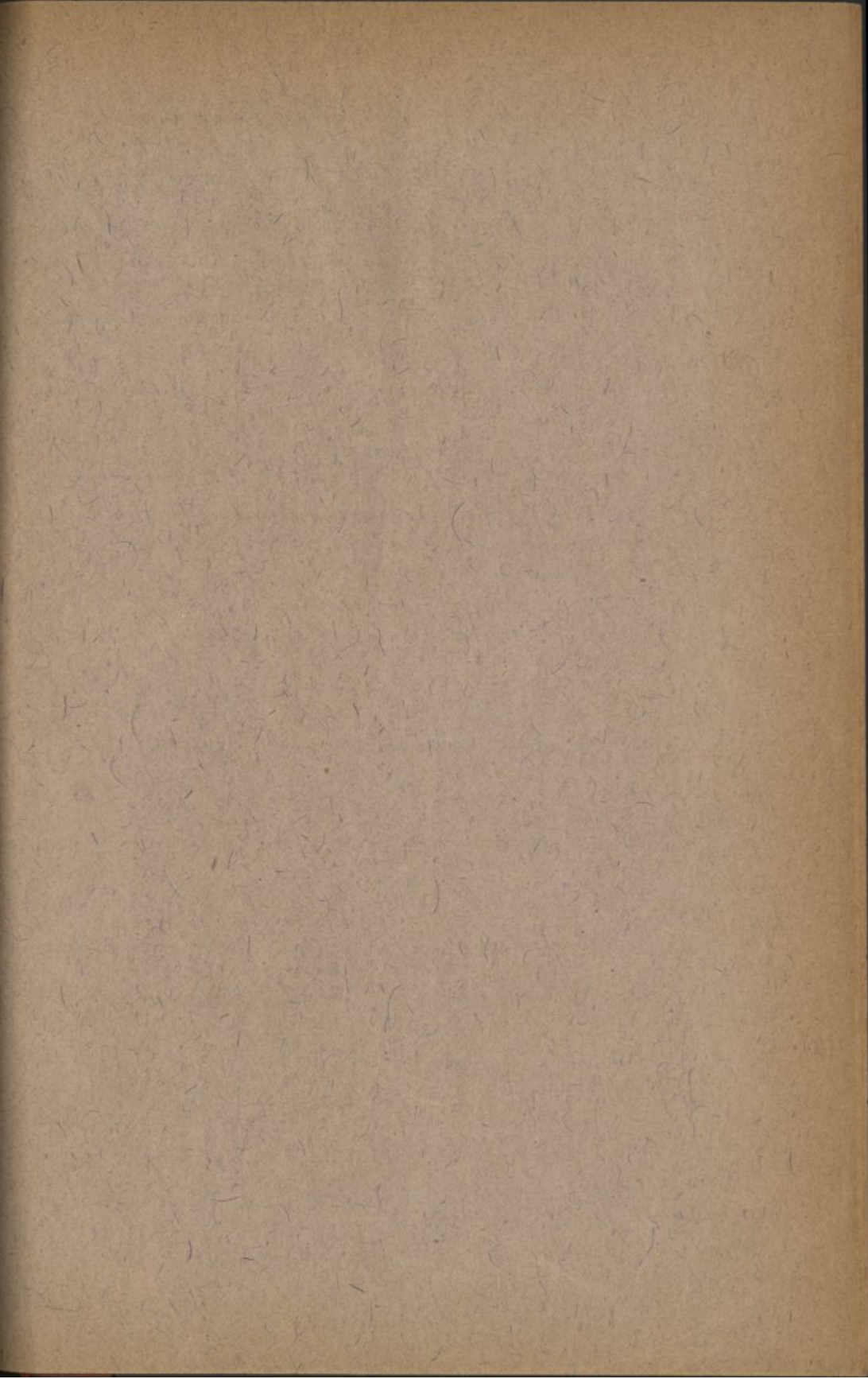
midade quasi sobrehumana. Victima tambem d'essa politica insensata, corre todavia em auxilio do exarcha Eutychio, e pelos seus conselhos pacifica a multidão irritada. E, note-se, os italianos só se apasiguaram por amor ao Papa, mostrando assim que era elle o seu verdadeiro senhor.

Sem duvida, não seria temerario afirmar que a manutenção do poder imperial secundava os interesses do papado. Desde que desaparecesse o imperio bysantino, os lombardos, já senhores do norte da Italia, facilmente conquistariam o centro, e então ficaria o poder pontificio á mercê d'esses invasores. O Papa já previra tudo, e, para interesse dos povos italianos, devia ficar sendo o centro da politica, livre e independente de qualquer novo senhor. Estes principios são os mesmos que Leão XIII expoz na sua carta encyclica de 15 de outubro de 1890 ao povo italiano.

Não havia na Italia nem fóra d'ella uma unica força em que podesse apoiar-se confiadamente, e que fosse capaz de offerecer uma protecção efficaz contra os lombardos, e por isso nenhum sacrificio devia parecer demasiado para salvar o imperio. Por outro lado os povos da Italia central, desejando escapar aos perigos que de toda a parte os ameaçavam, mostravam-se dispostos a obedecer á direcção do Soberano Pontifice. O futuro devia justificar a sabedoria de semelhante procedimento.

(Conclue).





Condições da assignatura

A *Revista Contemporanea* publicar-se-ha mensalmente, abrangendo cada numero 32 paginas in-8.º grande. O numero de paginas pode ser maior quando assim o exija o desenvolvimento de assumptos especiaes.

Cada numero da *Revista Contemporanea* tractará sempre de assumptos variados, como questões sociaes, scientificas, historicas, etc.

Apparecerá no primeiro dia de cada mez, e o preço da assignatura é de 1\$600 réis annuaes, que devem ser pagos respectivamente antes da publicação do numero 4 de cada anno.

No fim de cada anno receberão os srs. assignantes o frontespicio e indice do volume respectivo da *Revista*.

Continuam a receber-se assignaturas desde o primeiro numero da *Revista Contemporanea*.

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a José Marques Rito e Cunha, Collegio Novo. — Coimbra.

Aos editores

Na *Revista Contemporanea* serão apreciadas com desenvolvimento as obras litterarias e scientificas de que recebermos um exemplar.

FORTUNATO DE ALMEIDA

A QUESTÃO SOCIAL

Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Affonso Costa

PREÇO 200 REIS

Á venda em todas as livrarias. Remette-se pelo correio a quem enviar 220 reis á administração da *Revista Contemporanea*, — Collegio Novo, Coimbra.

FORTUNATO DE ALMEIDA

O INFANTE DE SAGRES

Obra premiada

*no concurso de memorias sobre o infante D. Henrique,
por occasião do quinto centenario
do seu nascimento*

1 volume de XLIII-371 pag., 600 reis

A venda na Livraria Portuense de Lopes & C.ª, editores, rua do Almada, 419 — 123, Porto, e em todas as livrarias.

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

QUESTÕES RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,
HISTORICAS E SOCIAES

DIRECTOR

Fortunato de Almeida

QUINTANNISTA DE DIREITO

ADMINISTRADOR

José Marques Rilo e Cunha

BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA



SUMMARIO

- I — João de Deus.
- II — Versos de João de Deus (Psalmo — Celi . . .).
- III — As origens dos Estados Pontificios (conclusão).
- IV — O perigo do alcoolismo e os remedios, G. B.
- V — A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa, (continua) por P. G., advogado.
- VI — Bibliographia.

JOÃO DE DEUS

Morreu o maior poeta portuguez desde Camões !

Mal diríamos nós, quando ha menos de um anno aqui lhe prestavamos a nossa homenagem, collaborando modestamente na vibrante apotheose que lhe consagrou a mocidade academica, — mal diríamos nós então que bem cedo teríamos de render-lhe um preito de dôr; que tão breve se extinguiria aquelle lucidissimo talento e aquelle nobilissimo character; que seria tão depressa roubado á mocidade o seu mestre mais dedicado e á patria uma das suas glorias mais fulgentes !

Ha muito que a existencia de João de Deus era minada por uma doença implacavel; mas era tão intenso o affecto que todos lhe consagravam, tão levantado o apreço em que o tinham, que ninguem queria convencer-se de um desenlace tão rapido. Não se illudia o poeta, embora procurasse occultar a gravidade da doença para não affligir os que o cercavam de affectos: presentia a morte e encarava-a com a serenidade do justo que vôa para Deus, com essa candida serenidade que nunca lhe abandonou o espirito e constituia uma das mais encantadoras qualidades da sua bella alma. Por isso, dando vãos ao seu estro inexaurivel, dizia elle aos estudantes que o acclamavam em 8 de março de 1895 :

Que vindes cá fazer, oh ! Mocidade ?
Despedir-vos de mim ? Quanto vos devo !
Tambem levo de vós muita saudade
E em lá chegando á outra vida... escrevo.

Nunca ninguém recebeu uma apothese tão brilhante, revestindo o character da glorificação e do affecto ao mesmo tempo. Tambem é raro que um homem reuna todos os predicados da bella alma de João de Deus e chegue a conquistar tantos e tão nobres titulos da admiração e do affecto dos seus contemporaneos.

Em João de Deus admirava-se ao mesmo tempo o grande poeta, inexcedivel de graça e originalidade, o incansavel propagador da instrucção popular, o crente fervoroso que chegou a ser um apostolo, o genio do bem que se revelava em todas as circumstancias da sua vida.

Não morreu, voou para o seio de Deus, para a mansão dos justos que a sua alma entrevia em extasis de fé christã e de inspiração poetica :

Quando o trovão me aterra,
 Recordo-me de Deus ;
 Abalo cá da terra
 E vou para esses céos ;

E lá n'essas alturas,
 Por onde só a fé
 Em regiões tão puras
 Nos deixa tomar pé...

.....

Deus deixa as creaturas
 Cá baixo a sua cruz,
 E fecha as almas puras
 N'um circulo de luz :

As chagas, as miserias
 Cá d'este lamaçal,
 Nas regiões ethereas,
 Lá não se avista tal.

.....

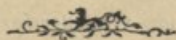
Mas eu estimo o raio
E gosto do trovão,
Por ver que quando caio
É que me eleva então.

Por ver que em tendo medo
Mais se me aviva a fé;
E a fé, não ha rochedo
Firme como ella é!

.....

Não cabe hoje nestas paginas mais que uma lagrima de dor e de saudade pela morte do grande poeta, que teve para nós, como para todos, provas de inolvidavel affecto e cortezia até poucos dias antes do seu passamento.

Alma de luz e de virtude, repousa no seio de Deus.



Versos de João de Deus

PSALMO

Pois não credes em Deus, vendo-o nas flores,
Na voz, nos labios de mulher que adora
Quando um beijo libou dos seus amores !

Eu vejo a Deus na rosa quando chora
Lagrimas ternas, lagrimas de encanto
Ao ver mais uma vez romper a aurora.

Eu vejo a Deus n'um filho que amo tanto !
Eu oiço a Deus gemer n'um seu gemido,
Eu oiço a Deus cantar se oiço o seu canto !

Tenho-o mais de uma vez, adormecido,
Achado a suspirar meu proprio nome
No leito do meu anjo tão querido !

Sempre que a dor ás palpebras me assome,
Que apalpe o coração que a dor me rala,
O sinto junto á dor que me consome.

Elle soffre comnosco ! Elle nos fala
Pelos humidos labios do menino
Que do collo da mãe no chão resvala.

Elle é que a luz nos dá, pharol divino,
Centro dos soes, dos mundos, do universo,
Que ao halito da flor marca o destino !

Elle a face nos lambe! Elle do berço
Das aguas se se ergueu, tambem valente,
Cedro e lirio cahiu, vooou disperso!

Como é grande Jehovah, como é clemente!

COELI - - -

Quem na abobada immensa
Poz a lampada suspensa
Do sol que o dia nos dá?
E ha quem se atreva ou se affoite
A contar os soes que á noite
Nos alumiam de lá?

Quem é que, se um braço estende,
A lua em pino suspende
E aos homens diz : Descançae!
Filhos de quem vos adora,
Meus filhos, dormi agora;
Vela agora o vosso pae!



As origens dos Estados Pontifícios

(Conclusão de pag. 128)

Em 717, o duque lombardo Romualdo de Benevento invadira o ducado de Napoles e apoderára-se de Cumes, que cobria a estrada de Roma a Napoles. Supplicas, ameaças, promessas, tudo foi inutil para o fazer retirar. Sob a inspiração de Gregorio II, os napolitanos pegam em armas e infligem uma sanguinolenta derrota aos lombardos, que batem em retirada. Entretanto o rei Luitprando invadira o ducado de Perusa e surprehendera a cidade de Sutri. Mais accessivel ás supplicas do Soberano Pontifice, esse rei consentiu em restituir aquella cidade, que doou « aos bemaventurados apóstolos Pedro e Paulo ». Muito se tem errado sobre o sentido d'estas palavras do *Liber Pontificalis*, nas quaes se quiz encontrar um germen de independencia a respeito da dominação grega. Basta para as explicar o sentimento christão e catholico de Luitprando, que tinha em alta veneração o caracter augusto do Pontifice. De resto, as relações entre os officiaes bysantinos e o Papa não diminuiram; principalmente o exarcha de Revenna estava certo de encontrar n'elle a sua melhor protecção; a simples intervenção do Pontifice basta para lhe fazer recuperar a sua capital, que cahira em poder de Luitprando.

Entretanto aggravava se a situação dia a dia, e o Papa estava reduzido a defender-se em Roma com os seus proprios

recursos, sem esperar de futuro soccorros de Constantinopla. Todos os exercitos lombardos da península, tendo á sua frente Luitprando, Godescale duque de Benevento e Trasimundo de Spoleto, precipitaram-se sobre as possessões gregas da Italia e ameaçavam o ducado de Roma, assim como os outros dominios da Igreja. Era preciso impedir a todo o custo que se unissem e oppor os duques de Benevento e de Spoleto a Luitprando, naturalmente adversario da independencia dos outros duques. Esta politica não foi feliz. Trasimundo, expulso de Spoleto, refugiara-se em Roma, e, recusando-se o Papa a entregal-o, veio Luitprando acampar em frente dos muros da cidade eterna. Retirou-se breve, é certo, sem poder entrar em Roma, mas não sem ter commettido horribéis depredações e sem se apoderar das principaes praças sobre o Tibre.

Quando o imperio grego se desmoronava na Italia, a Providencia ministrava ao papado a protecção poderosa dos francos. Já a fama das suas façanhas, principalmente da victoria de Poitiers, atravessára os Alpes e penetrára em Roma. Foi ao seu chefe, Carlos Martel, que Gregorio III se dirigiu para obter soccorro contra os lombardos.

Apesar das suas repetidas sollicitações, o prefeito do palacio não pôde resolver-se a pegar em armas contra o seu amigo e alliado Luitprando. Ainda uma vez tenta o Papa curvar o rei e leval-o a restituir as conquistas que fizera no ducado de Roma, e para esse fim ordena aos bispos do Tuscium que favoreçam os seus enviados quanto lhes for possível. Mas a traição de Trazimundo, que, com o concurso do exercito romano, reconquistára o seu ducado de Spoleto, complicou a situação já tão difficil e deixou ao successor de Gregorio, que descera ao tumulo, um futuro mal seguro.

A politica de Zacharias foi mais feliz: mediante a promessa de o auxiliar a submeter Trazimundo, Luitprando consentiu na paz e na restituição das fortalezas sobre o Tibre. Para se indemnisar, o chefe lombardo lançara-se sobre o exarchado de Ravenna e opprimia a cidade com todos os rigores de um assedio. Não podendo resistir por muito tempo,

o exarcha recorreu á mediação do papa. Este, depois de tentar debalde a conciliação, resolveu dirigir-se ao campo dos lombardos. A este respeito menciona o *Liber Pontificalis* um pormenor interessante e digno de notar-se: « O papa, diz, deixou a cidade de Roma, cujo governo confiou ao patricio e duque Estevam. » Antes de romper com a denominação bysantina, o Pontifice era o verdadeiro soberano da cidade, embora não usasse o titulo. A intervenção de Zacharias teve um exito completo, e conseguiu salvar, ao menos por algum tempo, a cidade de Ravenna.

Emquanto a Italia era assolada pela guerra, produzia-se na Gallia um acontecimento da mais alta importancia. Carlomano, filho mais velho de Carlos Martel, trocára a corôa pelo habito beneditino no Monte Cassino. Radchis, um dos successores de Luitprando imitou-lhe logo o exemplo. Pepino o Breve, um dos principes mais notaveis da idade media, governava então os francos. Havia muito tempo que n'esse povo se dava a estranha anomalia de serem os verdadeiros soberanos designados por um nome differente d'aquelle que lhes pertencia, e de faltar a corôa na cabeça do heroe cujas mãos empunhavam o sceptro em virtude de um direito hereditario. A justiça exigia que as cousas fossem collocadas no seu verdadeiro logar. Entretanto, era tal entre os francos o respeito da tradição, que se hesitava em fazer uma declaração publica que arrastaria a queda formal do ultimo rei merovingio. Para tranquillisar as consciencias, foi a questão confiada á suprema auctoridade religiosa da christandade. O papa, consultado por Pepino respondeu de uma forma muito digna, nos termos seguintes: « Aquelle que se encontra investido n'um poder legitimo deve tambem usar o titulo respectivo, para que a ordem não seja perturbada ». Acabava de realisar-se uma revolução pacifica. A Igreja não se limitou a proclamar a legitimidade da nova dynastia: sagrou o novo rei pela mão dos seus pontifices, e deu-lhe assim o prestigio que nenhum dos seus predecessores tivera ¹⁾.

¹⁾ Deve notar-se que a monarchia entre os francos revestia essencialmente o caracter hereditario, e que o parecer de Zacharias foi confirmado por uma assem-

Não se faz esperar o reconhecimento da raça Karolingia, Como o papa lhe consolidára o throno com as suas benções, ia receber o auxilio das suas armas. Desde que os lombardos cortaram as communicações entre o exarcha de Ravenna e o ducado de Roma, a cidade eterna só podia contar com a dedicação infatigavel dos seus pontifices. O imperador abdicára n'elles todos os seus deveres, continuando a reivindicar os direitos de soberania sobre Roma. Esta onerosa partilha das attribuições reaes, que os papas não queriam entre os francos, acceitaram-n'a para si proprios com uma abnegação superior a todo o elogio.

Os lombardos continuam sendo os mais perigosos inimigos do papado. Esses barbaros, senhores de todo o exarchado e finalmente de Ravenna, preparavam-se para invadir o ducado de Roma e cahir sobre a cidade eterna. Pela ultima vez, o papa dirigiu a Bysancio um grito de soccorro, mas esse appello supremo não encontrou echo nos cobardes tyrannos do mundo oriental. Estevam II, que succedera a Zacharias, tentára debalde fazer curvar Astolpho: nem os seus embaixadores, nem elle proprio dirigindo-se á côrte de Pavia, puderam conseguir cousa alguma dos lombardos. Dirigiu-se então resolutamente a Pepino o Breve, e, para apoiar o seu pedido, atravessou os Alpes e dirigiu-se a côrte do monarcha franco, com quem se encontrou em Ponthion, em janeiro de 754. Consummou-se a queda do imperador no dia em que o mais fiel dos seus vassallos, abandonado por Constantinopla, ia pedir auxilio e protecção aos principes da Gallia; era o triumpho do occidente sobre o oriente. Pretenderam alguns auctores que esta viagem fôra emprehendida a instancias da côrte imperial; mas não o diz assim o biographo do papa, tão exacto em pormenorizar os seus actos.

A recepção de Estevam foi digna da majestade pontificia; Pepino prometteu um generoso concurso para a defeza da Santa Sé. Quiz, antes de atravessar os Alpes, persuadir a Astolpho que restituísse as cidades usurpadas por elle ou

blêa nacional. E' falso, pois, dizer-se que este facto representa uma usurpação auctorizada e confirmada pelo papa. — (N. da R. da *Revista Contemporanea*).

pelos seus predecessores á Egreja e á *Republica romana*. Tendo entretanto reunido uma assembleia geral dos senhores do seu reino em Kiersy-sur-Oise, obrigou-se o principe franco a fazer restituir á Santa Sé o exarchado de Ravenna com as outras cidades usurpadas pelos lombardos. Alem d'isso fez lavrar um auto de doação, que foi assignado por elle e pelos principes seus filhos. Deve notar-se que esse auto reveste o character de uma promessa, porque Pepino não possuia ainda taes territorios. O papa, por seu lado, para ser grato á generosidade do rei, conferia-lhe, a elle e a seus filhos, Carlos e Carlomano, o titulo de *Patricios romanos*, que continuou a dar-lhes nas suas cartas, até ao momento em que Carlos Magno o trocou pelo de imperador.

Mas Astolpho recusára toda a conciliação. Pepino entra então na Italia (754), á frente de um numeroso exercito, derrota os lombardos e persegue o seu rei até Pavia, onde o conserva n'um apertado cêrco. Esgottados todos os recursos, o principe lombardo promete sob juramento restituir de prompto á *Egreja e á republica romana a cidade de Ravenna com varias outras*. Ninguem se illuda com as palavras — *republica romana* — empregadas pelos escriptores do tempo. Essas palavras nos historiographos apenas significam muitas vezes estado, reino; é a sua accepção geral: e vê-se pela sequencia da historia que fallam dos habitantes d'aquella republica como vassallos do papa, que portanto era o seu verdadeiro soberano. Logo nos referiremos de novo a este ponto.

Pepino confiára demasiadamente na palavra de Astolpho; apenas elle deixou a Italia, o rei dos lombardos, longe de cumprir as suas promessas, recomeçou as suas hostilidades contra os romanos, assolou por todos os lados os arredores de Roma, sem mesmo poupar as egrejas. N'este novo apuro, o papa roga novamente ao chefe franco que ponha termo ás calamidades que pesam sobre a Egreja e os povos da Italia. D'esta vez é em nome de S. Pedro que pede soccorro com instancia. Este costume de fazer fallar os mortos, tão familiar aos oradores antigos, nunca fôra talvez empregado n'uma occasião mais importante, porque se tratava da libertação do

chefe da Igreja. Em 755 novamente corre Pepino em seu soccorro. A noticia da sua approximação Astolpho levanta o cêrco de Roma e encerra-se em Pavia. Obrigado a capitular, tem de soffrer condições mais duras que as do anno precedente. Para garantir a execução do tratado, Pepino deixou na Italia Furaldo, abbadê de S. Diniz, que pessoalmente se dirigiu a todas as cidades cedidas á Igreja romana, recebeu-lhes as chaves e foi depôl-as na confissão de S. Pedro, com o auto de doação que d'ellas fazia para sempre o rei dos lombardos á Santa Sé.

Todavia não quer isto dizer que o imperador de Constantinopla não tivesse intenção de conservar os seus direitos sobre as provincias usurpadas pelos lombardos. Um embaixador grego, contrariado por aquelle desfecho, julgou dever queixar-se a Pepino, que respondeu: « Não foi a um homem que eu soccorri; se peguei em armas e soffri tantas fadigas, foi por amor a S. Pedro, para expiar os meus peccados e salvar a minha alma. » Resposta digna do pae de Carlos Magno! De resto, se aquellas cidades e aquellas terras tivessem ficado nas mãos dos lombardos, nunca o imperador grego as teria recobrado. Estevam II não tardou a exprimir o seu reconhecimento a Pepino em uma carta, em que o papa justamente se regosija de ver finalmente a Igreja livre das exações dos seus inimigos. É necessario, accrescenta, que o papa seja senhor temporal, para que, livre e independente de todo o poder humano, possa exercer as suas altas e sublimes funcções. Como se vê, as reivindicações do papado não datam de 20 de setembro de 1870.

Astolpho morreu pouco depois (756), em consequencia de um accidente de caça. Graças ao concurso do papa e dos grandes, Didier, duque da Toscana, cingiu a corôa de ferro. Apesar da fé jurada, não tardou a conspirar contra os francos, para os desapossar das conquistas que haviam feito ao norte da Italia; n'esse intuito até se dirigiu a Roma afim de pedir ao papa que entrasse n'uma alliança com os gregos. Paulo I, successor de Estevam II, recusou-se a isso e informou Pepino do projecto do rei lombardo. Este principe conse-

guira formar, entre o clero e os grandes de Roma, um partido que suscitou perturbações por ocasião da eleição de Estevam III. Á frente do partido lombardo encontrava-se Paulo Asiarta, que mandou matar Christophoro e Sergio, chefes do partido amigo dos francos.

Em 768 fallecêra Pepino, deixando para successores Carlos e Carlomano, que reinou poucos annos, e morreu no mesmo que Estevam III (772). O rei lombardo parecia então senhor da situação; Pepino era temido, mas não se sabia se os filhos teriam a mesma energia e vigor do pae. Carlos não tardou a mostrar que era seu digno successor.

Adriano I acabava de subir á cadeira de S. Pedro. Logo que o soube, o rei lombardo enviou embaixadores ao novo papa, a fim de lhe certificar a sua amisade e prometter-lhe uma paz inviolavel. Mas soube-se pouco depois que este príncipe embusteiro, depois de se apoderar de varias cidades do exarchado, sustentava um estreito cêrco contra Ravenna. Os habitantes enviaram uma deputação ao papa, que se queixou amargamente a Didier. Este respondeu «que não restituiria aquellas praças, a não ser que o papa fosse conferenciar com elle». O seu projecto era attrahir Adriano, obrigal-o a sagrar os dois filhos de Carlomano, que se haviam refugiado na sua côrte com a mãe, e oppôl-os a Carlos Magno. O papa não se deixou cahir n'um laço tão habil como desleal. Irritado, o lombardo avança sobre Roma. Carlos Magno, prevenido a tempo, envjára-lhe uma embaixada para lhe offerecer a paz, se elle quizesse satisfazer o papa. Didier, vendo Carlos occupado n'uma guerra contra os saxões, recusou com altivez propostas tão vantajosas. D'esta vez resolveu Carlos Magno acabar com o poder dos lombardos. Em 773 descia á Italia e cercava Pavia. Após de seis mezes de sitio, Didier foi obrigado a render-se, e depois enviado para a França, onde terminou seus dias encerrado no mosteiro de Corbie. Assim acabou o reino dos lombardos, que durára duzentos annos.

Durante o cêrco de Pavia, o rei franco dirigira-se a Roma, onde dera ao papa as mais commoventes provas de respeito

e affecto. Não contente de confirmar a doação de Pepino, fez lavrar pelo seu capellão Eutherio o auto de uma doação muito mais extensa, pela qual assegurava á Igreja romana o exarchado de Ravenna, a Corsega, as provincias de Mantua, Parma, Veneza, Istria, com os ducados de Spoleto e Benevento. O rei assignou o auto por seu proprio punho, e com elle assignaram todos os bispos, abbades, duques, condes, que formavam o seu sequito; em seguida collocou-o sobre o altar de S. Pedro e jurou, com todos os senhores francos, conservar á Santa Sé todos os Estados que lhe doára.

É de notar que Carlos Magno não menciona o ducado de Roma, assim como já o não mencionára Pepino. Com effeito, havia muito tempo que o papa fôra reconhecido seu soberano, sem ferir os direitos dos imperadores de Constantinopla: evidentemente é permittido a um povo abandonado de seus antigos senhores, injustamente opprimido por elles e pelos seus visinhos, escolher um chefe capaz de o proteger e de o defender; porque o direito natural, que em tal caso auctorisa um simples particular a reclamar a protecção dos seus semelhantes, não menos auctorisa a isso um povo inteiro. «Toda a gente, diz Puffendorf, concorda em que os vassallos de um monarcha, vendo-se em risco de perecer, podem submeter-se a outro principe ¹⁾.» Com certeza a rapida vista que lançámos sobre a origem dos Estados Pontifícios mostra manifestamente que era esse o caso do povo romano.

Não era differente a situação no exarchado e na Pentapole, que de facto já não pertenciam aos imperadores gregos, mas aos lombardos. Os francos, tendo conquistado essas provincias, podiam dispôr d'ellas livremente; Pepino legou-as ao papa, a quem de futuro pertenceram legitimamente. De resto, e já o dissemos varias vezes, ahi como no ducado de Roma, desde Gregorio II, o papa, sem ter o titulo e as insignias da soberania, exercia todos os direitos a ella respe-

¹⁾ *De jure nat. et gent.*, l. VII, cap. VII.

ctivos. Vê-se portanto que a doação de Pepino em nada alterou a situação do papa para tornar a sua auctoridade definitivamente independente do imperador de Bysancio. Com certeza Pepino poud e quiz tirar ao imperador a soberania d'essas provincias e cedê-las ao Soberano Pontifice, sem todavia reservar para si algum direito sobre ellas. O seu poder era a consequencia natural da conquista de um paiz ha muitos annos abandonados pelo poder imperial, que parecia pensar na Italia só para a opprimir e dar-lhe ordens. Formalmente exprimiu a sua vontade recusando-se a reconhecer as pretensões do imperador a tal respeito. Convem accentuar que ao direito do senhor corresponde o dever de defender e proteger os seus vassallos. Desprezado este dever não ha motivo para respeitar semelhante direito. Portanto não se pode accusar o papa de traição, quando accitou dominios que outr'ora haviam pertencido ao imperio de Constantino-pla: a historia mostrára sufficientemente que sobre elle cahia o pezo esmagador de uma administração cheia de difficuldades e de uma lucta cada vez mais intensa contra os conquistadores barbaros. «Aquelle estado patriarchal, governado de baculo em punho, apparecia no meio da Europa barbara e fumegante de sangue como o reino do principio da paz, e Roma, a cidade da força, era agora a capital da caridade»¹⁾.

Escusamos de expôr á vista dos leitores a indigna espoliação de 20 de setembro de 1870: a historia ha de flagellar os nomes de Cavour, Mazzini, Garibaldi, Cialdini, Napoleão III, Victor Manuel e seus satellites. A guerra contra a Austria em 1859 foi apenas um pretexto para que os revolucionarios, sob o commando do ignobil general Cialdini, podessem fazer uma brecha nos Estados Pontificios.

O «Fazei, mas depressa,» de Napoleão III, fôra executado em Castelfiardo e arrastára a tomada de Ancona. Mas Deus devia punir o traidor, e sabe-se como a batalha de Sadowa, consequencia de Solferino e de Castelfiardo, foi a precursora da catastrophe de Sedan. Napoleão pela sua

¹⁾ Kurth, *Les origines de la civilis. mod.*, tom. II.

politica de não-intervenção, a Inglaterra com a sua esquadra, a Prussia com o seu ouro, favoreciam a annexação dos diversos reinos da península, e abriram assim o caminho á espoliação de 20 de setembro de 1870, cujas «*nozze d'argento dell'Intangibile*» acabam de ser celebradas pela «*Italia Unita*». E entretanto a população dos campos soffre as torturas da fome e da miseria.

O immortal Pio IX, cujo vulto glorioso irradia no meio de tantas baixezas e ignominias, lamentava amargamente os erros da casa de Saboia, de todo entregue, então como hoje, nas mãos da franc-maçonaria. Em 10 de setembro de 1870 dizia elle a Ponza di San Martino: «Eis até onde a revolução fez descer um principe da casa de Saboia! Não basta á revolução expulsar ou degolar os reis: todas as vezes que pode, occupa-se agora em deshonoral-os.» Ha já vinte e cinco annos que occupa bem tristemente um palacio pontificio; a cruz de Saboia sanciona a espoliação dos conventos, das egrejas, do patrimonio dos pobres, que, como outr'ora, só encontram protecção na Igreja e nos seus pontifices. Parece que se esqueceram das celebres palavras do deputado Ferrari: «Roma é fatal para os reis; o seu ultimo rei (o filho de Napoleão I) não poude lá entrar; deveis evitar que ella seja tão fatal para a familia reinante» (20 de março de 1860). Oxalá que, no meio dos seus apparentes triumphos, ella se lembre de que o Capitolio está proximo da rocha Tarpeia e das Gemonias, e não junte o seu nome aos dos perseguidores do papado, fielmente registados pela historia.



O PERIGO DO ALCOOLISMO E OS REMEDIOS

Ha muito que todos notam o perigo do alcoolismo, tratando-se a questão nos jornaes, em livros e em folhetos, nas reuniões das sociedades sabias, medicas, juridicas ou moraes, nos congressos, nos parlamentos. De diversos lados apparecem esforços tendentes a crear e manter na opinião publica uma agitação benefica, necessaria, em presença de uma situação cada vez mais ameaçadora. Chega a gente a espantar-se que o mal se desenvolvesse e propagasse tão livremente, quando parecia que todos deviam procurar impedil-o e remedial-o. A verdade é que o interesse de uns, a fraqueza ou timidez de outros, escrupulos respeitaveis de um grande numero, e finalmente a apathia ou inclinação secreta da multidão forneceram pretextos ou motivos mais ou menos plausiveis para se usar de complacencia ou tolerancia.

Infelizmente vae-se propagando entre nós esse vicio detestavel, como se propagou em França nos ultimos annos, e torna-se portanto necessario combatê-lo por todos os modos. Entre nós, exactamente como succedeu em França, ainda as atenções se não voltaram decididamente para esta questão, ou porque o mal ainda não esteja muito desenvolvido, ou porque as suas funestas consequencias ainda se não tenham revelado sufficientemente assustadoras, e portanto seja necessaria uma analyse perspicaz para o seguir nas variadas formas que reveste. Na verdade, o alcoolismo não é a embriaguez considerada como facto passageiro e muitas vezes acci-

dental, nem mesmo considerada como serie de factos successivos, como habito mais ou menos arraigado. Tanto a embriaguez accidental como a habitual revelam-se exteriormente, percebem se com facilidade. A opinião condemna uma e outra ao ridiculo, e é isso que ainda hoje constitue o freio mais efficaz. Mesmo quando a equidade humana encontra, na miseria ou no soffrimento, desculpas para este lamentavel processo de consolação, a commiseração não é inteiramente exempta de repugnancia, de desdem e de escarneo. O alcoolismo é outra cousa. A embriaguez é, de certo modo, a divulgação e confissão do alcoolismo. Mas pode alguém ser um alcoolico ou alcoolisado sem ser um bebedor. Para isso basta, com uma natureza vigorosa ou por uma longa perseverança, ter levado o organismo a ponto de supportar e exigir dozes alcoolicas progressivamente crescentes. Quantas pessoas se habituam insensivelmente a tomar aperitivos antes da refeição e licores depois! Chegam a gloriar-se d'isso, e encontram quem os admire e lhes tenha inveja. Não são bebedores, e revoltar-se-iam com a menor allusão a tal qualificativo. Mas são alcoolisados ¹⁾. Nem sequer o suspeitam ²⁾. Não se lembram do perigo a que se expõem com toda a alegria do seu coração.

Embora faltem entre nós os dados estatisticos, não é difficil verificar que o consumo do alcool augmenta progressivamente. Para esse facto contribue a diminuição da produção vinicola pelos estragos da phyloxera, do oidium, do mildio e de outras doenças da videira. Diminuindo o vinho, que é a bebida mais vulgar, desenvolve-se por outro lado o fabrico industrial dos alcools, pela distillação da betarraba, dos melaços e das substancias farinaceas.

¹⁾ Um medico de Londres, em uma conferencia realisada no anno passado, exprimiu a mesma idéa acerca do abuso dos licores fortes. Afirmou que vira no seu hospital muitos doentes que soffriam do alcoolismo e que não eram bebedores: eram pessoas que tinham bebido mais que a sua capacidade physiologica lhes permittia.

²⁾ Pode uma pessoa alcoolisar-se sem o saber, como disse o Dr. Legrain no congresso da Liga franceza da moralidade publica, celebrado em Lyon em setembro de 1894.

Deve notar-se que o perigo actual não provém simplesmente do consumo de quantidades quasi regularmente crescentes, mas tambem da qualidade cada vez mais nociva das bebidas absorvidas. Ha, pois, um duplo aggravamento do mal: o augmento do fabrico dos alcools industriaes, outr'ora quasi desconhecido e que se desenvolveu bastante em consequencia da destruição das vinhas; e o augmento, mais terrivel ainda, do consumo das bebidas com essencias geralmente conhecidas pelo nome de amargos, aperitivos, principalmente do absintho.

Ora, admitte-se geralmente a seguinte hierarchia das propriedades nocivas dos alcools: 1.º alcool ou aguardente de vinho, o menos prejudicial; 2.º aguardente de pera; 3.º aguardente de bagaço e de maçãs; 4.º alcool e aguardente de cereaes; 5.º alcool e aguardente de betarraba e de melaço; 6.º alcool e aguardente de batata. É verdade que esta classificação tem sido muito contestada nos ultimos tempos, havendo quem affirme a innocuidade dos alcools industriaes relativamente aos alcools naturaes. Os alcools naturaes, rhum, cognac, kirsch, etc., devem o seu aroma a impurezas toxicas, que são tanto mais perigosas quanto o producto é mais caro e mais authentico. O Dr. Daremberg fez, a este respeito, algumas experiencias interessantes, e corroborou a analyse chimica por experimentações physiologicas, injectando soluções alcoolicas, em animaes, pela via venosa. Verificou-se por essas experiencias que as aguardentes de fructas ou de uvas matam os coelhos em dose mais pequena que as aguardentes provenientes do alcool industrial. Seja como fôr, subsiste uma demonstração certa, e é que as aguardentes naturaes estão longe de ser puras, que é mesmo impossivel rectifical-as, porque, segundo a phrase de Guillemet, *rectific-al-as é destruil-as*. De forma que, na perplexidade em que tudo isto nos deixa, o mais seguro é recommendar a moderação a respeito de umas e das outras.

O Dr. Lancereaux, em uma communicação feita á Academia de Medicina de Paris, na sessão de 5 de março de 1895, ácerca dos « efeitos comparados das bebidas alcoolicas

no homem e da sua influencia no desenvolvimento da tuberculose ¹⁾ », apresenta dados muito interessantes.

Vê-se ahí que augmenta progressivamente e de um modo assustador o consumo do absintho em França. Em Portugal tambem começa a propagar-se o uso d'essa bebida, e é possível que, assim como em França, comece a ser usada pelas mulheres, o que é mais grave.

Parece fóra de duvida que o absintho e os seus analogos, em razão das essencias que entram na sua composição, ainda são mais funestos que as aguardentes e alcools ordinarios. O Dr. Lancereaux encontrou no seu serviço hospitalar, em 20 doentes, 10 intoxicações, das quaes 5 pelo vinho e alcool ordinario e 5 pelo absintho e seus similares. « O bebedor de vinho e alcool está exposto ao delirio agudo; o bebedor de bebidas com essencias chega ordinariamente á demencia e ao embrutecimento ». A intelligencia é affectada; a sensibilidade tambem e ás vezes dolorosamente. Emfim, o abuso das bebidas alcoholicas favorece e pode até produzir a tuberculose.

Seria banal, fastidioso, para assim dizer impossivel, e, em todo o caso, demasiadamente longo, expôr as consequencias, a todos os respeitos fataes, do abuso do alcool ²⁾.

Todavia não será inutil uma exposição breve. O alcoolismo fere o individuo, a familia, a raça, a collectividade inteira. Produz, com uma regularidade quasi certa, a degradação das faculdades physicas, intellectuaes e moraes. Gladstone dizia em 1880: « O alcool faz, em nossos dias, mais estragos que esses tres flagellos historicos, a fome, a peste e a guerra. Dizima bem mais que a fome e a peste; mata mais que a guerra. Alem de matar, deshonra. »

¹⁾ *Bulletin de l'Académie de Médecine*, 1895, pag. 219 e seg., especialmente pag. 225.

²⁾ Vid. Dujardin-Beaumez, *Puissance toxique des alcools*, pag. 33 e seg.; Rabuteau, *Nocuité graduée des diverses sortes d'alcools*, pag. 72 e seg.; Lancereaux, *L'alcoolisme et ses conséquences au point de vue de l'état physique, intellectuel et moral des populations*, pag. 102 e seg.; Baer (de Berlim), *Influence qu'exerce l'ivrognerie sur la fréquence et la propagation de l'aliénation mentale et de la criminalité*, pag. 169 e seg.; Légrain, *Dégénérescence sociale et alcoolisme*; Lafont, *Les dangers de l'alcoolisme*, etc.

Sob o ponto de vista physico, o alcoolismo sobreexcita a sensibilidade até á dôr lancinante, ataca e desorganisa o systema nervoso, diminue a força e a resistencia, a tal ponto que o dr. Legrain poude caracterisal-o dizendo: «O alcoolismo é uma velhice antecipada». E que velhice! Não é a velhice ordinaria, normal, mas uma velhice composta de degenerescencia. N'um discurso pronunciado no parlamento francez a 6 de junho de 1895, o dr. Lannelongue insistia muito sobre este aniquilamento da resistencia :

« O que caracteriza mais o bebedor é a sua falta de resistencia. . . Em presença de todos os flagellos que assaltam o homem, em presença do grande numero de doenças contagiosas, epidemicas ou não, a verdadeira característica do homem de saude é a sua resistencia organica, que lhe permite triumphar de todos os assaltos que a cada instante lhe dão os infinitamente pequenos, que são os seus inimigos mais terribes. Ora o bebedor perdeu toda a resistencia : está mal ferido, mal doente. Aos 40 annos tem os tecidos de um homem de 60 annos, pelo menos. O velho e o bebedor parecem-se; ou, melhor, o primeiro leva vantagem ao segundo. . . Na verdade, o velho possui uma resistencia tal que resiste ás feridas mais graves, ás fracturas de toda a especie. . . O velho resiste melhor que o alcoolico, porque os seus tecidos estão normaes, não se acham alterados. Ao contrario, por effeito do alcoolismo, os tecidos do bebedor alteram-se, degeneram, e collocam-n'o em um estado de real inferioridade em relação ao velho. »

O dr. Lancereaux, alludindo á tuberculose, declarava que a inspecção das carnes e dos alimentos, a necessidade de ferver o leite, « todos esses meios prophylacticos são muito pouco em comparação com os effeitos que produziria uma séria inspecção das bebidas alcoolicas e um esforço constante para diminuir o seu consumo ». ¹⁾ O alcool produz alterações e desordens locais, lesões materiaes, cuja origem debalde se procuraria n'outra causa. Actúa «no organismo humano como

¹⁾ Bulletin de l'Académie de médecine, 1895, pag. 223.

um veneno, que não alimenta, mas queima, suja, endurece ou atrophia os órgãos: estomago, figado, intestinos, coração, pulmões, arterias, musculos, nervos, cerebro ». Não é exaggerada a comparação com o veneno. Girard, chefe do laboratorio municipal de Paris, explicava, em 14 de abril de 1886, á commissão de inquerito do senado, que o aroma de cognac, accrescentado pelas fabricas de destillação de Paris aos alcools industriaes, tinha uma força toxica tal, que bastava uma injeccão hypodermica de um centigramma d'esse liquido, para matar em onze minutos um cão da Terra Nova. Em 6 de junho de 1895 expunha o Dr. Lannelongue á camara dos deputados, que muitos vinhos brancos do consumo parisiense são fabricados com o auxilio de um oleo, que ministrado em dose de quatro centimetros cubicos basta para matar um cão de 10 kilogrammas, provocando accidentes de asphyxia.

Por outro lado o Dr. Daremberg, conforme se vê no *Journal des Débats* de 4, 11 e 18 de setembro de 1895, fez experiencias verdadeiramente surprehendentes, não só com os aromas accrescentados aos alcool industriaes, mas ainda com esses mesmos alcools, com os alcools naturaes e ainda com os vinhos. Os resultados d'essas experiencias demonstram eloquentemente a violencia com que o alcool ataca toda a economia do organismo.

Mas vejamos agora qual é a sua acção deleteria na vida intellectual e moral do homem e como os seus estragos se transmittem atravez das gerações.

G. B.



A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa

II

(Continuação de pag. 82)

Que necessidade tinham os povos da Italia de obedecer todos a Victor Manuel e aos seus descendentes, em vez de obedecerem ao duque da Toscana ou ao rei de Napoles, ou conservarem a sua autonomia ou formarem uma federação? É uma questão cujo exame nos levaria muito longe. Não investigaremos o papel que em todos estes acontecimentos poude representar a ambição de um rei corajoso nos campos de batalha, mas arrastado pelas paixões dos sentidos e dominado absolutamente por astuciosos ministros que, verdadeiramente fallando, o *obrigaram* a entrar em Roma sob pena de ver proclamada a republica, como seu filho e successor lá continúa constringido e forçado pela mesma ameaça; assim o devemos acreditar para honra de ambos elles, apesar das palavras que de proposito lhes attribuem; apesar das phrases — *Andremo al fondo...* — e — *Roma intangibile...*

Nada diremos tambem das famosas proclamações de Cialdini aos seus officiaes nos Estados Napolitanos: « Fazei espalhar que eu fusilo todos os camponezes armados que encontrar; já comecei... »; nem da guerra de exterminio annunciada, nem dos dezoito mil fusilados que não tinham commettido outros crimes senão o de defenderem a sua nacionalidade ¹⁾. Tudo isso não deixa de suppor uma viva de-

¹⁾ Relatorio official do marquez de Ulloa.

voção em se submeterem ao governo piemontez e formarem essa unidade, que aliás podia formar-se por outra forma que não a conquista.

Não temos a examinar essas questões porque só nos occupamos de Roma; queremos conceder que os piemontezes se impuseram ao resto da Italia só pelos meios *moraes* (sem antiphrase), pela brandura, pelo ascendente da sua superioridade. Mas em Roma? Foram os meios *moraes* que em Roma fizeram a brecha da *Porta Pia*? Que cousas interessantes se podem recordar a este respeito! Por exemplo, a famosa comedia do voto. É sabido como se faziam as eleições na Italia; um antigo agente de Cavour contou o processo, já conhecido mas com menos pormenores:

« Tinhamos requisitado os registos parochiaes para formar as listas dos eleitores. Preparámos todas as listas para as eleições dos parlamentos locais, como depois para o voto de annexação. Apresentou-se um pequeno numero de eleitores; mas na occasião do encerramento das urnas lançavamos lá as listas, naturalmente no sentido piemontez, d'aquelles que se tinham absterido; mas não de todos, é claro: deixavamos um certo numero d'elles, segundo a população respectiva do collegio. Era preciso salvar as apparencias, ao menos para o estrangeiro. »

É isto o que se chama consultar os povos! Ouçamos mais:

« Não custa, pois, explicar a facilidade com que se conseguiu levar a cabo taes manobras em paizes ainda novos no exercicio do suffragio universal, e cuja indifferença e abstenção coadjuvavam admiravelmente a fraude fazendo desaparecer toda a verificação. De resto nós procediamos de forma a tornar perfeitamente illusorias as garantias de publicidade e os meios de vigilancia. *A sala da urna e as suas immedições eram occupadas por carabineiros* ainda antes do acto eleitoral. Era entre elles que se escolhiam sempre o presidente da meza e os escrutinadores. Por esse lado estavamos nós bem. Em certos collegios, essa introduccção em massa, na urna, das listas dos ausentes, ao que nós chamavamos

completar o voto, fez-se com tão pouca atenção, que o escrutinio accusava mais votantes que o numero dos eleitores inscriptos... Pelo que respeita á cidade de Modena, assim fallo com conhecimento de causa, porque tudo isso se passou á minha vista e sob a minha direcção»¹⁾.

Assim se fizeram as eleições n'aquelle bemaventurado paiz, liberto dos seus tyrannos. Quanto a Roma, usou-se ainda de menos cerimonias, e nem sequer se salvaram as apparencias. Depois de tomada a cidade á força de artilheria, para fingir que se legitimava o facto consummado, propuseram que se votasse a annexação ao Piemonte, e apenas se encontraram, no apuro final, quarenta e seis votos negativos! Quarenta e seis! O que prova demais não prova nada, diz um velho proverbio. Dias depois, mais de dez mil homens, todos romanos, de maior idade, chefes de familia, não hesitaram em ir perante notarios dar o seu nome e a sua morada para protestarem contra a abominavel comedia que acabava de se representar. Os piemontezes comprehenderam bem que, lançando na urna 46 votos negativos, não tinham lançado bastantes. Mas a cartada estava jogada, e trataram de esquecer e fazer esquecer essa questão. Os estrangeiros que presenciaram o facto nunca o esqueceram, e asseguram que a burla seria extraordinariamente comica se não fosse excessivamente odiosa. Hoje seria superfluo entrar em pormenores a tal respeito.

Actualmente, depois de vinte e cinco annos de um trabalho de seducção e de corrupção, a Italia official, apesar dos seus sessenta ou oitenta mil *romanos de alluvião*, como alguém lhes chamou, não está ainda bem segura ácerca dos resultados eleitoraes, mesmo fazendo votar essa turba, que a mudança da capital levou para a cidade eterna. Essa população foi antecipadamente retratada pelo jornal revolucionario a *Nação*:

« Vamos a Roma fazer uma grande experiencia, escrevia

¹⁾ Revelações de um agente do conde de Cavour (Carletti). Vid. *Les Sociétés secrètes et la Société*, por Deschamps e Claudio Jannet, 4.ª edição.

o seu correspondente, e tão grande que julgamos que não tem igual na historia, etc... Não deveis crer, meus amigos, que Roma com a vossa capital receba uma vantagem positiva. Dispõe-se a cidade a recebê-la como indemnisação pelo damno immenso que lhe causamos. Tirando-a da sua situação de cidade *mondiale* para a reduzir a cidade italiana, mudamos de tal forma a sua condição moral e material, que não é possível medir-lhe os efeitos. Qualquer compensação que receba o poder da Italia não é proporcional a este sacrificio. Era necessario que os italianos estivessem dispostos, como os antigos *Socii*, a conquistar para a cidade Rainha a Macedonia, a Asia, a Africa e a Iberia. Ora saiba-se que os modernos italianos não têm semelhantes intenções, e que por tal preço pareceriam muito caros ao proprio Sella, o mais romano dos piemontezes, — os direitos de *civis romanus*. O unico premio de consolação que poderemos dar a essa grande cidade, que de *mondiale* vae ser reduzida a italiana, é ao menos enviar-lhe os nossos ministros, os nossos senadores, os nossos deputados, e mais quarenta ou cincoenta mil pessoas, empregados, parasitas, ociosos, gatunos, intrujões, ladrões e cortezãs, que constituem o cortejo natural e necessario de uma capital moderna...

«... Saberão acaso o que é a capital de Italia? Não haverá perigo de tomar uma cousa por outra? Pode haver quem julgue que nós, pobres diabos, ministros, senadores, deputados, empregados, jornalistas, do reino da Italia, verdadeiros representantes da miseria sobre a terra, nos paremos alguma cousa com os imperadores e os reis que costumam visitar o tumulo dos apóstolos, ou com os cardeaes, arcebispos, bispos, patriarchas e abbades que iam ao concilio. Com certeza que, se assim pensassem, soffreriam uma decepção amarga. Em geral, quem governa, quem faz a politica e administra as cousas publicas na Italia (bem ou mal, isso não se discute), são as classes medias, e, entre estas, as menos abastadas. Portanto, se Roma espera que uma sessão parlamentar leve para a cidade tanto ouro como, por exemplo, o centenario de S. Pedro, engana-se. Ainda n'este ponto

Roma tem de descer: das libras sterlinas tem de passar ás *liras italianas*.»

Ahi está um jornalista italiano que pouco se illudia ácerca das vantagens que os romanos iam tirar do novo regimen.

III

Quanto ao segundo motivo invocado para justificar a destruição do poder temporal, a saber, o mau governo do Estado Pontificio, temos a perguntar, primeiramente, não só sob o ponto de vista dos legisladores e moralistas, para os quaes a questão seria facil de resolver, mas simplesmente sob o ponto de vista dos politicos, se, suppondo mesmo que um povo tenha legitimas queixas do seu governo, pode sempre destruil-o, tem sempre a liberdade de se annexar a uma nação visinha que mais lhe agrade; se, fora da questão juridica e philosophica, não ha interesses superiores geraes ou internacionaes, que muito superiormente dominam os gostos, as vontades ou os interesses particulares? A Europa não permittiu á Belgica a sua annexação á França em 1831; e a Inglaterra de certo não reconhecera á ilha de Gersey o direito de se entregar á França, ou a Gibraltar o de se unir á Hespanha, se quizessem; nem attendeu as reclamações das ilhas Jonicas, quando queriam fazer parte da Grecia, e não nos parece que esteja disposta a satisfazer os desejos dos povos, se a Irlanda quizesse a sua autonomia ou annexação a uma nação mais sympathica.

Porque ha de sustentar-se uma these inteiramente opposta relativamente a Roma? É porque Roma é a cidade dos Papas, porque pertence ao universo catholico e não exclusivamente á Italia? porque, n'uma palavra, é a capital do mundo christão, e, como tal, foi vinte vezes defendida, salva, restaurada, enriquecida, de tal modo que, se restituisse tudo o que deve ás outras nações, pouco lhe ficaria? É por isso que Roma pode entregar-se a quem lhe apraza, ou soffrer tranquillamente a conquista de quem a quizer, como uma cidade indifferente aos outros povos, como uma cousa sem o

minimo valor? Pelo contrario, não apoiam estas razões a these inversa?

Mais ainda: suppondo que houvesse realmente sacrificios a soffrer, em troca d'essa corôa de honra e de gloria unica no mundo, Roma devia acceital-os com satisfação, como fraca compensação das vantagens excepcionaes que lhe vale a sua qualidade de cidade universal, capital do mundo civilisado; devia considerar que nenhuma cidade sobre a terra tem os nobres privilegios de que ella goza, e que deve á sua antiga historia e principalmente á religião catholica e ao Papado de que é sêde. Comprehender-se-ia que Washington — e pode tirar-se d'aqui um argumento *à fortiori* — comprehender-se-ia que a cidade de Washington se queixasse de não ser governada exactamente nas mesmas condições que as outras cidades da America, de não ter um conselho municipal semelhante, etc., ao passo que tem o privilegio de possuir a representação dos Estados e a presidencia da Republica? Na verdade, se se queixasse, o que de certo não fará, ninguem a attenderia.

Será admissivel que Roma inveje as condições vulgares das cidades banaes, e se julgue infeliz com a sua gloria tantas vezes secular, com os seus esplendores religiosos e artisticos, com as suas commodidades e o seu governo paternal? Não seria, permittam-nos a comparação, o mesmo que uma creança queixar-se de sempre ter ouro emquanto que os seus visinhos teem moeda de cobre? O celebre historiador protestante Macaulay escrevia ha annos: « Roma não pertence mais á Italia que Washington ao Estado da Colombia. A Roma moderna é uma criação e uma herança do mundo catholico. Todas as pedras e todas as columnas das suas majestosas basilicas foram collocadas e dispostas, pode dizer-se, pelos catholicos de todo o mundo. »

Só fallámos por hypothese e para responder áquelles que tanto ignoram o direito como a historia, áquelles que não sabem que, em certos casos, a Europa tem, como costuma dizer-se, *voto no capitulo*, que o mundo civilisado pode legitimamente impôr a sua vontade a uma cidade, e até a uma

nação, quando se trata de uma questão de importancia capital, porque interesses superiores podem ás vezes dominar vontades e interesses particulares.

Mas nós sabemos muito bem, pelo que respeita a Roma e aos Estados Pontificios, que o governo piemontez se impoz pela astucia e pela violencia, e que nunca foi chamado, nem simplesmente desejado pela população.

Para que conseguisse fazer crer ao mundo que os Estados do Papa eram mais mal governados que as outras nações da Europa, foi precisa uma habilidade diabolica e uma especie de aposta contra o senso commum. Que houvesse em Roma imperfeições como em outra qualquer parte, ou menos ainda, vá; que houvesse reformas a estudar, modificações a introduzir, e por consequente mudanças pedidas pela differença dos tempos e dos costumes, não o negaremos; onde ha homens ha fraquezas, e é sempre possivel melhorar de situação. Mas julgarmos que deve estabelecer-se como principio assente, que, sem o mal causado pelos estrangeiros, pelas excitações dos revolucionarios cosmopolitas, não haveria no mundo um povo mais feliz que o dos Estados da Igreja, sob o governo dos Papas.

Se poude na edade media dizer-se que *era bom viver á sombra do baculo*, os vassallos pontificios podiam dizer que *era bom viver á sombra da tiara*. Não se julgue que n'isto ha exaggero: um povo que vivia a vida mais barata da Europa, que quasi não pagaria impostos se não fosse obrigado a pagar as dividas dos revolucionarios de 1848; um povo que não tem conscripção militar, que está seguro contra os perigos da guerra; um povo em que florescem a religião, as artes e as lettras, e do qual se podia dizer com o marquez de Aze-glio — « Ha um povo na terra que desconhece a miseria e a fome! » — porque na verdade, os soffrimentos inseparaveis da humanidade eram alli admiravelmente soccorridos n'um grau que nunca será attingido pelas *work-house*, pelos depositos de mendicidade, pelos hospitaes e pelos medicos dos pobres das nossas cidades; um povo assim podia não ser rico, mas não podia ser infeliz.

Tudo isto está absolutamente fóra de duvida. O relatório official de Rayneval, os trabalhos comparativos de Sauzet, Dupanloup, Margotti e tantos outros vingaram a verdade, que fóra vinte vezes, cem vezes ultrajada pela calumnia. Como é então que tantas pessoas honestas erraram e erram ainda n'este ponto? Esse facto só pode explicar-se pela habilidade e perseverança dos calumniadores, de um lado, e do outro, pela frivolidade e indiferença de certas pessoas de bem. Os adversarios do Papado puzeram em relevo constantemente e ruidosamente tudo o que parecia apoiar as suas affirmativas, e occultaram o resto com o maior cuidado. Sabiam que o que penetra no espirito publico é aquillo que se repete muitas vezes; por isso adoptaram a senha: não havia um crime, nem o menor delicto commettido em Roma ou nos arredores, que não fosse logo transmittido a todo o mundo pelas mil vozes da imprensa, que á porfia ampliavam e desnaturavam, e finalmente illudiam não só as massas credulas, mas ainda um grande numero de pessoas, aliás intelligentes, mas que n'estas cousas nada aprofundam, ou porque isso as não interesse, ou porque não tenham tempo nem possibilidade de o fazer. Seja-nos permitido, a este respeito, referir o seguinte facto succedido com um escriptor e advogado francez. Por occasião de um assassinato commettido em Roma, que-ria um homem distincto argumentar-lhe com esse facto e com outro semelhante. O escriptor a que nos referimos disse-lhe então: — Quantos crimes d'esta natureza julga que se commetteram este anno no nosso departamento? — Nenhum, respondeu. — Pois consulte o registo dos tribunaes, e encontrará tres casos de assassinato; o senhor não o sabia, e não obstante é na sua propria cidade que vão ser julgados. A razão porque o ignorava é que os jornaes não chamam a attenção publica de uma forma especial para o seu departamento ou para a sua cidade, ao passo que agora toda a imprensa da Europa se occupa em dizer e repetir tudo o que pareça abalar o governo pontificio. — O interlocutor não respondeu e poz-se a reflectir.

(Continúa).

P. G., *advogado.*

BIBLIOGRAPHIA

Milliarios do Conventvs Bracaravgvstanvs em Portugal — Reliquias d'epigraphia romana, trasladadas dos proprios monumentos por M. Capella. ¹⁾ — Ha tres ou quatro annos, redigindo nós um jornal d'esta cidade, recebemos do alto Minho umas cartas do nosso respeitavel amigo e distinctissimo collega sr. Martins Capella, dando-nos noticia de uma peregrinação scientifica atravez d'aquella provincia. O illustre professor, com uma paciencia benedictina e uma abnegação a toda a prova, entretinhase a estudar os perdidos monumentos da civilização romana ao norte do paiz. O fructo d'esses trabalhos apparece agora no livro que temos á vista, obra de grandissimo valor para os estudiosos. Não sabemos se o auctor encontrará em Portugal um galardão condigno do seu alto merecimento, e até quasi temos a certeza da negativa; sabemos, porém, que um pouco alem das fronteiras está sendo devidamente apreciado o valiosissimo trabalho do sr. Martins Capella.

Poema da Juventude (José Maria Ançã) — *precedido d'uma carta preambular ao deputado João de Paiva, escripta por Candido de Figueiredo.* — Já conheciamos do auctor as *Expansões d'Alma* e uns dois poemetos que de novo apparecem no *Poema da Juventude*. Das *Expansões d'Alma*, lidas ha annos, conservamos gratissima impressão, sobretudo pelos seus bellos alexandrinos, reveladores de uma inspiração fecunda, embora não revistam sempre um cunho de originalidade, — diga-se tudo. É inquestionavel que o sr. Ançã é um moço de talento, poeta mimoso, artista de raça. Bellas imagens, verso geralmente facil, correcção de forma, assumptos variados e em regra bem escolhidos, — taes são as impressões que nos deixou o *Poema da juventude*.

Noticia historica da veneravel ordem terceira da penitencia de S. Francisco da cidade de Coimbra e do seu hospital e asylo, por Joaquim Simões Barrico. — Trata-se de um livro que deve ser lido por todos os amadores de antiguidades. O sr. Simões Barrico, trabalhador indefesso, muito contribuiu com as suas laboriosas investigações para o conhecimento de algumas d'essas antiguidades.

Jornal das Senhoras — Recebemos o n.º 1 d'este semanario collaborado por damas e a ellas dedicado, e que constitue uma verdadeira novidade no nosso meio jornalístico. Compõe-se de 8 paginas de composição em elzevir, impresso em magnifico papel e illustrado com um retrato de grande formato de Sua Magestade a Rainha, em photogravura, varias vinhetas, figurinos, etc. Cada numero do *Jornal das Senhoras* é acompanhado d'um supplemento musical, sendo o do primeiro numero constituido por uma valsa para piano denominada *Estrella do Funchal*.

Os preços do *Jornal das Senhoras* são 50 réis, sem supplemento e 120 com supplemento, para a venda avulsa; e 40 e 100 reis, respectivamente, por assignatura. Summario do n.º 1: Sua Magestade a Rainha — Expediente — João de Deus — O nosso programma, *A Empreza* — Chronica — No album d'uma cantora, *Emilia Eduarda* — Ideal desfeito, conto, *Mencia Mousinho d'Albuquerque* — Hygiene infantil, *Sophia da Silva* — Modas, *Emma Parisiense* — O nosso supplemento musical — Resignation, *Eugénie Lecrénier* — João, o Mendigo (romance, traducção de I. d'O. — Casta, *Mercedes Blasco* — Anniversarios — Deus, *Violeta* — *Jornal das Senhoras* — O mar, *Julia Bahia* — Um conselho por semana — Memorandum religioso, etc.

Redacção e administração — Rua do Ouro, 149, 2.º — Lisboa.

Revista Moderna — *Semanario illustrado*, Tomo 2.º, n.º 30. — In-sere diversos artigos e illustrações. Uma d'estas representa João de Deus no leito mortuario.

La Civiltá Cattolica — N.º 1095 — Alem de excellentes chronicas de Roma, da Italia, da Allemanha, da Austria Hungria, etc., publica esta excellente revista diversos artigos scientificos, importantes e cheios de interesse.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa — Acabam de ser distribuidos os n.ºs 4.º, 5.º e 6.º da 14.ª serie. Entre diversos assum-

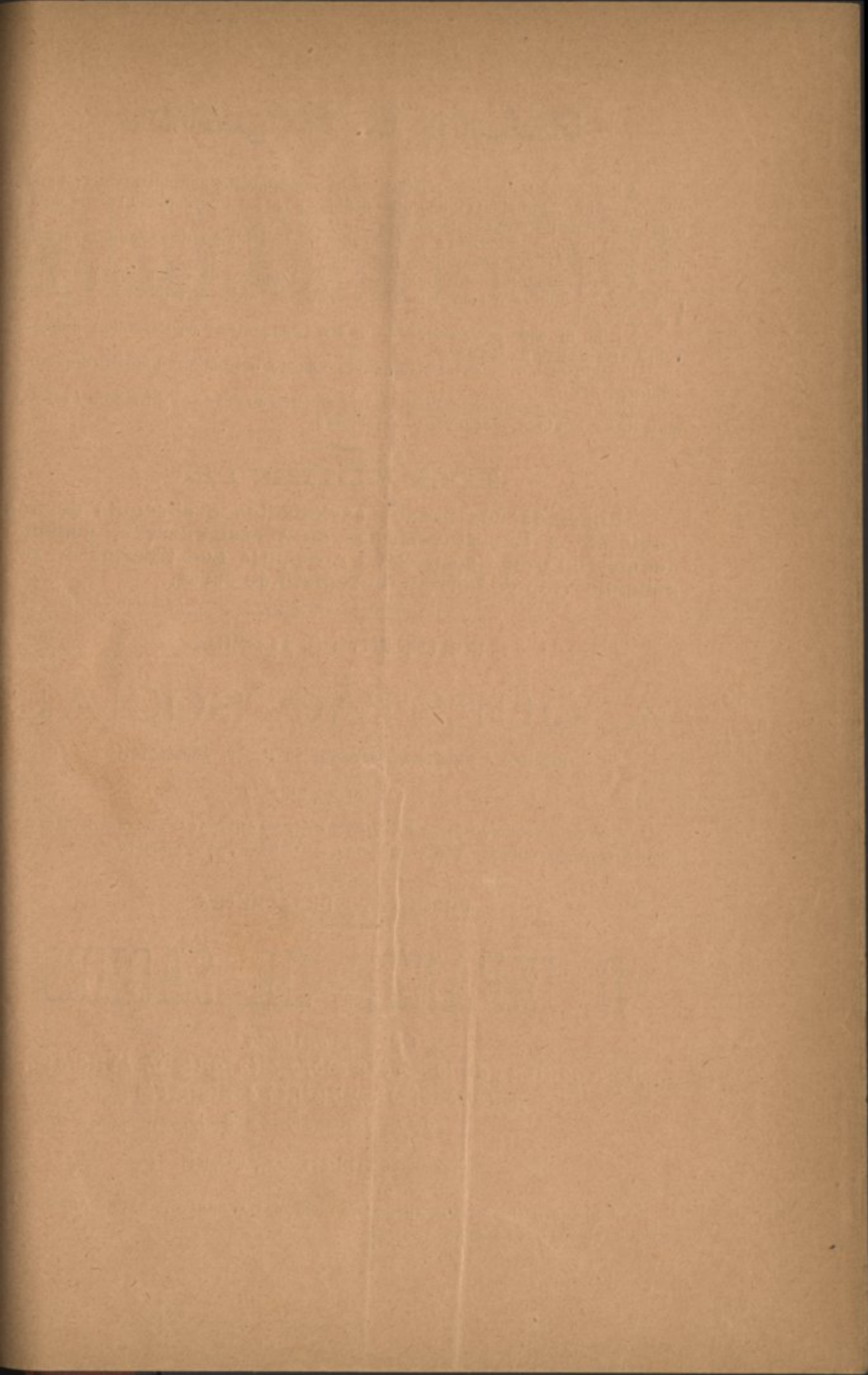
ptos de que se occupam notaremos um estudo historico de Luciano Cordeiro (*O thesouro do rei Fernando*), um magnifico artigo de Augusto de Castilho ácerca de Lourenço Marques, e a continuação da um estudo intitulado *Mitras lusitanas no Oriente*, por Casimiro Christovão de Nazareth.

O mundo legal e judiciario — O n.º 8 do 10.º anno, que acabamos de receber, insere diversos artigos juridicos de interesse.

Portugal em Africa — O n.º 24 publica um artigo sobre colonisação em Africa, o retrato do benemerito missionario Conego Gil Carneiro, com um artigo, e diversas noticias sobre os ultimos acontecimentos da Africa. É uma revista interessantissima para todos os que seguem o movimento colonial.

Revue politique et parlementaire. — Acabamos de receber o n.º 20 d'esta publicação, que insere diversos artigos sobre negocios politicos de França, chronicas politicas e parlamentares da Republica Argentina, Belgica, Italia e Paizes Baixos, etc. (Paris, rue de l'Université, 110).





Condições da assignatura

A *Revista Contemporanea* publicar-se-ha mensalmente, abrangendo cada numero 32 paginas in-8.º grande. O numero de paginas pode ser maior quando assim o exija o desenvolvimento de assumptos especiaes.

Cada numero da *Revista Contemporanea* tractará sempre de assumptos variados, como questões sociaes, scientificas, historicas, etc.

Apparecerá no primeiro dia de cada mez, e o preço da assignatura é de 15600 réis annuaes, que devem ser pagos respectivamente antes da publicação do numero $\frac{1}{4}$ de cada anno.

No fim de cada anno receberão os srs. assignantes o frontespicio e indice do volume respectivo da *Revista*.

Continuam a receber-se assignaturas desde o primeiro numero da *Revista Contemporanea*.

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a José Marques Rito e Cunha, Collegio Novo. — Coimbra.

EXPEDIENTE

Rogamos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem a importancia das suas assignaturas, podendo deduzir do preço respectivo a quantia que tiverem de pagar pelo vale do correio ou registo de carta.

FORTUNATO DE ALMEIDA

A QUESTÃO SOCIAL

Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Afonso Costa

PREÇO 200 REIS

Á venda em todas as livrarias. Remette-se pelo correio a quem enviar 220 réis á administração da *Revista Contemporanea*, — Collegio Novo, Coimbra.

FORTUNATO DE ALMEIDA

O INFANTE DE SAGRES

*Obra premiada
no concurso de memorias sobre o infante D. Henrique,
por occasião do quinto centenario
do seu nascimento*

1 volume de XLIII-371 pag., 600 réis

Á venda na Livraria Portuense de Lopes & C.ª, editores, rua do Almada, 119 — 123, Porto, e em todas as livrarias.

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

QUESTÕES RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,
HISTORICAS E SOCIAES

DIRECTOR

Fortunato de Almeida

QUINTANISTA DE DIREITO

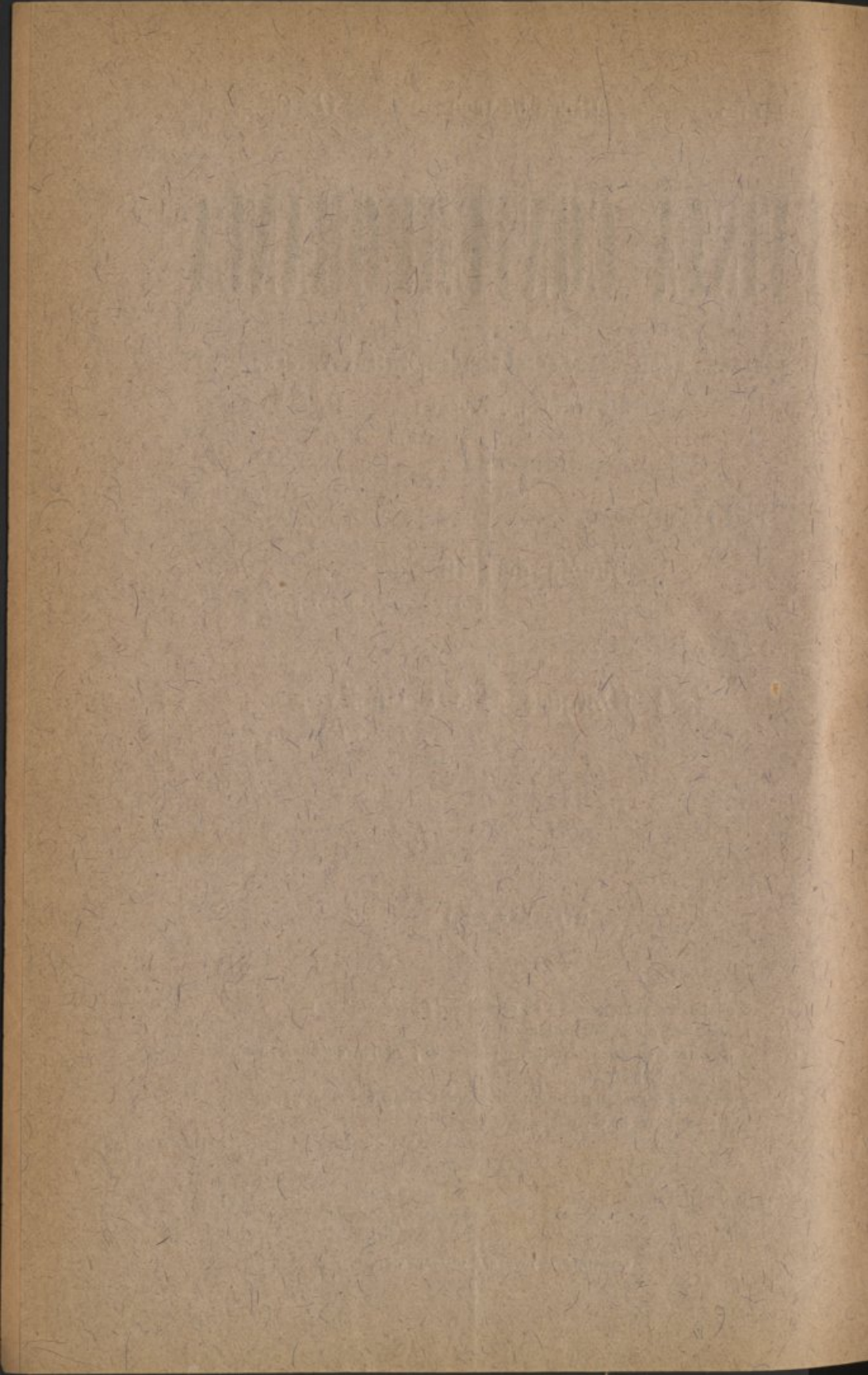
ADMINISTRADOR

José Marques Rito e Cunha

BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA

SUMMARIO

- I — O perigo do alcoolismo e os remedios, (conclusão) G. B.
- II — A matança de S. Bartholomeu, F.
- III — A prelazia de Moçambique no passado, (para continuar) pelo Bispo de Himeria.
- IV — A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa, (continua) por P. G., advogado.



O PERIGO DO ALCOOLISMO E OS REMEDIOS

(Conclusão de pag. 149)

As alterações graduaes e diversas da intelligencia são demasiado evidentes para que haja necessidade de insistir nellas. Todavia não pode ficar em silencio o desastroso contingente fornecido pelo alcoolismo á alienação mental. Em 1887 declarava o sr. Claude no senado francez, que a proporção das alienações devidas ao alcoolismo passára de 8 a 9 por 100 em 1860, a 16 por 100 em 1885. Esses 16 por 100 eram só a media. Certos departamentos de grande consumo alcoolico attingiam 25, 26, 28, 29 e 40 por 100. Segundo Lucien Puteaux, ¹⁾ a proporção de alienados por alcoolismo elevou-se a 21, 90 por 100 no periodo de 1881 a 1885. Por outro lado, o Dr. Legrain reproduz o quadro, elaborado por Magnan, das doenças mentaes occasionadas ou complicadas pelo alcoolismo, segundo as observações feitas no gabinete de admissão de Sant'Anna, em Paris:

1887:	37,98	0/0	para os hom.,	e	10,81	0/0	para as mulh.
1888:	35,28	»	»	»	12,33	»	»
1889:	33,17	»	»	»	11,95	»	»
1890:	35,51	»	»	»	11,61	»	»

Os resultados n'outros paizes são perfeitamente analogos. A proporção dos alienados alcoolisados na Prussia era de 15

¹⁾ *Étude de l'alcoolisme en Suisse*, pag. 7.

por 100 para os homens, e de 1 por 100 para as mulheres; no Wurtemberg, em 1875, de 48 por 100, dos quaes 19 por hereditariedade; na Hollanda, desde 1878 a 1882, era de 16 por 100; na Russia, 15 por 100; na Suissa, antes do estabelecimento do monopolio do alcool, a media era de 20 por 100. No congresso internacional para o estudo das questões relativas ao alcoolismo, celebrado em Paris por occasião da exposição de 13 a 16 de agosto de 1878, declarava o dr. Baer (de Berlim), no seu relatorio sobre « a influencia da embriaguez na frequencia e na propagação da alienação mental e da criminalidade », ter verificado nas diversas provincias da Prussia, que « o numero dos alienados está na proporção quasi directa do numero das tabernas ou lojas de venda de aguardente a retalho ».

O perigo tornou-se tão ameaçador em França, que os alienistas evidenciaram a urgencia de crear estabelecimentos especiaes para os alienados alcoolisados, com tratamento apropriado. O Conselho superior da Assistencia publica mandou estudar a criação de asylos especiaes para alcoolisados, semelhantes aos que existem n'outros paizes. Em 6 de julho de 1894 votou o conselho geral do Sena a criação de um novo asylo de alienados, na qual a secção dos homens, 500 doentes, será inteiramente reservada ao tratamento dos alcoolisados.

O suicidio pode entrar nas variedades d'esta demencia alcoolica. O sr. Claude estabelece, relativamente ao anno de 1885, uma proporção de 11 por 100 de suicidios devidos ao alcoolismo.

Não é necessario expor desenvolvidamente as consequencias funestas do alcoolismo relativamente aos sentimentos moraes. De resto existe uma relação bem comprehensivel entre as consequencias physicas e as moraes. É evidente que ha uma certa correlação entre o alcoolismo e a criminalidade; que um grande numero de actos mais ou menos reprehensiveis são commettidos n'esse offuscamento da reflexão racional resultante da embriaguez, e que, mesmo independentemente da embriaguez caracterisada, a excitação alcoolica produz uma predisposição de violencia que irrompe ao

menor choque. No relatório que já citámos, notava Claude que os departamentos francezes mais entregues ao uso da aguardente forneciam tambem o maior contingente de criminosos. Marambat, n'uma communicacão feita em 3 de abril de 1888 á Academia de medicina, avaliava, relativamente á cidade de Paris, em 72 p. c. a proporção de alcoolizados entre os condemnados. Tambem existe, evidentemente, uma corrente continua da intemperança alcoolica para a devassidão, e da devassidão para o alcoolismo. O mutuo apoio que um e outro vicio se prestam não se manifesta em parte alguma com mais evidencia, que nesses cafés ou tabernas que procuram os elementos da devassidão e da prostituição, e reciprocamente, n'esses logares de prostituição e devassidão que fornecem recursos ás tabernas. Encontra-se ahi a exploração calculada das fraquezas humanas. Cada uma d'essas inclinações viciosas excita a outra. Permittir que se reunam e satisfaçam no mesmo logar, é signal de uma imprevidencia imperdoavel e de um incomprehensivel desprezo pela saude physica, intellectual e moral.

Todas estas consequencias quasi inevitaveis não param no individuo. Invadem a familia, o lar, atacam a descendencia, a raça. Que lar domestico poderia subsistir? O alcoolismo — torna-se banal dizer isto — é o esphacelamento da união conjugal, a paralyisia ou mesmo o aniquilamento da ternura paternal, do respeito filial.

O alcoolismo é um dos elementos mais activos de desorganisação, de miseria material e moral. No relatório apresentado por Theophilo Roussel á commissão de inquerito sobre o consumo do alcool em França, avaliava-se o salario annual dos operarios em 10 $\frac{1}{2}$ biliões, dos quaes 2 $\frac{1}{2}$ eram gastos na taberna em bebidas fortes. É quasi o mesmo que a estatistica apresentada já no congresso de 1878 por Thomaz Irving White, em relação aos annos de 1866 a 1870. No seu discurso de 6 de junho de 1895, o Dr. Lannelongue citava uma outra estatistica, de Leone Levy, segundo a qual 3 biliões, dos 10 biliões de salarios annuaes dos operarios inglezes, eram gastos na taberna.

De tudo isto resulta evidentemente que existe uma união íntima entre o alcoolismo e o pauperismo. Não quer isto dizer, certamente, que o alcoolismo se encontra apenas nos meios pobres, ou que forçosamente e subitamente produz a pobreza. Existe o alcoolismo, e mais do que se imagina, nos meios abastados e ricos. Só ha a differença de que ahi é necessario mais tempo para fazer brecha nos solidos baluartes, que protegem contra o depauperamento material e moral; ao passo que, para as familias que apenas são preservadas da miseria completa pelo ganho quotidiano, o alcoolismo breve espedaça essa fragil barreira. O Dr. Legrain disse com muita exactidão: « o alcoolismo é, ao mesmo tempo, causa e effeito do pauperismo. » A taberna conduz á miseria, e a miseria conduz á taberna.

Essa miseria não é simplesmente material. E' facil entrever as tentações horribes « da mulher do embriagado, profundamente desgostosa », aguilhoada por pensamentos de devassidão e de prostituição. E que hão de vir a ser os filhos creados n'esta atmosphera? Não foi sem razão que a lei franceza de 24 de julho de 1889 permittiu aos tribunaes declarararem destituidos do poder paternal os paes que, « pelo habito da embriaguez, pelo seu comportamento escandaloso e notorio ou por maus tratos, compromettam a saude, a segurança ou a moralidade dos filhos ».

Mas ha, para os descendentes, uma consequencia assustadora quasi fatal. Os effeitos terriveis do alcool não param com a morte; estendem-se á posteridade. O sr. Lucien Puteaux fez numerosas observações na primeira geração, bastantes na segunda, e tambem algumas, embora raras, na terceira. Os resultados são desoladores. Doenças phisicas, defeitos organicos, intellectuaes e moraes, a tuberculose, a epilepsia, a demencia sob formas variadas, a famosa asymetria craneo-facial, que, no dizer de Lombroso, caracteriza o homem criminoso. . . Os descendentes, em primeira geração, de pessoas alcoolisadas, são: 1.º degenerados; 2.º convulsionarios; 3.º inclinados ás bebidas; 4.º tuberculosos n'uma proporção muito elevada. Á segunda geração o mal augmenta;

e não corremos, infelizmente, grande risco de nos enganar, conjecturando que se accentúa ainda na terceira geração. Defeitos physicos, surdez, surdez-mudez, estrabismo, hydrocephalia, etc., convulsões na primeira infancia, epilepsia frequente, quando os paes se tenham dado ao absinthismo, e inevitavel, quando o seu absinthismo se complicava já com epilepsia,— meningite, debilidade mental e até idiotismo, enfraquecimento e desaparecimento do senso moral: eis os resultados. Desde a infancia, uma perversão e um cynismo que, diz o dr. Legrain, « revoltam qualquer pessoa que não seja o medico », irrompem em manifestações externas. Convulsões da primeira infancia, epilepsia, meningite, tudo isso constitue « uma especie de trilogia pathologica que pode designar-se com o nome de heredoalcoholismo ». De 814 creanças observadas, 174, isto é, mais de $\frac{1}{5}$, morreram no primeiro anno da sua existência. Está realmente averiguado que a quinta parte dos filhos de pessoas alcoholizadas tornam-se epilepticos e hystericos. De modo que, embora o alcoholizado seja muito prolifico, a posteridade não vinga, ou vinga mal, o que produz perdas enormes no capital da humanidade. O que fica torna-se cada vez mais improprio para as funcções physicas ou intellectuaes, mesmo para a funcção da reprodução, que parece ter-se exgottado no auctor.

O alcoholismo é um dos mais terriveis flagellos que podem cahir sobre uma nação, pela diminuição dos nascimentos e, mais ainda, pelo enfraquecimento das qualidades da raça. ¹⁾ O resultado final, cujo perigo não pode exaggerar-se n'um paiz de democracia, é a depressão do nivel intellectual das massas. O Dr. Legrain concluiu que tudo isso « tende a fazer retrogradar a sociedade até aos tempos remotos em que, na aurora do progresso, ella se compunha só de individuos incultos; com a differença de que esses individuos tinham o progresso em potencia, ao passo que o degenerado é um

¹⁾ É o pensamento de Gladstone: « O alcoholismo faz, em nossos dias, mais estragos que esses tres flagellos historicos: a fome, a peste e a guerra. »

ser decadente, arrastado por uma corrente que não pode vencer ».

Finalmente, o que augmenta a gravidade d'esse flagello é que elle não fere simplesmente os individuos, um por um, mas as massas. Raras vezes succede que alguem se encontre só na taberna; e o instincto de sociabilidade favorece o contagio. O alcoolismo não ataca ordinariamente só os isolados; não é simplesmente individual: as mais das vezes é collectivo; os seus estragos semelham-se aos do canhão, que, de um só tiro, ceifa fileiras inteiras de combatentes.

Perante ameaças tão assustadoras, que, em grande parte, já se converteram em realidades, parece que toda a gente deveria unir-se para levantar uma cruzada contra o inimigo commum. Nesta questão não pode haver escolas contrarias, nem seitas nem parcialidades de qualquer natureza, e a favor d'ella devem unir-se todos os homens de boa fé, verdadeiramente empenhados nas grandes reformas sociaes. Porque não ha uma questão mais respeitavel e mais urgente, nem uma reforma mais essencial. Com justiça poude alguem dizer, que « a questão da intemperança era a base de toda a reforma politica e social ». E, na verdade, que reforma haverá mais indiscutivel e mais segura! Não é d'essas reformas que têm um lado sombrio, de inquietação e duvida, perante as quaes se hesita, na vaga apprehensão de haver de lamental-as mais tarde, com tanta amargura como impotencia. Não. A utilidade, a necessidade, a urgencia são evidentes; e, como a efficacia dos remedios depende muito mais ainda dos costumes que das leis, não é demasiada a união de todas as vontades. Essa união é legitima e parece facil. Vejamos o que se passou na Inglaterra em 1736:

O paiz via-se flagellado. O alcoolismo enchia as ruas de alienados, as prisões de criminosos, os hospitaes de enfermos. Sir Joseph Jekyll fez passar o « Gin Bill », que tendia a prohibir a venda dos alcooes a retalho. A camara dos communs protestou indignada contra esse attentado á liberdade individual. Londres foi theatro de desordens sel-

vagens; a casa de sir Joseph Jekyll teve de ser guardada por soldados, de dia e de noite; e, depois de um longo combate de parte a parte, a lei acabou por ser abertamente violada, por tornar-se objecto de desprezo e riso.

Esta advertencia da historia leva-nos a reflectir, e não é preciso pensar muito para ver que a união das vontades se fará de certo facilmente, mas em sentido contrario. O alcoolismo tem nuvens de partidarios, mais ou menos declarados, e em todas as ordens da sociedade. Ha os grandes e pequenos productores de alcool, destilladores de profissão, mais ou menos ricos e influentes; por outro lado os commerciantes e revendedores, e, para unir todos esses interesses n'um feixe compacto e indestructivel, a massa dos consumidores, nos quaes a inclinação do alcool se converteu já em habito arraigado, n'uma especie de necessidade.

Evidentemente, a lucta contra o alcoolismo é bem difficil. E' mais facil decretar o imposto progressivo que introduzir uma reforma d'este genero. Seria preciso nunca ter tratado de negocios publicos para ignorar a lucta dos interesses ameaçados, a sua prodigiosa habilidade em se esconderem atraz dos principios. Bem sei que ha de appellar-se, como na Inglaterra no seculo XVIII, para a inviolabilidade do domicilio, para a liberdade individual e para o direito de propriedade. Até os taberneiros hão de continuar a excitar a indignação dos operarios contra os patrões que os exploram!

Entretanto, quaes são os remedios a applicar? Uns são do dominio legislativo e outros do dominio moral. Estes ultimos são por certo os mais importantes. O alcoolismo é, antes de tudo, uma questão de habitos, de costumes. Quer isto dizer, como parece que pensaram alguns, que as medidas legislativas devem ser consideradas como destituidas de effiçacia, insignificantes, despreziveis? Se as leis, segundo o velho adagio, são impotentes sem o concurso dos costumes, nem por isso é menos verdade que, muitas vezes, os costumes soffrem a acção da lei. Especialmente pelo que respeita á producção e ao consumo do alcool, a experiencia tem mos-

trado que as leis contribuem para o seu augmento ou diminuição. Não desprezemos, pois, a acção da lei.

Infelizmente podemos afirmar que, tanto sob o ponto de vista dos costumes como da lei, estamos muito atrasados. Em Portugal não ha as sociedades de temperança que existem n'outros paizes. Em França fundou o dr. Lunier, em 26 de dezembro de 1871, a primeira sociedade de temperança, reconhecida de utilidade publica em 5 de fevereiro de 1880. Nos Estados-Unidos, a primeira sociedade de temperança data de 1808. Em 1835 havia lá mais de 8:000 sociedades d'esta natureza. Na Inglaterra, em 1878, existiam 24 grandes ligas de temperança, que impunham a abstinencia pessoal, e que, actualmente, contam mais de quatro milhões de membros. Essas sociedades não se limitam a prescripções negativas: exercem uma actividade positiva, e esforçam-se em substituir as antigas lojas de bebidas por cafés e restaurantes de temperança.

Em Portugal torna-se necessaria uma grande propaganda neste sentido, porque entre nós está o alcoolismo produzindo em grande escala os seus effeitos destruidores. Uma iniciativa corajosa e o esforço dedicado dos homens de boa vontade devem necessariamente produzir fructos de benção.

G. B.



A prelazia de Moçambique no passado ¹⁾

Lendo desapaixonadamente com atenção o livro da historia, onde se narram os fastos epicos da expansão portugueza nas quatro partes do mundo ultramarino, onde Portugal implantou pelo braço potente e esforço heroico dos seus filhos o pendão glorioso das quinás, que affirmam o dominio temporal, e a Cruz, symbolo augusto da redempção humana, da luz e do progresso social, veremos, não sem um desvanecimento legitimo, que não era em regra o interesse mercantil que desembainhava a espada prestigiosa dos nossos guerreiros, nem guiava os passos firmes dos nossos missionarios.

Um ideal mais alto e mais nobre impulsionava com masculino vigor uns e outros nos seus feitos: era o ardente proselytismo religioso, era o amor da gloria, radiante e puro, que lhes dava a coragem para arrostar todos os perigos, todas as intemperies e agruras.

Dir-se-hia legião de heroes rasgando á porfia os densos crépes que envolviam o desconhecido, deixando na sua passagem um sulco profundo e luminoso, que marcou uma epocha notavel na historia da civilisação.

Este lado nobre da nossa historia ultramarina, que incontestavelmente é brilhante, e tão alto que é unico nos fastos das nações coloniaes, devia influir de um modo poderoso no nosso modo de ser futuro como povo colonizador, imprimindo-lhe todos os defeitos e todas as virtudes originaes, quando

¹⁾ Extracto de um relatório apresentado ao governo.

chegasse o tempo em que o ideal religioso e patriótico cedessem o passo ao utilitarismo, sem energia e sem coragem, que tudo tem invalidado, adulterado e pervertido.

Não serei eu que chore o passado, nem maldiga o presente; desejo aproveitar d'aquelle o que tinha de nobre e grande, e trabalhar para o futuro, que póde ainda ser nobre e opulento para o meu paiz, se tiver a coragem precisa para vencer as difficuldades do presente.

O amor de Deus e da patria, a gloria, o desinteresse e abnegação ninguem o negará, foram um dos caracteristicos mais bem definidos da epocha gloriosa a que me refiro; e o povo, onde esses sentimentos, depois de terem lampejado, se amortecem ou apagam, morrerá ou arrastará uma vida ingloria e infecunda.

Entre portuguezes esses sentimentos não morreram; perderam, porém, a sua intensidade, e o estado religioso e social d'esta provincia é d'isso uma prova bem evidente e triste.

Por mais profundo, porém, e mais extenso que seja esse estado morbido, já agora ninguem poderá apagar das paginas brilhantes da historia politica e religiosa de Portugal o exemplo sublime de grandes empreendimentos e esforços heroicos, empregados para civilisar milhões de párias pelo mais denodado esforço de um apostolado fecundo.

Isto assente, achamos natural a decadencia religiosa e politica dos nossos vastos dominios da Africa oriental, decadencia contra a qual é preciso reagir energicamente n'este momento, para que se não consumma a ruina completa e total.

*
* *
*

A ilha de Moçambique, e a costa até Sofala, parece ter sido visitada em 1497 pelo illustre português João Peres da Covilhã. Um anno depois, em 1498, no 1.º de março, lançou ferro no seu porto a armada do glorioso descobridor da India, que assentou paz com o cheque Cecoéja, que governava

a ilha, bastante populosa e frequentada de navios, em nome do rei de Quilôa; porém, só em 1506 é que foi occupada de um modo definitivo, e no anno seguinte Duarte de Mello levantava nella fortaleza e egreja, que deve ter sido a primeira d'esta costa.

Seis annos antes, Pedro Alvares Cabral destacava d'este porto Sancho de Toar a fim de reconhecer a costa e rio de Sofala. A primeira feitoria portugueza, porém, alli data de 1506, anno em que Pedro de Anhaia levanta a fortaleza e provavelmente a egreja, que, pelo menos em 1515, já estava concluida, pois que nella se encontraram lapides tumulares com esta data.

Não encontro noticia de que se construísse egreja com a fortaleza de Angoche em 1507, onde morreu pelejando Duarte de Mello, segundo João de Barros; pôde, porém, conjecturar-se que realmente existiu, pois era o costume da epocha, que poucas excepções terá.

Seja como for, é certo que desde o primeiro alvorecer da conquista portugueza na Africa oriental, o padre acompanhou o soldado, e em pouco tempo levou-lhe em alguns lugares a deanteira; por mais que uma vez a espada não teve outro trabalho que seguir o caminho aberto pela Cruz.

Não ha duvida que alguns padres acompanharam os primeiros passos dos conquistadores; a acção, porém, que desenvolveram nestes inicios devia ser muito restricta, e sobretudo dirigir se aos portuguezes, seus companheiros, que durante alguns annos se não deveram alongar muito pelo interior, já porque os pontos occupados na costa eram simples escalas de refresco para as armadas, que demandavam o Oriente, já porque a hostilidade dos mouros, sobretudo no norte onde dominavam, os devia impedir.

Em 1542 espera na ilha de Moçambique a monção propria para se dirigir á India o glorioso apostolo do Oriente, S. Francisco Xavier, empregando durante os mezes de demora o seu zelo inexgottavel na conversão dos mouros e na moralisação dos portuguezes; a historia não nos diz que fossem coroados de exito excepcional taes esforços.

Coube-me a honra de benzer um modesto monumento, consistindo em um pequeno bloco de marmore, com a inscrição commemorativa do facto, encimado por uma cruz de ferro, offerecido tudo pelo tenente-coronel Joaquim José Lapa, que assim perpetuou a memoria da passagem, por esta ilha, do grande santo, e assignalou o logar onde, segundo a tradição, junto á praia, costumava meditar, talvez sobre a assombrosa missão que ia emprehender.

A evangelisação, propriamente dita, coincide com a expansão da vida portugueza no interior das terras, sobretudo no valle do Zambeze, e só principia com a primeira missão dos jesuitas, que, partindo da India em janeiro de 1560, chega a Moçambique em 5 de fevereiro do mesmo anno. Era composta do padre D. Gonçalo da Silveira, superior, do padre André Fernandes e do irmão coadjutor André da Costa.

Apenas desembarcados foram dar graças a Deus, celebrando o santo sacrificio na capella de Nossa Senhora do Baluarte, a primeira edificada depois da de S. Gabriel, que de certo havia pouco estava concluida, pois que apenas dois annos eram decorridos depois que tinham principiado as obras de construcção da fortaleza no local escolhido por D. João de Castro, em 1545.

Pouco depois parte esta missão para Inhambane, e no interior baptisa o regulo de Otangue, a quem dá o nome de Constantino, e quinhentos indígenas, que são verdadeiramente as primicias das christandades indigenas da Africa oriental.

As noticias trazidas ao litoral pelos aventureiros portuguezes que, partindo primeiro de Sofala, e desde 1544 de Quelimane, se tinham estabelecido em Sena e Tete e no vasto imperio do Monomotapa, a sul e oeste do Zambeze, onde o oiro e o marfim existiam em grande copia, excita o zelo ardente do padre Silveira, que, deixando em Otangue o padre Fernandes, entra pelos rios de Cuama e marcha para a capital ou Zimbaoé do grande potentado, onde já residiam alguns negociantes portuguezes, como Antonio Caiado e outros, que traficavam com aquelles povos.

Poucos mezes depois da sua chegada sellou com sangue,

o padre Silveira, as verdades que evangelisava; e mais uma vez se cumpria a afirmação de Tertuliano: «o sangue dos martyres é semente de novos christãos».

A morte do valente peoneiro do christianismo fez apressar a vinda de novos combatentes para tomar o lugar dos que tinham caído no campo, onde o seu heroismo os collocou.

Em 1569 missionarios jesuitas e dominicanos acompanham as duas expedições de Francisco Barreto.

São conhecidas as peripecias d'estas expedições e a parte que nellas tomára o jesuita Monclaros, que nem sempre se conformou com o itinerario seguido pelo valente general.

Sem que podesse descobrir com exactidão, de certo por falta de livros, que aqui escasseiam quasi absolutamente, a epocha em que iniciaram os seus bellos trabalhos na missão de Moçambique os padres de S. Domingos, é certo que em 1563 D. Sebastião doava a igreja parochial de S. Thiago Maior de Tete a estes religiosos, que receberam a incumbencia especial de servir os logares em que se agrupava grande numero de portuguezes, que percorriam o interior, explorando minas, creando feiras e fazendo o commercio do marfim.

Os padres de S. Domingos prestaram relevantissimos serviços á conquista e foram os que mais casas fundaram, mais parochias regeram e mais missões crearam, internando-se até aos centros de Abútua, até ao Mouze e valle do Cafúe e Sanhati, sendo muitos mortos por causa da doutrina que evangelisavam, como na Mucaranga Fr. Luiz do Espirito Santo e Fr. Luiz da Trindade (1633).

Os dominicanos já possuíam algumas igrejas no Zambeze, pelo menos a de Tete, quando os padres Jeronymo do Couto e Pedro Usus Maris, da mesma ordem, encontrando-se em Moçambique sem poderem passar á ilha de S. Lourenço, onde se dirigiam, a pedido de D. Luiz de Athayde, que pela segunda vez partia para a India como vice-rei em 1577, fundaram a sua primeira casa na ilha de Moçambique, a qual se concluiu dois annos depois, em 1579, casa que só devia durar vinte e oito annos, pois em 1607 foi destruida pelos holandezes.

Ainda existem vestígios d'esta primeira casa conventual, que se não deve confundir com a segunda, que ainda hoje existe, occupada pela direcção das obras publicas da provincia, excepto a igreja dedicada a Nossa Senhora do Rosario, e que depois da sé matriz era a igreja mais vasta de Moçambique, que desapareceu completamente, com suas lapides tumulares e todos os documentos que podiam projectar alguma luz sobre a epocha precisa da segunda fundação.

Parece que estava concluida em 1662, segundo a opinião do tenente coronel Joaquim José Lapa, exarada no seu livro: *Paginas de pedra*.

Esta igreja foi demolida nos primeiros annos da segunda metade d'este seculo, sob o pretexto de que ameaçava ruína, pretexto esdruxulo, que serviu para demolir tudo que de grande e veneravel existia na cidade de Moçambique; e nem ao menos tiveram o cuidado de trasladar as ossadas de tantos varões illustres, entre os quaes Thomaz Antonio Gonzaga, que alli descansavam.

Esta casa, ou convento, como se lhe costuma chamar, era destinada para descanso dos missionarios, que de Lisboa seguiam para a India, bem como os que d'esta ilha se dirigiam ao Zambeze e ás igrejas do norte, como Querimba e Anniza, Mombaça, Melinde, etc.

Nunca teve normalmente numero superior a seis religiosos, e nos ultimos annos do seculo xviii e primeiro quartel do xix, apenas alli residia um ou dois.

Foi sem duvida por muitos annos a residencia habitual dos prelados de Moçambique, que na sua grande maioria foram dominicanos até 1830.

A casa mais importante dos dominicanos, a unica que rigorosamente merece o nome de convento, por alli viverem os religiosos em communitade, emquanto não partiam para as distantes parochias e missões, espalhadas por todo o paiz, que hoje tem o nome de Machona, Chidima, Macalaca, Baniá, etc., que formava o centro e coração do imperio do Monomotapa, tinha a sua séde em Sena, villa que teve uma grande importancia religiosa e politica no seculo xvii e grande

parte do XVIII, e que hoje jaz no mais completo abandono, reduzida ás condições de miseravel aldeia de pretos, sem edificios, sem industria e sem commercio.

Aquí a derrocada foi tão radical, que nem escombros restam da sua antiga grandeza, o que extraordinariamente me espantou, quando visitei esse antigo centro da actividade portugueza nestas regiões, em 1892. Contemplando-a assim pobre e abatida, dava vontade de chorar.

É extraordinariamente maravilhoso e consolador, vêr como em pouco mais de meio seculo a ordem dominicana se desenvolve, creando conventos, parochias e missões n'um territorio vastissimo, acómpañando a toda a parte as expedições militares e estabelecendo com o titulo de vigarios, filhos seus nas afastadissimas estações ao sul do Zambeze, onde a audacia dos portuguezes creava feiras e feitorias, cujas ruinas ainda hoje são a maravilha dos que as visitam.

A sua actividade foi tão grande n'estes tempos heroicos da implantação da fé catholica entre os indigenas, que Fr. João dos Santos, na *Christandade da Ethiopia*, affirma que em 1591 só os religiosos de S. Domingos nos rios de Cuama tinham baptisado vinte mil indigenas, que eram amparados e fortificados constantemente pela assistencia dos mesmos religiosos.

Depois do meiado do seculo XVII, quando a actividade na exploração mineria e commercial ao sul, e mesmo ao norte, do Zambeze, era immensa e tinha attingido o seu maximo de intensidade, os filhos de S. Domingos tinham estabelecimentos sem numero no territorio de Moçambique, já então elevado a prelazia, pois que em 1612, attendendo aos magnificos progressos que o christianismo fazia todos os dias na sociedade indigena, e a instancias de Filippe II de Portugal, Sua Santidade o Papa Paulo V, pela bulla que principia: «In super eminenti militantis», desligava do arcebispado de Gôa o territorio de Moçambique, e constituindo-o prelazia «Nullius» assignava-lhe administrador proprio, com privilegios e regalias especiaes, que ainda hoje perduram.

Possuiam por essa epocha os padres pregadores os se

guintes estabelecimentos principaes: um convento em Sena, casa-mãe para as missões de Africa com sua egreja da invocação de Santa Catharina, a que tambem se chamou Sé, por ser de certo a igreja onde o prelado, bispo ou não, e quasi sempre escolhido entre os dominicanos, pontificava; não longe d'esta villa a igreja de Macambura, sob a invocação de Nossa Senhora dos Remedios, uma das que mais tempo resistiu, pois ainda em 1822 tinha o seu respectivo parochio. A doze dias de viagem ao sudoeste de Sena se levantava a igreja de Manica, no actual logar de Massiquece, onde existia uma feira e um posto portuguez. A este respeito diz o augustiniano Fr. Antonio da Conceição no seu *Tratado dos rios de Cuana*: «e em uma d'ellas por nome Massiqueça, tinhamos umas taipas com vigario religioso de S. Domingos e um capitão». Junto ao actual forte de Massiquece, situado n'uma pequena eminencia na margem esquerda do Rovua e quasi na linha que separa Manica da Machonalandia ingleza, examinei em 1892 ruinas de edificios construidos de pedra e cal, de apparencia não muito antiga; o que não admira, porque esta feira se conservou pelo menos até 1826, e talvez ainda até epocha mais moderna com intermittencias de occupação e abandono; ruinas que devem ter pertencido á antiga igreja de Nossa Senhora do Rosario de Manica, ou mais provavelmente a alguma reconstrucção.

Alli estavam na sua lugubre mudez attestando bem eloquentemente a decadencia de um povo que por alli passou primeiro que qualquer outro, e que não quiz, não soube, ou não poude sustentar a sua vantajosa primazia.

Em Tete, como já dissémos, entraram os filhos de S. Domingos em 1563, e foi de certo este um dos logares onde primeiro se estebeleceram, e talvez o primeiro.

Ahi tinham a igreja de S. Thiago, de onde sahiam os missionarios, sobretudo para as parochias e missões do sudoeste.

Além d'este convento e igreja de S. Thiago maior, administravam estes religiosos em Tete uma outra igreja com a invocação de S. Paulo, como se pôde vêr do assento de

obito de João Moreira Pereira, natural de Ovar, que foi sepultado na igreja de S. Paulo, pertencente aos dominicanos, segundo resa o assento.

A vida christã e civilisada, promovida pelos padres pré-gadores em Tete, foi intensa desde os fins do seculo XVI até mais do meiado do XVIII, como se vê pelos cadernos das desobrigas e cumprimento dos preceitos ecclesiasticos, salvos pelo, ha pouco fallecido, padre Courtois, e publicados no seu excellente trabalho: *Notes chronologiques sur les anciennes missions catholiques au Zambeze*.

Ahi promoveram elles as plantações de mangueiras e outras arvores fructiferas, que durante muito tempo, e ainda hoje, faziam a riqueza d'aquella região. O prazo Tipué, que lhes pertencia, mereceu os cuidados dos superiores de Tete, sobretudo do padre Fr. José do Patrocinio Telles, que em 1788 menciona a despeza que teve de fazer com as suas plantações no referido prazo.

Alem do prazo Tipué á entrada da Lupata, vindo de Tete, possuiam mais estes religiosos as terras de Maparo e Fumbé, na margem esquerda do Aruénha, que cultivavam e onde ensinavam a doutrina christã aos colonos, creanças e adultos.

É bem sabido que foram os dominicanos e os jesuitas que introduziram no Zambeze novas culturas e que aperfeiçoaram as indigenas, que hoje voltaram ao estado rudimentar, infelizmente.

Que bella pleiade de missionarios trabalhou em Tete desde 1563 até fins do seculo XVIII!

A ultima e veneranda reliquia d'esse exercito de combatentes pela palavra e pelo exemplo em pró do christianismo, da civilisação e da influencia portugueza, foi Fr. Antonio Nunes da Graça, que desde 1820 até 1838 regeu a igreja de Tete: essa reliquia de passadas grandezas, novo Jeremias entre os escombros de um passado glorioso, insta e chora, chamando o auxilio dos poderes publicos e o dos particulares para fazer surgir alguma luz do chaos, do abandono em que tudo se tinha despenhado; mas ninguem o ouviu, e velho e

alquebrado de trabalhos baixou ao tumulo, onde descanzava uma legião de irmãos, para deixar viuva aquella igreja durante doze annos, o tempo sufficiente para tudo voltar á barbaria primitiva. Foi isto o que aconteceu de resto em toda a parte, quando desapareceu a velha geração de heroes, que, ainda mal, não foi substituida.

Era a ultima pedra de um edificio secular que rolava no abysmo das nossas desgraças, o ultimo filho de S. Domingos que tinha assistido de pé ao esphacelamento de uma grande obra, o ultimo rebento de uma ordem religiosa que desapparecia, e com ella uma civilisação que creára e que expirava com elle.

BISPO DE HIMERIA.

(Continúa).



A matança de S. Bartholomeu

Entre os acontecimentos com que os protestantes avolumaram as suas perfidias accusações á Igreja catholica, encontra-se a *matança de S. Bartholomeu*, que tomou o nome do dia em que se deu, 24 de agosto de 1572. Tem-se dito e repetido que esse tristissimo acontecimento foi obra do fanatismo catholico; que os seus agentes foram os chefes catholicos francezes; que o Papa Gregorio XIII dera graças ao ceu por tão horrivel morticínio; que, por conseguinte, cahiu sobre a Igreja catholica o sangue de milhares de protestantes que pereceram n'esse dia.

Por muito tempo não se ousou desfazer esse acervo de calumnias levantadas pelos auctores protestantes: todos receiavam ser accusados de apologistas d'esse luctuoso acontecimento, quando simplesmente procurassem derramar luz sobre elle. Agora, porem, que mais de tres seculos nos separaram d'esses terriveis dias de lucta, é bom desfazer-se a mentira e reconstituirem-se os acontecimentos, taes como se deram, taes como os apresenta a historia na sua esplendida luz de verdade. Hoje não pode haver espirito de partido em tal materia: trata-se de um acontecimento essencialmente politico, e os seculos encarregaram-se de desfazer todas as affeições partidarias. A verdade, pois, e nada mais.

A scena passa-se em França, no reinado de Carlos IX. É preciso retratar a epocha para se comprehenderem os acontecimentos. Vejamos o que era a França d'esse tempo.

Havia meio seculo que Luthero levantára o facho da revolta na Allemanha. Os protestantes fizeram o seu proseytismo em França, e ahi, procurando conquistar todas as liberdades, em prejuizo da immensa maioria dos catholicos, provocaram conflictos muito lamentaveis, como já tinham feito na Allemanha e na Suissa. Em sciencia politica não pode negar-se que um povo tenha o direito de defender os seus sentimentos e as suas convicções contra quem quer que pretenda offender-lh'as. Era o que fazia a França, como todos os paizes catholicos, quando no seculo XVI o protestantismo ameaçava invadir tudo.

Mas allí não se tratava só de religião: acobertados por ella havia muitos ambiciosos que tentaram até dispôr do throno. As dissidencias politicas tomaram enormes proporções, e a situação era aggravada pela circumstancia de ser a França de então governada por uns reis fracos, sem iniciativa, incapazes de se resolverem a adoptar com firmeza uma norma de conducta.

Appareceu então uma mulher que se tornou notavel pela influencia que exerceu em quatro reinados consecutivos; foi Catharina de Medicis, mulher de Henrique II e mãe de Francisco II, de Carlos IX e de Henrique III.

Não é facil desenhar o character d'esta mulher, nem avaliar da influencia especial que ella exerceu no governo da França. Ambiciosa, astuta, cheia d'essa fria crueldade que ordinariamente caracteriza os grandes vultos politicos, Catharina attendia menos ás conveniencias geraes que aos interesses do seu egoismo. Na opinião de alguns historiadores, nem mesmo se poderia dar muito pela firmeza das suas crenças. Mas, pondo de parte essa questão, que respeita a um facto de consciencia e como tal não cabe perfeitamente na alçada do historiador, é certo que Catharina prestou alguns serviços á França. Se não fôra a sua ambição de governar, esse paiz seria dividido pelas dissensões politicas, talvez a ponto de se ter produzido o seu fraccionamento.

Catharina aproveitava todos os acontecimentos e todas as circumstancias para ostentar a sua auctoridade e fazer

valer as suas ambiciosas pretensões. Foi sobretudo no reinado de seu filho Carlos IX que se manifestou a influencia d'essa mulher, leitora apaixonada das obras do seu compatriota Machiavel.

Francisco II, o esposo da desventurada Maria Stuart, fallecia aos dezeseite annos (1560), e seu irmão Carlos, que ia succeder-lhe, tinha apenas dez annos. Era uma fatalidade para a França que, no momento em que se tornava necessario um pulso firme para dirigir os negocios e dominar a irritação dos animos, fosse chamada a governar a velleidosa Catharina, a quem, segundo a lei, pertencia a regencia e que havia de impôr-se sempre ao animo fragil de seu filho.

Effectivamente a irritação dos partidos tinha chegado ao seu auge. Os reformados (*huguenotes* ¹⁾) não hesitavam em commetter os maiores attentados para dominarem. Tinham-se tornado como que um Estado dentro do Estado. Tomaram algumas praças; atacaram as forças do rei em batalhas formaes; em 1567 tentaram subjugar Paris pela fome, e, depois de perderem a batalha de Saint-Denis, voltaram novamente ao ataque; chamaram á França exercitos inglezes e allemães; fizeram tudo, emfim, o que podia garantir-lhes a esperança do dominio supremo, que era a sua grande ambição.

Tudo isto era uma serie de graves provocações á auctoridade real e á dignidade da nação. Se não fôra a pussilanimidade dos governantes, o castigo teria sido prompto e a desordem não attingiria tão enormes proporções. Por outro lado, a crueldade dos huguenotes desafiava as iras do povo. Houve um tal Briquemont que usava um collar feito de orelhas de frades; os chefes não dissimulavam a intenção de matarem a rainha e os chefes do partido contrario, e foi Coligny, como logo veremos, quem guiou Poltrot no assassinato de Francisco de Lorena, duque de Guise.

¹⁾ Foi dado este nome aos calvinistas da França. A palavra *huguenote* deriva, por corrupção, do allemão *eidgenossen*, que significa confederados por juramento. Esta designação foi dada primitivamente aos confederados da Suissa.

Tudo isto irritava os adversários dos huguenotes, e o resultado eram essas terríveis carnificinas que tanto sangue custaram á França.

Não pode negar-se que por parte dos catholicos houvesse algumas faltas; mas são muito menores e attenuadas ainda pela circumstancia da provocação. Não faziam mais que defender-se do ataque que lhes offereciam. Estavam no seu paiz, representavam a grande maioria da nação, e por isso era legitimo que exigissem o respeito ás suas crenças. De resto, a lucta perdeu o character religioso para revestir o character politico. Eram dois partidos que se gladiavam: de um lado os Guise, do outro Condé e Coligny.

No meio d'estes graves acontecimentos, Catharina hesitava. Apesar de audaciosa, quando se tratava de manter na ordem dois partidos poderosos, reflectia-se no seu animo a fraqueza do sexo, e conservava-se indecisa. Não soube tomar a posição de superioridade que lhe cabia e evitar o grande combate que cedo ou tarde havia de ferir-se para decidir da victoria. Não tinha vistas largas, e pensava que evitaria os acontecimentos com tergiversações, quando assim nada mais fazia que addial-os.

Entretanto recrudescia o furor em ambos os partidos. Os protestantes começaram por praticar alguns assassinatos¹⁾, e sobre os seus chefes recahiam as mais graves accusações.

Coligny era accusado de ter por diversas vezes attentado contra a nacionalidade, de ter entregado o Havre aos inglezes em 1562 e de ter mandado assassinar Francisco de Lorena, duque de Guise. Poltrot, o assassino, assim o declarou; e o seu depoimento suspeito é confirmado pelas confissões do proprio Coligny.

N'uma carta dirigida á rainha,²⁾ Coligny declarava que

¹⁾ «...A verdade leva-nos a dizer que os primeiros assassinatos foram commettidos por protestantes...» (Cesar Cantu, *Historia Universal*, trad. de M. Bernardes Branco, vol. ix, pag. 369, Lisboa, 1878).

²⁾ Sobre o que a este respeito vamos dizer consultem-se as *Mémoires de Condé, depuis la mort de Henri II jusqu'au commencement des troubles, en 1565*, t. iv, pag. 303 e 304. (Ed. de Paris, 1741, in-4.º, 6 vol. publicados por Se-cousse e Lenglet du Presnoy.)

«ha cinco ou seis mezes para cá não se opposera muito áquelles que mostraram ter tal vontade (de assassinar o duque); dava como razão de não se oppôr a uma acção tão detestavel, o ter sido avisado de que *algumas pessoas tinham sido convidadas a vir matal-o*; não nomeava essas pessoas no decurso da sua justificação, não obstante dizer que *a seu tempo as nomearia*; confessava nas suas respostas que *Pol-trot chegou a dizer-lhe que seria facil matar o duque de Guise, mas que elle almirante nunca insistiu a tal respeito, por julgar isso uma cousa inteiramente frivola.*

Mais ainda: Tinha dado a Poltrot cem escudos para comprar um cavallo que fosse veloz; concordava, n'uma segunda memoria, em que, quando Poltrot lhe dissera que seria facil matar o senhor de Guise, nada lhe respondeu para dizer que era bem ou mal feito. Declarava, n'uma carta á rainha, que julgava ser a morte do duque de Guise o maior bem que podia advir ao reino e á Igreja de Deus, e pessoalmente ao rei e a toda a casa dos Coligny.

Tudo isto prova que Coligny teve uma parte directa na morte do duque Francisco de Lorena. Ora este era o pae de Henrique, duque de Guise, o mesmo que desempenhou o principal papel na matança de S. Bartholomeu. O leitor vae ver como estes factos se relacionam admiravelmente.

Ao passo que o chefe dos huguenotes assim se indispu-nha com os chefes do partido contrario, excitando odios e provocando vinganças, — não era menor a indisposição que ganhava no animo da familia real.

Para comprehender até que ponto o almirante se tornára odioso a Carlos IX — diz um illustre escriptor — deve ler-se o que este principe escrevia a Schomberg, seu embaixador junto dos principes da Allemanha: «Elle (Coligny) tinha mais poder — dizia o rei — e era mais obedecido pelos da nova religião do que eu, porque, pela grande auctoridade que entre elles ganhára, podia levantál-os e fazel-os pegar em armas contra mim, todas as vezes que bem lhe parecesse, como sufficientemente mostrou por algumas vezes; e recentemente expedira já as suas ordens a todos os da tal nova religião,

para se acharem todos em armas no dia tres do mez, em Melun, muito perto de Fontainebleau, onde eu devia estar ao mesmo tempo; de maneira que, tendo-se arrogado um tal poder sobre os meus vassallos, eu não podia dizer-me rei absoluto, mas apenas governador de uma parte do meu reino: logo, se aprouve a Deus livrar-me d'elle, tive boa occasião de louvar a Deus e abençoar o justo castigo que infligiu ao almirante e aos seus cumplices. Não me foi possível — accrescenta o rei — soffrel-o por muito tempo, e resolvi-me a deixar fazer uma justiça, realmente extraordinaria e differente do que eu queria, mas tal como em semelhante pessoa era necessario practical-a. ¹⁾»

Levando a sua rebeldia até ao exaggero, Coligny ameaçava ousadamente o rei e todos os do seu conselho. Carlos IX não queria romper a paz com o rei de Hespanha; pois Coligny disse-lhe que se não fizesse a guerra em Flandres ao rei de Hespanha, em breve a veria rebentar entre os seus proprios vassallos. O pobre Carlos IX dizia que quando se via assim ameaçado até os cabellos se lhe levantavam na cabeça.

Estes factos encontram-se relatados em todas as memorias do tempo, nos escriptos de Bellièvre, de Tavannes, de Montluc, de Brantôme, etc.

Os papeis que se encontraram a Coligny depois da sua morte compromettiam-n'o de tal forma, que bastariam para o levar ao cadafalso se tivessem sido conhecidos e provados em sua vida, — taes eram as ameaças e projectos sediciosos que encerravam.

N'estas circumstancias, ameaçado o poder central pelos huguenotes, que se haviam tornado tão odiosos aos Guises, pelos motivos que já expozemos, Catharina disse a seu filho que era necessario abater o poderio protestante, para salvar o poder real e a ordem publica. O duque de Guise fez tambem que o rei se determinasse a dar um golpe decisivo, e assim ficou resolvida a matança de S. Bartholomeu. ²⁾

¹⁾ Esta carta é de setembro de 1572. (Vid. *Mémoires servant à l'histoire de notre temps*, etc., t. IV. Estas memorias estendem-se desde 1567 até 1604.)

²⁾ Alguns historiadores, como Merimée, na *Chronica do tempo de Carlos*

Em vista dos factos que fielmente acabamos de narrar, ninguém dirá que a carnificina foi um negocio de religião: foi meramente um acto politico.

Na noite de 23 para 24 de agosto de 1572, ao toque de rebate do sino de Saint-Germain-l'Auxerrois, começou a carnificina. Coligny foi a primeira victima, succumbindo talvez a um ferro vingador da morte de Francisco de Lorena.

Pode alguém aqui perguntar — diz um escriptor nosso contemporaneo — e será verdade que os huguenotes tivessem tentado tirar a vida ao rei e á familia real por uma ultima conspiração, ou se os gravissimos factos precedentes bastaram a inflamar a ira de Carlos, pois ha auctores de uma e de outra opinião. Egualmente poderia alguém querer averiguar se aquelle procedimento foi conhecido do rei ou de sua mãe Catharina, como escrevem quasi todos os historiadores francezes para desculpa do rei. Como quer que se responda a todas estas perguntas, o certo é porém que o rei mesmo não se encobriu, mas declarou ser na verdade obra sua aquella matança. « Ao terceiro dia, escreve Davila, depois da morte do almirante . . . o rei . . . foi pessoalmente ao parlamento, e comquanto nos primeiros dias tivesse attribuido o facto a tumulto popular (o qual realmente se dera pelo odio muito grande que havia contra os protestantes), foi, comtudo, revelando alli as suas idéas, narrando minuciosamente as circumstancias em que tinha determinado que se matassem e exterminassem aquelles rebeldes e perpetuos conspiradores contra a sua pessoa e reino; os quaes perdoados tantas vezes os excessos que praticavam, tornavam sempre a conspirar e a revoltar-se com uma perfidia obstinada.»

Assim refere Davila, e com elle todos os escriptores catholicos e protestantes que têm feito menção d'aquelle funesto acontecimento.

De algumas questões que a este respeito ainda temos a tratar, refere-se a primeira ao numero dos mortos n'essa ter-

IX, negam que houvesse tal combinação. O proprio Sismondi, muito adverso aos catholicos, segue a mesma opinião. (Vid. Cantu, log. cit. e nota adicional F no fim do vol. IX).

rivel noite. Os protestantes, depois de perfidamente attribuirem esse luctuoso acontecimento á Egreja catholica, para augmentarem o odio que sobre ella pretendiam fazer cahir, exaggeraram sobremancira o numero das victimas. Pereñixe assevera que pereceram seis mil individuos; Sully eleva o numero das victimas a setenta mil; De Thou, favoravel aos philosophos adversarios dos catholicos, não calculava menos de trinta mil mortos; Popelinier reduz esse numero a vinte mil; Papiarius Masson a dez mil; o Martyrologio dos protestantes a cinco mil; Caveirac pretende estabelecer que o numero dos mortos não excedeu a dois mil, o que é de todo o ponto verosimil. ¹⁾

Os catholicos eram os primeiros a salvar os huguenotes do furor do povo. Ha muitos factos que provam admiravelmente esses louvaveis sentimentos de humanidade, e encontram-se referidos até no proprio Martyrologio dos protestantes, que é insuspeitissimo. Não os citaremos aqui, para não tornar demasiado extenso este rapido estudo; mas o leitor pode enconral-os referidos em todos os livros de historiadores imparciaes.

Bastaria este facto para demonstrar que a religião não teve a menor parte na matança, devida unicamente ao furor da populaça excitada por um partido sedento de vingança. Demais, ninguem descobriu ainda que tomasse parte na carnificina, ou a dirigisse, um padre, um bispo ou um cardeal. Neste drama lugubre figuram apenas meia duzia de politicos ambiciosos, que haviam sido provocados, o rei imbecil, que se via desautorado por sua propria culpa, e que não tinha a coragem de fazer respeitar serenamente a sua auctoridade.

Pode dizer-se, e com toda a verdade, que os calvinistas não morreram victimas da sua religião, mas apenas da sua rebeldia. O rei queria manter a sua auctoridade, mas não tinha iniciativa propria para o fazer. Quando uma iniciativa estranha o animou, abandonou as suas hesitações e cedeu.

Resta-nos ainda analysar uma outra questã. Accusa-se

¹⁾ Cesar Cantu, obr. e log. cit.

o papa Gregorio XIII de receber com festas a noticia da carnificina. Isto é mais uma perfidia. Vejamos como os factos se passaram.

Apenas se deu a matança, Carlos IX expediu correios para todas as côrtes, participando que escapára a uma terrivel conjuração que contra elle haviam urdido os protestantes, tendo á frente Coligny. Mostrou-se muito jubiloso por esse facto, e ninguem teve logo conhecimento exacto da forma por que os acontecimentos se haviam dado. Foi o que succedeu com a côrte de Roma.

Gregorio XIII deu graças ao céo, não por terem sido assassinados alguns milhares de protestantes, mas por ter o rei de França escapado ao golpe dos seus inimigos. Prova-nos isto um argumento que ninguem recusará. N'um discurso que por essa occasião foi recitado perante o papa, a respeito da matança de S. Bartholomeu, lê-se o seguinte: «Oh! que noite aquella tão memoravel e digna de ser marcada nos fastos com o accrescentamento de alguma divisa famosa, *noite que livrou, com a morte de um punhado de sediciosos, o rei do presente perigo da morte, e o reino de um perpetuo susto de guerras civis!* »).

Para concluir, transcrevemos os seguintes periodos do illustre Padre Secundo Franco, a respeito das accusações feitas á Egreja a proposito d'este acontecimento:

«Roma não poude ter parte n'isso porque nem Roma, nem côrte alguma catholica teve o minimo indicio d'aquella matança, que colheu tão de subito os embaixadores das potencias estrangeiras que estavam em Paris como os infelizes que foram victimados. Suspeitaram alguns que o duque de Alba tivesse annos antes, no congresso de Bayona sido o primeiro a aconselhar medidas de rigor para com os protestantes. e isto, em vista do seu modo de pensar: é provavel; mas

¹⁾ « *O noctem illam memorabilem et in fastis eximia alicujus notæ adjectione signandam, quæ paucorum seditiosorum interitu regem a præsentis cælis periculo regnum a perpetua bellorum civilium formidine liberavit* » (Cit. por Cantu, obr. e log. cit.).

é certo que, quando teve logar aquella mortandade, elle, que estava então cercando Mons, ficou de todo estupefacto com a noticia, como se colhe de um boletim original, por elle escripto naquella occasião, e exposto pelo sr. Gachard na academia das sciencias de Bruxellas, em 1842, a quantos quizeram vê-lo.

«Em Roma não se estava nada melhor informado, visto que o nuncio Salviati, que estava em Paris, nada sabia, como o demonstrou Chateaubriand, embaixador em Roma, por meio da correspondencia de Gregorio XIII e d'aquelle nuncio, que examinou e communicou a sir James Mackintosh, o qual d'elle fez uso na sua *History of England*.

«O facto tambem colheu de subito a Filippe II, rei de Hespanha. É o que provou Capefigue pelos monumentos historicos de Filippe II, tirados dos archivos de Simancas quando Napoleão invadiu a Hespanha. Que mais? Nem o previra a propria mãe de Carlos IX, Catharina, e a prova segura está em que por aquelle mesmo tempo ella tratava por meio do seu embaixador de la Mothe Fenelon de vir a um accordo com a rainha Isabel, e casar com ella um dos seus filhos, ou o duque de Anjou ou o de Alençon. Como se pode pois crêr que Catharina quizesse tratar de um negocio que tanto a interessava, exactamente quando estava a ponto de se consummar um facto que teria enchido de furor aquella que comsigo desejava vêr reconciliada, e ainda mais, que nem sequer de tal prevenisse o embaixador, que ia ficar exposto a toda a indignação de Izabel, sem saber o que havia de responder, como de facto aconteceu? Isto explica-se apenas dizendo que o facto para Catharina como para todos fôra inesperado: e se isto assim é indubitavel, pergunto de novo, como pode ter tido culpa a Egreja que nenhuma parte poude ter?

«No conselho do rei não teve entrada nenhum ecclesiastico, nenhum bispo, nem o nuncio, pessoa alguma fóra da familia real; na execução não se confiou parte alguma a nenhum sacerdote: por ultimo, o auctor dos *Annaes politicos*,

dá testemunho de que o clero não teve nisso parte, e que tudo foi obra de politica. Como se inventam pois tantas calumnias contra a Igreja?

«Não digo bem, a Igreja teve, é verdade, a sua parte e não foi pequena até.

«Quem conhece a historia da cidade de Lião, de Tolosa, de Bordeus, de Bourges e outras, sabe que os bispos e os ecclesiasticos conseguiram, felizmente, salvar muitos d'aquelles infelizes; porque, quando a furia do povo os perseguia, occultara-nos, protegeram-nos, e empregando a favor d'elles a propria auctoridade, evitaram que fossem trucidados. Tal é a parte muito verdadeira que a Igreja teve no acontecimento.»

F.



A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa

(Continuação de pag. 157)

Não negámos que houvesse em Roma certas reformas desejáveis; e onde é que as não ha? Todavia quando se trata de aconselhar aos outros que façam reformas, convem ser muito prudente, muito modesto, para não merecer a famosa replica: *Medice, cura teipsum*. Quantas vezes, por exemplo, não pediu Napoleão III publicamente, chegando quasi a impôr, como principal reforma, a adopção em Roma do codigo civil francez, e por conseguinte das leis francezas ácerca de successões? Ora a maior parte dos povos consideram essas leis funestas: os inglezes, os allemães, os russos, os americanos... pretendem achar na liberdade testamentaria, ou nas suas leis especiaes, uma fonte de estabilidade e de riquezas, ao passo que a partilha igual produz, dizem elles, a divisão indefinida, a miseria e finalmente a decadencia; encontram-se hoje muitos escriptores d'esta opinião. E a questão do suffragio universal, e a da liberdade de imprensa, e a da laicisação e a do parlamentarismo... são isentas de difficuldades?

Que devia, pois, responder Pio IX ás indicações d'esses famosos reformadores? A Napoleão III respondia: Quereis que adoptemos o vosso codigo, os vossos usos e costumes... paciencia, paciencia: esperemos que essas famosas leis e esses famosos principios assegurem no vosso paiz a ordem, a prosperidade e sobretudo a estabilidade do governo. Este modo

de fallar só encontrava então sorrisos ironicos nas regiões do poder; com certeza seria hoje mais bem comprehendido.

A lord Palmerston, representante da Inglaterra e que tanto trabalhou contra o poder temporal, podia responder o ministro do Papa: Julgaes infelizes, mal governados os vassallos dos Estados Pontificios, chorando assim desgraças imaginarias, e não sois inclemente para com as miserias bem reaes que existem no vosso paiz? Ha porventura em Roma suicidios como em Londres, duellos como em França? Morre alguém de fome em Roma? Morreram assim mais de vinte e um mil irlandezes n'um só anno, segundo vós mesmo officialmente informastes, e todavia os inglezes nadam em ouro.

Porventura expatriam-se em massa os subditos do Papa? Centenas de milhares dos vossos vassallos irlandezes são obrigados a isso pela miseria e pelas vossas leis terriveis. A população da Irlanda, desde o principio do seculo, tem sido reduzida a menos de metade, o que não succede em Roma nem nos Estados Pontificios. É aqui ou no vosso paiz que em cada anno são expulsas de suas pobres choupanas mais de trinta mil pessoas? Não somos ricos, embora; não temos bispos que recebam annualmente 110 contos de réis como o bispo anglicano de Londres; simples particulares cujas fortunas excedem vinte e mesmo 40:000 contos de réis! ⁴⁾ Não, sem duvida, mas se não se é rico nos Estados Pontificios, tambem não ha um individuo que não saiba onde achar um leito para passar a noite, uma refeição para saciar a fome, ao passo que todos os inqueritos têm revelado que na Inglaterra, no meio do luxo colossal de algumas centenas de individuos, reina uma horrorosa miseria de que não se faz idéa alguma nos outros paizes e que excede tudo o que possa imaginar-se.

⁴⁾ Geralmente não se faz a menor idéa das fortunas colossaes que existem na Inglaterra, ao lado de uma horrível miseria que excede tudo quanto possa imaginar-se. Os estrangeiros superficiaes julgam que ficou a miseria supprimida por se retirarem os mendigos da rua, por se limparem as praças publicas dos pobres como se limpam de lixo; é n'isso que consiste a caridade? Examine o leitor os diversos inqueritos que se fizeram ácerca do pauperismo de Londres, da miseria dos camponeses da Irlanda; examine depois as riquezas territoriaes e mobiliarias de alguns dos

E sois vós que julgaes que os subditos do Papa são infelizes. Tambem pensaes que elles não têm bastante liberdade de consciencia! Mas que liberdade daes vós a esses pobres irlandezes? O mundo inteiro ouve os gemidos que elles vão levar até ás plagas americanas. Ousareis vós, inglezes, comparar em face da historia as pretendidas leis tyrannicas que têm regido os vassallos do Papa, comprehendendo os judeus, com as leis espoliadoras e sanguinarias dos vossos reis contra os catholicos inglezes?

Quizestes favorecer, dizeis, o legitimo desejo dos povos que queriam saccudir o jugo dos Papas, e, em plena paz, abristes subscrições publicas para enviar dinheiro e armas aos amotinadores; impellistel-os, animastel-os, protegestel-os de mil formas. Mas é por um transporte de amor, como dizia um homem illustre, é por um transporte de amor que a Irlanda continua ligada á Inglaterra? E levarieis a bem que visinhos poderosos, em paz comvosco, procedessem como vós procedestes?

Ah! guardaes as vossas lagrimas para as vossas proprias miserias, e estudae as reformas necessarias no vosso paiz.

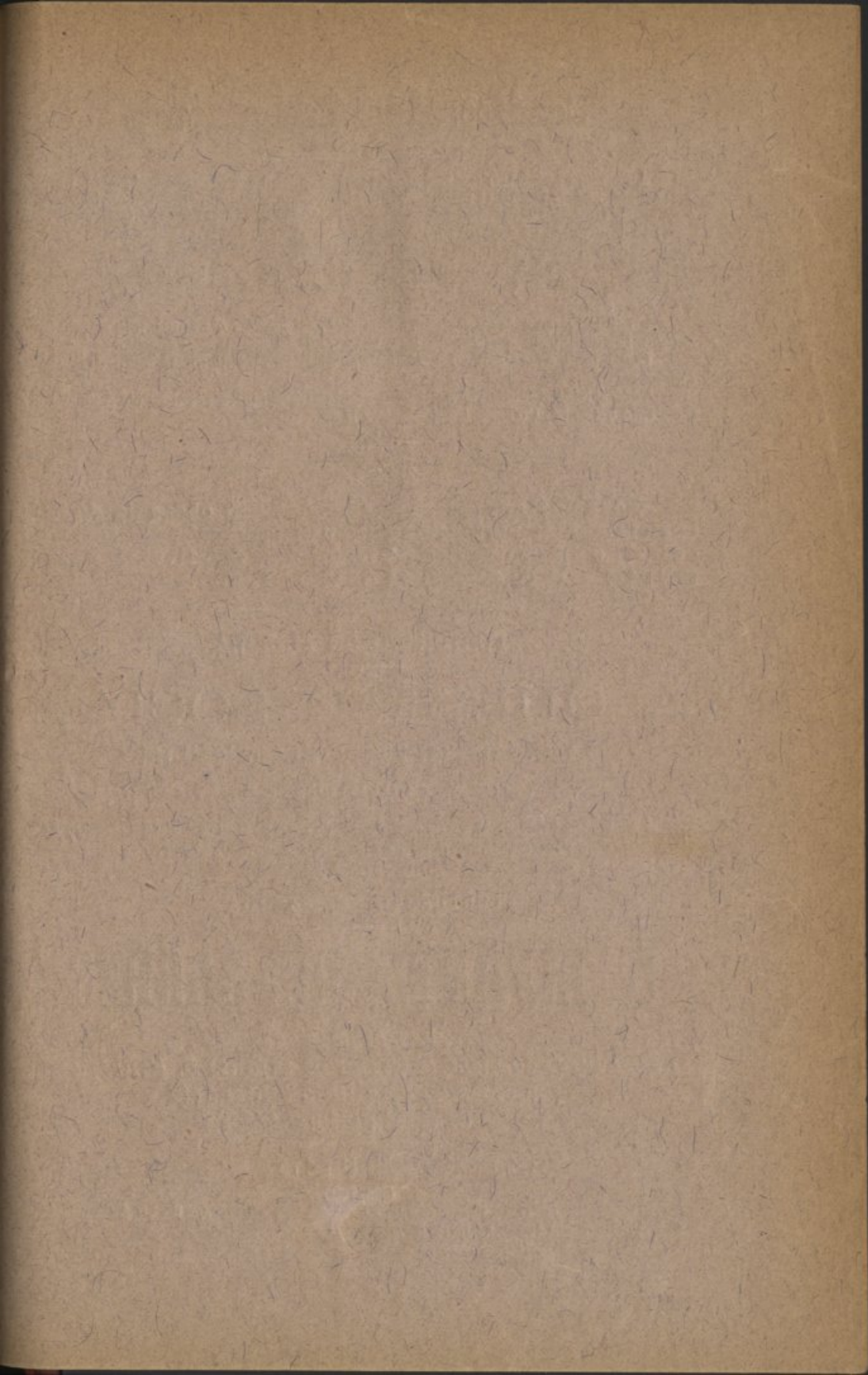
(Continúa).

P. G., advogado.

grandes senhores inglezes, e diga se esses poderosos millonarios não tinham a fazer alguma cousa de melhor que discorrer ácerca do mau governo do Papa e subscrever com ouro para os insurrectos italianos.

Eis, segundo o *Financial reforme almanac* para 1883, a lista dos maiores proprietarios territoriaes da Inglaterra:

	Valor em réis
Duque de Norfolk.....	45.000:000\$000
Marquez de Bute.....	38.600:000\$000
Duque de Brucklengh.....	38.400:000\$000
Duque de Northumberland.....	29.400:000\$000
Sir Ramsden.....	29.200:000\$000
Duque de Devonshire.....	28.600:000\$000
Conde de Derby.....	28.400:000\$000
Duque de Bedford.....	23.600:000\$000
Duque de Hamilton.....	23.400:000\$000
Duque de Portland.....	23.200:000\$000
Conde Fitz-William.....	22.600:000\$000
Duque de Sutherland.....	21.600:000\$000
Lord Tredegar.....	20.800:000\$000
Conde Dudley.....	20.600:000\$000
Lord Coelthope.....	20.400:000\$000



Condições da assignatura

A *Revista Contemporanea* publicar-se-ha mensalmente, abrangendo cada numero 32 paginas in-8.º grande. O numero de paginas pode ser maior quando assim o exija o desenvolvimento de assumptos especiaes.

Cada numero da *Revista Contemporanea* tractara sempre de assumptos variados, como questões sociaes, scientificas, historicas, etc.

Apparecerá no primeiro dia de cada mez, e o preço da assignatura é de 13600 réis annuaes, que devem ser pagos respectivamente antes da publicação do numero 4 de cada anno.

No fim de cada anno receberão os srs. assignantes o frontespicio e indice do volume respectivo da *Revista*.

Continuam a receber-se assignaturas desde o primeiro numero da *Revista Contemporanea*.

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a José Marques Rito e Cunha, Collegio Novo. — Coimbra.

EXPEDIENTE

Rogamos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem a importancia das suas assignaturas, podendo deduzir do preço respectivo a quantia que tiverem de pagar pelo vale do correio ou registo de carta.

FORTUNATO DE ALMEIDA

A QUESTÃO SOCIAL

Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Affonso Costa

PREÇO 200 RÉIS

A venda em todas as livrarias. Remette-se pelo correio a quem enviar 220 réis á administração da *Revista Contemporanea*, — Collegio Novo, Coimbra.

FORTUNATO DE ALMEIDA

O INFANTE DE SAGRES

Obra premiada

*no concurso de memorias sobre o infante D. Henrique,
por occasião do quinto centenario
do seu nascimento*

1 volume de XLIII-374 pag., 600 réis

A venda na Livraria Portuense de Lóp. C.ª, editores, rua do Almada, 119 — 123, Porto, e em todas as livrarias.

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

QUESTÕES RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,
HISTORICAS E SOCIAES

DIRECTOR

Fortunato de Almeida

QUINTANISTA DE DIREITO

ADMINISTRADOR

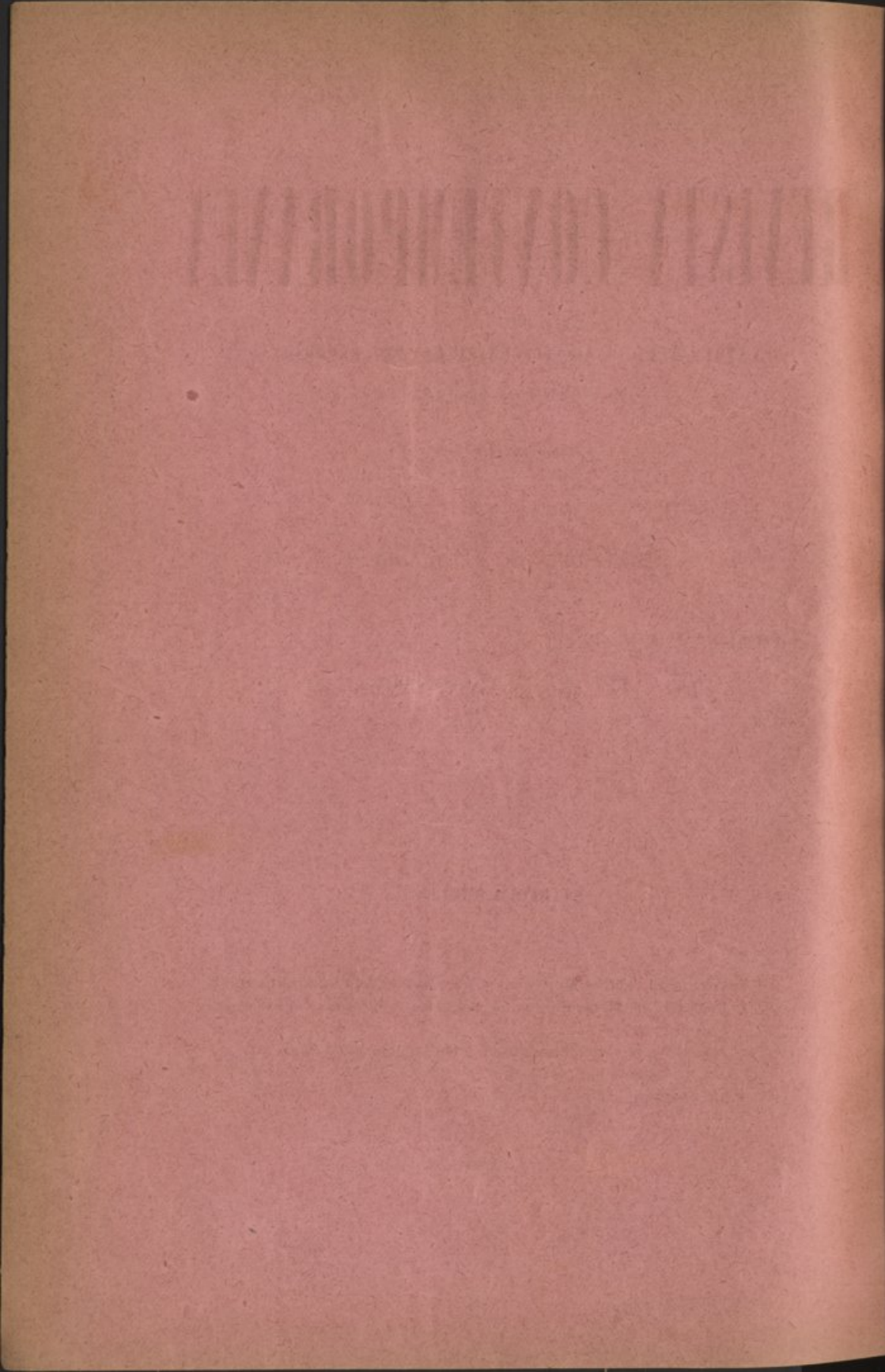
José Marques Rito e Cunha

BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA

SUMMARIO

- I — Relatorio do capitão Mousinho sobre a captura do Gungunhana.
- II — A prelazia de Moçambique no passado, *(continua)* pelo Bispo de Himeria.
- III — A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa, *(continua)* por P. G., *advogado*.
- IV — Bibliographia.





RELATORIO
DE
MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

sobre a captura do Gungunhana

Tendo sido nomeado governador do districto militar de Gaza por decreto provincial de 10 de dezembro ultimo, parti d'esta cidade no dia 15 do mesmo mez, a fim de tomar posse do governo e iniciar as medidas mais urgentes para estabelecer a ordem n'uma região, onde a guerra contra o Gungunhana tinha, como é bem de crer, produzido uma grande commoção.

O unico ponto do territorio, sob o dominio dos vátuas, que as tropas expedicionarias tinham occupado era o posto de Languene, na margem direita do rio Limpopo, a umas 70 milhas da barra.

O local do posto fôra escolhido no dia 30 de novembro ultimo pelo chefe do estado maior da columna do sul, o capitão de engenharia Freire de Andrade. A respeito das condições em que elle se acha já dei a minha opinião na minha nota n.º 5, de 17 de dezembro ultimo, dirigida ao chefe do estado maior do commissariado regio.

Achava-se o posto guarnecido por 3 praças de artilheria 3, 4 de artilheria 4, 5 da brigada de montanha, 35 de infantaria 2 e 1 enfermeiro naval pertencente á esquadilha do Limpopo; sob o commando do primeiro tenente da brigada de montanha, Sanches de Miranda, official que já estivera em Africa em 1891, e

que, por duas vezes, esteve destacado no commando militar do Inhampura, tendo de uma d'ellas ido até ao kraal do Gungunhana, a instancias do então intendente geral de Gaza, conselheiro J. de Almeida.

Naturalmente investigador, o tenente Miranda adquiriu n'essa occasião conhecimentos ácerca dos usos e costumes dos vátuas e ma-buingéla, que não são vulgares mesmo entre officiaes da guarnição e muito menos nos expedicionarios.

Isto serviu-lhe de muito, não lhe sendo tambem pouco util a crença em que o Gungunhana ficára em 1891, de que elle era filho do Muambaxeca (Dioleciano das Neves), crença que se espalhou nos povos do Biléné, e que foi habilmente aproveitada, como se verá no decurso d'este relatorio.

O procedimento do tenente Miranda desde o dia 1 de dezembro até á data da minha chegada a Languene (17 de dezembro) acha-se narrado e explicado na exposiçãõ que por ordem minha me apresentou. Embora esse procedimento mereça a minha completa approvaçãõ, nem por isso quero deixar de o expor aqui detalhadamente.

A açãõ do vapor *Neves Ferreira* e da lancha *Capello*, entre 16 e 26 de novembro, tinha produzido bastante effeito nas povoações marginaes e até o Chai-Chai se manifestára a nosso favor, antes de saber do combate de Coollela. Este regulo, o mais forte dos chefes das povoações marginaes do sul do Limpopo estava já bastante compromettido, por ter hostilizado a gente do Gungunhana, para que se podesse até certo ponto contar com a sua fidelidade. Outros de pouca importancia tinham vindo pegar pé (avassalar-se) aos navios, mas esses mesmos muito receiosos do castigo que por tal motivo o regulo vátua não deixaria de lhes applicar, caso não fosse breve reduzido á impotencia.

As noticias do combate de Coollela e do incendio de Manjacase tiveram como effeito natural chamar mais a nós os chefes de povoação, mas por outro lado a proximidade de Manguanhána onde estava o Gungunhana continha-os, principalmente aos da margem esquerda.

Chegada a força a Languéne e estabelecido o posto nenhuma novidade occorreu desde o dia 1 até 6. Dizia a gente de

Languene que o posto andava sempre vigiado por espias do Gungunhana; a 5 veio pegar pé o chefe Dábácázul, de Ximundo, na margem direita do rio, perto de Hissáno, onde declarou que estava o Matibejàna (ex-regulo de Zichacha) muito protegido, por ser a povoação de difficil accesso, mesmo para os cafres, por estar cercada de espinheiros. Ainda vieram no mesmo dia outros secretarios da margem direita. Um d'elles Xátane, de Numbuquene, disse estarem com tanto medo do Gungunhana, que dormiam no matto todas as noites. Continuaram nos outros dias a vir diversos chefes pegar pé. No dia 6 o tenente Miranda mandára um homem de Languene observar Xissáno, mas elle voltou dizendo que nada podia ser visto por estar a povoação cercada de *xofuma* (espinheiros.)

Em 8 o tenente Miranda reuniu gente de guerra e com 33 praças marchou em direcção a Xissáno até ao rio Xifóbécana, alem da cordilheira que fica a O. de Languene, onde retrocedeu por não estar o rio vadeavel; oito horas de marcha de ida e volta. No dia 9 mandou um preto de nome Sigôgo do Gungunhana para saber ao certo onde elle estava e quem o rodeava. Este Sigôgo tinha acompanhado o regulo na fuga de Manjacase para a Manguanhana e, pelo que elle contava, vê-se que o regulo fugiu a pé (no carro fugiu a Baso, sua irmã que estava grávida) e quasi só; teria sido facilmente apanhado no proprio dia 11 de novembro. O Sigôgo fallou com o Gungunhana no dia 11, disse-lhe que estava em Languene o filho do Muambaxéca, viu lá (na Manguanhana, quatro inglezes, dos quaes um, o mais alto e muito mais velho que os outros, disse ao Gungunhana que se mettesse no carro com uma mulher e um mofána e fosse ao rei inglez para se explicar. O regulo consultou os seus secretarios que lhe responderam não saber o que lhe haviam de aconselhar. O Gungunhana dizia sempre que não jogou com os brancos porque era filho do Rei. Sigôgo, disse que Manguanhana ficava a seis horas para lá de Chaimite.

Como o tenente Miranda tivesse offerecido um premio a quem lhe trouxesse um dos espias do Gungunhana que andavam em volta do posto, trouxeram-lhe no dia 6 um *mandáu* (homem da Mussapa) que depois de prolongado interrogatorio se provou

ser espião. Declarou que com o regulo estavam Maguigana, Zaba, Muiungo e outros indunas com gente de guerra Machabé-zul e Maláche que haviam de morrer com elle. Disse ainda que aos inglezes déra tres pontas de marfim e que um d'elles era o Stanhola (Stamers). Foi fusilado como espião.

No dia 13 foi preso um homem coroado que parecia espia. Foi o que mandei fuzilar a 18, depois de verificar que era realmente espia do Gungunhana.

No mesmo dia 13 vieram cinco enviados do Gungunhana, trazendo Matibejana com duas mulheres, para ellas verem o marido morrer e voltarem depois para o regulo vátua. É claro o tenente Miranda não satisfez este desejo manifestado em tom de ordem, e depois de interrogados, mandou os vátuas embora para dizer ao Gungunhana que mandasse tambem o Mahazul e todas as mulheres, gado e dinheiro dos dois regulos rebeldes, sendo do Matibejana, segundo elle declarou, dez mulheres, um irmão d'elle que fugiu da missão suissa, 53 libras em oiro, tres vaccas e dois burros.

O Matibejana alem de muitas cousas sem importancia ácerca da guerra, disse que quando os brancos foram a Incanine, já elle tinha fugido e fóra a Manjacaze chamado pelo Gungunhana. N'essa occasião já fez tambem algumas das declarações que repetiu no dia 17, as quaes communiquei na minha nota n.º 5, de 17 de dezembro de 1895, dirigida ao chefe de estado maior do commissariado regio.

No dias 15 e 16 continuaram a apresentar-se diversos chefes de povoações pegando pé, e o tenente Miranda obteve a confirmação do que soubera a respeito do Mahazul estar no territorio do Mogudugudo neto do regulo Magioli, e sùccessor de seu pae Mamecase.

Do dia 15 em diante nada de notavel succedeu a não ser a apresentação dos chefes e regulos constantes da relação junta. Officiei ao commandante do posto de Chicome, pedindo que fizesse marchar logo, sendo possivel, 30 cavallos, e parti na *Capello* a fazer o reconhecimento do Chibutze, como participei ao chefe de estado maior do commissariado regio na minha nota n.º 7 de 21 de dezembro ultimo. Do commandante do destacamento mixto de

Inhambane recebi a resposta que enviei por copia ao commissariado regio.

Sou obrigado a dizer a v. ex.^a, que ao receber esta resposta fiquei desanimadissimo. Nada estava disposto por forma a favorecer o aprisionamento do regulo vátua. Basta olhar para a carta e saber que estavam occupados apenas um posto do Inharime, outro no Chicome, outro no Languene (alem da linha de postos no Incomati, quanto a mim inuteis pela maior parte), e que a *Capello* não tinha passado do Chengane, para ver a facilidade com que o regulo podia fugir ou para oeste ou para o norte. Com gente a cavallo parecia-me possivel, embora arriscado e de exito muito duvidoso, o persegui-lo; com gente a pé afigurava-se-me impossivel captural-o.

Confesso a v. ex.^a, que ainda outra rasão, menos ponderosa por certo, concorria para me desanimar. Official de cavallaria ha vinte annos, e quasi o unico que durante algum tempo insistia pelo emprego d'esta arma em Africa, tinha visto o esquadrão do meu commando tão mal tratado pela sorte e reduzido a um papel tão insignificante na columna do norte, por motivos que não sei, nem me caberia apreciar, que desejava muito ao menos que a uma força d'esse esquadrão coubesse a honra de levar a effeito um commettimento, que rematasse condignamente a campanha tão brilhantemente encetada com o combate de Marraçuéne. A resposta do capitão commandante do destacamento mixto de Inhambane destrnia de todo esta esperança.

Ainda os exemplos de outras guerras de Africa augmentavam o meu desalento. O Katchivayo, n'um paiz muito menor que o de Gaza, escapára durante uma vez á perseguição do 3.º regimento de dragões e da cavallaria irregular. Lo-Bengula escapára ao major Forbes depois de haver aniquilado os trinta cavalleiros de Wilson, como poderia eu agarrar o Gungunhana com umas cincoentas praças a pé, unicas válidas de que podia dispor?

Entretanto todos os chefes que vinham pegar pé me pediam que prendesse o regulo vátua porque emquanto elle estivesse livre elles não teriam um momento de socego; todos os dias vinham queixas dos roubos e assassinatos que o regulo mandava perpetrar em volta de Manguanhana. Por outro lado eu tinha e

tenho a convicção de que com pretos um acto de audacia embora temerario, é quasi sempre bem succedido, porque lhe produz uma grande impressão e fal-os perder de todo a força moral.

A *Capello* que tinha ido á barra buscar carvão, chegou a Languéne no dia 24. Resolvi partir logo que pudesse e mandei reunir os auxiliares mais proximos e de quem suppunha dever desconfiar menos por se acharem já muito compromettidos conosco, no dia 26 de madrugada. Podia ter reunido muitos centos, talvez dois ou tres milhares de pretos, mas a curta experiencia que tinha adquirido na columna do norte ensinava-me que os auxiliares só em pequeno numero são uteis, porque, sómente sendo poucos, se podem até certo ponto dirigir.

O tenente Miranda commandava a força europea, o tenente graduado Couto os auxiliares. O dr. Amaral acompanhou a força levando alguns recursos medicos e quatro macas improvisadas com umas peças de algodão branco que existiam no posto.

Como v. ex.^a vê, tinha-se enraizado no meu espirito a idéa que eu havia de prender ou matar o Gungunhana dentro de poucos dias, ou a pouco e pouco todo o prestigio que resultou para as nossas armas dos combates de Marracuene, Magul (7 de setembro), do bombardeamento das povoações marginaes do Limpopo, e principalmente do combate de Coollela (7 de novembro) e incendio de Manjacase (11 de novembro), se iria obliterando no animo d'estes povos, e o regulo iria reunindo gente de guerra, recuperando forças e fazendo voltar á obediencia muitos dos que, movidos pelo terror, o tinham abandonado. Bastaria para isso elle fazer pequenas correrias por todo o vastissimo territorio de Gaza. D'ahi proveiu eu tomar a resolução inabalavel de acabar por uma vez com o regulo vátua, fossem quaes fossem os recursos com que podia contar, os perigos a correr, e as probabilidades de exito da empreza. E seja-me licito n'este ponto afirmar que esta resolução, calando fundo no animo dos officiaes e praças que me acompanhavam, e evidenciando-se aos indigenas que muito se espantaram da exiguidade das forças de que eu dispu-

nha, para uma empreza que se lhes afigurava tanto mais perigosa quanto era grande o medo que o regulo ainda inspirava, foi o principal factor do aprisionamento d'este potentado, porque incutiu nas praças um enthusiasmo que os fez vencer fadigas e arrostar perigos com uma alegria e boa vontade deveras surprehendedentes, attendendo para mais ao mau estado de saude da maior parte.

No dia 25 á uma hora (p. m.) embarcou na lancha-canhoneira *Capello* o primeiro tenente Sanches Miranda, levando sob o seu commando o facultativo de 1.^a classe Amaral, 5 praças da brigada de montanha, 3 de artilheria 3, 4 de artilheria 4, 37 de infantaria 2 e 1 soldado indigena, o n.º 39 da 2.^a companhia de caçadores n.º 3 de Africa.

No dia 26 ás cinco horas (a. m.) marchei por terra com o tenente graduado Couto, o soldado de cavallaria n.º 1, n.º 84 da 1.^a companhia, o interprete João Massablana, o soldado indigena da policia de Moçambique n.º 14, 207 auxiliares de Languene, Chai-Chai e Sofogasi, a quem mandei deixar no posto as armas de fogo que traziam (Martini Henry, Albin e de carregar pela bôca), e 76 carregadores que levavam arroz, temperos e vinho que chegariam para dez dias, reduzindo as rações de 50 por cento. N'esse mesmo dia pelas quatro horas (p. m.) chegámos a Zimacaze, cerca de 3 milhas a montante da foz do Chemgane onde a *Capello* nos esperava.

Durante a marcha varios chefes Ma-Buingella e Manguni, dos que tinham já ido pegar pé a Languene, se apresentaram com as suas *guerras* pedindo para nos acompanhar (certamente com a mira na pilhagem de mulheres e gado, em caso de exito), o que primeiro recusei, mas ao que, em vista do muito que instavam, tive que acceder, embora com repugnancia, e sô depois de verificar que não traziam armas de fogo. Cheguei assim a Zimacaze com perto de 1:500 a 1:800 auxiliares.

Tambem durante a marcha, ás onze horas (a. m.), vieram dois enviados do Gungunhana (os mesmos que tinham ido a Languene no dia 19), trazendo duas pontas de marfim para mim e 6 libras para as mulheres do Muambaxéca. Vinham pedir a este que intercedesse para que eu esperasse no vapor pelo re-

gulo, que queria ir lá *pegar pé* e fazer paz. Não recebi as libras por não estar presente o destinatario e respondi que esperaria, mandando com os enviados do regulo um irmão do secretario do Languene para trazer ao vapor a resposta, observando ao mesmo tempo o que podesse quanto ás forças que o cercavam, defeza da povoação, etc. O regulo dizia-se ainda mais proximo ao Manguanhana, a umas seis horas de Chaimite.

Confesso que quando cheguei a bordo estive um tanto perplexo. Se marchasse n'aquella noite podia o regulo, avisado a tempo, fugir, e eu perder assim a occasião de o haver ás mãos, e expunha a tropa ás fadigas e privações que demandava uma perseguição demorada. Por outro lado não acreditava na sinceridade do Gungunhana, e receiava que elle apenas quizesse ganhar tempo para fugir, tanto mais que durante a noite, apesar da chuva, viam-se nos montes mais altos fogueiras, evidentemente para dar signal da presença da lancha.

Felizmente um facto inesperado veio acabar com esta indecisão.

Durante a tarde tinham chegado mais guerras, e á noite chegou a de Culo ou Cuio (irmão do Muzilla).

Ás doze horas da noite um preto gritou de terra que queria vir a bordo; mandei-o buscar. Era um homem do Cuio que vinha dizer que o Gungunhana aproveitára a saída da gente de guerra da povoação d'aquelle para o mandar prender pelo chefe Vuiána, cuja povoação ficava a duas ou tres horas de Zuiacaze, no caminho de Chaimite.

Dei logo ordem para que ás tres horas (a. m.) se effectuasse o desembarque, a despeito da chuva e escuridão, mandando ás duas horas e trinta minutos dar café ás praças.

Eram quatro horas (a. m.) quando começámos a marcha, passando um pequeno pantano, com agua pelo joelho, e subindo uma encosta cheio de lodo, caniço (mangal) e arbustos, onde a marcha era difficil e muito incommoda.

Levando só 47 praças brancas (2 tinham adoecido a bordo), dispuz a força da fôrma seguinte: 3 praças da 1.^a fileira e 6 da 2.^a quando se formasse quadrado, formavam a face da frente, 12 praças da 1.^a fileira a face da esquerda, e 12 da 2.^a fileira

a da direita; da 1.^a e da 2.^a fileiras formavam a face da recta-guarda.

Assim, a marcha com dois homens de frente equivalia ás columnas duplas que vira usar na columna do norte, apenas com a supressão do intervallo que a exiguidade da força tornava dispensavel.

Em caso de alarme o quadrado formava em menos de um minuto.

Logo no couce da columna iam dois carregadores com dois cunhetes (1:100 cartuchos), e as duas praças indigenas, com ordem para entrar dentro do quadrado, logo que elle formasse.

Seguiam os outros carregadores e os homens com machados.

Cada carregador levava a tiracolo o capote de uma praça, emalado no encerado respectivo. Os carregadores tinham ordem para se deitar no chão logo que ouvissem tocar a corneta.

Na vespera fizera passar o rio sómente aos 207 auxiliares do Chai-Chai, Languene e Lofogasi. A guerra de Cuio estava tambem na margem esquerda.

Quando marchei mandei dizer ás guerras que tinham ficado na margem direita que, se quizessem, voltassem para casa, senão que passassem o rio e me viessem alcançar na marcha, posto que nada precisava d'elles, porque os brancos que levava bastavam para bater todo o Bilene.

Esta verdadeira *hespanholada*, junta, de certo, ás recordações que muitos tinham de Coollela, pareceu dar-lhes confiança, e, repito, supponho que na mira da pilhagem, todos passaram de madrugada o rio, e pelas oito horas juntavam-se a nós.

A guerra preta marchou da fôrma seguinte: a 200 metros á frente a guerra de Cuio, a 200 metros para a direita a do Chai-Chai, e a 200 para a esquerda as de Languene e Lofogasi. Estas distancias diminuiam constantemente, porque os pretos, ou por medo, ou fosse pelo que fosse, tendiam para se encostar á força branca.

Pelas sete horas (a. m.) avistou-se um pouco a N. do caminho, a povoação do Vuyana. Mandeí então seguir a força europeia pelo caminho, e, com o tenente graduado Couto e o interprete, fui juntar-me á guerra de Cuio, para a fazer avançar contra a povoação. A principio deixaram-me ir na frente a uns 20 ou

30 metros de distancia, mas logo que, com o grande alcance de vista de que dispõem, perceberam que na povoação não estava gente de guerra, correram sobre ella como galgos.

Quando lá cheguei dois homens estavam azaiaçados no figado, e a gente de Cuio andava juntando as mulheres e creanças e saqueando as palhotas. N'isto appareceu um homem, que escapára não sei como, dentro do curral do gado, dizendo que o Vuyana não era tão culpado como pretendiam, mas como eu não tinha vagar para resolver milandos n'aquella occasião, limitei-me a mandar soltar todas as mulheres e creanças, pousar no chão todos os objectos roubados, excepto comida, e apartar da manada do Vuyana dez bois para o Cuio, como indemnisação, e dez vacas para o governo, como multa. Em seguida mandei a guerra de Cuio passar outra vez para a frente dos brancos que haviam feito alto.

Esquecia-me dizer que, transposta a encosta de que atrás fallei, achamo-nos n'uma planicie extensissima e muito descoberta. O solo era duro, e com a chuva tornara-se muito escorregadio. A erva, não muito alta, estava encharcada. Durante a marcha fortes pancadas de agua alternaram com um sol abraçador, de fôrma que, officiaes e praças, marchando todos a pé, acompanhando os pretos com uma velocidade não inferior a 10 ou 12 minutos por kilometro; ora iam encharcados em agua, ora escorrendo em suor. Como não queria perder tempo, continuei marchando sem descanso até ás onze horas (a. m.). Appareceram-me então dois enviados do Gungunhana, os indunas Zaba e Sucanáca, trazendo de presente 560 libras (das quaes 30 para o Mumbaxéca e 30 para o secretario) e algumas pontas de marfim. Diziam que o regulo me pedia muito que não avançasse mais, que elle viria á tarde pegar pé e fallar de paz com o rei *seu pae*. Respondi-lhes que o regulo era muito gordo e eu muito magro, por isso avançaria mais para lhe poupar fadigas, e que viesse elle trazendo um *sagate* (presente) que eu não me envergonhasse de mandar ao rei. Mandei a resposta pelo Sucanáca, conservando o Zaba preso. N'essa occasião appareceu o homem de Languene, que na vespera acompanhára os dois enviados do Gungunhana, e que eu suppunha ter sido morto por este.

Depois de trinta minutos de descanso, prosegui na marcha até á uma hora (p. m.). Tinhamos assim feito oito horas uteis de marcha a passo mais que ordinario; estavamos exaustos. Os carregadores, só á força de pranchada se conservavam junto á columna, e até a gente de guerra se sentava com frequencia para descansar alguns momentos. Resolvi portanto bivacar um pouco a O., por saber que ficava ali a lagôa de Moatacane.

Fui adiante escolher o sitio para o bivaque, que era de todo descoberto, com um campo de tiro esplendido, ficando a força a uns 20 metros da lagôa, que é enorme (seis a oito vezes a de Coollela) em largura e comprimento, e bastante profunda. A agua não seria, talvez, das peiores, mas a gente de guerra (já então mais de 2:000 porque Zugoiusa, irmão do Muzilla, e outros chefes se nos tinham juntado); entrou por ella dentro, lavando-se, bebendo a agua e revolvendo o lodo, o que fez com que fosse preciso depois deixal-a assentar mais de meia hora antes de se poder beber.

Dispoz o bivaque em quadrado com duas sentinellas em dois angulos oppostos. Quanto aos pretos, ficaram os carregadores junto ao quadrado e as guerras a 200 metros em volta d'elle separadas umas das outras e com postos avancados até 400 metros do quadrado. Foi o tenente graduado Couto que, com não pequeno trabalho, dispoz assim as forças indigenas.

Eram 5 horas (p. m.) quando voltou o Sucasáca acompanhando o Godide, filho do regulo, que trazia 63 cabeças de gado bovino, 510 libras, 2 grandes pontas de marfim e as dez mulheres do Matibejana. Trazia um pedido do regulo para que eu não avançasse mais, novos protestos que elle mesmo viria n'essa noite ou na manhã seguinte. Respondi que eu ficava ali toda a noite e todo o dia seguinte á espera do regulo, que se elle não viesse, o Godide e o Zaba seriam fuzilados, e que eu não avançaria mais porque os brancos já não podiam marchar de cansados que estavam.

Esta resposta dei-a, calculando que o regulo queria apenas ganhar tempo, e que o Sucasáca lhe iria afirmar que o cansaço não nos permittiria avançar.

Effectivamente o aspecto do bivaque parecia confirmar o que

eu dissêra; o tenente Miranda extenuado, abrazado em febre, vomitava constantemente a agua com que tentava mitigar a sede; os soldados dormiam estirados sobre os capotes, tão cansados, que muitos nem quizeram comer o rancho, embora só tivessem comido bolachas desde as tres horas da madrugada; eu mesmo estava deitado e de todo estafado. O Sucanáca dizia que o regulo estava ainda muito longe, mas tudo me levava a crer o contrario.

Chovera quasi toda a noite. Eu pouco tinha dormido, e cada vez se enraizava mais no meu espirito a idéa de não voltar atraz senão com o regulo aprisionado ou com a sua cabeça, e por isso ás tres horas (a. m.) mandei levantar as praças e os carregadores, enrolar os capotes, e marchámos ás quatro horas (a. m.).

O tempo melhorára, e a gente de guerra logo que ouviu movimento no nosso bivaque, levantou-se para nos acompanhar. O terreno continuava a ser descoberto e plano, o chão duro. Apressei a marcha por fórma que varias vezes fomos em acelerado.

Appareceram pela nossa frente umas tres mangas de guerra, gente que evidentemente estava com o Gungunhana, mas cujos chefes vieram a correr declarar que pegavam pé e pediam para nos seguir. Essa gente disse que o Gungunhana estava no Chaimite, para onde fora, a fim de fazer sobre a sepultura de seu avô, Manicusse, diversas cerimonias, para arranjar feitiço que impedisse de descobrir onde elle estava.

Pelas seis horas e trinta minutos (a. m.) avistámos Chaimite no meio de um terreno arenoso cheio de marçala e môrros de muchem, portanto muito facilmente defensavel. Então apressei a marcha ainda mais, apesar das guerras indigenas começarem a deixar-se ficar para a rectaguarda, ou por terem medo que o regulo se defendesse, ou influenciados pelo prestigio que elle ainda tinha, conseguindo só á força de distribuir espadeiradas, fazer avançar alguma gente comnosco. Nessa occasião duas praças brancas caíram exhaustas, mas eu não podia demorar-me um momento que fosse, e por isso a marcha continuou sem haver a minima interrupção. Essas praças foram levadas pela gente da guerra preta para a rectaguarda, e passaram o resto do dia e a noite na povoação de Cuio, reunindo á força no dia seguinte. A uns dez minutos da povoação dei ordem para que as guerras for-

massem um cordão em volta d'ella, e que só entraria dentro a força branca. Os pretos assim fizeram, ficando a uns 100 metros da pallissada que cercava as palhotas.

A povoação de Chaimite, onde foi enterrado Manicusse, tinha umas vinte e cinco a trinta palhotas cercadas por uma pallissada de 1^m,5 de altura, tendo entrelaçados nas estacas muitos arbustos espinhosos.

Era uma especie de cidade santa dos vátuas, e deviam ter-se ali passado scenas de grande carnificina, tanto antigas como muito recentes, porque ao approximarmos da povoação encontrámos algumas caveiras humanas já brancas, ao mesmo tempo que se sentia um cheiro muito intenso a carne podre, e os pretos disseram depois que no matto estavam varios cadaveres. Dava ingresso na povoação uma unica entrada de não mais de 40 centímetros de largura.

Corri para ahí á frente dos brancos ao passo que o circulo dos pretos se ia apertando a pouco e pouco. Entrei na frente seguido pelo tenente graduado Couto, dr. Amaral, tenente Miranda e interprete. Julguei logo que entrei que o regulo se defenderia, porque vi encostados á pallissada do lado interior alguns pretos com espingardas, parecendo preparar-se para fazer fogo. Como trazia a espada na mão, corri logo sobre elles, e ou fosse porque já tivessem de todo perdida a força moral, ou por verem logo atrás de nós a testa da columna que derrubára as estacas lateraes da entrada, é certo que nenhum fez fogo, deitando todos a fugir e sumindo-se nas palhotas. Este acto de cobardia dos pretos foi providencial, pois fuzilando-me a 10 metros de distancia (que maior não era a que me separava d'elles), teriam provavelmente morto todos os officiaes, os auxiliares teriam fugido logo, e as praças brancas, sem ter quem os dirigisse, teriam provavelmente sido trucidadas pelos 250 ou 300 pretos que depois vi que estavam dentro da povoação.

Vendo, logo que os pretos fugiram, sair de uma palhota proxima um homem de corôa, perguntei-lhe pelo Gungunhana, e elle apontou-me para a mesma palhota de onde saira. Chamei-o muito alto no meio de um silencio absoluto, preparando-me para lançar fogo á palhota, caso elle se demorasse, quando vi sair de

lá o regulo vátua, que os tenentes Miranda e Couto reconheceram logo, por o terem visto mais de uma vez em Manjacaze.

Não se pôde fazer idéa da arrogancia com que elle se apresentou e do tom desdenhoso com que respondeu ás primeiras perguntas que lhe fiz.

Mandei-lhe prender as mãos atrás das costas por um dos dois soldados pretos e disse-lhe que se sentasse. Perguntou-me onde, e como eu lhe apontasse para o chão, respondeu-me muito altivo que estava sujo. Obriguei-o então á força a sentar-se no chão (cousa que elle nunca fazia) dizendo-lhe que elle já não era regulo dos *manguni* mas um *matonga* como qualquer outro. Quando o viram sentar, a guerra preta que a esse tempo já se tinha vindo encostar ao lado exterior da pallissada, alem dos que tinham trepado ás arvores e ao tecto de algumas palhotas isoladas que havia no exterior mesmo proximo á palissada, levantaram grande alarido, batendo com as azagaias nas rodelaes em signal de applauso e espanto.

Perguntei ao regulo por Quêto, Manhune, Molungo e Magniguâna. Mostrou-me o Quêto e o Manhune, que estavam ao pé d'elle, e disse que os outros dois não estavam.

Exprobei a Manhune (que era o alma damnada do Gungunhana) o ter sido sempre inimigo dos portuguezes, ao que elle só respondeu que sabia que devia morrer.

Mandei-o então amarrar a uma estaca da palissada e foi fuzilado por tres brancos. Não é possivel morrer com mais sangue frio, altivez e verdadeira heroicidade; apenas disse sorrindo que era melhor desamarral-o para poder cair quando lhe dessem os tiros.

Depois foi Quêto. Elle fôra o unico irmão do Muzilla que quizera a guerra contra nós, e o unico que fôra ao combate de Coollela. Não tinha vindo pegar pé como tinham feito Inguinsa e e Cuio, seus irmãos.

Dizendo-lhe eu isto respondeu que não podia abandonar o Gungunhana, a quem tinha criado como se fôra pae, retorquindo-lhe eu, que a quem desobedecia e fazia guerra ao rei de Portugal deviam pae, mãe e irmãos abandonal-o.

Mandei-o amarrar tambem e fuzilar.

Estas duas execuções produziram na guerra preta um entusiasmo indiscriptível, que manifestaram com ruidosos e repetidos *bayetes*, o que mostra bem que elles confundem perfeitamente a força e a coragem com a crueldade, e que é absolutamente necessario d'estes exemplos para os dominar e fazermo'-nos respeitar.

Veiu então a mãe do regulo Impincazamo, arrastando-se de joelhos, pedir-me que não matasse o filho, nem o Godide, que ambos ella creára. Esta mulher mostrára-se sempre amiga dos portuguezes e muito opposta à guerra.

Disse-lhe que ácerca do regulo só o rei podia resolver, mas que o Godide seria poupado e acompanharia o pae por ella ter pedido; e quanto a ella, por ter sido sempre amiga dos portuguezes, podia voltar para a sua povoação, que eu a ninguem consentiria lhe fizesse mal.

O regulo perdera toda a arrogancia depois da morte do Queto. Disse que dava tudo o que tinha, e entregou 4:000 libras e 8 diamantes.

Mandou recado ao filho Ipsota para trazer todo o gado que levára mais para longe, e mandou igualmente procurar mais marfim a Manjacase, onde ficára enterrado, dizendo que assim esperava que o rei lhe perdoasse a morte. O portador d'estas ordens foi o Zaba, que eu mandára soltar.

Mandei então passar busca ás palhotas, onde se encontraram as armas constantes da relação junta. Supponho que muitas deviam ter ainda por lá ficado, mas a muita chuva que voltára a cair e a grande distancia a que me achava do Limpopo impediram-me maior demora.

Marchei depois, levando commigo presos o regulo, Pissane e Molungo, irmãos de Muzilla, que estavam tambem com elle, Godide, filho do regulo, sete mulheres (*incossikasi*), que o regulo escolheu para o acompanharem, e muitas *unfanas* (rapazes) que carregaram o marfim.

A marcha de regresso foi tambem muito rapida, pois saindo ás dez horas (a. m.) de Chaimite, ás quatro horas chegavamos á povoação de Vuiana, onde acantonei a força branca e os presos, bivacando a gente de guerra em volta da povoação.

N'esse dia fizeram-se oito horas uteis de marcha muito rapida e sempre debaixo de chuva, mas ninguem sentia a fadiga, tal era o enthusiasmo que nos officiaes e praças tinha produzido o aprizionamento do regulo vátua.

No dia seguinte, porém, a marcha que principiou ás cinco horas (a. m.), embora curta, foi pessima e demorada por que mal podiamos andar; para mais, tendo chuvido toda a noite, o caminho estava enxarcado e constantemente passavamos ou pequenos riachos ou pantanos com agua ás vezes até acima do Joelho.

Tive que dar dois descansos; n'esses deu-se um facto que mostra bem quanto os mangeuni tinham ficado impressionados com a prisão do regulo e aterrorisados com o que tinham visto. Querendo eu que os soldados se sentassem, mas vendo a herva muito molhada, ordenei á gente de guerra, que estava mais proxima da força branca, que fossem pôr as rodellas ao pé dos soldados para elles se sentarem. Que lhes custou muito fazel-o viu-se-lhes bem na physionomia, mas não houve um segundo de hesitação no cumprimento da ordem dada.

Cerca das nove horas (a. m.) chegámos a Zimacoze. Embarcada a força europeia e os presos, toda a gente de guerra formou ao longo da margem direita do rio.

Levantei a bordo quatro vivas a El-Rei, á familia real, á armada real e ao exercito, enthusiasmicamente correspondidos pelas praças da marinha e do exercito que estavam armados e debaixo de fórma no *sparedeck*, e em seguida a gente de guerra soltou tres *bayetes*, saudação que eu lhês tinha feito explicar se dirigia n'aquella occasião a El-Rei. Depois cantaram o *Incuáia*, acabando por uma torrente de insultos da mais requintada torpeza áquelle de quem havia poucos dias tremiam com medo.

Deixei expandir assim a natural vileza de sentimentos dos pretos, não para atormentar um prisioneiro já moralmente aniquilado, mas para que os indigenas tivessem bem a consciencia de que o prestigio e auctoridade do regulo acabára de todo e por uma vez.

Seguiu-se uma salva de 21 tiros e a *Capello* levantou ferro chegando a Langane ás tres horas e trinta minutos (p. m.), depois de uma viagem magnifica sem um unico encalhe.

Assim se levou a effeito a prisão do celebre Gungnhana e acabou o predomínio do ultimo dos tres povos guerreiros e poderosos, independentes de facto, que existiam na Africa Austral: Zulus, Matabelles e Vátuas.

Muita gente por certo fará não poucas censuras á maneira como dirigi e commandei este golpe de mão: uns classical-ohão, assenta a exiguidade da força branca, de loucura que só quasi por milagre teve bom exito; outros chamar-me-hão cruel e sanguinario por ter fuzilado os dois prisioneiros. Parece-me, porém, de justiça attender ao seguinte: temerária ou não, semelhante surpresa era indispensavel e urgente, sob pena de ficarem as forças expedicionarias, e portanto o exercito e a nação, de todo desprestigiadas perante os indigenas de Gaza e a gente do Transwaal, Orange, Natal e Cabo. Sei perfeitamente que esta operação foi levada a cabo, sem pôr em pratica muitos dos preceitos que os regulamentos militares determinam, mas nem a pouca força de que dispunha podia dar um serviço de segurança regular, nem a empreza era d'estas que demandam prudencia; era um verdadeiro jogo; ou lá ficavamos todos, ou conseguíamos agarrar o regulo; o que era preciso era andar depressa e não haver hesitações. Sacrifiquei a isso todas as considerações de prudencia.

Com respeito ao fuzilamento dos dois prisioneiros, limito-me a dizer que é muito nobre, muito justo, muito alevantado, sustentar os principios da mais acrisolada philantropia e humanitarismo n'um parlamento, n'uma assembléa qualquer, n'uma redacção de jornal entre concidadãos nossos que pensam e sentem como nós, e ainda por cima mantidos em respeito por numerosas forças do exercito, da armada e da policia militar e civil; é porém muito differente o caso em que se achavam 50 brancos no meio de cerca de 3:000 pretos ainda hontem nossos inimigos. Se não mandasse matar ninguem, todos os cafres supporiam que ainda tinham medo do Gungnhana e voltariam a dizer: «portuguez é mulher, não mata ninguem».

Esta é a maneira barbara e absurda por que elles encaram as cousas.

De resto ainda outra razão influuiu em mim quando mandei fuzilar o Queto.

A constituição rudimentar da sociedade vátua era aristocrática com visos de feudalismo ¹⁾.

Quando me contavam o que se passava entre os vátuas, parecia-me estar ouvindo narrativas dos tempos merovingios em França, representando os matonga o papel dos Gallo-Romanos. Ora Queto era dos irmãos do Muzilla o mais attendido pelo Gungunhana, e era depois do Jambui o mais poderoso do que poderíamos chamar os grandes vassallos da corôa vátua, e tanto assim que Inguinsa, seu irmão e os filhos do Curio, seus sobrinhos, quando o viram cair disseram: « branco sabe tudo até adivinhar quem devia matar ».

No dia 29, pelo cair da tarde chegaram um filho e um secretario do Jambui, dizendo que vinham com o fim de adquirir a certeza de que o recado recebido pelo regulo do Lipallula era de veras meu.

Talvez ao regulo houvesse já constado a marcha para Chaimite, e mandava ver qual tinha sido o resultado. Disseram-me que o regulo não vinha ainda, por que sendo gordissimo, o que eu sabia ser verdade ²⁾, precisava que o trouxessem, mas que viria logo que eu quizesse. Mandei-lhe dizer que ia agora a Fumo (Lourenço Marques) levar o Gungunhana, que em voltando e em tendo a minha povoação no Chibutze lhe mandaria recado para elle mesmo vir pegar pé, para ir um official depois escolher local para um posto fortificado para a força branca, e fazer o recenseamento para elle pagar o imposto de palhota que eu fixasse.

Tudo acceitaram de bom grado e asseguraram que o regulo havia muito desejava que fosse para lá força branca ³⁾. Sabendo que no Lipallula havia baneanes estabelecidos, ordenei-lhe que os contasse e me mandasse o numero d'elles n'uma corda com nós, a fim de eu os fazer pagar as licenças para venda.

No dia 30 chegaram os gados, o marfim e as dez mulheres

¹⁾ Por exemplo, direito de representação nas banjas dado só pela posse de terras, razão porque o Maguiguana que era o grande chefe de guerra não ia ás banjas, por que sendo buingella não era senhor de terras.

²⁾ Caldas Xavier (*Territorios ao sul do Save e os vatuas*), um dos boletins da sociedade de geographia de Lisboa, 1894.

³⁾ Isto concorda com as informações que me deu o alferes Villar, ex-commandante militar de Lipallula.

do Matibejana que o Godide trouxera ao nosso bivaque no dia 27. Permitti que o Matibejana escolhesse tres para o acompanhar e mandei as outras para as suas respectivas povoações, á excepção de uma que mandei escolher ao irmão do secretario de Languene, depois de saber se ella queria casar com elle. A este homem dei tambem um boi para o recompensar dos bons serviços que tinha prestado. A cada uma das guerras que acompanhava (eram vinte e uma), dei quatro vitellas. É claro que houve distribuição de «soupe» aos chefes e a todos os duzentos e sete auxiliares de Chai-Chai, Languene e Lofugasi.

S. ex.^a o commissario regio ordenou em 5 de junho do anno findo que se affixassem nas diversas ruas d'esta cidade e fossem distribuidos por todas as auctoridades militares e civis, em serviço nos diversos pontos do dominio de Portugal n'este districto, editaes em que se annunciava «que o governo concederá o premio de 900\$000 réis a qualquer pessoa que prender ou entregar algum dos regulos da Zichacha ou da Magaia.»

Attendendo a este facto, á muita superior importancia da captura do Gungunhana, e a que haviam sido os brancos, e só elles, que o haviam apanhado, mandei distribuir 200 libras ás praças, que me haviam acompanhado, sendo 8 libras para o sargento, 4 para cada cabo e soldado, 4 ao corneteiro e 2 para cada um dos dois soldados pretos.

Sei que exorbitei distribuindo esta quantia ás praças, mas espero isto me seja relevado, attendendo ao que expuz acima. De resto, quando assim não succeda, os meus vencimentos podem assegurar á fazenda publica rehavel-a em pouco tempo por meio de desconto.

N'esse mesmo dia impuz ao Munhi, regulo do Chai-Chai, a multa de 30 libras, em ouro, por elle se ter deixado ficar em Zeinacozí, e não acompanhar a sua guerra, dizendo-lhe que o não mandava fuzilar por elle ser ainda um rapaz.

Tambem a pedido de Cuió e Inguinza mandei soltar o irmão mais novo, Pissana, que parecia apatetado, impondo-lhe uma multa de 30 libras em ouro e 60 cabeças de gado bovino por não ter vindo pegar pé, ficando os dois irmãos por fiadores d'esta multa. Deixei escriptas as instrucções precisas para o secretario

do governo militar de Gaza, tenente graduado Couto, effectuar o mais depressa possivel a prisão de Mahazul, e logo que chegasse o alferes Raul Costa mudar o posto o mais breve possivel para Chibutze, principiar a construcção de um reducto, abrir a estrada até ao Chicome e juntar um deposito de lenha para as lanchas. O Ipsota quando se apresentar será remettido para Lourenço Marques. No dia 31 ás seis horas (a. m.) sai de Languene com o tenente Sanches de Miranda, 24 praças das mais doentes e os prisioneiros, ficando no posto o tenente graduado Couto, o facultativo dr. Amaral, 1 sargento, 1 corneteiro e 30 praças. Durante a viagem, um soldado de infantaria 2 dos que tinham ido a Chaimite, o n.º 224/2:740 da 3.ª companhia do 2.º batalhão, José da Purificação, quando pretendia encher de agua do rio a caldeira de ferro, caiu. Largou-se logo um bote e ainda vimos o homem a nadar, mas, quando a embarcação estava a uns 20 metros desapareceu, de certo agarrado por algum jacaré, pois a despeito de todos os esforços não foi possivel encontrar o cadaver.

Desde 31 de dezembro até 2 de janeiro estivemos na barra do Limpopo.

Com a prisão do Gungunhana desaparecem quaesquer probabilidades de uma rebellião séria ao sul do Save; Jambui e Chonguella são os unicos dois regulos fortes, e nenhum d'elles parece disposto a metter-se em tão arriscado empreendimento. Não significa isto que o paiz de Gaza esteja dominado e perfeitamente sujeito. Ainda não passei de Billene, não faço portanto idéa do que se tem passado entre os Macuacuas, e entre os M'chopes não avassalados em Inhambane. Mesmo no Billene são muitos os elementos de desordem. O chefe Inguinsa, irmão de Muzilla, que tem sido o indigena que tenho ouvido fallar com mais senso, instando por que eu prendesse e matasse o sobrinho Gungungana, accrescentava que depois de elle preso eu devia fazer povoação no Billene, e ficar ali com impi branca porque os mangoni nunca se haviam de deixar de matar e roubar senão depois de muito castigados. O testemunho é insuspeito por ser de um mangoni da mais pura raça, filho do proprio Manicussi.

Para que a pouco e pouco este districto, tão vasto e populoso, entre nas condições normaes de existencia, julgo indispensavel o seguinte:

1.º Manter por alguns annos o regimen excepcional a que o sujeita o respectivo decreto provincial;

2.º Organisar, remontar, equipar, armar e uniformisar quanto antes o corpo de policia;

3.º Desarmamento geral, recolhendo aos depositos do governo todas as armas de fogo, que estão na mão dos indigenas. Bom seria, que se fizesse o mesmo nas terras de Lourenço Marques até ao Incomati;

4.º Fazer o recenseamento das palhotas, a fim de que ainda este anno se cobre o imposto, que deve ser de 2\$500 réis (meia libra em ouro) por palhota;

5.º Decretar o imposto de oito dias de trabalho gratuito para cada individuo adulto em cada anno, para o governo;

6.º Abrir estradas do Chibutze a Chicome, a Marracuene, a Magude, ao Lipallula, ao Inguana, etc.; mencionei-as por ordem de urgencia relativa;

7.º Montar o serviço de correspondencia postal, pelo menos de quinze em quinze dias, entre Chibutze, Lourenço Marques e Inhambane. Este serviço será feito por indigenas á candinga. Mais tarde, completa a linha telegraphica até Chicome, é necessario ligar Chibutze com aquelle ponto e com Marracuene, ficando assim ligadas Inhambane com Lourenço Marques, com muito menos despeza do que a exigida por um cabo submarino.

D'estas medidas, muitas irei pondo em execução, porque não dependem de ordens superiores.

Para a segunda, terceira e quarta, é que careço de todo o auxilio do governo geral, e do da metropole. Espero que não me faltem, a bem do nosso prestigio n'esta provincia. O que me parece, entretanto, mais essencial, é que, com o districto de Gaza, o governo de Sua Majestade experimente seguir um systema inverso, ao que geralmente tem adoptado na creação de novos districtos nas provincias ultramarinas. Não convem, a meu ver, dotal-o, ou antes, sobrecarregal-o com o pessoal numeroso, mudar os nomes ás localidades, crear cidades e villas, que nunca

chegam a ter meia duzia de habitantes, e sobretudo decretar à priori uma infinidade de medidas e regulamentos quasi sempre inadequados, e portanto inexequiveis, mas que cerceiam a auctoridade e os meios de acção ao governador, e impedem que faça qualquer cousa pelo progresso do districto.

O systema a seguir, quanto a mim, baseia-se no estado social d'estes povos. Como todos sabem, não podem ser mais simples nem rudimentares as poucas instituições, que têm; por isso, uma legislação complexa e uma regulamentação minuciosa serão sempre inadéquadas aqui. Por agora parece-me se lhes deve deixar ter o systema de governo mais simples, o unico que elles conhecem e comprehendem; uma auctoridade unica a mandar sem peias de especie alguma.

Os principios liberaes, os direitos do cidadão, a completa separação dos poderes, ha muito quem pense que foram prematuramente applicados a Portugal; calcule-se o que seriam aqui. A pouco e pouco, tendo estudado estes povos, e tomado inteiro conhecimento das leis e regulamentos britannicos applicaveis aos nativos da Mashona, Matabeland, Natal, etc., irei propondo regulamentos muito simples, que deixem muita latitude e iniciativa a quem tenha de os executar. E se o governo de Sua Majestade não confia, talvez com jutissima razão, na minha intelligencia e conhecimentos para tão difficil encargo, peço que me mande substituir immediatamente por alguém que tenha esses dotes, mas que nunca a falta de confiança se manifeste applicando aqui leis e regulamentos, que cerceiem os meios de acção e auctoridade do governador, que d'isso precisa mais que de tudo na actual conjunctura.

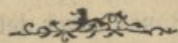
E se os resultados não corresponderem ás minhas esperanças, a responsabilidade será do governador, e só d'elle. Ha mil maneiras, inspecções, inqueritos, syndicancias, de lh'a tornar efectiva, a fim de o castigar, se houver delinquido. Não posso deixar de me referir aqui ainda ao imposto que proponho. S. ex.^a o commissario regio achava-o exagerado de certo, porque, não tendo visitado este paiz, não teve occasião de ver a quantidade de ouro (libras e meias libras inglezas e australianas) que andam espalhadas por cá. Tinha ainda s. ex.^a a preocupação de que,

era injustissimo exigir impostos a povos a quem nada fazia o governo (creio que s. ex.^a se referia a melhoramentos materiaes). Ora verem-se livres das delapidações, roubos e morticínios constantes do Gungunhana e seus sequazes, a troco de meia libra annual por palhota, é, como se usa dizer entre o povo *um ovo por um real*. Aqui todos os indigenas o pensam e m'ò têm dito.

Por ultimo não posso terminar este relatorio sem dizer que, se eu me metti na empreza de prender o Gungunhana com recursos tão escassos, foi sómente por me ver na absoluta necessidade de o fazer; mas os tres officiaes, que me acompanharam, deram uma prova evidente de muita subordinação e brio militar, partindo para ella sem a minima observação, nem signal de descontentamento, quando todos estavamos bem convencidos de que o exito era muito duvidoso, e que o menor contratempo teria como resultado o sacrificio das vidas de quantos europeus marchavam. Não menos provaram o seu zêlo e boa vontade na maneira como trabalharam para que tudo corresse bem, e na inalteravel alegria e constancia, com que supportaram a fadiga e incommodos, a que, mau grado meu, não os pude eximir. Por esse motivo não hesito em pedir para estes officiaes uma recompensa condigna das qualidades que revelaram.

Quanto ás praças, comportaram-se de uma fôrma que merece todos os elogios, mostrando ser dignos camaradas dos soldados, que tive occasião de apreciar na marcha sobre Manjacase e combate de Coollela.

Lourenço Marques, 16 de janeiro de 1896. — O governador, *J. Mousinho de Albuquerque*, capitão.



A prelazia de Moçambique no passado

(Continuação de pag. 178)

No meiado do seculo XVII Tete era o lugar de onde irradiavam os grandes caminhos commerciaes para o interior, e por isso o emporio onde vinha reunir-se todo o oiro e marfim das feiras distantes, e ao mesmo tempo o lugar onde se abasteciam todos os negociantes portuguezes, que alli traficavam, dos objectos indispensaveis á sua larga permuta, de que hoje resta uma tenue sombra, prestes a desfazer-se com a aragem do mais leve revez.

Partindo de Tete para o sudoeste, a trinta e cinco leguas, se encontrava proximo do curso do Mazoé a feira de Luanza, por onde passavam todas as caravanas commerciaes, que se dirigiam aos centros productores.

Era aqui a primeira estação onde os dominicanos possuíam uma igreja magnifica, como se póde vêr na *Historia de S. Domingos*, por Fr. Luiz de Cacegas, ampliada por Fr. Luiz de Sousa, que falando dos estabelecimentos portuguezes na Mucaranga, diz : « alem das tres igrejas ditas administram os nossos religiosos outras tres que são : Luanze, Massapa e Manica ».

A 13 leguas de distancia de Luanze, em linha recta e a pouco menos de 240 kilometros de Tete em direcção oeste-noroeste, ficava Bocuto, onde se fazia uma feira de alguma importancia, e onde tinham igreja os religiosos de S. Domingos.

Approximadamente a 10 leguas d'este ponto, proximo

de Mazoé, existia a celebre feitoria e ao mesmo tempo posto militar de Massapa, onde todos os portuguezes tinham privilegios especiaes, concedidos pelo Monomotapa.

Este mercado tinha como chefe um capitão portuguez; alli se levantou um templo de Nossa Senhora do Rosario, onde residia, pelo menos, um padre da ordem de S. Domingos. Segundo os srs. Capello e Ivens, Massapa devia demorar por 17° de latitude sul e 32° de longitude.

A oeste de Massapa existia o mercado do Fura, nas vertentes da montanha d'este nome, onde alguns collocaram a Ophir de Salomão; aqui nova missão dos dominicanos ministrava os soccorros espirituaes aos portuguezes e catechisava os indigenas, o que os missionarios nunca perderam de vista.

Um dos mais importantes mercados e residencia dos portuguezes no Monomotapa foi o Dambarare, abandonado em 1710, restaurado em 1769, para ser abandonado de novo; era um ponto bem fortificado com artilheria nas terras do Chingamira a seis dias do Zimbaoé do Monomotapa. Os padres de S. Domingos ahi tinham uma igreja da qual ainda ha pouco existiam as ruinas, bem como as de casas importantes. Esta terra teve fama de grande riqueza aurifera e a estação foi uma das mais importantes do interior.

A leste, e a pequena distancia, os mesmos padres levantaram outra igreja dedicada a S. Domingos na feira do Ougué, onde a população era importante e o commercio, ainda que uma e outro inferior a Dambarare. D'esta feira diz no seu *Tratado dos rios de Cuama*, Fr. Antonio da Conceição: «O Ougué dista do Dambarare para a parte do nascente tres dietas... só o capitão e o vigario viviam juntos».

«Esta feira de Ougué foi sempre de menos rendimentos e de menos moradores do que a de Dambarare; no mesmo anno de 1691 appareceu n'ella uma mina de ouro de muita importancia.»

A tres dias de Dambarare para oeste, segundo Fr. Antonio, tinhamos o rico mercado de Quitamburvisse, e n'esta região tinha havido outras feiras nos primeiros tempos da conquista; lá estava tambem uma igreja com o seu vigario.

« Entre Quitamburvisé, Dambarare e Ougué e nos seus territorios tinhamos outras feitorias ». — Fr. Antonio da Conceição, livro citado.

Nas terras vizinhas de Abútua, chamada a mãe do ouro, tiveram tambem missões os padres de S. Domingos, que foram naturalmente abandonadas no tempo das guerras do Chingamira.

No Zimbaoé do Monomotapa, talvez aquelle em que Silveira foi martyrisado, mais de um seculo antes, a missão alli fundada foi cedida pelos jesuítas aos dominicanos; é provavelmente este Zimbaoé por excellencia, onde vivia o Monomotapa, e que ainda hoje se vê nas cartas por 20º de latitude sul e 32º de longitude na margem direita do Save, a 300 kilometros a oeste de Sofala. Aqui residia um capitão portuguez e um vigario de S. Domingos, que era o capellão do Monomotapa.

Fr. Antonio da Conceição diz: « O vigario d'este presidio é religioso de S. Domingos ».

Que estes presidios e feiras contavam em geral mais que um padre, prova-o o facto de em 1695 só em Dambarare ter o Monomotapa, de combinação com o Chingamira, passado ao fio de espada, ou melhor, a golpes de zagaia, os portuguezes, e entre elles dois padres dominicanos que alli residiam.

Por occasião das discordias anteriores ás invasões e guerras do Chingamira, com as quaes os nossos estabelecimentos tanto soffreram, entre Mavusa ou D. Philippe e Capransine, em que o primeiro suplantou o segundo com o auxilio dos portuguezes, como se vê pelo tratado das capitulações de 1629, querendo o mesmo mostrar-se grato a tal auxilio, tiveram as missões dos dominicanos grande incremento; pois D. Philippe, mostrando-se generoso, quiz, segundo fr. Luiz de Cacegas, na *Historia de S. Domingos*, que « se levantá-se egreja na sua côrte », (o Zimbaoé, de que falámos acima?) « Vieram novos obreiros... Espalharam-se logo por vigarios n'aquellas feiras. Na de Luanze, já antiga, com uma formosa egreja... na de Massapa ou das Portas... na de Chipirivira, isto quanto ao reino de Mocaranga. »

Em Manica, além da feira e igreja de Massiqueça (Massiquece) que era a mais importante e de que já falámos, outras se crearam ahi por meados do seculo xvii, segundo a mesma *Historia de S. Domingos*. « No reino de Manica, onde já era antiga a christandade, se levantaram tres igrejas e parochias: na feira de Umba, na feira de Chipangura, na feira de Mатуca. »

Por este tempo era tão intensa nos paizes ao sul do Zambeze a influencia missionaria portugueza, que alguns parentes do Monomotapa pediram o habito de S. Domingos, foram mestres em theologia e morreram em Gôa, tendo desempenhado importantes logares na sua ordem.

Seguindo de Tete o curso do Zambeze, encontramos a igreja e casa conventual do Zumbo, onde em tempos relativamente modernos tão profundamente radicada ficou a memoria veneravel de Fr. Pedro.

Proximo das quedas de Quebrabassa, entre Tete e Zumbo, existiram outros estabelecimentos dos filhos de S. Domingos, e caminhando paralelo ao Zambeze muitos dias topava-se com Buruma e mais além Muzimo ou Mouse, onde esta benemerita ordem tanto se esforçou por implantar o nosso dominio, estabelecendo missões e igrejas.

Além das missões, sobretudo ao sul do Zambeze, largamente espalhadas pelo actual Machona, Chidima, Baniai, Macalaca, Abutua, Manica, Quiteve e Sofala, os dominicanos serviam tambem as missões de Mombaça, Melinde e Zanzibar, de que não falaremos, por estarem fóra do nosso plano.

Em Anniza e Querimb, duas ilhas do Cabo Delgado, tinham duas parochias e um convento, como se vê da *Historia de S. Domingos*, por Fr. Luiz: « O visitador dos rios chegou a Mosse, onde visitou o convento e as igrejas das ilhas de Querimba e Anniza. »

Além d'estas igrejas, que eram parochias, levantaram no continente e ilhas do Cabo Delgado algumas capellas, como em Mocimboa, onde ainda hoje é viva a tradição dos padres dominicanos.

Em frente de Moçambique tinham a igreja de Nossa

Senhora dos Remedios da Cabaceira Grande, que, depois de jazer por largo tempo em ruinas, se está restaurando actualmente, e talvez a de S. João Baptista da Cabaceira Pequena, onde actualmente só vivem mouros, se exceptuarmos o regedor, que, por não ser d'alli, é christão.

Em 1822, no tempo de Fr. Bartholomeu dos Martyres, bispo de S. Thomé e prelado de Moçambique, ainda os religiosos de S. Domingos curavam seis igrejas, reliquias das vastissimas missões d'esta prelazia.

Que decadencia, porém, tinha invadido tudo no espaço de pouco mais de um seculo!

Centenares de dominicanos entre os quaes citaremos os nomes de Jeronymo Lopes, João Fausto, João Madeira, João dos Santos, Jeronymo de Santo Agostinho, Manuel Pinto, Francisco da Trindade, Gaspar de Macedo, João do Couto, Luiz de Santo Thomaz, Francisco das Chagas, Simão de Santo Thomaz, João de Nossa Senhora, Diogo Correia, Estevam d'Assumpção, João dos Santos Thomaz, Luiz do Espirito Santo, João da Trindade, Manuel Sardinha, Aleixo dos Martyres, Manuel da Cruz, Aleixo do Rosario, Victorino de S. José Machado, Amaro José de Santo Thomaz, bispo de Pentacomia, morto em Teté em 1801, José Nicolau de Jesus Maria Pegado, e muitos outros, aqui illustraram a familia dominicana e trabalharam pela gloria da patria, que apesar do tempo e das vicissitudes da nossa má estrella, ainda hoje se percebe a sua influencia entre os indigenas.

* * *

Não eram, porém, os dominicanos os unicos missionarios que trilhavam os vastos sertões da Zambezia; ao seu lado outras ordens religiosas e padres seculares levaram a cruz do Redemptor com a influencia do nome portuguez aos invios recantos d'esses sertões.

Como já vimos, foram os jesuitas os primeiros que de um modo eficaz e methodico principiaram a evangelisação d'esta parte da Africa.

Depois da missão de Gonçalo da Silveira, novos jesuitas acompanharam as expedições de Francisco Barreto, entre elles e o celebre Monclaros, e bem depressa estabeleceram as suas egrejas do Zambeze, que vamos em pouco mencionar.

Em 1604 os jesuitas Francisco Gonzales e Paulo Aleixo seguem para o Monomotapa com a expedição que alli foi para tratar da exploração do oiro, e em 1620 o padre Julio Cesar volta ao Zimbaoé de Monomotapa, que n'essa epocha ficava a leste de Tete, a quinze dias de viagem e quasi no mesmo paralelo. D'esta situação se deduz que não era este o Zimbaoé, por antonomasia, ao sul de Manica, mas um dos muitos logares d'estas regiões, onde viveu algum dos imperadores; este missionario redigiu uma importante narração d'essa viagem, que chegou até nossos dias.

Poucos annos depois a missão do Zimbaoé é entregue aos dominicanos, que assim ficam servindo todas as egrejas dos sertões a noroeste de Sofala e ao sul do Zambeze, possuindo Muruma e Muzimo ao norte além das Anvuas, por onde faziam caminho para aquellas afastadas regiões.

Só em 1619 é que os jesuitas construíram a magnifica casa destinada a collegio em Moçambique, com o titulo de S. Francisco Xavier, e junto a ella uma espaçosa capella, que actualmente serve de sé e de parochia, tendo como padroeiro S. Paulo.

Governava pela segunda vez a conquista de Moçambique, Sofala, Rios de Cuama e Monomotapa, D. Nuno Alvares Pereira, que cedeu para a fundação d'esta casa, que era a mais importante dos jesuitas n'esta costa, o local da primeira fortaleza, que se levantou na ilha de Moçambique em 1507.

Proximo do collegio de S. Francisco Xavier levantaram os jesuitas uma outra casa que servia de hospedaria, e que mais tarde serviu de aposentadoria dos desembargadores que

vinham á correição; actualmente e depois de renovada serve esta casa de inspectoría da fazenda.

Este collegio era muito importante, pois logo em 1624, segundo as *Cartas annuaes*, residiam alli seis padres, numero que se deprehende augmentou nos annos seguintes.

Em 1763, pouco depois da expulsão dos padres da Companhia, installava-se n'esta casa a residencia dos governadores, que até essa data era na praça de S. Sebastião. Foi o que salvou a capella de S. Paulo; a não ser isto teria desaparecido, como todas as suas irmãs, debaixo dos golpes repetidos do camartello dos civilisadores da ultima metade do XIX seculo.

Nas bôccas do Zambeze tinham os padres da Companhia em 1624 duas egrejas parochiaes: uma no Luabo, sob a invocação de Nossa Senhora da Saude, que n'esse anno tinha como parochio o padre Luiz Alvares; e a outra era Santa Cruz, proximo a Quelimane, de que era parochio n'esse tempo o padre Miguel Rodrigues.

A parochia de Nossa Senhora do Livramento de Quelimane tambem pertencia aos jesuitas, mas não encontro a data da sua fundação, assim como não pude encontrar indicação segura sobre o ponto exacto da parochia e residencia de Santa Cruz.

Parece que esta residencia de Santa Cruz era muito importante, pois o padre Mauricio Thomann, que foi um dos padres que residiam em Marangué, descrevendo em uma biographia allemã todos os trabalhos que soffreu, elle e os companheiros, presos em Tete, na viagem até Quilimane, falando do menos rigor com que os tratou o commandante de Quelimane, que lhe concedeu que no dia de Todos os Santos celebrasse missa e dêsse a communhão aos companheiros, o que não tinha podido fazer desde o dia da prisão, diz que os enviou para a sua residencia (d'elles) «où il y avait déjà sept autres jésuites» onde já estavam sete jesuitas, naturalmente provenientes das estações visinhas; a não se preferir suppôr que eram os de Sena, o que não diz.

Seguindo o curso do Zambeze possuíam em Sena os pa-

dres da Companhia uma residencia importante a que o padre Mauricio Thomann chama casa mãe da missão do Zambeze, talvez por ser mais antiga do que a de Moçambique.

As *Cartas annuaes* da Companhia, referidas a 1624 dizem que alli residiam nove padres, onde tinham a igreja do Salvador com casa muito importante.

Um pouco a juzante no prazo de Caia, com uma população ainda hoje importante, estava a cargo dos mesmos padres a igreja parochial de Nossa Senhora da Saude, uma das igrejas que mais tempo resistiu á derrocada e ao desleixo, que tudo acabou emfim.

Seguindo ainda o rio a sete leguas a montante de Sena possuíam os jesuitas uma missão no Chemba, prazo doado a esta ordem pela corôa, para de alli tirarem os padres os meios de subsistencia.

O padre Manuel Mendoza em 1624 tinha percorrido mais de cem aldeias indígenas para as catechisar e administrar os sacramentos; instruiu mais de quarenta creanças, que cantavam a doutrina christã em lingua cafre. Nada menos que dois cathecismos foram por esta epocha confeccionados em lingua cafre, para uso dos pretos; desappareceram como tudo o mais, creio que hoje se não conhece nenhum exemplar.

Proximo de Sena tinham ainda os jesuitas algumas missões, pois se diz nas *Cartas annuaes*, que um outro padre servia duas igrejas a distancia de 5 leguas uma da outra.

Passada a Lupata, a meio caminho entre Massangano e Tete, na margem direita do Zambeze e Aruanha ainda hoje se podem observar as ruinas de uma casa e igreja. Era a parochia de Nossa Senhora da Assumpção do Marangué. A imagem da padroeira ainda existe na sacristia da igreja de Tete, segundo affirma o padre Courtois no seu livro *Notes chronologiques*, já citado, e durante muito tempo alli foram em piedosa peregrinação os povos de Marangué visitar a sua antiga padroeira.

Parece que este prazo tambem tem sido doado á Companhia para o agricultar e viver do seu rendimento, além do Luabo e Chemba. Segundo Fr. Antonio da Conceição,

esta parochia de Marangué regulava em importancia pela de Caia: « Marangué dista do fim da Lupata 15 leguas, onde está uma freguezia dos religiosos da Companhia de Jesus quasi do lote da de Caia.»

Em Tete os padres da Companhia levantaram o collegio do Espirito Santo, onde residiam sempre em numero importante, e era de alli que destacavam pessoal missionario para Marangué e Chibura, onde tinham mais que uma missão.

Parece que reinou sempre boa harmonia entre estes padres e os dominicanos, que eram os parochos e vigarios da vara em Tete, pois é commum encontrar nos archivos da egreja parochial de S. Thiago Maior baptismos celebrados pelos jesuitas, por delegação do respectivo parochos, que era sempre dominicano. Ainda em 1756 e 1757 encontramos os padres José Antonio, superior da casa do Espirito Santo, e João Baptista, superior de Marangué, baptizando por delegação dos padres dominicanos Fr. Thomaz da Esperança e Fr. Placido Atilão.

Entre os padres jesuitas, que com tanto entusiasmo e dedicação missionaram no valle do Zambeze, é celebre o padre Luiz Marianno pela precisa descripção e noticia que nos dá das terras dos povos Maraves ao nordeste de Tete, na sua carta de 1624, em que fala do lago Hemozura ou Maravi, que evidentemente é o Niassa, e do rio Chiriu, que é o Chire; por onde se vê que mais de duzentos annos antes de Livingstone, os portuguezes tinham percorrido essas regiões, navegando os seus rios e explorando os seus lagos: « Este lago (Niassa) é muito povoado, e nós (os portuguezes) fazemos grande trafico com os habitantes. » São palavras do padre Marianno.

Emfim, em 1759, em virtude da ordem de expulsão de todos os membros da Companhia de Jesus de Portugal e suas colonias, foram presos todos os jesuitas da Zambesia e de Moçambique e tratados com um rigor que não abona muito o espirito de gratidão, a que tinham jus pelos seus excellentes trabalhos no Zambeze.

Aqui, sobre o terreno onde elles trabalharam, e vendo a

miseria que surgiu triumphante quando elles cahiam vencidos, póde bem affirmar-se que a religião, o progresso e o nome portuguez nada lucraram com similhante medida, mas antes perderam muito a todos os respeitos.

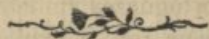
Por falta de livros não pude encontrar a que cifra ascendia o numero de jesuitas na epocha da expulsão, mas não será demasiado calcular em mais de trinta presbyteros afóra os irmãos leigos, se considerarmos as parochias e missões que estavam a seu cargo.

São bem dignos de menção entre dezenas os nomes dos padres Gonçalo da Silveira, Antonio Carneiro, Luiz Marianno, Pinheiro de Faria, Pedro da Trindade e muitos outros que omittimos.

Foram os dominicanos que em geral receberam as parochias de mais movimento deixadas vagas pela sahida dos jesuitas começando, porém, o pessoal a faltar a esta ordem, em pouco tempo essas parochias cahiram em ruinas e de algumas nem vestigios nos restam, o que aliás é bem natural em uma terra onde tudo se apaga rapidamente.

BISPO DE HIMERIA.

(*Continúa*).



A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa

(Continuação de pag. 192)

Não nos obrigueis a dizer o nome que deve dar-se á compaixão dos vossos grandes senhores pelos nossos subditos italianos.

Eis o que Pio IX e os seus ministros podiam responder aos conselhos ingenuos ou ás hypocritas condolencias que lhe apresentavam. Os diplomatas da Russia, os da Austria e mais alguns parece que nem sempre foram illudidos, nem cúmplices dos revolucionários cosmopolitas, que trabalhavam na Italia por conta das sociedades secretas; conheceram por vezes o segredo dos seus projectos, e desmascararam-n'os. É que as calumnias tambem eram demasiado visiveis e ruidosas. Os homens imparciaes, os viajantes sinceros, ficavam estupefactos quando comparavam a realidade com as fabulas impudentemente espalhadas em todo o mundo: «Não nos refazemos da surpresa, do espanto e da indignação, escrevia um d'elles em 1858, quando, percorrendo a metropole do mundo catholico, lemos as descaradas mentiras que a seu respeito se publicam.»

Cremos que o leitor não lerá sem interesse, ácerca d'estas questões, uma conversação do imperador Napoleão III com o bispo de Poitiers; é extrahida de uma carta d'esse prelado a um dos seus amigos, em data de 6 de maio de 1856:

«Vi o imperador, escreve Mgr. Pio a Dom Guéranger.

Eu ignoravá ainda o protocollo de 8 de abril; neste ponto fui bem inspirado. Perguntou-me como iam as cousas em Roma e na Italia. Respondi-lhe que o povo romano era o mais feliz de toda a Europa, que comia bom pão e boa carne, o que não succedia na Belgica, nem na Inglaterra, nem muitas vezes na França; que pagava poucos impostos; que tinha liberdades tanto mais praticas quanto não estavam escriptas nas constituições; finalmente, que esse paiz podia dispensar desde já a occupação estrangeira, se a Europa quizesse deixar de o *occupar* por outra forma com a sua imprensa demagogica.

«Verdadeiramente fallando, disse-lhe eu, as bayonetas estrangeiras só lá são necessarias em consequencia das provocações revolucionarias que partem do estrangeiro. Não sobrecarreguemos Roma e a Italia com más doutrinas, e não precisaremos de fazer uma intervenção armada. Até então, o nosso concurso pela força armada será um acto de justiça e de expiação das proprias faltas.

«Ha muito que dizer a esse respeito, — respondeu o imperador.

«É verdade, Sire; mas posso assegurar-vos que só haverá revolução na Italia em consequencia do espirito revolucionario dos grandes Estados. Quanto á revolução indigena, é muito limitada nos seus meios de acção. Em toda a extensão das Romagnas não se encontrariam os seis mil homens que, ha meio anno, aqui mesmo em França, por pouco não incendiaram a cidade de Angers e assassinaram os seus habitantes...»

Dois annos mais tarde, depois da publicação do deploravel folheto *Napoléon III et l'Italie*, o mesmo personagem teve occasião, n'uma audiencia, de voltar ao mesmo assumpto. Napoleão fallava ao bispo dos pretendidos abusos do governo pontificio, que não acceitava as idéas modernas... O prelado, respeitoso, mas indignado, não podia conter-se; e como o imperador lhe dissera que fallasse, porque desejava conhecer todo o seu pensamento, replicou:

«Uma vez que Vossa Majestade se digna ouvir o que

eu penso, ha de permittir-me que me espante do escrupulo que lhe causa o receio de o fazerem passar por ter consagrado abusos com a presença do nosso exercito de occupação em Roma. Certo não ignora que se praticam abusos em toda a parte, e qual será o governo, Sire, que possa gabar-se de ser estranho a elles? Mas ousou affirmar que em parte nenhuma são menos numerosos que na cidade e nos Estados governados pelo Papa. Pelo contrario, queira Vossa Majestade lembrar-se de Constantinopla e da Turquia; compare, e permitta-me que lhe pergunte o que lá foi fazer a nossa gloriosa expedição da Criméa. Não seria ahi, mais que em Roma, que a França foi manter abusos?»

Os olhos do imperador, ordinariamente fechados, levantaram-se por um instante para o seu audacioso interlocutor. Este continuou:

«Ah! Sire, quando nos lembramos de que, durante onze seculos, a politica da Europa foi combater o Turco, como não ha de sentir-se algum espanto vendo o soberano de um paiz catholico ser o apoio do poder ottomano, e ir, á custa de enormes despezas, assegurar a sua independencia! Ora, não tenho eu razão para dizer que isso é que é manter abusos? Porque, afinal, a quem é que nós protegemos? Ha em Constantinopla um homem, ou, melhor, um ser que não quero qualificar, que come n'uma gamella de ouro duzentos milhões tirados ao suor de christãos. Come-os com as suas oitocentas mulheres legitimas, trinta e seis sultanas e setecentas e cincoenta mulheres de harem, sem contar os favoritos, os genros e suas mulheres. E foi para perpetuar e consolidar semelhante estado de cousas que nós fomos ao Oriente! Foi para assegurar a integridade de tudo isso que nós gastámos dois biliões, 68 officiaes superiores, 350 jovens que eram a flor das nossas mais illustres familias e 200:000 francezes. Podemos depois d'isso fallar dos abusos da Roma papal! Desculpe-me, Sire; mas a esse Turco não só dissemos: Continúa a revolver-te, como até hoje, n'essa lama secular; garanto-te os teus gosos e não consentirei que alguem toque no teu imperio. Mas accrescentámos: Gran Sultão, até hoje, o sobe-

rano de Roma, o Papa tinha presidido aos conselhos da Europa. Pois bem: vamos ter um conselho europeu, ao qual não pertencerá o papa, mas de que tu has de fazer parte!

« Na verdade, Sire, não foi isso o que se fez? E depois de taes tolerancias, para não mencionar outras, haverá o direito de allegar escrupulos a proposito dos abusos de um governo, que é, com certeza, o mais suave, o mais paternal e o mais economico dos governos da Europa? »

O imperador, vendo a animação do bispo, approximára-se d'elle pouco e pouco. Escutava com avidéz, passando a mão pela fronte. Depois, mudando de assumpto, disse:

« Mas não lhe parece, Monsenhor, que tenho dado sufficientes provas de boa vontade a favor da religião? Não lhe parece que a propria Restauração não fez mais que eu?... »

Temos de interromper a citação, apesar do seu grande interesse, porque nos levaria para muito longe do nosso assumpto. O leitor curioso de conhecer por completo essas phrases corajosas, eloquentes e vibrantes de emoção, encontra-as-ha na bella *Vida do Cardial Pio*, publicada em 1886. ¹⁾

O que ahí fica é o bastante para se esclarecer a questão que nos occupa. Poderíamos ainda entrar nos pormenores das reformas pedidas, fazer um minucioso trabalho retrospectivo, refutar uma por uma as accusações mais ou menos fundadas, as objecções mais ou menos especiosas ácerca da occupação, da liberdade, etc. Mas para quê? Tudo isso está julgado e definitivamente julgado. Não cahiram as calumnias com as pessoas que as produziram, com os motivos que as dictaram? Não sabem todos os homens verdadeiramente serios o que hão de julgar a tal respeito? Não sabem porventura que, se havia lá como em toda a parte factos lamentaveis, elles foram, como dissemos, desmedidamente avolumados, multiplicados pela necessidade da causa que se queria fazer prevalecer, e que, finalmente, as reformas necessarias com as mudanças dos tempos e com as necessidades novas podiam realisar-se sem ruido? Não sabem, n'uma

¹⁾ *Vie du Cardinal Pie*, par Mgr. Baunard, t. I, pag. 592, 665 e seg.

palavra, que se no mundo havia pobres miseraveis esmagados por um governo desapiedado não eram os subditos do Papa? Sabem tudo isso ha muito tempo, e cremos que muitos estão dispostos a concluir, como nós, que, se foi em consequencia de uma rara perversidade que se quiz fazer crer ao universo, que esses Pastores supremos das almas eram para o Estado que temporalmente governavam odiosos tyranos retrogrados e ferozes, é tambem o cumulo da estupidez humana chegar a acreditar isso em massa, tratando-se de um povo que vivia á nossa vista, sob um regimen paternal, sem estar sujeito aos pesados encargos do militarismo e dos impostos excessivos, sem conhecer a chaga do pauperismo e as miserias que roem a maior parte das nações contemporaneas.

Podemos nós pensar que haja nas explicações que ahi ficam com que esclarecer as multidões e trazê-la a idéas mais sãs? Ah! A má fé, o odio ao bem, as paixões perfidas e cruéis tudo minaram de tal forma e ha tanto tempo; semearam tantas calumnias e falsos principios; acharam quasi em toda a parte para cúmplices tanta leviandade e tanta ignorancia, mesmo em pessoas aliás instruidas, — que não podemos illudir-nos. Com certeza é necessario que passem algumas gerações; durante 50 annos ha de haver ainda muito quem repita que o Piemonte tomou os Estados do Papa, porque evidentemente o Papa não sabia governar os seus vassallos, porque não queria reconciliar-se com as idéas modernas, etc. ... Mas ficará assente para os homens esclarecidos, e como verdade adquirida para a historia, que o odio á religião foi mais uma vez o motivo principal da espoliação do Papa e da destruição do seu poder temporal.

(Continúa).

P. G., advogado.



BIBLIOGRAPHIA

Fontes do Direito ecclesiastico portuguez — I.

— SUMMA DO BULLARIO PORTUGUEZ, — *por Joaquim dos Santos Abranches.* ¹⁾ — Temos presente este magnifico trabalho do sr. conego Santos Abranches, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario d'esta cidade. É um livro de valor, interessantissimo para todos os que prezam a boa erudição, indispensavel a todos os que se entregam ao estudo do direito ecclesiastico portuguez e da historia nacional.

O sr. conego Abranches, com uma admiravel perseverança no trabalho e com uma paciencia beneditina, apresenta no seu livro a summula de 2:407 documentos pontificios relativos a Portugal, muitos d'elles ineditos e alguns quasi desconhecidos.

Para melhor se avaliar a importancia e o interesse do livro, vejamos as materias de que tratam os documentos colligidos:

1.º A intervenção dos Papas nos negocios de Portugal. — 2.º A introducção do Direito das Decretaes em Portugal e seu influxo na legislação portugueza. — 3.º Contendas sobre a primazia de Braga e Compostella. Luctas da diocese de Coimbra com a da Guarda e com o mosteiro de Santa Cruz. — 4.º Ordens militares e religiosas. — 5.º A Universidade de Coimbra e Evora. 6.º O direito de padroado e a creação dos bispados. — 7.º O

¹⁾ Coimbra, 1896. F. França Amado, editor. 1 vol. in-8.º grande, de LVII-454 pag. — 1\$000 reis.

concilio de Trento. — 8.º A inquisição. — 9.º Faculdades concedidas aos reis de Portugal. — 10.º Os Cabidos. — 11.º Missões catholicas e cruzada contra os mouros e infieis. — 12.º Defeza dos bons costumes, pensões e faculdades concedidas a principes; creação de hospitaes, etc. — 13.º Subsídios para a geographia antiga de Portugal; varias curiosidades, etc.

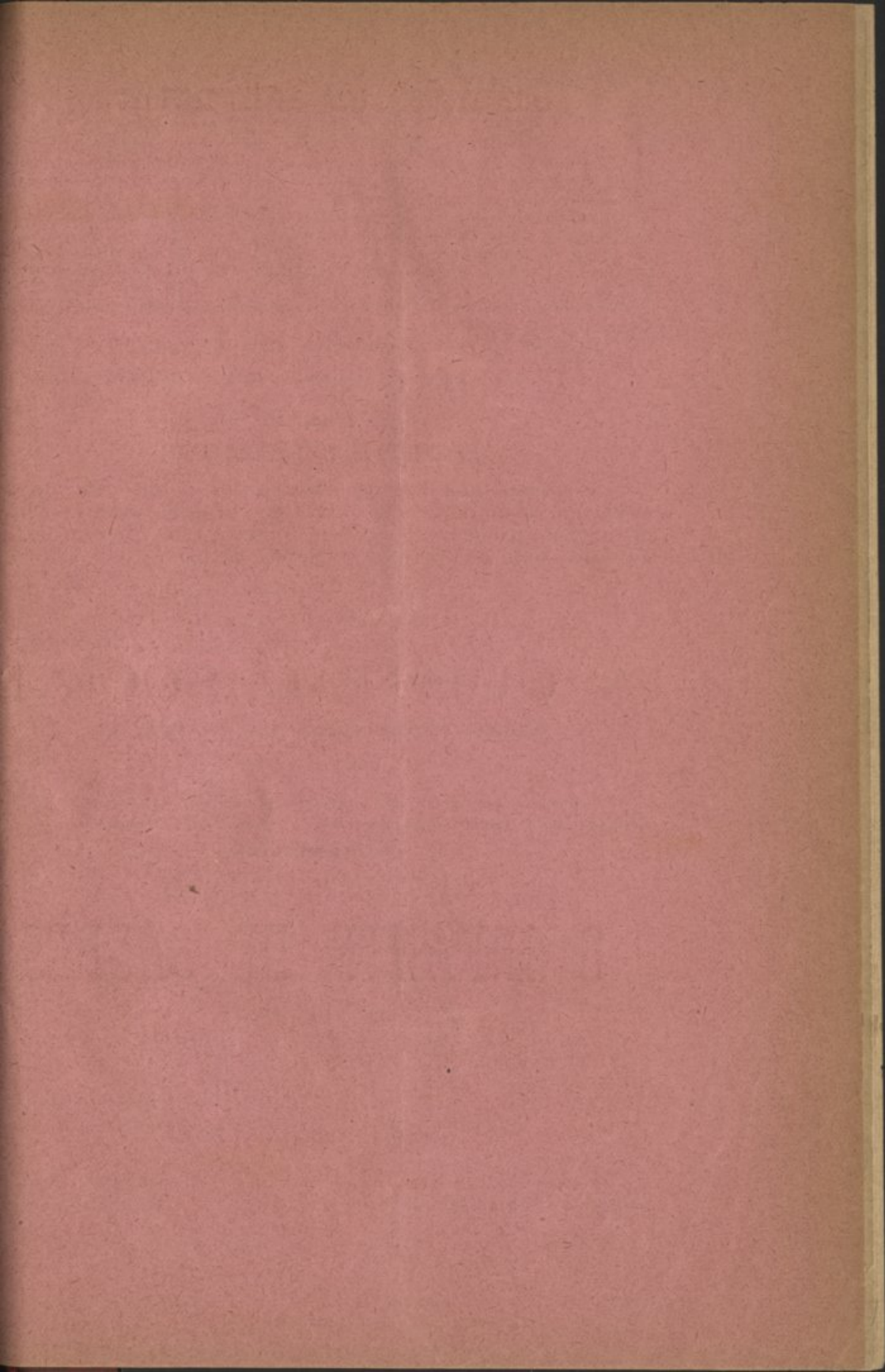
A proposito da Universidade de Coimbra, cujo desenvolvimento e esplendor estão ligados á munificencia dos Pontifices Romanos, escreve o sr. conego Abranches:

... «Seria na verdade um trabalho interessante, debaixo de muitos pontos de vista, se se constituisse o *Bullario* da Universidade, colligindo n'um volume todos os documentos da Santa Sé relativos a este estabelecimento de ensino, que tem uma tão gloriosa historia. Alguns subsidios para essa obra poderá subministrar o nosso trabalho. Não são muitas as Bullas aqui indicadas, sobre este assumpto, mas não quizemos deixar de nos referir d'um modo especial a ellas. São os n.ºs 208, 210, 365, 841, 846, 853, 858, 897, 898, 927, 963, 1103, 1545, 2010, 2252, 2270, 2306, 2390.» ¹⁾

Comprando este livro, os nossos leitores fazem uma boa aquisição.



¹⁾ «Pela analogia que tem com as attribuições da universidade, são tambem dignos de ler-se os n.ºs 538, 685, 877, 2401. A Bulla n.º 906 tambem mostra a protecção pontificia dispensada ás letras.»



Condições da assignatura

A *Revista Contemporanea* publicar-se-ha mensalmente, abrangendo cada numero 32 paginas in-8.º grande. O numero de paginas pode ser maior quando assim o exija o desenvolvimento de assumptos especiaes.

Cada numero da *Revista Contemporanea* tractará sempre de assumptos variados como questões sociaes, scientificas, historicas, etc.

Apparecerá no primeiro dia de cada mez, e o preço da assignatura é de 1\$600 réis annuaes, que devem ser pagos respectivamente antes da publicação do numero 4 de cada anno.

No fim de cada anno receberão os srs. assignantes o frontespicio e indice do volume respectivo da *Revista*.

Continuam a receber-se assignaturas desde o primeiro numero da *Revista Contemporanea*.

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a José Marques Rito e Cunha, Collegio Novo. — Coimbra.

EXPEDIENTE

Rogamos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem a importancia das suas assignaturas, podendo deduzir do preço respectivo a quantia que tiverem de pagar pelo vale do correio ou registo de carta.

FORTUNATO DE ALMEIDA

A QUESTÃO SOCIAL

Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Affonso Costa

PREÇO 200 REIS

Á venda em todas as livrarias. Remette-se pelo correio a quem enviar 220 réis á administração da *Revista Contemporanea*, — Collegio Novo, Coimbra.

FORTUNATO DE ALMEIDA

O INFANTE DE SAGRES

Obra premiada

*no concurso de memorias sobre o infante D. Henrique,
por occasião do quinto centenario
do seu nascimento*

1 volume de XLIII-371 pag., 600 réis

A venda na Livraria Portuense de Lopes & C.ª, editores, rua do Almada, 119
— 123, Porto, e em todas as livrarias.

Anno II

MAIO E JUNHO DE 1896

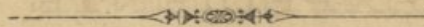
N.º 8 e 9



REVISTA CONTEMPORANEA

DE

QUESTÕES RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,
HISTORICAS E SOCIAES



DIRECTOR

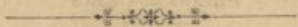
Fortunato de Almeida

QUINTANNISTA DE DIREITO

ADMINISTRADOR

José Marques Rito e Cunha

BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA



SUMMARIO

- I — A descoberta da America (Carta ao barão de Danvers), por Luciano Cordeiro.
- II — A prelazia de Moçambique no passado, (conclusão) pelo Bispo de Himeria.
- III — Africa portugueza (Portos, emporios do futuro, estradas commerciaes, caminhos de ferro), (para continuar), por Ernesto de Vasconcellos.
- IV — A Igreja catholica e a escravatura (continuação), por F. A.
- V — A prelazia de Moçambique no presente (para continuar), pelo Bispo de Himeria.
- VI — Cardeal Jacobini.
- VII — A rehabilitação da mulher, pelo Abbade M. F. Martin.

A DESCOBERTA DA AMERICA

(CARTA AO BARÃO DE DANVERS)

—◆—
Meu caro Barão:

Já um amigo anonymo me enviara de Londres a noticia da conferencia do snr. Oldham sobre a *pre-Columbian discovery of America*, quando recebi a sua amavel remessa do *Times* ¹⁾ em que essa interessante conferencia vem largamente extractada.

Evidentemente, o snr. Oldham está longe de ter produzido, — e até *de poder* produzir, — sobre o assumpto um destes trabalhos que os seus compatriotas classificam, expressivamente, de exhaustivos.

Não admira. Ha mesmo na sua communicação referencias que são verdadeiros equívocos, como, por exemplo, quando traduz do Mappa chamado de Andrea Bianco, por: — *Genuine island*, — a indicação da tradicional: Ilha Antilia (*Island Antilia*). ²⁾

Mas é tambem evidente que o illustre professor se aproxima muito do verdadeiro e pouco seguido caminho que póde conduzir, — e no meu entender conduz necessariamente, — a resolver séria e seguramente a questão, verificando a lenda

¹⁾ *The Times*, nov. 20, — 1894, ju. 12: — *Whodiscovered America*.

²⁾ O snr. Oldham lê — *isola otinticha*, — interpretando: « ilha authentica ».

de Colombo ou a presumpção da descoberta pré-colombiana, como estas cousas devem ser estudadas e resolvidas hoje.

Esse caminho é realmente o do estudo e o da critica conscienciosa, minuciosa e serena do movimento das explorações maritimas iniciadas pelos portuguezes, não apenas, como se costuma pensar e dizer, sob a direcção do grande Infante Dom Henrique, mas desde que Portugal começou a constituir uma nação e um estado historicamente distincto, ao longo da costa occidental mais avançada da Europa.

Colombo fez-se neste meio. Se nasceu na Italia e morreu ao serviço da Hespanha, foi em Portugal que se fez *homem* e foi seguramente por isso e aqui que se fez navegante e descobridor. É um facto irrecusavel, certo.

Ora escusado será dizer que o movimento alludido tem de ser considerado não como um facto esporadico, como o producto de um plano ou de um capricho individual: — tal concepção é radicalmente absurda, — mas como intima e fatalmente relacionado com a formação da nossa nacionalidade sob todos os varios aspectos e elementos concorrentes d'essa formação: — geographicos, ethnicos e politicos.

Assim é que se faz a Historia.

A lenda geral tão explorada pelos politicos e escriptores hespanhoes de que nós somos apenas um termo politicamente desagregado d'esta simples expressão geographica: a Hespanha, tem contribuido para as mais desastrosas illusões e para os mais extraordinarios erros, entre os quaes os que andam vulgarizados a respeito da nossa singular expansão maritima e colonial, aliás bem diversa da dos nossos visinhos.

Assim é que não se tem considerado tambem que duas correntes diversas caracterisam, desde o começo, os nossos descobrimentos: — uma para o Oeste, para os desconhecidos horisontes e mares que se alongam e nos attrahem em face da nossa extensa costa occidental; — outra para o sul, ao longo da costa africana, definindo-se, um dia, na procura das terras orientaes da velha tradição erudita.

O snr. Oldham parece ter tido o presentimento d'este facto extremamente simples mas capital, que espero acabará

por impôr-se a quantos estudarem sincera e sériamente estas cousas.

Desde que a primeira daquellas correntes, já bastante *sangrada* pela segunda, attinge ou descobre os Açores, — a meio caminho do Novo Mundo, — póde dizer-se que a descoberta da America está tão assegurada, como fica a da India, desde que a segunda corrente, continuada por Bartholomeu Dias, monta o Cabo da Boa Esperança.

E note o meu amigo este facto que é quasi uma contra-prova já. Assim como logo depois de Diogo Cão plantar o seu ultimo padrão em *Cross cape*, onde eu dissera que elle chegara em 1485 e onde os allemães acabam de encontral-o, Bartholomeu Dias passa ávante e Vasco da Gama entra no Mar da India; — tambem desde que descobrem e povoam os Açores, os portuguezes lançam-se para a frente na pesquisa de novas terras occidentaes, solicitam, com toda a segurança, a concessão antecipada dellas, e longe de alimentar illusões de que seja navegando para o occidente que acertarão com o caminho do Éste, contam, pelo contrario, com regiões inteiramente desconhecidas e novas. Quando muito, e alguns apenas, sonham com a vaga tradição da *Antilia*. O *Preste João* é que nenhum procura, d'aquelle lado.

Esse absurdo só absorve a imaginação mystica e a geographia theorica de Colombo.

Se foi esse absurdo que o lançou aos mares, foi a corrente antiga e genuinamente portugueza das navegações e descobrimentos para o occidente que o levou a encontrar o contrario do que elle imaginava, o que os portuguezes affirmavam existir, o que, exactamente mezes antes de elle sahir de Hespanha, Dom João II mandava descobrir por dois homens dos Açores: Pedro de Barcellos e João Fernandes *Lavrador*.

Ah, a lenda colombiana tem sido bem injusta para com aquelle grande Rei por elle não ter accite o absurdo de desviar os seus navegadores habeis e praticos do caminho que perfeitamente sabia que nos conduziria á India, para o

do occidente, por onde elle mandava procurar, não o Cy-pango, como queria Colombo, mas bem diversas regiões que o Lavrador, os Corte-Reaes, e mais tarde os Fagundes e Cabral haviam de inscrever nos mappas!

Mas o que se quer, ou o que se diz não haver em valor e numero sufficiente é: factos e documentos.

Sei. Não é sómente com elles que se faz a Historia, é com alguma cousa que os illumine, que os explique, rasoavelmente, e porventura é essa *alguma cousa* mais, que tem faltado a certos fanaticos da exclusiva gloria de Colombo e que tem feito até que elles não vejam e não contem muitos factos e documentos soffriavelmente illustrativos.

Indica alguns o snr. Oldham.

Esses e outros indiquei já na minha monographia de 1876, ¹⁾ depois da qual só tenho tido motivos de revigorar a minha convicção da descoberta portugueza da America, e, o que é curioso, até com argumentos dos proprios que pensam contrariar a idéa d'essa descoberta.

As explorações dos Corte-Reaes são geralmente conhecidas hoje, e embora se tenha entendido que em relação a ellas só possa considerar-se segura uma chronologia posterior á primeira viagem de Colombo, é certo que não tem podido annullar-se a terminante affirmacão de um documento official de principios de 1500, quando diz que já antes haviam andado elles n'aquellas explorações.

Ainda ultimamente se encontrou documento absolutamente insuspeito que denuncia terem sido enviados dois navegantes, dos Açores, em 1491 ou principios de 1492, a descobrir novas terras, chamando se um delles João Fernandes Lavrador. Este nome patronymico, que existe ainda em Portugal, coincide com indicações antigas e precisas ácerca da descoberta e denominação da Terra do Lavrador. Um sabio anglo americano, o Snr. Patterson, publicou ha poucos annos uma importante memoria, em que por exame e obser-

¹⁾ De la découverte de l'Amerique.

vação minuciosa e directa estabeleceu a descoberta portugueza da America do Norte, em relação á qual subsistem numerosas denominações dos descobridores portuguezes.

O proprio Colombo, — e o snr. Oldham tambem cita este facto, — explicava na sua terceira viagem uma variante de rumo, dizendo querer verificar se tinha razão o Rei João de Portugal quando dissera que para o sul se encontrava a terra dos Papagaios, isto é, a America do Sul.

É luminosa a phrase, observa o snr. Oldham. Sempre a considerei assim. É ou vale um excellente documento.

O Rei João só podia ter dito aquillo a Colombo, quando este o importunava com a desastrada idéa de descobrir a India pelo occidente, ou quando regressara da sua tão diversa descoberta, e, em qualquer dos casos, a phrase mostrava que o Rei tinha já noticia das terras americanas. Dom João morreu em 1495.

Mas está assente que nada d'isto baste. Como o *Times* registra, embora a assembleia de Saville Row prestasse o maior credito e a mais amavel attenção ás investigações do snr. Oldham, « o consenso geral da opinião » foi que o caso da descoberta pre-colombiana e portugueza da America não estava provado. Sabemos bem o que é, em ultima analyse este consenso da opinião, todos nós, os que trabalhando seriamente n'estas cousas, a cada momento temos de arcar com os preconceitos e erros que esse consenso consagrou. E com muita rasão vae o *Times* dizendo maliciosamente que é bem certo prevalecer uma grande ignorancia sobre quanto os portuguezes fizeram no passado.

Mas acceitemos as cousas como ellas são, e saibamos esperar, trabalhando sempre por desagrarar e fazer triumphar a verdade, de uma maneira que se imponha irresistivelmente a todos. O que pode dar-nos, o que nos dá muitas vezes a certeza, a convicção intima, segura, indeclinavel de uma verdade, — como por exemplo, o da *pre-Columbian discovery of America*, para o snr. Oldham, para mim, para alguns estudiosos mais, — pode não bastar, e pode até não

poder reduzir-se desde logo a uma forma perfeitamente clara, positiva, irresistível para o « geral consenso » que consagrou e perpetuou um erro ou uma noção incompleta e inexacta. Á força, porém, de paciência e de trabalho, ás vezes até por um perfeito acaso, salta inesperadamente da grande massa das cousas ignoradas, uma scentelha que dissolve inteiramente esse despotico consenso. Precisamente, no caso sujeito, elle póde dizer-se já bastante abalado, e creio mesmo que o snr. Oldham, se não se deixar intimidar por elle, acabará em breve por tel-o do seu lado.

Seu amigo obrigado

LUCIANO CORDEIRO.

A prelazia de Moçambique no passado

(Continuação de pag. 225)

Além dos padres de S. Domingos e de S.^{to} Ignacio, também evangelisaram no valle do Zambeze os augustinianos, que tiveram uma casa em Sena com sua egreja.

Fr. Antonio da Conceição, que em 1696 escreveu o *Tra-tado dos rios de Cuama*, pertencia a esta ordem.

Diz a historia que percorreu territorios ainda não explorados e que fundou a egreja de Borães, no districto de Zim-baoé e tentou, sem resultado satisfactorio, fundar em Sena um seminario para os filhos dos portuguezes e dos regulos da região; nobres esforços, mas estereis, porque íam contra as leis da climatologia, que são irreductiveis; hoje não tentaria similhante empreza.

Além dos membros das ordens religiosas havia na prelazia mais ou menos clero secular, que juntava os seus esforços aos dos padres regulares. As terras de Barué, ao oeste de Sena, receberam desde 1695 clero secular nas suas missões.

Assim, em 1696, falando da côrte de Barué, Fr. Antonio da Conceição diz que «n'ella assiste por vigario o padre Gonçalo Soares, clerigo do habito de Sam Pedro (secular).

Os reis de Barué, durante muito tempo, não podiam entrar no dominio do seu principado sem que fôsem primeiro baptisados, e ainda nos principios d'este seculo, quando já não havia padres para os baptisar, para a cerimonia da corôação, era o capitão-mór do Sena que simulava o baptismo, lançando agua na cabeça do eleito, segundo leio em uma nota

lançada por mão desconhecida n'um velho alfarrábio, que possuo.

Na cidade de Moçambique estavam também representados os padres de S. João de Deus, que tiveram a seu cuidado o hospital, recebendo por esse trabalho uma pensão da fazenda real; era por isso o instituto mais rico da provincia. D'aqui parece deduzir-se que os outros padres não recebiam da fazenda qualquer importancia em dinheiro, mas simplesmente terrenos para agricultural; o que dava em resultado que as missões, além de extremamente economicas, promoviam a riqueza publica por meio da cultura. Xavier Botelho diz no seu livro *Memoria estatistica*, que «póde affirmar-se sem medo de errar, que só os jesuitas haviam alli (no valle do Zambeze) sesmarias pingues e bem grangeadas. Na Africa Oriental as que possuíam esta Congregação e os religiosos de S. Domingos eram as unicas que prosperavam e floresciaam».

Em 1859, segundo o *Almanack de Moçambique*, a igreja de S. João de Deus estava transformada em pharmacia e sobre o altar-mór assentava o fogão destinado á preparação das tizanas. Foi demolida esta igreja em 1877 ou 1878.

Bem proximo assentava a igreja de Nossa Senhora da Saude, pertencente aos religiosos capuchos, que sempre aqui tiveram poucos padres, abandonando esta terra antes que a isso os obrigasse o celebre decreto de 1834.

Em 1819 foi entregue á confraria do batalhão de infantaria, que, segundo Fr. Bartholomeu dos Martyres, não foi muito solícita em promover o culto, praxe que, d'essa data até hoje, seguem todas as confrarias, de certo correcta e augmentada.

A cêrca junta serviu de cemiterio durante muitos annos; actualmente está em ruinas a igreja e tem servido de deposito de petroleo. A camara municipal está na posse d'estas ruinas, provavelmente por ter sido alli o cemiterio publico dos christãos até á construcção do de S. Francisco Xavier na ponta sudoeste da ilha.

Em 1822, doze annos antes da extincção das ordens re-

ligiosas, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, bispo de S. Thomé e religioso carmelita, escreveu uma memoria sobre os estabelecimentos religiosos da ilha de Moçambique, por onde se vê que apesar de uma grande decadencia, ainda havia algum pessoal e templos, dois elementos que pouco depois desapareceram quasi completamente, para vergonha de uma geração abastardada, sem fé nem patriotismo, que não soube comprehender que em Africa a primeira força, o primeiro elemento do progresso era a religião. D'essa *Memoria* vê-se que o primeiro templo era a Sé, da qual diz o auctor que era grande, magestoso, bem construido, de uma só nave, muito forte e seguro. A capella mór era de abobada de pedra.

A pretexto de que ameaçava ruina foi demolido em 1884; estava, porém, tão seguro que foi necessario gastar, para o demolir, mais dinheiro do que seria preciso para o reparar, se realmente o necessitava. O cair da ultima pedra foi a liquidação de um passado glorioso; qualquer cousa de grande incommodava de certo uma geração em que tudo é pequeno e mesquinho.

A segunda igreja em vastidão e grandeza era a do convento de S. Domingos; foi demolida sob o mesmo pretexto, e provavelmente pelos mesmos motivos que a precedente, em 1854 ou 1855.

A terceira em grandeza era a igreja parochial de S. Sebastião, dentro da praça do mesmo nome, que servia de parochia militar. Hoje é a cozinha da praça, naturalmente para afirmar que entre as exigencias do espirito e as do estomago ha alguma correlação, predominando ha bastantes annos as segundas.

A quarta é a capella dos padres de S. João de Deus, que foi demolida na epocha em que principiaram as obras grandiosas para o novo hospital; no seu lugar se edificou este, que só Deus sabe quando estará concluido.

Vinha em seguida a antiga igreja dos capuchos, que ainda tem as paredes em pé, naturalmente porque ninguem as quiz comprar como aconteceu ao palmar e quintal annexo, que lhe pertencia, que é propriedade d'um mouro,

No meio d'esta derrocada medonha escapou a pequena capella de Nossa Senhora do Baluarte, por estar quasi escondida pelas muralhas da praça de S. Sebastião; a capella de S. Paulo, onde funciona a parochia e a Sé; e a pequenissima capella de Santo Antonio, que depois de abandonada durante muitos annos ás merendas e comêsainas dos Baneanez, que teem devoção com o santo, talvez pelos motivos que lh'a consagram os nossos taberneiros, foi a meu pedido retocada e caiada em 1892, n'ella installei provisoriamente a parochia de S. Sebastião.

Todas estas egrejas, segundo o auctor da *Memoria*, estavam necessitadas de paramentos e alfaias; as solemnidades, que n'ellas se celebravam, eram pouco frequentadas e a influencia christã decahia a largos passos, como se nota d'algumas phrases cheias de amargura do bispo de S. Thomé.

O que diria elle se a Providencia o conservasse para presenciar a ruina futura, completa, que estava imminente?! Ruina que se tem traduzido constantemente pelo triumpho do mahometismo e pelo avançar rapido da barbaria e das trevas!!

Em 1822 a prelazia tinha a organização seguinte :

Em 1822 o governo ecclesiastico de Moçambique constava de um prelado, um provisor e vigario geral, um promotor, dois parochos, um dos quaes era prior coadjutor da Sé matriz, outro vigario da freguezia de S. Sebastião da fortaleza, um capellão da Mizericordia, um dito do hospital, outro da capella de S. Paulo, dois vigarios das terras firmes de Mossuril e Cabaceira e onze freguezias. »

« As freguezias eram ao todo :

Moçambique

Sé Matriz. — Da invocação de Nossa Senhora da Purificação.

S. Sebastião.

Mossuril. — Da invocação de Nossa Senhora da Conceição.

Cabaceira. — Da invocação de Nossa Senhora dos Remedios.

Cabo Delgado

Anniza. — Da invocação de Nossa Senhora do Rosario.
 Querimba. — Da invocação de Nossa Senhora do Rosario.

Rios de Sena

Quillimane. — Da invocação de Nossa Senhora do Livramento.

Sé de Sena. — Da invocação de Santa Catharina de Sena.

Tete. — Da invocação de S. Thiago Maior.

Zumbo. — Da invocação de Nossa Senhora dos Remedios.

Caya. — Da invocação de Nossa Senhora do Livramento.

Luabo. — Da invocação de Nossa Senhora da Saude.

Macambura. — Da invocação de Nossa Senhora dos Remedios.

Manica. — da invocação de Nossa Senhora do Rosario.

Portos do sul

Sofala. — Da invocação de Nossa Senhora do Rosario.

Inhambane. — Da invocação de Nossa Senhora da Conceição.

Bahia de Lourenço Marquês ¹⁾. — Da invocação de Nossa Senhora dos Remedios.

A igreja de Caya, no prazo d'este nome, pertencia aos jesuitas; e a de Macambura nas immediações de Sena aos Dominicos.

Hoje as parochias acima mencionadas, as de Querimba e Anniza estão substituidas pela do Ibo, e não existem as de S. Sebastião de Moçambique, Luabo, Caya, Macambura e Manica. »

¹⁾ D. Fr. B. dos Martyres, Bispo do S. Thomé, *Memoria chorographica*, art. 1.º § 5.º (*Usos e costumes*, publicados em 1885 por J. d'A. da Cunha, a paginas 35.

A partir d'esta data e mais exactamente do ultimo quartel do seculo passado, a decadencia foi rapida, absoluta, e, ainda mal para nós, em todos os ramos de serviço; até que já em nossos dias attingiu o nadir do esphacelamento; descer mais não era possivel.

Durante este periodo angustioso muitos templos ruíram e apenas um se levantou, a egreja de Lourenço Marques, sem architectura, sem belleza, sem gosto; synthetisa perfeitamente a sua epocha, o que mostra que, se nos faltam outras qualidades, sômos ao menos consequentes.

A agricultura e a pequena industria introduzida pelos frades nas regiões zambezianas perderam-se completamente; no lugar de cada parochia surgiu um commando militar, que nunca nos conquistou o amor d'um indigena, nem dotou a agricultura com uma panja de *sórgho* a mais, nem nos tem garantido das injurias do indigena; no lugar de cada missão nasceu, como dos dentes de Cadmo, um capitão-mór, a entidade mais nefasta que tem atrophiado tudo, representante bastardo do feudalismo medieval, sem a generosidade e as virtudes d'aquelle, e possuindo enormemente ampliados todos os seus vicios; auctoridades, nas mãos das quaes o poder central delegou um mando que não comprehendem e do qual largamente se tem servido para o roubo, o morticínio e atrocidades, que me guardo bem de referir, sobretudo nas terras de entre Tete e Zumbo. Se me não engano, o capitão-mór, como existe no interior da Zambezia, é de invenção genuinamente nacional.

Depois de 1830 eram bem poucas as parochias que tinham parochos, quando existiam seis em toda a provincia era motivo para erguer as mãos ao céu!

Os terrenos pertencentes a esta prelazia que se extendiam do Tungue ao Guardafui e ilhas vizinhas, esses foram completamente abandonados e, primeiro que a soberania temporal passasse a mãos extranhas, tinha passado a jurisdicção espiritual.

Em 1855 não existia um só padre no interior que evangelisasse a doutrina christã e apenas umas quatro parochias do littoral tinham parochos.

A disciplina do clero corria parelhas com o numero; a auctoridade superior secular nomeava os parochos encomendados e exonerava-os a seu bel-prazer; em Portugal ainda vive, segundo creio, um parochos que foi suspenso de todas as funcções parochiaes pelo governador da provincia. Chegou a não haver prelado, nem administrador da prelazia, e, para que nada faltasse n'este feracissimo viveiro de coisas extraordinarias, até em 1869 dois padres se recusam a prestar obediencia ao padre Valentim Fernandes, nomeado administrador da prelazia pelo arcebispo de Gôa.

As poucas egrejas que existiam estavam pobrissimas de paramentos e em estado vergonhoso; quasi todas foram reparadas, mais ou menos, por meio de subscrições abertas entre os fieis, como aconteceu no Ibo, Tete, Quelimane e ainda outras.

Em frente de Moçambique, por abandono completo, perderam-se as grandes christandades de Mossuvil e Cabaceira, christandades que na primeira metade d'este seculo se compunham de milhares de christãos e que hoje não têm dezenas; quasi todos os habitantes são mouros, sobretudo os que nasceram ha 40 annos a esta parte, e os capitães môres das terras firmes chegavam a baptizar pretos adultos solemneamente, de certo levados pelo seu encendrado amor á religião.

Os archivos da camara ecclesiastica e os das parochias foram queimados, roubados ou consumidos pelo *muchem*, havendo falta quasi absoluta de documentos. Não ha muito em Lisboa um amigo me offereceu dois volumes da correspondencia official d'esta prelazia, volumes que outro amigo lhe tinha dado e que não existiam aqui, porque o prelado d'essa epocha entendeu que a correspondencia official era propriedade sua e que d'ella podia dispôr á sua vontade.

Tal é, esboçado a traços largos, o estado em que esta prelazia se arrastou até ha poucos annos, sem energia, sem vida christã, sem orientação, sem conhecimento dos altissimos deveres espirituaes e temporaes, que lhe estavam confiados; sem clero, sem templos, sem meios, emfim, de conservar algumas das suas antigas glorias.

Nada mais natural do que perguntar-se agora porque cahiram tanto a influencia religiosa, tantas casas conventuaes, tantas parochias e tantas missões?

A resposta teria de ser longa para ser completa, e eu não desejo dal-a, ao menos por agora por falta de tempo. Apontarei apenas os principaes factores d'essa ruina:

O primeiro foi com certeza a nossa tendencia de raça muito apta para todas as aventuras heroicas e generosas, mas incapaz de perseverança em qualquer commettimento de trabalho porfiado e tenaz. Apenas se verificou que as minas de oiro e prata, cujo valor muito ampliado no principio, não satisfazião a cubiça sem limites dos exploradores, foram estes retirando pouco e pouco para a exploração mais lucrosa das minas americanas. Agricultura nunca existiu na nossa Africa Oriental, porque nunca com ella nos importámos e só ella poderia collar ao sólo feracissimo os pés dos nossos colonos. Ainda hoje se não tem querido vêr a verdade a este respeito; todo o mundo pede minas, que ou não existem ou estão exgottadas, e ninguem quer terreno para agricultural e colonisar, os quaes constituem a verdadeira mina n'esta costa.

O segundo foi a expulsão dos jesuitas d'estas regiões, tendo os dominicanos, que já decahiam por falta de pessoal, de dividir-se por paizes muito mais vastos do que permittiam as suas forças. Ás missões dos xvi e xvii seculos faltavam elementos de primeira importancia para um bom resultado definitivo, como era o elemento feminino na educação da mulher indigena; os nossos grandes esforços nunca deram um resultado completo, porque ficamos sempre a meio.

Um missionario, por melhor que o supponhâmos, nunca será apto para instruir convenientemente o elemento feminino indigena, que é talvez o mais importante pela influencia que forçosamente ha de desempenhar na vida social da familia preta.

O terceiro foram as guerras peninsulares e mais do que essas as intestinas que, empobrecendo o paiz e concentrando as atenções do governo central, o impediram de attender ás verdadeiras necessidades coloniaes.

O quarto foi o decreto da extincção das ordens religiosas nas colonias, quando não tínhamos, por assim dizer, outro clero nem bom nem mau, que substituisse aquellas.

O quinto, emfim, foi um certo espirito de hostilidade que durou por muitos annos depois da extincção dos frades e que reinou cá e lá, não deixando vêr que ao passo que se refaziam e organisavam outros serviços, não se devia abandonar o ecclesiastico, como um dos mais efficazes meios de civilisação do indigena e primeiro factor d'uma influencia certa e proficua para a patria.

Quando todas as nações coloniaes lançavam mão das missões como elemento de progresso e proveito, nós continuavamos obstinadamente apartando das nossas esse elemento poderoso; e assim no fim de muitos annos encontrámo-nos na infancia, quando os que vieram bem depois de nós entram ha muito no periodo da virilidade colonial.

BISPO DE HIMERIA.



AFRICA PORTUGUEZA



Portos, emporios do futuro, estradas commerciaes,
caminhos de ferro

As duas provincias africanas de Angola e Moçambique têm estado em foco desde que as grandes nações europêas, com uma sofreguidão leonina, resolveram fazer a partilha politica do grande continente, sem se importarem com os direitos seculares d'aquelles que, com sacrificios de vidas e sangue, lhe desvendaram os mysterios. Estando ellas tanto em evidencia urge que os governantes tenham o maximo cuidado com a administração ultramarina e procurem desenvolver os recursos que de taes territorios podemos auferir.

Angola e Moçambique, no occidente e oriente d'Africa, possuindo os melhores portos das duas costas e sendo cortadas por alguns importantes rios navegaveis, offerecem excellentes condições naturaes tendentes a facilitar a exploração commercial da Africa central, ao sul do equador, com proveitosos resultados para a nossa patria. É preciso, porém, antes de tudo, estudar quaes d'esses portos se devem escolher, como mais convenientes, para servirem de testa de linha ás vias de comunicação que lhes hão de conduzir o trafego mercantil dos grandes centros productores do interior. Uma vez determinado o porto ou portos destinados a taes fins, convem dotal-o com todos os melhoramentos modernos, afim

de incitar a grande navegação oceanica a procural-os sem constrangimento: porque os portos são, por assim dizer, os umbraes que se devem transpôr com a maior commodidade para não afugentar a concorrência. Um dos meios conducentes aos resultados propostos é a illuminação das costas com bons pharoes de grande aterragem e demais luzes de differentes ordens constituindo um bem elaborado plano de alumiamiento e balisagem.

N'esta ordem de idéas muito já temos feito e pelo que respeita a Angola a sua costa acha-se muito regularmente illuminada, possuindo alguns dos seus portos as luzes convenientes para poderem ser demandados a qualquer hora. Na provincia de Moçambique, com quanto a illuminação não seja tão perfeita como a de Angola, já alguns dos seus mais frequentados portos como Quelimane, Moçambique, Beira e Lourenço Marques, se acham dotados com alguns pharoes e balisas maritimas, marcando notaveis progressos, e em pouco tempo, os restantes portos occupados estarão em boas condições de balisamento de pharolagem.

No archipelago de Cabo Verde, devido á iniciativa do governador geral, consêlheiro Sampaio, começou a pôr-se em execução um bem elaborado plano de alumiamiento que está prestes a concluir-se praticamente, sendo o ultimo pharol que allí se accendeu o da ponta SW de S. Vicente, junto á bahia de S. Pedro, e que marca a entrada do canal de S. Vicente á grande navegação que vem do sul. Na Guiné não se construíram por emquanto os pharoes precisos, mas acham-se balisados alguns dos seus canaes mais frequentados e perigosos, satisfazendo ás necessidades da navegação durante o dia. Em S. Thomé tambem a illuminação da costa d'esta importantissima ilha tem merecido a attenção dos seus governadores, e o porto de Anna de Chaves está convenientemente illuminado.

Pelo que fica exposto se vê claramente que Portugal muito tem attendido a este serviço na Africa inter-tropical, conseguindo, em poucos annos, executar, e em breve concluir, um bom systema de alumiamiento e balisagem nas costas, barras e portos das suas possessões. Cumulativamente tem-

se ido igualmente estudando varios portos e enseadas anteriormente desconhecidas e os seus planos hydrographicos teem vindo a publico devido aos esforços da Commissão de Cartographia do ministerio da marinha e ultramar; citaremos, entre outros, os planos da *Barra e Porto do Chinde, Costa desde a Ponta de Bajona até á de Namalungo, Foz do Pungue e do Busi, Barra do R. Linde, Rio Macuse* desde a barra até 25 milhas da foz, *Barra do Limpopo, Archipelago de Bazaruto e costa fronteira, Barra do R. Licungo* todos na costa oriental d'África; e os da *Costa entre Landana e Massabi, Ponta de Banana á Bahia de Cabinda, Enseada do Quicembo, Porto das Salinas, Porto da Furna e Porto da Fajã d'Água* na ilha Brava, *Bahia do Tarrafal* na ilha de S. Thiago, todos no oeste africano.

Feitas estas considerações preliminares, que tivemos de resumir o mais possivel, por não caber no espaço com que contamos, podemos entrar mais directamente no assumpto de que temos de nos occupar.

O unico grande porto de escala que Portugal possui no Oceano Atlantico é o de S. Vicente de Cabo Verde, onde a grande navegação encontra meio de facilmente satisfazer as suas mais justas ambições.

N'este seguro e vasto porto podem os maiores transatlanticos surgir a qualquer hora, quer de dia quer de noute, e communicarem com todas as partes do mundo por meio de estação telegraphica submarina. O carvão da melhor qualidade alli se encontra fazendo-se rapidamente o abastecimento para o que as companhias alli estabelecidas se disputam primasias; a aguada e refrescos tambem se alcançam facilmente e são de boa qualidade, e desapareceram os embarços da alfandega que, antigamente, por má comprehensão se faziam. Os refrescos provém em geral da ilha de Santo Antão onde se produz o melhor café de Cabo Verde, sobretudo o da Ribeira das Patas na costa SE. da ilha, que é para muitos superior ao Moka.

Para se apreciar a importancia do porto de S. Vicente como estação carvoeira, basta mencionar que entre setenta

e quatro depositos d'este combustivel existentes em differentes partes do mundo, só tres importaram mais carvão do que este porto no mez de janeiro de 1890; e esses foram Malta com 48:832 toneladas, Port-Said com 89:880 toneladas e Singapura 38:688 toneladas, sendo a importação em S. Vicente representada por 36:638 toneladas.

Se como estação carvoeira este porto é um dos primeiros do mundo, pôde converter-se em um bom porto commercial se fizermos d'elle o interposto para carregamento de café que se produz em Santo Antão, Fogo, S. Thiago e S. Nicolau e em outras das importantes ilhas d'este archipelago. Este melhoramento realisa-se facilmente por meio de uma bem estudada navegação de cabotagem entre estas ilhas e determinando-lhe uma organização administrativa semelhante á que têm as ilhas chamadas adjacentes.

Na ilha de S. Thiago, onde está estabelecida a séde do governo na cidade da Praia, existe, além do porto d'este nome, um outro destinado a largo futuro como porto de serviço e escala para a cabotagem insular; fica situado junto á ponta N. da ilha na costa NW.: é a bahia do Tarrafal, que constitue a notavel sahida para a exportação d'esta ilha, pois fica mais proxima da região productiva no concelho de Santa Catharina. Pensa-se actualmente em estabelecer alli um aquartelamento vasto para a acclimação das tropas destinadas á legião colonial. Por nossa parte achavamos preferivel que esse estabelecimento fosse na ilha Brava, por ser talvez a mais saudavel do archipelago. Esta escolha teria por fim occorrer em grande parte á crise que esta ilha tem atravessado. O porto da Fajan d'Agua e o da Furna offerecem boa ancoragem; o primeiro para navios grandes, e o segundo, que é uma verdadeira doca, para navios de inferior lotação. A industria caracteristica d'esta interessante ilha é a dos artefactos de palha, da qual se pôderia tirar aproveitamento introduzindo o uso dos seus magnificos chapéus de palha na nossa marinhagem de guerra. Os chapéus da Brava rivalizam com os melhores do Panamá.

Um dos ramos mais importantes de commercio do archi-

pelago cabo-verdeano foi durante muitos annos o da exportação do sal extrahido das ilhas do Sal e Boa Vista; hoje acha-se paralyzado devido á fraca importação no norte do Brazil, mas poderá reviver se se attender á magnifica situação d'estas duas ilhas relativamente á pesca do bacalhau no banco d'Arguim, e outros pontos da visinha costa africana, que pôde ter um largo desenvolvimento, convertendo estas ilhas em uma outra Terra Nova, com a circumstancia favoravel de ter alli logo o sal e vasto campo para seccagem e preparação d'este magnifico alimento. Actualmente existe já um pequeno inicio da industria de seccagem de peixe que é exportado para a costa do golpho de Guiné e ilhas de S. Thomé e Príncipe.

A aguardente de canna e o assucar tambem podem constituir um bom elemento industrial, que convem fomentar e desenvolver com a attenção que merecem. A mancarra pouco valor já tem devido aos seus succedaneos que lhe têm feito concorrência.

Passando á Guiné Portugueza, que é uma colonia de extracção, diremos apenas que o seu melhor porto é o da Bolama, accessivel a navios de 4:000 toneladas pelo canal de Orango, e que logo que esteja bem illuminado e balisado poderá ser o interposto de todo o districto e o porto de sahida para o Futa Ajallon, se por meio de uma boa politica local conseguirmos abrir e conservar o caminho commercial de Dandum para Buba, desviando-o de Boqué, porto francez do Rio Nuno Tristão. Bastaria construir uma estrada ao longo da orlada vertente sobre a margem esquerda do Rio Grande ou Colibá ou então aproveitar a navegação d'este, se a der, até ao vau ou cachoeira de Colibá, e construir depois a partir d'este ponto um pequeno caminho de ferro Decauville na extensão de 32 kilometros para o porto de Buba. N'este porto embarcariam os productos commerciaes para Bolama onde se transbordariam para os navios occceanicos, ou estes iriam até Buba caso o seu calado d'agua permittisse. Convergindo a Bolama, de todos os portos do districto, o commercio, encontraria facil sahida e a cabotagem teria grande desenvolvimento.

Como as estradas naturaes da nossa Guiné são os rios que cortam todo o districto, seria preciso augmentar a fiscalisação e policia fluvial e costeira, por meio de uma esquadilha de lanchas canhoneiras, de modo a ter uma sempre empregada no rio de Cacheu, outra no de Bissau e Geba, outra no rio de Bollola e outra no rio Combidian e Cassini.

Nos ilhetas de Cayó estabelecer-se-hia um posto de policia fiscal maritima e uma estação de pilotos para os navios que os pedissem. Na ilha de Orango havia apenas um posto de policia de mar, além do pharol que lhe deve ser destinado.

A provincia de S. Thomé e Príncipe tem um unico porto commercial que é o de Anna de Chaves, no qual seria preciso fazer estudos conscienciosos para se poder ter idéa dos melhoramentos que elle comporta. O Rio Agua Grande e a bocca da valeta que desagua o pantano por detraz da fortaleza de S. Sebastião, abrindo para o recesso mais ao fundo da bahia, são uma causa permanente do assoriamiento d'esta. Uma pequena draga que limpasse uma parte da camada de areia do fundo d'aquelle recesso faria um excellente serviço, e daria logar a que os palhabotes e outros pequenos navios que fazem o serviço ao longo da costa podessem alli fundear, deixando por fóra ao NNE. da fortaleza o ancoradouro para os paquetes e navios de guerra.

N'este porto o serviço de carga e descarga é feito por meio de lanchas de véla, que, subordinadas á accção do vento difficultam e tornam moroso este serviço. A mudança da ponte caes mais para o norte da bahia onde ha maiores fundos e o seu prolongamento até á profundida minima de 1,^m83 permittiriam que se organisasse um serviço de barcaças a vapor como as *steam-lighters* dos inglezes, que em poucas horas faziam as cargas e descargas dos paquetes e navios de commercio. Estes barcos poderiam nos intervallos das chegadas dos paquetes serem empregados a transportar para os armazens de retem da cidade os productos agricolas das fazendas mais affastadas e que embarcam nos pequenos portos que mais perto lhes ficam. A ilha de S. Thomé precisa de

uma boa estrada peripherica ao longo da costa e de um sistema de estradas cortando a parte NE., a mais cultivada da ilha, em ligação com aquelle caminho ao qual de diversos pontos convergiam outros rios secundarios de communição.

O caminho de ferro em que tanto se tem fallado, sobretudo para ligar a villa da Trindade com a capital da ilha, é sem duvida para muitos uma vantagem, mas não se nos affigura de remunerador emprego de capital; porque os agricultores, tendo de continuar a manter os seus carros e bois de serviço para transportes, afim de conduzirem das suas roças para aquella villa, o café, cacau, a quina, etc. não duvidariam em os enviar logo para o porto de embarque, o qual muitas vezes lhes ficaria mais commodo e mais economico e em muitos casos mais proximo.

A ilha de S. Thomé, que é sem duvida alguma a primeira colonia agricola do nosso paiz, e igualmente a primeira de todas as colonias europêas do mesmo genero da costa occidental d'Africa, tem tido um notavel desenvolvimento agricola n'estes ultimos quinze annos, e tem diante de si um prospero futuro logo que se ache toda arroteada, para o que não lhe falta muito. A sua difficuldade é a falta de braços que têm de ser contractados fóra, quer na costa do Krou ou na do Dahomé, quer no sertão de Novo Redondo. Actualmente ensaia-se a introdução dos trabalhadores chinas, que não deve dar maus resultados; enquanto os trabalhadores de outras proveniências forem em maioria, elles devem ser apenas para supprir as faltas dos africanos. Contrabalança-se d'este modo o perigo da immigração china já conhecido em outros logares.

As culturas dominantes de S. Thomé são o café, cacau, chinchona.

As chinchonas são a mais recente cultura; a sua introdução, na ilha data de 1864. Para mostrar o desenvolvimento d'esta cultura, basta dizer que a producção em 1887 foi de 15:260 kilos, elevando-se em 1891 a 49:191 kilos. A quina proveniente é em grande parte aproveitada na fabricação nacional do sulfato de quinina, na fabrica do Lumiar, que produz hoje o melhor sulfato conhecido.

Além d'estas culturas produz mais a ilha a canna sacharina, azeite de palmeira, coconote, etc.

Seria para desejar que, attenta a diversidade de altitudes da ilha e á sua exuberante vegetação, se ensaiassem praticamente as culturas da coca, da kola e da camphora, por conterem em si principios activos que largamente se empregam na medicina, cada vez com maior desenvolvimento.

As madeiras de construcção das mais variadas especies abundam em toda a ilha e o seu corte methodico dá margem a largos lucros.

O sr. Nogueira, na sua excellente memoria ácerca da ilha de S. Thomé, diz, com toda a razão, que «os agricultores de S. Thomé reconhecem hoje por experiencia, que a multiplicidade das culturas é o meio de se pôrem a coberto das crises que resultam da inconstancia dos mercados.» A unificação da cultura foi causa de graves crises por que a ilha passou, sendo a mais notavel a produzida pela producção do assucar do Brazil, que aniquilou completamente a cultura da canna n'esta ilha.

Na ilha do Principe, que teve grande esplendor no tempo das missões jesuiticas, as culturas são as mesmas que em S. Thomé, faltando apenas aquellas que são proprias das grandes altitudes que esta ilha não possui, predominando entre todas a cultura do cacau, que é das mais remuneradas pelo pequeno dispendio que faz ao agricultor. A ilha do Principe tem o seu porto commercial na bahia de Santo Antonio, onde está concentrada a administração local e a residencia do governador, etc. O porto é mau e por isso haveria toda a conveniencia em mudar a séde do governo local para a bahia do Oeste, cujo porto é excellente e vasto, e abrigado dos maus ventos; uma pequena estrada ligando a cidade de Santo Antonio com esta bahia e uma linha telegraphica em conexão com a estação do cabo submarino poriam este porto em facil comunicação com o exterior.

Uma poderosa companhia nacional tem hoje concessão para explorar a parte sul da ilha, que desde tempos immemoriaes tem estado inculta e para onde se não dirigiu nunca

nem a antiga civilização nem os antigos colonos. Se ella conseguir cultivar esta enorme area de terrenos até agora incultos, terá creado uma fonte de receita importante para ella e para o estado, e marcará uma nova era de prosperidade para esta pequena mas encantadora ilha.

Caminhando para o sul resta-nos fallar da provincia de Angola, possuidora de ricos territorios que se extendem por uma superficie de 1.250:000 kilometros, desde o Congo até ao Cunene e Cubango.

São tão variados os productos naturaes que se colhem n'aquelle uberrimo solo, que seria fastidioso enumeral-os a todos sendo demais a mais tão conhecidos dos africanistas.

Cortada de innumerous rios, muitos dos quaes são navegaveis nos seus cursos médios e inferiores, pôde suppôr-se dividida por cinco grandes bacias hydrographicas; a do Zaire, drainando grande parte dos districtos do Congo e Loanda e todo o districto da Lunda; a do Cuanza, inteiramente comprehendida no territorio provincial e ao centro d'elle; a do Cunene, ao sul, abrange uma parte importante dos planaltos salubres dos dois districtos de Benguella e Mossamedes, a do Cubango e a do Zambeze até aos rapidos de Catima occupa a maior area da provincia. D'estas bacias pôdem reputar-se insalubres as do Cuanza e do Zaire, e devem reputar-se em geral os territorios que as formam improprios para a fundação de colonias europêas, que só poderiam viver nas montanhas elevadas que formam as divisorias d'aguas ente essas bacias hydrographicas.

Na bacia superior do Cunene é onde se têm feito ensaios de colonisação com bons resultados, tendo-se estabelecido umas tres ou quatro colonias que muito podem prosperar, no dia em que a viação accelerada leve ao planalto o meio facil de transportes para a costa, de modo que as grandes colonias possam dar sahida aos seus productos agricolas, industriaes e mineiros.

Na grande faixa de terrenos elevados que se estende NE. — SO. desde a Huilla até ao Bihé, é que pôde dizer-se a colonisação branca terá o seu melhor campo de exploração.

Estes territorios, constituindo um planalto com uma altitude média de 1500 a 1600 metros acima do nivel do mar, são extremamente prestaveis para estabelecimento de um bem estudado systema de vias de communicacão, que se devem combinar com as secções navegaveis dos rios, taes como Cunene, Cubango, Cuito e Cuando medios, nos quaes deviam circular pequenas flotilhas de embarcações apropriadas para os serviços de transporte, de policia e posta; d'esta forma, sem grandes dispendios, poderiam aquellas colonias extender a sua acção exploradora e commercial até ao Mucusso, Dirico e Zambeze, apoiando esta sua acção em convenientes portos de occupação auxiliados por missões e dispostos nos locaes mais vantajosos e por forma a poderem facilmente prestarem-se soccorro e auxilio quando d'isso carecessem. E' claro que não queremos com isto dizer que no vastissimo planalto do sul da provincia não haja muitos outros locaes proprios para largas colonias de plantação, criação de gado bovino e lanigero, criação de abestruses, etc.

A exploração da borracha, que se encontra entre as regiões dos Ambuellas e Ganquellas, agora que está entregue ao distincto botanico da Universidade dr. J. A. Henriques o estudo e classificacão do arbusto que a dá, e foi escolhido completo, com fructo e flôr, pôde ser origem de uma cultura methodica e não se extinguir o arbusto pela colheita feroz feita pelo indigena, e que, no dizer do padre Lecomte, em dois annos mais não restará alli um unico pé d'esta util planta.

A abundancia de gados que se nota em todo o districto sul de Angola faz-nos lembrar, na possibilidade de o convertermos n'um paiz de *saladeros*, como a America do sul, nas margens do rio da Prata; basta para isso baratearmos e multiplicarmos os meios de transporte.

O apparecimento do quartzo aurifero na região de Cassinga e margens do rio Chitanda é outra causa de engrandecimento e prosperidade d'esta parte da provincia, de que nos estamos occupando, sobretudo se elle fôr tão rico como se afirma.

Por todos estes motivos precisamos urgentemente não levantar mão dos assumptos ultramarinos, chamando para elles a attenção dos governos, para serem cautelosos, firmes e energicos na administração colonial, e comprehenderem que é urgente occupar, pelo commercio e pela industria, tão vastas e ricas regiões como aquella a que nos reportamos.

Temos visto summariamente qual o futuro que parece reservado á região entre Cunene, Cubango e Zambezia; restamos tratar da parte norte situada nas bacias do Cuanza e do Zaire, n'uma zona eliminadora para o europeu, onde pelo lado agricola só pode haver a fazenda ou plantação dirigida por europeus e trabalhada por indigenas. Estão n'este caso as fazendas do Cuanza e as das margens dos pequenos rios desde o Ambriz até ao Giraúl, onde se procede á cultura da canna saccharina. No Cuanza ha as grandes plantações de café, no Cazengo. O caminho de ferro de Loanda a Ambaca, que já entrou na região onde se produz o café, é natural que promova o desenvolvimento d'estas plantações e das de canna de assucar. Mas a principal exploração dos concelhos de leste de Loanda é o commercio de marfim, cera, borracha, etc., que as caravanas e aviados das casas de Malange e Duque de Bragança costumam angariar nas suas viagens de exploração commercial para os sertões do leste e NE.

A acção do Estado Independente do Congo, essa grande companhia soberana da Africa central equatorial, é de molde a fazer concorrência ao nosso commercio com a Lunda e com a Garanganja; porém, se nós tivermos meio de levar a viação accelerada a Malange e prolongal-a para SE., etc., ao Peho, como veremos adiante, poderemos combater efficaçmente aquella acção e manter a preponderancia commercial, pelo menos como intermediarios, se as nossas nascentes industrias de algodões não derem para o consumo.

Vem a proposito dizer que no districto de Mossamedes poderíamos sustentar algumas fabricas de tecidos d'algodão unicamente para consumo africano. Uma tentativa no genero, já feita, em pequena escala, mostra que não é utopia o que dizemos.

Ficando esboçados genericamente os pontos que é preciso atacar n'este labutar incessante do commercio ou troca de productos de fabricação europêa pelos productos naturaes do continente africano, resta-nos ver ainda como poderemos attingir esses pontos e por que meios.

Em toda a costa de Angola, sem contar com o Zaire inferior, ha cinco grandes portos que podem servir como testas de linha, quer para a viação accelerada de grande penetração, quer para a de interesse restricto. São elles Loanda, Lobito, Mossamedes, Porto Alexandre e Bahia dos Tigres; d'estes apenas a de Loanda tem uma linha ferrea de penetração, como o proprio titulo de companhia indica, que está já em exploração até proximo de Ambaca, n'uma distancia de perto de 250 kilometros.

O porto de Loanda, bem conhecido dos navegantes, é de vastas dimensões, inteiramente abrigado, n'elle podem entrar os maiores navios do mundo; tem uma superficie ancoravel de 887 hectares, medida entre o extremo baixo e linha que vae da ponta da ilha ao forte S. Pedro, o seu fundo minimo dentro d'esta area é de 7 metros e o maximo de 27: calculando para cada navio fundeado uma harea de 6 hectares, temos que o porto pode conter 148 navios. A sua illuminação satisfaz completamente ás necessidades da navegação, e o governo local adquiriu uma draga para limpeza do canal que contorna o baixo ao longo da margem e conduz ao caes da alfandega de desembarque, bem como vae montar um plano inclinado. Projectou-se junto á ponta da Mãe Izabel uma grande ponte em T para os navios atracarem; outros, porém, dizem que seria preferivel prolongar a linha ferrea em caes marginal até ao morro de S. Miguel, passar em viaducto para a ilha, e seguir, ao longo da margem interior d'esta até proximo do deposito da estação naval, onde o *perau* encosta a terra, sendo facil fazer aqui o caes para navios acostarem.

Qualquer dos projectos é bom, sendo comtudo o ultimo o que mais aformosearia a bahia, tendo além d'isso a vantagem de transformar a ilha n'um arrabalde saudavel de Loanda, onde os seus habitantes podessem, durante a estação mais

quente, gosar a fresca viração que sopra quotidianamente do mar.

Completados os meios de facilitar o movimento mercantil, o porto de Loanda preparar-se-hia para ter no futuro um longo trafego, pelo prolongamento do caminho de ferro de Ambaca para Malange e d'aqui para SE. atravez do Songo, em direcção ao Pého, importante centro de convergencia dos caminhos commerciaes da Garanganja, do Cassai e do Chinte e perto do qual correm alguns rios de longos pèrcursos navegaveis, que facilitariam muito os meios de transporte, drainando ao Estado Independente do Congo uma grande parte do commercio que elle está desviando para o norte, servindo-se das vias navegaveis da grande bacia do Zaire.

Este trajecto a que o commercio é obrigado, augmentando grandemente o percurso, traz como consequencia uma despeza de transporte mais elevada, do que aquella por que o caminho de ferro que propomos conduzirá á costa os productos mercantis do centro d'Africa.

Poderão alguns objectar que o caminho de ferro para o Pého deve partir do Lobito e dirigir-se pelo Bailundo e Bihé, mas isto traria como consequencia o ter de se montar uma segunda linha ferrea com os seus encargos respectivos, a que deveremos accrescentar a necessidade de uma terceira linha accelerada para serviço dos colonos europeus do planalto de Mossamedes, quando pela direcção dada ás linhas que propomos se supprime uma d'essas em que tanto se tem fallado.

O porto que pela sua importancia especial se deve considerar logo apoz o de Loanda é o do Lobito, que até hoje tem estado desaproveitado, fazendo-se todo o movimento commercial pelo porto de Benguella, situado n'uma enseada aberta e sujeita ás grande *calemas* que tanto transtorno causam ao trafego marítimo.

A bahia do Lobito tem uma area ancoravel de 429 hectares, cuja profundidade varia entre 6, 5 e 40 metros, podendo conter fundeados 71 navios de alto bordo. A sua disposição e orientação é muito semelhante á do porto de Loanda; inteiramente limpo, bastaria collocar junto á ponta

N. da península um pharol de aterragem e uma luz de porto no recesso ao fundo da bahia, para ser facil demandal-o em qualquer hora da noite.

O unico inconveniente a notar no Lobito é o da falta de agua potavel; a nascente que alli existe é insufficientissima para o abastecimento dos navios. É verdade que não se têm feito as devidas pesquisas, sendo possivel vir a encontrar agua doce; de contrario pode-se occorrer a esta falta canalizando a agua do rio Catumbella, importante manancial que fica a 6 kilometros pelo sul da bahia e que facilmente abasteceria o porto sem grande dispendio.

A bahia de Lobito, considerada como testa de uma linha ferrea, teria a vantagem de não deslocar os dois importantes centros commerciaes da Catumbella e Benguella, já hoje ligados por um caminho de ferro que, necessariamente, por seu turno, ligaria com o que partisse de Lobito para o interior.

Sendo Caconda o centro da região colonisavel a que já nos referimos, é para este ponto que o caminho de ferro de Lobito se deve dirigir, continuando para SE. atravez do Luceque em direcção á parte superior do Rio Chitando, no importante centro aurifero de Cassinga, e descer pelos valles do Bale e Cubango até Massaca a jusante das cachoeiras de Maculungungo, onde teria o seu terminus. E' n'este ponto que principia a navegabilidade do Cubango, a qual se alonga até Andara, extremo da nossa fronteira sobre o rio no fertil paiz do Mucusso.

Esta directriz, atravessando uma região riquissima, conforme dissemos acima, teria a vantagem incontestavel de aniquilar o projectado caminho de ferro allemão de Swakop a Catima no Zambeze, e de fazer desviar o commercio do Barotze e Maxaculumbe para a costa portugueza, inutilizando por seu turno o ramal da grande linha ferrea do Cabo a Machona, que se projecta fazer partir de Shoshong para as cataractas Victoria ou Mosioatunia no Zambeze.

Pelas duas linhas ferreas que propomos ficavamos senhores do commercio das mais ricas provincias da Africa central meridional, o qual viria desembocar aos dois melhores

portos da costa occidental d'Africa, o de Loanda e o do Lobito, que se converteriam em dois interpostos de primeira ordem.

Continuando na nossa revista dos portos de Angola, devemos considerar em seguida aos anteriores o porto de Mossamedes, ao fundo do qual está edificada a sympathica villa do mesmo nome, e que, com tão justa razão, gosa a fama de ser a mais saudavel das nossas villas da beira-mar de Angola; circumstancia que contrasta com a aridez apparente que apresenta o enorme areal, envolvente da villa, onde não cresce uma unica arvore. Todavia, por baixo d'esta areia, brota a agua logo a dois ou tres pés de profundidade, de modo que todas as moradias podem ter o seu pequeno jardim e horta, vindo as flores e hortaliças perfeitamente entre a areia fazendo a admiração dos que não conhecem a razão d'isso. Os habitantes, em geral, bebem agua d'esses poços ou *cacimbas*, o que hoje os prejudica bastante, sendo causa de algumas doenças infecciosas motivadas pelo uso incessante de se fazerem os despejos para estrumeiras, d'onde se infiltram liquidos nocivos que vão inquinare a agua das cacimbas proximas.

Tem-se por isso feito tentativas para encontrar agua a maiores profundidades, sobre tudo para o interior desde o littoral até proximo de Capangombe, na base do enorme degrau natural que se chama Serra da Chella; mas até hoje essas pesquisas têm sido infructiferas, mesmo com o emprego dos tubos artesianos, como se fez em Argel. A falta d'agua n'esta parte do districto é a principal causa do seu atrazo agricola, e difficulta as transacções com o interior, tão rico em gados, os quaes não pôdem vir ao porto sem risco de morrerem pelo caminho á sede, pois rapidamente se exgotaria a agua dos depositos chamados Pedra Grande, Pedra do Major, Providencia, etc., que se encontram ao longo da estrada de Mossamedes nos pontos onde se acampa.

A falta absoluta d'agua prejudica a construcção de um caminho de ferro que chegou a ser estudado por conta do governo; mas, apesar das diligencias e concessões feitas,

ainda não se conseguiu levar a cabo, com prejuizo das colonias que em volta da Huilla se foram estabelecer n'aquella doce esperança; hoje, com os estudos feitos acerca das aptidões agricolas do planalto, mostra-se que a faxa para NE. da Huilla é mais fertil, devendo por isso preferir-se o caminho Lobito, de que já fallámos, onde não falta agua em todo elle, nem tem as difficuldades do degrau da Chella no Bruco, Biballa ou Quillengues, a que se deve acrescentar a circumstancia de que para attingir o mesmo ponto do Cubango, a distancia para o Lobito é mais curta de 25 kilometros do que para Mossamedes. Esta bahia, além d'isso, tem menores dimensões do que aquella na sua parte ancoravel, a qual, nas condições mais favoraveis, se pôde considerar comprehendida entre a ponta do Noronha e o extremo oeste do baixo Béro, abrangendo uma superficie de 399 hectares com fundos de 5^m,5 e 33 metros de profundidade, onde existem pontas de rocha chata entre manchas de areia, o que reduz o numero de navios que podem fundear no receptaculo indicado a menos de 66.

Comtudo devemos dizer que a descoberta de agua potavel em abundancia em Mossamedes converterá bem depressa esta villa n'um aprasivel local destinado a *sanatorium*, em que venham reparar as suas forças os funcionarios, commerciantes e colonos, que, pela força das circumstancias, são obrigados a viver nos logares menos salubres dos districtos de Benguella, Loanda e Congo.

Não é, porém, só como *sanatorium*, que Mossamedes terá o seu futuro garantido; podem, como as costas são muito piscosas, desenvolver-se as industrias da salga, seccagem e conservas de peixe; o estabelecimento de algumas fabricas de tecidos de algodão tambem se pôde aconselhar, como já nos referimos, sendo isto o bastante para dar a Mossamedes um importantissimo logar como villa manufactureira e industrial do nosso ultramar, sem contar com a fabricação de aguardente de canna que alli se produz.

Resta-nos ainda considerar os dois portos mais do sul;

Porto Alexandre e Bahia dos Tigres. O primeiro, cerca da foz do rio Coroca, é um excellente surgidouro muito abrigado, tendo uma superficie ancoravel de 788 hectares, onde cabem 130 navios de alto bordo, para o que tem fundos de 9 a 36 metros d'agua.

Está aqui estabelecida uma colonia de pescadores algarves, que se empregam no seu mister, produzindo uma importante fonte de receita para a alfandega de Mossamedes pela exportação de peixe secco, que se vende para o Congo, Gabão e S. Thomé. A companhia de Mossamedes, concessionaria de uma vasta região ao longo da fronteira sul da provincia, em territorio portuguez, supponho que pensa em aproveitar este porto para o seu serviço e naturalmente uma linha ferrea reduzida para a sua exploração agricola.

A bahia dos Tigres, cuja configuração é inteiramente semelhante á do Lobito e Loanda, é de vastissimas dimensões, possuindo 33:165 hectares, onde cabem 5:527 navios fundeados em 5^m,5 a 36 metros d'agua. É o maior porto da costa, e, como a península da areia que o defende e abriga das calemas é muito rasa, levantam-se dentro do porto fortes maretas, que prejudicam o movimento das embarcações. Dá-se n'este porto o mesmo que em Mossamedes: não se encontra agua potavel no meio do enorme areal que a circumda, razão pela qual se conserva desaproveitado. A sua situação é invejavel para partida de uma linha ferrea para as regiões mineiras do sudoeste allemão, para a installação de colonias de pesca, para plantações de coqueiros, etc., se se montarem grandes e modernos destilladores d'agua do mar, como se faz em Aden e como se poderá igualmente fazer em Mossamedes.

Além d'estes portos ha outros de menor importancia, que só têm um interesse limitado como pontos de embarque para serviços das fazendas agricolas do littoral e commercio local. A bahia dos Elephantes é igualmente um bom porto, mas não tem sahida facil para o interior por ser circumdada por altas montanhas; tem sido aproveitada raras vezes para

estação temporaria de pesca e serve para exercicios de tiro aos navios de guerra que frequentam a costa.

Ao norte da provincia concedeu ha pouco o governo a construcção de um caminho de ferro que, partindo da margem esquerda do Zaire proximo de Noqui, se dirija a S. Salvador, passe pelo Bembe e Encoge em direcção a Mataba e Cuango. Esta linha tem por fim a exploração dos jazigos cupricos do Bembe, a exportação do café de Encoge e Mataba e o desenvolvimento e exploração da parte norte da Lunda, contrariando e fazendo concorrência ao caminho de ferro do Matadi e Leopoldville.

(Continúa).

ERNESTO DE VASCONCELLOS.



À EGREJA CATHÓLICA É A ESCRAVATURA

(Continuação da pag. 94)

III

Já vimos que o Christianismo combatêu a escravatura desde os seus principios; examinámos o programma seguido n'essa augusta cruzada e concluímos que não tinha razão de ser a observação de Guizot, tantas vezes repetida, de que não é ás maximas do Christianismo que se deve a extincção da escravatura, visto que ella subsistiu por muito tempo no meio da sociedade christã.

Postos estes principios, vamos examinar a acção christã, na serie dos seculos, para extinguir o trafico dos escravos e conquistar para estes os direitos que legitimamente lhes pertenciam.

Não passaremos adiante sem notar a grande influencia que deviam produzir as doutrinas christãs a este respeito. O Christianismo via augmentar prodigiosamente o numero dos seus fieis, homens recrutados em todas as classes sociaes, e cada um d'elles devia ser um apóstolo, mais ou menos dedicado, da liberdade dos escravos. E' facil comprehender, pois, que ao menos havia de suavisar-se consideravelmente a sorte d'aquelles infelizes, que o paganismo reduziu á mais precaria das condições.

Foi no reinado de Constantino — que para os historiadores anti-christãos tem o grande defeito de levar o Christianismo triumphante até ao capitolio — foi no reinado de Constantino que começou a mitigar-se um pouco a lei em favor

dos escravos, graças á influencia da doutrina christã no animo d'esse imperador. Foi essa epocha a aurora da liberdade para aquelles condemnados, que, se não viam inteiramente vingados os seus direitos e restaurada a sua dignidade, jubilavam de ver melhorada a sua sorte e refreada a crueldade despotica dos seus senhores.

Com effeito, apenas Constantino subiu ao imperio, a Igreja aproveitou as disposições christãs d'esse imperador para influir nas leis e nos costumes e melhorar a sorte dos escravos. Basso, prefeito de Roma, recebeu logo o seguinte decreto imperial: «De futuro, o senhor que matar voluntariamente o seu escravo será culpado de homicidio e perseguido como tal.» Um outro decreto dizia: «Se em toda a extensão do imperio romano se encontrar um homem, que, depois da promulgação da presente lei, ousar mutilar o seu semelhante, esse homem será punido. Se for um senhor que assim proceda com o seu escravo, est'ultimo ficará em liberdade e os bens do senhor serão confiscados.»

Tambem no anno 315 Constantino prohibiu que se deshonrasse o rosto do homem, marcando na frente, como até ahi se fazia, os condemnados ás minas e ao amphitheatro. O motivo allegado por Constantino testemunha o sentimento christão que inspirou esta medida: «Attendendo a que no rosto do homem se manifestam vestigios da majestade divina.»

Isto já era muito, mas a Igreja trabalhava sempre em conseguir o resto. O escravo já tinha direitos; não era como até ahi, uma simples cousa. Tinha o direito da existencia, o direito de não ser mutilado, de perseguir nos tribunaes o seu proprio senhor, se este violava as disposições imperiaes, e de exigir a liberdade em indemnisação da offensa que lhe era feita. Era já muito, era uma victoria. Mas vejamos como não cessava a acção da Igreja em favor dos escravos.

Uma das causas que faziam com que o numero dos escravos se multiplicasse era a difficuldade de os libertar, pois para isso se exigiam formalidades longas e difficeis, como observa um escriptor muito distincto e como se vê das proprias disposições do direito romano. Mais adeante havemos de

nos referir ás outras causas. Vejamos como o primeiro imperador christão trabalhou em destruir umas e outras.

Para se tornar mais facil a libertação do escravo e obstar a que este fosse victima das delongas que havia por parte da auctoridade civil, Constantino decretou que todos podessem libertar escravos nas egrejas «em presença do povo christão e dos bispos, não exigindo outras formalidades mais do que um simples attestado assignado pelos ministros ecclesiasticos.»

O acto simplificava-se, e a unção que o revestia era propria a resolver os senhores christãos a libertar os seus escravos.

Ao mesmo tempo, a solemnidade do acto revestia o liberto d'uma inviolabilidade sagrada, visto que era um perjurio, além d'um sacrilegio, a violação do direito adquirido pelo escravo, e a Igreja tinha o pleno direito de reclamar a rigorosa observancia do juramento feito, e com a mais desvellada sollicitude o fazia sempre.

Não podemos deixar de chamar a attenção do leitor para a fôrma como tudo isto se fazia, o que prova não só o zelo da Igreja, mas ainda que esse zelo obtinha resultado satisfactorio em favor dos infelizes escravos. O facto de ser um templo christão o logar destinado á libertação do escravo prova muito bem que a Igreja se achava á frente d'aquella cruzada de rehabilitação.

As causas que directamente multiplicavam o numero dos escravos eram, entre outras, os jogos dos gladiadores, a contestação da liberdade que podia fazer-se a um homem, e a facilidade com que prescrevia a liberdade.

Muitos escravos eram obrigados a distrahir o povo romano, que brutalmente se comprazia em ver aquelles infelizes luctando com as feras no circo até serem cruelmente espedaçados e devorados. Tratava-se de arranjar os escravos mais robustos para irem combater no circo, onde encontravam morte horrorosa. Este empenho de obter gladiadores fazia multiplicar, como dissémos, o numero dos escravos.

Muitas vezes, por uma questão de odio ou de vingança,

e até por interesse vil, contestava-se a liberdade d'um homem. O infeliz não podia apresentar provas de que era livre, umas vezes porque não lh'as admittiam, outras porque não lhe concediam o tempo sufficiente para as obter, e lá ia para a classe dos escravos, isto é, das cousas, *res*, ficando privado de todos os direitos, antes de Constantino.

Ora este imperador remediou tudo isso, prohibindo os jogos de gladiadores, mandando que se pozessem annuncios e se fizessem proclamações quando se tratasse de contestar a liberdade de alguém, para que o accusado podesse apresentar provas em sua defêsa, e determinando que só um praso de mais de sessenta annos poderia fazer prescrever o direito de liberdade.

Bem dita influencia christã, que melhorava tão sensivelmente a sorte dos escravos!

Nobre dedicação esta, posta ao serviço de homens a quem a sociedade olhava com repugnancia e odio e a quem a lei não concedia garantias de qualidade alguma!

Bem dita influencia que podia rómper com os costumes inveterados do paganismo, e até com os interesses dos grandes e poderosos; que abria um horisonte novo ás aspirações do homem, e o levantava do rebaixamento moral em que se achava; que engrandecia a dignidade humana e reivindicava direitos esquecidos.

Como estes factos são d'uma evidencia luminosa e d'uma certeza historica incontestavel, quem não ha de admirar a audacia de quem os despreza todos os dias, negando a santa influencia da Igreja em favor da liberdade e da dignidade humana? Quem não ha de surprehender-se de ver negada ou mesquinamente rebaixada essa lucha energica e corajosa que a Igreja catholica tem sustentado em todos os tempos, e sustenta ainda hoje, em favor da rehabilitação dos escravos?

Tristes apreciações e triste procedimento é o de quem leva para o campo da historia e da critica o espirito sectario e o preconceito! Triste philosophia é essa dos que adaptam a natureza dos factos ás suas opiniões, e não as suas opiniões aos factos.

O que ahi fica a respeito da influencia da Igreja na abolição da escravatura e no melhoramento da sorte dos escravos nos primeiros seculos e especialmente no reinado de Constantino, seria o bastante para pôr os leitores de sobrea-viso contra as calumnias da critica falsaria e contra os erros dos historiadores superficiaes ou anti-christãos; mas nós que-remos acompanhar a Igreja na sua obra de benção atravez de todos os tempos, e mostrar em resumo as difficuldades de toda a ordem que ella teve a vencer para conquistar a liberdade aos escravos.

Foi uma lucta grandiosa, uma obra sublime, que só a Igreja de Deus, com os auxilios do céo, poderia levar a cabo entre povos barbaros, homens dominados pelo interesse e pelos usos do paganismo.

E' admiravel como a Igreja poude substituir por virtudes contrarias todos os vicios que o paganismo favorecia de tal fórma, que até fazia d'elles um culto; e não é menos admiravel como a Igreja conseguia, que os homens dominados pela ambição e pelo interesse e afagados pela influencia pagã, se deixassem encher de caridade e abnegação christã, n'um momento de luz, e dessem a liberdade ás vezes a todos os seus escravos, o que representava uma perda importantissima.

Com effeito, as conversões ao christianismo eram sempre solemnizadas com a libertação de escravos, e a historia da Igreja refere nomes de senhores que davam a liberdade a todos quantos possuiam. Quando não eram todos, eram pelo menos alguns, e os outros, tratados com espirito de caridade christã, sentiam-se alliviados do jugo que os opprimia.

Em todo o caso, a conversão d'um senhor era sempre festejada com a libertação de todos ou de parte dos seus escravos.

IV

Depois da morte de Constantino a Igreja teve grandes difficuldades a vencer para continuar a sua cruzada pela causa dos escravos. Basta considerarmos as luctas, as discor-

dias, as invasões e a desordem de toda a especie de que foi theatro o imperio romano pouco depois da morte d'esse imperador, para avaliarmos a difficil situação em que se achava a Egreja.

A religião christã não só deixou de ter o apoio firme de Constantino Magno, mas começou a abundar o elemento barbaro, que a impedia de continuar regularmente a sua benemerita obra. N'esse tempo nada havia seguro. As correrias dos barbaros e as invasões a Roma começaram a repetir-se e o Pontifice, unica força moral d'esse tempo, por algumas vezes salvou a cidade d'uma assolação completa.

Ainda assim, a Egreja comprehendeu que, se não podia dar á sua obra uma extensão e uma efficacia tão grande como desejava, podia no entanto continual-a, ainda que em menor escala, com grandes proveitos para essa classe desgraçada de cuja defêsa se encarregára. Faltando a unidade do imperio, a regularidade do governo, a empreza era muito mais difficil, e a difficuldade augmentava ainda porque se tratava agora de homens, que, ou eram perseguidores da Egreja ou pelo menos não a apoiavam. Pois com que beneficio se podia contar dos povos barbaros ou dos ultimos imperadores romanos, a quem apenas restava um simulacro de auctoridade? A sociedade ia tomando uma constituição nova, mas a Egreja havia de dominar os novos elementos com as suas doutrinas, e continuaria a santa tarefa de defender por todas as fórmulas os direitos dos escravos.

Geralmente, entre os barbaros, quem nascia de mãe ou pae escravo ficava pertencendo a essa classe desprotegida.

O homem livre podia chegar á condição de escravo, se se via na necessidade de vender a sua liberdade para pagar as suas dividas, ou se alguém o obrigava a fazer uma reparação que elle não podia fazer.

Entre os germanos «contavam-se — diz Cantu — tres especies de escravos: os escravos propriamente ditos, os prisioneiros de guerra e os que perdiam a liberdade por dividas ou no jogo; eram propriedade absoluta do senhor, que podia vendel-os, dal-os ou mandal-os matar. Os escravos domes-

ticos não differiam dos outros senão pelas suas occupaões; occupavam-se em officios, serviam seu amo e acompanhavam-n'o á guerra. O escravo, com as suas economias, podia resgatar-se e passar para a classe dos libertos, mas sem se tornar verdadeiro homem *Wehr-mann*, isto é, adquirir a plenitude dos direitos civis.»

O jugo da escravidão tornára-se ainda assim muito mais suave, graças á santa influencia da Igreja. Fôra-lhes concedido um certo direito de adquirirem, pois que elles arranjavam o seu peculio, fructo das suas economias, e ás vezes chegavam até por privilegio, a ter escravos seus. O senhor tinha de respeitar uns certos direitos nos seus escravos, e nós já vimos quanto a Igreja conseguiu de Constantino n'esse sentido.

O visigodo Egiza — diz o historiador que ha pouco citámos — proclama que, sendo o escravo á semelhança de Deus, não o devemos mutilar nem desfigurar.

Os francos consideram a emancipação como uma obra meritoria aos olhos de Deus.

Entre os anglo-saxonios, o bispo é o patrono dos escravos, cuja liberdade devia prégar.

Astolpho ordenou que, quando o senhor tivesse na hora da morte a intenção de dar liberdade ao escravo, este fosse posto em liberdade, e isento de pagar o *lauechild* ou compensação, *visto*, diz elle, *parecer-nos mui meritorio encaminhar os escravos da servidão para a liberdade, tendo-se o nosso Redemptor dignado fazer-se escravo para nos dar a liberdade.*

De tudo isto se conclue que era a Igreja que estava á frente do grande movimento da emancipação dos escravos, e que, não podendo dar-lhes a liberdade immediatamente e de uma só vez, a ia conquistando palmo a palmo. E tão grande era o seu empenho e tão eslicaz a sua influencia, que, sendo esta epoca da destruição do imperio romano e das invasões aquella que devia fazer crescer o numero dos escravos extraordinariamente, elle diminui em vez de augmentar.

Eram differentes as causas que deviam fazer crescer o

numero dos escravos. Por um lado, a miseria que atacava a sociedade em virtude das guerras, assolacões, roubos e destruições de toda a ordem, devia fazer com que muitos devedores insolventes tivessem de perder por isso mesmo a sua liberdade. Por outro lado, as guerras importavam o captivo de muita gente, e os barbaros, sedentos de poder e riqueza, retinham como escravos todos os que lhes cahiam nas mãos.

«A cupidez judaica—diz o abbade Lachaud—vira n'este crescimento dos escravos um meio de augmentar as suas riquezas: explorava a miseria geral de fórma tão odiosa como desmedida. A Egreja foi ao encontro d'essa nova causa da escravidão. Nos concilios de Orléans, de Mâcon e de Toledo, celebrados no seculo sexto, é expressamente prohibido vender aos judeus escravos christãos, e permite-se aos que se acham em posse d'elles fugirem para as egrejas para ali resgatarem a sua liberdade mediante doze *solidi*. «Se o judeu procurar perverter um escravo christão, é condemnado a perder todos os seus outros escravos.» Estes canones equivalem quasi a uma emancipação geral, porque, por um lado, os judeus não podem adquirir novos escravos christãos, e, por outro abre-se a porta á caridade para o resgate dos que gemem em seu poder.

A dedicação da Egreja pelos escravos chegou a ponto de que ás vezes, não havendo dinheiro para o seu resgate vendiam-se os vasos sagrados, porque se julgava que nada era tão bem empregado como o que se gastava n'aquella causa sublime. Apontando este extremo de dedicação pela liberdade dos escravos, nota de passagem um escriptor contemporaneo: — «Quando se pergunta para que serviam outr'ora os bens da Egreja, ha aqui uma das mil respostas a dar.»

V

Já vimos como as as egrejas eram o refugio dos escravos em posse dos judeus, cuja ambição fazia crescer consideravelmente o numero d'esses infelizes, e de tal forma que se tornou necessaria a intervenção da Egreja. Ora esse tefugio das

egrejas, em que os escravos se livravam de qualquer violencia subita, tornou-se tão extensivo e importante, que um concilio realisado em Orleans em 549 determinou que, «se um escravo, mesmo accusado de qualquer falta, se refugiar n'uma egreja, ninguem o restitua ao seu senhor, senão depois de ter exigido d'este, sob a fé do juramento, a promessa de que não lhe será feito mal algum; mas se o senhor, em despresõ do seu juramento, maltratar o escravo, será separado da communhão e da mesa dos fieis.»

Em algumas partes esse juramento ia mais longe; porque em virtude d'elle não só o escravo não seria maltratado, mas nem mesmo soffria um signal qualquer de ignominia.

Não foi só no concilio de Orleans, cujos canones acabamos de citar, que a Egreja procurou livrar o escravo dos maus tratos do senhor: o mesmo fez n'outros concilios. Já no seculo quarto o concilio de Elvira condemnou a cinco annos de penitencia o senhor que maltratasse o seu escravo de tal fórma que d'ahi resultasse a morte, ainda que este effeito não fosse directamente desejado pelo senhor. E providenciando contra o abusivo costume de contestar a liberdade a um homem livre, a Egreja impôz a pena de excommunhão a quem por violencia ou por astucia retivesse na escravidão uma pessoa livre.

«Tres seculos apenas são passados depois da elevação de Constantino — diz Lachaud — e já está dado um passo immenso, tanto na diminuição do numero dos escravos como no allivio da sua sorte. Com S. Gregorio Magno nomeamos um Papa que faz epoca na historia da escravidão. Este grande homem, a quem o infame mercado dos escravos de Roma inspirou-o desejo de converter os filhos da Bretanha, e a quem a Inglaterra deve em grande parte a sua liberdade; S. Gregorio, n'um concilio celebrado em Roma em 595, decide que serão libertados todos os que quizerem seguir a vida monastica, com tanto que previamente se tenha verificado a realidade da sua vocação. Isto não só era procurar a liberdade a uma classe numerosa da sociedade, mas até eleva-a muito aos olhos do mundo, dissipar os prejuizos de casta, e crear laços

poderosos e fecundos entre esta classe e a dos homens livres.

«A Igreja foi mais longe: admitiu os escravos ao sacerdócio. Todo o bispo, todo o cura chegou a ter o direito de conceder a liberdade para esse fim, e este nobre exemplo de generosidade foi para os leigos um poderoso impulso á libertação. Os escravos tornaram-se assim eguaes a seus senhores pela sua posição social, e seus superiores pelo caracter e pela sciencia; puderam mesmo ser elevados á dignidade suprema do pontificado, chegando a ser um Gregorio VII e um Sixto V. A Igreja reconheceu assim altamente, que sendo todos os homens eguaes a seus olhos, eram igualmente admissiveis a todas as dignidades, ainda as mais honrosas, segundo a sua vocação, sem outra distincção mais que a de seus talentos e virtudes. Assim fez cessar o estado abjecto em que se achavam os escravos e que os fazia declarar inhaiveis para todo o emprego civil ou militar.»

Tal era a grande obra da Igreja catholica na emancipação dos escravos. Admittil-os ás dignidades mais elevadas, era com certeza o mais poderoso meio de acabar com os preconceitos contra essa classe desgraçada. Fazer-lhes comprehender que tinham direitos eguaes aos outros homens, e tornar-os senhores d'essa convicção elevando-os ás funcções mais altas, era o mais acertado meio de lhes fazer nascer o espirito da independencia e da liberdade.

Imagem-se os grandes resultados que havia a esperar do governo de homens que foram escravos, e que, conhecendo bem as miserias e as privações d'essa classe, se occupavam antes de mais nada em conquistar a sua liberdade. Para os escravos era isso um novo penhor de independencia e rehabilitação social.

As grandes conquistas que a Igreja fez na obra anti-escravagista depois de Constantino são attestadas pelas disposições do codigo justiniano. Agora não se obrigava o senhor a libertar o escravo: obrigava-se o escravo a acceitar a liberdade. O escravo preferia a sua baixa condição á de homem livre, porque temia uma liberdade que o punha á mercê da miseria e o ameaçava de morrer á fome.

Com effeito, ainda que nos ultimos tempos era permitido aos escravos o direito de adquirir, posto que muito restrictamente, o escravo era sempre pobre, e luctava com difficuldades quando recuperava a liberdade.

Emquanto era propriedade do seu senhór, tinha o pão e o vestido, ainda que em condições muito pouco favoraveis: depois de livre, faltava-lhe o pão. A Igreja ainda aqui acudiu com a sua providencial intervenção, como já fizera quando era preciso dinheiro para comprar a liberdade dos escravos. Ainda que pobre, a Igreja dava remedio a todas as faltas, porque recorria á caridade dos fieis.

Os que adquiriam a liberdade e careciam dos meios necessarios á vida eram recebidos pela Igreja em hospícios numerosos, e ahi, a titulo de *oblato*, os libertos, preferiam o trabalho sob uma direcção toda cheia de caridade christã, a uma independencia completa que não tinha recursos para sustentar-se.

A sorte dos escravos ia gradualmente melhorando á sombra das instituições christãs, e chegou-se emfim a conceder aos escravos porções de terra, para uma ou mais vidas, que elles cultivavam e desfructavam a troco d'uma *pensão*. Às vezes succedia que os libertos recebiam n'essas condições terrenos incultos, que elles arroteavam e faziam produzir; o senhorio queria depois exigir-lhe um augmento de *pensão*, mas a lei punha o cultivador a coberto d'essas arbitrariedades movidas pela ambição.

Todas estas concessões eram feitas pela Igreja, e os libertos que a ella se chegavam, longe de viverem em escravidão, tinham muitas regalias.

O liberto podia comprar, vender e até dispôr do seu peculio em testamento. Com o fructo das sua economias, o escravo que entrava para os hospícios podia resgatar-se, e ás vezes nem lhe exigiam cousa alguma em troco da sua completa liberdade.

Os bispos tinham mesmo a faculdade de libertar os escravos que se tornavam dignos d'isso pelo seu comportamento, e podiam dar-lhes gratificações em habitação e ter-

reno. Finalmente, já n'este tempo o escravo podia casar-se independentemente da vontade do seu senhor.

No tempo de Carlos Magno, o jugo da escravidão era extremamente leve. As duas maiores e mais pesadas condições do escravo era não poder fugir e poder ser vendido. Est'ultimo mal, que era o maior porque era um rebaixamento, foi diminuido consideravelmente pela Igreja. Os escravos que pertenciam a corporações ecclesiasticas ou que estavam annexos a bens ecclesiasticos não podiam ser vendidos, e a sua situação só podia mudar dando-lhes a liberdade.

Desde muito cedo, como já dissemos, foi prohibida a venda de escravos christãos aos judeus. O mesmo se legislou depois a respeito dos turcos, quando chegaram á Europa. No reino dos francos, os escravos não podiam ser vendidos para o estrangeiro. Finalmente, graças á influencia benefica e civilisadora da Igreja, adoptaram-se muitos outros expedientes para poupar aos escravos o vexame de ser vendidos.

Era isto o que os tempos permittiam, e não era pouco, porque a Igreja encontrava muitos obstaculos na realisação da sua obra. Os seus preceitos nem sempre eram cumpridos, como hoje, porque já então, havia homens que preferiam os commodos da vida e os preconceitos d'uma seita ou d'um partido á realisação da felicidade social e ao levantamento moral da humanidade. Um illustre orador da actualidade notou, entre outros casos semelhantes, a grande difficuldade que teve a Igreja em abulir o brutal direito de vida e de morte. Por fim veio Carlos Magno pôr as forças da auctoridade civil ao serviço da legislação ecclesiastica, e sem isso não se teria conseguido a realisação de tão importante e justa medida.

Alem dos interesses individuaes e particulares que se oppunham a que a Igreja concluísse a sua obra da emancipação dos escravos, havia outras causas poderosas que embaraçavam tão sympathica propaganda. Já nos referimos a algumas d'ellas, e entre outras podem contar-se as guerras e invasões continuas, em que a escravidão augmentava para

saciar a ambição dos vencedores. Entre essas invasões merece especial menção a dos arabes, cuja influencia na dura sorte dos escravos apreciaremos dentro em pouco.

Assim, ao passo que o numero dos escravos diminuia na Europa, graças á influencia da Egreja catholica, multiplicava-se na Africa e na Asia por causa da influencia do islamismo.

Não obstante essas contrariedades, a Egreja continuava a sua obra, e parece que os seus trabalhos e esforços redobravam á medida que se multiplicavam os obstaculos. N'um concilio inglez celebrado em 816 estatue-se que á morte de um bispo fosse concedida a liberdade a todos os seus escravos, e que no final das suas honras funebres todo o bispo ou cura presente libertasse tres dos seus proprios escravos, e lhes dessem com que viver.

O concilio de Coblentz celebrado em 922, considerou a liberdade d'um valor egual á vida, e declarou que devia considerar-se réu de homicidio quem seduzisse um christão para o expôr á venda como escravo.

A Egreja levantava assim os espiritos, e incutia-lhes, digâmol-o assim, a ambição da liberdade.

F. A.



A prelazia de Moçambique no presente

A segunda parte d'este relatório é forçoso que seja um constante cavar em ruínas, trabalho bem doloroso para mim em que terei de pedir largos e energicos remedios a fim de que a administração ecclesiastica d'esta prelazia e o seu desenvolvimento religioso corresponda ao que os altos interesses da patria e da religião exigem d'ella.

Até ha pouco tempo podia affirmar-se affoitamente que a prelazia de Moçambique durante o seculo actual foi a mais abandonada de todas as dioceses do ultramar, e esse facto reflecte-se bem tristemente ainda n'este momento; este estado deprimente deve acabar, porque a sua continuação representa o abandono, quiçá do elemento mais valioso para a civilização africana—a religião, e Portugal não consentirá em abdicar os seus fóros gloriosos de paiz, que primeiro que nenhum outro teve a peito o progresso d'esse pária que se chama a raça preta; ainda que uma ou outra vez esquecesse durante largos annos a sua nobre missão.

* *
*

Cheguei á ilha de Moçambique e tomei conta do governo d'esta prelazia no dia 20 de março de 1892. Não obstante ter alguma experiencia de cousas religiosas africanas, e o firme proposito de reduzir no meu espirito ás proporções mais modestas, para evitar illusões, a idéa que formava da

prelazia a meu cargo, confesso que tudo o que existia estava ainda bem áquem dos calculos que formava, já sufficientemente amesquinhados. Não desanimei, apesar d'isso.

N'este vastissimo territorio, que se estende por mais de 15 graus, desde o Cabo Delgado em 10°41' latitude sul, até terminar nas terras de Maputo ao sul de Lourenço Marques, em 26°30' latitude sul, extendendo-se pelo valle do Zambeze até ao Zumbo, a mais de 300 leguas da costa, com uma superficie total de mais de 1.000:000 de kilometros quadrados, trabalhavam na civilisação do preto e salvação das almas vinte e um presbyteros, sendo nove regulares e doze seculares. D'estes ultimos, quatro eram europeus, tres filhos do collegio das missões e um de nacionalidade franceza; os restantes naturaes da India portugueza.

Na capital da provincia, que é tambem a séde do governo ecclesiastico, havia um só presbytero, que era governador da prelazia, parocho da Sé, capellão do hospital, da Misericordia e da escola de artes e officios com ensino, e teria tambem de ser escrivão, official e amanuense da camara ecclesiastica, se esta existisse, ou, antes, se o que existia podesse merecer tal nome.

Entendi que devia principiar os melhoramentos, que podia realisar desde logo, pela capital, que se não tem importancia de direito, por lhe faltarem todos os elementos de riqueza e situação geographica em relação á provincia, tem-n'a de facto por ser a séde da administração superior da mesma provincia. Tratei de investigar o passado.

Os documentos que existiam no que por euphemismo se chamava archivo da camara ecclesiastica, consistiam em magros registos, a maioria dos quaes tinha sido aberta em 1585. Este archivo, que devia ser o deposito de todos os documentos referentes á prelazia e sua administração, consistia n'um monte de folhas soltas, um ou outro officio disperso e roido do *muchem*, e uma collecção moderna do *Diario do Governo*, com meia duzia de velhos livros sem importancia alguma.

Ainda não pude, nem talvez venha a conseguir, averi-

guar em que epocha se destruiu ou dispersou o cartorio da prelazia, que a avaliar por alguns fragmentos de livros do principio d'este século devia ser importante. Suspeito simplesmente que o vandalismo que o reduziu a este estado, se commetteu na decada que se estende desde 1870 a 1880, pelas allusões que encontro n'um livro de correspondencia do prelado D. José Caetano Gonçalves, que, devendo fazer parte do mesmo archivo, me foi em Lisboa offerecido por um amigo. Ahi se queixa varias vezes de que lhe sonegaram documentos e até castigou ou tentou castigar um padre por ter extraviado alguns.

N'este chaos o que me pareceu urgente foi salvar essas migalhas do passado e organizar alguma cousa para o futuro. Encarreguei d'esse enfadonho trabalho o missionario Emilio Augusto da Esperança Machado, que cabalmente d'elle se desempenhou com presteza, methodo e ordem. Posso asseverar, que não sobrevindo alguma fatalidade, no futuro será bem facil, para quem o quizer, refazer com toda a minudencia a historia ecclesiastica da provincia no tempo presente.

Era indispensavel organizar tambem, creando quasi tudo, a camara ecclesiastica, que é a minha secretaría. Nomeei para escrivão da mesma o meu secretario padre Affonso Pereira, o qual durante dois annos com muito trabalho e perseverança a tem transformado, dando-lhe uma feição simples, mas completa, o que permite resolver todos os negocios e prestar todos os esclarecimentos com a maior celeridade, não havendo ninguem que se possa queixar de morosidade em todos os negocios que correm por aquella repartição.

Nada mais direi sobre este ponto, que reputo importante, chamando a attenção para o documento n.º 1, que lança luz abundante sobre o assumpto, e no qual o escrivão da referida camara me dá conta do modo como está regularizado este serviço.

Como são quasi nullos os emolumentos d'esta repartição, já porque o seu serviço em grande parte não é retribuido, já porque o pessoal ecclesiastico, sendo tão pobre como é, nada pôde pagar, já emfim porque o grande numero dos

fieis que têm de recorrer a esta repartição estão no mesmo caso, é urgente, e parece-me de toda a justiça, que á similitude do que se pratica com as camaras ecclesiasticas das dioceses, que não teem rendimentos proprios, como, por exemplo, Cochim e Loanda, se faça o mesmo com esta, onde o serviço me não parece menor, nem é pouco, como se pôde vêr pelo documento n.º 1.

É evidente que uma só pessoa não pôde desempenhar este serviço, são indispensaveis dois presbyteros; como, porém, seja preciso empregar os poucos missionarios no serviço das missões, pôde acontecer que o segundo empregado da camara ecclesiastica seja um secular, que reuna as condições requeridas, e n'isto não vejo inconveniente algum; o que é indispensavel é que eu possa dispôr de uma gratificação para quem fizer o serviço, seja padre ou não.

No meu officio n.º 132 de 4 de abril de 1893, já tive a honra de pedir a v. ex.^a que concedesse uma gratificação ao escrivão da camara ecclesiastica, visto que está reduzido á sua congrua por não poder accumular outro serviço, pois o que tem já é demasiado; hoje peço novamente que seja arbitrada a mesma que o orçamento inscreve para a de Loanda.

Em principios de 1893 o então governador geral, conselheiro Raphael de Andrade, arbitrou uma gratificação para aquelle fim; foi logo, porém, suspensa por não estar no orçamento; ora, se isto se não fizer, teremos a anomalia de vêr que os que mais trabalham são os que menos recebem, o que aliás não é novidade.

Organisada a secretaria central, tratei da regularisação dos archivos parochiaes e das missões, que só para este effeito são reputadas parochias.

O registo parochial quasi não existe até 1885 e desde essa epocha para cá era feito, em geral, com intermittencias, originadas nas mudanças de parochos e muitas vezes pouco em harmonia com a lei que o regula.

É commum serem pedidas certidões de baptisimo, já pela auctoridade judicial, já por particulares, que não podem ser passadas por não existirem duplicados na camara eccle-

siastica, nem os originaes na parochia. Tambem não é raro encontrar-se a serie do registo n'uma agenda de Ayer, por exemplo, que o pobre parcho arranjava como podia á sua custa, pois não existindo juntas de parochia, nem confrarias fabriqueiras, negando-se, segundo me affirmaram á minha chegada, a fazenda a fornecer livros á camara ecclesiastica, devia acontecer assim.

Devo dizer em abono da verdade, que a fazenda me forneceu sempre promptamente todos os livros requisitados para serviço da prelazia, em numero de algumas centenas, e isto sem difficuldades nem reparos.

Tenho, pois, a satisfação de poder affirmar que este serviço tem sido feito com rigoroso êscrupulo e ordem, e que, attentas as distancias, as demoras e o meio, não me parece que se possa fazer melhor, tendo para isto cooperado a boa vontade dos parchos e missionarios.

Para obter este resultado á custa de muito trabalho foi indispensavel determinar que nenhum missionario partiria para a sua parochia ou missão, sem primeiro ter prestado as provas praticas perante o escrivão da camara ecclesiastica de que realmente estava apto para bem desempenhar este dever imposto pela lei canonica e pela civil, e da execução rigorosa do qual depende muitas vezes o socego e bem estar de muitas familias e individuos.

Para este e outros fins é indispensavel por muitas razões que omitto, por serem obvias, que todo o missionario que vem para esta prelazia, seja qual fôr a sua procedencia, se demore n'esta capital alguns dias ou mezes, segundo as circumstancias que n'elle concorram e as necessidades do serviço ecclesiastico; sem isto não conhecerei os missionarios, não existirá a unidade de vistas, nem mesmo a disciplina ecclesiastica, sem a qual improficuo será qualquer trabalho. Para que isto, porém, se possa fazer é absolutamente indispensavel que v. ex.^a mande incluir no orçamento uma verba de 230\$000 a 250\$000 réis annuaes, para aluguer de uma casa onde possam viver até quatro missionarios.

Tenho sempre a maior alegria em recolher na minha

casa todos os padres, quer venham doentes ou em serviço do interior ou dos portos, quer da Índia ou de Lisboa, porém, não me é possível, porque a casa destinada aos prelados e que foi construída ou comprada por D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, prelado de Moçambique e bispo de S. Thomé, é uma casa sem commodos; toda ella é por assim dizer um salão; parece ter sido construída para bailes e não para residência de prelados, e além d'isso não está concluída, segundo o plano da sua construcção, faltando completamente uma parte importantissima.

A secretaria funciona n'um logar improprio e sem commodidades, logar que nunca podia ser destinado a outra cousa que não fôsse um gabinete, portanto, sem largueza e sem ar sufficiente. Falta completamente casa adequada a tribunal ecclesiastico, que tem de funcionar a cada passo. De maneira que qualquer missionario que aqui chegue lucha com verdadeiras difficuldades: ou ha de ir para um hotel, onde tem de corar todos os dias deante de scenas deprimentes para a sua dignidade de padre e perder todo o prestigio de que deve estar rodeado, além de que só pela alimentação tem de pagar mais do que lhe dá a sua congrua, ou tem de alugar uma casa, que lhe não pôde custar menos de 10\$000 réis mensaes, obrigando a despezas correlativas, e tendo portanto ou de ficar condemnado a não pagar aos seus credores, ou baixar doente de fome em pouco tempo ao hospital, tornando-se inutil para desempenhar a sua missão.

É preciso não perder de vista que os seus vencimentos mensaes são 29\$166 réis, n'uma terra onde a vida é muito cara. A isto accresce que o missionario, porque o é, se não pôde apresentar em publico como qualquer maltrapilho ou moço de recados. Não exaggero: existem muitos padres que não teem a mais nem um vintem da sua congrua geral.

Em 1881 ainda existia n'esta cidade uma casa destinada a receber durante algum tempo os funcionarios militares, civis ou ecclesiasticos, que chegavam do reino ou dos portos, em condições favoraveis, isto n'uma epocha em que a vida era mais barata. Uma portaria do governo geral, de 22 de

março d'esse anno, regularizou o seu funcionamento de maneira que a fazenda não fôsse prejudicada com esta hospedagem.

Essa instituição, que a portaria appellida antiga, morreu não sei quando, nem porque; hoje apenas os militares gosam do beneficio de casa do Estado, o que acho muito justo, comtanto que se extenda o mesmo beneficio aos padres, que ainda recebem menos alguns vintens do que os alferes. A justiça do meu pedido é tão evidente, que o conselheiro Raphael de Andrade, quando governador, não duvidou abonar 15\$000 réis mensaes para aluguer de uma casa para residencia dos missionarios; como, porém, á sahida de s. ex.^a tudo que não constava do orçamento, por mais justo e razoavel que fôsse, foi eliminado, os missionarios voltaram á antiga e desgraçada situação, a qual, estou certo, v. ex.^a quererá remediar.

*

* * *

Quasi em toda a parte onde se estabeleceram missões do real padroado e onde o elemento portuguez dominou por algum tempo, a generosidade dos nossos monarchas e a piedade dos fieis creou fundos importantes e rendimentos adequados para a sustentação dos ministros do culto catholico e esplendor do mesmo culto, que tão profunda influencia exerce em toda a parte, mas sobretudo entre povos selvagens, nos quaes predominam os sentidos sobre a intelligencia.

As obras pias de toda a ordem espalharam-se largamente, e quando o dominio temporal em muitos logares passou para outras mãos, lá ficaram a repetir o nome portuguez esses monumentos de piedade dos primeiros conquistadores. É assim que as missões da China ainda hoje teem importantes rendimentos, bem como as da India, que em alguns bispados são sufficientes para a sua manutenção, alliviando o thesouro da metropole de pesados encargos.

Em Moçambique aconteceu o contrario; as doações, se existiram, como é de presumir, desapareceram completa-

mente com a extincção das ordens religiosas; os terrenos que a fazenda real tinha cedido para sustentação das antigas missões reverteram para a fazenda nacional, que durante muitos annos nenhum lucro auferiu d'elles, e a prelazia não tem um real de rendimento proprio e deve viver e desenvolver-se com o que lhe é arbitrado nos orçamentos. D'aqui se deduz logicamente que a administração ecclesiastica n'esta provincia não tem vida propria e desafogada como convinha.

Desde a cêra que arde no altar até á congrua do missionario, para tudo é preciso recorrer ao padroeiro, cujos representantes, se muitas vezes se acham bem dispostos a prestar todos os auxilios compatíveis com os recursos de que dispõem, tambem algumas estão animados de sentimentos contrarios, por ignorancia ou por outros motivos, entibiando muitas vezes a boa vontade e o zêlo dos que se dedicam ao desenvolvimento das instituições religiosas, n'uma provincia onde tão assignalados serviços ellas podiam prestar á civilização d'estes povos.

Se até hoje não tive a lutar, e espero que nunca terei, com a má vontade, é certo que ella pôde surgir de um para outro momento, e não o é menos que em geral domina um espirito pouco inclinado a favorecer o progresso religioso; isto é conhecido de todos; os que o não dizem sentem-n'ò. O remedio para este mal, que no fim de contas tem sua origem na mesma natureza humana, e quantas vezes em ciúmes injustificados!... é dotar a administração ecclesiastica quanto possivel com elementos proprios, emancipando-a de tutelas, algumas vezes atrophadoras, e quasi sempre acanhadas.

A fim de que a pouco e pouco se modifique quanto possivel este estado de cousas, seria conveniente que n'esta provincia se applicasse a doutrina do Codigo Administrativo que diz respeito ás juntas de parochia, nos logares onde essa instituição administrativa é compatível com os elementos actuaes.

Não existe, no meu entender, obstaculo algum a que se estabeleçam juntas de parochia nas freguezias de S. João Baptista do Ibo, nas duas da ilha de Moçambique, Nossa

Senhora da Purificação e S. Sebastião, na de Nossa Senhora do Livramento de Quelimane, na de Nossa Senhora da Conceição de Inhambane, na de Nossa Senhora do Rosario de Sofala, com séde actualmente na Beira, na de S. Thiago Maior da villa de Tete e na de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques. Em todos estes logares existem elementos para compõem camaras municipaes, como é sabido; que razão pôde, pois, existir para não haver juntas de parochia?

As antigas confrarias, que tanto concorreram para a sustentação do culto, que estavam espalhadas com profusão por toda a prelazia, podendo afirmar-se que não havia uma parochia onde faltassem, desapareceram como fumo e com ellas os seus bens. Hoje apenas existem duas, uma em Quelimane e outra em Inhambane, que ainda prestam relevantes serviços ao culto.

Os tempos não correm de molde para se renovarem as que pereceram, hoje que não teem rendimentos; as primeiras eram o producto natural de uma epocha de fé e entusiasmo, que hoje escasseia e ainda mal que assim acontece.

Creando-se as juntas de parochia nas freguezias citadas, o orçamento seria alliviado, sem prejuizo e até com proveito do culto, e a verba que hoje é destinada a guisamentos podia ser applicada a outro fim.

Com respeito a parochias entendo que devem conservar-se as existentes no littoral e ainda a de Tete no interior, onde domina o elemento europeu, ou asiatico christão, mas que se não devem crear mais, a não ser no Chinde, se aquelle logar se desenvolver progressivamente como tem acontecido nos ultimos tempos, e que os esforços e atenções se devem dirigir principalmente para a creação de boas missões, que se destinem especialmente ao preto, ensinando-lhe a moral christã e civilisando-o pelo trabalho honesto, o que a parochia não pôde emprehender com o mesmo desenvolvimento que a missão.

A parochia indica sempre um estado social já adeantado, que realmente não existe em Moçambique, nem em colonias

portuguezas na Africa, se exceptuarmos o archipelago de Cabo Verde, e talvez S. Thomé e Príncipe.

*
*
*

Exactamente um mez antes da minha chegada a Moçambique aportaram aqui, com ordem de me esperarem, sete presbyteros, quatro sahidos do collegio das missões, um europeu de outra procedencia e dois filhos da India portugueza. Pouco depois ordenei quatro presbyteros a titulo de missão, por especial graça de Sua Santidade Leão XIII; d'estes, um ficou preparado do tempo do meu veneravel predecessor, natural da India, e tres europeus que tinham feito os estudos em Portugal.

Foi com este reforço que contei para restaurar as antigas parochias, que por falta de pessoal estavam abandonadas havia largo tempo.

O meu plano n'esta restauração era então, e ainda é hoje, conseguir que um missionario não permaneça isolado no sertão, e mesmo no littoral; a razão por um lado e a experiencia por outro, teem mostrado exuberantemente que o missionario abandonado a si no meio da barbarie do interior, que o cerca por todos os lados, não a modifica civilisando-a, mas é absorvido por ella, a não ser que a Providencia faça milagres, que sendo possiveis, não são a regra, nem se devem esperar.

Foi guiado por este criterio, que aproveitando-me das instancias dos povos da pequena ilha de Querimba lhe enviei um parcho, com a condição de que levantariam uma modesta egreja para o exercicio do culto; graças á boa vontade d'estes povos, incluindo os mouros, ao auxilio do Ibo e do novo parcho, essa egreja está quasi concluida, tendo a fazenda apenas despendido salarios com alguns carpinteiros, que foram cedidos alguns dias para o acabamento das obras de madeira. Como a parochia do Ibo e a de Querimba distam apenas algumas horas, qualquer dos respectivos pa-

rochos tem sempre um valioso auxilio no seu vizinho para todas as contingencias.

Descendo do districto de Cabo Delgado para o de Moçambique, era urgente acabar com a miseria ou escandalo de existir na séde da prelazia apenas um presbytero. Havia largos annos, e tão largos que não foi possivel encontrar nem uma folha do seu antigo archivo, que a parochia de S. Sebastião, talvez a mais antiga da provincia, não tinha parochia. Restaurei-a, pois, dando-lhe como subditos os habitantes da ponta sudoeste da ilha, onde enxameia uma população enorme, sem soccorros da religião, sem escola e sem moral, população que ahi vegeta ha largos annos, tão selvagem e atrasada como nos dias em que Vasco da Gama aqui aportou, e só opulentada com muitos vicios e miserias a mais.

Na fortaleza de S. Sebastião, deposito de sentenciados, onde vive um mundo completo de infelizes que não souberam fazer bom uso da liberdade, devia, segundo a boa razão e a lei organica d'esses depositos, existir um capellão, que pela escola e pelo ensino religioso derramasse alguma luz em consciencias entenebrecidas; foi o que tratei de propôr ao governador geral de então, o qual, com auctorisação do governo de Sua Magestade, nomeou o presbytero por mim indicado para aquelle fim.

(Continua).

BISPO DE HIMERIA.



CARDEAL JACOBINI



Acaba de ser elevado á dignidade de cardeal Mgr. Domenico Jacobini, Arcebispo de Tyro, Nuncio Apostolico na côrte de Lisboa. Foi com verdadeiro jubilo que recebemos esta noticia, esperada já ha tempos, e apressámo^s-nos logo a prestar nas paginas da *Revista Contemporanea* a nossa mais respeitosa e sincera homenagem ao novo purpurado.

Mgr. Jacobini é credor da mais viva gratidão de todos os portuguezes. Prelado illustre e um dos vultos mais prominentes da diplomacia romana, Sua Eminencia allia aos mais brilhantes dotes de intelligencia as mais nobres virtudes christãs, o mais acendrado zelo religioso e as mais captivantes qualidades de coração.

Quem escreve estas linhas teve mais de uma vez occasião de admirar de perto a affabilidade de trato e as demais superiores qualidades, que ao distinctissimo prelado valeram uma alta reputação e as mais decididas sympathias no episcopado portuguez, na alta sociedade lisbonense e no corpo diplomatico acreditado junto do nosso governo.

Mgr. Jacobini não fez mais do que continuar em Portugal as tradições de toda a sua vida. « em Roma — disse-nos um dia alguem que conhece a capital do mundo catholico e a vida romana — « em Roma era Mgr. Jacobini o bispo dos operarios: tal era a sua immensa popularidade. »

São verdadeiramente extraordinarios os serviços prestados por Sua Eminencia a Portugal e á Egreja portugueza. Todos

sabem isso, mas tambem quasi todos ignoram até que extremos de generosidade e dedicação chegou o zelo do illustre prelado pelos interesses portuguezes e especialmente pelo desenvolvimento da nossa vida religiosa. Não é ainda occasião de expôr largamente esses actos de benemerencia, essa dedicação a toda a prova que Mgr. Jacobini largamente patenteou: a historia ha de registrar um dia esses enormes serviços: algumas das suas composições latinas fazem recordar os tempos aureos da lingua de Cicero.

O povo portuguez, sempre affectuoso e reconhecido, ha de conservar de Mgr. Jacobini as mais gratas lembranças, quando Sua Eminencia for occupar em Roma o seu logar no collegio cardinalicio.

De resto, Mgr. Jacobini mostrou sempre o mais vivo interesse pelas cousas de Portugal, como provam algumas das suas produções litterarias; porque o novo purpurado é, alem de tudo, um litterato distinctissimo.

Affirmando mais uma vez o nosso jubilo pela elevação do illustre prelado ao cardinalato, depomos aos pés de Sua Eminencia as nossas mais calorosas felicitações.

Ad multos annos! ad multos annos!



A reabilitação da mulher

Propondo-nos estudar os principios que presidiram á obra incomparavel da reabilitação da mulher, apresenta-se-nos como primeira questão: onde existem esses principios de uma tão rara fecundidade? onde os havemos de descobrir? No espirito christão; porque só elle, o espirito christão, apresento-nos a dizel-o, revelou á mulher a excellencia da sua natureza e a sublimidade da sua missão; só elle fez brotar do seu coração os thesouros do amor puro; só elle communicou á sua fraqueza, ai! muito inclinada para os sentidos, a suavidade e o vigor das angelicas virtudes; só elle emfim, revestindo-a de santidade lhe assegurou o respeito e a veneração dos homens. É pois ahi, no espirito christão, que estão contidos os principios que a fizeram tal como a vimos, nos mais bellos dias da sua gloria. Haveria ignorancia e cegueira em procural-os n'outra parte; proval-o-hemos nas seguintes paginas.

Todavia importa notar: o espirito christão não é uma formula; é espirito e vida; os principios que nós procuramos devem participar da sua natureza e podemos desde já conjecturar que não estão codificados, em termos expressos, no Evangelho.

É com effeito o que aconteceu; porque em vão se pediria ao Evangelho uma legislação, ou simplesmente axiomas de moral, sobre a reabilitação da mulher. A carta das suas futuras grandezas não está inscripta em parte alguma. Este derradeiro processo que é o da philosophia, loquaz e impotente personagem, não o seguiu Jesus Christo. Conhecia melhor o coração humano.

Que processo seguiu o Redemptor? Pronunciou algumas palavras de uma immensa extensão, nas quaes, bem poucas

vezes, se tratava da mulher, e eis que, n'essas palavras, havia, sem que ninguém o soubesse, uma luz viva e um alento creador que, communicando-se á mulher, a penetraram até ao mais profundo do seu ser, e, por um trabalho intimo, mas de um poder infinito, a renovaram profundamente; depois, acabada a obra interior, fizeram-n'a radiar, exteriormente, santa e pura.

Estava feita a sua reabilitação; porque a mulher apparecia, aos olhares dos homens admirada, com taes prestigios que elles se julgavam subjugados, naturalmente e sem resistencia e a honravam como a uma creatura abençoada do céo, cercanda-a de respeito, de veneração e de um culto quasi religioso, de sorte que, n'esta luz que se esconde, n'este calor que mal se fazia sentir, n'este poder latente, achavam-se bem guardados, como uma grande arvore em seu germen, todos os esplendores do seu porvir.

Tal é com effeito a natureza dos nossos principios que elles pódem obrar, e effectivamente muito tem obrado, por uma virtude intrinseca e sem serem explicitamente conhecidos: o que lhes dá esta virtude, haverá necessidade de o dizer? é o sopro de Deus, é a seiva de Jesus Christo, é o espirito de vida de que esses principios estão penetrados. Quantas almas ao primeiro toque, á menor communicação, tem experimentado sua influencia, ficando vivamente impressionadas! Collocae o Evangelho nas mãos de uma mulher em quem não tenha sido afogada toda a nobreza de sentimentos, quer na alma, quer no coração; abri o livro em certas paginas, n'aquella, por exemplo, que nos mostra a peccadora derramando lagrimas e perfumes sobre os pés de Jesus no banquete do phariseu, ou antes ainda n'aquella que nos conta a entrevista do Salvador e da Samaritana junto ao poço de Jacob, e o prodigioso dialogo que ahi se trava entre o Santo dos santos e essa creatura perdida; ou então abri em quaesquer d'essas muitas outras paginas onde a mulher nem sequer é chamada, onde nada falla d'ella, nem parece fallar-lhe; convidai-a a lêr e observae em silencio. Pouco se adiantará n'essa maravilhosa leitura que não esteja absorvida n'ella e não comece a commover-se e a estremecer inteira como lyra tocada por mão desconhecida.

Entre ella e essa linguagem que lhe vem de fóra, mas que lhe falla muito mais vivamente no interior, ha secretas e mysteriosas harmonias que a surpreendem. Mil fibras ignoradas do seu coração despertam e entoam pela primeira vez, musica celeste, sentimentos puros; ella os sente, e comprehende até ao arrebatamento. Não era ella, é ella.

Fulge uma luz nova; o horizonte abre-se e alonga-se; ella vê, tudo está mudado. Vós tinheis uma pagã e ella poderá chamar-se, desde então santa Blandina, santa Perpetua, santa Felicidade, ou santa Cecilia, santa Agatha, santa Anastacia; vós tinheis uma barbara e ella merecerá os nomes, eternamente venerados, de Clotilde, de Radegunda, de Theodolinda e Bathilde.

Eis o espirito christão na sua germinação e na sua flôr: eis os principios e os fructos. Basta pôr as mulheres em seu contacto, ellas não os analysam; sentem-os. Jámais houve, jámais haverá outro meio de as elevar acima de si mesmas e de as fazer santas.

Poderia alguém pois perguntar-nos aqui, não sem razão apparente, porque emprendemos nós separar estes principios divinos do mysterio que os cobre e do fundo geral onde elles repousam e dar-lhes uma fórma, quando Jesus Christo não lh'a deu? Por um motivo muito grave e que torna hoje esta operação necessaria.

A lucta contra o christianismo tem tomado proporções como nunca se conheceram nos seculos passados. De parcial e contida que era, tornou-se radical, universal e enlaça a sociedade inteira. Não se trata sómente de mutilar esta grande arvore; é forçoso arrancar-a até ás suas raizes. A terra, proclamam-n'o em alta voz, será em breve alastrada pelos seus destroços e não mais conhecerá o logar que ella occupava. A conspiração anti-christã julga-se muito segura do seu resultado.

Uma das suas tacticas mais habeis consiste em derruir o christianismo no reconhecimento dos povos, usurpando-lhe a corôa dos seus beneficios. As obras que elle realisou, atravez dos seculos, em proveito de tantas gerações desgraçadas, desnatura-as, nega-as, attribue-as a quaesquer imaginadas influen-

cias e não á acção maravilhosa, efficaz e directa do christianismo; rouba-lhe até as santas doutrinas; apodera-se d'ellas, fal-as suas e em seguida affirma que não procedem d'elle.

Acostuma assim os homens a desconhecer o christianismo, a serem-lhe indifferentes, a viverem longe d'elle e sem elle, a não se acolherem á sua sombra, a não se alimentarem já dos seus fructos, e, terminado este trabalho, inflamma-lhes o odio no coração e indigita-lh'o como o inimigo da sua felicidade, o inimigo que precisa de ser destruido; no primeiro ensejo que a revolução lhe depare, lançar-se-hão sobre elle com raiva de ingratos.

Basta dizer que essa conspiração até contesta ao christianismo a rehabilitação da mulher. Empreheu com effeito a tarefa de affirmar audaciosamente que esta grande transformação social não lhe é devida, que é necessario procurar-lhe a origem em outra parte, que os primeiros vestigios d'essa transformação se acham no respeito, por exemplo, que prodigalisavam a suas esposas e a suas mães os nossos ferozes antepassados, nas florestas da Germania; que a cavallaria da idade media, que foi a primeira a idealisar a mulher, não foi manifestamente senão a herdeira d'esses barbaros; que a obra da emancipação foi continuada pela reforma protestante e que emfim a revolução humanitaria a completou. E d'aqui conclue que a religião do Crucificado lhe foi sempre extranha, affirma além d'isto que lhe serve hoje de estorvo, e que, comprimindo a mulher, lhe cerceia as aspirações.

Em presença d'estes ataques e d'estas seducções perfidas, que se ha-de fazer? Restituir ao christianismo o que lhe pertence, mostrar claramente o que foi a mulher em toda a parte, o que ella é ainda fóra do christianismo; o que veio a ser por elle; o que será sem elle: triplo estudo, da mais alta importancia; porque d'elle depende o porvir da mulher e, por ella, o porvir do mundo inteiro.

Para n'isto procedermos com auctoridade, é necessario partir dos principios christãos que presidiram á rehabilitação da mulher; é necessario formulal-os e reduzil-os, se é possivel, ao estado scientifico, afim de comprovarmos rigorosamente as consequencias que resultam d'este processo.

E não é sómente necessario este trabalho para responder ao erro; é sobre tudo necessario para esclarecer a mulher.

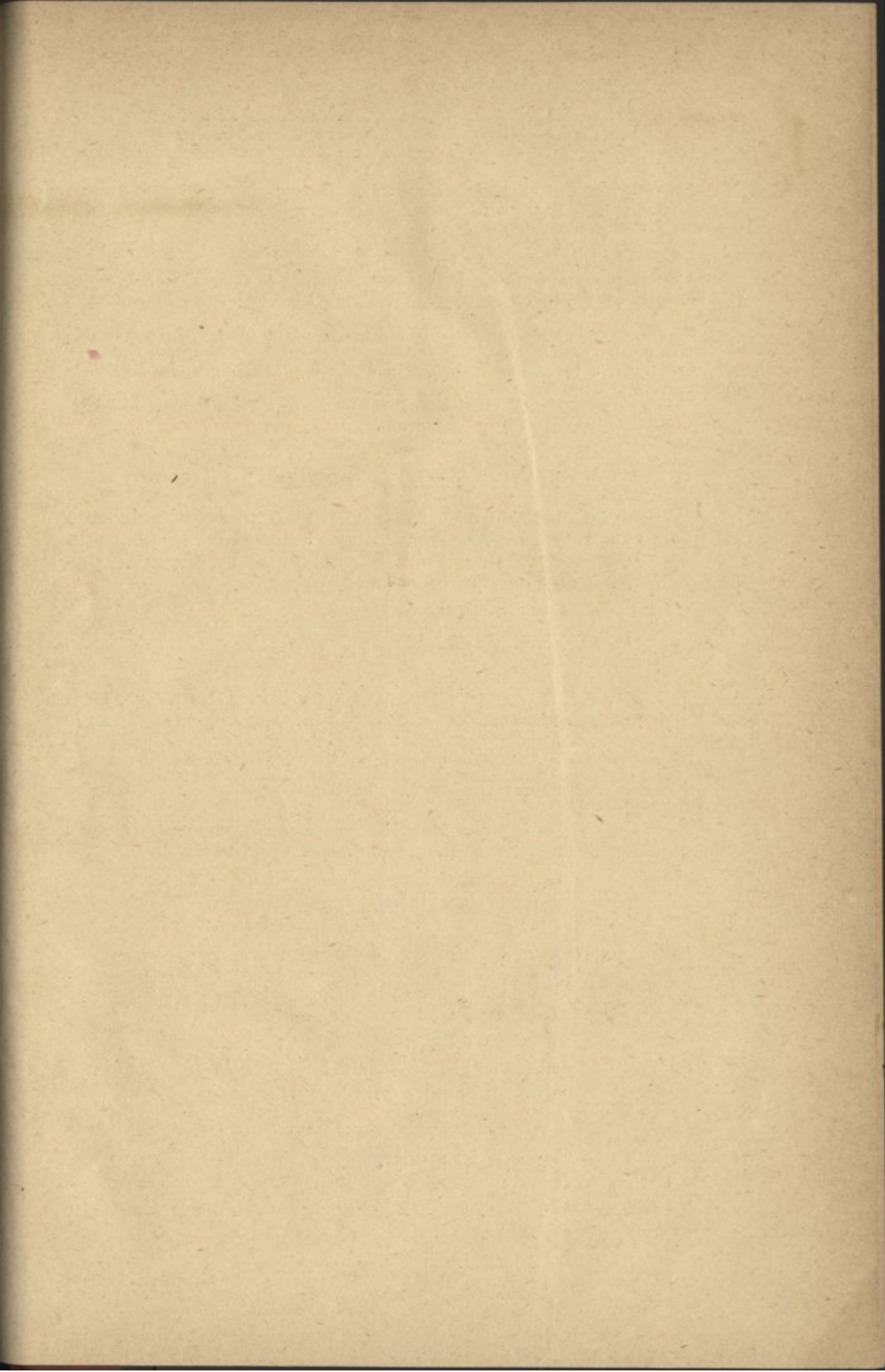
Ella até hoje tem resistido admiravelmente, e este bom senso religioso que a tem amparado contra tantos laços tão habilmente armados, tem sido a sua gloria e a salvação da sociedade. Mas não curvará ella por fim? Inaccessivel ás seducções do espirito, sel-o-ha egualmente aos attractivos do coração, á sensualidade e á vaidade, estes dois eternos moveis de todos os seus desvios, tão perfidamente postos em acção, para attrahil-a ao luxo e ao prazer e, por suas funestas vias, arrancar-a a Jesus Christo? Não sabemos, mas é evidente que o perigo se aggrava, e o espectáculo da sociedade contemporanea bem nos diz e eloquentemente que a resistencia fraqueja.

E, no seu mesmo espirito, não haverá já de facto muito mal, quem sabe se a seu pezar? A consideração, o respeito, a especie de culto, que a rodeiam e que lhe veem do christianismo, affigura-se-lhe que os deve a si mesma, que lh'os merece a sua feliz natureza; que sua belleza, sua graça, a fina delicadeza dos seus sentimentos, seus direitos de esposa e de mãe, alguma cousa talvez, ah! menos séria e mais fragil, seus encantos para fascinar, permanecerão eterna e invencivel salvaguarda da sua dignidade, da sua independencia ou pelo menos da sua posição social; em uma palavra, que lhe é impossivel decair. Funesto erro, desgraçadamente muito commum, deploravel ingratição, de que importa, primeiro que tudo dissuadil-a e cural-a.

Creemos ter sufficientemente dado a conhecer a nossa intenção; vamos depois aos nossos principios.

Jesus Christo não foi o unico que fundou uma religião, que ensinou uma doutrina ou que proclamou uma lei moral. Houve antes d'elle, houve depois d'elle, iniciadores religiosos, legisladores, philosophos. Mas entre estes e elle que abysmo, principalmente quando se trata da mulher!

ABBADE M. F. MARTIN.



Condições da assignatura

A *Revista Contemporanea* publicar-se-ha mensalmente, abrangendo cada numero 32 paginas in-8.º grande. O numero de paginas pode ser maior quando assim o exija o desenvolvimento de assumptos especiaes.

Cada numero da *Revista Contemporanea* tractará sempre de assumptos variados, como questões sociaes, scientificas, historicas, etc.

Apparecerá no primeiro dia de cada mez, e o preço da assignatura é de 4\$600 réis annuaes, que devem ser pagos respectivamente antes da publicação do numero 4 de cada anno.

No fim de cada anno receberão os srs. assignantes o frontespicio e indice do volume respectivo da *Revista*.

Continuam a receber-se assignaturas desde o primeiro numero da *Revista Contemporanea*.

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a José Marques Rito e Cunha, Collegio Novo. — Coimbra.

EXPEDIENTE

Rogamos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem a importancia das suas assignaturas, podendo deduzir do preço respectivo a quantia que tiverem de pagar pelo vale do correio ou registo de carta.

FORTUNATO DE ALMEIDA

A QUESTÃO SOCIAL

Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Affonso Costa

PREÇO 200 REIS

A venda em todas as livrarias. Remette-se pelo correio a quem enviar 220 reis á administração da *Revista Contemporanea*, — Collegio Novo, Coimbra.

FORTUNATO DE ALMEIDA

O INFANTE DE SAGRES

Obra premiada
no concurso de memorias sobre o infante D. Henrique,
por occasião do quinto centenario
do seu nascimento

1 volume de XLIII-374 pag., 600 reis

A venda na Livraria Portuense de Lopes & C.ª, editores, rua do Almada, 119 — 123, Porto, e em todas as livrarias.

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

QUESTÕES RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,

HISTORICAS E SOCIAES

DIRECTOR

Fortunato de Almeida

BACHAREL FORMADO EM DIREITO

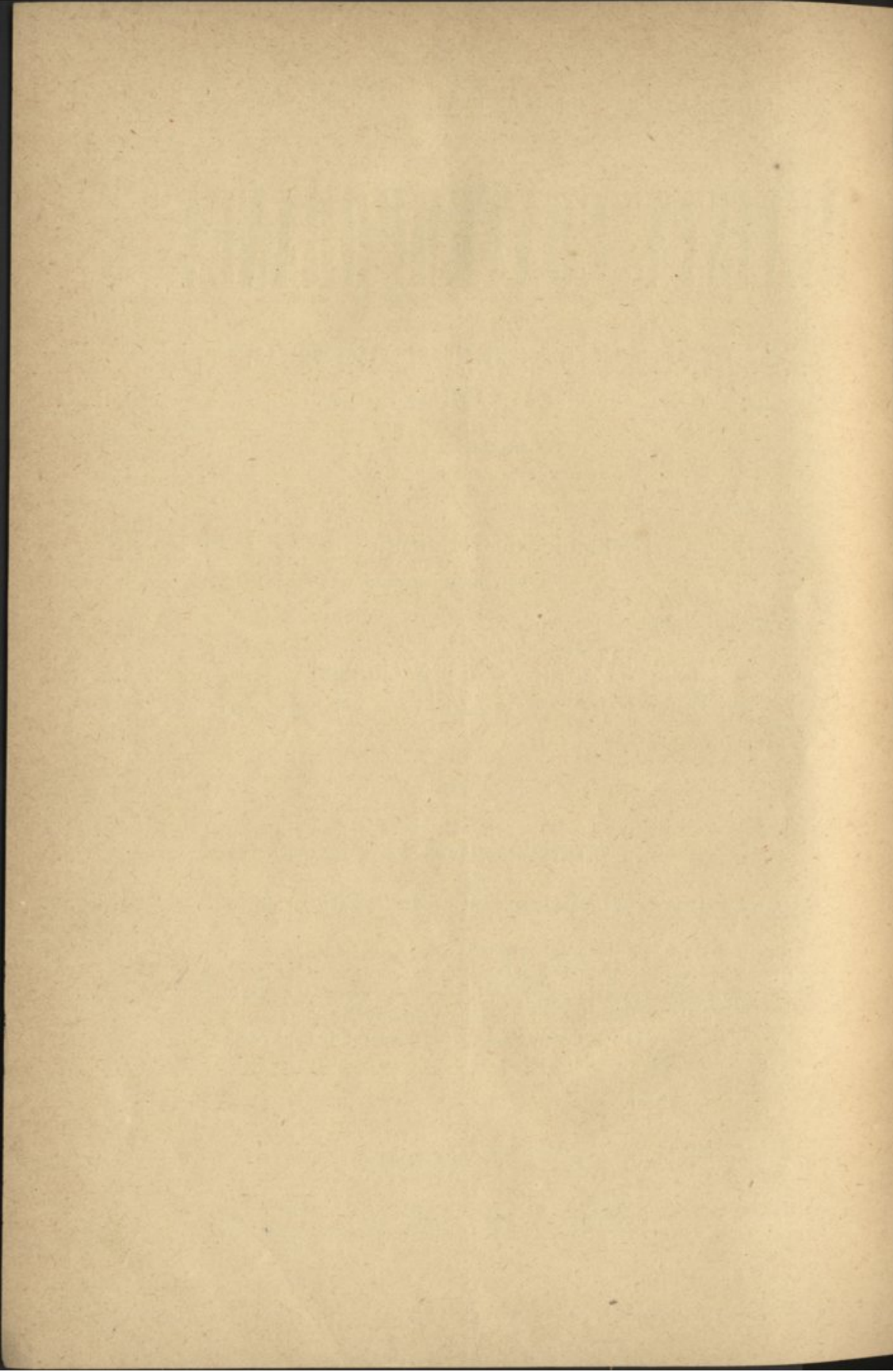
ADMINISTRADOR

José Marques Rifo e Cunha

BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA

SUMMARIO

- I — A prelazia de Moçambique no presente, *(continuação)* pelo Bispo de Himeria.
- II — Solução de politica internacional.
- III — A educação da mocidade *(para continuar)*.
- IV — Africa portugueza (Portos, emporios do futuro, estradas commercaes, caminhos de ferro), *(conclusão)*, por Ernesto de Vasconcellos.
- V — A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa *(continuação)*, por P. G., *advogado*.



A prelazia de Moçambique no presente

(Continuação da pag. 289)

A igreja da Cabaceira Grande, em frente e a dois passos de Moçambique, situada em logar de certo mais salubre e pittoresco que a ilha, uma das mais antigas e bellas da prelazia, que n'outro tempo pertenceu aos dominicanos, cahiu em ruinas e havia mais de dez annos que não tinha parochio. Esta christandade, bem como a de Mossuril, prosperas ainda no principio do seculo actual, cahiram quasi completamente em poder dos mouros, pelo abandono em que ficaram durante largo tempo.

Tendo lançado as vistas para este logar, desde o principio, por me parecer apropriado para n'elle fundar uma casa de educação e caridade, da qual n'esta provincia ha tão grande necessidade como do pão quotidiano, fundação que tenho entre mãos, e cujos estatutos em pouco tempo subirão á presença do governo de Sua Magestade para que auxilie e aproveite a util instituição, era de necessidade restaurar a antiga parochia; foi o que fiz; o seu parochio, que ha perto de um anno alli reside, será o capellão do futuro estabelecimento. A bella igreja da Cabaceira, abandonada, cahiu em ruinas; felizmente o actual governador geral, vice-almirante Teixeira da Silva, tocado por este espectaculo de ruinas e vergonha para nós, aqui mesmo ás portas da capital da provincia, resolveu restaural-a, e em seis mezes será uma das melhores igrejas da prelazia, como tambem é uma das mais antigas.

Na capital do ainda ha pouco districto de Angoche nunca

existiu, pelo menos nos tempos modernos, parochia algum; foi alli creada uma parochia em 1875; essa creação, porém, não se tinha traduzido até hoje em factos no terreno; existia apenas na portaria.

Parecendo-me indecoroso para o nome portuguez que existisse um vasto districto sem um unico padre, alli colloquei um, não só para prestar os auxilios da religião aos europeus e funcionarios residentes, mas tambem para contrariar na medida das suas forças a propaganda mahometana, que avasalou todo o norte da provincia, onde domina em absoluto, deixando-nos apenas um ou outro indigena que se tem mostrado rebelde a essa propaganda.

Aqui não existe egreja e os actos do culto são celebrados na pequena capella do cemiterio.

Se me não atraíçõa a memoria, em 1875, por ordem do ministro da marinha e ultramar, foi organizado e approvedo o orçamento para duas egrejas: uma em Angoche, a outra em Bazaruto; tudo ficou letra morta e as egrejas nunca se construíram até esta data. Bem urgente se torna a repetição da mesma ordem, com a clausula essencial de que é para se cumprir.

No archipelago do Bazaruto, onde existe um deposito de degredados europeus e indigenas de uma e outra costa, com uma regular população preta, nunca houve parochia; apenas como em Angoche, existia no *Diario do governo* a parochia desde 1875. Ora se a presença do parochia e a contínua evangelisação da doutrina christã é precisa em alguma parte, é de certo n'um estabelecimento d'esta ordem, para modificar o character do condemnado e suavisar-lhe as agruras de uma consciencia ulcerada.

Portanto, depois de solicitar as ordens precisas para que se construísse alli uma modesta egreja, e sendo-me respondido que o meu pedido fõra tomado em consideração, e dadas as ordens convenientes n'aquelle sentido, para alli enviei um parochia, que tem largo campo onde exercer o seu sagrado ministerio.

Estando abandonada ha muitos annos a veneravel egreja de Sofala, de que já nem ruinas existem, ultimamente com

séde em Chiloane, onde os actos do culto, emquanto teve parochio, o que não acontecia ha quatro annos, eram celebrados n'um indecente pardieiro coberto de palha; e tendo-se reunido uma importante população europêa na Beira, capital dos territorios da Companhia de Moçambique, para alli transferi a parochia, por não haver mais razão de ficar em Sofala ou Chiloane. Dei-lhe parochio, quanto pude em harmonia com as condições excepçõaes d'aquelle logar.

A celebração dos actos do culto é feita na bonita capella da confraria de S. João Baptista, que, como se vê, é particular, sendo, portanto, urgente construir egreja propria e mais central, o que não será muito difficil, logo que o caminho de ferro possa transportar granito, que eu vi no interior e nos logares por onde passa a linha e em grande abundancia.

No interior, nas margens do Pungue, existe Fontesvilla, onde residem muitos europeus catholicos e tambem indigenas; uma commissão construiu a expensas próprias uma boa capella, que lhe custou perto de 3:000\$000 réis, e como são muitas as milhas que separam este ponto da Beira, enviei-lhe um missionario com o titulo de coadjutor do parochio da Beira para amparar e desenvolver esta christandade.

Assim consegui ter tres padres a distancias pequenas uns dos outros, podendo em caso de necessidade prestarem-se mutuo auxilio.

Da missão e instituto de ensino de Lourenço Marques fallarei em logar opportuno. As parochias supraditas são as restauradas desde que entrei na provincia.

*
* *
*

Se o pessoal ecclesiastico é pouco numeroso, impedindo assim o acudir ás urgencias de um vastissimo territorio, vejâmos em rapida resenha o estado dos templos, capellas e alfaias do culto. Até ha poucos annos o orçamento da provincia, sempre em perigo agudo de anemia e pobreza na parte que diz respeito a cousas ecclesiasticas, inscrevia uma

verba tão insignificante para alfaias, que fatalmente devia acontecer o que aconteceu; tudo foi consumido até ao ultimo fio, e as vestes sagradas, em vez de edificarem, só promoviam o riso, o desprezo e o ridiculo inevitavel, todas as vezes que se trata sem seriedade o que de sua natureza deve infundir respeito e acatamento.

No tempo do meu veneravel antecessor, e de certo por instancias suas, essa verba destinada a alfaias foi elevada a 1:500,000 réis; e hoje a que está inscripta no actual orçamento é sufficiente para em alguns annos, com methodo e cuidado, haver alfaias bastantes e limpas em todas as igrejas e missões.

Principiemos pelo sul, em ligeira resenha.

A igreja de Lourenço Marques é nova; julgo ter sido aberta ao culto em 1880 ou pouco depois; exteriormente tem aspecto artistico, que é uma imitação do estylo gothico, com as suas agulhas elegantes; internamente é um barracão que se assemelha a uma synagoga ou templo maçonico; está tão afastada da linha geral que preside á construcção de uma igreja do culto catholico, que nem pulpito lhe fizeram. Na capella-mór dispensaram a tribuna e para rematar fizeram á guisa de retabulo entre o altar e a parede uma cousa indefinivel, que só tem similar n'um guarda louça sarapintado a modo de barracão de feira. Já dei os primeiros passos para que estes aleijões desapareçam; de resto é uma igreja assejada e regular em grandeza, a mais nova e uma das melhores da prelazia. Tem alguns paramentos, em geral em mau estado; attendendo á cidade de que é igreja parochial, vae em poucos mezes recebel-os todos completamente novos, recolhendo os que existem para, depois de reparados convenientemente, servirem n'outras igrejas de menos importancia.

A 4 kilometros, na Matola, temos a capella da missão de S. José, construida ha tres annos por subscrição, e sobretudo com o dinheiro do parochio de Lourenço Marques, Antonio Dias Simões; é pequena, mas ainda pôde supprir por alguns annos ás necessidades da missão. Tive a satisfação de a benzer e inaugurar em 1892. Tem alfaias e paramentos novos.

Ainda em Lourenço Marques ha a pequena capella de S. Francisco Xavier; tem alguns paramentos, poucos, pertencentes ao municipio e serve tão sómente para o serviço do cemiterio.

Em Inhambane existe uma boa igreja parochial, reparada ha alguns annos, está para durar ao que parece. Tem alfaias e paramentos fornecidos pela prelazia, que, não sendo rica, possui alguns bens para occorrer ás necessidades mais instantes do culto.

Proximo da villa, e n'um logar relativamente elevado, existe o cemiterio com uma modesta capella, quasi nua, que me parece não possuir paramentos proprios.

No Mongue, em frente da villa, está a missão, para alli transferida do Bembe ha pouco mais de seis mezes. Por emquanto não tem senão uma capella provisoria, muito necessitada de alfaias, as quaes ha de receber convenientes logo que fôr possivel.

Em Bazaruto deve estar-se construindo uma modesta igreja; esta parochia tem paramentos e alfaias regulares e sufficientes para as primeiras necessidades.

Na Beira ha a capella de S. João Baptista, aberta ao culto no dia em que para alli enviei um parochio, e pertencente á confraria do mesmo nome, erecta recentemente. Tem paramentos novos. Outra capella em Fontesvilla, tambem de uma associação ou irmandade, é dependencia da parochia de Sofala, com séde na Beira. Esta serve-se actualmente com as alfaias da antiga parochia, em geral em mau estado.

Entrando em Quelimane temos uma igreja boa, reparada ha alguns annos; tem duas torres pouco elegantes, mas razoaveis. Aqui as alfaias e paramentos pertencem quasi todos á confraria de Nossa Senhora do Livramento e são bastante regulares. Esta confraria possui ainda rendimentos de certa importancia. A mais de 2 kilometros existe a capella do cemiterio, bastante espaçosa, porém nua e sem ornatos. A instancias do respectivo parochio e pedido meu, a actual camara comprou todos os paramentos precisos para esta capella, exemplo que todas as outras deviam imitar e seguir.

Na villa existe ainda uma capella interior, particular e isenta, pertencente aos padres jesuitas.

Subindo o valle do Zambeze, em Sena, a antiga villa das egrejas e conventos, encontrâmos um pequeno mas elegante templo, ha pouco construido com algum dinheiro da fazenda, mas principalmentê com o dos particulares, e especialmente devido aos esforços do commandante militar Camara Lomelino. Tive a satisfação de a benzer e abrir ao publico em outubro de 1892, quando regressava de Maciquece. Necessita paramentos novos.

Em Tete são urgentes reparos importantes na igreja de S. Thiago Maior, reparos que foram mandados executar ha pouco tempo. Tem paramentos e alfaias regulares.

A seis horas de distancia, em Boroma, está prestes a concluir-se uma boa igreja, levantada pelos padres jesuitas. Ainda não tem paramentos nem alfaias da prelazia.

Nas missões do Zumbo, Tumbini e Qualani, por emquanto não existem egrejas que mereçam tal nome, mas capellas provisórias.

Em Antonio Ennes, Angoche, como já disse, não existe igreja parochial, mas a capella do cemiterio, impropria para actos do culto, e que á falta de melhor é aproveitada para aquelle fim, tem paramentos regulares.

Na Cabaceira Grande está-se restaurando a igreja, que deve ficar uma das melhores da provincia; tem paramentos em bom estado.

A igreja de Mossuril é regular em grandeza, tem bom aspecto e está bem conservada, porém os paramentos estão em mau estado e serão substituidos logo que seja possível.

Entremos na capital da provincia. A parochia de S. Sebastião está installada n'uma pequenissima capella do fortim de Santo Antonio, na parte sudoeste da ilha. Esta não tem capacidade e como parochia é provisoria. Tem paramentos e alfaias novos. Junto ao hospital existem de pé as paredes da elegante igreja de Nossa Senhora da Saude, muito bem situada; estas ruinas pertencem ao municipio, de quem tenho a promessa de uma restauração, que se não tem realizado

por difficuldades financeiras; é alli que ficará bem situada, quando prompta, a parochia de S. Sebastião.

No extremo da ilha assenta o cemiterio christão, com uma capella dedicada a S. Francisco Xavier; não possui paramentos proprios; é para exclusivo serviço do referido cemiterio.

A elegante capella de Nossa Senhora do Baluarte, na praça de S. Sebastião, é pequena, porém a unica em que ha arte, junta a uma respeitavel antiguidade. É a capella da praça e do deposito de sentenciados; tem algumas alfaias proprias, mas necessita de paramentos novos.

A igreja da Misericordia é um armazem sem ar e sem luz, que envergonha a capital da provincia, e que só por necessidade ainda se conserva aberta ao culto. Tem algumas alfaias e paramentos proprios; d'esta igreja pôde e deve fazer-se alguma cousa para termos na ilha de Moçambique uma igreja, onde se possam celebrar as festividades mais solemnes do culto catholico, por ser a unica que para isso tem capacidade e razoavel situação topographica.

Na capella de S. Paulo, pertencente ao palacio dos ex.^{mos} governadores, está installada a parochia de Nossa Senhora da Purificação da Sé matriz e a mesma Sé. É muita cousa para caber em tão pequeno espaço. A parochia tem alfaias e paramentos bons, e a Sé tem egualmente os seus, que eu fiz separar dos da parochia, em pequena quantidade, mas os que existem em bom estado. São dos poucos que foram aqui encontrados por mim, se não todos, a maior parte. A capella de S. Paulo foi restaurada desde 1888 a 1891 com gosto e até com certo luxo. Deve ter 26 metros de comprido por 7 $\frac{1}{2}$ de largura; tem uma capella do Santissimo, que ficou totalmente prejudicada por falta de espaço.

Como se vê pela capacidade da capella não pôde a Sé alli funcionar com commodidade, pois não tem o espaço sufficiente para se poder celebrar um pontifical. Não ha na capella mór espaço para o clero, não o ha para a cadeira do governador, não o ha para as diversas corporações officiaes, e nas grandes festividades não o ha sufficiente para o povo; de modo que em taes occasiões ninguem se intende, nem

encontra o logar que lhe pertence, com manifesto prejuizo da seriedade dos actos que se desempenham.

Accrescem razões muito ponderosas para que a Sé alli não possa funcionar. Todos sabem que as Sés não devem ter tribunas para casas particulares, ou por outra, tribunas independentes da mesma Sé; esta capella tem-n'as do lado do palacio e não é phantastico suppôr-se que ahi se possam passar cousas menos edificantes, com prejuizo da seriedade dos actos religiosos e edificação dos fieis; repito, esta supposição não é phantastica como alguém seria tentado a acreditar. Os governadores sempre intenderam e bem, que esta capella é um annexo do palacio, e portanto que podiam consentir ou não que n'ella se celebrassem as solemnidades da parochia e as da Sé. N'uma occasião em que eu estava em visita no interior, celebraram-se exequias na Sé, não me recordeo suffragando a alma de quem; o governador d'essa epocha, não sympathisando com o canto dos mortos, dirigiu um officio ao meu representante, dizendo que no caso de na Sé se fazerem mais officios de defunctos, que retirava a licença que tinha concedido para alli funcionar a Sé, licença que tinha dado ao meu antecessor ou ao seu representante.

É claro que quem desempenhava as minhas vezes não respondeu, nem eu tão pouco, quando regressei; e isto para não levantar attritos, porque se o fizesse teria de affirmar que aquelle era, como qualquer outro, um acto do culto catholico, e que não estava nas minhas attribuições o abolil-o. Dei ordem, porém, para se não tornarem a fazer officios pelos mortos n'aquella capella, o que equivale a supprmil-os, visto que não podem ser celebrados na praça publica.

Não estou criticando ninguem mas simplesmente mostrando a v. ex.^a que devo ter uma Sé em condições precisas, onde possa ordenar a celebração de todos os actos do culto, sem consentimento ou licença de pessoa alguma.

Moçambique tinha uma magnifica Sé, solida como uma rocha; um governador teve o capricho iconoclasta de a lançar a terra, gastando muito dinheiro para a destruir; parece-me justo e racional que se gastasse algum para a reedificar. A egreja da Misericordia foi construida solidamente; como está,

para nada serve; se, porém, com ella se gastarem pouco mais ou menos 15:000\$000 réis, ficará com ar, luz e vastidão sufficiente para uma boa Sé. Não peço uma nova, já porque conheço as condições especiaes dos tempos em que vivo, já porque reputo perdido o dinheiro que se gasta n'esta nesga de coral e areia que tem o nome de ilha de Moçambique; mas peço para ter uma igreja onde possa celebrar os actos pontificaes condignamente. N'isto está empenhada a dignidade da religião e o decoro do nome portuguez.

Em pouco tempo terei a honra de apresentar a v. ex.^a um projecto para esta obra, e tenho plena confiança que será approvedo, tão evidente é a sua necessidade e urgencia.

Seguindo para o norte encontrâmos a igreja da ilha de Querimba, quasi construida, devendo em pouco ser aberta ao publico. Tem paramentos novos e sufficientes para as necessidades actuaes.

A pequena distancia, no Ibo, assenta a igreja de S. João Baptista, em bom estado; tem paramentos regulares. Na mesma villa e no forte ha uma capella, que apenas necessitava alguns pequenos concertos e que creio já estarem concluidos, para n'ella se celebrarem os actos religiosos.

Para fornecer todas as parochias restauradas e acudir ás antigas com paramentos, alfaias e imagens, é facil calcular o trabalho que tem sido preciso empregar, e o muito que se tem aproveitado tudo o que era velho, que será substituido á medida que os recursos o permittirem e já o tem sido em muitos logares.

Parece-me ter dado uma idéa approximada do estado das parochias debaixo do ponto de vista material, podendo afirmar que actualmente está formado um rigoroso inventario geral, que é a somma dos particulares, dos quaes consta com exactidão tudo que pertence á prelazia, não sendo possivel darem-se mais extravios de objectos sem que haja uma pessoa que d'elles tenha a responsabilidade, que se torna effectiva, se porventura taes casos se vierem a dar, o que espero não aconteça.

(Continua).

BISPO DE HIMERIA.

Solução de politica internacional

Em dezembro de 1803, discutindo-se no landtag bavaro a lei que augmentava os encargos militares da Allemanha, pronunciou o principe de Lœwenstein um notavel discurso sobre a arbitragem internacional do Pontifice romano, dizendo, entre outras cousas, o seguinte: « Resignar-me-hei, com o coração bem triste, á necessidade de votar o orçamento militar, que, sendo extraordinariamente pesado, fere innegavelmente o bem estar nacional e cria uma situação intoleravel. A situação é tanto mais grave quanto é impossivel garantir que a rivalidade das nações nos seus armamentos nos não ha de collocar em presença de creditos ainda mais consideraveis. Finalmente, apesar de tudo termos uma conflagração universal, precedida talvez de um completo exgottamento das forças nacionaes.

« O unico meio de salvação que eu vejo é a criação da arbitragem internacional.

« É verdade que, no decurso d'este seculo, têm-se resolvido pela arbitragem mais de cincoenta pendencias entre Estados, mas procedia-se livremente para cada caso. A coroação de uma ordem politica universal, a possibilidade de um desarmamento e a salvação dos povos exigem um tribunal de arbitragem permanente, a cujas decisões os Estados sejam obrigados a submeter-se.

« A idéa não é nova, e de todos os lados se tem expri-

mido o desejo de a ver realisada. Em 1874, o parlamento inglez formulou até um voto n'esse sentido, e durante o concilio do Vaticano quarenta principes da Igreja pediram a Pio IX que provocasse a criação de um tribunal encarregado de dirimir ou conciliar as questões internacionaes. Petições analogas foram dirigidas ao Papa por um grupo de inglezes catholicos e pelo antigo diplomata inglez Urquhart.

« É incontestavel que o Papa será sempre a pessoa mais qualificada para presidir a tal funcção. Em favor da escolha da sua pessoa e da sua justificação sob o ponto de vista da sabedoria e do character, pode invocar-se a sua eleição para a direcção e governo da Igreja, eleição que não pode ser acompanhada de mais prudencia e garantias. Devemos emfim recordar que a sua elevada posição o obriga a abranger com a vista todas as cousas do mundo. Finalmente, deve considerar-se que quasi sempre se encontra em cada uma das partes litigantes um grande numero de catholicos, filhos da santa Igreja catholica romana, e que isso bastaria para collocar o Papa acima das partes e inspirar-lhe um juizo sabio e benevolo para todos. »

Effectivamente não é nova a idéa a que o principe de Lœwenstein se referiu no parlamento bavaro. A questão da arbitragem pontificia tem sido muitas vezes tratada por distinctos publicistas e politicos da mais elevada reputação.

Podemos verificar, diz M. Revon, ¹⁾ que no presente seculo muitos auctores de idéas bem diversas sustentaram calorosamente a jurisdicção pontificia para a solução dos conflictos internacionaes. Em 1869, só na Inglaterra apparecem duas interessantes manifestações n'este sentido: por um lado uma petição de grande numero de fieis inglezes, pedindo que a Santa Sé creasse um collegio para o ensino do direito das gentes e voltasse a desempenhar a sua antiga missão internacional; por outro lado o eloquente « appello de um protestante ao Papa para o restabelecimento do direito publico das nações », dirigido a Pio IX por David Urquhart.

1) *L'Arbitrage international*, pag. 384.

As mesmas conclusões se encontram nos postulados submettidos ao concilio do Vaticano, e assignados, um em Roma por quarenta bispos, outro em Constantinopla no synodo preparatorio da Egreja armenia, representada pelo patriarcha da Cilicia.

Mais recentemente um grande numero de publicistas, como Defourny, Robert Monteith, o barão d'Avril e muitos outros elaboravam estudos sobre a questão que era egualmente estudada pelos mais illustres estadistas e apresentada em diferentes assembleias politicas.

No dia 25 de julho de 1887, sustentava lord Stanley d'Anderley na camara dos pares uma moção em que propunha fazer reviver a intervenção da Santa Sé, por meio da arbitragem, a fim de diminuir os males das guerras injustas ¹⁾.

No congresso da paz reunido em Roma, sob a presidencia do sr. Bonghi, em 13 de maio de 1889, o Marquez Pareto propunha que se decretasse ao Papa o titulo de arbitro universal, depois de ter adoptado um systema de reconciliação da Italia com a Santa Sé. ²⁾

Finalmente, a arbitragem pontificia tem sido muitas vezes proposta para dirimir a questão da Alsacia-Lorena, e podemos pensar, em face de algumas allocuções do Santo Padre, que Sua Santidade se encontraria disposto a aceitar essa elevada missão. Mas foi principalmente a proposito da mediação das Carolinas que este movimento de idéas tomou proporções consideraveis. « Fora e acima das dissidencias religiosas — dizia Lacointa ³⁾ — ha uma auctoridade social de primeira ordem que, sem exercito para se fazer respeitar, personifica por excellencia a superioridade do espirito sobre a materia, do direito sobre a força; os representantes d'esse poder foram os primeiros que instituiram legações permanentes junto dos Estados e affirmaram os principios do direito das gentes; foi a essa auctoridade, apparentemente abatida,

¹⁾ *Journal du droit international privé*, 1887, pag. 527.

²⁾ *Revue libérale*, maio de 1889, pag. 242; Mongins-Roquefort, *De la solution juridique des conflicts internationaux*, pag. 116, etc.

³⁾ Introducção ao livro do conde Kamarowsky traduzido em francez com o titulo — *Le tribunal international*.

emquanto magistratura dos reis e dos povos, pelo advento da reforma, — foi a essa auctoridade que ainda ha pouco se dirigiu um monarcha, filho mais velho da propria reforma, invocando a sua mediação n'um conflicto grave.

« Sabe-se com que veneração foi recebida por dois governos, na questão das ilhas Carolinas e Palaos, a proposta emanada, em 22 de outubro de 1885, do augusto mediador; se Sua Santidade Leão XIII tivesse sido chamado a decidir como arbitro, a sua sentença não podia ser mais completamente executada do que o foi a sua obra de mediação. »

Era este mesmo o sentimento de muitos homens serios pertencentes a outras opiniões religiosas. Podia ler-se por essa occasião, na revista ingleza *Spectator*: ¹⁾

« A humanidade procura um arbitro cuja imparcialidade seja indiscutivel. Sob muitos pontos de vista, o Papa está, pela sua posição, indicado para esse cargo. Occupa um logar que permite aos monarchas, assim como ás republicas, recorrer a elle sem sacrificio para a sua dignidade. Como consequencia da sua missão, não só o Papa é imparcial entre todas as nações mas ainda se encontra n'um tal grau de elevação, que as differenças são imperceptiveis á sua vista. Resta a questão de religião, mas essa difficuldade vae enfraquecendo. A este respeito nenhum paiz podia ter maiores preconceitos que a Allemanha. Ora o principe de Bismarck não teve receio de dirigir-se ao chefe da Igreja romana. »

O auctor do artigo concluia que semelhante escolha « não é um triumpho para a força material, e proclama claramente que o Papa é, em certos casos, o arbitro actual do mundo civilisado ».

Em França muitos jornaes independentes, e alguns bem insuspeitos sob o ponto de vista das suas idéas religiosas, como o *Journal des débats* e a *Liberté*, exprimiram sentimentos analogos. ²⁾

¹⁾ Cit. por Lacointa, obr. e log. cit.

²⁾ Mougins-Roquefort (obr. cit., pag. 115) reproduz extractos d'estes jornaes. — Cf. diversos artigos do *Désarmement* (28 de abril de 1889), do *Herald of Peace* (março de 1889), etc.

Finalmente recordaremos que toda a opinião publica da Europa, aterrada perante a perspectiva de um grande conflicto europeu, que levaria as nações ao lucto e á miseria, espera com anciedade o momento em que, sob a presidencia do Vigario de Jesus Christo, se constitua um tribunal encarregado de dirimir as questões internacionaes. O mundo inteiro terá dado n'esse momento um grande passo no caminho da civilisação.

A paz armada que actualmente reina em toda a Europa, e que é, em certo modo, peor que a propria guerra, constitue um grande flagello para os povos, que assim vêem gravemente prejudicado o seu desenvolvimento economico e o seu bem estar social. Quando se pensa que, para manter o equilibrio europeu, é necessario sustentar alguns milhões de homens armados, formando poderosissimos exercitos que custam sommas verdadeiramente fabulosas; e quando se reflecte que, atraz d'essa paz apparente, reina entre diversos povos um odio de exterminio, — extranha-se que ainda não estejam todos sufficientemente convencidos da necessidade imperiosa de liquidar as questões pendentes por meio de um tribunal internacional, que continuasse no futuro e permanentemente a sua obra pacificadora.



A EDUCAÇÃO DA MOCIDADE

Ha uma questão que em nossos dias tem agitado vivamente a opinião publica e levantado extensos debates na tribuna e na imprensa. Desde o chefe do Estado até ao ultimo pae de familia, todos, senadores, deputados, magistrados, escriptores, oradores, todas as classes sociaes entraram na liça e escreveram na historia das luctas parlamentares paginas immortaes assignadas pelos mais bellos talentos e pelas mais nobres coragens. E não só um paiz mas o mundo inteiro tem hoje os olhos fixos n'esse importante problema. Que questão é essa tão grave e tão digna de preoccupar a attenção universal? É a questão das escolas.

Merecerá tanta importancia — dirá alguem — uma questão de creanças? — Pois não é demasiado concentrar n'ella todo o nosso enthusiasmo e todo o nosso ardor; não são demais todos os recursos da fortuna e do talento para garantir o triumpho das sãs idéas e conjurar o mal de uma educação viciosa. É que no peito da infancia abriga-se um mundo inteiro de esperanças ou de desgraças; no seu coração residem os grandes destinos da religião e da patria: a infancia é a esperança ou o flagello do futuro.

Dae-nos uma mocidade pervertida pela intelligencia, corrompida pelo coração, empobrecida de sangue, e tereis mais tarde uma sociedade degradada, sem força nem coragem para se defender e morrer. Dae-nos, pelo contrario, uma mocidade pura nas suas doutrinas, nos seus costumes e no seu sangue, e mais tarde recolhereis para a patria gerações grandes e fortes pela intelligencia e pelo coração, com braços vigorosos

para cultivar e defender a terra de seus avós. Enquanto uns dizem: « Para restituir á patria o seu antigo esplendor, é preciso dar mais desenvolvimento ao commercio e á industria, mais extensão ás sciencias e bellas artes, mais impulso á riqueza e aos exercitos » — outros, mais avisados, exclamam: « É preciso reformar o ensino e obstar ao seu viciamento; para regenerar e aperfeiçoar a sociedade é preciso primeiro regenerar e aperfeiçoar a educação, porque a educação é o futuro ».

Tal é a explicação do vivissimo interesse e da immensa importancia dada á questão das escolas. Se o Crucifixo, diz a Egreja, continuar ligado á escola como a sua bandeira, com todo o seu cortejo emblematico de ensinamentos, de principios e de moral, a infancia será mais tarde a salvação da patria. Se, pelo contrario, diz o livre pensamento, o Crucifixo não for espedaçado e a consciencia catholica opprimida, ai da liberdade e do futuro! Consideremos, não á luz mentirosa das paixões, mas á luz mais real e mais serena dos factos, quem tem prestado mais serviços á infancia e á educação, se a Egreja se o livre pensamento: a experiencia do passado mostrar-nos-ha onde está a garantia do futuro.

I

É raro haver uma distribuição de premios escolares, em que o presidente se não julgue obrigado a repetir esta falsidade historica: « Que bellas intelligencias se terão perdido, ficando desconhecidas e portanto improductivas, na serie de séculos durante os quaes a instrucção era apanagio de alguns privilegiados da fortuna ou do nascimento, ao passo que hoje, graças ao ensino obrigatorio, todas as faculdades intellectuaes, todas as aptidões podem revelar-se e engrandecer-se na medida do seu valor respectivo! »

Insinua-se d'este modo que a instrucção primaria é filha do livre pensamento, e que a Egreja, nos tempos da sua maior preponderancia, despresou a instrucção popular, como se para os seus dogmas receiasse uma luz demasiado intensa, e precisasse de envolver os seus mysterios n'uma camada

espessa de ignorancia e trevas. Examinemos o valor d'esta asserção.

Se abrirmos a historia, lemos n'um auctor pouco suspeito de favorecer a Egreja, lemos em Guizot, que desde o sexto seculo, a ordem de S. Bento funda nas Gallias numerosos mosteiros, e cada um d'esses mosteiros se torna uma escola para as classes populares. Em apoio apresenta Guizot, não phrases de rhetorica, mas nomes proprios, algarismos e documentos authenticos.

No seculo VIII, Carlos Magno quer que cada abbadia sustente uma escola onde as creanças possam aprender a ler, escrever e contar. Refere-se a essa data uma capitular celebre de Theodulfo, bispo de Orléans, onde se prescreve aos sacerdotes que estabeleçam escolas nos burgos e nas aldeias. Em 1179, o terceiro concilio de Latrão prescreve que haja em todas as cathedraes um professor para rapazes pobres.

Não podemos duvidar de que essas prescrições foram seguidas em todo o curso da idade media, quando vemos estipulado, nos contractos de aprendizagem e de tutela, que o pupillo ou o aprendiz frequentará as escolas e será instruido segundo a sua condição, e sobretudo quando vemos esta clausula expressa relativamente a simples creados ou trabalhadores.

Ao fundar-se no seculo XII a monarchia portugueza, é ao clero que se incumbe a missão do ensino popular. «O ensino — diz D. Antonio da Costa ¹⁾ — tenuemente desenhado nas cathedraes tornou-se um elemento privativo dos mosteiros. Esta é a feição caracteristica da instrucção no primeiro periodo da monarchia.

« Foi D. Affonso Henriques quem fundou e dotou essa immensidade de conventos ensinantes, como o de Santa Cruz em Coimbra, o de S. Vicente de Fóra em Lisboa, o de Santa Maria de Alcobaça, o de Tarouca e tantos outros. Seus filhos e netos, as rainhas e infantas, os nobres, os ricos, todas as classes emfim abriram os cofres, e uma rede de mosteiros co-

¹⁾ *Historia da instrucção popular em Portugal*, pag. 13 e seg.

briu a superficie do paiz. Estabelecem-se primeiramente nos centros principaes, e multiplicam-se depois pelo reino. Aos bentos, aos cruzios, aos bernardos, já ramificados, seguem-se, no tempo de D. Affonso II, os dominicos, os franciscanos e outros ainda, fundando-se com o auxilio do braço regio os mosteiros de Coimbra, Lisboa, Evora, Porto, Guimarães, Alemquer, Elvas e demais povoações, abrindo o estudo da theologia, dos canones, da medicina e as humanidades preparatorias.

«Os mosteiros e as cathedraes foram as unicas escolas em que a nação encontrou os primeiros elementos da sua instrucção, e honra seja desde essa quadra iniciadora á cidade de Coimbra, onde tendo já o conde Sisnando instituido em 1073 um seminario teve tambem desde os primeiros dias da monarchia, no mosteiro de Santa Cruz, o ensino das humanidades, de theologia e medicina ¹⁾).

.....
 «Um escriptor portuguez, interpretando as chronicas dos conegos regrantes, assevera que no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra se liam *publicamente* as disciplinas preparatorias e os cursos superiores ²⁾).

«N'este ponto importante da questão, temos de recorrer aos vetustos documentos do proprio mosteiro, e de beber na origem as idéas d'aquella organização dos estudos. O ensino do mosteiro cruzio de Coimbra mereceu toda a sollicitude da ordem, e mesmo uma certa protecção real, cujo alcance vamos conhecer.

«Uma reunião de circunstancias chamou as attenções para o ensino no mosteiro dos cruzios: a tradição, que é o espirito vivificador das instituições de nomeada, o estar na

¹⁾ «Consulte-se a historia especial de cada um dos mosteiros nas chronicas dos seus escriptores mais notaveis. *Historia chronologica e critica da real abbadia de Alcobça*, por Fr. Fortunato de S. Boaventura. *Historia da ordem de S. Domingos em Portugal*, por Fr. Luiz de Sousa. Para a ordem de S. Francisco as obras de Cenauculo. Sr. Augusto Philippe Simões, *Evora*, estudo curioso e douto, no *Archivo pittoresco*, tom. III, abril de 1868. *Chronica dos conegos regrantes de Santo Agostinho*, por Fr. Nicolau de Santa Maria. *Monarchia lusitana*, liv. XVI, cap. 5.º e 72.º Castro, *Mappa de Portugal*, parte IV.»

²⁾ «Castro, *Mappa de Portugal*, parte IV.»

côrte, o amôr que mereceu ao fundador da monarchia, de cujas cinzas era depositario, a sabedoria dos seus professores ecclesiasticos, as habilitações que foram demandar á universidade de Paris os seus monges mais intelligentes que se dedicavam ao magisterio, a concorrência dos alumnos de outros mosteiros do reino indo alli procurar o ensino como se fosse a uma escola normal, segundo hoje lhe chamariamos, e finalmente a concorrência dos particulares que se dedicavam á carreira ecclesiastica.

«Todas estas circumstancias influiram no animo de D. Sancho I, a quem sorriu a idéa de estudos na côrte que então era; e a escola superior dos cruzios, tendo ganho o que chamariamos popularidade, obteve do rei um certo auxilio indirecto. D. Sancho abonava as despezas aos alumnos que o mosteiro mandava doutorar na universidade de Paris, para depois virem reger as cadeiras de Santa Cruz, arbitrando-se da fazenda real 400 maravedis de oiro ¹⁾. Foi um d'esses prestacionados, D. Mendo Dias, que depois de regressar veio abrir no mosteiro o ensino da medicina, determinando o prior D. Gonçalo que alguns conegos a aprendessem, pela muita necessidade que havia d'esta sciencia no reino ²⁾. A par d'este ecclesiastico douto que iniciou em Santa Cruz o ensino da medicina, brilharam os professores ecclesiasticos das diversas faculdades, D. João, futuró prior, o versadissimo mestre Raymundo, D. Pedro Pires e outros ³⁾.

(Continúa).



¹⁾ Carta de doação de D. Sancho I ao mosteiro de Santa Cruz, de 14 de setembro de 1199. Fr. Nicolau de Santa Maria, *Chronica* cit., parte II, liv. VII.

²⁾ *Chronica* cit., n.º 7.

³⁾ Antigo *Livro do mosteiro de Santa Cruz*.

AFRICA PORTUGUEZA



Portos, emporios do futuro, estradas commerciaes,
caminhos de ferro

(Conclusão de pag. 265)

Passando a occupar-nos do nossos restantes dominios africanos, temos de apreciar as circumstancias a que ficou reduzida a nossa antiga provincia de Moçambique, justamente aquella por onde mais dilatámos a nossa acção militar e colonisadora e que ao depois, por uma má comprehensão politica, cujas causas ainda estão ignoradas, quasi abandonámos deixando-a entre a influencia dos capitães-móres e donatarios dos prazos de ambas as margens do Zambese; essa grande arteria por onde se internaram os exercitos de Francisco Barreto e de Vasco Fernandez Homem, para a conquista do imperio de Monomotapa.

Foi Moçambique a possessão que mais córtes soffreu no seu vasto territorio, victimada pela ambição da *Sul Africana*; ficando então com uma superficie avaliada em 780:000 kilometros depois da retaliacção do tratado de 11 de Junho de 1891, do qual, por uma falsa comprehensão, ainda querem desviar uma notavel zona territorial a leste do Rio Save e ao sul do planalto de Manica.

A administração da provincia está hoje quasi completa-

mente entregue ás companhias de Moçambique, Nyassa e Zambesia, das quaes as primeiras teem carta régia e por isso não nos occuparemos dos respectivos territorios senão incidentalmente, afim de não se suppôr que lhe fazemos *reclame*.

Como a sua irmã do oeste africano, possui os melhores portos da costa oriental d'África os quaes se acham na sua maioria descriptos no importante relatório do sr. conselheiro Augusto de Castilho publicado em 1884, sendo os mais notaveis os de Lourenço Marques, Beira e Quelimane, por serem aquelles por onde se faz a mais rapida communição com os grandes emporios do éste africano que se chama Transvaal, Manica e Machona, Zambesia e Nyassalandia; os primeiros pelos seus importantissimos jazigos auríferos, os ultimos pelas riquezas carboníferas, agricolas e commerciaes.

Lourenço Marques, considerado como porto de mar, tem melhorado muito, prosegue com a maior actividade o pharolamento e a sua balisagem. Algumas boias teem sido collocadas para assignalar os baixos mais perigosos, accendeu-se o pharol de grande aterragem no cabo Inhaca, augmentou-se o poder do da Ponta Vermelha, construiu-se outro na ponta SO. da Xefina, e collocaram-se luzes de direcção na Catembe e vão estabelecer-se mais dois pharoes para completar o plano geral de alumiamiento do porto: um na ponta éste da restinga da Xefina e outro na ponta Gibbon da ilha Elephante, tendo o primeiro um sector corado para marcar o canal Hope, a melhor entrada da bahia. Uma ponte accostavel está em via de conclusão no porto interior, junto á cidade, para facilitar o movimento que augmenta consideravelmente pela ligacão do caminho de ferro de Lourenço Marques á portella do Incomati com o que vem de Pretoria, incontestavelmente a melhor entrada para o Transvaal, e que de certo fará uma concorrência temível aos caminhos de ferro do Cabo e do Natal, como se pôde concluir pela guerra que estes lhe fazem na questão das tarifas; questão que o nosso governo não deve abandonar um só momento. Mas não basta o que temos feito desde já, é preciso mais. Urge a construcção de uma doca para carga e descarga, com caes exterior accostavel,

sobretudo estando a concluir-se o ramal da portella do Incomati para os campos d'ouro do Silati e que fará augmentar ainda mais o trafego do porto, não só pela sua exportação directa, como pela exploração de todo o districto do Zóútpansberg que este ramal tanto vae facilitar.

O districto de Lourenço Marques, cortado de rios navegaveis taes como o Incomati, Tembe e Limpopo, é de uma facil exploração commercial, mineira e agricola, se se fizer a policia d'esses rios pelas lanchas canhoneiras e se se procurar attrahir o colono, já por meio de pequenas companhias de colonisação, já pela acção directa do estado. Entre estes rios o Limpopo é sem duvida a mais importante via navegavel do districto; a sua barra é difficil, mas não impassavel, uma vez que esteja balisado, como convém, por meio de marcas moveis em terra; na foz deve haver um pharol e um semaphorico para indicar a maré e estado da barra: esta é navegavel para navios de rodas movidos a vapor que não demandem mais de 6 pés. O Limpopo póde dividir-se em quatro secções navegaveis segundo a profundidade: a primeira desde a foz do Pafuri até ao rio dos Elefantes não poderá ser navegada na estiagem por haver pontos em que o fundo é apenas de $\frac{1}{4}$ de pé; na epoca das aguas, que dura tres a quatro mezes (Janeiro a Abril), póde então ser percorrida por embarcações que demandem de 2 a 3 pés, e durante as cheias, que se prolongam ás vezes por 20 dias e mais, podem barcos de 5 pés de calado d'agua navegar até á fronteira.

A segunda secção, desde a foz dos Elefantes ou Lipalule até á Mohamba, que fica a 150 kilometros do oceano, póde ser navegada na estiagem por lanchas de 2 pés de calado d'agua. Entre a Mohamba e a foz do Chengane póde contar-se com 3 pés d'agua e do Chengane a Chai-chai ha 5 pés d'agua de profundidade. A Chai-chai chegam em todas as epocas do anno as embarcações que possam passar a barra do Limpopo.

Todo o valle do Limpopo portuguez é apropriado para o estabelecimento de colonias de população principalmente para montante do ponto de confluencia d'elle com o Chen-

gane. Algumas milhas a leste d'este rio está estabelecido o chefe vátua Gungunhana ¹⁾, um dos poucos potentados indigenas que ainda restam, mas cujo poder tem decahido muito pela influencia exercida pelo governo portuguez que tem avassallado, successiva e gradualmente, muitos chefes do valle do Inharrime, que está occupado completamente pelas nossas auctoridades de Inhambane, achando-se o ultimo posto militar situado no Chicomo a cerca de 50 kilometros de Manjacase, nome dado á povoação onde se estabeleceu o Gungunhana.

O commando militar de Chicomo está ligado á villa de Inhambane por meio de uma boa estrada carreteira estabelecida em grande parte ao longo do rio Inharrime, até ao ponto onde se edificou o quartel militar d'este nome, seguindo então para o norte, passando por Cumbana, prolongando-se pela margem esquerda do rio Matamba que vae desaguar na bahia de Inhambane. Se esta estrada continuar desde Chicomo até ao Limpopo, passando por Manjacase, n'uma extensão de 100 kilometros e do Limpopo, no extremo sul de Bilene, seguir outra para Magul, apenas com 32 kilometros de comprimento, teremos ligado o Incomati, e portanto Lourenço Marques com Inhambane. Magul é, como se sabe, uma importante estação commercial da margem esquerda do Incomati onde chegam, em todas as epochas do anno, lanchas de carga de 10 a 18 toneladas que transportam mercadorias de Lourenço Marques.

Este pequeno lanço d'estrada, entre Magul e o Limpopo, tem uma grande importancia porque vem supprimir as deficiencias de navegação da barra do Limpopo, trazendo ao porto de Lourenço Marques o commercio que aproveita da navegabilidade d'aquelle rio, em cujas margens ha grande numero de povoações Mabuingella e Vátuas, no meio das quaes se podiam estabelecer feiras fixas, que seriam o fundamento de futuras povoações europeas no interior, concor-

¹⁾ Como se vê, foi este artigo escripto antes dos ultimos acontecimentos que se deram na Africa e que todos conhecem. (N. da R. da *Revista Contemporanea*).

rendo para civilisar o indigena e dar impulso á abertura de novas vias de communicação.

Por conseguinte bastaria construirmos 132 kilometros de estrada entre Chicomo e Magul para termos assegurado as communicações terrestres entre as duas mais importantes povoações do sul de Moçambique, Inhambane e Lourenço Marques, que se deveriam egualmente ligar por uma linha telegraphica com estações intermedias em Inharrime, Chicomo, Manjacase, commando militar de Limpopo, Magul, Incanhine, Marracuene, Angoane, Ponta Vermelha e Lourenço Marques.

O porto de Inhambane que, na ordem que vamos seguindo, vem logo apoz o de Lourenço Marques, é seguro e abrigado de todos os ventos e proprio para navios de alto bordo. Está balisado por meio de boias e outras marcas e um pharolim se accende na ponta da Burra. O alcance e poder d'esta luz devia ser melhorado. Junto d'ella ha um posto semaphorico, que deve estar em communicação com a villa por meio de uma linha telephonica, afim de participar a chegada de qualquer navio. O serviço dos pilotos precisa melhorado e ter embarcações proprias.

Os terrenos de Inhambane são apropriados á agricultura que tem tido grande desenvolvimento; o café é excellente, a sua exportação tende a augmentar; produz tambem algodão, arroz, assucar, aguardente e bem assim amendoim, copra, borracha, cera, urzella, gomma copal, etc. Como se vê, é apenas preciso animar o colono a ir para alli estabelecer-se dando-lhe terrenos, casa, instrumentos agrarios e sementes. A fertilidade do terreno e a benignidade do clima bem depressa o ajudariam a indemnisar o estado da despesa feita. Felizmente começa-se a perceber isto, e já alguns africanistas teem pedido concessões de pequenas areas de terrenos, em volta da grande bahia de Inhambane, para estabelecimento de plantações e fazendas agricolas que elles teem ido dirigir. Que o seu exemplo seja seguido é quanto devemos desejar, porque o futuro mostrará que não foram perdidos os seus esforços. A organização das terras, isto é, a inscripção dos sobas ou regulos avassallados que nos pagam o imposto de

palhota tem melhorado muito, podendo dizer-se que o seu rendimento dá uma receita líquida apreciável, que de certo crescerá bastante pela criação de novos postos de occupação, pela conclusão das estradas carreteiras, a que acima nos referimos, e pela policia fluvial nos rios Inharrime, Inhapaballa ou Inhatumbo, á frente da qual estará dentro em pouco uma lancha conhoneira a vapor; tudo enfim quanto demonstre aos olhos do preto a nossa força e predomínio trará como consequencia a sua submissão. Do parallelo 22.º para o norte até ao Zambese, está a administração entregue á companhia de Moçambique, que vae dando o desenvolvimento que pôde aos seus territorios, achando-se em actividade uma linha ferrea de via reduzida entre Fontesvilla e Chimoio, a qual em pouco tempo se estenderá para oeste até Manica, e para sueste até á Beira, em cujo porto se acha estabelecida a capital dos territorios da companhia.

Segue-se o districto da Zambesia com a séde em Quelimane, o seu melhor porto, e tem diante um prospero futuro vindo a ser o interposto commercial para a região dos lagos, que tem por aqui a sua melhor entrada. O porto de Quelimane possui um systema completo de allumiamiento e balisagem destinado a tornal-o accessivel a qualquer hora do dia ou da noite. Está rodeado por meio de prasos ou fazendas agricola commerciaes ligadas, na sua maioria, por canaes naturaes onde as lanchas fazem o trafego facilitando muitissimo as communicações. O rio de Quelimane é navegavel em qualquer epoca do anno até Mogurrumba e d'ahi para oeste em direcção ao Quaqua quando este traz agua; mas este caminho, para se passar para o Zambese e para o Chire, terá de se abandonar logo que se construa o caminho de ferro que deve pôr em rapida communicação o porto de Quelimane com a fronteira tomada em um ponto do curso médio do Ruo. Esta via ferrea, que ligará com a que se fizer no territorio de Blantyre, para vencer a região das cataractas do Chire, entre Catunga e Matope, e onde elle deixa de ser navegavel, seguirá provavelmente pelo valle do Luala até aos rapidos de Pacumpinga no Ruo em direcção a Blantyre e Matope,

deitando um ramal para o Chire na altura de Chironge. As vantagens d'esta linha são manifestas: a primeira, consiste no facto de se poder rapidamente attingir o ponto onde termina a navegação do Nyassa que, como se sabe, entrando no Chire, chega até Matope; e, estando o Nyassa em comunicação, pela estrada chamada de Stevenson, com o Tanganika, teriamos d'este modo a região dos lagos ligada a Quelimane pela via mais curta e mais rapida e consequentemente todo o movimento commercial agrícola e mineiro teria o seu *débouché* no nosso porto com grandes vantagens para o paiz e para o commercio. A outra vantagem seria a do ramal para o Chire. É sabido que a navegação do Zambese se faz pelo Ziu-Ziu e pelo Chire para evitar a parte de difficil travessia, correspondente á ilha de Inhangoma, e que, d'aqui para jusante, a navegação continua difficil até ao Chinde, unica sahida actual do grande rio. É claro que tendo em Chironge, no Chire, um pouco acima, cerca de 36 kilometros, a linha ferrea, todo o movimento que provier do Zambese, para montante do Ziu-Ziu, virá ter a Quelimane. A magnífica bacia carbonifera de Tete, a região mineira aurifera da Makanga e da Maravia de leste terão o seu futuro garantido pela abertura d'esta via de comunicação.

Resta-nos fallar do districto de Moçambique, de certo o menos conhecido de toda a provincia, o que é sem duvida devido ao facto de se haver estabelecido a capital na ilha que deu o nome á nossa possessão da Africa oriental. Já no nosso opusculo, ácerca da questão com a Inglaterra, tratamos das causas que tolheram a nossa acção na provincia, uma das quaes foi o não termos transferido a séde do governo geral para Lourenço Marques, onde mais se carecia do elemento portuguez. Effectivamente todo o functionalismo militar e civil com a estação naval estabelecido em Lourenço Marques, dar-nos-hia um elemento preponderante muito para ter em linha de conta perante os que, por falta d'elle, viam n'isso uma razão para tentarem desapossar-nos do melhor porto do sueste d'Africa. Mal se comprehende como podemos hoje ainda sustentar Moçambique como capital quer da provincia,

quer do districto, quando ao pé, no continente, temos o porto de Mocambo e as magnificas bahias de Fernão Velloso e de Nacala, sendo esta o melhor e mais seguro abrigo entre os muitos bons portos da provincia e um dos melhores portos do mundo. O territorio que o circumda é coberto por esplendidas mattas, d'onde se extrahem excellentes madeiras de construcção. Não deve continuar despresado este porto que se nos afigura muito proprio para fundação da capital do districto e um bom ponto de apoio para penetração no interior que, mais rapidamente, se iria, por este meio, sujeitando á nossa effectiva influencia com a perspectiva de se auferirem bons resultados pela exploração de um tão rico quanto pouco conhecido territorio.

Outros pequenos portos do districto deviam ser occupados militarmente e em communicacção por meio de uma linha telegraphica, afim de participarem para a séde do governo districtal qualquer occorrenca que precisasse auxilio. O districto de Cabo Delgado está entregue á companhia de Nyassa, que nos seus estatutos tem impostas as obrigações tomadas para com o governo ácerca da valorisação do seu territorio e por isso mesmo não tratamos d'elle.

Tendo passado em revista os nossos dominios africanos mostrámos o muito que já temos feito em prol da sua civilisação e melhoramentos materiaes, e apontámos resumidamente o que, entendemos, se deveria ainda emprehender, para as possessões portuguezas d'este vastissimo continente entrarem no caminho do progresso acompanhando no seu desenvolvimento as colonias visinhas. Que isso se realise em breve é o que desejam todos os portuguezes.

ERNESTO DE VASCONCELLOS.



A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa

(Continuação da pag. 230)

CAPITULO SEGUNDO

Queda do poder temporal

As linhas que seguem, escriptas mais para recordar áquelles que esquecem que para instruir os que nunca souberam, referem-se a uma multidão de factos de que não fallaremos ou aos quaes faremos uma simples allusão. Para que faremos a narrativa de factos conhecidos de toda a gente, e reproduziremos documentos vinte vezes publicados?

Apenas queremos esclarecer certos factos historicos esquecidos de muitos, desconhecidos de um grande numero, e que dão a essa empreza da destruição do poder temporal o seu verdadeiro character, que muitos têm procurado desfigurar audaciosamente.

Na historia dos povos como na vida dos individuos, importa distinguir perfeitamente aquillo que é d'aquillo que parece ser, porque muitas vezes essas duas cousas differem fundamentalmente. Mas a verdade não perde os seus direitos pelo facto de alguem ter conseguido occultal-a. Porque um homem consegue dissimular os seus vicios, dar-lhes até a apparencia de virtudes, nem assim fica sendo menos vicioso

e desprezível; assim como um governo, que conseguisse fazer silencio ácerca de crimes sem numero, ou achasse meio de os expor sob um ponto de vista enganador, nem por isso deixaria de ser criminoso. Vamos dizer alguma cousa da questão que nos occupa, porque se não pôde dizer tudo nem mesmo conhecer tudo; não nos importa que os politicos do dia raciocinem da mesma fórma, que os jornalistas escrevam e que as multidões julguem como nós. A verdade deve dominar tudo. Mas nem sempre é facil conhecê-la, tanto a occultam, tanto a falsificam, tanto a substituem por imposturas e mentiras.

Já vimos que os chefes revolucionarios de todos os paizes, esses homens a quem Pio IX chamava com razão *os inimigos da sociedade humana*, tinham preparado nos seus conciliabulos a destruição do poder temporal do Papa, animados de um furor extranho e inteiramente especial.

Em 1846 declarára Mazzini que « o Piemonte entrava no caminho pela perspectiva da corôa da Italia ». Em um relatorio que dirigia de Paris á commissão central revolucionaria de Londres, e que achamos reproduzido no *Journal des Débats* de 15 de maio de 1851, exprimia-se assim: « Devemos contar, *de certo* contamos com o esclarecido governo que se acha estabelecido em Turim. Esse governo tem o sentimento da sua missão, e está prompto a entrar de novo nos seus gloriosos combates, logo que as *circumstancias previstas* tenham collocado nos paizes visinhos os homens do futuro á frente dos negocios ».

Todavia o famoso demagogo não acreditava que um rei, quem quer que elle fosse, podesse terminar completamente a obra criminoso; contava ainda uma vez com a Republica. Em setembro de 1858 escrevia no seu jornal:

« Roma, a *nossa* capital, a *nossa* cidade santa é defeza á Monarchia. Pôde acaso um rei tirar Roma ao Papado? Uma auctoridade derivada, secundaria, pôde destruir, opondo-se resolutamente ao Papado, a fonte de toda a auctoridade na Europa governamental, consummando o maior acto revolucionario que actualmente se pôde conceber? Entre os

homens que se dizem monarchicos haverá um utopista sufficientemente ousado para o affirmar? A unica fórma por que o principio monarchico poderia tentar fazer a Italia una sería tentando submittê-la toda, de um a outro extremo, á dominação do Papa. Haverá alguém que julgue isto possivel e desejavel? »

Mazzini enganava-se: um rei impellido pela ambição e arrastado por sectarios devia arrancar ao Papa o seu dominio temporal, e a Europa, em consequencia das suas divisões, das suas luctas armadas, e principalmente em consequencia das influencias occultas que ha muito se faziam sentir por toda a parte, a Europa fechou os olhos ao que se passava, e, reservando o futuro, deixou que a iniquidade se cumprisse até final.

Quando no congresso de Paris, em março de 1856, se viu aquelle que devia ser o agente principal da obra revolucionaria por excellencia, que se pôde chamar a obra prima da franc-maçonaria, e á qual o proprio Mazzini chamava, como vimos, « o maior acto revolucionario que actualmente se pôde conceber »; quando se viu Cavour assumir o papel de accusador do governo pontificio, que nada tinha que ver com o congresso, que lá não estava representado e não podia defender-se, comprehendeu-se o fim, até então secreto, com que o Piemonte fôra unir-se á França e á Inglaterra para fazerem a guerra da Criméa. No congresso podia levantar-se a voz e começar-se a preparar a opinião e os gabinetes europeus a encararem sem grande surpresa a tortuosa conquista meditada ha tanto tempo.

Se ao famoso *memorandum* de Cavour, que certamente não tinha por fim pacificar os espiritos, mas que pelo contrario devia dar impulsos publicos e solemnes ás paixões anarchicas, — accrescentarmos os artigos violentos e verdadeiramente incendiarios dos jornaes politicos, os folhetos cheios de accusações falsas e de sophismas especiosos, os motins repetidos, os assassinatos, as bombas lançadas nas multidões .. e tudo isso pago com ouro que não era exclusivamente da Italia; se se accrescentar a intervenção directa, continua, e mais ou

menos disfarçada, da policia e das tropas do Piemonte, as con سراções tramadas em Roma á sombra das embaixadas estrangeiras; — comprehender-se-ha facilmente que o pacifico governo do pequeno Estado Pontificio não podia por si mesmo resistir victoriosamente a ataques d'esta natureza. Na sua impotencia apenas podia protestar, appellar para os seus defensores naturaes; finalmente, se não fosse soccorrido, devia fatalmente succumbir n'uma lucta tão desigual. Quando um homem honesto só, ou quasi só, e assaltado por uma numerosa companhia de bandidos, brada por soccorro, a sua defeza não pôde ser mais que um simulacro, um protesto da direito contra a força.

A França, a filha mais velha da Egreja, que reclamava como uma especie de monopolio a protecção temporal do Papado, a França tentou por varias vezes soccorrer Pio IX; mas tinha por chefe um homem, espantoso mixto de scepticismo e de superstições, de utopias e de idéas práticas, que queria apoiar-se nos revolucionarios e nos conservadores; tinha por chefe Napoleão III, que estava muito longe de ser um novo Carlos Magno.

Luiz Napoleão fôra educado pelo filho do convencionalista Lebas, e por Vieillard, o admirador de Robespierre, e desde a sua mocidade fôra filiado nas lojas secretas pelo conde Orsini, em cujas mãos jurára a destruição do poder temporal. Em 1831, na idade de vinte e tres annos, vemol-o a caminho de Roma, á frente de um pequeno bando de insurrectos, esquecendo com uma soberana ingratidão que fôra nos Estados do Papa, que sua mãe, seu irmão, ellè proprio e quasi toda a familia Bonaparte procurára refugio na sua desgraça e encontrára uma hospitalidade verdadeiramente paternal e que se podia chamar magnanima, se recordassemos Savona e Fontainebleau.

Dir-se-á que foi uma loucura da mocidade sobre a qual deve lançar-se um véu; seja assim, mas essas loucuras deviam custar caro ao antigo filiado das lojas, e viria um dia em que deviam intimar-lhe o cumprimento dos seus juramentos de outr'ora.

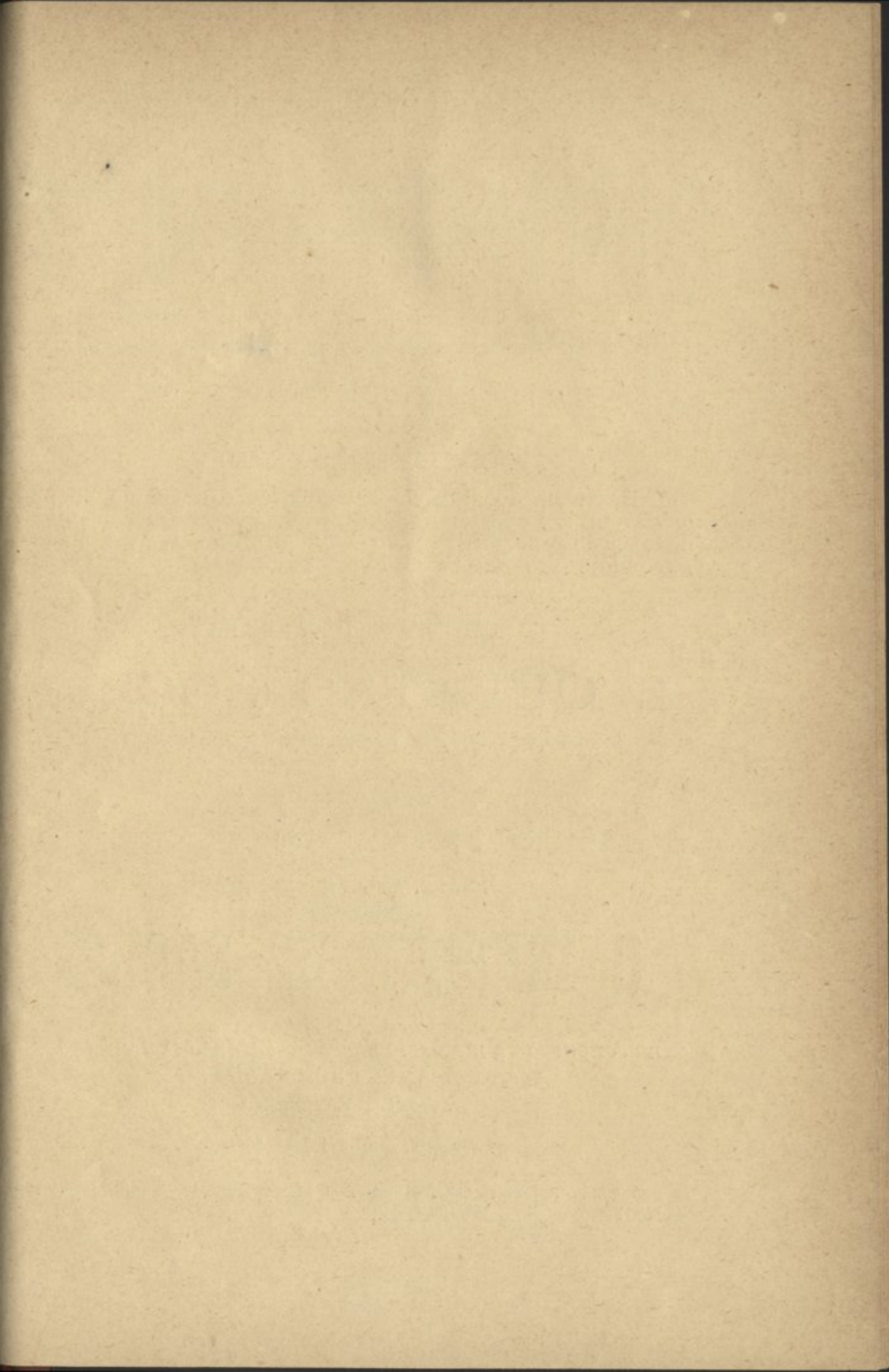
O procedimento de Napoleão III na questão romana foi sempre falto de franqueza e decisão, e isso precisamente por causa de compromissos anteriores que se levantavam como obstaculos em presença de melhores resoluções. Príncipe Presidente, abstém-se no voto da expedição romana; mas para attenuar o effeito produzido nos conservadores e no clero por essa abstenção calculada, declara-se, n'uma carta ao nuncio, partidario do poder temporal, cuja conservação, dizia elle, estava intimamente ligada ao esplendor do catholicismo, como á liberdade e á independencia da Italia.

No principio da expedição, a missão ambigua de Fernando Lesseps, que tinha por fim suspender tudo, mas que abortou perante a indignação do general Oudinot; mais tarde, depois da tomada de Roma, a carta a Edgar Ney, que o general Rostolan recusou formalmente deixar publicar em Roma, não eram outros tantos penhores dados á Revolução, com o fim evidente de conseguir o perdão dos golpes que as valentes tropas francezas acabaram de vibrar-lhe em nome da França christã? Esses bravos generaes comprehendiam mal o jogo de Napoleão e recusaram nobremente fazer-se seus cumplices; perderam o bastão de marchal, mas por certo ganharam, com approvação da sua consciencia, a admiração, a estima superior das pessoas honestas, que consideram mais o dever do que o triumpho.

Portanto Napoleão III prestou ao poder temporal um apoio muito pouco solido e muito pouco sincero, pois fluctuava incerto entre os conservadores e os revolucionarios, afagando uns e outros, e impedia que outras nações ehistãs, como a Austria ou a Hespanha, interviessem mais efficazmente. Mgr. de Mérode, na sua rude originalidade, tinha ás vezes phrases profundas: «O imperador, dizia elle um dia, ampara-nos como se esteia uma casa para a demolir.»

(Continúa).

P. G., *advogado.*



Condições da assignatura

A *Revista Contemporanea* publicar-se-ha mensalmente, abrangendo cada numero 32 paginas in-8.º grande. O numero de paginas pode ser maior quando assim o exija o desenvolvimento de assumptos especiaes.

Cada numero da *Revista Contemporanea* tractará sempre de assumptos variados, como questões sociaes, scientificas, historicas, etc.

Apparecerá no primeiro dia de cada mez, e o preço da assignatura é de 1\$600 réis annuaes, que devem ser pagos respectivamente antes da publicação do numero 4 de cada anno.

No fim de cada anno receberão os srs. assignantes o frontespicio e indice do volume respectivo da *Revista*.

Continuam a receber-se assignaturas desde o primeiro numero da *Revista Contemporanea*.

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a José Marques Rito e Cunha, Collegio Novo. — Coimbra.

EXPEDIENTE

Rogamos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem a importancia das suas assignaturas, podendo deduzir do preço respectivo a quantia que tiverem de pagar pelo vale do correio ou registo de carta.

FORTUNATO DE ALMEIDA

A QUESTÃO SOCIAL

Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Affonso Costa

PREÇO 200 REIS

Á venda em todas as livrarias. Remette-se pelo correio a quem enviar 220 réis á administração da *Revista Contemporanea*, — Collegio Novo, Coimbra.

FORTUNATO DE ALMEIDA

O INFANTE DE SAGRES

*Obra premiada
no concurso de memorias sobre o infante D. Henrique,
por occasião do quinto centenario
do seu nascimento*

1 volume de XLIII-371 pag., 600 réis

A venda na Livraria Portuense de Lopes & C.º, editores, rua do Almada, 119 — 123, Porto, e em todas as livrarias.

REVISTA CONTEMPORANEA

DE
QUESTÕES RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,
HISTORICAS E SOCIAES

DIRECTOR

Fortunato de Almeida

BACHAREL FORMADO EM DIREITO



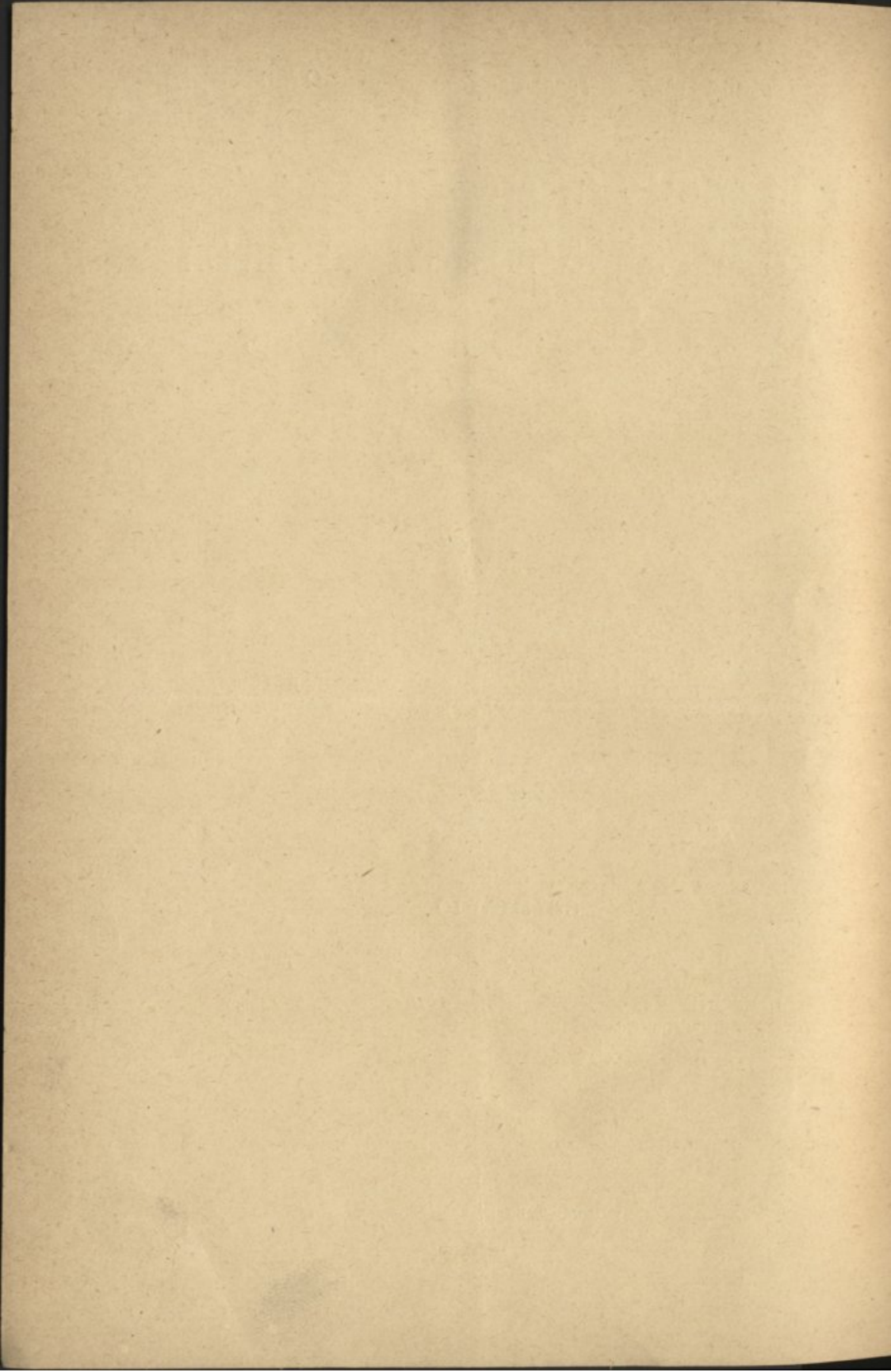
ADMINISTRADOR

José Marques Rito e Cunha

BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA

SUMMARIO

- I — Carta Encyclica do Santo Padre Leão XIII sobre a unidade catholica.
- II — A prelazia de Moçambique no presente, (continuação) pelo Bispo de Himeria.



CARTA ENCYCLICA
DO
SANTO PADRE LEÃO XIII
SOBRE A UNIDADE CATHOLICA

AOS NOSSOS VENERAVEIS IRMÃOS OS PATRIARCHAS,
PRIMAZES, ARCEBISPOS, BISPOS E OUTROS ORDINARIOS EM PAZ
E COMMUNHÃO COM A SÉ APOSTOLICA

LEÃO XIII, PAPA.

Veneraveis Irmãos, saude e benção apostolica.

Sabeis muito bem que uma parte consideravel dos Nossos pensamentos e das Nossas preoccupações é dirigida para o seguinte fim: exforçarmo-Nos por trazer os transviados ao redil que governa o Soberano Pastor das almas, Jesus Christo. Com a alma applicada a este objecto, pensamos que seria muito util a este designio e a esta empreza de salvação traçar a imagem da Igreja, desenhar, para assim dizer, os seus traços principaes e pôr em relevo, como traço mais digno d'uma attenção capital, a *unidade*: caracter insigne de verdade e de invencivel poder, que o auctor divino da Igreja imprimiu para sempre á sua obra. Considerada na sua fórma e na sua belleza nativa, a Igreja deve ter uma acção poderosissima sobre as almas: não Nos afastamos da verdade dizendo que este espectáculo pôde dissipar a ignorancia, reformar as idéas falsas e os preconceitos, sobretudo entre aquelles cujo erro não provém da sua propria culpa. Póde

até excitar nos homens o amor da Igreja para sua esposa, resgatando-a com o seu sangue. Porque « Jesus Christo amou a Igreja e entregou-se a si mesmo por ella » ¹⁾.

Se, para voltar a esta mãe amantissima, aquelles que ainda a não conhecem bem ou que tiveram a desgraça de a abandonar devem comprar este regresso, não por certo ao preço do seu sangue (e comtudo foi por tal preço que Jesus Christo a pagou), mas se lhes deve custar alguns esforços, algumas penas muito mais leves de supportar, verão ao menos claramente que estas condições onerosas não foram impostas aos homens por uma vontade humana, mas por ordem e vontade de Deus; e por certo com o auxilio da graça celeste experimentarão facilmente por si mesmos a verdade d'esta divina palavra: « O meu jugo é doce e o meu fardo suave » ²⁾.

É por isso que, pondo a Nossa principal esperanza no « Pae das luzes, de quem descende toda a graça excellente e todo o dom perfeito » ³⁾ n'Aquelle que só « dá o acrescimo » ⁴⁾. Nós lhe pedimos instantemente que se digne pôr em Nós o poder de persuadir.

Deus pôde sem duvida operar, por si mesmo e só por sua virtude, tudo o que fazem os seres creados; todavia, por um conselho misericordioso da sua Providencia, Elle preferiu, para ajudar os homens, servir-se dos mesmos homens. É por intermedio e pelo ministerio dos homens que Elle dá habitualmente a todos, na ordem puramente natural, a perfeição que lhe é devida; usa da mesma fórma na ordem sobrenatural para lhes conferir a santidade e a salvação.

Mas é evidente que não se pôde fazer nenhuma communição entre os homens senão por meio das cousas exteriores e sensiveis. É por isso que o Filho de Deus tomou a natureza humana, Elle que « estando na fórma de Deus... se anniquillou a si mesmo, tomando a fórma de escravo, tendo sido feito se-

¹⁾ Christus dilexit Ecclesiam, et seipsum tradidit pro ea. Ephes, v. 25.

²⁾ Jugum enim meum suave est, et onus meum leve. Matt., XI, 30.

³⁾ Omne datum optimum et omne donum perfectum .. descendens a Patre Iu-
minum. Ep. Jac., I, 17.

⁴⁾ Qui incrementum dat. I Corinth., III, 6.

melhante aos homens » ¹⁾, e assim, enquanto vivia sobre a terra, revelou aos homens, conversando com elles, a sua doutrina e as suas leis.

Mas como a sua missão divina devia ser duradoura e perpetua, juntou a si discipulos, aos quaes deu parte do seu poder, e tendo feito descer sobre elles do alto do céu o « Espirito de verdade », lhes ordenou que percorressem toda a terra e pré-gassem fielmente a todas as nações o que elle mesmo havia ensinado e prescripto, a fim de que professando a sua doutrina e obedecendo ás suas leis, o genero humano pudesse adquirir a santidade sobre a terra, e, no céu, a eterna felicidade.

Tal é o plano segundo o qual a Igreja foi constituida, taes são os principios que presidiram ao seu nascimento. Se n'ella vemos o fim ultimo que ella prosegue e as causas immediatas pelas quaes produz a santidade nas almas, certamente a Igreja é *espiritual*; mas se Nós considerarmos os membros de que ella se compõe e os proprios meios pelos quaes os dons espirituaes chegam até Nós, a Igreja é *exterior* e necessariamente visivel. Foi por signaes que feriam os olhos e os ouvidos que os Apostolos receberam a missão de ensinar; e esta missão não a realisaram d'outro modo senão por palavras e actos igualmente sensiveis. Assim a sua voz, entrando pelo ouvido exterior, produzia a fé nas almas: « a fé vem pela audição e a audição pela palavra de Christo » ²⁾. E a propria fé, isto é o assentimento á primeira e soberana verdade, está sem duvida, por sua natureza, encerrada no espirito, mas deve entretanto manifestar-se exteriormente pela evidente profissão que d'ella se faz, « porque se crê de coração para a justiça mas se confessa de bocca para a salvação » ³⁾. Do mesmo modo nada é mais intimo ao homem do que a graça celeste, que produz n'elle a santidade, mas são exteriores os instrumentos ordinarios e principaes pelos quaes a graça Nos é communicada: queremos falar dos sacramentos, que

¹⁾ Qui cum in forma Dei esset... semetipsum exinanivit, formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus. Philippens. II, 6 7.

²⁾ Fides ex auditu, auditus autem per verbum Christi. Rom., X., 17.

³⁾ Corde enim creditur ad justitiam: ore autem confessio fit ad salutem. Rom. X., 10.

são administrados, com ritos especiaes, por homens especialmente escolhidos para esta funcção. Jesus Christo ordenou aos Apostolos e aos successores perpetuos dos Apostolos que instruissem e governassem os povos; ordenou aos povos que recibessem a sua doutrina e se submettessem docilmente á sua auctoridade. Mas estas relações mutuas de direito e de deveres na sociedade christã não sómente não teriam podido durar, mas não teriam mesmo podido estabelecer-se sem ser por intermedio dos sentidos, interpretes e mensageiros das cousas.

É por todas estas rasões que a Igreja, nas santas Lettras, é tão frequentemente chamada um *corpo*, e tambem o *corpo de Christo*. «Vós sois o corpo de Christo» ¹⁾. Porque a Igreja é um corpo, é visivel aos olhos; porque ella é o corpo de Christo, é um corpo vivo, activo, cheio de seiva, sustentado como é e animado por Jesus Christo, que o penetra da sua virtude, pouco mais ou menos como o tronco da vinha alimenta e torna ferteis os ramos que lhe estão unidos. Nos seres animados, o principio vital é invisivel e occulto ao mais profundo do ser, mas elle trahe-se e manifesta-se pelo movimento e pela acção dos membros: assim o principio da vida sobrenatural que anima a Igreja apparece a todos os olhos por actos que ella produz.

Segue-se que estão n'um grande e pernicioso erro aquelles que, talhando a Igreja ao sabor da sua phantasia, a imaginam como occulta e de modo algum visivel; e tambem aquelles que a olham como uma instituição humana, munida d'uma organização, d'uma disciplina, de ritos exteriores, mas sem nenhuma comunicação permanente dos dons da graça divina, sem nada que atteste, por uma manifestação quotidiana e evidente, a vida sobrenatural haurida em Deus.

Estas duas concepções são tão incompativeis com a Igreja de Jesus Christo, quanto o corpo só ou a alma só é incapaz de constituir o homem. O conjuncto e a união d'estes dois elementos são absolutamente necessarios á verdadeira Igreja, pouco mais ou menos como a intima união da alma e do corpo é indispensavel á natureza humana. A Igreja não é uma especie de

¹⁾ Vos autem estis corpus Christi. I Cor., XII, 27.

cadaver; é o corpo de Christo, animado da sua vida sobrenatural. O mesmo Christo, chefe e modelo da Igreja, não é inteiro, se se considera n'elle, quer exclusivamente a natureza humana e visível, como fazem os partidarios de Phothin e de Nestorius, quer unicamente a natureza divina e invisível, como fazem os Monophysitas; mas Christo é um pela união das duas naturezas, visível e invisível, e é um em ambas ellas; da mesma maneira, o seu corpo mystico não é a verdadeira Igreja senão com a condição de que as suas partes visíveis tirem a sua força e a sua vida dos dons sobrenaturaes e dos outros elementos invisíveis; e é d'esta união que resulta a natureza propria das mesmas partes exteriores.

Mas como a Igreja é *tal* pela vontade e pela ordem de Deus, ella deve permanecer *tal*, sem nenhuma interrupção, até aos fins dos tempos, sem o que não teria evidentemente sido fundada para sempre, e o mesmo fim para o qual ella tende seria limitado a um certo termo no tempo e no espaço: dupla conclusão contraria á verdade. É pois certo que esta reunião de elementos visíveis e invisíveis, pela vontade de Deus, na natureza e na constituição íntima da Igreja, deve necessariamente durar tanto quanto a mesma Igreja dure.

É por isso que S. João Chrysostomo nos diz: « Não te separe da Igreja; nada ha mais forte que a Igreja. A tua esperança é a Igreja; a tua salvação é a Igreja; o teu refugio é a Igreja. Ella é mais alta que o céu e mais larga que a terra. Ella nunca envelhece, o seu vigor é eterno. Por isso a Escripura, para nos mostrar a sua inquebrantavel solidez, chama-a uma montanha ¹⁾ ». Santo Agostinho acrescenta: « Os infieis crêem que a religião christã deve durar um certo tempo no mundo e depois desaparecer. Ella durará, porém, tanto como o sol: enquanto o sol continuar a pôr-se e a occultar-se, isto é, enquanto durar o curso dos tempos, a Igreja de Deus, isto é, o corpo de Christo, não desaparecerá do mundo » ²⁾. E o mesmo

¹⁾ Ab Ecclesia ne abstineas; nihil enim fortius Ecclesia. Spes tua Ecclesia, salus tua Ecclesia, refugium tuum Ecclesia. Coelo excelsior et terra latior est illa. Numquam senescit, sed semper viget. Quamobrem, ejus firmitatem stabilitatemque demonstrans. Scriptura montem illam vocat. Hom. *De capto Eutropio*, n.º 6.

²⁾ Putant religionem nominis christiani ad certum tempus in hoc saeculo vi-

Padre diz algures : « A Igreja vacilará, se o seu fundamento vacilar ; mas como poderá vacilar Christo ? Emquanto Christo não vacilar, a Igreja não se dobrará nunca até aos fins dos tempos. Onde estão aquelles que dizem : « a Igreja desapareceu do mundo », pois que ella não pôde sequer render-se ? » ¹⁾.

Taes são os fundamentos sobre os quaes ha de apoiar-se aquelle que procura a verdade. A Igreja foi fundada e constituida por Jesus Christo Nosso Senhor ; por consequencia, quando queiramos inquirir da natureza da Igreja, o essencial é saber o que Jesus Christo quiz fazer e o que na realidade fez. É segundo esta regra que se deve tratar sobretudo da unidade da Igreja, e por isso Nos pareceu conveniente, no interesse commum, dizer alguma coisa a este respeito n'esta Carta.

Sim, certamente, a verdadeira Igreja de Jesus Christo é uma: os testemunhos evidentes e multiplicados das santas Lettras estabeleceram tão bem este ponto em todos os espiritos, que nenhum christão ousará contradizel-o. Mas quando se trata de determinar e de estabelecer a natureza d'esta unidade, alguns deixam-se desvairar por diversos erros. Não sómente a origem da Igreja, mas todos os traços da sua constituição pertencem á ordem das coisas que procedem d'uma vontade livre: toda a questão consiste, pois, em saber o que na realidade succedeu; e é mister procurar, não de que modo a Igreja poderia ser uma, mas qual a unidade que lhe quiz dar o seu Fundador.

Ora se examinamos os factos, verificaremos que Jesus Christo não concebeu nem instituiu uma Igreja formada d'algumas comunidades que se assemelhassem por certos traços geraes, mas seriam distinctas umas das outras e não ligadas entre si por esses laços, unicos que pôdem dar á Igreja a individualidade e a unidade de que fazemos profissão no symbolo da fé « creio a Igreja... una ».

cturam, et postea non futuram. Permanebit ergo cum sole, quamdiu sol oritur et occidit; hoc est quamdiu tempora ista voluntur, non deerit Ecclesia Dei, id est Christi corpus in terris. *In Psalm. Leão LXXI, n.º 8.*

¹⁾ Nutabit Ecclesia, si nutaverit fundamentum; sed unde nutabit Christus?... Non nutante Christo, non inclinabitur in saeculum saeculi. Ubi sunt qui dicunt perisse de mundo Ecclesiam quando nec inclinari potest? *Enarrat. in Ps. CIII, serm. II, n.º 5.*

« A Egreja é constituída na unidade pela sua propria natureza : ella é una, apezar das heresias procurarem dividil-a em algumas seitas. Dizemos pois que a antiga e catholica Egreja é una : ella tem a unidade de natureza, de sentimento, de principio, de excellencia... De resto, o cume da perfeição da Egreja, como o fundamento da sua construcção, consiste na unidade ; é por isso que ella ultrapassa tudo no mundo e que nada tem de igual nem de semelhante a ella » ¹⁾). Por isso, quando Jesus Christo fala d'este edificio mystico, menciona uma só Egreja, que chama *sua* : « Eu edificarei a minha Egreja ». Qualquer outra que se queira imaginar fóra d'esta, não sendo fundada por Jesus Christo, não pôde ser a verdadeira Egreja de Jesus Christo.

Isto é ainda mais evidente se se considerar o designio do Divino auctor da Egreja. Que procurou, que quiz Jesus Christo Nosso Senhor com o estabelecimento e a manutenção da sua Egreja ? Uma só coisa : transmittir á Egreja a continuação da mesma missão, do mesmo mandato que Elle proprio havia recebido de seu Pae. Era isto o que elle tinha decretado fazer e o que realmente fez. « Como meu Pae me enviou, assim eu vos envio ²⁾. Como vós me enviastes ao mundo, eu tambem os enviei ao mundo » ³⁾).

Ora, é da missão de Christo resgatar da morte e salvar « o que havia perigado », isto é, não sómente algumas nações ou algumas cidades, mas a universalidade de todo o genero humano, sem nenhuma distincção no espaço nem no tempo. « O Filho do homem vive, para que o mundo seja salvo por elle ⁴⁾. Porque nenhum outro nome foi dado sob o céu aos homens pelo qual deviamos ser salvos » ⁵⁾).

¹⁾ In unius naturae sortem coepetatur Ecclesia quae est una, quam conantur haereseis in multas discindere. Et vissentia veró et opinione, et principió et excellencia unicam esse dicimus antiquam et catholicam Ecclesiam... Ceterum Ecclesiae quoque eminentia, sicut principium constructionis, est ex unitate, omnia alia superans, et nihil habens sibi simile vel aequale. Clemens Alexandrinus, *Stromatum* lib. VII, cap. XVII.

²⁾ Sicut misit me Pater, ego mitto vos. Joan., XX, 21.

³⁾ Sicut tu me misisti in mundum, et ego misi eos in mundum. Joan., XVII, 18.

⁴⁾ Filius hominis... ut salvetur mundus per ipsum. Joan., III, 17.

⁵⁾ Nec enim aliud nomen est sub coelo datum hominibus; in quo oporteat nos salvos fieri. Act., IV 12.

A missão da Igreja é pois espalhar ao longe entre os homens e estender a todas as edades a salvação operada por Jesus Christo e todos os beneficios que d'ahi dimanam. É por isso que, segundo a vontade do seu Fundador, é necessario que ella seja unica em toda a extensão do mundo, em toda a duração dos tempos. Para que ella pudesse ter maior unidade, necessario seria sair dos limites da terra, imaginar um genero humano novo e desconhecido.

Esta Igreja unica, que devia abraçar todos os homens em todos os tempos e em todos logares, Isaias a tinha visto e designado anticipadamente, quando o seu olhar, penetrando o futuro, teve a visão d'uma montanha cujo cume elevado acima de todos os outros era visivel a todos os olhos, e que era a imagem da casa do Senhor, isto é a Igreja. « Nos ultimos tempos, a montanha que é a casa do Senhor será preparada sobre o cume das montanhas » ¹⁾. Ora, esta montanha collocada sobre o cume das montanhas é unica: unica é esta casa do Senhor, para a qual todas as nações devem um dia affluir junctas para ahi encontrar a regra da sua vida, « E todas as nações affluirão para ella e dirão: vinde, subamos a montanha do Senhor, vamos á casa do Deus de Jacob, e elle nos ensinará as suas vias, e nós caminharemos nos seus trilhos » ²⁾. Optato de Mil. diz a proposito d'esta passagem: « está escripto no propheta Isaias: a lei sairá de Sião e a palavra do Senhor de Jerusalem ». Não é pois na montanha material de Sião que Isaias vê o valle, mas na montanha santa que é a Igreja e que enchendo todo o mundo romano, eleva o seu cume até ao céu. « A verdadeira Sião espiritual é pois a Igreja, na qual Jesus Christo foi estabelecido rei por Deus Padre e o é em todo o mundo, o que só é verdade da unica Igreja catholica » ³⁾. Eis o que diz Santo Agostinho: « Que haverá de

¹⁾ Et erit in novissimis diebus praeparatus mons domus Domini in vertice montium. Isaias, II, 2.

²⁾ Et fluent ad eam omnes gentes... et dicent: Venite et ascendamus ad montem Domini, et ad domum Dei Jacob, et docebit nos vias suas, et ambulabimus in semitis ejus. *Ib.*, 2-3.

³⁾ Scriptum est in Isaia propheta: ex Sion prodiet lex, et verbum Domini de Hierusalem. Non ergo in illo monte Sion Isaias aspicit valem, sed in monte sancto, qui est Ecclesia, qui per omnem orbem romanum caput tulit sub toto coelo... Est

mais visível que uma montanha? Entretanto ha montanhas desconhecidas, aquellas que são situadas num canto afastado do globo... mas não succede assim com esta montanha, pois que ella enche toda a superficie da terra, e d'ella está escripto que será preparada sobre o cume das montanhas » ¹⁾).

É mister accrescentar que o Filho de Deus decretou que a Igreja seria o seu proprio corpo mystico, ao qual Elle se uniria para ser a sua cabeça, assim como no corpo humano, que Elle tomou pela Encarnação, a cabeça está unida aos membros por uma união necessaria e natural. Assim pois como Elle tomou um corpo mortal unico, que votou aos tormentos e á morte para pagar o resgate dos homens, assim tambem tem um corpo mystico unico, no qual e por meio do qual faz participar os homens da santidade e da salvação eterna. «Deus estabeleceu-o (a Christo) chefe de toda a Igreja, que é o seu corpo » ²⁾).

Membros separados e dispersos não podem reunir-se a uma só e mesma cabeça para formar um só corpo. Ora S. Paulo diz-nos: « Todos os membros do corpo, ainda que numerosos, não são comtudo mais que um só corpo: assim é Christo » ³⁾).

É por isso que esse corpo mystico, nos diz elle ainda, é *unido e ligado*. « Christo é o chefe; em virtude do que todo o corpo unido e ligado por todas as junturas, que se prestam mutuo auxilio, segundo uma operação proporcionada a cada membro, recebe o seu augmento para ser edificado na caridade » ⁴⁾). Assim pois, se alguns membros ficam separados e afastados dos outros membros, não poderiam pertencer á mesma cabeça que

ergo spiritualis Sion Ecclesia, in qua a Deo Patre rex constitutus est Christus, quae, est in toto orbe terrarum, in quo est una Ecclesia catholica: De Schism. Donat, lib III, n.º 2.

¹⁾ Quid tam manifestum quam mons? Sed sunt et montes ignoti, quia in una parte terrarum positi sunt... ille autem mons non sic, quia implevit universam faciem terrae: et de illo dicitur: paratus in cacumine montium. *In Epist. Joan. trac. 1, n. 13.*

²⁾ Ipsum (Christum) dedit (Deus) caput supra omnem Ecclesiam, quae est corpus ipsius. *Ephes., 1; 22, 23.*

³⁾ Omnia autem membra corporis, cum sint multa, unum tamen corpus sunt: ita et Christus. *I Cor., XII 12.*

⁴⁾ Caput Christus: ex quo totum corpus compactum et connexum per omnem juncturam subministracionis, secundum operationem in mensuram uniuscujusque membri. *Ephes., IV, 15-16.*

o resto do corpo. «Ha, diz S. Cypriano, um só Deus, um só Christo, uma só Igreja de Christo, uma só fé, um só povo, que pelo laço da concordia está estabelecido na unidade solida d'um mesmo corpo. A unidade não pôde ser scindida: um corpo que resta unico não pôde dividir-se pelo fraccionamento do seu organismo» ¹⁾. Para melhor mostrar a unidade da sua Igreja, Deus nol-a apresentou sob a imagem d'um corpo animado, cujos membros não podem viver senão com a condição de estarem unidos com a cabeça e de irem buscar sem cessar á mesma cabeça a sua força vital: separados urge que elles morram. «Ella não pode (a Igreja) ser dispersa em pedaços pela dilaceração dos seus membros e das suas entranhas. Tudo o que fôr separado do centro da vida não poderá mais viver á parte nem respirar» ²⁾. Ora, em que é que um cadaver se assemelha a um ser vivo? «Ninguém jámais odiou a sua carne, mas a alimenta e a cuida, como Christo a Igreja, porque nós somos os membros do seu corpo, formados da sua carne e dos seus ossos» ³⁾. Procure-se pois uma outra cabeça semelhante a Christo, procure-se um outro Christo, se se quer imaginar uma outra Igreja fóra d'aquella que é o seu corpo: «Vêde o que deveis fazer, vêde pelo que deveis vigiar; vêde o que deveis temer. Por vezes corta-se um membro no corpo humano, ou antes separa-se do corpo: uma mão, um dedo, um pé. Segue a alma um membro cortado? Quando elle estava no corpo, vivia; cortado, perde a vida. Assim o homem, enquanto vive no corpo da Igreja, é christão catholico; separado torna-se heretico. A alma não segue o membro amputado» ⁴⁾.

¹⁾ Unus Deus est, et Christus unus, et una Ecclesia ejus et fides una et plebs una in solidam corporis unitatem concordiae ... copulata. Scindi unitas non potest, nec corpus unum discidio compaginis separari. S. Cyprianus. *De cath., Eccl. Unitate*, n. 23.

²⁾ Non potest (Ecclesia)... divulsis laceratione visceribus in frusta discerpi. Quidquid a matrice discesserit, seorsum vivere et spirare non poterit. *Id. loc. cit.*

³⁾ Nemo enim unquam carnem suam odio habuit; sed nutrit et fovet eam, sicut et Christus Ecclesiam: quia membra sumus corporis ejus, de carne ejus et ossibus ejus. *Ephes.*, v. 29 30.

⁴⁾ Videte quid caveatis, videte quid observetis, videte quid timeatis. Contingit, ut in corpore humano, imo de corpore aliquod praecidatur membrum, manus, digitus, pes: numquid praecisum sequitur anima? Cum in corpore esset, vivebat: praecisum amittit vitam. Sic et homo christianus catholicus est, dum in corpore vivit:

A Igreja de Christo é pois unica, e, além d'isso, perpetua; quem d'ella se separa afasta-se da vontade e da ordem de Jesus Christo Nosso Senhor, abandona o caminho da salvação e corre á sua perda. Quem se separa da Igreja para se unir a uma esposa adúltera, abdica tambem as promessas feitas á Igreja. Quem abandona a Igreja de Christo não obterá as recompensas de Christo. Quem não guardar esta unidade não guarda a lei de Deus, não guarda a fé do Pae e do Filho, não guarda a vida nem a salvação » ¹⁾).

Mas Aquelle que instituiu a Igreja unica instituiu-a tambem una; isto é de tal natureza que todos aquelles que deviam ser seus membros fossem unidos pelos laços d'uma sociedade muito estreita, de maneira a não formarem todos juntos senão um povo, um só reino, um só corpo. « Sêde um só corpo e um só espirito, como fostes chamados a uma só esperança na vossa vocação » ²⁾).

Ao approximar-se a sua morte, Jesus Christo sancionou e consagrou do modo mais augusto a sua vontade sobre este ponto, n'essa oração que dirigiu a seu Pae: « Eu não peço por elles sómente, mas tambem por aquelles que, pela sua palavra, creiam em mim... a fim de que elles tambem sejam uma só coisa em nós... a fim de que elles sejam consummados na unidade » ³⁾. Elle mesmo quiz que o laço da unidade entre seus discipulos fosse tão intimo, tão perfeito, que imitasse de certo modo a sua propria união com seu Pae: « Eu vos peço... que elles sejam todos uma coisa, como vós, meu Pae, sois em mim e eu em vós » ⁴⁾).

Ora, uma tão grande, uma tão absoluta concordia entre os

praecisus, haereticus factus est: membrum amputatum non sequitur spiritus. S. Augustinus, sermo CCLXVI, I n. 4.

¹⁾ Quisquis ab Ecclesia segregatus adulterae jungitur, a promissis Ecclesiae separatur, nec perveniet ad Christi praemia qui reliquit Ecclesiam Christi... Hanc unitatem qui non tenet, non tenet Dei legem, non tenet Patris et Filii fidem, vitam non tenet et salutem. S. Cyprianus, *De cath. Eccl. Unitate*, n. 6.

²⁾ Unum corpus et unus spiritus, sicut vocati estis in una spe vocationis vestrae. Ephes. IV, 4.

³⁾ Non pro eis rogo tantum, sed et pro eis qui credituri sunt per verbum eorum in me... ut et ipsi in nobis neum sint... consummati in unum. Joan, XVII, 20 21 23.

⁴⁾ Rogo... ut omnes unum sint, sicut tu, Pater, in me, et ego in te. Ib, 21.

homens deve ter por fundamento necessario o accordo e a união das intelligências; d'onde se seguirá naturalmente a harmonia das vontades e o accordo nas acções.

Foi por isto que, segundo o seu plano divino, Jesus quiz que a unidade da fé existisse na sua Igreja; porque a fé é o primeiro de todos os laços que unem o homem a Deus, e é a ella que nós devemos o nome de *fieis*. «Um só Senhor, uma só fé, um só baptismo»; ¹⁾ isto é, assim como elles não teem senão um só Senhor e um só baptismo, assim todos os christãos, no mundo inteiro, não devem ter senão uma só fé. É por isso que o Apóstolo S. Paulo não pede sómente aos christãos que tenham todos os mesmos sentimentos e que fujam do desaccordo das opiniões, mas os conjura pelos mais sagrados motivos: «Eu vos conjuró, meus irmãos, pelo nome de Nosso Senhor Jesus Christo, que tenhaes todos uma mesma linguagem e não haja schisma entre vós; mas que estejaes todos perfeitamente unidos no mesmo espirito e nos mesmos sentimentos» ²⁾. Estas palavras não precisam, por certo, de explicação; são assás eloquentes por si mesmas.

Demais, aquelles que fazem profissão do christianismo reconhecem de ordinario que a fé deve ser una. O ponto mais importante e absolutamente indispensavel, aquelle em que muitos caem no erro, é discernir de que natureza, de que especie é esta unidade. Ora aqui, como Nós já dissemos mais acima n'uma questão semelhante, é mister não julgar por opinião ou por conjectura, mas segundo a sciencia dos factos: é necessario procurar e verificar qual é a unidade de fé que Jesus Christo impoz á sua Igreja.

A doutrina celeste de Jesus Christo, apezar de estar em grande parte consignada nos livros inspirados de Deus, se tivesse sido entregue ao pensar dos homens não podia por si mesma unir os espiritos. Devia facilmente succeder, com effeito, que fosse alvo de interpretações variadas e differentes entre si, e

¹⁾ Unus Dominus, una fides, unum baptisma. Ephes., IV, 5.

²⁾ Obsecro autem vos, fratres, per nomen Domini nostri Jesu Christi, ut idipsum dicatis omnes, et non sint in vobis schismata, sitis autem perfecti in eodem sensu et in eadem sententia. 1 Corinth. I, 10.

isto não sómente por causa da profundeza e dos mysterios d'essa doutrina, mas tambem por causa da diversidade dos espiritos dos homens e da perturbação que devia nascêr do jogo e da lucta das paixões contrarias. Das differenças de interpretação nasceu necessariamente a adversidade dos sentimentos: d'ahi controversias, dissensões, questões, taes como se viram rebentar na Igreja desde a epocha mais approximada da sua origem. Eis o que escreveu S. Ireneu, falando dos hereticos: «elles confessam as Escripturas, mas pervertem-lhes a interpretação» ¹⁾. E Santo Agostinho: «A origem das heresias e d'esses dogmas perversos que enganam as almas e as precipitam no abysmo é unicamente que as Escripturas, que são boas, são comprehendidas d'um modo que não é bom» ²⁾.

Para unir os espiritos, para crear e conservar o accordo dos sentimentos, é preciso, pois, necessariamente, apezar da existencia das Escripturas divinas, um outro *principio*. A sabedoria divina exige-o; porque Deus não podia ter querido a unidade da fé sem prover de uma maneira conveniente á conservação d'essa unidade, e as mesmas santas Lettras indicam claramente que Elle o fez, como em breve o diremos. Certamente, o infinito poder de Deus não está ligado nem adstricto a nenhum meio e toda a creatura lhe obedece como um instrumento docil. É necessario, pois, procurar, entre todos os meios que estavam em poder de Jesus Christo, qual é esse principio exterior de unidade na fé que Elle quiz estabelecer.

Por isso, é necessario remontar com o pensamento ás primeiras origens do christianismo. Os factos que vamos lembrar são attestados pelas santas Lettras e de todos conhecidos.

Jesus Christo prova, pela virtude dos seus milagres, a sua divindade e a sua missão divina; emprega-se em falar ao povo para o instruir das cousas do céu; exige absolutamente que se dê inteira fé ao seu ensino; exige-o sob a sanção de recompen-

¹⁾ Scripturas quidem confitentur, interpretationes vero convertunt. Lib. III, cap. XII, n. 12.

²⁾ Neque enim natae sunt haereses et quaedam dogmata perversitatis illaqueantia animas et in profundum praecipitantia, nisi dum scripturae bonae intelligentur non bene. In *Evang Joan.* tract. XVIII, cap. V, n. 1.

sas ou de penas eternas. « Se eu não faço obras de meu Pae, não me deis credito ¹⁾. Se eu não tivesse feito entre elles obras que nenhum cutro fez, elles não teriam peccado ²⁾. Mas se eu faço taes obras, e se vós não quereis crêr-me, crêde nas minhas obras » ³⁾. Tudo o que Elle ordena, ordena-o com a mesma auctoridade; no assentimento d'espírito que exige, não exceptua nada, nada distingue. Aquelles, pois, que escutavam Jesus, se queriam obter a salvação, tinham o dever, não sómente de acceitar em geral toda a sua doutrina, mas de dar pleno assentimento d'alma a cada uma das cousas que Elle ensinava. Recusar, com effeito, crêr, ainda que não fosse senão um só ponto, a Deus que fala, é contrario á razão.

Estando prestes a voltar ao céu, envia os seus Apostolos, revestindo-os do mesmo poder com que seu Pae o enviou, e ordena-lhes que espalhem e semeiem por toda a parte a sua doutrina, « Todo o poder me foi dado no céu e sobre a terra. Ide, pois, ensinae todas as nações... ensinando-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado » ⁴⁾. « Serão salvos todos aquelles que obedecerem aos Apostolos; aquelles que não obedecerem perigarão ». « Aquelle que crêr e fôr baptisado será salvo; aquelle que não crêr será condemnado » ⁵⁾. E como convem soberanamente á Providencia divina não encarregar alguém d'uma missão, sobretudo se ella é importante e d'alto valor, sem lhe dar ao mesmo tempo com que desempenhal-a como deve ser, Jesus Christo promette enviar aos seus discipulos o Espirito de verdade que permanecerá n'elles eternamente. « Se eu me vou, eu vol-o enviarei (o Paracleto)... e quando este Espirito de verdade tiver vindo, elle vos ensinará toda a verdade » ⁶⁾. E eu pe-

¹⁾ Si non facio opera Patris mei, nolite credere mihi. Joan., X, 37.

²⁾ Si opera non fecissem in eis, quae nemo alius facit, peccatum non haberent. Joan., XV, 34.

³⁾ Si autem facio, *opera*, et si mihi non vultis credere, operibus credite. Joan., X, 38.

⁴⁾ Data est mihi omnis potestas in coelo et in terra. Euntes ergo docete omnes gentes... Docentes eos servare omnia, quaecumque mandavi vobis. Math. XXVIII, 18 19 20.

⁵⁾ Qui crediderit et baptizatus fuerit, salvus erit: qui vero non crediderit, condemnabitur. Marc., XVI, 16.

⁶⁾ Si autem abiero, mittam, *Paracletum*, ad vos... Cum autem venerit ille Spiritus veritatis, docebit vos omnem veritatem. Joan., XVI, 7-13.

direi a meu Pae, e Elle vos dará um outro Paraclete, para que elle permaneça sempre convosco: e será o Espirito de verdade ¹⁾... Será elle que dará testemunho de mim, e tambem vós dareis testemunho » ²⁾).

Em seguida ordena que aceitem religiosamente e observem santamente a doutrina dos Apostolos como a sua propria. « Quem vos ouve, ouve-me; quem vos despreza, despreza-me » ³⁾).

Os Apostolos são, pois, enviados por Jesus Christo da mesma maneira que Elle é enviado por seu Pae. « Como meu Pae me enviou, assim eu vos envio » ⁴⁾. Por consequencia assim como os Apostolos e os discipulos eram obrigados a submeter-se á palavra de Christo, a mesma fé devia ser igualmente concedida á palavra dos Apostolos por todos aquelles que os Apostolos instruissem em virtude do seu mandato divino. Não era, pois, mais permitido repudiar um só preceito da doutrina dos Apostolos do que rejeitar fosse o que fosse da doutrina do proprio Jesus Christo.

Certamente a palavra dos Apostolos, depois da descida do Espirito Santo sobre elles, resoou nos logares, mais distantes. Por toda a parte aonde se dirigiram apresentam-se como enviados do proprio Jesus. « Foi por Elle (Jesus Christo) que nós recebemos a graça e o apostolado para fazer obedecer ao mesmo tempo todas as nações em seu nome » ⁵⁾. « E por toda a parte Deus fez brilhar a divindade da sua missão por prodigios. E elles, tendo partido, prégavam por toda a parte, cooperando o Senhor com elles e confirmando a sua palavra pelos milagres que os acompanhavam » ⁶⁾. De que palavra se tratava? Evidentemente d'aquella que abraça tudo o que elles haviam aprendido do seu mestre, porque elles attestam publicamente e em

¹⁾ Et ego rogabo Patrem; et alium Paraclitum dabit vobis, ut maneat vobiscum in aeternum, Spiritum veritatis... Joan... XIV, 16-17.

²⁾ Ille testimonium perhibebit de me: et vos testimonium perhibebitis., Joan., XV, 26-27.

³⁾ Qui vos audit me audit; qui vos spernit me spernit. Luc., 16.

⁴⁾ Sicut misit me Pater, et ego mitte vos. — Joan., XX, 21.

⁵⁾ Per quem Jesum Christum accepimus gratiam et apostulatum ad obediendum fidei in omnibus gentibus pro nomine ejus. — Rom., I, 5.

⁶⁾ Illi autem perfecti praedicaverunt ubique, Domino cooperante, et sermonem confirmante, sequentibus signis. Marc., XVI, 20.

pleno dia que lhes é impossivel calar alguma cousa de tudo que viram e ouviram.

Mas, já o dissemos algures, a missão dos Apostolos não era de natureza a poder perigar com a pessoa dos Apostolos, porque era uma missão publica e instituida para salvação do genero humano. Jesus Christo ordenou, com effeito, aos Apostolos que prégassem « o Evangelho a todas as creaturas », « levassem o seu nome perante todos os povos e reis », e « lhe servissem de testemunhas até ás extremidades da terra ». E, no cumprimento d'esta grande missão, prometteu estar com elles, e não por alguns periodos d'annos, mas por todos os tempos, « até á consummação dos seculos ». Sobre o que escreve S. Jeronymo : « Aquelle que promette estar com os seus discipulos até á consummação dos seculos, mostra por isso que os seus discipulos viverão sempre e que Elle mesmo não deixará nunca de estar com os crentes » ¹⁾. Como poderia tudo isto realisar-se só nos Apostolos, cuja condição d'homens os sujeitava á lei da morte? A Providencia divina tinha pois regulado que o magisterio instituido por Jesus Christo não seria restricto aos limites da vida dos Apostolos, mas duraria sempre. Effectivamente, vemos que elle se transmittiu e passou como de mão em mão na sequencia dos tempos.

Os Apostolos, com effeito, consagraram Bispos e designaram nominativamente aquelles que deviam ser os seus successores immediatos no « ministerio da palavra ». Mas isto não é tudo: ordenaram tambem aos successores que escolhessem homens proprios para esta funcção, os revestissem da mesma auctoridade e lhes confiassem a seu turno o cargo e a missão d'ensinar. Tu, pois, ó meu filho, fortifica-te na graça que está em Jesus Christo: e o que tu ouviste de mim diante d'um grande numero de testemunhas, confia-o a homens fieis, que sejam capazes de instruir outros » ²⁾, É pois verdade que assim como Jesus Christo

¹⁾ Qui usque ad consummationem saeculi cum discipulis se futurum esse promittit, et illos ostendit semper esse victuros et se numquam a credentibus recessurum. *In Math.*, lib. IV, cap. XXVIII, V, 20.

²⁾ Tu ergo, fili mi, confortare in gratis, quae est in Christo Jesu: et quae audisti a me per multos testes, haec commenda fidelibus hominibus, qui idonei erunt et alios docere. II, *Tim.*, II, 1-2.

foi enviado por Deus e os Apostolos por Jesus Christo, assim tambem os Bispos e todos aquelles que succederam aos Apostolos foram enviados pelos Apostolos. « Os Apostolos prégaram-nos o Evangelho, enviados por Nosso Senhor Jesus Christo, e Jesus Christo foi enviado por Deus. A missão de Christo é pois de Deus, a dos Apostolos é de Christo, e ambos foram instituidos segundo a ordem e por vontade de Deus... Os Apostolos prégaram pois o Evangelho através as nações e as cidades : e depois de terem provado, segundo o espirito de Deus, aquelles que eram as primicias d'estas christandades, estabeleceram Bispos e diaconos para governarem aquelles que acabamos de dizer, e mais tarde tomaram medidas para que, vindo estes a morrer, outros homens experimentados lhes succedessem no seu ministerio » ¹⁾).

É pois necessario que d'um modo permanente subsista, d'um lado a missão constante e immutavel de ensinar tudo o que Jesus Christo ensinou : d'outro, a obrigação constante e immutavel de acceitar e de professar toda a doutrina assim ensinada. E o que S. Cypriano exprime excellentemente n'estes termos : « Quando Nosso Senhor Jesus Christo, no seu Evangelho, declara que aquelles que não estão com Elle são seus inimigos, não designa uma heresia em particular, mas denuncia como seus adversarios todos os que não estão inteiramente com Elle, e que não colhendo com Elle mettem a dispersão no seu rebanho : Aquelle que não está commigo, diz Elle, é contra mim, e aquelle que não colhe commigo despreza » ²⁾).

Profundamente compenetrada d'estes principios e cuidadosa do seu dever, a Igreja nada tem tido mais a peito, nada prosegue com mais esforço do que conservar da maneira mais perfeita

¹⁾ Apostoli nobis Evangelii praedicatores facti sunt a Domino Jesu Christo, Jesus Christus missus est a Deo. Christus igitur a Deo, et Apostoli a Christo, et factum est utrumque ordinatum ex voluntate Dei... Per regiones igitur et urbes verbum praedicantes, primitias earum spiritu cum probassent, constituerunt episcopos et diaconos eorum qui credituri erant... Constituerunt praedictos, et deinceps ordinationem dederunt, ut quum illi decessissent, ministerium eorum alii viri probati exciperent. S. Clemens. Rom. *Epis. I ad Corinth.* capp. XLII, XLIV.

²⁾ Neque enim Dominus noster Jesus Christus, cum in Evangelio suo testaretur inimicos suos esse eos qui secum non essent, aliquam speciem haereseos designavit, sed omnes omnino qui suorum non essent et secum non colligentes, gregem suum spargerent, adversarios esse ostendit, dicens: Qui non est mecum adversus me est; qui non mecum colligit, spargit. *Epist. LXIX ad Magnum*, n. 1.

a integridade da fé. É por isso que ella tem olhado como rebeldes declarados e expulsado para longe de si todos aquelles que não pensam como ella, seja sobre que ponto fôr da sua doutrina. Os Arianos, os Montanistas, os Novacianos, os Quarto-decimanos, os Eutyichianos não tinham certamente abandonado toda a doutrina catholica, mas sómente esta ou aquella parte: e, comtudo, quem não sabe que elles foram declarados hereticos e repellidos do seio da Igreja? E um julgamento semelhante condemnou todos os fautores de doutrinas erroneas que appareceram no decorrer das differentes epochas da historia. « Nada pôde haver de mais perigoso do que estes hereticos, que, conservando em todo o resto a integridade da doutrina, por uma só palavra, como por uma gotta de veneno, corrompem a pureza e a simplicidade da fé que recebemos da tradição dominical, depois apostolica » ¹⁾.

Tal tem sido sempre o costume da Igreja, apoiado pelo juizo unanime dos santos Padres, os quaes sempre teem considerado como excluido da communhão catholica e fóra da Igreja quem se separa, por pouco que seja, da doutrina ensinada pelo magisterio authentic. Epiphanio, Agostinho e Theodoretto mencionaram grande numero de heresias do seu tempo. Santo Agostinho nota que outras especies de heresias se pôdem desenvolver, e que, se alguém adhere a uma só d'ellas, por esse mesmo facto se separa da unidade catholica. « Porque alguém, — diz elle — não cré n'estes erros, n'estas heresias que acabo de enumerar, não se segue que deva crér-se e dizer-se christão catholico; porque pôde haver, pôdem surgir outras heresias que não estão mencionadas n'esta obra, e quem abraçar uma d'ellas cessa de ser christão catholico » ²⁾.

Este meio instituido por Deus para conservar a unidade da fé de que falamos é exposto com insistencia por S. Paulo na sua

¹⁾ Nihil periculosius his haereticis esse potest, qui cum integre per omnia deurrant, uno tamen verbo, ac si veneni gutta, meram illam ac simplicem fidem Dominicae et exinde apostolicae traditionis inficiunt. Auctor *Tractatus de Fide orthodoxa contra Arianos*.

²⁾ Non omnis, qui ista, numeratas videlicet haereses, non credit, consequenter debet se christianum catholicum jam putare vel dicere. Possunt enim et haereses aliae quae in hoc opere nostro commemoratae non sunt, vel esse vel fieri, quarum aliquam quisquis tenuerit, christianus catholicus non erit. *De Haeresibus*, n. 88.

epistola aos Ephesios. Exhorta-os primeiro a conservar com muito cuidado a harmonia dos corações: « Applicae-vos a conservar a unidade d'espirito pelo laço da paz » ¹⁾; e como os corações não pôdem estar plenamente unidos pela caridade se os espiritos não estão d'accordo na fé, quer que entre elles não haja mais que uma mesma fé. « Um só Senhor, uma só fé ». E quer uma unidade tão perfeita, que exclua qualquer perigo de erro, « a fim de que nós não sejamos como meninos que vacillam, nem impellidos para aqui e para acolá por qualquer vento de doutrina, pela maldade dos homens, pela astucia que arrasta no laço do erro ». E ensina que esta regra deve ser observada, não por determinado tempo, mas, « até que todos nós cheguemos á unidade de fé, á medida da idade da plenitude de Christo ». Mas onde poz Jesus Christo o principio que deve estabelecer esta unidade e o auxilio que deve conserval-a? Eil-o: « Elle estabeleceu uns apóstolos... outros pastores e doutores para a perfeição dos santos, para a obra do ministerio, para a edificação do corpo de Christo ».

Por isso é esta mesma regra que, desde a mais remota antiguidade, os Padres e os Doutores sempre teem seguido e unanimemente defendido. Escutae Origenès: « Todas as vezes que os hereticos nos mostram as Escripturas canonicas, ás quaes todos os christãos dão o seu assentimento e a sua fé, parece dizerem: É comnosco que está a palavra de verdade. Mas nós não devemos crêl-os, nem afastarmo-nos da primitiva tradição ecclesiastica, nem crêr outra coisa senão o que as Egrejas de Deus nos teem ensinado pela tradição successiva » ²⁾.

Escutae Santo Ireneu: « A verdadeira sabedoria é a doutrina dos Apóstolos... que chegou até nós pela successão dos Bispos... transmittindo-nos o conhecimento mais completo das Escripturas, conservadas sem alteração » ³⁾.

¹⁾ Sollicite servare unitatem spiritus in vinculo pacis. IV, 3 et seqq.

²⁾ Quoties autem, haeretici, canonicas proferunt Scripturas, in quibus omnis christianus consentit et credit, videntur dicere: Ecce in domibus verbum est veritatis. Sed nos illis credere non debemus, nec exire a prima et ecclesiastica traditione, nec aliter credere, nisi quemadmodum per successionem Ecclesiae Dei tradiderunt nobis.

³⁾ Agnitio vera est Apostolorum doctrina... secundum successiones episcoporum... quae pervenit usque ad nos custoditione sine fictione Scripturarum tractatio plenissima. *Contra Haereses*, lib. IV, cap. 33, n. 8.

Eis o que diz Tertuliano: « É constante que toda a doutrina conforme à das Igrejas apostolicas, mães e fontes primitivas da fé, deve ser declarada verdadeira, pois que ella conserva sem duvida alguma o que as Igrejas receberam dos Apostolos, os Apostolos de Christo, Christo de Deus... Nós estamos em communhão com as Igrejas apostolicas; ninguem tem uma doutrina differente: está aqui o testemunho da verdade » ¹⁾.

E Santo Hilario: « Christo, estando na barca para ensinar, fez-nos comprehender que aquelles que estão fóra da Igreja não podem ter intelligencia alguma da palavra divina. Porque a barca representa a Igreja, na qual só o Verbo de vida reside e se faz ouvir, e aquelles que estão e que permanecem fóra, estereis e inuteis como a areia da praia, não podem comprehendel-o » ²⁾.

Rufino louva S. Gregorio de Nazianzo e S. Basilio porque « se entregavam unicamente ao estudo dos livros da Escripura Santa, e não tinham a presumpção de pedir a intelligencia d'elles aos seus proprios pensamentos, mas procuravam nos escriptos e na auctoridade dos antigos, que estes mesmos, como era constante, tinham recebido da successão apostolica, a regra da sua interpretação » ³⁾.

É, pois, evidente, depois do que acaba de ser dito, que Jesus Christo instituiu na Igreja um magisterio vivo, authentico, e, além d'isso, perpetuo, que investiu da sua propria auctoridade, revestido do espirito de verdade, confirmado por milagres, e severissimamente ordenou que os ensinamentos doutrinaes d'este magisterio fossem recebidos como seus proprios.

¹⁾ Constat proinde, omnem doctrinam, quae cum illis Ecclesiis apostolicis matricibus et originalibus fidei conspirat, veritati deputandam sine dubio tenentem quod Ecclesiae ab Apostolis, Apostoli a Christo, Christus a Deo accepit. Communiam cum Ecclesiis apostolicis, quod nulli doctrina diversa: hoc est testimonium veritatis. *De proescript.*, cap. XXI.

²⁾ Significat (Christus e navi docens) eos qui extra Ecclesiam positi sunt, nullam divini sermonis capere posse intelligentiam. Navis enim Ecclesiae typum praefert, intra quam verbum vitae positum et praedicatum hi qui extra sunt et arenae modo steriles atque inutiles adjacent, intelligere non possunt. *Comment in Matth.*, XIII, n. 1.

³⁾ Solis divinae escripturae voluminibus operam dabant, earumque intelligentiam non ex propria praesumptione, sed ex majorum scriptis et auctoritate sequebantur, quos et ipsos ex apostolica successione intelligendi regulam suscepisse constabat. *Hist. eccl.*, lib. II, cap. IX.

Todas as vezes, pois, que a palavra d'esse magisterio declara que tal ou tal verdade faz parte do conjuncto da doutrina divinamente revelada todos devem crer com certeza que é verdade; porque se isso pudesse de alguma maneira ser falso, seguir-se-hia, o que é evidentemente absurdo, que Deus seria o auctor do erro dos homens. « Senhor, se estamos no erro, fostes vós mesmo que nos enganastes » ¹⁾. Estando assim posto de parte qualquer motivo de duvida, poderá ser permittido a quem quer que seja rejeitar alguma d'essas verdades sem se precipitar abertamente na heresia, sem se separar da Igreja e sem repudiar em globo toda a doutrina christã?

Porque é tal a natureza da fé que nada é mais impossivel do que crer isto e rejeitar aquillo. A Igreja professa, com effeito, que a fé é « uma virtude sobrenatural pela qual, sob a inspiração e com o auxilio da graça de Deus, cremos que o que nos foi revelado por elle é verdadeiro: cremol-o, não por causa da verdade intrinseca das coisas vistas á luz natural da nossa razão, mas por causa da auctoridade do mesmo Deus, que nos revelou estas verdades, e que não pôde enganar-se nem enganarnos » ²⁾. Se pois ha um ponto que haja sido evidentemente revelado por Deus e que recusemos crer, não cremos absolutamente nada de fé divina. Porque o juizo que pronuncia Sant' Iago a respeito das faltas na ordem moral devem applicar-se aos erros do pensamento na ordem da fé. « Quem se torna culpado num só ponto torna-se transgressor de todos » ³⁾. Isto é até muito mais verdade com relação aos erros do pensamento. Não é, com effeito, no sentido mais proprio que se pôde chamar transgressor de toda a lei áquelle que commette uma só falta moral; porque, se pôde parecer que elle desprezou a magestade de Deus, auctor de toda a lei, esse desprezo não apparece senão por uma especie de interpretação da vontade do peccador. Ao con-

¹⁾ Domine, si error est, a te decepti sumus S. Richardus a S. Victore. *De trin.*, lib. I, cap. II.

²⁾ Virtutem supernaturalem, qua, Dei adjuvante et aspirante gratia, a Deo revelata vera esse credimus, non propter intrinsicam rerum veritatem naturali rationis lumine pers pectam, sed propter auctoritatem ipsius Dei revelantis, qui nec falli nec fallere potest. Conc. Vatic., sess. III, cap. III.

³⁾ Quicumque... offendat... in uno, factus est omnium reus. *Ibid.* II, 10.

trario, aquelle que, mesmo num só ponto, recusa o seu assentimento ás verdades divinamente reveladas, abdica realmente por completo a fé, pois que recusa submeter-se a Deus, como soberana verdade que é e o motivo proprio da fé. « Em muitos pontos estão commigo, em alguns sómente não estão commigo; mas por causa d'esses alguns pontos nos quaes se separam de mim, não lhes serve de nada estarem commigo no resto » ¹⁾.

Nada mais justo: porque aquelles que tomam da doutrina catholica só o que querem, apoiam-se no seu proprio juizo e não na fé; e recusando « reduzir a servidão toda a intelligencia sob a obediencia de Christo » ²⁾, obedecem na realidade a si mesmos e não a Deus. « Vós que no Evangelho crêdes o que vos apraz e recusaes crer o que vos desagrada, creis em vós mesmos muito mais do que no Evangelho » ³⁾.

Os Padres do Concilio do Vaticano não edictaram nada de novo, mas nada mais fizeram do que conformar-se á instituição divina, e á antiga e constante doutrina da Igreja e á natureza da fé, quando formularam este decreto: « Devem crer-se, de fé divina e catholica, todas as verdades que estão contidas na palavra de Deus escripta ou transmittida pela tradição, e que a Igreja, quer por um julgamento solemne, quer pelo seu magisterio ordinario e universal, propõe como divinamente revelada » ⁴⁾.

Para concluir, pois, que é evidente que Deus quer absolutamente na sua Igreja a unidade da fé, e porque foi demonstrado de que natureza elle quiz que fosse essa unidade e porque principio elle decretou assegurar-lhe a conservação, seja-Nos permittido dirigirmo-Nos a todos aquelles que não resolveram fechar os ouvidos á verdade e dizer-lhes como Santo Agostinho: « Pois que vemos n'isso um grande auxilio de Deus, tanto proveito e utili-

¹⁾ In multis mecum, in paucis non mecum: sed in his paucis, in quibus non mecum non eis prosunt multa, in quibus mecum. S. Augustinus, in *Psal. LIV*, n. 19.

²⁾ In captivitatem redigentes omnem intellectum in obsequium Christi. II *Corinth.*, X, 5.

³⁾ Qui in Evangelio quod vultis creditis, quod vultis, non creditis, vobis potius quam Evangelio creditis. S. August., lib. XVII *contra Faustum Manichoeum*, cap. II.

⁴⁾ Fide divina et catholica ea omnia credenda sunt quae in verbo Dei scripto vel tradito continentur, et ab Ecclesia sive solemnii iudicio, sive ordinario, et universalii magisterio tanquam divinitus revelata proponuntur. Sess. III, cap. III.

dade, hesitaremos em lançar-nos no meio d'esta Igreja, que, segundo a confissão de todo o genero humano, vem da Sé apostolica e tem conservado, pela successão dos seus Bispos, a auctoridade suprema, a despeito dos clamores dos hereticos que a odeiam, e que tem sido condemnados quer pelo julgamento do povo, quer pelas solemnes decisões dos Concilios, quer pela magestade dos milagres? Não querer dar-lhe o primeiro lugar é certamente obra ou d'uma soberana impiedade, ou d'uma arrogancia desesperada. E se toda a sciencia, mesmo a mais humilde e a mais facil, exige, para ser adquirida, o auxilio d'um doutor ou d'um mestre, póde imaginar-se um orgulho mais temerario, quando se trata dos livros dos divinos mysterios, do que recusar receber o conhecimento d'elles da bocca dos seus interpretes, e, sem os conhecer, querer condemnal-os? » ¹⁾

É pois, sem duvida alguma, dever da Igreja conservar e propagar a doutrina christã em toda a sua integridade e pureza. Mas o seu papel não se limita a isso e o mesmo fim para que a Igreja foi instituida não é exaurido por esta primeira obrigação. Com effeito, foi para salvação do genero humano que Jesus Christo se sacrificou, foi para este fim que elle promulgou todos os seus ensinamentos e todos os seus preceitos; e o que ordena á Igreja que procure na verdade da doutrina é santificar e salvar os homens. Mas este designio tão grande, tão excellente, não pode de modo algum realisar-o a fê por si só; é necessario ajuntar-lhe o culto prestado a Deus em espirito de justiça e de piedade, e que comprehende sobretudo o Sacrificio divino e a participação nos sacramentos; depois tambem a santidade das leis moraes e da disciplina. Tudo isto deve, pois, encontrar-se na Igreja, pois que ella é encarregada de continuar até ao fim

¹⁾ Cum igitur tantum auxilium Dei, tantum profectum fructumque videamus, dubitabimus nos ejus Ecclesiae condere gremio, quae usque ad confessionem generis humani ab apostolica Sede per successiones episcoporum, frustra haereticis circumlatrantibus, et partim plebis ipsius judicio, partim Conciliorum gravitate, partim etiam miraculorum majestate damnatis, culmen auctoritatis obtinuit? Cui nolle primas dare vel summae profecto impietatis est, vel praecipitis arrogantiae... Et si unaquaeque disciplina, quamquam vilis et facilis, ut percipi possit, doctorem aut magistrum requirit; quid temerariae superbiae plenius quam divinorum sacramentorum libros et ab interpretibus suis nolle cognoscere, et incognitos velle damnare. *De Utilitate credenti*, cap. XVII, 4, 55.

dos tempos as funcções do Salvador: a religião que pela vontade de Deus de certo modo *tomou corpo* n'ella, é só a Igreja que a offerece ao genero humano em toda a sua plenitude e perfeição; e do mesmo modo todos os meios de salvação que, no plano ordinario da Providencia, são necessarios aos homens, é só ella que lh'os procura.

Mas assim como a doutrina celeste não foi nunca abandonada ao capricho ou ao juizo individual dos homens, mas em primeiro logar ensinada por Jesus Christo e depois confiada exclusivamente ao magisterio de que temos falado, assim tambem não foi ao primeiro homem que appareceu entre o povo christão, mas a certos homens escolhidos que foi dada por Deus a faculdade de conceder e administrar os divinos mysterios e tambem o poder de mandar e governar.

Não é, com effeito, senão aos Apostolos e aos seus legitimos successores que se dirigem estas palavras de Jesus Christo: «Ide por todo o mundo, prégae-lhe o Evangelho... baptisae os homens... fazei isto em minha memoria... serão perdoados os peccados áquelles a quem os tiverdes perdoado». Da mesma maneira foi só aos Apostolos e aos seus legitimos successores que Elle ordenou que apascentassem o rebanho, isto é, que governassem com auctoridade todo o povo christão, o qual é, por consequencia, obrigado por este facto a ser-lhes submisso e obediente.

Todo o conjuncto d'estas funcções do ministerio apostolico está comprehendido n'estas palavras de S. Paulo: «Olhem-nos os homens como ministros de Christo e dispensadores dos mysterios de Deus » ¹⁾.

(*Conclue*).

(Trad. do *Correio Nacional*).

¹⁾ Sic nos existimet homo ut ministros Christi et dispensatores mysteriorum Dei. I Corinth., IV, 1.

A prelazia de Moçambique no presente

(Continuação da pag. 305)

É occasião de tratar das missões propriamente ditas, que n'esta prelazia estão na infancia, como quasi tudo o que diz respeito á religião catholica e official.

Se tenho boa memoria, nos tempos modernos vieram para o Zambeze portuguez os padres jesuitas pela vez primeira em 1880. Até 1885 não existem no archivo da camara ecclesiastica noticias, nem vestigios de missionarios, nem de missões; e d'essa epocha até á minha chegada são bem raros, mas alguns se encontram. Uma sorte adversa tem perseguido os padres da Zambezia, que tem sido o tumulto de quasi todos esses homens de coragem e de boa vontade, que heroicamente luctam contra o clima sempre e muitas vezes contra a má vontade dos homens, o que custa mais.

Ainda soccorrendo-me só da memoria, julgo que se estabeleceram primitivamente em Mopeia e em Sena. N'este ultimo ponto compraram uma razoavel casa, que alli me foi mostrada, e em Mopeia vi quasi destruida pelo *muchem* uma capella de pau a pique que serviu de igreja da missão. N'um ponto e no outro morreram quasi todos os padres; as condições climatericas d'esses dois logares, que conheço, são talvez as peiores da baixa Zambezia; dos que alli estiveram poucos voltaram á Europa e esses inutilisados ou pouco menos. Devia acontecer assim; a missão não tinha a experiencia nem a acuidade do instincto, que dirige os que teem vivido mui-

tos annos em paizes palustres, para procurar os logares menos insalubres.

Além d'essa experiencia, que é importante, faltavam-lhes os recursos que lhes proporcionassem boa alimentação e meios de resistencia; todos concordam que com uma congrua de 29\$166 réis por mez se não pôde viver razoavelmente na bacia do Zambeze, e tanto que o governo de Sua Magestade tem sido generoso em ordenados e reduções de tempo, para com os que alli trabalham, se exceptuarmos os padres.

Por outro lado, sendo quasi todos os homens no vigor da vida e com sincero desejo de arrotear uma vinha ingrata, exposeram-se ao sol, á chuva, ás intemperies, que em pouco tempo os prostraram sem vida, e nos melhores dos casos sem saude.

Assim despendeu esta missão muita energia e algum dinheiro sem resultados apreciaveis, nem para a religião nem para Portugal.

N'este estado de cousas resolveram, e muito bem, não sei precisamente em que epocha, abandonar esses logares de tão tristes recordações e em 30 de junho de 1885 uma portaria ecclesiastica auctorisa o estabelecimento de uma estação missionaria no prazo Boroma, a montante de Tete, nas margens do Zambeze. Tambem durante alguns annos administraram a parochia de Tete, como tinham administrado a de Sena.

Um dos que alli prestou, como parochio, muito bons serviços foi o padre Courtois, ha pouco fallecido, e não foi dos mais pequenos o ter salvo no seu interessante livro *Notes chronologiques sur les anciennes missions catholiques au Zambèze*, os restos do archivo da parochia de Tete.

A missão de Boroma luctou durante annos com grandes difficuldades, mal installada em cubatas de palha, até que enfim o governo de Sua Magestade por decreto de 8 de agosto de 1889 lhe concedeu um beneficio de 3:000\$000 réis annuaes, com a obrigação de estabelecer filiaes, entre outras, uma no Zumbo.

A missão de Boroma é a mãe de todas as da Zambezia,

tem quatro missionarios que ensinam doutrina, ler e escrever e portuguez, bem como officios mechanicos.

Tem concluidas as suas installações e estabelecidas as suas officinas, onde se prepara tijolo, obras de carpinteria, etc. Junto da missão as irmãs educadoras, ou da missão, ensinam as raparigas, e lançam os fundamentos da futura familia indigena, constituida nos moldes firmes e bons por meio do matrimonio christão.

Em excursões amiudadas os padres catechisam os colonos do prazo Boroma, que a missão tem por arrendamento, e onde se esforça por introduzir novas culturas, melhorando as existentes. Emfim, Boroma é um exemplo do que podia ser a nossa Zambezia, se em logar de uma missão tivesse um cento, que apesar de numerosas teriam custado menos do que a polvora gasta pelos capitães-móres para a despovoarem em guerras ruinosas e quasi sempre injustas. Sobre Boroma veja-se o documento n.º 2.

Por uma portaria do governo ecclesiastico de 26 de julho de 1890, foi creada uma missão, filha da de Boroma, junto da villa do Zumbo.

As grandes distancias a percorrer para se alcançar este ponto, as difficuldades de transportes e sobretudo a falta de dinheiro, fez com que esta missão só principiasse depois da minha chegada a Moçambique em 1892.

Está creada no prazo Ricico, perto da villa do Zumbo; tem um internato numeroso e o seu fundador e superior padre Czirmann com o padre Platzer, seu recente companheiro, tem feito o que podem para promover o seu desenvolvimento. Aquelle acaba de fallecer victima do clima e talvez de privações. Sobre esta missão de S. Pedro Claver do Zumbo veja-se o documento n.º 3.

Em 5 de maio de 1890 foi creada uma missão em Milange e Namuli; é a missão do Tumbini, que está pelo menos a seis dias de viagem de Namuli, e portanto não preenche o appellido da sua creação; foi fundada na margem direita do pequeno rio Molosa, e alli demorou mais de um anno, até que approvedo o tratado de limites com a Inglaterra se verificou que o Molosa até á confluencia com o Ruo era o limite

dos terrenos das duas nações; passou pois, para a margem esquerda do rio e assentou na vertente norte do monte Tumbini. E assim não está em Namuli nem em Milange, mas em Tumbini, designação que passa a ter e que é a unica que corresponde á realidade da situação. É esta com certeza a missão que mais tem soffrido; situada a perto de 300 kilometros de Quelimane, sem communicações regulares, e sem dinheiro, só uma dedicação muito firme alli tem conservado os padres.

Esta missão não tem subsidio algum, tem vivido com a congrua de 29\$166 réis pertencente aos padres e talvez com alguma esmola que da Europa lhe mandem catholicos não portuguezes. Torna mais precario este estado, o estar a missão rodeada de povos conhecidos pelas suas exigencias e rapinas. O Matipuri, um dos mais poderosos vizinhos e dos de peor especie, pede ou rouba, segundo prefere um ou outro systema, ou segundo as conveniencias da occasião.

Passei vinte dias n'esta missão; o meu primeiro pensamento ao vêr as difficuldades com que lucha, sem as cousas mais indispensaveis á vida civilisada e conservação do pessoal, foi mandal-a fechar e retirar os padres, e de certo o faria se me não animasse a esperança de que v. ex.^a providenciará de modo que acabe este estado de cousas e me habilite a soccorrel-a de um modo efficaz.

Apesar de tudo isto, a missão tem algumas culturas, ainda que restrictas, por não poder sustentar rapazes para esse fim, apesar da barateza da sustentação do indigena n'um logar em que os productos da agricultura são baratissimos. Tem em adeantada construcção uma casa grande e igreja, não obstante as innumeradas difficuldades com que lucha, por ter de levar de Quelimane todos os artistas, que são uns *matapaus* da peor qualidade como operarios.

A influencia benefica d'esta missão, collocada na fronteira do nosso territorio, palpa-se no facto de que dezenas de povoações indigenas têm passado da margem ingleza para a nossa, vindo proteger-se alli com a sua sombra benefica.

O logar que occupa é de certo um dos mais importantes n'esta provincia; o que é urgente é habilital-a com meios de poder prestar beneficios maiores.

Depois da morte do padre Carvalho, que alli falleceu em 1893, ficou superior o padre Dupeyron, tendo como companheiro o sub-diacono Delémi.

Quando no fim de 1893 chegaram novos padres, attendendo á importancia capital d'esta missão, para alli foram os dois padres Loubière e Perrodin; infelizmente ambos morreram no prazo Boror antes de chegarem a meio caminho da sua viagem para o Tumbini. A respeito d'esta missão de S. Francisco Xavier de Tumbini veja-se o documento n.º 4, que apesar de não ser muito recente, é interessante debaixo de muitos pontos de vista.

Uma outra portaria ecclesiastica do mesmo dia, mez e anno, creava segunda missão no districto de Inhambane, na costa fronteira á villa d'aquelle nome. Depois de consideraveis demoras fundou-se emfim a 3 kilometros do commando militar do Bembe.

Visitei-a em 1892; estava no seu principio; infelizmente o terreno em que assentava era, além de doentio por estar no valle de um rio sempre saturado de humidade, deserto ou pouco menos.

Para uma missão a materia prima é o preto; onde este não existe ella não pôde convenientemente desempenhar o seu fim civilizador e desenvolver-se.

Por estas razões e proposta do reverendo padre Courtois, tendo o ex.^{mo} governador geral concedido um bom terreno no Mongue, que reúne condições de salubridade a uma população muito densa, para alli transferi esta missão em 1893.

A morte do seu fundador e primeiro superior, sobrevinda em 18 de janeiro de 1894, foi uma grande perda; temos, porém, confiança que o successor padre Etterlé saberá seguir as pisadas honrosas do seu antecessor, que era um missionario distinctissimo.

Devo consignar aqui que esta missão esteve sempre na mais intima amisade e mutuo auxilio com a parochia de Inhambane, auxiliando-se efficaçmente uma á outra, o que me foi muito grato presençar.

Esta missão tambem não recebe subsidio algum, de que bem necessita nos primeiros annos ao menos. A sua vizi-

nhança, porém, de uma villa civilisada tem feito que não soffresse tão duramente como a Tumbini. Sobre esta missão de S. José de Inhamússua, hoje Mongue, veja-se o documento n.º 5, um dos ultimos trabalhos do padre Courtois.

Da mesma data é a portaria que creou uma missão no prazo Anguase, ás portas de Quelimane, no lugar de Qualani, muito povoado de indigenas, mas doentio.

Por esta coincidencia de datas, vê-se que em maio de 1890 houve desejo de crear muitas missões; como, porém, o pessoal não correspondia em numero a todas essas creações, e muito menos ainda o dinheiro, seguiu-se naturalmente que nenhuma das tres missões d'esse dia se desenvolveu, pois nenhuma foi subsidiada, e a de Qualani só recebeu em fins de 1893 de um modo definitivo um missionario que é o padre Torrend. É de esperar que esta missão produza bons resultados se fôr auxiliada e os padres resistirem á insalubridade do sólo.

O terreno da missão bem como a casa que alli construíram foi comprado por conta dos padres jesuitas. A respeito d'esta missão, ou antes a respeito das condições em que se encontram as cercanias de Quelimane, veja-se o documento n.º 6, estudo feito pelo padre Desmaroux, o qual se me afigura muito importante debaixo de muitos pontos de vista.

A invasão arabe e mahometana, que se aproxima da margem norte do Zambeze, a que o auctor se refere largamente, merece alguns momentos de estudo e o emprego de meios efficazes para combater um elemento que não é mais nefasto á religião do que ao dominio temporal portuguez, apesar de alguma gente, de certo de boa fé, afirmar que o arabe não tem aspirações politicas absorventes.

Além da missão de Qualani, possuem os padres da Companhia uma casa em Quelimane, que se chama collegio do Bom Jesus. Aqui residem sempre ao menos dois padres para expedirem o que é indispensavel para as missões da Zambezia, dando um a aula de instrucção primaria, que é regularmente frequentada. O collegio podia ter prestado optimos serviços á instrucção, já pela excepcional competencia

d'estes padres para o ensino, já pela falta absoluta de instituições d'este genero na provincia.

Infelizmente na nossa Africa oriental tanto official como particularmente tem havido e continúa a haver o mais soberano desprezo por tudo que seja instrucção e educação: são bagatellas e pequenas cousas que a poucos interessam. Por isso os poucos alumnos que frequentavam esta casa não pagavam as suas mensalidades, de modo que os padres se viram constrangidos a fechar o referido collegio, limitando-se a ensinar a instrucção primaria aos alumnos externos, o que ainda hoje fazem com proveito, menor do que era para de-sejar, não por falta de competencia, mas de frequencia.

Em Lourenço Marques, onde a propaganda protestante tem sido e continúa a ser mais energica do que em qualquer outro logar, e onde porventura é mais perigosa, tratei pouco depois da minha chegada de fundar uma missão catholica nas cercanias d'aquella cidade. Foi creada em portaria ecclesiastica de 21 de junho de 1892, debaixo do patronato de S. José.

Para a sua fundação, não dispondo de meios sufficientes, fiz appello á generosidade dos habitantes da mesma cidade, que bizarramente me auxiliaram.

Por outro lado o soccorro official tambem não faltou e a missão tem dois padres que se fõrem auxiliados, poderão continuar prestando valiosos serviços religiosos e sociaes. Sobre esta nova missão póde-se vêr o documento n.º 7.

Todas as missões que mencionei funccionam actualmente, e se Deus o permittir em pouco tempo será enviado e pessoal para a missão de Gaza, creada por decreto de 27 de abril de 1893.

Além d'estas espero que em poucos mezes teremos installadas mais duas, para as quaes já se levantam as primeiras installações, uma junto da rainha de Maputo, no districto de Lourenço Marques, e outra na serra de Morrumbála, na margem esquerda do Chire. Tenho-me, porém, abstido de officialmente as crear emquanto não tiverem realidade no terreno, para que não aconteça, como não é a primeira vez, termos muitas missões no papel, mas só allí, o que nada adianta para o fim da propaganda catholica e portugueza.

*
* *
*

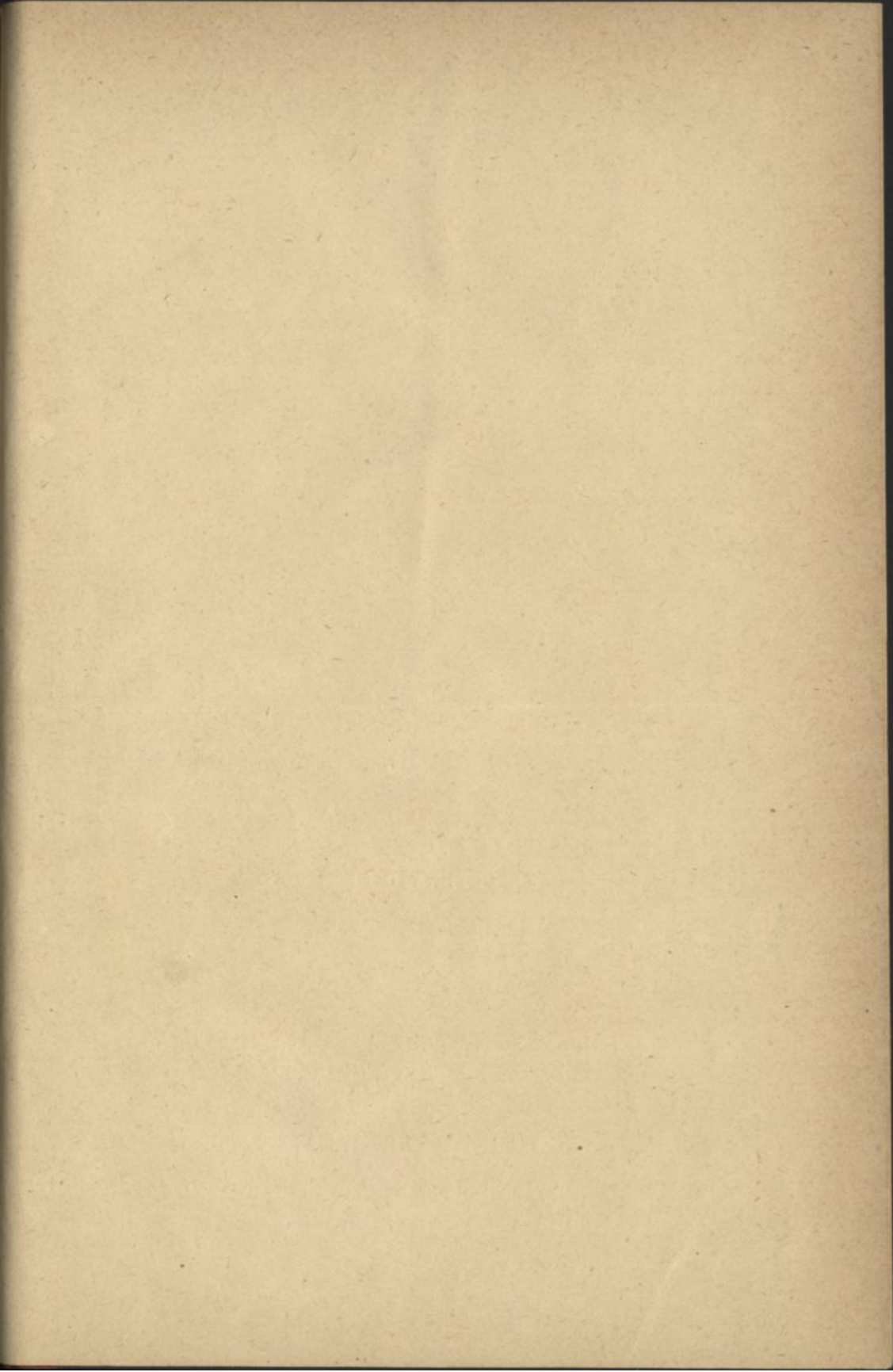
Do que acabâmos de dizer com respeito ás missões d'esta prelazia, resalta logo que apenas existem duas subsidiadas — uma que ainda não funciona, a de Gaza, e cuja dotação só n'este anno foi applicada a beneficio dos negocios ecclesiasticos da prelazia; nos annos precedentes, se foi despendida a verba da extincta missão de M'ponda, não foi certamente com cousas ecclesiasticas; — e a de Boroma, que deve subsidiar a do Zumbo.

É preciso dizer aqui que o subsidio de 3:000,000 réis annuaes á missão de Boroma não tem sido pago durante bastante tempo, nem o é agora mesmo. Esta falta de cumprimento do que se estatue n'um decreto, que é lei, tem causado verdadeiros embaraços á mencionada missão. Em Boroma tambem existem aggregadas á missão seis irmãs educadoras, que regem uma bella escola e que nunca receberam subsidio algum; vivem á custa da missão, que realmente não dispõe de meios para custear esta despeza; ora n'uma provincia, onde se pagam tantos professores e professoras, que não têm discipulos, e onde em geral o pouco dinheiro que se destina á instrucção é gasto inutilmente, era bem justo que se pagasse a quem faz, quer e sabe fazer alguma cousa. Aquellas professoras devem ser subsidiadas como as outras da provincia, o que não acontece; parece-me urgente que se faça justiça, auxiliando essas pobres senhoras para as quaes já é um duro sacrificio o viverem em Boroma.

Todas as outras missões da prelazia, se exceptuarmos a de Lourenço Marques, que não tem subsidio, mas uma gratificação aos dois padres que a servem, visto que alli não poderiam viver sem elle, todas as outras, digo, não recebem absolutamente subsidio algum, além das respectivas congruas, que por serem muito diminutas não chegam ao menos para a alimentação regular dos missionarios.

(*Continua*).

BISPO DE HIMERIA.



Condições da assignatura

A *Revista Contemporanea* publicar-se-ha mensalmente, abrangendo cada numero 32 paginas in-8.º grande. O numero de paginas pode ser maior quando assim o exija o desenvolvimento de assumptos especiaes.

Cada numero da *Revista Contemporanea* tractará sempre de assumptos variados, como questões sociaes, scientificas, historicas, etc.

Apparecerá no primeiro dia de cada mez, e o preço da assignatura é de 1\$600 réis annuaes, que devem ser pagos respectivamente antes da publicação do numero 4 de cada anno.

No fim de cada anno receberão os srs. assignantes o frontespicio e indice do volume respectivo da *Revista*.

Continuam a receber-se assignaturas desde o primeiro numero da *Revista Contemporanea*.

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a José Marques Rito e Cunha, Collegio Novo. — Coimbra.

EXPEDIENTE

Rogamos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem a importancia das suas assignaturas, podendo deduzir do preço respectivo a quantia que tiverem de pagar pelo vale do correio ou registo de carta.

FORTUNATO DE ALMEIDA

A QUESTÃO SOCIAL

Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Affonso Costa

PREÇO 200 REIS

Á venda em todas as livrarias. Remette-se pelo correio a quem enviar 220 réis á administração da *Revista Contemporanea*, — Collegio Novo, Coimbra.

FORTUNATO DE ALMEIDA

O INFANTE DE SAGRES

Obra premiada

no concurso de memórias sobre o infante D. Henrique,
por occasião do quinto centenario
do seu nascimento

1 volume de XLIII-371 pag., 600 réis

A venda na Livraria Portuense de Lopes & C.ª, editores, rua do Almada, 449
— 123, Porto, e em todas as livrarias.

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,
HISTORICAS E SOCIAES

DIRECTOR

Fortunato de Almeida

BACHAREL FORMADO EM DIREITO

ADMINISTRADOR

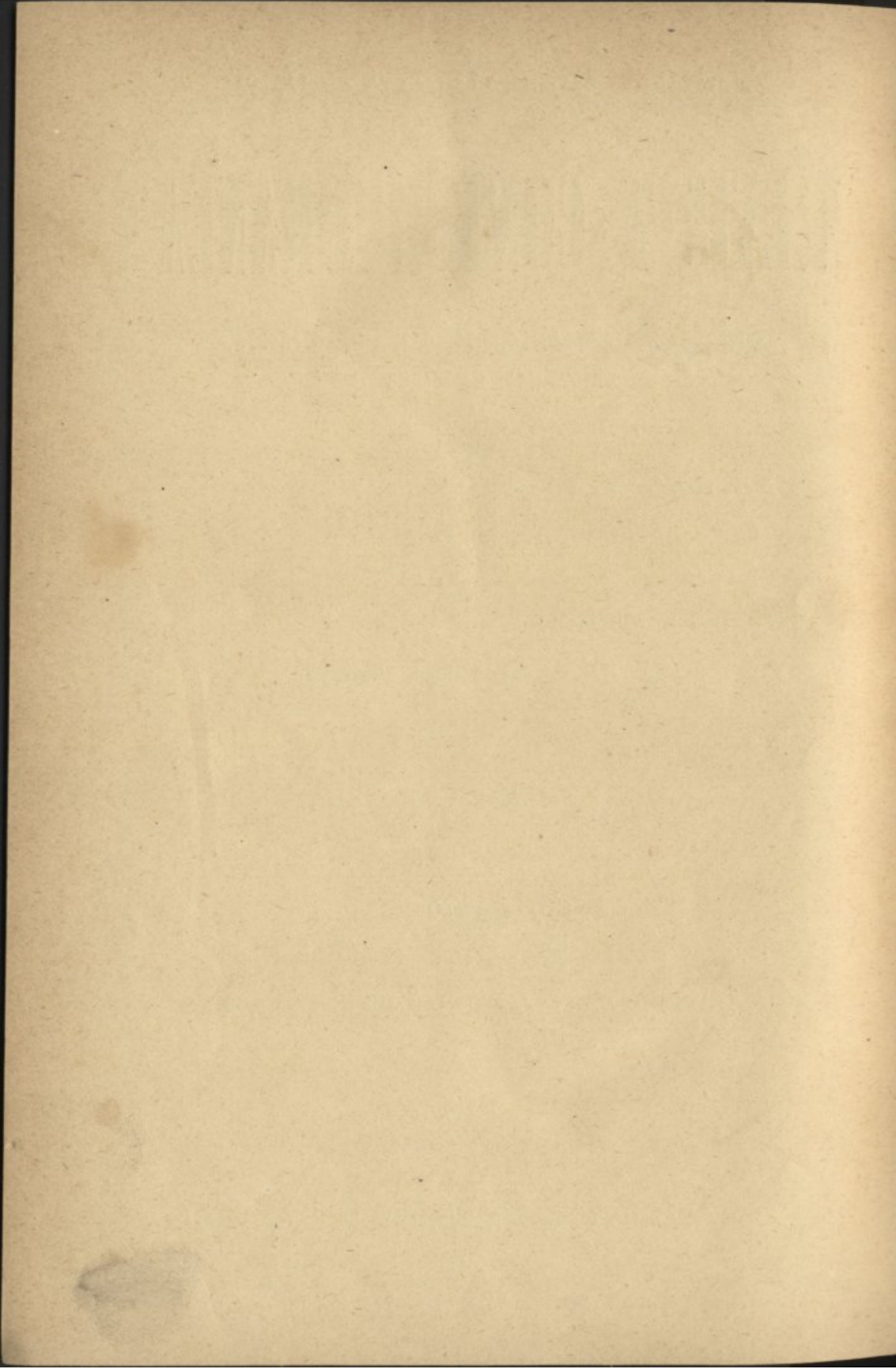
José Marques Rito e Cunha

BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA

SUMMARIO

- I — A prelazia de Moçambique no presente, (*continuação*) pelo Bispo de Himeria.
- II — Carta Encyclica do Santo Padre Leão XIII sobre a unidade catholica.





A prelazia de Moçambique no presente

(Conclusão da pag. 360)

Hoje é ocioso discutir a conveniencia das missões entre povos selvagens; uma larga experiencia veiu confirmar o que aliás a razão ensinava. O Estado aufere d'ellas os maiores beneficios, tornando-as já instrumentos de civilisação, que tem obrigação de promover entre os povos sujeitos ao seu dominio, já documentos de occupação effectiva que o direito internacional reclama como a unica legitima para affirmação de soberania; bem ou mal os direitos historicos e as grandes linhas traçadas nas cartas de Africa, com tanto esforço, foram postas de parte. Mas para que essas missões existam e possam produzir os beneficios que d'ellas temos direito de exigir, é preciso, é indispensavel que o Estado as auxilie de um modo efficaç, ainda que o mais economicamente possivel.

Nas tabellas orçamentaes d'esta provincia, além da doção ás missões a que já me referi, existe 1:000\$000 réis para missões, importancia que, pela primeira vez, no corrente anno economico me foi entregue; nos antecedentes nem isso se fazia e esse dinheiro, que de certo era gasto em cousas da prelazia, era distribuido sem que o prelado ao menos fôsse consultado a tal respeito.

Se não é possivel, attentas as difficuldades presentes, dotar cada uma das missões com uma verba especial, que importaria em muito dinheiro, inscreva-se ao menos no orçamento uma quantia razoavel de que o prelado possa dispôr

para, segundo as necessidades e occorrencias, com ella acudir ás difficuldades mais instantes das missões existentes!

Quantas difficuldades seriam superadas com este systema, e quantas perdas de generosos esforços se teriam evitado!

Digo que o prelado deve poder dispôr d'essa quantia em beneficio das missões não subsidiadas por outra fórma, porque é elle que tem obrigação de conhecer as necessidades das mesmas, em virtude do logar que occupá, e que lhe acarreta grossas responsabilidades perante a religião e perante o padroeiro. Um soccorro prestado em occasião opportuna vale de certo muito mais do que a promessa de pedir providencias que, ou não chegam nunca, ou veem tarde quasi sempre, e só a tempo de não poderem remediar grandes males emergentes da demora.

Em Angola, onde as missões são melhor dotadas, se a memoria me não falha, estão inscriptos 4:000\$000 réis para este fim; haverá menores necessidades em Moçambique, onde as missões dotadas modestamente são apenas duas? Infelizmente são ainda maiores aqui do que na Africa occidental.

Só o inveterado habito, que vem de longe, de ter em pouco os negocios ecclesiasticos d'esta provincia, que não merece ser tratada d'esse modo, é que poderá desculpar tão flagrantes desigualdades. De resto, não reclamo para mim nem dinheiro, nem commodidades; peço apenas elementos para poder trabalhar com algum proveito para a religião e para o nome portuguez; sacrificios inuteis e estereis a ninguem aproveitam. Quem quer os fins, emprega os meios, ou é inconsequente.

*

*

*

Em uma região tão vasta como é a provincia de Moçambique, de certo uma das menos salubres do globo, onde se encontram centenas de kilometros de costa maritima baixa, sem limites bem definidos do logar em que termina o domi-

nio do mar e onde principia o da terra firme, com deltas colossaes como o do Zambeze, que ainda se não abriu um canal apto para a navegação, senão em condições precarias e muito especiaes, e onde a raça branca ainda não resolveu, e de certo não resolverá durante muitos seculos, o problema da sua acclimatação, comprehende-se sem difficuldade a importancia da preparação ou fontes do pessoal missionario, que deve exercer o seu ministerio em condições tão pouco favoraveis.

Todas as dioceses do real padroado da corôa portugueza, mesmo aquellas que estão situadas em territorio sujeito a outra soberania, teem o seu seminario, grande ou pequeno, segundo as necessidades ou os recursos de que respectivamente dispõem; a prelazia de Moçambique, apesar de ser maior que todas as dioceses do reino e da India juntas, não gosa d'este beneficio, que eu devo reclamar como um dos melhoramentos mais urgentes e imprescindiveis.

Esta idéa da criação de um seminario proprio para Moçambique não é minha, tem mais de dois seculos e pertence a Fr. Antonio da Conceição, agostiniano, que sendo administrador da prelazia, tentou realisar-a, creando em Sena um seminario, obra que não pode realisar.

É digno de notar-se que se fizesse esta tentativa, quando os conventos de Portugal e da India regorgitavam de pessoal; o que então era util, hoje é absolutamente indispensavel, se realmente desejamos ter missionarios e missões n'esta parte da Africa ainda sujeita ao padroado da corôa portugueza.

Em 1855 o governador geral de Moçambique, considerando que as parochias estavam em grande parte sem parochos e abandonadas, e que no interior não havia um só missionario, ordena que a provincia envie dez alumnos por conta da fazenda nacional, a fim de serem ordenados no seminario de Santarem, para virem depois exercer aqui o sagrado ministerio. Esta medida, bem mesquinha em si e que nada resolvia, mas que tem o merecimento de revelar o empenho de sahir d'uma situação desesperada, não deu resultado algum pratico como era de prevêr.

Por isso em 1859, um decreto referendado pelo visconde de Sá da Bandeira, que principia por estas palayras: « Convin-do que, emquanto se não estabelece um seminario para a provincia de Moçambique », — manda que o governador geral, de accôrdo com a auctoridade ecclesiastica, envie para Gôa dez alumnos pretos, destinados ao serviço ecclesiastico d'esta prelazia. Por este documento vê-se claramente que o governo da epocha a que elle se refere sentia a necessidade de fundar um seminario para Moçambique e que só a situação precaria do thesouro fazia addiar essa medida salvadora.

O expediente de enviar dez alumnos para Gôa deu identico resultado ao que tinha dado o convite para Santarem; isto é, nenhum, como era de prever n'uma terra onde ninguem quer estudar coisa alguma, e onde a instrucção foi sempre e continua a ser um mytho e vergonha que não é mythica, mas muito real e palpavel.

Em 1875 o prelado D. José Caetano Gonçalves annuncia em pastoral aos fieis da prelazia que vae abrir um collegio seminario, onde se ensinará a doutrina christã, grammatica portugueza, latim, latinidade e francez ou inglez; diz mais n'esse documento que apenas haja alumnos habilitados se abriam as aulas de philosophia racional e moral, theologia moral, dogmatica e historia ecclesiastica.

O collegio-seminario era especialmente para indigenas e devia ter doze alumnos internos destinados ao serviço ecclesiastico; sempre as dôses homeopathicas. O Estado subsidiava este seminario pobremente, parecendo ter a intuição dos seus resultados.

Sei que funccionou algum tempo, talvez um ou dois annos, sendo fechado em seguida, não sei por que razão, mas provavelmente por falta de alumnos e por se reconhecer que esta instituição não era viavel em Moçambique.

As experiencias feitas em Angola deram o mesmo resultado, pelo menos até 1888.

Póde, pois, concluir-se afoitamente, que a necessidade da criação de um seminario para esta provincia foi reconhecida ha muito por todos e igualmente se póde affirmar que, por

emquanto, gastar dinheiro com o seminario de Moçambique, o mesmo é que atiral-o pela janella fóra, porque as condições geraes ainda são as mesmas.

Uma experiencia longa, e, para mim bem dolorosa, mostra-me tambem que o preto é pouco apto para o sacerdocio christão, o que nada nos deve surprehender, se attendermos ao estado lastimoso em que o temos deixado vegetar, ás tendencias de raça, ao clima e ao meio em que vive e se envolve.

O seminario, pois, deve ser urgentemente creado para esta provincia, deve ter a séde em Portugal e ter, como alumnos e futuros missionarios, portuguezes.

No norte do paiz existem ainda antigos conventos, que com pequeno despendio se podiam adaptar a este fim, como, por exemplo, o de Villa do Conde, de que o Estado está em posse, ou outro situado no Minho, onde as vocações superabundam.

Levo as minhas utopias até ao ponto de acreditar que d'alli se poderia fazer o nucleo de uma congregação á similhaça da dos missionarios de Paris, ou dos padres brancos do fallecido cardeal Lavigerie, que teve como principio um seminario nas mesmas condições em que o reclamo para esta provincia. Eu acredito que ainda hoje podemos ter missionarios da tempera dos que honraram a Igreja e Portugal nos seculos xvi e xvii, com tanto que os eduquemos de um modo adequado ás necessidades actuaes.

Porque o não tentamos? Pouco tinhamos a perder se esse ensaio não dêsse resultado, e muito a lucrar em caso contrario. Que v. ex.^a conceda a esta prelazia um edificio em boas condições de salubridade, e pelo menos 8:000\$000 réis annuaes para a sustentação do pessoal, que eu tomo de baixo da minha responsabilidade e sobre os meus debeis hombros o preparar missionarios para esta provincia, e missionarios que reunam a uma solida instrucção theologica as condições indispensaveis para desempenharem todos os deveres que a sciencia actual d'elles costuma exigir e as missões africanas imperiosamente reclamam.

Uma prelazia com a vastidão da de Moçambique, sem

um seminário proprio, é uma anomalia de tal ordem, que mal se acreditaria, se não fôsse uma realidade e um facto da nossa epocha, que todos os dias palpâmos.

Longe de mim está a idéa de repellir, ou ter em menos preço os missionarios do collegio de Sernache do Bom Jardim, entre os quaes muitos existem que trabalham de boa vontade e com todo o desinteresse, de modo que honram nobremente o qualificativo de que usam; direi até que me reputo feliz pela cooperação sincera e illustrada que tenho encontrado nos missionarios d'essa procedencia, que servem debaixo das minhas ordens; o mesmo posso dizer dos que envia o seminário de Gôa, entre os quaes alguns ha que só merecem a nossa gratidão e louvor; infelizmente, porém, nem todos os missionarios que prepara o real collegio das missões ultramarinas seriam sufficientes para civilisar, na esphera que nos é propria, a nossa Africa oriental; quando todos sabemos que é indispensavel dividil-os por todo o vastissimo pardoado portuguez.

Emquanto aos segundos, a quem uma prevenção, nem sempre justificada, torna ás vezes bem difficil a sua missão, já poucos se desejam expatriar para o clima pouco salubre d'esta costa.

Além de um seminário na metropole é indispensavel, se não queremos soffrer cruas desillusões todos os dias e marcar passo eternamente, ter na provincia uma grande casa, onde concluam a sua educação os missionarios, venham elles de onde vierem.

A educação dos missionarios na Europa ou na India, por mais perfeita que a queirâmos suppôr, nunca será adequada aos rudes trabalhos da missão africana; essa só no proprio logar do combate poderá ser proficua e completa.

N'esta casa entrariam para fazer o seu tirocinio todos os padres que se dedicassem ás missões da prelazia, e só d'ella sahiriam quando a auctoridade competente, depois de proceder a provas severas, os encontrasse adextrados para o duro trabalho da missão, bem mais difficil do que a muita gente se afigura lá de longe.

Em conclusão : se a prelazia não tiver seminario proprio terá de renovar o seu pessoal, quasi por esmola, o que é deprimente e acarreta gravissimos inconvenientes, perdendo-se na demora da substituição interesses moraes e materiaes, que custaram muito dinheiro e muitas fadigas.

Por seu turno a existencia de um bispo na provincia, sem clero, é algo parecida com a de um almirante sem navios, ou de um general sem soldados ; uma anomalia.

É tanto mais urgente crear o seminario para esta provincia, quanto é certo que aqui se torna frequente a necessidade de renovar o pessoal missionario, que, pelas más condições de clima, fica prostrado em pouco tempo. Apresento já a prova : em vinte e dois mezes, n'uma média escassa de trinta missionarios, ficaram fóra do serviço dezeseis presbyteros, cifra exorbitante, que se decompõe da maneira seguinte: mortos nove, sendo seis europeus e tres naturaes de Gôa ; dos sete restantes, foi um europeu transferido por conveniencia de serviço, tres dados por incapazes pela junta de saude, sendo dois europeus e um de Gôa ; dois mandados por mim embora por não terem as condições nem mesmo rudimentares para o ministerio de missionarios, um africano e outro irlandez ; um de Gôa que recebeu ordem de não voltar á prelazia, não por faltas proprias, mas porque mal sabia o portuguez e era quasi nulla a sua capacidade.

A vista d'estes dados, que são rigorosamente exactos, será facil imaginar o espanto e a dôr que me causa a redução de dois missionarios nas tabellas orçamentaes novas sobre as antigas ; na minha ingenuidade, confesso que tinha acreditado sempre que, se não tinhamos missões nem missionarios em Moçambique, era isso devido á falta de pessoal e não ao desequilibrio financeiro engendrado pelo ordenado de 350\$000 réis annuaes por cada missionario. Entendia até que o numero de trinta missionarios estava alli no orçamento como expressão indefinida, visto que antes de mim esse numero nunca foi attingido nem sequer approximado ; enganei-me, porém, o que me tem acontecido muitas vezes, e de certo não será esta ultima ; agora só peço com insistencia que no

novo orçamento aquelle numero seja muito elevado, a fim de se poder aproveitar algum missionario que a Providencia nos depare para acudir ás grandes necessidades actuaes.

N'este momento alguns arrendatarios de prazos da corôa no districto da Zambezia pedem com empenho padres para os seus prazos, promptificando-se a erigir capellas e a dar casas de residencia ao missionario; ninguem ignora as vantagens de taes disposições, que ficarão sem realidade se eu apenas tiver vinte e oito padres como estatue o orçamento; actualmente existem trinta e quatro que para pouco chegam, e os que excedem o numero de vinte e oito prejudicam a missão de Boroma, cujo subsidio é absorvido em grande parte pela congrua dos missionarios que ultrapassam os fixados no orçamento, o que tem o character de uma flagrante violação do decreto que concede subsidio a Boroma, violação que v. ex.^a, estou certo, reparará em pouco tempo.

Os inglezes dizem que um missionario vale mais que trinta fardos de algodão; nós affirmâmos, na pratica, que vale menos que um sargento aspirante; e como sômos consequentes, temos centenas d'estes em Africa e apenas tres dezenas d'aquelles; de certo que temos razão pois sômos mais antigos como povo colonial e por isso temos mais experiencia, não contando já com a felicidade em que nadâmos, ao passo que elles estão na miséria, como de todos é sabido, e pouco ou nada entendem de colonias, como tambem por todos é affirmado.

O que deixo dito parece-me sufficiente para demonstrar a necessidade de se crear em Portugal um seminario para esta prelazia, seminario que eu dirigiria, mesmo de longe, em harmonia com as necessidades instantes d'esta provincia, o qual teria aqui o seu complemento n'uma casa apropriada.

É, porém, evidente que esse seminario não poderá crear todo o pessoal de que necessitâmos urgentemente; é pois preciso abriremos os braços e receber todo o clero que se de-sejar alistar n'esta cruzada de progresso, sujeitando-se ao rigoroso tirocinio a que acima me referi, e sem o qual pouco proficuo pôde ser o seu apostolado.

Mas para isso é preciso afastar para longe o espectro da fome que aqui o espera; da fome, sim, porque outra cousa não é obrigar o missionario a vestir decentemente, a ter livros para se instruir, a pagar aluguer de casa de residencia e mobilia com uma mensalidade de 29\$166 réis, na Africa, uma terra onde tudo é caro, desde a agua para banho, que não é um luxo, até ao pão para comer.

O missionario desempenha funcções sociaes importantes e não pôde viver á mercê de esmolos que alguém lhe queira distribuir, que, por via de regra, não quer. Não lhe dar o indispensavel para desempenhar a sua missão é annullal-o radicalmente, é instigal-o a prevaricação, expondo-o ás vaias e aos doestos de uma sociedade que lhe não perdôa as faltas, mas que muitas vezes o impelle pelo caminho resvaladiço do não cumprimento dos seus deveres, para ter o gosto derrancado de se rir d'elle; é a este ponto onde quasi sempre conduz a carencia de recursos, porque, se em geral a riqueza não é o caminho da virtude, é certo que a miseria é a sua maior inimiga. A isto costuma responder-se que os missionarios, que já devem a sua educação ao Estado, não pôdem ser equiparados em vantagens aos funcionarios que fizeram a educação á sua custa ou das suas familias.

Este subterfugio nada vale e é contraproducente :

1.º Se o Estado já gastou quantiasas sommas com a educação dos missionarios do real collegio, para as não inutilisar precisa amparal-os com o necessario.

2.º A grande maioria dos missionarios d'esta prelazia não pertence ao collegio das missões e o Estado não gastou com a sua educação e instrucção ecclesiastica.

Eu sei que nenhuma das dioceses do ultramar está nas condições d'esta; Cabo Verde, S. Thomé com Macau e India teem outros recursos e os missionarios, se não podem ahí contar com riquezas, o que seria um mal, podem esperar uma vida desafogada, o que lhes não acontece em Moçambique, onde n'este momento vivem muitos missionarios e parochos strictamente com a sua insufficiente congrua de réis 29\$166, e até sem os 100\$000 réis annuaes pela instrucção

primaria, que a lei evidentemente lhe quiz conceder, mas que uma peregrina interpretação que está vigorando n'esta provincia ha perto de um anno, lh'os nega desalmadamente, entendendo que o ar empestado e a agua das cisternas pôde vestir e alimentar padres.

Assim, pobres, quasi famintos, lá vão ensinando aos alumnos que se lhes apresentam o nome de Deus e o de Portugal, sem remuneração e sem um «obrigado» animador.

Nunca partilhei a opinião de que para termos missionarios em qualidade e quantidade sufficiente era preciso pagar muito; esta opinião não é verdadeira; a meu vêr o padre que fôsse missionario, por amor ao bom ordenado, estava de antemão julgado incapaz de produzir alguma cousa de util e bom; mas tambem nunca se encontrará pessoal que tenha como estimulo a fome e, quantas vezes, a morte, em consequencia d'aquella; pois n'esta prelazia é o que os espera.

Não digo isto pelo prazer de bordar em prosa quadros sombrios, mas porque estou convencido de que se este estado degradante se tem conservado é porque se não conhecem as verdadeiras condições em que vive aqui o padre, o missionario, é porque sempre se diz: «ha de ter mais alguma cousa».

Abula-se por uma vez o espantallo que se chama direitos parochiaes, que aqui quasi não existem, sejam desapiedadamente postos fóra do campo todos os que não cumprem os seus deveres, mas equiparem-se e tenha cada missionario pelo menos 50\$000 réis mensaes, sem o que não pôde viver como o exige a sua missão; existe alguma differença entre um guarda de alfandega e um missionario, mas em geral aquelle vence mais que este. Emquanto não fizerem isto não teremos missionarios, ou teremos alguns que não podem desempenhar a sua missão e portanto inuteis, ou pouco menos.

Tudo se resume em duas palavras: sciencia e disciplina adequadas, garantia contra a fome, e assim teremos missões e missionarios.

Não é este, de certo, o meu ideal de missões na Africa oriental; não quero, porém, pedir senão aquillo que me pa-

rece possível, pratico e de resultados immediatos, senão completos, ao menos animadores.

*
* *
*

Não posso deixar de dizer, ainda que summariamente, algumas palavras com respeito á instrucção publica n'esta provincia, visto que alguns parochos e missionarios são professores.

Como de todos é bem sabido, as nações coloniaes teem empregado, ha alguns annos, esforços louvaveis para diffundir a instrucção nos seus respectivos dominios, não só a primeira mas sobretudo a professional, e todos, sem exceptuar a Inglaterra, teem confiado o ensino aos missionarios protestantes ou catholicos, comtanto que ensinem as suas respectivas linguas.

A França, pelo seu lado, leva tão longe o desejo de espalhar o seu nome e a sua influencia que subsidia as missões em paizes selvagens, não francezes, unicamente com a condição de que o francez se ensine nas escolas das missões, ainda que os missionarios não sejam de origem franceza.

É que todos comprehendem que, entre os selvagens, a diffusão da lingua patria é o mais forte elemento de assimilação do mundo indigena, e que, sem ella, esta nunca será nem efficaz nem duradoura.

Portugal, em theoria, approva e applaude as vantagens da instrucção e provavelmente tambem entende que o missionario será o melhor e talvez, ao menos por emquanto, o unico professor que possa instruir os povos na nossa Africa; na pratica, porém, tem descurado muito este assumpto, e quando o não tem descurado tem-lhe imprimido uma direcção que, no meu entender, não é a mais proficua nem a que melhores resultados possa dar. É leiga de mais e moral de menos.

Uma portaria de 22 de maio de 1863, do ministerio da marinha e ultramar, incumbe ao governador geral d'esta pro-

vincia para que, de accôrdo com a auctoridade ecclesiastica, elabore um regulamento para a instrucção primaria, secundaria e industrial, e auctorisar-o mesmo a crear cadeira de latim, de philosophia e de rhetorica. Julgo que tal regulamento nunca se fez, e pena foi que assim acontecesse, pelo que respeita á instrucção primaria e industrial; emquanto á secundaria é evidente que tudo o que se fizesse era inutil, talvez até prejudicial: inutil porque não teria discipulos, e prejudicial, se os tivesse, porque philosophos e rhetoricos já temos de mais, podiamos exportar.

A provincia não estava então, e não está hoje, apta para receber com proveito institutos de instrucção secundaria.

N'esta cidade existe uma escola principal que, segundo sou informado, nunca teve frequentadores, nem é provavel que os venha a ter ainda por largos annos. Os europeus não veem para aqui estudar; os seus filhos, se não retiram a tempo, morrem antes da epocha em que o poderiam fazer; os mestiços contentam-se de ordinario com a instrucção primaria, e os pretos, mesmo os que gosam de um certo bem estar, que são rarissimos, para nada se importam com a instrucção, que reputam, pelo menos, inutil. O que todos devemos desejar é que a instrucção primaria seja o que deve ser, e não o que é; o que era para desejar seria que os pequenos arsenaes da provincia fôsem escolas praticas de officios, onde o indigena, junto com a aprendizagem da lingua portugueza, a leitura e as quatro operações, podesse aprender um officio pelo qual se emancipasse da miseria e da vadiagem em que vive, podendo prestar assim ao europeu e ao desenvolvimento da provincia os melhores serviços.

É muito facil affirmar que o preto é rebelde á instrucção e ao trabalho, é um estribilho banal que á força de repetido parece um axioma, e é uma falsidade, mas é um pouco mais difficil crear-lhe escolas que justifiquem merecer tal nome, e instituições de ensino adequado ao seu desenvolvimento e modo de ser actual. Emquanto a experiencia se não fizer, eu pela minha parte continuarei a acreditar que o preto é muito susceptivel de aprender e trabalhar, comtanto que lhe

facultem meios efficazes e que se não queira exigir d'elle o que se exige de uma raça adeantada e culta. Ora, esses meios é que não existem. Mas ainda quando fôsse verdade que o preto é rebelde ao trabalho, não comprehendo que possa haver escrupulos em o obrigar a trabalhar, desde que esse trabalho seja retribuido; pois terá elle mais direitos e garantias que nós os dominadores?

O orçamento da provincia inscreve a verba de 6:770\$000 réis para pagamento do professorado, e os ordenados dos respectivos professores e professoras regulam entre 200\$000 a 350\$000 réis, exceptuando os padres que ordinariamente têm de gratificação 100\$000 réis, segundo o decreto de 3 de dezembro de 1884, quando accumulam o ensino com as funções especiaes do seu ministerio, e a escola principal que tem 500\$000 réis.

É de primeira intuição que um homem com as habilitações exigidas pela lei não pôde exercer em Moçambique o magisterio com tão insignificantes ordenados, e só por excepção se poderá encontrar algum que esteja nos casos de poder ensinar, e esses, não podendo viver com tão pouco, teem de lançar mão de outros negocios e expedientes que de certo lhe absorvem o tempo que deviam dedicar ao magisterio. Isto não obstante, a experiencia mostra que ha sempre aqui muitos candidatos ao professorado, para que todo o mundo se julga com habilitações mais que sufficientes, e tantos são elles que a maioria dos padres, os unicos, no meu entender, que nos poderiam offerecer garantias de habilitações, não são professores para o effeito da gratificação de 100\$000 réis, porque os logares onde residem estão preenchidos. E digo que não são professores para o effeito da gratificação porque alguns, apesar de terem sido nomeados e serem os unicos que dão aula, não se lhes tem pago ha muitos mezes, e os outros, não obstante não terem nomeação, teem de mim recebido as instrucções mais instantes para que dêem aula, visto que na maioria dos casos se o parochio não tiver escola a sua acção moralisadora será nulla ou pouco menos, porque difficil será conseguir que os pretos o oiçam na igreja, onde

poucas vezes entram, seguindo o exemplo que lhes vem de cima.

As missões que teem dotação especial nenhuma gratificação recebem pelo ensino, visto que teem geral, mas é justo que se lhes forneçam livros para as escolas que regem. Muitas vezes tenho pedido livros para esse fim, porém só uma vez fui attendido, ha mais de um anno; d'aqui resulta que as missões do Zambeze, por exemplo, ensinam por livros confeccionados pelos respectivos missionarios em cafreal, o que de certo é magnifico para o ensino da doutrina, e tanto que a todos os missionarios tenho recommendado com instancia o estudo das linguas indigenas, que reputo essencial para o cabal desempenho da sua missão, mas que com certeza não são egualmente bons para texto de aulas, onde a lingua official não póde deixar de ser a portugueza.

De proposito não quero aqui falar na instrucção para o sexo feminino, que corre parellas com a do sexo masculino, porque a esse respeito já tive a honra de dizer n'outro documento o que sentia e a maneira de a melhorar.

Quanto em minhas forças cabe, tenho dedicado toda a attenção a este importantissimo ramo de serviço publico, na parte que é confiada ao clero e irmãs da missão, e só lamento não ter recebido o auxilio official, que no meu entender era justo me fôsse dispensado; refiro-me a livros e á falta de gratificações a muitos dos padres que ensinam.

Para de algum modo me indemnisar d'essa pena tive o prazer de poder inaugurar, em julho de 1893, o instituto de ensino « Rainha D. Amelia », em Lourenço Marques, sendo muito efficaçamente coadjuvado pelo conselheiro Raphael de Andrade, instituto onde tres irmãs de S. José de Cluny ministram uma instrucção solida e variada a todas as creanças d'aquella cidade, que d'ella se querem aproveitar, custando ao Estado apenas 500\$000 réis.

Com pequeno dispendio poder-se-hiam multiplicar os institutos d'esta ordem, como já tive occasião de propôr para Quelimane, pedindo ao governo de Sua Magestade apenas uma casa onde podesse funcionar; não recebi, porém, até

hoje resposta alguma a tal respeito. Posso afirmar a v. ex.^a que, se na provincia existirem algumas sympathias pela instrucção e educação da infancia, são de certo para institutos d'este genero, com os quaes a mesma muito teria a lucrar, quasi sem augmento de despeza para o Estado. Basta talvez que o pouco que se gasta seja applicado de um modo conveniente.

Para não poder ser accusado de divagador vou apresentar alguns dados estatisticos sobre o ensino ministrado por missionarios e irmãs educadoras, referidos ao anno de 1893, os unicos que possuo completos.

Esses dados não comprehendem a escola de artes e officios nem da praça de S. Sebastião, onde dois padres ensinam, nem das escolas de Sena, Beira e Fontesvilla, por estarem essas escolas a cargo da Companhia de Moçambique. Também não comprehendem a parochia de Bazaruto e as missões de Qualani e Mongue, as duas primeiras porque só no fim do anno findo e principios do actual foram abertas, e a ultima porque tendo de mudar de localidade, não poude dar escola.

Tenho todas as razões para afirmar que os dados que seguem não são phantasticos como n'este assumpto acontece todos os dias, mas rigorosamente verdadeiros. Como de um trimestre para outro ha sempre oscillações na frequencia, tomei as médias distribuidas da maneira seguinte:

	Média dos alumnos
S. João Baptista do Ibo.....	12
S. Luiz Gonzaga de Querimba.....	9
S. Sebastião de Moçambique.....	23
Nossa Senhora da Conceição de Mossuril .	28
S. Luiz Gonzaga de Angoche.....	7
Parochia de. Nossa Senhora do Livramento de Quelimane	47
Nossa Senhora da Conceição de Inhambane	92
Nossa Senhora da Conceição de Lourenço	
Marques.....	60
S. Thiago Maior de Tete.....	33
Nossa Senhora dos Remedios da Cabaceira	
Grande.....	5

	Média dos alumnos
(S. José de L'hangueni)	26
Missão de .. { S. José de Boroma (sexo masculino)	96
{ S. José de Boroma (sexo feminino)	77
{ S. Francisco Xavier de Milange	8
{ S. Pedro Claver do Zumbo	63
Collegio do Bom Jesus em Quelimane	45
Instituto Rainha D. Amelia (sexo feminino)	61

A despeza feita pelos cofres da provincia com o pessoal docente ecclesiastico foi de 1:850\$000 réis, contando 500\$000 réis para o instituto Rainha D. Amelia. Como não possuo os mappas das escolas não regidas por missionarios, não posso, nem quero, fazer comparações, nem me compete avaliar qual o ensino que fica mais barato ao Estado e dá mais garantias de aproveitamento.

*
* *
*

Esboçámos na primeira parte d'este modesto trabalho as antigas missões d'esta prelaia e vimos com tristeza que os seus esforços e evangelisação christã se perderam quasi por completo, não conseguindo imprimir um sulco profundo e indelevel no terreno por onde passaram, ou, antes, no modo de ser moral e social dos povos e raças que occuparam esse sólo.

No interior poucas tradições deixou o christianismo n'esta parte da Africa oriental; bem mais profundas foram as que imprimiu n'outros logares da Africa, como por exemplo na Abyssiniã e no Congo, onde até os pagãos em geral teem um nome christão. Aqui, percorrendo as regiões de Manica e Quiteve, e do Zambeze, as do Chire e antiga Maravia, encontrei bem poucos christãos e os nomes dos indigenas impostos pelos pretos e europeus em geral são substantivos portuguezes adoptados ás vezes com bem pouca propriedade. Assim um chama-se Vinho do Porto, outro Rabiça, outro

Rupía e um terceiro Pataco. Nomes christãos e appellidos portuguezes é que raramente encontrei.

Muitos viajantes teem querido vêr nas melopeias tristes, que entoam os remadores do Zambeze, uma tradição christã das antigas missões; ouvi-as muitas vezes, e as traducções que me deram das cantilenas nada tinham de christãs, antes, pelo contrario, muitas vezes. Em geral são louvores em honra do passageiro, pretendendo fazer jus a alguns copos de aguardente, fim supremo a que se dirigem taes louvaminhas, e a vaidade do europeu, que no meio selvagem se engrandece demesuradamente, nem sempre é bem couraçada contra estes assaltos interesseiros e astutos.

No norte, em Mocimboa por exemplo, ainda os pretos juram bebendo a agua com que lavaram uma imagem de um santo, se a teem, ou na falta d'esta uma pedra do cemiterio; alli ainda resistem a seu modo á sempre crescente invasão mahometana implorando o baptismo tradicional.

No interior os monumentos autenticos da tradição christã não se encontram infelizmente nos usos e costumes indigenas, no seu amor ao trabalho, nem na mansidão das suas leis, mas tão sómente nos escombros das velhas egrejas e conventos, espalhados aqui e acolá, e sobre os quaes o preto passa com a indiferença estoica da sua boçalidade.

Onde se conservaram sempre uns tenues lampejos de christianismo foi nas raras parochias que salpicam a costa; sahidos d'ahi encontrâmo-nos no oceano da barbarie, onde as trevas que ensombram o espirito dos pretos são tão escuras como a côr da pelle que os cobre. No vastissimo territorio que se estende das margens do Rovuma, comprehendendo a margem oriental do Nyassa até á margem esquerda do Zambeze, o mahometismo tem feito nos ultimos cincoenta annos larga propaganda, sobretudo no littoral, sem encontrar obstaculos serios. Ha muito que no mesmo valle do Zambeze teem faltado completamente os elementos de propaganda catholica, que apenas principia a fazer-se sentir agora.

Se olharmos para o sul da provincia, poderíamos ter a esperanza de que o orgulho e a prosapia dos vátuas e landins,

e o seu modo de ser social, superior ao dos povos do norte, poriam uma barreira á expansão arabe e mahometana por este lado; porém se esta effectivamente afrouxa alli, recrudescer todos os dias a protestante, que tenta invadir tudo.

Para nós portuguezes, abstrahindo já das violencias ás crencas catholicas, uma e outra são perigosas; por demais o attesta a experiencia para nós bem dura e já bem longa.

O mahometismo assola tudo e esterilisa as fontes da civilisação apenas se acha á vontade; o protestantismo alguma cousa produz, mas leva-nos o territorio onde se enthronisa; um e outro são nossos naturaes inimigos, que é preciso combater com as armas da persuasão e das obras e não com palavras.

Até hoje vê-se, pois, que a acção religiosa portugueza em Moçambique nem é intensa nem extensa; é, porém, indispensavel que seja uma e outra cousa; é urgente oppôr propaganda á propaganda, escola a escola, culto a culto, a moral christã á moral mahometana, o Evangelho ao Alcorão, a missão catholica á missão protestante.

O europeu portuguez ou estrangeiro, official ou particular, salvas excepções honrosas, que me parecem crescerem todos os dias, é indifferente em religião; para elle é o mesmo que domine o mouro ou o christão, Christo ou Mafoma, não se lembrando que assim anima os inimigos irreconciliaveis da sua raça. Para animar o indigena nada melhor que o exemplo de uma raça que elle reputa, com razão, muito superior; esse exemplo, porém, não lhe é dado, ou antes é-o negativamente; d'aquí vem que nos logares em que a raça preta está em contacto com a branca, em pouco tempo a população indigena é uma synthese dos vicios e miserias das duas, sem que em compensação tenha contrahido nem uma parcella das virtudes do homem branco.

Os asiaticos christãos, que em toda a parte costumam esmerar-se em cumprir os preceitos da religião catholica, animados pelas tradições gloriosas do seu grande apostolo, abrem uma excepção n'esta provincia, para serem indifferentes como o europeu, que lhe serve de norma e de desculpa á sua indolencia.

Este estado de cousas, que se deve modificar lentamente, tem causas complexas e variadas, entre as quaes avulta evidentemente o estado de abandono a que chegou a religião n'esta provincia, onde não existia culto, nem templos, nem doutrinação, nem nenhuma d'aquellas molas pelas quaes o christianismo influe na sociedade e nos costumes publicos e privados. Assim em Moçambique tudo se habituou a viver afastado da egreja, entidade apenas conhecida pelas reminiscencias tradicionaes da prima infancia.

Isto vem para affirmar a v. ex.^a que é preciso haver parochos austeros e illustrados que tenham auctoridade para congregar em volta de si os elementos europeus e asiaticos christãos, bem como o indigena do littoral, e que ao mesmo tempo necessitamos de impedir de um modo efficaz a propaganda mahometana no interior, por meio de missões adequadas ás necessidades presentes. Quem dispõe de poucos recursos, tanto de pessoal, como economicos, como nós, tem obrigação de proceder com methodo em tudo o que tentar; as missões, pois, que são uteis em toda a provincia, devem ser collocadas em pontos essenciaes, estrategicos, por assim dizer, onde mais serviços possam prestar, garantindo melhor a saude e a vida dos seus membros.

Exemplifiquemos.

Ou porque o sólo era menos rico, ou por falta de grandes rios por onde se fizesse a drenagem commercial, ou por ser o fóco dos elementos arabes dominadores e irrequietos, é certo que os nossos territorios do norte da provincia estão ainda hoje virgens de qualquer exploração séria, quer agricola quer commercial.

Do Ibo para o Nyassa temos a travessia de Cardoso e Serpa Pinto em parte, e a do allemão Maples; de Moçambique para oeste até Lomué e Namuli a do consul inglez O'Neil e poucos mais. O pouco que sabemos d'essas regiões é o sufficiente comtudo para podermos affirmar que o terreno é abundante em agua e que é apto para agricultura. Se entre a costa e o Nyassa todos os territorios forem eguaes aos que eu conheço na região de Milange-Tumbini, posso af-

firmar que são magníficos e os mais apropriados para o estabelecimento de grandes missões.

A primeira missão, pois, a fundar seria na região do Mêdo, logar onde passam todas as caravannas commerciaes vindas das margens do Nyassa, do Tanganika e mesmo do Banguélo, as quaes, chegadas a este ponto, ou seguem para o littoral portuguez ou para Zanzibar, em maior numero. Uma missão n'este logar teria de certo influencia na direcção do commercio que alli passa, mesmo sem se intrometter em negocios commerciaes.

Mais ao sul e em frente de Moçambique, não temos dominio, nem sabemos o que se passa a 15 milhas em frente do palacio de S. Paulo, residencia dos governadores geraes, de onde se descobrem os dois montes denominados Pão e Meza, nomes altamente suggestivos, mas que fecham todos os horisontes por este lado. Os pequenos postos militares ou commandos não se afastam da praia e ahi mesmo não estão seguros, logo que os mouros se lembrem de os não accitarem; a dois passos das «lángoas» e das praias ninguem reconhece o nosso dominio, que nunca foi effectivo. Isto, porem, não pôde continuar indefinidamente, é preciso tentar um esforço, abrir um caminho que nos ponha em communicação directa com o planalto interior, com o Chirúa e com o Nyassa. Na orla do littoral domina o macúa mahometanisado; no interior, porém, como tive occasião de observar, o mesmo macúa é fetichista ainda, apesar das invasões dos povos mahometanos das margens do Rovuma; quero dizer, está mais disposto a receber a influencia christã e portugueza, com muito menos trabalho do que aquelles que uma vez foram iniciados nas praticas do Korão.

Em todo este territorio mais ou menos percorrido pelos arabes, a escravatura faz-se por toda a parte, ou pelos mouros que da costa vão explorar o commercio da região, ou pelos zanzibaritas; proximo do Chirua um escravo de doze annos custa 40000 réis e ainda menos, e por este convidativo preço são levados com ou sem disfarces a Zanzibar e costa do norte. Era, pois, muito conveniente crear uma missão em Namuóla,

ou no Lomué, região fértil onde se encontram as cabeceiras de todos os rios que entram no oceano entre Quelimane e Moçambique, como Macúzi, Liquari, Licungo, Mocinga, Angoche, etc., rios cujo curso está por estudar. A sete dias de distancia d'este logar temos a missão de Tumbini, já feita, e a uma distancia quasi igual, na margem oriental do Nyassa é urgentissimo crear outra missão portugueza, que seja o padrão da nossa posse, já que outro alli não possuímos, nem probabilidades de o estabelecermos.

Bem sei que as missões n'esta região inçada de arabes tem a superar difficuldades momentosas, mas não invenciveis; no meu entender nada se oppõe a que, sendo atacadas, o que em geral não acontece, os missionarios as defendam com boas espingardas, repellindo a força com a força se fôr necessario, mas nunca empregando-a para atacar. Ainda ha pouco me dizia o superior de uma missão dos padres brancos a oeste do Tanganika, que em quatro annos conseguiram crear elementos de defeza segura entre os indigenas, contra as incurções dos arabes, que se não atrevem a tental-as.

Repito, esses ataques não são tanto de temer, que os missionarios protestantes, com uma solicitude, que era muito para agradecer, se não fôsse interesseira e a continuação do plano de nos espoliarem, não tenham creado, uma após outra, bom numero de estações na margem portugueza do Nyassa, onde vivem em paz com as populações ribeirinhas, que não são das mais acreditadas pelo seu espirito de mansidão.

Tendo nós ainda importantes interesses nas margens do grande lago, não podemos, nem devemos assim ligeiramente desinteressarmo-nos de tudo que alli se passa; a verdade, porém, é que nada conhecemos das manobras que todos os dias alli se executam provavelmente em detrimento do nome e soberania portugueza.

Em logar do detestavel caminho do Chire, devemos ir directamente de Moçambique ao Nyassa, do qual apenas nos separa a bagatela de 600 kilometros de optimo caminho, se o avaliarmos pela parte que eu conheço. E podemos lá chegar e lá ficar sem expedições militares, que custam muito di-

nheiro sem resultados correspondentes; assim abriremos um novo caminho ao commercio, á influencia portugueza, tão escassa n'esta parte da provincia, ao christianismo, e estabelecemos marcos seguros do nosso dominio. Se v. ex.^a me der pessoal ou meios para o conseguir, com a minha pouca experiencia do interior africano, vou, de boa vontade e com a satisfação de cumprir um dever, fundar essas missões e abrir esse caminho.

No valle do Zambeze, depois de estabelecida a missão do Morrumbala na margem esquerda do Chire, o que conto poder realisar em alguns mezes, devemos fundar outra na confluencia do Mazoe com o Aroenha, ou mais proximo da fronteira ingleza se o terreno se prestar. Reputo este ponto muito importante, por qualquer lado que se considere. No resto podemos esperar n'esta região que as existentes se desenvolvam, sendo indispensavel ajudar algumas nos primeiros annos, pelos menos.

Em Maciquece, ou n'um logar proximo, assenta bem uma missão junto do territorio inglez da Machona, já para sustentarmos as tradições das antigas egrejas de Manica, já para prestarmos os auxilios religiosos aos muitos portuguezes que por alli andam, já, enfim, para irmos marcando a nossa fronteira. Quando, ha perto de dois annos, visitei aquelle logar, a fim de examinar de perto o que d'elle se poderia fazer debaixo do ponto de vista religioso, desanimei completamente deante das difficuldades de transportes, quer a viagem se fizesse pela Beira e valle do Pungue, quer se effectuasse pelo Zambeze até Sena e d'alli por terra.

A região é pobre, a população rareada e abatida pelas razzias do Muzila, e quasi inhabitavel até 80 milhas da costa. As terras do interior, porém, pareceram-me muito ferteis e aptas não só para o desenvolvimento de uma grande missão, mas até para a tentativa de larga colonisação europêa desde a serra de Goronza, o paiz mais encantador que tenho visto em Africa, até aos picos de Maciquece.

Actualmente aquellas condições melhoraram bastante com a construcção do caminho de ferro da Beira, que em muito

pouco tempo attingirá Chimoio, que pouco dista de Maciquece, região alta, fértil e relativamente salubre.

Mais ao sul está creada a missão de Gaza, que tem uma alta importancia; falta apenas fundal-a no terreno, o que terá de realizar-se em pouco tempo. É esta que será o centro de outras que mais tarde devem fundar-se entre o Save e o Limpopo. É evidente que a criação das missões que deixo referidas não corresponde á realidade das necessidades existentes, nem tão pouco ao proveito nacional que deve resultar da multiplicação de taes estabelecimentos; eu, porém, n'este relatorio tenho attendido só ao mais urgente e ao que se me affigura poder desde já fazer-se se tivermos boa vontade, sem que tenhamos de fazer sacrificios incompativeis com as nossas forças.

*
*
*

Da exposição resumida que deixo feita, bem como dos documentos que acompanham este relatorio, documentos que encerram o modo de vêr e as reclamações dos parochos e missionarios d'esta prelazia, resulta nitida a idéa do seu precario estado religioso, que eu tenho verdadeiro empenho em fazer conhecer, tal como se encontra, por estar certo de que será melhorado apenas conhecido, assim como o estou de que muitas anomalias, na parte ecclesiastica, nunca se remediaram, porque nunca se pediu para ellas o remedio.

Resta-me, pois, recapitular resumidamente o que com mais largueza foi exposto:

1.º Proponho, pois, que ao escrivão da camara ecclesiastica seja dada uma gratificação, bem como ao escrivão do juizo ecclesiastico, que será ao mesmo tempo amanuense da camara ecclesiastica, pelo serviço que desempenham, como se faz em Angola e outras dioceses.

2.º Que o prelado seja habilitado a dar casa de residencia aos padres que vem da Europa ou dos portos em serviço, durante o tempo que julgar opportuno conserval-os aqui, visto

os poucos meios de que podem dispôr e a conveniencia de viverem reunidos.

3.º Que seja adaptada a igreja da Misericordia de maneira que haja n'esta cidade um templo em condições, onde se possam celebrar os actos pontificaes do culto catholico.

4.º Que seja inscripta no orçamento uma verba superior a 1:000\$000 réis, que já existe, para subsidiar as missões que nenhum auxilio recebem, além das congruas dos seus respectivos missionarios, e que essa quantia seja posta á disposição do prelado, que dará conta do modo por que a gastou, quando isso se julgue opportuno.

5.º Que sem perda de tempo seja creado um seminario para a prelazia de Moçambique, com a sua dotação respectiva, e que seja elevado a cincoenta o numero de missionarios no orçamento da provincia.

6.º Que seja melhorada a situação dos missionarios n'esta prelazia, que de modo algum podem viver com as congruas actuaes, que não chegam sequer para alimentação regular dos mesmos.

Estou convencido de que, tomadas estas medidas, muito tem a lucrar a prelazia a meu cargo, e que em fructos de civilização e de progresso pagará os sacrificios a seu favor feitos pelo Estado.

No 1.º de janeiro de 1894 é o seguinte o quadro das missões e parochias d'esta prelazia, que apesar de restricto tem algumas vantagens sobre o de 1892:

Cabo Delgado

- S. João Baptista do Ibo.
- S. Luiz Gonzaga de Quirimba.

Moçambique

- Nossa Senhora da Purificação da Sé.
- S. Sebastião.

Nossa Senhora dos Remedios da Cabaceira Grande.
Nossa Senhora da Conceição de Mossuril.
S. Luiz Gonzaga de Angoche — Antonio Ennes.

Zambezia

Nossa Senhora do Livramento de Quelimane.
S. Thiago Maior de Tete.
Missão de S. José de Boroma.
Missão de S. Pedro Claver do Zumbo.
Missão de S. Francisco Xavier de Tumbini.
Missão dos Santos Anjos em Qualani.

Inhambane

Nossa Senhora da Conceição de Inhambane.
Sant'Anna do Bazaruto.
Missão de S. José do Mongue.

Lourenço Marques

Nossa Senhora da Conceição de Inhambane.
Missão de S. José de L'hangueni.

Territorios da Companhia de Moçambique

Nossa Senhora do Rosario de Sofala na Beira, com coadjutoria em Fontesvilla.

Nossa Senhora do Rosario de Sena.

Ao principiar este relatorio, como disse na primeira parte, era meu intento escrever um terceiro capitulo onde exarasse as impressões das minhas visitas a Manica, ao Chire e a Tumbini; revendo, porém, as notas então tomadas sobre o

terreno, convenci-me de que o não podia fazer em poucas palavras, e como esse assumpto não tem uma connexão íntima com o principal fim d'este trabalho, que é informar a v. ex.^a do estado e necessidades religiosas d'esta prelazia, e por outro lado o ía avolumar sem proveito para o fim que me propuz, tencionando, além d'isso, em pouco tempo empregar nova visita ás regiões zambezianas, resolvi addiar para melhor oportunidade as notas que tencionava juntar a este relatório.

Resta-me ainda declarar a v. ex.^a que na confecção d'este modesto trabalho, de certo cheio de imperfeições, nenhum outro sentimento me guiou a penna, que não fôsse o amor e entranhado affecto que nutro pela Igreja catholica, de que sou filho submisso, e pelo bom nome da nação portugueza, a que muito me honro de pertencer.

Deus guarde a v. ex.^a Paço episcopal em Moçambique, 2 de maio de 1894. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. conselheiro ministro e secretario d'Estado dos negocios da marinha e ultramar. —
✠ Antonio, bispo de Himeria, prelado.



CARTA ENCYCLICA
DO
SANTO PADRE LEÃO XIII
SOBRE A UNIDADE CATHOLICA

AOS NOSSOS VENERAVEIS IRMÃOS OS PATRIARCHAS,
PRIMAZES, ARCEBISPOS, BISPOS E OUTROS ORDINARIOS EM PAZ
E COMMUNHÃO COM A SÉ APOSTOLICA

LEÃO XIII, PAPA.

(Conclusão de pag. 352)

Assim Jesus Christo chamou todos os homens sem excepção, aquelles que existiam no seu tempo e aquelles que deviam existir no futuro, a segui-lo como chefe e como Salvador, não sómente cada um separadamente, mas todos juntos, unidos por uma tal associação de pessoas e de corações, que d'essa multidão resultasse um só povo, legitimamente constituído em sociedade: um povo verdadeiramente unido pela comunidade de fé, de fim, de meios apropriados ao fim, um povo submettido a um só e mesmo poder. Pelo mesmo facto, todos os principios naturaes, que entre os homens criam espontaneamente a sociedade destinada a fazer-lhe attingir a perfeição de que a sua natureza é capaz, foram estabelecidos por Jesus Christo na Igreja, de maneira que no seu seio todos aquelles que querem ser filhos adoptivos de Deus possam attingir e conservar a perfeição conve-

niente á sua dignidade e assim alcançar a sua salvação. A Igreja, pois, como já indicámos algures, deve servir aos homens de guia para o céu, e Deus deu-lhe a missão de julgar e de decidir por si mesma tudo o que diga respeito á religião, e de administrar a seu bel prazer, livremente e sem difficuldades, os interesses christãos. É, pois, ou não a conhecer bem ou calumnial-a injustamente, accusal-a de querer invadir o dominio proprio da sociedade civil, ou de querer gerencia sobre os direitos dos soberanos. Mais ainda: Deus fez da Igreja a mais excellente de todas as sociedades; porque o fim que ella tem em vista sobreleva em nobreza o fim que proseguem as outras sociedades, assim como a graça divina sobreleva a natureza, e como os bens immortaes são superiores ás cousas perciveis.

Pela sua origem, a Igreja é pois uma sociedade *divina*; pelo seu fim e pelos meios immediatos que a elle conduzem, ella é *sobrenatural*; pelos membros de que se compõe e que são homens, ella é uma Sociedade *humana*. É por isso que a vemos designada nas santas Lettras por nomes que conveem a uma sociedade perfeita. Ella é chamada não sómente a *Casa de Deus*, a *Cidade collocada sobre a montanha*, e onde todas as nações devem reunir-se, mas tambem o *Aprisco*, que deve governar um só pastor e onde devem refugiar-se todas as ovelhas de Christo; ella é chamada o *Reino suscitado por Deus e que durará eternamente*; emfim, o *Corpo de Christo*, corpo mystico sem duvida, mas todavia vivo, perfeitamente conformado e composto de um grande numero de membros, e estes membros não teem todos a mesma funcção, mas são ligados entre si e unidos sob o imperio da cabeça que tudo dirige.

Ora, é impossivel imaginar uma sociedade humana verdadeira e perfeita que não seja governada por um poder soberano qualquer. Jesus Christo deve, pois, ter posto á frente da Igreja um chefe supremo a quem toda a multidão dos christãos fosse submettida e obediente. Por isso, assim como a Igreja para ser, como é, a *reunião dos feis*, requer necessariamente a unidade de fé, assim para ser, como é, uma sociedade devinamente constituida, requer de direito divino a *unidade de governo*, a qual produz e comprehende a *unidade de communhão*. « A unidade

da Igreja deve ser considerada sob dois aspectos; primeiro na conexão mutua dos membros da Igreja ou na comunicação que elles teem entre si; e, em segundo lugar, na ordem que liga todos os membros da Igreja a um só chefe » ¹).

Por onde se pode comprehender que os homens se não separam menos da unidade da Igreja pelo *schisma* do que pela heresia. « Ha esta differença entre a heresia e o schisma: a heresia professa um dogma corrompido; o schisma, em consequencia d'uma dissensão no episcopado, separa-se da Igreja » ²). Estas palavras concordam com as de S. João Chrysostomo sobre o mesmo assumpto: « Digo e protesto que dividir a Igreja não é menor mal do que cair na heresia » ³). « É por isso que, se nenhuma heresia pode ser legitima, da mesma maneira não ha schisma que se possa considerar como tendo a seu favor algum direito ». « Não ha nada mais grave do que o sacrilegio do schisma; não ha necessidade alguma legitima de romper a unidade » ⁴).

Qual é o soberano poder ao qual todos os christãos devem obedecer? De que natureza é? Póde determinar-se isso vendo e conhecendo bem qual foi, sobre este ponto, a vontade de Christo. Christo é por certo o rei eterno, e eternamente do alto do céu continua a dirigir e a proteger invisivelmente o seu reino; mas porque quiz que esse reino fosse visível, teve que designar algum para occupar o seu logar sobre a terra, depois que elle subiu ao céu.

« Se alguém diz que o unico chefe e o unico pastor é Jesus Christo, que é o unico esposo da Igreja unica, esta resposta não é sufficiente. É com effeito evidente que é Jesus Christo que opera os sacramentos na Igreja; é Elle que baptisa, é Elle que

¹) Ecclesiae autem unitas in duobus attenditur: scilicet in connexione membrorum Ecclesiae ad invicem seu communicatione, et iterum in ordine omnium membrorum Ecclesiae ad unum caput. S. Thomas, 2.^a 2.^a, q. XXXIX, a 1.

²) Inter haeresim et schisma hoc esse arbitrantur, quod haeresis perversum dogma habeat: schisma propter episcopalem dissensionem ab Ecclesia separetur. S. Hieronymus, *Commentar. in Epist. ad Titum*, cap. III, v. 10-11.

³) Dico et protestor, Ecclesiam scindere non minus esse malum, quam incidere in haeresim. Hom. XI in *Epis ad Ephes*, n.º 5.

⁴) Non est quicquam gravius sacrilegio schismatis... praecidendae unitatis nulla est justa necessitas. S. August., *contra Epist. Parmeniani*, lib. II, cap. XI, n.º 25.

perdoa os peccados ; Elle é o verdadeiro Padre que se offerece sobre o altar da cruz, e pela virtude do qual o seu corpo é consagrado todos os dias sobre o altar ; e entretanto, como Elle não devia ficar com todos os fieis pela sua presença corporal, escolheu ministros por meio dos quaes podesse dispensar aos fieis os sacramentos de que acabamos de fallar como mais acima dissemos (cap. 74). Da mesma maneira, porque Elle deve subtrair á Igreja a sua presença corporal, foi pois necessario que designasse alguém para tomar em seu logar o cuidado da Igreja universal. Foi por isso que Elle disse a Pedro antes da sua ascensão : « Apascenta as minhas ovelhas » ¹⁾.

Jesus Christo deu pois Pedro á Igreja por soberano chefe, e estabeleceu que este poder, instituido até ao fim dos tempos para salvação de todos, passaria por herança aos successores de Pedro, nos quaes Pedro sobreviveria perpetuamente por sua auctoridade. Foi certamente ao bemaventurado Pedro, e fóra d'elle a nenhum outro, que elle fez esta promessa insigne « Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja » ²⁾.

« Foi a Pedro que o Senhor fallou : a um só, afim de fundar a unidade por um só » ³⁾. — « Com effeito, sem nenhum outro preambulo, designa por seu nome o pae do Apostolo e o mesmo Apostolo (Tu és bemaventurado, Simão, filho de Jonas), e não mais permite que o chamem Simão, reivindicando-o d'ora avante como seu em virtude do seu poder ; depois, por uma imagem muito apropriada, quer que lhe chamem Pedro, porque elle é a pedra sobre a qual devia fundar a sua Igreja » ⁴⁾.

¹⁾ Si quis autem dicat quod unum caput et unus pastor est Christus, qui est unus unius Ecclesiae sponsus, non sufficienter respondet. Manifestum est enim, quod ecclesiastica sacramenta ipse Christus perficit : ipse enim est qui baptizat, ipse est qui peccata remittit, ipse est verus sacerdos, qui se obtulit in ara crucis, et cujus virtute corpus ejus in altari quotidie consecratur ; et tamen quia corporaliter non cum omnibus fidelibus praesentialiter erat futurus, elegit ministros, per quos praedicta fidelibus dispensaret, ut supra cap. 74 dictum est. Eadem igitur ratione, quia praesentiam corporalem erat Ecclesiae subtracturus, oportuit ut alicui committeret qui loco sui universalis Ecclesiae gereret curam. Hinc est quod Pedro dixit ante ascensionem : Pasce oves meas. S. Thomas, *cont. Gent.* l. IV, cap. LXXXVI.

²⁾ Tu es Petrus, et super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam Matth., XVI. 18.

³⁾ Ad Petrum locutus est Dominus : Ad unum, ideo ut unitatem fundaret ex uno. Pacianus *ad Sempronium*, ep. III, n.º 11.

⁴⁾ Nulla siquidem oratione praemissa . . . tam patiem ejus, quam ipsum nomine appellat beatus es Simon Bar Jona et Simonem eum nom jam vocari patitur, eum

Segundo este oraculo, é evidente que, pela vontade e por ordem de Deus, a Igreja foi estabelecida sobre o bemaventurado Pedro, como o edificio sobre o seu fundamento. Ora, a natureza e a virtude propria do fundamento é dar cohesão ao edificio pela connexão intima das suas differentes partes, e tambem ser o laço necessario de segurança e de solidez de toda a obra; se o fundamento desaparece, todo o edificio se derrue. O papel de Pedro é pois sustentar a Igreja e manter n'ella a cohesão, a solidez d'uma cohesão indissolvel. Ora, como poderia elle desempenhar tal papel, se não tivesse o poder de mandar, de defender, de julgar, n'uma palavra um poder de jurisdicção proprio e verdadeiro? É evidente que os Estados e as sociedades não podem subsistir senão devido a um poder de jurisdicção. Um primado d'honra, ou ainda o poder tão modesto de aconselhar e de advertir, que se chama poder de direcção, são incapazes de prestar a qualquer sociedade humana um elemento bem effizaz de unidade e de solidez.

Ao contrario, este verdadeiro poder de que fallamos, é declarado e affirmado n'estas palavras: «E as portas do inferno não prevalecerão contra ella». — «Que quer dizer contra ella? É contra a pedra sobre a qual Christo edificou a Igreja? É contra a Igreja? A phrase é ambigua; será para significar que a pedra e a Igreja não são senão uma e a mesma coisa? Sim, está ahí, segundo creio, a verdade: porque as portas do inferno não prevalecerão nem contra a pedra sobre a qual Christo edificou a Igreja, nem contra a mesma Igreja» ¹⁾. Eis o alcance d'esta divina palavra: A Igreja, apoiada sobre Pedro, qualquer que seja a violencia, qualquer que seja a habilidade que desenvolvam os seus inimigos sensiveis e invisiveis, não poderá jámais succumbir nem desfallecer seja o que fôr. «Sendo a Igreja o

sibi pro sua potestate jam tum ut suum vindicans, sed congrua similitudine Petrum a petra vocari placuit, petra super quam fundaturus erat suam Ecclesiam. S. Cyrill. Alex. in *Evang.* lib. II, in cap. I, V. 42.

¹⁾ Et portae inferi non praevalerunt adversus eam.

Quam autem eam? an enim petram supra quam Christus aedificat Ecclesiam? an Ecclesiam? Ambigua quippe locutio est: an quasi unam eandemque rem petram et Ecclesiam? Hoc ego verum esse existimo, nec enim adversus petram, super quam Christus Ecclesiam aedificat, nec adversus Ecclesiam portae inferi praevalerunt. Orig., *com. in Math.*, tom. XII, n.º 11.

edificio de Christo, o qual sabiamente edificou « a sua casa sobre pedra », não pode estar submissa ás portas do inferno; estas podem prevalecer contra quem se encontre fóra da pedra, fóra da Igreja; mas essas portas são impotentes contra ella » ¹⁾. Se Deus confiou a sua Igreja a Pedro, foi pois a fim de que este sustentaculo invisivel a conservasse sempre em toda a sua integridade. Investiu-o Elle pois da autoridade necessaria; porque, para sustentar realmente e eficazmente uma Sociedade humana, é indispensavel áquelle que a sustenta o direito de commando.

Jesus accrescentou ainda: « E eu te darei as chaves do reino dos ceus ». É claro que continua a fallar da Igreja, d'essa Igreja que acaba de chamar *sua*, e que declarou querer edificar sobre Pedro como sobre o seu fundamento. A Igreja offerece com effeito, a imagem não sómente d'um edificio, mas d'um reino; demais, ninguem ignora que as chaves são a insignia ordinaria da auctoridade. Assim, quando Jesus promete dar a Pedro as chaves do reino dos céus, promete dar-lhe o poder e a auctoridade sobre a Igreja. « O Filho lhe deu (a Pedro) a missão de espalhar em todo o mundo o conhecimento do Paê e do proprio Filho, e deu a um homem mortal todo o poder celeste, quando confiou as chaves a Pedro, que estendeu a Igreja até ás extremidades do mundo e que a mostrou mais inquebrantavel do que o céu » ²⁾.

O que segue tem o mesmo sentido: « Tudo o que ligares na terra, será ligado no céu, e tudo o que desligares na terra será desligado tambem no céu ». Esta expressão figurada: ligar e desligar, designa o poder de estabelecer leis e tambem o de julgar e punir. E Jesus Christo affirma que este poder terá tal extensão, tal efficacia, que todos os decretos dados por Pedro serão ratificados por Deus. Este poder é pois soberano e com-

¹⁾ Ecclesia vero tanquam Christi ædificium, qui sapienter aedificavit « domum suam supra petram », portarum inferi capax non est praevalentium quidem adversus quemcumque hominem, qui extra petram et Ecclesiam fuerit, sed invalidarum adversus illam. Origen. *Com. in Matth.*, tom. XII, n.º 11.

²⁾ Filius vero, et Patris et sui ipsius cognitionem per totum orbem illi (Petro) disseminare commisit, ac mortali homini omnem in coelo protestatem dedit, dum claves illi tradidit, qui Ecclesiam per totum orbem terrarum extendit, et coelos firmiorem monstravit. S. João Chrysost., bom. LIV, *in Matth.*, n.º 2.

pletamente independente, pois que não tem na terra poder algum superior a elle, e abraça toda a Igreja e tudo que está confiado á Igreja.

A promessa feita a Pedro foi cumprida, no tempo em que, tendo Jesus Christo Nosso Senhor perguntado por tres vezes a Pedro se o amava mais que os outros, lhe disse sob uma fórma imperativa: « Apascenta os meus cordeiros... , apascenta as minhas ovelhas » ¹⁾. Isto é, a todos aquelles que devem estar um dia no seu aprisco remette-os a Pedro como ao seu verdadeiro pastor. « Se o Senhor interroga, não é porque duvide: Elle não quer instruir-se, mas ao contrario instruir aquelle que, quando proximo a subir ao céu, nos deixava como vigario do seu amor... E porque, só entre todos, Pedro professa este amor, pôl-o á frente de todos os outros... á frente dos mais perfeitos, para os governar, sendo elle mesmo mais perfeito » ²⁾. Ora, o dever e o papel do pastor é guiar o rebanho, velar pela sua salvação procurando-lhe pastagens salutaes, afastando os perigos, desmascarando as armadilhas, repellindo os ataques violentos; em summa, exercendo a auctoridade do governo. Portanto, porque Pedro foi proposto como pastor ao rebanho dos fieis, recebeu o poder de governar todos os homens, pela salvação dos quaes Jesus Christo espalhou o seu sangue « Para que verteu o seu sangue? Para resgatar essas ovelhas que confiou a Pedro e aos seus successores » ³⁾.

E porque é necessario que todos os christãos sejam ligados entre si pela communidade de uma fé immutavel, é que pela virtude das suas orações, Jesus Christo Nosso Senhor obteve para Pedro que, no exercicio do seu poder, a sua fé não desfalecesse jámais. « Por ti orei para que a tua fé nunca desfaleça » ⁴⁾. E ordenou, além d'isso, todas as vezes que as circum-

¹⁾ *Pasce agnos meos... pasce oves meas.* Joan., XXI, 16-17.

²⁾ *Dominus non dubitat, qui interrogat, non ut disceret, sed ut doceret, quem elevandus in cœlum amoris sui nobis velut vicarium relinquebat... Et ideo quia solus proficitur ex omnibus, omnibus auferitur... perfectiores ut perfectior gubernaret,* S. Ambros. *Epos. in Evang. sec. Luc. I. XI n.º 175-176.*

³⁾ *Cur sanguinem effudit? Ut has emeret oves, quas Petro et successoribus ejus tradidit.* S. Joan. Chrysostomus *De Sacerdotio*, lib. II.

⁴⁾ *Ego autem rogavi pro te, ut non deficiat. fides tua Luc., XXII. (32).*

stancias o pedissem, que elle mesmo communicasse aos seus irmãos a luz e a energia da sua alma. « Confirma os teus irmãos » ¹⁾. Aquelle pois a quem tinha designado como fundamento da Igreja, quer que seja a columna da fé. « Pois que de sua propria auctoridade lhe dava o reino, não poderia fortalecer a sua fé, do mesmo modo que, chamando-lhe Pedro, o designava como fundamento que devia consolidar a Igreja? » ²⁾.

D'ahi vem que certos nomes, que designam grandes coisas, e « que pertencem propriamente a Jesus Christo em virtude do seu poder, Jesus quiz tornal-os communs a Elle e a Pedro por participação » ³⁾, a fim de que a communitate dos titulos manifestasse a communitate do poder. Assim Elle, que é « a pedra principal do angulo sobre a qual todo o edificio construido se eleva como um templo sagrado no Senhor » ⁴⁾, estabeleceu Pedro como a pedra sobre a qual devia ser apoiada a sua Igreja.

Quando Jesus lhe disse: « Tu és a pedra », esta palavra conferiu-lhe um bello titulo de nobreza. E comtudo elle é a pedra, não como Christo é a pedra, mas como Pedro pôde ser a a pedra. Porque Christo é essencialmente a pedra inquebrantavel, e é por ella que Pedro é a pedra. Porque Jesus communica as suas dignidades sem se empobrecer... Elle é o Padre e faz os Padres... Elle é a pedra e faz do seu apostolo a pedra » ⁵⁾.

Elle é tambem o rei da Igreja, « que possui a chave de David; fecha e ninguem pôde abrir; abre e ninguem pôde fechar » ⁶⁾; ora dando as chaves a Pedro, declara-o chefe da sociedade christã. Elle é tambem o pastor supremo que se chama a si mesmo « o bom pastor » ⁷⁾; ora, elle estabeleceu Pedro como

¹⁾ Confirma fratres tuos. Luc. XXII, 32.

²⁾ Cui propria auctoritate regnum dabat hujus fidem firmare non poterat, quem enim petram dicit, firmamentum Ecclesiae indicavit. S. Ambr., *de Fide*. lib. IV, n.º 56.

³⁾ Quae sibi potestate sunt propria, voluit esse Petro secum participatione communia. S. Leo Mag., serm. IV, cap. II.

⁴⁾ Lapis est angularis, in qua omnis aedificatio constructa crescit in templum sanctum in Domino. Ephes., II, 21.

⁵⁾ Cum audisset «petra es» praeconio nobilitatus est. Quamquam autem petra est, non ut Christus enim essentialiter petra inconcussa, Petrus vero per petram. Nam Jesus dignitates suas largitur, nec exhauritur... Sacerdos est, facit sacerdotes... petra est, petram facit. (Hom. *ds Poenitentia*, n.º 4, in. append. opp. S. Basilii).

⁶⁾ Qui habet clavem David: qui aperit et nemo claudit: claudit et nemo aperit. Apocal., III, 7.

⁷⁾ Joan., X, 11.

pastor dos seus cordeiros e das suas ovelhas. Por isso S. Chrysostomo diz: « Elle era o principal entre os Apostolos, era como a bocca dos outros discipulos e a cabeça do corpo apostolico... Jesus, mostrando-lhe que deve d'ora ávante ter confiança, porque todos os traços da sua negação estão apagados, confia-lhe o governo de seus irmãos... E diz-lhe: Se me amas, sê o chefe dos teus irmãos » ¹⁾. Emfim, aquelle que confirma « em toda a boa obra e toda a boa palavra » ²⁾ é quem manda a Pedro que confirme os seus irmãos.

S. Leão Magno tem pois muita razão de dizer: « Do seio de todo o mundo, só Pedro é eleito para ser posto á frente de todas as nações chamadas, de todos os apóstolos, de todos os Padres da Igreja; de modo tal que, apesar de haver no povo de Deus muitos pastores, Pedro rege entretanto propriamente todos aquelles que são também principalmente regidos por Christo » ³⁾. S. Gregorio Magno também escreve: « Para todos aquelles que conhecem o Evangelho, é evidente que, pela palavra do Senhor o cuidado de toda a Igreja foi confiado ao santo apóstolo Pedro, chefe de todos os Apóstolos... Elle recebeu as chaves do reino do céu, o poder de ligar e de desligar é lhe attribuido, e o cuidado e o governo de toda a Igreja lhe é confiado » ⁴⁾.

Ora, fazendo esta auctoridade parte da constituição e da organização da Igreja como o seu elemento principal, pois que ella é o principio da unidade, o fundamento da segurança e da duração perpetua, segue-se que ella não podia de fôrma alguma desaparecer com o bemaventurado Pedro, mas devia necessa-

¹⁾ Eximius erat inter Apostolos, et os discipulorum et coetus illius caput... Simul ostendens ei, oportere deinceps fidere, quasi abolita negatione, fratrum et prae-
fecturam committit... Dicit autem: Si amas me, fratribus praeesto Hom. LXXXVIII
in Joan., n.º 1.

²⁾ In omni opere et sermone bono. II Thessal, II, 16.

³⁾ De toto mundo unus Petrus eligitur, qui et universarum gentium vocationi et omnibus Apostolis, cunctisque Ecclesiae patribus praeponatur: et quamvis in populo Dei multi sacerdotes sint multique pastores, omnes tamen proprie regat Petrus, quos principaliter regit et Christus. Serm. IV, cap. II.

⁴⁾ Cunctis evangelium scientibus liquet, quod voce dominica sancto et omnium Apostolorum Petro principi apostolo totius Ecclesiae cura commissa est... Ecce claves regni coelestis accepit, potestas ei ligandi ac solvendi tribuitur, et cura ei totius Ecclesiae et principatus committitur. *Epistolarum*, lib. V, ep. XX.

riamente passar aos seus successores e ser transmittida d'um a outro. « A disposição da verdade permanece, pois, e o bemaventurado Pedro, perseverando na firmeza da pedra, de que recebeu a virtude, não abandonou o governo da Igreja, posto na sua mão » ¹⁾).

É por isso que os Pontifices que succedem a Pedro no episcopado romano pòssuem de direito divino o supremo poder na Igreja. « Nós definimos que a Santa Sé apostolica e o Pontifice romano possuem o primado sobre todo o mundo, que o Pontifice romano é o successor do bemaventurado Pedro, principe dos Apostolos, que é o verdadeiro vigario de Jesus, o chefe de toda a Igreja, o Pae e doutor de todos os christãos, e que a elle, na pessoa do bemaventurado Pedro, foi dado por Nosso Senhor Jesus Christo o pleno poder de apascentar, de reger e de governar a Igreja universal; assim como tambem isto está contido nas actas dos concilios ecumenicos e nos sagrados canones » ²⁾. O quarto concilio de Latrão diz tambem: « A Igreja romana... por disposição do Senhor, possui o principado do poder ordinario sobre todas as Igrejas, na sua qualidade de mãe e de senhora de todos os fieis de Christo ».

Tal era já antes o sentimento unanime da antiguidade que, sem a menor hesitação, sempre olhou e venerou os Bispos de Roma como successores legitimos do bemaventurado Pedro. Quem ignora quão numerosos, quão claros são, sobre este ponto, os testemunhos dos Santos Padres? Mui brilhante é o de S. Ireneu, que fala assim da Igreja romana: « É a esta Igreja que, por causa da sua proeminencia superior, todas as Igrejas devem necessariamente reunir-se » ³⁾.

¹⁾ Manet ergo dispositio veritatis, et beatus Petrus in accepta fortitudine petra perseverans, suscepta Ecclesiae gubernacula non reliquit. S. Leo Mag., *Serm. III*, cap. III.

²⁾ Definimus sanctam Apostolicam Sedem et Romanum Pontificem in universum orbem tenere primatum, et ipsum Pontificem Romanum successorem esse beati Petri, principis Apostolorum, ut verum Christi vicarium totiusque Ecclesiae caput, et omnium christianorum patrem ac doctorem existere, et ipsi in beato Petro pascendi, regendi ac gubernandi universalem Ecclesiam a Domino nostro Jesu Christo plenam potestatem traditam esse; quemadmodum etiam in gestis oecumenicorum conciliorum et in sacris canonibus continetur. Conc. Florent.

³⁾ Ad hanc enim Ecclesiam propter potiore principalitatem necesse est omnem convenire Ecclesiam. *Contra Haereses*, lib. III, c. III, n.º 2.

S. Cypriano tambem affirma da Egreja romana que ella é a « raiz e a mãe da Egreja catholica ¹⁾, a cadeira de Pedro e a Egreja principal, d'onde nasceu a unidade sacerdotal » ²⁾. Chama-lhe a « cadeira de Pedro », porque é occupada pelo successor de Pedro; « a Egreja principal », por causa do principado conferido a Pedro e aos seus legitimos successores; « aquella d'onde nasceu a unidade », porque na sociedade christã a causa efficiente da unidade é a Egreja romana.

É por isso que S. Jeronymo escreve n'estes termos a Damaso: « Eu falo ao successor do pescador e ao discipulo da Cruz... Estou ligado pela communhão a Vossa Beatitude, isto é, á cadeira de Pedro. Sei que sobre esta pedra está edificada a Egreja » ³⁾. O methodo habitual de S. Jeronymo para reconhecer se um homem era catholico era saber se elle estava unido á cadeira romana de Pedro. « Se está unido á cadeira de Pedro, é meu homem » ⁴⁾.

Por um methodo analogo, Santo Agostinho, que declara abertamente que « na Egreja romana se tem sempre mantido o principado da cadeira apostolica », affirma que quem se separa da fé romana não é catholico. « Não se pode crer que guardéis a verdadeira fé catholica, vós que não ensinaes que se deve guardar a fé romana » ⁵⁾. E tambem S. Cypriano: « Estar em communhão com Cornelio é estar em communhão com a Egreja catholica » ⁶⁾.

O abbade Maximo ensina egualmente que a prova da verdadeira communhão é estar submettido ao Pontifice romano. « Se alguem não quer ser heretico nem passar por tal, não procure satisfazer este ou aquelle... Aprese-se a satisfazer em

¹⁾ Ecclesiae catholicae radicem et matricem. *Epist. XLVIII ad Corn.*, n.º 8.

²⁾ Petri Cathedram atque Ecclesiam principalem, unde unitas sacerdotalis exorta est. *Epist. LIX, ad eumd.*, n.º 14.

³⁾ Cum successore piscatoris et discipulo crucis loquor. Beatitudini tuae, id est Cathedrae Petri, communionem consocior. Super illam petram aedificatam Ecclesiam scio. *Ep. XV, ad Damas.*, n.º 2.

⁴⁾ Si quis Cathedrae Petri jungitur, meus est. *Ip. XVI, ad Damas.*, n.º 2.

⁵⁾ In Romana Ecclesia semper Apostolicae cathedrae viguisse principatum. *Ep. XLIII*, n.º 7. — Non crederis veram fidem tenere catholicam, qui fidem non doces esse servandam romanam. *Serm. CXX*, n.º 13.

⁶⁾ Hoc est cum catholica Ecclesia communicare. *Ed. LV*, n.º 1.

tudo a Sé de Roma. Satisfeita a Sé de Roma, todos por toda a parte e com uma só voz a proclamarão piedosa e orthodoxa. Porque se se quer persuadir aquelles que se me assemelham, em vão seria contentarem-se com falar, se se não satisfaz e se se não implora o bemaventurado Papa da santissima Igreja dos Romanos, isto é, a Sé Apostolica ». E eis, segundo elle, a causa da explicação d'este facto. É que a Igreja romana « recebeu do Verbo de Deus Incarnado, e, segundo os santos concilios e segundo os santos canones e as definições, ella possui sobre a universidade das santas Igrejas de Deus que existem sobre toda a superficie da terra, o imperio e a auctoridade em tudo e por tudo, e o poder de ligar e desligar. Porque quando ella liga ou desliga, o Verbo, que dirige as virtudes celestes, liga ou desliga tambem no céu » ¹⁾.

Era pois um artigo de fé christã, era um ponto reconhecido e observado constantemente, não por uma nação ou por um seculo, mas por todos os seculos e pelo Oriente não menos do que pelo Occidente, que o sacerdote Philippe, legado do Pontifice Romano, lembrava ao synodo d'Epheso, sem levantar nenhuma contradicção: « Para ninguem é duvidoso, é coisa conhecida de todos os tempos, que o santo e bemaventurado Pedro, principe e chefe dos Apostolos, columna da fé e fundamento da Igreja catholica, recebeu de Nosso Senhor Jesus Christo, Salvador e Redemptor do genero humano, as chaves do reino, e que o poder de ligar e de desligar os peccados foi dado a este mesmo Apostolo, que, até ao momento presente e sempre vive nos seus successores e exerce nelles a sua auctoridade » ²⁾. Todos conhecem a sentença do concilio de Chalcedonia sobre o mesmo assumpto:

¹⁾ Ab ipso incarnato Dei verbo, sed et omnibus sanctis synodis, secundum sacros canones et terminos, universarum quae in toto terrarum orbe sunt sanctarum Dei Ecclesiarum in omnibus et per omnia percepit et habet imperium, auctoritatem et protestatem ligandi et solvendi. Cum hoc enim ligat et solvit, etiam in coelo Verbum quod coelestibus virtutibus principatur. *Defloratio ex Ep. ad Petrum illustrem.*

²⁾ Nulli dubium est, imo saeculis omnibus notum, quod sanctus beatissimusque Petrus, Apostolorum princeps et caput, fideique columna et Ecclesiae catholicae fundamentum, a Domino nostro Jesu Christo, salvatore humani generis ac redemptore, claves regni accepit, solvendi ac ligandi peccata potestas ipsi data est, qui ad hoc usque tempus et semper in suis successoribus vivit et iudicium exercet. Actio III.

« Pedro falou... pela bocca de Leão » ¹⁾, sentença á qual a voz do terceiro concilio de Constantinopla responde como um echo : « O soberano príncipe dos Apostolos combatia comnosco, porque temos tido em nosso favor o seu imitador e successor na sua Sé... Não se via exteriormente (emquanto se lia a carta do Pontifice romano) senão papel e tinta, e era Pedro que falava pela bocca de Agathão » ²⁾. Na formula da profissão da fé catholica, proposta em termos expressos por Hormisdas no começo do seculo sexto e subscripta pelo imperador Justiniano e tambem pelos patriarchas Épiphanio, João e Mennas, é expresso o mesmo pensamento com grande vigor : « Como a sentença de Nosso Senhor Jesus Christo que disse : « Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja » não póde ser exquecida... o que foi dito é confirmado pela realidade dos factos, pois que na Sé apostolica a religião catholica tem sido sempre conservada sem nenhuma mancha » ³⁾.

Não queremos enumerar todos os testemunhos : apraz-Nos todavia lembrar a formula segundo a qual Miguel Paleologo professou a fé no segundo concilio de Lyão : « A santa Igreja romana possui tambem o soberano e pleno primado e principado sobre a Igreja catholica universal, e ella reconhece, com verdade e humildade, ter recebido este primado e principado, com a plenitude do poder, do proprio Senhor, na pessoa do bemaventurado Pedro, príncipe ou chefe dos Apostolos, de que o Pontifice romano é successor. E assim como ella é obrigada a defendêr diante de todos os outros a verdade da fé, assim tambem, se se levantam difficuldades a respeito da fé, é pelo seu juizo que ellas devem ser terminadas » ⁴⁾.

¹⁾ Petrus per Leonem... loquutus est. Actio II.

²⁾ Summus nobiscum concertabat Apostolorum princeps : illius enim imitorem et Sedis successorem habuimus fautorem... charta et atramentum videbatur et per Agathonem Petrus loquebatur. Actio XVIII.

³⁾ Qui non potest Domini nostri Jesu Christi praetermitti sententia dicentis : *Tu es Petrus, et super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam...* haec, quae dicta sunt, rerum probantur, effectibus quia in Sede Apostolica citra maculam semper est catholica servata religio. *Post epist. XXVI ad omnes ep. Hisp.*, n.º 4.

⁴⁾ Ipsa quoque sancta romana Ecclesia summum et plenum primatum et principatum super universam Ecclesiam catholicam obtinet, quem se ab ipso Domino in beato Petro, Apostolorum principe sive vertice, cujus romanus Pontifex est successor, cum potestatis plenitudine recepisse veraciter et humiliter recognoscit. Et sicut

Se o poder de Pedro e dos seus successores é pleno e soberano, não se deve entretanto crêr que não haja outro na Igreja. Aquelle que estabeleceu Pedro como fundamento da Igreja também « escolheu doze dos seus discipulos, aos quaes deu o nome d'Apostolos » ¹). Assim como a auctoridade de Pedro é necessariamente permanente e perpetua no Pontifice romano, também os Bispos, na sua qualidade de successores dos Apostolos, são herdeiros do poder ordinario dos Apostolos, de modo tal que a ordem episcopal faz necessariamente parte da constituição intima da Igreja. E com quanto a auctoridade dos Bispos não seja nem plena, nem universal, nem soberana, não se deve entretanto considerá-los como simples *vigarios* dos Pontifices romanos, porque elles possuem uma auctoridade que lhes é propria, e usam com toda a verdade o nome de *Prelados ordinarios* dos povos que governam.

Mas como o successor de Pedro é unico, ao passo que os dos Apostolos são numerosos, convém estudar os laços que, segundo a constituição divina, unem estes ultimos ao Pontifice Romano. E, em primeiro lugar, a união dos Bispos com o successor de Pedro é d'uma necessidade evidente e sobre a qual não pôde haver a menor duvida: porque, se este laço se desfaz, o povo christão não é mais que uma multidão que se dissolve e se desaggrega, e não pôde, de modo algum, formar um só corpo e um só rebanho. « A salvação da Igreja depende da dignidade do soberano sacerdote: se a este se não attribue um poder especial e superior a qualquer outro, haverá na Igreja tantos schismas como sacerdotes » ²).

É por isso que é mister fazer aqui uma advertencia importante. Nada foi conferido aos Apostolos independentemente de Pedro; algumas coisas foram conferidas a Pedro isoladamente e independentemente dos Apostolos. S. João Chrysostomo, explicando as palavras de Jesus Christo (S. João, XXI, 15), pergunta: « por

prae ceteris tenetur fidei veritatem defendere, sic et si quae de fide subortae fuerint quaestiones, suo debente iudicio definiri. Actio IV.

¹) *Elegit duodecim... quos et apostolos nominavit. Luc., VI, 13.*

²) *Ecclesiae salus in summi sacerdotis dignitate pendet, cui si non exors quaedam et ab omnibus eminent detur potestas, tot in Ecclesia efficientur schismata quod sacerdotes. Hieron., Dial. cont. Lucif., n.º 9.*

que, pondo de parte os outros, Christo se dirige aqui a Pedro ? » e responde formalmente : « É porque elle era o principal entre os Apostolos, como a bocca dos outros discipulos e o chefe do corpo apostolico ¹⁾. « Elle só, com effeito, foi designado por Christo como fundamento da Igreja. Foi a elle que foi dado todo o poder de ligar e desligar ; só a elle foi igualmente confiado o poder d'apascentar o rebanho. Ao contrario, tudo o que os Apostolos receberam, em ordem a funcções e auctoridade, o receberam conjunctamente com Pedro. « Se a divina Bondade quiz que os outros principes da Igreja tivessem alguma coisa em commum com Pedro, o que ella não recusou aos outros, nada lhes deu nunca senão por elle ²⁾. Elle só recebeu muitas coisas, mas nada foi concedido a qualquer outro sem sua participação » ³⁾.

Por onde se vê claramente que os Bispos perderiam o direito e o poder de governar se se separassem scientemente de Pedro ou dos seus successores. Porque, por esta separação, arrancam-se a si mesmos do fundamento sobre o qual deve assentar todo o edificio ; e são assim postos fóra do mesmo edificio ; pela mesma razão, se acham excluidos do aprisco que o pastor supremo governa, e banidos do reino cujas chaves foram dadas por Deus só a Pedro.

Estas considerações fazem-nos comprehender o plano e o designio de Deus na constituição da sociedade christã. Eis esse plano : tendo o auctor divino da Igreja decretado dar a unidade de fé, de governo, de communhão, escolheu Pedro e os seus successores para estabelecer n'elles o principio e como o centro da unidade. E por isso S Cypriano escreve : « Ha, para chegar á fé, uma demonstração facil, que resume a verdade. O Senhor dirige-se a Pedro n'estes termos : « Eu te digo que tu és Pedro... » Foi sobre um só que elle edificou a Igreja. E ainda que depois

¹⁾ Cur, allis praetermissis, de his Christus Petrum alloquitur? — Eximius erat inter Apostolos, et os discipulorum, et coetus illius caput. *Hom. LXXXVII in Joan*, n.º 1.

²⁾ Divina dignatio si quod cum eo commune ceteris voluit esse principibus, nunquam nisi per ipsum dedit, quidquid aliis non negavit. S. Leo Mag. *Serm. IV*, cap. II.

³⁾ Ut cum multa solus acceperit, nihil in quemquem sine ipsius participatione transierit. S. Leo Mag. *Serm. IV*, cap. II.

da sua resurreição confere a todos os Apostolos um poder igual e lhes diz: « Como meu Pae me ensinou... », entretanto, para pôr a unidade em plena luz, foi em um só que elle estabeleceu, pela sua auctoridade, a origem e o ponto de partida d'essa mesma unidade » ¹⁾. E Santo Optat. de Mil.: « Tu sabes muito bem — escreve elle — não o pôdes negar, que foi Pedro o primeiro a quem foi conferida a cadeira episcopal na cidade de Roma: foi ali que se sentou o chefe dos Apostolos, Pedro, que depois foi chamado Cephas. É n'esta cadeira unica que todos deviam guardar a unidade, a fim de que os outros apostolos não pudessem intrincheirar-se cada um isoladamente na sua séde e fosse d'ora ávante schismatico e prevaricador aquelle que elevasse uma outra cadeira contra esta cadeira unica » ²⁾. D'ahi vem esta sentença do mesmo S. Cypriano, que a heresia e o schisma se produzem e nascem uma e outro d'este facto: que se recusa ao poder supremo a obediencia que lhe é devida. « A unica fonte d'onde surgiram as heresias e d'onde nasceram os schismas é que se não obedece ao Pontifice de Deus e se não quer receber na Igreja ao mesmo tempo um só Pontifice e um só juiz que occupa o lugar de Christo » ³⁾.

Ninguém pôde pois ter parte na auctoridade se não está unido a Pedro, porque seria absurdo pretender que um homem excluido da Igreja tem auctoridade na Igreja. É a este titulo que Opt. de Mil. reprehendia os Donatistas: « Foi contra as portas do inferno que Pedro, como lémos no Evangelho, recebeu as chaves de salvação; Pedro, isto é, o nosso chefe, a quem Jesus Christo disse: « Dar-te-hei as chaves do reino dos céus, e as

¹⁾ Probatio est ad fidem facilis compendio veritatis. Loquitur Dominus ad Petrum: *Ego tibi dico*, inquit, *quia tu es Petrus...* Super unum aedificat Ecclesiam. Et quamvis Apostolis omnibus post resurrectionem suam parem potestatem tribuat, et dicat: Sicut misit me Pater..., tamen ut unitatem manifestaret, unitatis ejusdem originem ab uno incipientem sua auctoritate disposuit. *De Unit. Eccle.*, n.º 4.

²⁾ Negare non potes, scire te in urbe Roma Petro primo Cathedram episcopalem esse collatam, in qua sederit omnium Apostolorum caput Petrus unde et Cephas appellatus est: in qua una Cathedra unitas ab omnibus servaretur: ne ceteri Apostoli singulas sibi quisque defenderent, ut jam schismaticus et peccator esset, qui contra singularem Cathedram alteram collocaret. *De Schim. Donat.*, lib. II.

³⁾ Neque enim aliunde haereses obortae sunt aut nata sunt schismata, quam inde quod sacerdoti Dei non obtemperatur, nec unus in Ecclesia ad tempus sacerdos et ad tempus iudex vice Christi cogitatur. *Epist. XII ad Corn.*, n.º 5.

portas do inferno não triumpharão nunca d'ellas ». Como pois ousaes procurar attribuir-vos as chaves do reino dos céus vós que combateis contra a cadeira de Pedro » ¹⁾).

Mas a ordem dos Bispos não pôde ser considerada como verdadeiramente unida a Pedro, da maneira que Christo quiz, se não estiver submettida e se não obedecer a Pedro: sem o que se dispersa necessariamente n'uma multidão onde reinam a confusão e a desordem. Para conservar a unidade de fé e de communhão tal como é necessario, nem um primado d'honra nem um poder de direcção bastam; é absolutamente necessaria uma auctoridade verdadeira e ao mesmo tempo soberana, á qual obedeça toda a communidade. Que quiz, com effeito, o Filho de Deus quando prometteu as chaves do reino dos céus só a Pedro? Que *as chaves* designam aqui o poder supremo, pelo *uso biblico* e o consenso unanime dos Padres, não é permittido duvidal-o. E não se podem interpretar d'outro modo os poderes que foram conferidos, quer a Pedro separadamente, quer aos Apostolos conjunctamente com Pedro. Se a faculdade de ligar, de desligar, de apascentar o rebanho dá aos Bispos, successores dos Apostolos, o direito de governarem com uma verdadeira auctoridade o povo confiado a cada um d'elles, certamente esta mesma faculdade deve produzir o mesmo effeito n'aquelle a quem foi assignado pelo proprio Deus o papel de apascentar *os cordeiros* e *as ovelhas*. « Pedro não foi sómente estabelecido pastor por Christo, mas pastor dos pastores. Pedro pois apascenta os cordeiros e apascenta as ovelhas; apascenta os filhos e apascenta as mães; governa os subditos e governa tambem os Prelados, porque na Igreja, fóra dos cordeiros e das ovelhas, não ha nada » ²⁾).

D'ahi vem entre os antigos Padres estas expressões completamente especiaes, que designam o bemaventurado Pedro, e que

¹⁾ Contra quas portas (*inferi*) claves salutare accepisse legimus Petrum, principem scilicet nostrum, cui a Christo dictum est: Tibi dabo claves regni coelorum, et portae inferi non vincunt eas. Unde est ergo, quod claves regni coelorum vobis usurpare contenditis, qui contra cathedram Petri... militatis. Lib. II, n.º 4, 5.

²⁾ Nom solum pastorem (Petrum), sed pastorum pastorem (Christus) constituit: pascit igitur Petrus agnos, pascet et oves, pascit filios, pascit et matres; regit subditos, regit et praelatos, quia praeter agnos et oves in Ecclesia nihil est. (S. Brunonis ep. Signiensis *Com. in Joan.*, part. III, cap. XXI, n.º 55.

o mostram evidentemente collocado no grau superior da dignidade e do poder. Chamam-lhe frequentemente « o chefe da assembléa dos discipulos ; o principe dos santos Apostolos ; o coryphéu do côro apostolico ; a bocca de todos os Apostolos ; o chefe d'essa familia ; aquelle que manda em todo o mundo ; o primeiro entre os Apostolos ; a columna da Egreja ».

A conclusão de tudo o que precede parece encontrar-se n'estas palavras de S. Bernardo ao Papa Eugenio : « Quem sois vós ? Vós sois o grande sacerdote, o Pontifice soberano. Vós sois o principe dos Bispos, vós sois o herdeiro dos Apostolos... Vós sois aquelle a quem as chaves foram dadas, a quem as ovelhas foram confiadas. Outros como vós são tambem porteiros do céu e pastores de rebanhos ; mas este duplo titulo é em vós tanto mais glorioso que o recebestes como herança n'um sentido mais particular que todos os outros. Aquelles teem os seus rebanhos que lhes foram assignalados : cada um tem o seu ; a vós todos os rebanhos juntos foram confiados ; a vós só, um só rebanho, formado não sómente de ovelhas, mas tambem de pastores ; vós sois o unico pastor de todos. Perguntaes como eu o provo. Pela palavra do Senhor. A quem, com effeito, não digo entre os Bispos, mas mesmo entre os Apostolos, foram confiadas assim absoluta e indistinctamente todas as ovelhas ? Se me amas, Pedro, apascenta as minhas ovelhas. Quaes ? Os povos de tal ou tal cidade, de tal logar, de tal reino ? — As minhas ovelhas, disse elle. Quem não vê que elle não designa algumas, mas que designa todas a Pedro ? Não ha nenhuma distincção, não ha pois nenhuma excepção » ¹⁾.

Mas seria afastar-se da verdade e contradizer abertamente

¹⁾ Qui es ? Sacerdos magnus, summus pontifex. Tu princeps episcoporum, tu heres Apostolorum... Tu es, cui claves traditae, cui oves creditae sunt. Sunt quidem et alii coeli janitores et gregum pastores ; sed tu tanto gloriosius, quanto et differentius utrumque prae ceteris nomen hereditasti. Habent illi sibi assignatos greges, singuli singulos, tibi universi crediti, uni onus, nec modo ovium, sed et pastorum, tu unus omnium pastor. Unde id probem quaeris. Ex verbo Domini. Cui enim, non dico episcoporum, sed etiam Apostolorum, sic absolute et indiscrete totae commissae sunt oves ? Si me amas, Petre, pasce oves meas. Quas ? illius vel illius populos civitatis aut regionis, aut certi regni ? Oves meas, inquit : cui non planum, non designasse omnes ? Nihil excipitur, ubi distinguitur nihil. (*De Consid.*, lib. II, cap. VIII).

a constituição divina da Igreja pretender que cada um dos Bispos tomado isoladamente deve ser submettido á jurisdicção dos Pontifices romanos, mas que todos os Bispos tomados no seu conjuncto não o devem ser. Qual é, com effeito, toda a razão de ser e a natureza do fundamento? É salvaguardar a unidade e a solidez mais ainda de todo o edificio do que de cada uma das suas partes. E isto é muito mais verdadeiro no assumpto de que falamos, porque Jesus Christo Nosso Senhor quiz, pela solidez do fundamento da sua Igreja, obter este resultado: que as portas do inferno não podem prevalecer contra ella. Ora todos conveem que esta promessa divina deve entender-se da Igreja universal e não das suas partes tomadas isoladamente, porque estas podem na realidade ser vencidas pelo esforço dos infernos, e tem acontecido a algumas d'ellas, tomadas separadamente, serem effectivamente vencidas.

Demais, aquelle que foi posto á frente de todo o rebanho deve ter necessariamente auctoridade não sómente sobre as ovelhas dispersas, mas sobre todo o conjuncto das ovelhas reunidas. E por acaso, o conjuncto das ovelhas governa e conduz o pastor? Os successores dos Apostolos, todos reunidos, seriam o fundamento sobre o qual o successor de Pedro devia apoiar-se para encontrar a solidez?

Aquelle que possui as chaves do reino tem evidentemente direito e auctoridade não sómente sobre as provincias isoladas, mas sobre todas ao mesmo tempo, e assim como os Bispos, cada um no seu territorio, mandam com uma verdadeira auctoridade não sómente a cada particular, mas a toda a communitade, assim tambem os Pontifices romanos, cuja jurisdicção abraça toda a sociedade christã, teem todas as partes d'essa sociedade, mesmo todas reunidas, submissas e obedientes ao seu poder. Jesus Christo Nosso Senhor, como já temos dito bastantes vezes, deu a Pedro e aos seus successores o cargo de serem seus Vigarios e de exercerem perpetuamente na Igreja o mesmo poder que elle mesmo exerceu durante a sua vida mortal. Ora dir-se-ha que o collegio dos Apostolos tinha auctoridade superior sobre o seu mestre?

Este poder de que falamos, sobre o proprio collegio dos

Bispos, poder que as santas Lettras enunciam tão claramente, não tem a Igreja jámais cessado de o reconhecer e de o attestar. Eis sobre este ponto as declarações dos concilios: « Nós lemos que o Pontifice romano tem julgado os Prelados de todas as Igrejas; mas não lemos que elle haja sido julgado por quem quer que seja » ¹⁾. E a razão d'este facto está indicada; é que « não ha auctoridade superior á auctoridade da Sé apostolica » ²⁾.

É por isso que Gelasio falla assim dos decretos dos concilios: « Assim como o que a primeira Sé não approvou não poude continuar em vigor, assim ao contrario o que ella confirmou por seu julgamento foi recebido por toda a Igreja » ³⁾. Com effeito, ratificar ou annullar as sentenças e os decretos dos concilios tem sido sempre attribuição dos Pontifices romanos. João Magro annullou os actos do conciliabulo d'Epheso; Damaso regeitou o de Rimini; Adriano I o de Constantinopla; e o vigesimo oitavo canon do concilio de Chalcedonia, porque não tem approvação e a auctoridade da Sé apostolica, ficou, como se sabe, sem vigor e sem effeito. Foi pois com razão que, no quinto concilio de Latrão, Leão X promulgou este decreto: « Consta manifestamente, não sómente dos testemunhos da Escriptura santa, das palavras dos Padres e dos outros Pontifices romanos e dos decretos dos santos canones, mas tambem da confissão formal dos proprios concilios, que só o Pontifice romano, segundo o tempo em que tem o cargo, tem pleno direito e poder, por ter auctoridade sobre todos os concilios, para convocar, transferir ou dissolver os concilios » ⁴⁾. As santas Lettras attestam bem que as chaves do reino dos céus foram confiadas só a Pedro, e tambem o poder de ligar e desligar foi conferido aos apóstolos, conjunctamente com Pedro; mas onde se diz que os Apóstolos receberam o so-

¹⁾ Romanum pontificem de omnium Ecclesiarum praesulibus judicasse legimus: de eo vero quemquam judicasse, non legimus. (Hædrían II, in *Alloc. III ad Syn. Roman.* 869. Cf. *Actionem VII Conc. Constantinop.* IV.)

²⁾ Nicolai in *Ep. LXXXVI ad Michael. Imp.* Patet profecto Sedis apostolicæ, cujus auctoritate majos non est, judicium a nemine fore retractandum, neque cuiquam de ejus liceat judicare judicio.

³⁾ Sicut id quod prima Sedes non probaverat, constare non potuit, sic quod illa censuit judicandum, Ecclesia tota suscepit. (*Ep. XXVI ad Ep. Dardoniæ*, n.º 5).

⁴⁾ Sess. IV, cap. III.

berano poder *sem Pedro e contra Pedro*? Nenhum testemunho nol-o diz. Certamente não foi de Jesus Christo que o receberam.

É por isso que o decreto do concilio do Vaticano que definiu a natureza e o alcance do primado do Pontifice romano não introduziu uma opinião nova, mas affirmou a antiga e constante fé de todos os seculos.

Não deve crer-se que a submissão dos mesmos assumptos a duas auctoridades traz a confusão da administração. Tal suspeita é-nos prohibida em primeiro logar pela sabedoria de Deus, que concebeu e estabeleceu a organização d'este governo. Além d'isso é necessario notar que o que perturbaria a ordem e as relações mutuas seria a coexistencia, n'uma sociedade, de duas auctoridades do mesmo grau, nenhuma das quaes estivesse submettida á outra. Mas a auctoridade do Pontifice romano é soberana, universal e plenamente independente : a dos Bispos é limitada d'uma maneira precisa e não é inteiramente independente. « O inconveniente seria que dois pastores fossem estabelecidos com um grau igual de auctoridade sobre o mesmo rebanho. Mas que dois superiores, um dos quaes está superior ao outro, sejam estabelecidos sobre os mesmos objectos, não é inconveniente ; é d'esse modo que o povo é governado immediatamente pelo parochio, pelo Bispo e pelo Papa » ¹⁾.

Além d'isso os Pontifices romanos, sabendo qual o seu dever, querem mais que ninguem a conservação de tudo o que foi divinamente instituido na Igreja : é por isso que, assim como defendem os direitos do seu proprio poder com o zelo e a vigilancia necessarias, tambem teem posto e porão constantemente todos os seus cuidados em salvaguardar a auctoridade propria dos Bispos. Mais ainda : toda a honra e obediencia que é dada aos Bispos, as olham como sendo-lhes rendidas a elles mesmos, « A minha honra é a honra da Igreja universal. A minha honra é o pleno vigor da auctoridade dos meus irmãos. Não me sinto verdadei-

¹⁾ Inconveniens est, quod duo aequaliter super eandem gregem constituentur. Sed quod duo, quorum unus alio principalior est, super eandem plebem constituentur, non est inconveniens; et secundum hoc super eandem plebem immediate sunt et Sacerdos parochialis et Episcopus et Papa. (S. Thomas *in IV. Sint.*, dist. XVII, a. 4, ad q. 4, ad 3).

ramente honrado senão quando presto a cada um d'elles a honra que lhes é devida » ¹⁾).

Em tudo o que precede, temos fielmente traçado a imagem e exprimido os traços da Igreja segundo a sua divina constituição. Insistimos sobre a sua unidade; mostrámos assás qual é a sua natureza e por que principio o seu divino auctor quiz assegurar-lhe a manutenção.

Todos aquelles que, por um insigne beneficio de Deus, teem a felicidade de ter nascido no seio da Igreja catholica e de n'ella viver, ouvirão — não temos razão alguma para o duvidar — a Nossa voz apostolica. « As minhas ovelhas ouvirão a minha voz » ²⁾. N'esta carta terão encontrado com que se instruir mais plenamente e ligar-se com um amor mais ardente, cada um aos seus proprios pastores, e por elles ao pastor supremo, a fim de poderem seguramente permanecer no aprisco unico e colher mais abundancia de fructos salutaes.

Mas, « fixando as Nossas vistas sobre o auctor e o consumidor da fé, sobre Jesus » ³⁾, cujo logar Nós occupamos e cujo poder exercemos, apezar da Nossa fraqueza para supportar o pezo d'esta dignidade e d'este cargo, sentimos a sua caridade inflammar a Nossa alma, e estas palavras que Jesus dizia de si mesmo, apropriamol-as a Nós, não sem rasão: « Tenho outras ovelhas que não são d'este aprisco; é necessario tambem que as traga, e ellas ouvirão a minha voz » ⁴⁾.

Não recusem pois escutar-Nos e mostrar-se doceis ao Nosso amor paternal todos aquelles que detestem a impiedade, hoje tão espalhada, que reconhecem Jesus Christo, que o confessam Filho de Deus e Salvador do genero humano, mas que comtudo vivem errantes e afastados da sua Esposa. É necessario que aquelles que acceitam Christo o acceitem inteiro. « Christo todo inteiro é uma cabeça e um corpo: a cabeça é o Filho unico

¹⁾ Meus honor est honor universalis Ecclesiae. Meus honor est fratrum meorum solidus vigor. Tunc ego vero honoratus sum, cum singulis quibus que honor debitus non negatur. (S. Greg. M. *Ep. lib. VIII*, ep. XXX, ad Eulogium).

²⁾ Oves meae vocem meam audiunt. Joan., X. 27.

³⁾ In auctorem fidei et consummatorem Jesum. Hebr., XII, 2.

⁴⁾ Alias oves habeo, quae non sunt ex hoc ovili: et illas oportet me adducere, et vocem meam audient. Joan., X. 16.

de Deus; o corpo é a sua Igreja, é o esposo e a esposa, dois n'uma só carne. Todos aquelles que teem para com a cabeça um sentimento differente d'aquelle das Escripturas santas e se encontram em todos os logares onde a Igreja está estabelecida, não estão na Igreja. E do mesmo modo todos aquelles que pensam como a Escripura santa a respeito da cabeça, mas não vivem em communhão com a unidade da Igreja, não estão na Igreja » 4).

É também com igual ardor que o Nosso coração vôa para aquelles a quem o sopro contagioso da impiedade não tem ainda envenenado completamente, e que ao menos tem o desejo de ter por pae o verdadeiro Deus, creador da terra e do ceu. Reflectam e comprehendam bem que não podem de maneira alguma ser do numero dos filhos de Deus, se não chegam a reconhecer por irmão Jesus Christo e por mãe a Igreja.

É pois a todos que dirigimos, com grande amor, estas palavras que pertencem a Santo Agostinho: « Amemos o Senhor nosso Deus, amemos a sua Igreja; a elle como um pae, a ella como uma mãe. Não diga ninguem: Sim, eu vou ainda aos idolos; eu consulto os possessos e os feiticeiros, mas entretanto não abandono a Igreja de Deus: eu sou catholico. Estaes ligado á mãe, mas offendeis o pae. Um outro diz semelhantemente: Louvores a Deus, não consulto os feiticeiros, não interrogo os possessos, não pratico adivinhações sacrilegas, não vou adorar os demonios, não sirvo os deuses de pedra, mas sou do partido de Donato. De que vos serve não offender o pae, que vingara a mãe que vós offendeis? De que vos serve confessar o Senhor, honrar a Deus, louval-o, reconhecer seu Filho, proclamar que elle está sentado á direita do Pae, se blasphemaes a sua Igreja? Se tivesses um protector para com o qual cumprissemos todos os vossos deveres, e se ultrajasseis sua esposa com uma accusação grave, ousaríeis ainda entrar na casa d'esse homem? Conservae-

⁴⁾ Totus Christus caput et corpus est: caput unigenitus Filius Dei, corpus ejus Ecclesia: sponsus et sponsa, duo in carne una. Quicumque de ipso capite a Scripturis sanctis dissentiunt, etiamsi in omnibus locis inveniantur in quibus Ecclesia designata est, non sunt in Ecclesia. Et rursus, quicumque de ipso capite Scripturis sanctis consentiunt, et unitati Ecclesiae non communicant, non sunt in Ecclesia. S. August. *Contra Donat. ep.*, sive *De Unit. Eccl.*, cap. IV, n.º 7.

vos pois, meus muito amados, conservae-vos unanimemente ligados a Deus, vosso pae, e a vossa mãe, a Igreja » ¹⁾).

Confiando muitissimo na misericordia de Deus, que pôde tocar poderosissimamente os corações dos homens e forçar as vontades, mesmos as rebeldes, a vir a elle, recommendamos com muita instancia á sua bontade todos aquelles a quem visou a Nossa palavra. E como penhor dos dons celestes em testemunho da Nossa benevolencia, Nós vos concedemos no Senhor a vós, Veneraveis Irmãos, ao vosso Clero e ao vosso povo a Benção apostolica.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, ao 29.º dia de junho, anno de 1896, decimo nono do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

(Traducção do *Correio Nacional*).



1) Amemus Dominum Deum nostrum, amemus Ecclesiam ejus: illum sicut patrem istam sicut matrem. Nemo dicat: ad idola quidem vado, arreptitios et sortilegos consulo, sed tamen Dei Ecclesiam non relinquo: catholicus sum. Tenens matrem, offendisti patrem. Alius item dicit: acit a me, non consulo sortilegum, non quaero arreptitium, non quaero divinationes sacrilegas, non eo ad adoranda daemonia, non servo lapidibus: sed tamen in parte Donati sum.

Quid tibi prodest non offensus pater, qui offensam vindicet matrem? Quid prodest si Dominum confiteris, Deum honoras, ipsum praedicas, Filium ejus agnoscis, sedentem ad Patris dexteram confiteris, et blasphemias Ecclesiam ejus? . . . Si haberes aliquem patronum, cui quotidie obsequeris; si unum crimen de ejus conjugate dices numquid domum ejus intrares? Tenete ergo, carissimi, tenete omnes unanimiter Deum patrem et matrem Ecclesiam. (*Enarr. in Psal. LXXXVIII, sermão II, n.º 14*),

INDICE DO 2.º VOLUME

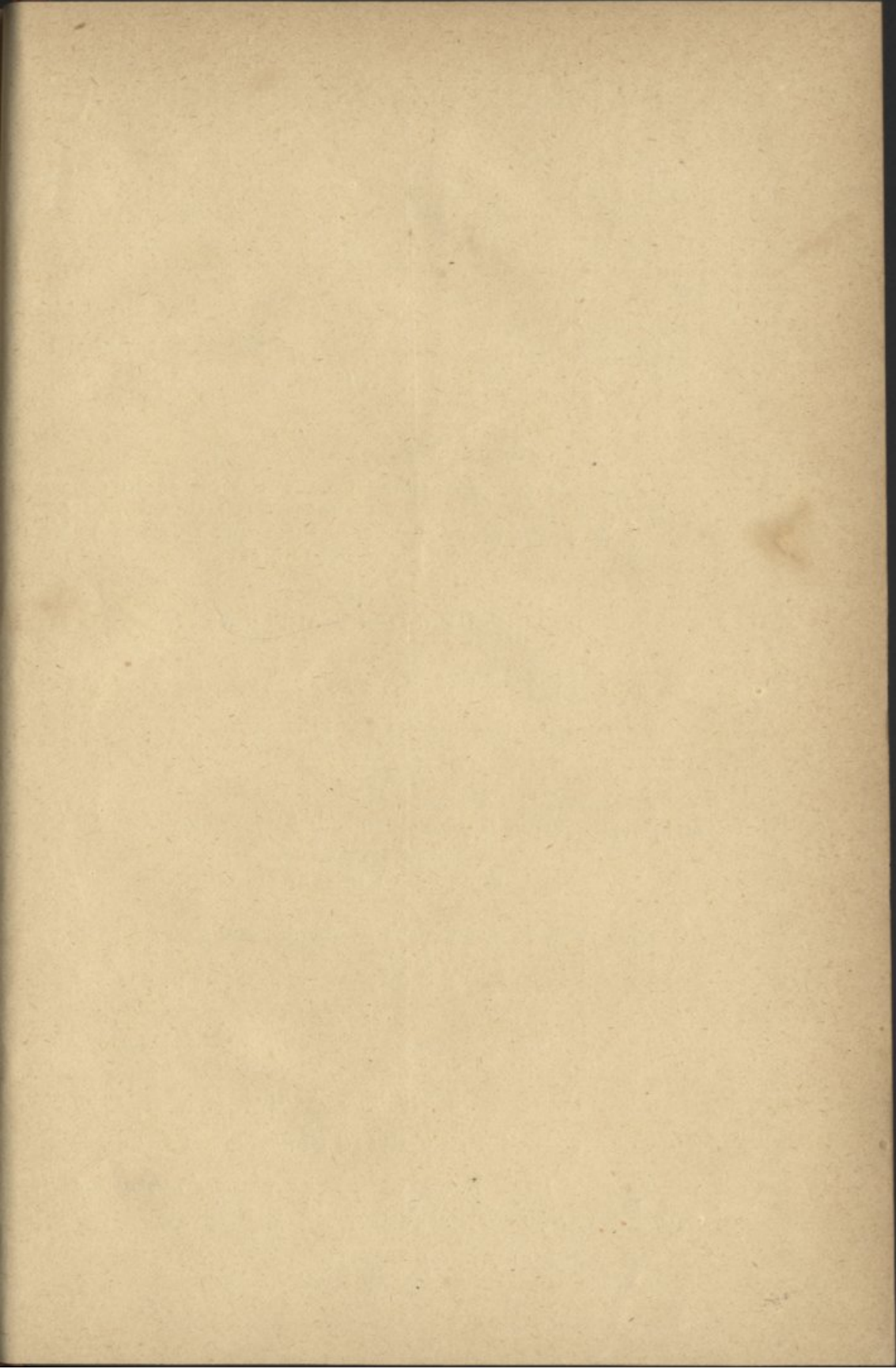
DA

REVISTA CONTEMPORANEA

	Pag.
Acontecimentos (Os) de 30 de julho.	29
Africa (A guerra da)	105
Africa (Victorias da).	95
(Vid. Expedicionarios e Gungunhana).	
Africa portugueza.	248 e 316
Alcoolismo (O perigo do) e os remedios	144 e 161
America (A descoberta da).	233
Arbitragem (Vid. Politica internacional).	
Bibliographia	158 e 231
Cardeal Jacobini	290
Catholicos (Os) italianos.	32
Carta de Leão XIII ao cardeal Rampolla sobre as festas de 20 de setembro.	58
Carta encyclica de Leão XIII sobre a unidade catholica.	329 e 387
Coeli	133
Educação da mocidade	311
Egreja (A) e a antiguidade classica	97
Egreja (A) catholica e a escravatura	1, 90 e 266
Escravatura em Africa.	65
Estados pontificios (A origem dos)	124 e 134
Expedicionarios (Cartas dos).	113
Frades (Os) e a agricultura.	22
Gungunhana (Relatorio do capitão Mousinho sobre a captura do)	193
Heroes (Grandes) do trabalho.	83
João de Deus.	129
Matança (A) de S. Bartholomeu.	179
Memorias de outro tempo (Vid. Frades).	

	Pag.
Missões do Cunene Occidental	42
<i>(Vid. Relatório).</i>	
Moçambique (A prelazia de)	169, 216, 239, 279, 297, 353 e 361
Poder temporal do Papa (A queda e o res- tabelecimento do)	5, 50, 77, 150, 190, 226 e 324
Politica internacional (Solução de)	306
Psalmo	132
Rehabilitação da mulher	292
Rei de Portugal (Viagem do)	33
Relatório do Superior das Missões do Real Padroado de Huilla	12
Serra da Estrella	64
Socialismo (Causas do)	63
Trappistas <i>(Vid. Heroes).</i>	
Varia	29 e 63
Versos de João de Deus	132
Victorias da Africa	95





Condições da assignatura

A *Revista Contemporanea* publicar-se-ha mensalmente, abrangendo cada numero 32 paginas in-8.º grande. O numero de paginas pode ser maior quando assim o exija o desenvolvimento de assumptos especiaes.

Cada numero da *Revista Contemporanea* tractará sempre de assumptos variados, como questões sociaes, scientificas, historicas, etc.

Apparecerá no primeiro dia de cada mez, e o preço da assignatura é de 4\$600 réis annuaes, que devem ser pagos respectivamente antes da publicação do numero 4 de cada anno.

No fim de cada anno receberão os srs. assignantes o frontespicio e indice do volume respectivo da *Revista*.

Continuam a receber-se assignaturas desde o primeiro numero da *Revista Contemporanea*.

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a José Marques Rito e Cunha, Collegio Novo. — Coimbra.

EXPEDIENTE

Rogamos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem a importancia das suas assignaturas, podendo deduzir do preço respectivo a quantia que tiverem de pagar pelo vale do correio ou registo de carta.

FORTUNATO DE ALMEIDA

A QUESTÃO SOCIAL

Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Affonso Costa

PREÇO 200 REIS

Á venda em todas as livrarias. Remette-se pelo correio a quem enviar 220 réis á administração da *Revista Contemporanea*, — Collegio Novo, Coimbra.

FORTUNATO DE ALMEIDA

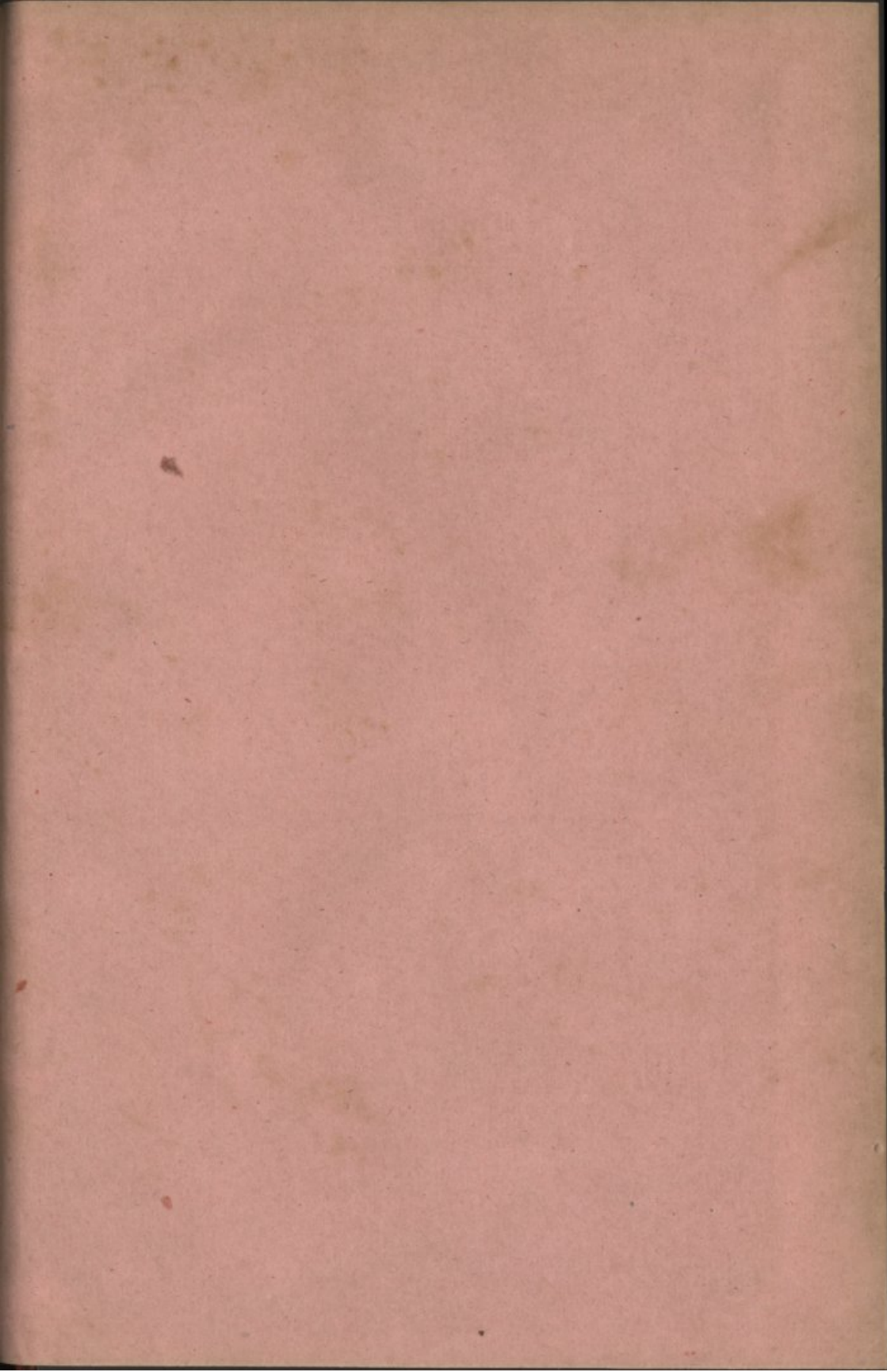
O INFANTE DE SAGRES

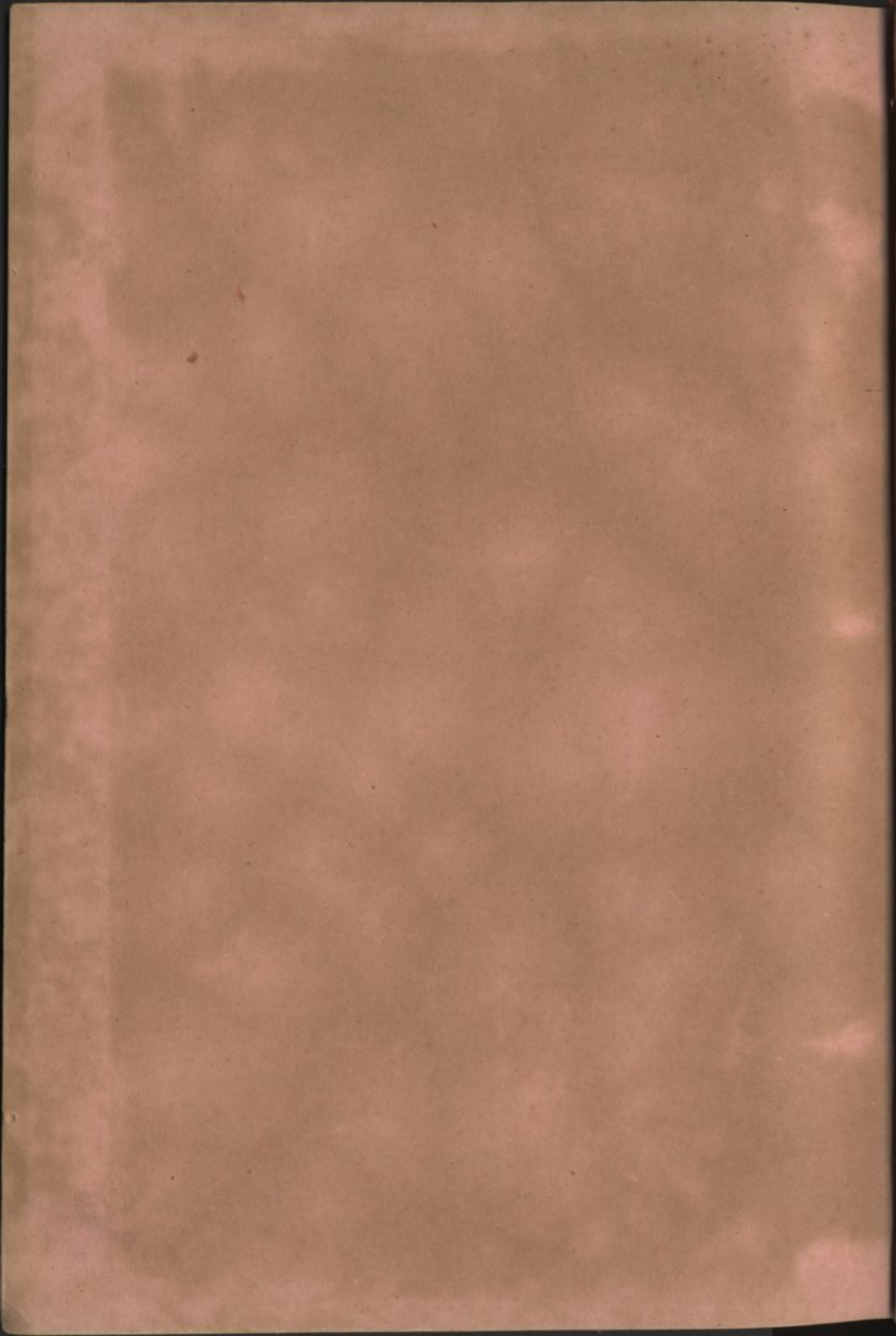
Obra premiada

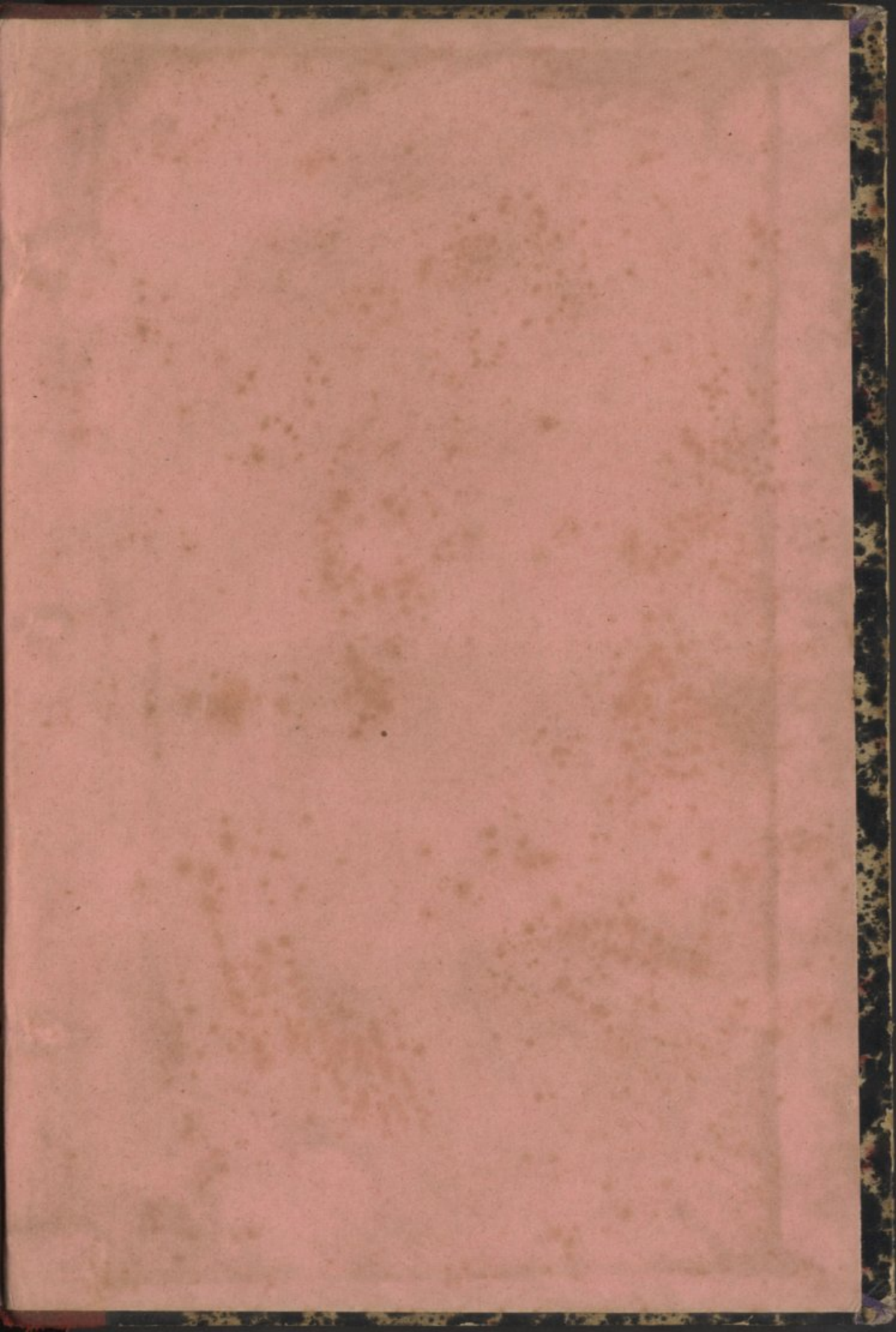
*no concurso de memorias sobre o infante D. Henrique,
por occasião do quinto centenario
do seu nascimento*

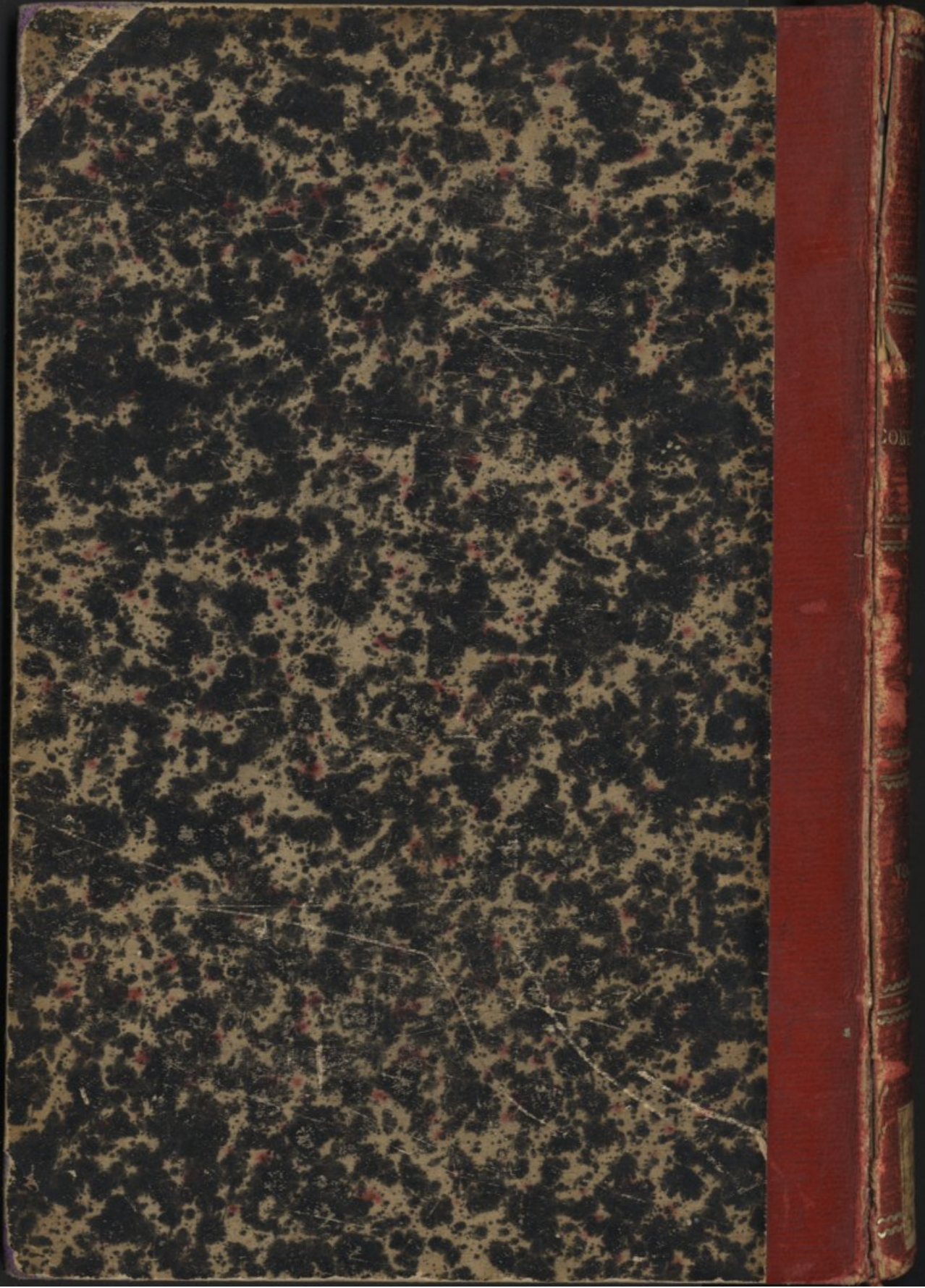
1 volume de XLIII-371 pag., 600 réis

A venda na Livraria Portuense de Lopes & C.ª, editores, rua do Almada, 119 — 123, Porto, e em todas as livrarias,









REVISTA

CONTEMPORANEA

VOLUME II

Casa

Gab.

Est.

Tai.

S.